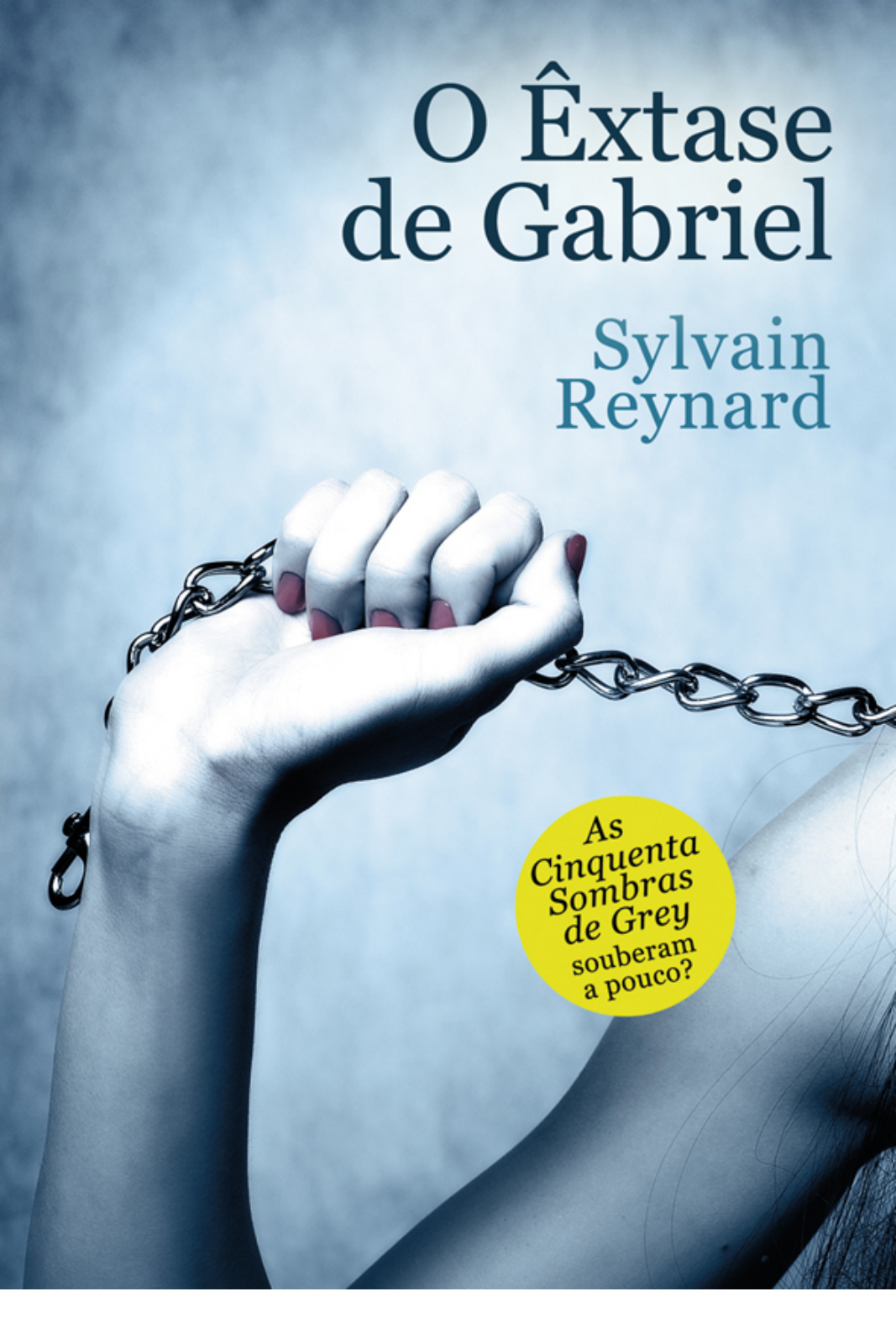


O Êxtase de Gabriel

Sylvain
Reynard



As
Cinquenta
Sombras
de Grey
souberam
a pouco?

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.com

O Êxtase de Gabriel

Sylvain
Reynard



As
Cinquenta
Sombras
de Grey
souberam
a pouco?

Ficha Técnica



SAÍDA DE EMERGÊNCIA livros para fugir da rotina

Título: *O Êxase de Gabriel*

Autoria: *Sylvain Reynard*

Editor: *Luís Corte-Real*

Esta edição © 2013 Edições Saída de Emergência

Título original Gabriel's Rapture © 2012 Sylvain Reynard.

Publicado originalmente nos E.U.A.

por Omnific Publishing, 2012.

Tradução: *Ester Cortegano e Patrícia Xavier*

Revisão: *Saída de Emergência*

Design da capa: *Saída de Emergência*

Ilustração da capa: *Saída de Emergência*

Data de Edição E-Book: *Outubro, 2013*

ISBN: *978-989-637-576-8*

Edições Saída de Emergência

R. Adelino Mendes n.º 152, Quinta do Choupal, 2765-082

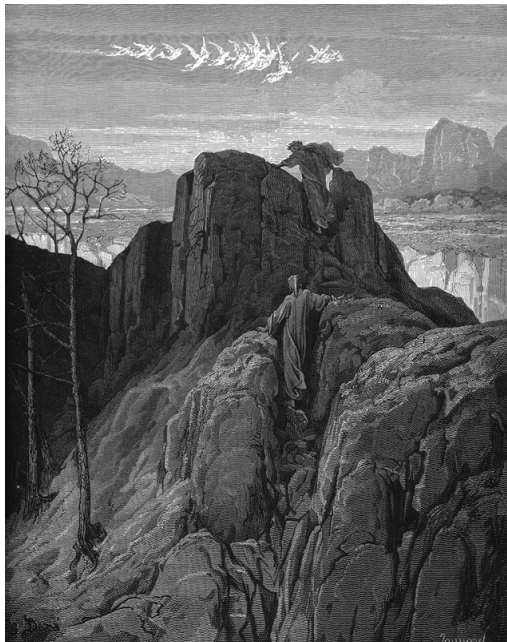
S. Pedro do Estoril, Portugal

Tel e Fax: 214 583 770

www.saidadeemergencia.com

*Aos meus leitores,
com gratidão.*

Dante seguindo Virgílio ao cimo da montanha.
Gravura de 1870 por Gustave Doré.



*“E cantarei daquele segundo reino
onde o humano espírito se purga,
e de subir ao céu se torna digno.”*

— Dante Alighiere, *Purgatório*, Canto I.004-006

Prólogo

Florença, 1290

Com uma mão trémula, o poeta atirou o bilhete ao chão. Ficou sentado por alguns instantes, imóvel como uma estátua. Depois, cerrando os dentes, pôs-se de pé e correu pela casa em alvoroço, ignorando mesas e objetos frágeis, desdenhando os outros habitantes da sua casa.

Só desejava ver uma pessoa.

Caminhou a passo rápido pelas ruas da cidade, e quase começou a correr ao aproximar-se do rio. Deteve-se na extremidade da ponte, a ponte que era sua e dela, e os seus olhos rasos de água percorreram a margem adjacente do rio, procurando o mais ténue vestígio da sua amada.

Ela não se encontrava em parte alguma.

E não voltaria.

A sua amada Beatriz tinha desaparecido.

O professor Gabriel Emerson estava sentado na cama, nu, a ler *La Nazione*, o jornal florentino. Acordara cedo no *Palazzo Vecchio Penthouse* do Gallery Hotel Art e pedira que lhe servissem o pequeno-almoço no quarto, mas não resistira a voltar para a cama, para observar Julia, que ainda dormia. Estava deitada de lado, voltada para ele, respirando tranquilamente, um diamante reluzindo-lhe na orelha. Tinha as faces rosadas do calor do quarto, pois o sol que entrava pelas portas envidraçadas incidia sobre a cama.

Os lençóis estavam deliciosamente amarrotados, cheirando a sexo e a sândalo. Os olhos de Gabriel brilhavam, contemplando preguiçosamente a pele nua e os longos cabelos escuros de Julia. Quando Gabriel retomava a sua leitura, ela moveu-se ligeiramente e gemeu. Preocupado, pôs o jornal de lado.

Julia encostou os joelhos ao peito, enroscando-se. Murmúrios escapavam-se-lhe por entre os lábios, e Gabriel aproximou-se, tentando, sem êxito, decifrar o que ela dizia.

Subitamente, o corpo dela contorceu-se, e Julia soltou um grito cortante, debatendo-se contra o lençol que a envolvia.

— Julianne? — Gabriel pousou-lhe uma mão sobre o ombro nu, mas ela afastou-se.

Julia começou a murmurar o nome dele, uma e outra vez, num pânico crescente.

— Julia, estou aqui — disse Gabriel, falando alto. Quando estendeu de novo a mão para lhe tocar, ela ergueu-se em sobressalto, arquejando.

— Estás bem? — Gabriel aproximou-se, resistindo ao impulso de lhe tocar. Sob o seu olhar cauteloso, Julia continuava ofegante, agitando uma mão diante da cara.

— Julia?

Ao fim de um minuto longo, tenso, ela encarou-o, abrindo muito os olhos. Gabriel franziu o sobrolho.

— Que aconteceu?

Julia engoliu ruidosamente.

— Tive um pesadelo.

— Sobre quê?

— Estava no bosque junto à casa dos teus pais, em Selinsgrove.

As sobranceiras de Gabriel uniram-se por detrás dos seus óculos de aros escuros.

— Porque havias de sonhar com isso?

Julia respirou fundo e cobriu os seios, puxando o lençol até ao queixo. O tecido espesso e branco envolveu toda a sua figura pequena antes de se encapelar, como uma nuvem, sobre o colchão. Fez lembrar a Gabriel uma estátua ateniense.

— Fala comigo, Julianne — disse, passando-lhe suavemente os dedos sobre a pele.

Ela contorceu-se sob o seu olhar azul penetrante, mas Gabriel insistiu.

— O sonho começou maravilhosamente. Fizemos amor à luz das estrelas e adormeci nos teus braços. Quando acordei, tinhas desaparecido.

— Sonhaste que eu fazia amor contigo e depois te abandonava? — perguntou Gabriel, num tom mais frio, tentando mascarar o seu desconforto.

— Já uma vez acordei sem ti no pomar — censurou-o Julia, calmamente.

O fogo que Gabriel sentira no ventre extinguiu-se instantaneamente. Recordou aquela noite mágica, seis anos antes, em que se tinham conhecido, uma noite em que tinham apenas conversado e dormido abraçados. Gabriel acordara, de manhã, e afastara-se, deixando uma adolescente adormecida completamente sozinha. A ansiedade de Julia era compreensível, e até comovente.

Gabriel soltou os dedos apertados de Julia, um a um, beijando-os com remorso.

— Amo-te, Beatriz. Não vou deixar-te. Sabes isso, não sabes?

— Magoar-me-ia muito mais perder-te agora.

De sobrolho franzido, Gabriel rodeou-lhe o ombro com um braço, puxando-a para si e fazendo-a pousar a cara no seu peito. Pensou na noite anterior, e uma miríade de memórias invadiu-lhe a mente. Vira-a nua pela primeira vez e iniciara-a na intimidade do amor. Julia partilhara a sua inocência com ele, e Gabriel julgava tê-la feito feliz. Não havia dúvida de que fora uma das melhores noites da vida dele. Ponderou esse facto por um instante.

— Arrependes-te do que aconteceu esta noite?

— Não. Estou feliz por teres sido o meu primeiro. Era o que queria desde que nos conhecemos.

Gabriel acariciou-lhe a cara, percorrendo-lhe a face com o polegar.

— É uma honra ter sido o teu primeiro. — Inclinou-se para ela, sem pestanejar. — Mas quero ser o último.

Julia sorriu e aproximou os lábios dos dele. Antes que Gabriel pudesse beijá-la, o som telefónico das badaladas do Big Ben soaram no quarto.

— Ignora — sussurrou Gabriel impetuosamente, estendendo-lhe um braço sobre o corpo e fazendo-a deitar-se debaixo de si.

Julia espreitou por sobre o ombro dele para o *iPhone* na mesa de

cabeceira.

— Pensei que ela não ia continuar a telefonar-te.

— Não vou atender, por isso tanto faz. — Ajoelhando-se entre as pernas de Julia, Gabriel puxou o lençol que a envolvia. — Na minha cama, só estamos nós.

Julia olhou-o nos olhos, sentindo que os seus corpos nus se aproximavam.

Gabriel debruçou-se para a beijar, mas ela virou a cara.

— Ainda não lavei os dentes.

— Não me importa. — Começou a beijar-lhe o pescoço, apercebendo-se de como a pulsação dela se acelerava.

— Gostava de ir à casa de banho primeiro.

Gabriel soprou de frustração, apoiando-se num cotovelo.

— Não deixes a Paulina estragar o que temos.

— Não estou a deixar. — Tentou sair de baixo dele e levar o lençol consigo, mas Gabriel segurou-o. Fitou-a por sobre os aros dos óculos, um brilho travesso nos olhos.

— Preciso do lençol para fazer a cama.

Julia olhou para o tecido branco preso entre os seus dedos, e depois encarou Gabriel, que lhe lembrou uma pantera pronta a atacar. Olhou para as roupas amontoadas no chão, ao lado da cama. Estavam fora do seu alcance.

— Qual é o problema? — perguntou ele, reprimindo um sorriso.

Julia corou e agarrou o lençol com mais firmeza. Rindo, Gabriel largou a ponta do tecido e puxou Julia para si.

— Não precisas de te sentir envergonhada. És linda. Por mim, nunca mais andavas vestida.

Beijou-lhe o lóbulo da orelha, tocando ao de leve o diamante. Tinha a certeza que a sua mãe adotiva, Grace, teria ficado feliz por os seus brincos terem acabado nas mãos de Julia. Depois de mais um beijo rápido, libertou-a e foi sentar-se na beira da cama.

Julia esgueirou-se para a casa de banho, mas Gabriel ainda pôde vê-la nua, de costas, quando ela deixou o lençol cair no chão junto à porta.

Enquanto escovava os dentes, Julia pensava em tudo o que acontecera. Fazer amor com Gabriel fora uma experiência muito emocional, e as réplicas ainda agora se faziam sentir no seu coração. Não era de espantar que assim fosse, tendo em conta a história que vivera com ele. Desejara-o desde uma noite casta que haviam passado juntos, num pomar, tinha ela dezassete anos, mas na manhã seguinte acordara sem ele. Num atordoamento provocado por álcool e drogas, Gabriel esquecera-a. Julia só voltara a vê-lo passados seis anos, e nessa altura ele não a reconhecera.

Quando o encontrara de novo, no primeiro dia do seu seminário de pós-graduação na Universidade de Toronto, achara-o atraente mas frio, como uma estrela distante. Não imaginara que pudesse vir a tornar-se sua amante. Não julgara possível que o professor temperamental e arrogante correspondesse ao seu afeto.

Havia tanto que ela desconhecia. O sexo era uma espécie de conhecimento, e agora Julia sentia a ferroada do ciúme de uma forma que nunca antes experimentara. A simples ideia de Gabriel fazer o que tinham feito, na noite anterior, com outra mulher, e, no caso dele, com muitas outras mulheres, causava-lhe sofrimento.

Sabia que as aventuras de Gabriel nada tinham a ver com o que os unia — tinham sido encontros furtivos, sem amor ou afeto. Mas Gabriel despira aquelas mulheres, vira-as nuas, entrara nos seus corpos. Depois de terem estado com ele, quantas delas tinham desejado mais? Paulina quisera mais. Mantivera o contacto com Gabriel ao longo dos anos, desde que tinham concebido e perdido uma criança.

O novo conhecimento que tinha do sexo levou Julia a encarar o passado de Gabriel de um modo diferente e tornava-a mais solidária com o infortúnio de Paulina. Para além de ter intensificado o seu receio de perder Gabriel, para Paulina ou para qualquer outra mulher.

Julia amparou-se na beira do lavatório, uma onda de insegurança a submergi-la. Gabriel amava-a; acreditava que assim era. Por outro lado, era um cavalheiro, e nunca revelaria que o ato o dececionara. E quanto ao comportamento de Julia? Fizera perguntas e falara quando supunha que a maioria das amantes teria ficado em silêncio. Pouco fizera para o satisfazer e, quando tentara, ele impedira-a.

As palavras do seu ex-namorado giraram-lhe no pensamento em forma de gritos, condenando-a.

És frígida.

Vais ser uma porcaria de queca.

Voltou-se de costas para o espelho, contemplando o que poderia acontecer se Gabriel se sentisse insatisfeito com ela. O espectro maligno da traição sexual pairou diante de si, fazendo-a recordar imagens de Simon na cama com a sua colega de quarto.

Endireitou os ombros. Se persuadisse Gabriel a ser paciente e a ensiná-la, acreditava que seria capaz de lhe agradar. Ele amava-a. Dar-lhe-ia uma oportunidade. Julia pertencia-lhe, como se tivesse o nome dele marcado a ferro quente na sua pele.

Quando voltou para o quarto, viu-o através da porta aberta do terraço. Só depois reparou numa jarra pousada sobre a mesa, com um ramo de lindas íris,

umas roxas e outras mais pálidas, variegadas. A maioria dos amantes teria comprado rosas vermelhas de pé alto, mas não Gabriel.

Abriu o cartão aconchegado entre as flores.

Minha querida Julianne,

Obrigado pelo presente inestimável que me ofereceste.

De valor, só possuo o meu coração.

É teu.

Gabriel

Julia releu o cartão duas vezes, o peito cheio de amor e alívio. As palavras de Gabriel não pareciam as de um homem insatisfeito ou frustrado. Quaisquer que fossem as preocupações de Julia, Gabriel não parecia partilhar delas.

Estava deitado no divã a apanhar sol, sem óculos e de tronco nu. Com a sua figura musculosa de metro e oitenta e cinco, era como se o próprio Apolo tivesse condescendido a visitá-la. Apercebendo-se da sua presença no terraço, Gabriel abriu os olhos e deu uma palmadinha no colo. Julia foi ter com ele, e Gabriel rodeou-a com os seus braços, beijando-a apaixonadamente.

— Olá — segredou-lhe, afastando-lhe um canudo da cara. Observou-a atentamente. — Que se passa?

— Nada. Obrigada pelas flores. São lindas.

Ele beijou-a nos lábios.

— Não tens de quê. Mas pareces perturbada. É por causa da Paulina?

— Aborrece-me que ela esteja a telefonar-te, mas não é isso. — O rosto de Julia alegrou-se. — Obrigada pelo teu cartão. Dizia o que eu precisava desesperadamente de ouvir.

— Fico contente por sabê-lo. — Apertou-a um pouco mais nos seus braços. — Mas diz-me o que te preocupa.

Julia começou a remexer no cinto do roupão de banho, até que Gabriel lhe segurou na mão. Olhou para ele.

— A noite passada foi como esperavas que fosse?

Gabriel expirou com força, pois a pergunta apanhara-o de surpresa.

— Essa é uma pergunta estranha.

— Sei que tinha de ser diferente para ti. Não fui muito... ativa.

— Ativa? Que queres dizer com isso?

— Não fiz muito para te dar prazer — acabou Julia por dizer, corando.

Gabriel tocou-lhe a pele ruborizada com a ponta do dedo.

— Deste-me muito prazer. Sei que estavas nervosa, mas foi uma noite extraordinária para mim. Agora pertencemos um ao outro. De todas as

maneiras. Que mais te preocupa?

— Exigi que trocássemos de posições, quando terias preferido que eu ficasse por cima.

— Não exigiste nada, *pediste*. E para ser sincero, Julianne, gostava que me fizesses exigências. Quero saber que me queres tão desesperadamente como eu te quero a ti. — A sua expressão suavizou-se, enquanto os seus dedos descreviam um círculo ou dois em redor do seio de Julia. — Sonhaste que a tua primeira vez seria de determinada forma. Eu queria dar-te isso, mas tinha receio. E se te sentisses desconfortável? E se eu não fosse suficientemente cuidadoso? A noite passada também foi uma primeira vez para mim.

Gabriel deitou café e leite de duas cafeteiras para uma chávena e pousou o tabuleiro no meio dos dois, sobre o divã. Havia bolos e frutos, torradas e *Nutella*, ovos cozidos e queijo, e vários *Baci Perugina* que um empregado do hotel, subornado por Gabriel, fora comprar à rua, juntamente com o extravagante ramo de flores do Giardino dell'Iris.

Julia desembulhou um dos *Baci* e comeu-o, de olhos fechados, deleitada.

— Pediste um banquete.

— Esta manhã acordei faminto. Teria esperado por ti, mas... — Abanou a cabeça, pegando numa uva e fitando Julia com os olhos a brilhar. — Abre a boca.

Julia assim fez, e Gabriel pôs-lhe a uva dentro da boca, passando-lhe tentadoramente o dedo pelo lábio inferior.

— E tens de beber isto, por favor. — Estendeu-lhe um copo cheio de sumo de arando com gasosa.

Julia revirou os olhos.

— És superprotetor.

Ele abanou a cabeça.

— É assim que um homem se comporta quando está apaixonado e quer a sua namorada saudável para tudo o que planeia fazer com ela na cama. — Piscou-lhe o olho com um ar presumido.

— Nem vou perguntar como descobriste essas coisas. Dá cá isso. — Julia tirou-lhe o copo das mãos e esvaziou-o de uma só vez, olhando-o nos olhos e fazendo-o rir.

— És encantadora.

Ela deitou-lhe a língua de fora e depois preparou um prato com o seu pequeno-almoço.

— Como te sentes? — perguntou Gabriel, agora sério.

Julia engoliu um pedaço de queijo *Fontina*.

— Bem.

Ele contraiu os lábios, como se a resposta lhe desagradasse.

— Fazer amor muda as coisas entre um homem e uma mulher — disse, incitando-a a falar.

— Hum... Não estás satisfeito com... eh... com o que fizemos? — As faces rosadas de Julia ficaram subitamente pálidas.

— Claro que sim. Estou a tentar perceber se tu estás satisfeita. E pelo que disseste até agora, receio que não estejas.

Julia começou a puxar uma ponta do roupão, evitando o olhar perscrutante dele.

— Quando andava na faculdade, as raparigas do dormitório costumavam falar sobre os namorados. Uma noite, cada uma contou a história da sua primeira vez. — Mordiscou a ponta de um dedo. — Poucas tinham coisas boas para dizer. As outras histórias eram terríveis. Uma rapariga tinha sido molestada em criança. Algumas tinham sido pressionadas por um namorado ou por um rapaz com quem tinham saído. Foram várias as que disseram que a sua primeira vez tinha sido complicada e insatisfatória... um namorado a soltar um grunhido e a acabar rapidamente. Pensei que, se era isso que me esperava, mais valia continuar virgem.

— O que me estás a contar é terrível.

Julia baixou os olhos para o tabuleiro.

— Eu queria ser amada. Decidi que mais valia ter uma relação sentimental casta através de cartas do que ter uma relação sexual. Duvidava de que alguma vez encontrasse alguém que me desse ambas as coisas. O Simon não me amava, isso é certo. E agora que estou com um deus do sexo, não consigo dar-lhe nada parecido com o prazer que ele me dá a mim.

A sobranceiras de Gabriel arquearam-se.

— Deus do sexo? Já disseste isso antes, mas, acredita, não sou...

— Ensina-me — interrompeu-o Julia, olhando-o bem nos olhos. — Tenho a certeza que a noite passada não foi tão... hum... satisfatória como costumava ser para ti, mas posso aprender, se fores paciente e me ensinares.

Gabriel praguejou por entre dentes.

— Vem cá. — Afastou o tabuleiro e sentou-a de novo ao seu colo, abraçando-a. Ficou calado por um instante, depois suspirou profundamente. — Partes do princípio de que as relações que tive no passado eram gratificantes, mas enganas-te. Tu deste-me aquilo que eu nunca tinha tido: sexo com amor. És a única amante que tive até hoje, no verdadeiro sentido da palavra.

Beijou-a delicadamente, uma confirmação solene do que acabara de dizer.

— A expectativa e a sedução de uma mulher são cruciais para a experiência. Posso dizer, com toda a certeza, que o teu poder de sedução e a

minha expectativa foram muito além do que eu alguma vez experimentara. E acrescentando a isso o facto de fazer amor pela primeira vez... Nem tenho palavras para descrever o que se passou.

Julia anuiu, mas algo no seu movimento inquietou Gabriel.

— Garanto-te que não estou a lisonjear-te. — Fez uma pausa, como se ponderasse cuidadosamente o que ia dizer a seguir. — Correndo o risco de parecer neandertal, devo dizer que a tua inocência é tremendamente erótica. A ideia de ser eu a ensinar-te a respeito de sexo... a ideia de uma mulher tão recatada ser também tão apaixonada... — Interrompeu-se, olhando-a intensamente. — Podes tornar-te mais hábil na arte do amor, aprendendo novos truques e novas posições, mas não podes ser mais atraente ou sexualmente mais estimulante do que já és. Não para mim.

Julia inclinou-se para o beijar.

— Obrigada por teres cuidado tão bem de mim ontem à noite — murmurou-lhe, corando.

— Quanto à Paulina, eu lido com ela. Por favor, esquece-a.

Julia voltou a concentrar-se no seu pequeno-almoço por comer, resistindo à tentação de argumentar.

— Queres contar-me como foi a tua primeira vez?

— Preferia não falar sobre isso.

Julia começou a comer um bolo, tentando pensar num assunto mais seguro. As preocupações financeiras da Europa eram uma possibilidade.

Gabriel esfregou os olhos com ambas as mãos, cobrindo-os momentaneamente. Seria muito fácil mentir, mas, depois de tudo o que lhe dera, Julia merecia saber os seus segredos.

— Lembras-te da Jamie Roberts.

— Claro.

Gabriel baixou as mãos.

— Foi com ela que perdi a virgindade.

Julia arqueou as sobrancelhas. Jamie e a sua mãe dominadora nunca tinham sido muito simpáticas com Julia, e ela sempre as achara desagradáveis. Não fazia ideia de que a agente Roberts, que investigara a agressão de Simon no mês anterior, tivera semelhante ligação a Gabriel.

— Não foi das minhas melhores experiências. Para dizer a verdade, foi assustador. Eu não a amava. Havia uma certa atração, claro, mas não um verdadeiro afeto. Estudávamos ambos no liceu de Selinsgrove. Houve um ano em que ela foi minha colega de carteira em História. — Encolheu os ombros. — Começámos a enrolar-nos à saída da escola, e acabámos por...

»A Jamie era virgem, mas mentiu-me e disse que não era. Não tive qualquer preocupação com ela. Fui egoísta e estúpido. — Praguejou. — Ela

disse que não tinha doído muito, mas houve sangue. Senti-me como um animal e sempre me arrependi do que aconteceu. — Gabriel encolheu-se e Julia percebeu como ele se sentia culpado. Aquela descrição quase a deixou nauseada, mas explicava muita coisa.

— Que horror. Lamento que tenha sido assim. — Apertou-lhe a mão. — Foi por essa razão que estavas tão preocupado, na noite passada?

Ele anuiu.

— Ela não foi honesta.

— Isso não desculpa o meu comportamento, antes ou depois. — Pigarreou. — A Jamie partiu do princípio de que tínhamos uma relação, mas eu não estava interessado. Fui promovido de mero animal a animal *e* imbecil. Quando a vi no fim de semana de Ação de Graças, não falava com ela há anos. Pedi-lhe desculpa. Mostrou-se muito amável.

»Sempre me senti culpado por a ter tratado daquela maneira. Desde então, mantive-me afastado de virgens. — Engoliu em seco. — Até à noite passada.

»É suposto a primeira vez ser um momento mágico, mas isso raramente acontece. Enquanto te preocupavas em dar-me prazer, eu preocupava-me em dar-te prazer a ti. Talvez tenha sido demasiado cuidadoso, demasiado protetor, mas não teria suportado magoar-te.

Julia pôs o pequeno-almoço de lado e afagou-lhe a cara.

— Foste muito meigo e muito generoso. Nunca me senti tão feliz, e isso só aconteceu porque me amaste com mais do que o teu corpo. Obrigada.

Como para lhe mostrar que ela estava certa, Gabriel beijou-a profundamente. Julia suspirou ao sentir as mãos dele no seu cabelo e pôs-lhe os braços em redor do pescoço. As mãos de Gabriel deslizaram até à frente do seu roupão, abrindo-o hesitantemente. Olhou-a nos olhos, em jeito de pergunta.

Ela anuiu.

Então, Gabriel começou a sussurrar-lhe beijos no pescoço. Os seus lábios detiveram-se no lóbulo da orelha dela, chupando-o suavemente.

— Como te sentes?

— Ótima — murmurou Julia, sentindo os lábios descerem para a beijarem na garganta.

Gabriel posicionou-se de modo a ver-lhe a cara, enquanto as suas mãos lhe deslizavam para a zona inferior do abdómen.

— Sentes-te dorida?

— Um pouco.

— Então é melhor esperarmos.

— Não!

Gabriel riu-se, os seus lábios curvando-se naquele sorriso sedutor que lhe era tão característico.

— Estavas a falar a sério, ontem à noite, quando disseste que gostavas de fazer amor aqui fora?

Julia estremeceu, inflamada pelo modo como ele lhe falara, mas retribuiu o sorriso, entrelaçando-lhe os dedos no cabelo e puxando-o para si. Abrindo-lhe o roupão, Gabriel começou a explorar-lhe o corpo com as mãos, curvando-se em seguida para lhe beijar os seios.

— Estavas envergonhada comigo, quando acordaste. — Beijou-a reverentemente sobre o coração. — Que foi que mudou?

Julia roçou a cara na covinha que ele tinha no queixo.

— Acho que vou sempre ser um pouco tímida em relação a estar nua. Mas desejo-te. Quero que me olhes nos olhos e que digas que me amas quando te moveres dentro de mim. Vou lembrar-me disso enquanto viver.

— Hei de continuar a lembrar-te. — Gabriel suspirou.

Despiu-lhe o roupão e deitou-a de costas.

— Tens frio?

— Não quando me estás a abraçar — murmurou Julia, sorrindo. — Não preferes que fique eu por cima? Gostava de experimentar.

Gabriel despiu rapidamente o roupão e os *boxers*, e cobriu o corpo de Julia com o seu, segurando-lhe a cara entre as mãos.

— Aqui fora, alguém poderia ver-te, querida. E nem quero pensar nisso. Ninguém vê esse corpo lindo, para além de mim. Embora os vizinhos possam ouvir-te... durante a próxima hora, mais coisa menos coisa... — Riu baixinho, apercebendo-se do tremor de prazer que percorreu Julia da cabeça aos pés.

Beijou-a, afastando-lhe o cabelo da cara.

— O meu objetivo é ver quantas vezes consigo dar-te prazer até já não poder esperar mais.

Julia sorriu.

— Parece-me bem.

— Também a mim.

O céu azul corou ao ver a paixão com que se amavam, enquanto o Sol florentino sorria aos amantes, aquecendo-os apesar da brisa suave. O café com leite de Julia ficou frio como pedra, ressentido por se ver ignorado.

Depois de dormir um pouco, Julia usou o *MacBook* de Gabriel para enviar um *e-mail* ao pai. Encontrou duas mensagens importantes na sua caixa

de correio. A primeira era de Rachel.

Jules!

Como estás? O meu irmão tem-se portado bem? Já dormiste com ele? Sim, é uma pergunta COMPLETAMENTE inconveniente, mas se tivesses andado com mais alguém, já me terias dito, por isso...

Não vou dar-te conselhos por minha iniciativa. Estou a tentar não pensar muito no assunto. Diz-me só se estás feliz e se ele te trata como deve ser.

O Aaron manda-te um beijinho.

Adoro-te,

Rachel.

PS: O Scott tem uma namorada nova. Anda cheio de segredinhos, por isso não sei há quanto tempo estão juntos. Não paro de o chatear para nos apresentar, mas ele não me faz a vontade.

Se calhar, ela é professora.

Julia riu baixinho, aliviada por Gabriel estar a tomar duche e não a espreitar por cima do seu ombro. Não havia de gostar que a irmã estivesse a fazer perguntas tão pessoais. Julia compôs mentalmente o *e-mail* para a sua amiga antes de premir “responder”.

Olá, Rachel.

O hotel é lindo. O Gabriel tem sido encantador e ofereceu-me os brincos de diamante da tua mãe. Sabias disto? Sinto-me um pouco culpada, por isso gostava de saber se não te importas.

Quanto à tua outra pergunta, SIM. O teu irmão trata-me bem, e estou MUITO feliz.

Dá um beijinho meu ao Aaron. Estou ansiosa pelo Natal.

Adoro-te, Julia.

PS: Espero que a namorada do Scott seja mesmo professora. O Gabriel nunca mais se vai calar.

O segundo *e-mail* era de Paul. Paul lamentava não ter Julia para si, mas estava grato por ter conservado a sua amizade. Preferia guardar os seus sentimentos para si do que perdê-la por completo. E tinha de admitir que desde que ela tinha aquele namorado, o tal de Owen, até a sua pele reluzia. (Não que Paul mencionasse tal coisa.)

Olá, Julia.

Desculpa não ter conseguido despedir-me antes de ires para casa. Espero que tenhas um feliz Natal. Tenho um presente para ti. Importas-te de me dar a tua morada na Pensilvânia, para to enviar?

Já estou na quinta, a tentar arranjar tempo para trabalhar na dissertação entre grandes encontros de família e o levantar-me cedo para dar uma ajuda ao meu pai. Digamos que a minha rotina diária aqui envolve muito estrume...

Queres que te leve alguma coisa de Vermont?

Uma Holstein só para ti?

Feliz Natal,

Paul.

PS: Soubeste que o Emerson aceitou a proposta de tese da Christa Peterson? Parece que o Advento é mesmo a época dos milagres.

Julia olhava para o ecrã, estupefacta, lendo e relendo o *post scriptum* de Paul. Não sabia ao certo como interpretá-lo. Era possível, pensou, que Gabriel tivesse aceitado a proposta de tese de Christa por ela o ter ameaçado.

Julia não queria falar num assunto tão desagradável durante as férias, mas a notícia perturbou-a. Escreveu uma resposta breve a Paul, enviando-lhe a sua morada, depois enviou o *e-mail* ao pai, garantindo-lhe que Gabriel a tratava como a uma princesa. Fechou o portátil e suspirou.

— Isso não parece de uma Julianne feliz — ouviu a voz de Gabriel atrás de si.

— Acho que vou ignorar o meu *e-mail* até ao fim das nossas férias.

— Boa ideia.

Ao voltar-se, encontrou-o de pé à sua frente, ainda molhado do duche, cabelo em desalinho, uma toalha branca enrolada à cintura.

— És lindo — disse, antes de ter tempo de pensar.

Com uma risadinha, Gabriel fê-la levantar-se para poder abraçá-la.

— Será que tem um fraco por homens enrolados em toalhas, menina Mitchell?

— Talvez por um homem em particular.

— Sentes-te bem? — Ergueu as sobrancelhas, uma expressão de desejo no rosto.

— Tenho um ligeiro desconforto. Mas valeu a pena.

Gabriel estreitou os olhos.

— Tens de me dizer se estou a magoar-te, Julianne. Não me escondas nada.

Julia revirou os olhos.

— Gabriel, não me dói nada; é um pequeno desconforto. Nem me apercebi *durante* porque tinha mais em que pensar... *várias* coisas em que pensar. Consegues deixar-me muito distraída.

Gabriel sorriu e beijou-lhe o pescoço ruidosamente.

— Tens de começar a deixar-me distrair-te no duche. Estou farto de tomar duche sozinho.

— Parece-me uma ótima ideia. E como te sentes tu?

Gabriel fingiu ponderar a questão.

— Ora vejamos... sexo apaixonado e bem sonoro com o meu amor no

quarto e no terraço... Sim, diria que me sinto muito bem.

Estreitou-a nos seus braços, e o algodão do roupão dela absorveu algumas das gotas de água que lhe escorriam do tronco.

— Prometo que não vai ser sempre desconfortável. Com o tempo, o teu corpo vai aprender a reconhecer-me.

— Já te reconhece. E já sente a tua falta — sussurrou-lhe Julia.

Gabriel abriu a parte de cima do roupão para lhe beijar o ombro. Depois de a apertar um pouco mais contra si, foi até à cama e pegou num frasco de ibuprofeno, que lhe pôs na mão.

— Tenho uma reunião na Uffizi, depois preciso de ir buscar o meu fato novo ao alfaiate. — Parecia preocupado. — Importas-te de ir sozinha comprar um vestido? Gostava de ir contigo, mas a reunião não vai deixar-me muito tempo livre.

— Não me importo nada.

— Se conseguires arranjar-te em meia hora, podemos sair juntos.

Julia seguiu-o para a casa de banho, tendo esquecido Paul e Christa por completo.

Depois de tomar duche, pôs-se diante de uma das bancadas, a secar o cabelo, enquanto Gabriel ocupou a outra. Deu por si a observá-lo nos seus preparativos para fazer a barba, tarefa a que se entregava com uma precisão militar. Por fim, Julia desistiu de pôr batom, encostando-se, simplesmente, à bancada, a olhá-lo.

Gabriel continuava de tronco nu, a toalha um pouco mais descaída nas ancas, e barbeava-se meticulosamente à maneira tradicional. Os olhos azuis brilhantes estreitando-se, de tão concentrados, por detrás dos óculos de aros pretos, o cabelo húmido impecavelmente penteado.

Julia abafou o riso ao ver até que ponto ele levava a sua busca de perfeição. Usou um pincel de barbear com um cabo preto de madeira para misturar o creme até obter uma espuma espessa. Tendo espalhado a espuma na cara com a ajuda do pincel, começou a barbear-se com uma gilete antiquada.

(Para alguns professores, as giletes descartáveis não são suficientemente boas.)

— Que foi? — perguntou Gabriel, apercebendo-se de que ela estava perigosamente perto de o comer com os olhos.

— Amo-te.

A expressão dele suavizou-se.

— Também te amo, querida.

— Nunca ouvi ninguém dizer “querida” no tom cavalheiresco em que tu o dizes.

— Isso não é verdade.

— Não?

— O Richard dizia-o exatamente do mesmo modo à Grace — disse Gabriel, com um olhar triste.

— O Richard é antiquado, no melhor sentido possível — retorquiu Julia, sorrindo. — E adoro que sejas antiquado como ele.

Com um resmungo, Gabriel retomou a sua tarefa.

— Se fosse assim tão antiquado, não teríamos tido aquelas cenas escaldantes no terraço. E não andaria a fantasiar a respeito de te mostrar as minhas posições favoritas do *Kama Sutra*. — Piscou-lhe o olho. — Mas sou, sem dúvida nenhuma, um filho da mãe pretensioso e com mau feitio. Vais ter de me domar.

— E como hei de fazê-lo, professor Emerson?

— Nunca me deixes — respondeu Gabriel num fio de voz, encarando-a.

— Preocupa-me mais que tu me deixes a mim.

Ele inclinou-se para a beijar.

— Nesse caso, não tens nada com que te preocupar.

Julia saiu do quarto, um pouco nervosa. Gabriel tomara providências para ela fazer compras na loja Prada local, e Julia escolhera um vestido sem mangas azul-santorini de tafetá, com o decote em bico. De saia plissada, lembrava o tipo de vestido usado por Grace Kelly nos anos 50. Assentava na perfeição a Julia.

A gerente da loja sugerira, no entanto, acessórios que modernizassem o vestido, pelo que Julia escolhera uma bolsa prateada e uns sapatos cor de tangerina com saltos perigosamente altos. Uma capa preta de caxemira completava o conjunto.

Avançou, hesitante, pela sala da suite, o cabelo encaracolado caído, os olhos muito brilhantes. Trazia os brincos de diamantes e o colar de pérolas de Grace.

Gabriel estava sentado no sofá da sala, a fazer alterações de última hora nos seus apontamentos. Quando a viu, tirou os óculos e levantou-se.

— Estás deslumbrante. — Deu-lhe um beijo na cara e fê-la girar, admirando o vestido. — Sentes-te bem com ele?

— Muito bem — disse Julia. — Obrigada, Gabriel. Sei que custou uma fortuna.

O olhar de Gabriel deslizou para os sapatos.

— Não gostas?

Gabriel pigarreou, sem desviar os olhos dos pés dela.

— Hum... os teus sapatos... são... eh...

— *Bonitos*. Não achas? — Julia riu-se.

— São muito mais do que bonitos. — A voz de Gabriel tornou-se rouca.

— Bem, professor Emerson, se a sua palestra me agradar, talvez não os descalce quando voltarmos para o seu quarto...

Gabriel endireitou a gravata e fitou-a, com um sorriso presumido.

— Oh, pode ter a certeza que a minha palestra lhe vai agradar, menina Mitchell. Nem que tenha de lha dar pessoalmente, entre lençóis. E não é o meu quarto, é o *nosso* quarto.

Vendo-a corar, abraçou-a.

— Temos de ir — disse, dando-lhe um beijo no cabelo.

— Espera. Tenho um presente para ti. — Julia desapareceu e regressou com uma pequena caixa onde se lia *Prada*.

Gabriel parecia surpreso.

— Não era preciso.

— Eu sei.

Gabriel sorriu e levantou cuidadosamente a tampa da caixa. Ao remover o papel, encontrou uma gravata de seda azul-santorini com um padrão discreto.

— Gosto muito. Obrigado. — Deu-lhe um beijo na cara.

— Combina com o meu vestido.

— Assim, todos vão saber que pertencemos um ao outro. — Apressou-se a tirar a sua gravata verde, atirando-a para cima da mesa de café e trocando-a pela gravata que Julia lhe oferecera.

O fato novo de Gabriel fora feito por medida pelo seu alfaiate local preferido. Era preto e assertoado, com rachas laterais. Julia admirou o fato, mas admirou mais ainda a figura atraente dentro dele.

Não há nada mais sensual do que ver um homem a pôr uma gravata, pensou.

— Posso? — ofereceu-se, vendo Gabriel atrapalhado, na ausência de um espelho.

Ele anuiu e inclinou-se para a frente, pousando-lhe as mãos na cintura. Julia ajustou a gravata e endireitou-lhe o colarinho, depois as suas mãos deslizaram-lhe pelas mangas, detendo-se nos botões de punho.

Ele olhava-a com um ar curioso.

— Ajeitaste-me a gravata quando te levei ao Antonio's. Estávamos sentados no carro.

— Sim, eu lembro-me.

— Não há nada mais sensual do que ter a mulher que se ama a pôr-nos a gravata. — Tomou as mãos dela entre as suas. — Percorremos um longo caminho desde aquela primeira noite.

Julia pôs-se em bicos de pés para o beijar, tendo o cuidado de não manchar a sua boca masculina de batom.

Gabriel encostou-lhe os lábios ao ouvido.

— Não sei como vou manter os homens florentinos longe de ti, esta noite — segredou-lhe. — Vais ter de ficar bem perto de mim.

Julia soltou um guincho quando Gabriel a rodeou com os braços, erguendo-a para a beijar devidamente, o que a obrigou a aplicar novamente batom. Ambos tiveram de se olhar atentamente ao espelho antes de saírem do quarto.

Gabriel segurou-lhe na mão durante o curto trajeto até à Galeria Uffizi enquanto eram conduzidos ao primeiro andar por um cavalheiro algo anafado que usava um laço com um padrão de cornucópias e que se apresentou como Lorenzo, o assistente do *dottore* Vitali.

— *Professore*, precisamos da sua ajuda. — Lorenzo olhou fixamente para

as mãos entrelaçadas de Gabriel e de Julia.

Gabriel apertou ainda mais a mão dela.

— É por causa do... como se diz... no ecrã? O *PowerPoint*? — Lorenzo apontou para a sala onde os convidados começavam a reunir-se.

— A menina Mitchell tem um lugar reservado — disse Gabriel bruscamente, irritado por o assistente estar a ignorá-la.

— Sim, *professore*. — Lorenzo voltou-se para Julia, anuindo respeitosamente. — Acompanharei a sua *fidanzata* pessoalmente.

Ela ia corrigir o modo como Lorenzo se lhe referira, mas Gabriel beijou-lhe as costas da mão, murmurando-lhe uma promessa e desaparecendo em seguida, e Julia foi conduzida ao seu lugar de honra.

Olhou em redor, apercebendo-se de que deviam estar ali membros dos *glitterati* de Florença, para além de académicos e dignitários locais. Alisou a saia do vestido, apreciando o roçar do tafetá sob os seus dedos. Ao ver como os outros convidados se apresentavam, e dando-se conta da presença de um grupo de fotógrafos, ficou satisfeita por estar bem vestida. Não queria embaraçar Gabriel naquela ocasião tão importante.

A palestra teria lugar na sala Botticelli, onde se encontravam as mais belas obras. Com efeito, o púlpito situava-se entre *Nascimento de Vénus* e *Nossa Senhora da Romã*, estando o quadro *Primavera* exposto à direita do público. Já as obras na parede à esquerda da assistência tinham sido retiradas para darem lugar a um amplo ecrã, que Gabriel utilizaria para as suas projeções.

Julia sabia como era invulgar a realização de uma palestra num espaço tão importante, e disse, em pensamento, uma oração para agradecer tamanha bênção. No ano em que estudara em Florença, Julia visitara a sala Botticelli pelo menos uma vez por semana, e por vezes com maior frequência. Achava a arte do pintor tão tranquilizante como inspiradora. Sendo então uma tímida estudante universitária americana, nunca poderia ter imaginado que dois anos mais tarde estaria a acompanhar um famoso especialista em Dante quando ele desse uma palestra naquela mesma sala. Julia sentia-se como se tivesse ganho a lotaria mil vezes de seguida.

Estavam ali mais de uma centena de pessoas, algumas das quais tiveram de permanecer de pé ao fundo da sala. Julia viu Gabriel ser apresentado a vários convidados de aspeto importante. Era um homem atraente, alto e de uma elegância rude. Julia gostava de o ver de óculos e com aquele fato preto lustroso que lhe assentava na perfeição.

Quando algumas pessoas lho ocultaram da vista, Julia concentrou-se em distinguir a sua voz. Ouvia-o conversar num tom cordial, passando descontraidamente do italiano ao francês e depois ao alemão, e regressando de

novo ao italiano.

(Até o seu alemão era sensual.)

Julia sentiu uma onda de calor ao recordar como Gabriel era por debaixo do fato, o seu corpo nu e musculoso sobre o dela. Perguntou-se se ele teria pensamentos semelhantes de cada vez que a olhava. Nesse instante, os seus olhares encontraram-se e Gabriel piscou-lhe o olho. A sua fugaz expressão divertida fê-la lembrar-se dos momentos que tinham tido no terraço, de manhã, e um agradável tremor percorreu-lhe a espinha.

Gabriel escutou educadamente a introdução do doutor Vittali, que levou nada menos do que quinze minutos a elogiar o trabalho do seu convidado. Ao observador ocasional, Gabriel parecia descontraído, ou até ligeiramente entediado. O seu nervosismo transparecia no modo como remexia, mal se dando conta, nos seus apontamentos, os quais serviriam apenas de suporte para os comentários que lhe viriam do coração. Procedera a algumas alterações de última hora às suas notas. Não conseguiria falar de musas, de amor e de beleza sem se referir ao anjo de olhos castanhos que se lhe entregara na noite anterior. Julia era a sua inspiração desde que a conhecera, tinha ela dezassete anos. A sua beleza, a bondade e a generosidade que a caracterizavam tinham tocado o coração de Gabriel, e ele guardara-a na sua memória como um talismã contra os demónios negros da dependência. Julia era tudo para ele, e Gabriel não deixaria de o dizer publicamente.

Depois de muitos louvores e muitos aplausos, ocupou o seu lugar no púlpito e dirigiu-se à plateia em italiano.

— A minha palestra, esta noite, será algo invulgar. Não sou historiador de arte, porém tenciono falar-lhes da musa de Sandro Botticelli, *La Bella Simonetta*. — Os seus olhos procuraram os de Julia.

Ela sorriu, esforçando-se por não corar. Conhecia a história de Botticelli e Simonetta Vespucci. Na corte de Florença, Simonetta fora conhecida como a Rainha da Beleza, até à sua morte prematura aos vinte e dois anos de idade. Ser comparada a Simonetta por Gabriel era, sem dúvida, um tremendo elogio.

— Abordo este tema controverso enquanto professor de Literatura, escolhendo os trabalhos de Botticelli como representações de vários arquétipos femininos. De um ponto de vista histórico, tem-se debatido sobrejamente a relação entre Simonetta e Botticelli e até que ponto ela serviu de inspiração para os seus quadros. Procurarei contornar algumas destas divergências e chamar a vossa atenção para uma comparação visual objetiva de algumas figuras.

»Vou começar com a projeção de três imagens, onde reconhecerão ilustrações a tinta de Dante e Beatriz no Paraíso.

Gabriel não pôde deixar de admirar ele próprio as imagens, recordando a

primeira vez que recebera Julianne na sua casa. Fora nessa noite que se apercebera de como queria agradecer-lhe, de como ela era linda quando estava feliz.

Ao contemplar a expressão serena de Beatriz, encontrou novamente as semelhanças entre o seu rosto e o de Julianne. Com a sua encantadora cabeça de perfil, Julia admirava, enlevada, os desenhos de Botticelli. Gabriel queria que ela se voltasse para ele.

— Reparem no rosto de Beatriz — disse, numa voz suave, quando os seus olhos finalmente se encontraram. — Um rosto tão belo...

»Comecemos pela musa de Dante, pela figura de Beatriz. Estou certo de que ela não carece de apresentação, mas permitam-me que vos relembre que Beatriz representa o amor cortês, a inspiração poética, a fé, a esperança e a caridade. É o ideal de perfeição feminino: uma mulher inteligente e capaz de compaixão, e com o amor abnegado que só pode vir de Deus. Ela inspira Dante a ser um homem melhor.

Gabriel fez uma breve pausa para tocar na gravata; sabia que não precisava de ser endireitada, mas os seus dedos demoraram-se alguns instantes sobre a seda azul. Julia pestanejou ao ver aquele gesto, e Gabriel teve a certeza que ela o compreendera.

— Observemos agora o rosto da deusa Vénus.

Todos os olhos na sala, à exceção dos do orador, se voltaram para o *Nascimento de Vénus*. Gabriel consultou ansiosamente as suas notas, enquanto o público admirava aquela que era uma das maiores e mais belas obras de Botticelli.

— O rosto de Vénus parece ser o de Beatriz. Não estou, repito, interessado numa análise histórica dos modelos que posaram para o quadro. Estou apenas a chamar a vossa atenção para as visíveis semelhanças entre as duas figuras. Representam duas musas, dois tipos ideais, um teológico e um secular. Beatriz é a amante da alma; Vénus é a amante do corpo. *La Bella* de Botticelli tem ambas as faces — uma de amor sacrificial ou *agape*, e outra de amor sexual ou *eros*.

A voz de Gabriel tornou-se mais intensa, e Julia sentiu a sua pele aquecer.

— No retrato de Vénus, a ênfase situa-se na beleza física. Embora represente o amor sexual, a figura revela recato, segurando o cabelo de modo a cobrir-se. Reparem na expressão modesta, na mão que lhe repousa sobre o peito. A sua timidez não diminui o erotismo do retrato: acentua-o. — Tirando os óculos para criar um efeito dramático, Gabriel fitou Julia sem pestanejar. — Muitas pessoas ignoram como a modéstia e a brandura de temperamento contribuem para a atração erótica.

Julia contorcia o fecho da sua mala, resistindo à tentação de se remexer

na cadeira. Gabriel voltou a pôr os óculos.

— *Eros* não é luxúria. Segundo Dante, a luxúria é um dos sete pecados mortais. O amor erótico pode incluir sexo mas não é limitado por este último. *Eros* é o fogo que tudo consome, a paixão e o afeto que se exprimem na emoção de *estar apaixonado*. E acreditem quando vos digo que vence todos os seus rivais, sob todos os aspetos.

Julia não pôde deixar de reparar no desdém com que Gabriel pronunciou a palavra “rivais”, pontuando a frase com um gesto da mão. Era como se pusesse de lado todas as amantes anteriores com um simples gesto, enquanto os seus ardentes olhos azuis se fixavam nela.

— Qualquer pessoa que já tenha estado apaixonada reconhece a diferença entre *eros* e luxúria. Não há comparação possível. A luxúria é a sombra vazia e frustrante de *eros*.

»Poder-se-á, claro, contrapor que é impossível uma pessoa, uma mulher, representar simultaneamente o ideal de *agape* e de *eros*. Se me permitem a liberdade, gostaria de dizer que vejo um tal ceticismo como uma forma de misoginia. Pois só um misógino defenderia que as mulheres ou são santas ou sedutoras, virgens ou meretrizes. Claro que uma mulher (ou um homem, já agora) pode ser ambas as coisas: a musa pode ser amante da alma e do corpo.

»Considerem agora o quadro atrás de mim, *Nossa Senhora da Romã*.

Mais uma vez, os olhos do público voltaram-se para a pintura de Botticelli. Gabriel reparou com satisfação que Julia tocava intencionalmente num dos seus brincos de diamante, como para lhe dizer que compreendera as suas revelações e que as apreciara. Como se soubesse que ele estava a servir-se da arte para expressar o seu amor por ela. Gabriel exultou.

— Aqui vemos a mesma cara repetida na figura de Nossa Senhora. Beatriz, Vénus e Maria: uma trindade de mulheres ideais, todas com o mesmo rosto. *Agape*, *eros* e a castidade, uma combinação arrebatadora que faria até o homem mais forte cair de joelhos, se tivesse a sorte de encontrar uma pessoa que reunisse estas três facetas.

Nesse instante, alguém tossiu na sala, como que a disfarçar um comentário depreciativo. Irritado por ser interrompido, Gabriel lançou um olhar zangado na direção da segunda fila, por sobre o ombro de Julia. A tosse repetiu-se, acentuando o efeito dramático, e seguiu-se um duelo alimentado a testosterona entre Gabriel e um italiano claramente exaltado.

Consciente do microfone que tinha diante de si, Gabriel resistiu ao impulso de praguejar e, com um olhar severo ao seu detrator, continuou.

— Há quem defenda que foi uma romã, e não uma maçã, que tentou Eva no Jardim do Éden. Relativamente ao quadro de Botticelli, muitos consideraram que a romã simboliza o sangue de Cristo na sua agonia e a sua

nova vida através da ressurreição.

»Na minha leitura, a romã representa o fruto edénico, a Virgem como segunda Eva e Cristo como o segundo Adão. Com a Virgem, Botticelli visita a primeira Eva, o arquétipo da feminilidade, da beleza e do companheirismo feminino. Irei ainda mais longe ao afirmar que Eva é também o ideal da amizade feminina, sendo amiga de Adão, e que por isso corresponde ao ideal de *philia*, o amor que emerge da amizade. A amizade entre Maria e José é igualmente uma manifestação deste ideal.

Sentindo a voz presa, Gabriel interrompeu-se por um instante para beber um pouco de água. Algo na comparação entre Julia e Eva o deixara vulnerável, despido, fazendo-o regressar à noite em que lhe oferecera uma maçã e a segurara nos seus braços sob as estrelas.

Começaram a ouvir-se murmúrios na assistência; o público perguntava-se por que razão uma pausa para beber água se transformara num intervalo. Ruborizado, Gabriel ergueu a cabeça para olhar uma vez mais para a sua amada, ansioso pela sua compreensão.

Os lábios rubi de Julia abriram-se num sorriso encorajador, e Gabriel respirou fundo.

— A musa de Botticelli é uma santa, uma amante, e uma amiga, não uma mulher de cartaz ou uma fantasia adolescente. É real, é complexa, e eternamente fascinante. Uma mulher para adorar.

»Como certamente estarão cientes, a precisão da língua grega permite que se fale com maior clareza a respeito dos diferentes tipos de amor. Poderão encontrar uma abordagem moderna desta questão na obra *The Four Loves*, de C.S. Lewis, caso estejam interessados.

Pigarreou e sorriu, triunfante, ao público.

— Peço-lhes, finalmente, que se detenham no quadro à minha esquerda, *Primavera*. Seria de esperar que encontrássemos o rosto da musa de Botticelli refletido na figura central do quadro. Mas reparem no rosto de Flora, à direita. Mais uma vez, encontramos a semelhança com Beatriz, Vénus e a Virgem.

»Por estranho que pareça, Flora surge duas vezes na pintura. Avançando do centro para a direita, vemos Flora grávida, o filho de Zéfiro no ventre. Zéfiro encontra-se no extremo direito, pairando entre as laranjeiras com a segunda representação de Flora, desta vez enquanto ninfa virgem. A sua expressão é de medo; ela tenta escapar dos braços do seu futuro amante e olha-o em pânico. Porém, quando está grávida, tem um ar sereno. O medo deu lugar ao contentamento.

Julia corou ao recordar quão gentil Gabriel fora na noite anterior. Fora um amante terno e generoso, e Julia sentira-se adorada nos seus braços. Estremeceu ao lembrar-se do mito de Flora e de Zéfiro, pensando que todos os

amantes deviam ser tão ternos com as suas parceiras virgens como Gabriel fora consigo.

— Flora representa a consumação do amor físico e a maternidade. É o ideal de *storge*, ou amor familiar, o tipo de amor de uma mãe pelo filho, e o tipo de amor que existe entre amantes unidos por um compromisso que não se baseia apenas no sexo ou no prazer, o compromisso de parceiros casados.

Ninguém, a não ser Julia, se apercebeu de como os nós dos dedos de Gabriel ficaram brancos quando ele agarrou o atril com ambas as mãos. E só Julia se deu conta do ligeiro tremor na sua voz ao pronunciar as palavras *grávida e maternidade*.

A testa de Gabriel enrugou-se enquanto ele se recompunha, remexendo nos seus papéis por alguns instantes. Julia apercebeu-se daquela vulnerabilidade, e lutou contra o impulso de correr para ele e de o abraçar. Pôs-se, então, a bater um dos seus sapatos cor de tangerina, expectante.

Vendo o seu movimento súbito, Gabriel engoliu em seco e prosseguiu.

— Nos primeiros escritos sobre *Primavera*, foi dito que Flora tinha o rosto de La Bella Simonetta, a musa de Botticelli. Se assim for, com base numa mera análise visual, podemos afirmar que Simonetta serviu de inspiração para Beatriz, para Vénus e para a Virgem, pois todas as quatro senhoras partilham o mesmo rosto

»Temos, assim, os ícones de *agape*, *eros*, *philia* e *storge* representados por um único rosto, por uma única mulher: Simonetta. Por outras palavras, Botticelli parece encontrar na sua adorada musa todos os quatro tipos de amor e todos os quatro ideais de mulher: santa, amante, amiga e esposa.

»Devo, por fim, regressar ao ponto em que começámos, e deter-me novamente em Beatriz. Não é por acaso que a inspiração por detrás de uma das principais obras literárias italianas mereceu o rosto de Simonetta. Perante uma tal beleza, uma tal bondade, que homem não quereria tê-la ao seu lado não apenas por algum tempo, mas por toda a vida?

Olhou em redor da sala com uma expressão grave.

— Para citar o Poeta, *agora aparece a tua bem-aventurança*. Obrigado.

Quando Gabriel terminou e um entusiástico aplauso tomou conta da sala, Julia pestanejou, emocionada, tentando conter as lágrimas.

O *dottore* Vitali regressou ao púlpito para agradecer ao professor Emerson a sua inspiradora palestra. Um pequeno grupo de políticos locais agraciou-o com vários presentes, entre os quais um medalhão com uma imagem da cidade de Florença.

Julia permaneceu no seu lugar tanto tempo quanto lhe foi possível, esperando que Gabriel viesse ao seu encontro. No entanto, ele viu-se rodeado de pessoas, incluindo vários historiadores de arte impertinentes.

(Pois era considerado ousado, senão arrogante, da parte de um mero professor de Literatura analisar as joias da coroa da coleção Uffizi.)

Com relutância, Julia aproximou-se, enquanto um grupo de repórteres o cercava de perguntas. Os seus olhares encontraram-se, e Gabriel esboçou-lhe um sorriso tenso, em jeito de desculpa, antes de posar para as fotografias.

Contrariada, Julia deambulou pelas salas adjacentes, contemplando os quadros expostos até se deter num dos seus favoritos, *A Anunciação* de Leonardo da Vinci. Estava diante do quadro, demasiado perto, na verdade, atentando no pormenor do pilar de mármore, quando alguém se lhe dirigiu em italiano.

— Gosta deste quadro?

Julia ergueu o olhar e deparou-se com um homem de cabelo preto e pele muito bronzada. Era mais alto do que ela, mas não muito, e tinha uma constituição musculosa. Trazia um fato preto de aspeto muito caro, com uma rosa vermelha presa à lapela. Julia reconheceu-o como um dos convidados que tinham assistido à palestra na segunda fila.

— Gosto muito — respondeu, em italiano.

— Sempre admirei a profundidade que Da Vinci confere às suas pinturas. Acho particularmente interessante o sombreado e o pormenor no pilar.

— Era exatamente o que eu estava a apreciar, juntamente com as penas nas asas do anjo. São incríveis.

O cavalheiro fez uma pequena vénia.

— Permita-me que me apresente. O meu nome é Giuseppe Pacciani.

Julia hesitou, pois reconheceu o apelido. Era o mesmo apelido do homem que se suspeitava ser o *serial killer* mais famoso de Florença.

Giuseppe parecia estar à espera que ela se apresentasse, pelo que Julia resistiu à tentação de fugir.

— Julia Mitchell. — Estendeu-lhe polidamente a mão, mas o homem surpreendeu-a agarrando-lhe a mão e levando-a aos lábios, olhando Julia nos olhos enquanto a beijava.

— Muito prazer. E não posso deixar de dizer que a sua beleza rivaliza com a de La Bella Simonetta. Especialmente à luz da palestra desta noite.

Julia desviou o olhar e apressou-se a libertar a mão.

— Permita-me que lhe peça uma bebida — disse o homem, acenando imediatamente a um empregado e tirando da bandeja duas *flûtes* de champanhe. Tocou a taça de Julia com a sua e brindou à saúde de ambos.

Julia bebeu um pequeno gole do seu espumante *Ferrari*, satisfeita por poder distrair-se daquele olhar intenso. Parecia ser um cavalheiro, mas Julia sentia-se receosa, sobretudo por causa do seu nome.

Ele sorria-lhe avidamente.

— Sou professor de Literatura na universidade. E a Julia?

— Estou a tirar o mestrado em Dante.

— Ah, *il Poeta*. Também sou especialista em Dante. Onde está a estudar? Aqui não é de certeza. — O seu olhar percorreu todo o corpo de Julia, deslizando-lhe do rosto até aos sapatos e voltando a pousar-lhe no rosto.

— Na Universidade de Toronto — disse ela, dando um amplo passo atrás.

— Ah! É canadiana. Uma antiga aluna minha também está neste momento a estudar em Toronto. Talvez se conheçam. — Deu um passo à frente.

Julia decidiu não o corrigir a respeito da sua nacionalidade e recuou novamente.

— Não é muito provável. A Universidade de Toronto é um mundo.

Giuseppe sorriu, exibindo uma linha muito direita de dentes brancos que brilhavam estranhamente sob a luz do museu.

— Já viu *A Libertação de Andrómeda*, de Piero di Cosimo? — Apontou para um quadro próximo.

— Sim.

— Existem elementos flamengos nesta obra, está a ver? E repare nas figuras de pé na multidão. — Apontou um grupo no lado direito da pintura.

Julia deu um passo ao lado para conseguir ver melhor. Giuseppe pôs-se ao seu lado, demasiado perto, olhando-a.

— Gosta?

— Sim, mas prefiro Botticelli — respondeu Julia, mantendo os olhos obstinadamente no quadro, esperando que ele se cansasse de a olhar e se afastasse.

(De preferência para o outro lado do Arno.)

— É aluna do professor Emerson?

Julia engoliu em seco.

— Não, eu... Estudo com outra pessoa.

— Ele é considerado bom segundo os padrões norte-americanos, e por isso foi convidado a cá vir. Esta palestra revelou-se, todavia, uma decepção. Como foi que a Julia descobriu Dante?

Julia ia rebater aquele comentário quando Giuseppe lhe tocou o cabelo.

Desviando-se, Julia deu um passo atrás, mas Giuseppe tinha os braços compridos e a sua mão alcançou-a ainda assim. No instante em que ela abria a boca para o censurar, um som gutural ecoou pela sala.

Giuseppe e Julia voltaram-se lentamente e depararam-se com Gabriel, olhos safira flamejando e as mãos nas ancas, abrindo o casaco como um leque de pavão.

Gabriel deu um ameaçador passo em frente.

— Vejo que teve a oportunidade de conhecer a minha *fidanzata*. Sugiro-lhe que tire as mãos de cima dela, a não ser que esteja preparado para as perder.

Giuseppe fez um ar furioso, e depois a sua expressão suavizou-se com um sorriso educado.

— Estamos a conversar há minutos. Ela não me disse que estava consigo.

Julia resolveu não esperar que Gabriel arrancasse os braços de Giuseppe e manchasse de sangue o prístino chão da galeria. Assim, pôs-se entre os dois homens e pousou uma mão no peito de Gabriel.

— Gabriel, deixa-me apresentar-te o professor Pacciani, que também é especialista em Dante.

Os dois homens trocaram um olhar, e só então Julia se deu conta de que Pacianni era o homem que tão rudemente interrompera a palestra a tossir e a sussurrar.

O italiano ergueu as mãos como se se rendesse, num gesto trocista.

— Mil desculpas. Devia ter percebido pelo modo como a olhou durante o seu... discurso... que ela era sua. Perdoe-me, *Simonetta*. — O seu olhar demorou-se em Julia, enquanto os seus lábios se entreabriam numa expressão de desdém.

Irritado pelo tom sarcástico, Gabriel deu um passo à frente, punhos cerrados.

— Querido, preciso de encontrar onde largar a taça — interveio Julia, abanando a sua *flûte* vazia, na esperança de distrair os dois homens.

Gabriel pegou na taça e pô-la na mão de Pacciani.

— De certeza saberá onde pôr isto.

Agarrou a mão de Julia e levou-a dali. Atravessaram a sala Botticelli, os convidados abrindo alas para os deixar passar. Julia viu os rostos surpresos que se voltavam para eles e corou ainda mais.

— Aonde vamos?

Gabriel levou-a para o corredor com chão de mosaicos e dirigiu-se para o extremo oposto, até estarem suficientemente longe para que os outros convidados não os ouvissem. Puxando Julia para um canto escuro, colocou-a entre duas grandes estátuas de mármore sobre colunas. Entre as esculturas, Julia parecia muito pequena.

Gabriel tirou-lhe a bolsa da mão e atirou-a para o lado. O som da pele a bater no chão ecoou pelo corredor.

— Que estavas a fazer com aquele homem? — Gabriel tinha o olhar irado e as faces ligeiramente afogueadas, o que era raro nele.

— Estávamos só a fazer conversa de circunstância, até que ele...

Gabriel puxou-a para um beijo ardente, enfiando-lhe uma mão no cabelo enquanto a sua outra mão lhe deslizava pelo vestido abaixo. A força do contacto obrigou-a a recuar, até que Julia sentiu a parede fria da galeria na pele nua dos seus ombros. Num movimento brusco, o corpo duro de Gabriel colou-se ao dela.

— Não quero voltar a ver as mãos de outro homem em ti.

Gabriel abriu-lhe a boca de um modo rude, penetrando-a com a língua, e a sua mão deslizou-lhe até ao fundo das costas, começando a massajar-lhe as nádegas.

Julia apercebeu-se instantaneamente de que ele fora cuidadoso de todas as vezes em que a tocara até então. Agora não estava a ser cuidadoso. Parte dela estava ansiosa, desesperada por ele. Outra parte perguntava-se o que faria Gabriel se ela lhe dissesse que parasse...

Levantando-lhe a perna esquerda, Gabriel colou a coxa dela à sua anca e pressionou-a contra a parede.

Julia sentia-o através do vestido, e ouvia o tafetá roçar como uma mulher ofegante. Era óbvio que o vestido queria mais.

— Que tenho de fazer para seres minha? — gemeu Gabriel, sem parar de a beijar.

— Eu *sou* tua.

— Esta noite, parece que não és — balbuciou, puxando o lábio inferior de Julia para a sua boca e mordiscando-o ao de leve. — Não percebeste nada do que eu disse durante a palestra? Era tudo para ti, cada palavra, cada quadro. — A sua mão deslizou pelo vestido de Julia, acariciando-lhe a coxa até se deter no fio que lhe rodeava a anca.

Recuou para a olhar.

— Hoje não trazes meias de liga?

Ela abanou a cabeça.

— Então, o que é isto? — Puxou o fio.

— *Cuecas* — disse Julia, arquejando.

Os olhos dele brilharam na semiescuridão.

— *Que tipo de cuecas?*

— Uma tanga.

Gabriel sorriu perigosamente, encostando em seguida os lábios à orelha dela.

— Devo partir do princípio de que vestiste isto para mim?

— Só para ti. Sempre.

Sem aviso, Gabriel ergueu-a nos braços, encostando-a à parede fria. Beijando-lhe o pescoço, uniu as suas ancas às dela. Os sapatos de salto alto tangerina apoiaram-se no seu traseiro. Os seus olhos azuis desvairados fitaram

Julia.

— Quero-te. Agora.

Com uma mão, puxou o fio das cuecas até as romper. Enfiou a tanga no bolso do casaco e os saltos dela moveram-se, fincando-se-lhe nas nádegas até o fazerem estremecer.

— Fazes ideia de como me foi difícil controlar-me depois de discursar? De como queria apertar-te nos meus braços? Toda aquela conversa foi um suplício, quando o que eu queria era isto.

»Quem me dera que visses como estás sensual... As costas contra a parede, as pernas à minha volta. Quero ter-te assim, mas a arquejares o meu nome.

Sentindo a língua dele na cavidade sob a sua garganta, Julia fechou os olhos. Lutando contra o desejo, a sua mente incitava-a a afastar-se e a refletir um pouco. Naquele estado de espírito, Gabriel era perigoso.

Subitamente, ouviram-se vozes no corredor. Julia abriu os olhos.

O som de passos e risos aproximava-se. Gabriel levantou a cabeça, encostando a boca ao ouvido dela.

— Nem um ruído — sussurrou-lhe. Julia sentiu os lábios dele arquearem-se num sorriso rente à sua pele.

Os passos detiveram-se a poucos metros do sítio onde estavam, e Julia ouviu duas vozes de homem falando italiano. Com o coração a bater cada vez mais depressa, esforçou-se por detetar quaisquer sinais de movimento. Gabriel continuava a acariciá-la delicadamente, engolindo os seus sons. De tempos a tempos, murmurava-lhe palavras sensuais, que a faziam corar.

Um dos homens deu uma gargalhada bem audível. Julia ergueu a cabeça, em sobressalto, e Gabriel aproveitou para lhe beijar a garganta, mordiscando-lhe a pele macia.

— Por favor, nada de mordedelas.

As vozes ecoavam em redor deles. Gabriel precisou de alguns segundos, mas as palavras de Julia acabaram por alcançá-lo, mesmo no estado de desatino em que se encontrava. Afastou a cara do pescoço dela.

Sentia o coração dela bater contra o seu peito. Fechou os olhos, como que hipnotizado por aquele ritmo *staccato*. Quando voltou a abrir os olhos, o fogo quase se extinguiu.

Julia ocultara cuidadosamente a mordedura de Simon com base, mas Gabriel encontrou a marca com um dedo, tocando-lhe ao de leve antes de a beijar. Respirou fundo, devagar, muito devagar, e abanou a cabeça.

— És a única mulher que alguma vez me disse “não”.

— Não estou a dizer “não”.

Espreitando por sobre o ombro, Gabriel viu dois cavalheiros de uma certa

idade a conversar animadamente. Estavam suficientemente perto para o verem, se olhassem na sua direção.

Voltou-se para Julia, com um sorriso triste.

— Mereces melhor do que um amante ciumento a possuir-te contra uma parede. E não acho boa ideia sermos apanhados pelo nosso anfitrião. Desculpa-me.

Beijou-a e passou-lhe o polegar pelo lábio inferior ligeiramente inchado, limpando a mancha de batom da sua pele branca.

— Não vou destruir a confiança que vi nos teus olhos na noite passada. Quando tiver a cabeça no sítio e o museu estiver por nossa conta... — A fantasia deixou-lhe o olhar sombrio. — Numa outra vez, quem sabe.

Descalçou-lhe os sapatos e pousou-a no chão, curvando-se para lhe endireitar o vestido. O tafetá roçagou, um suspiro sob as suas mãos, e depois silenciou-se, com tristeza.

Felizmente, o *dottore* Vitali e o seu companheiro decidiram nesse momento regressar à festa, e o ruído dos seus passos foi-se tornando mais distante, à medida que avançavam pelo corredor.

— O banquete começa daqui a pouco. Não posso insultá-los indo-me embora. Mas quando chegarmos ao hotel... — Os seus olhos fixaram Julia. — A parede ao lado da porta do quarto vai ser a nossa primeira paragem.

Julia anuiu, aliviada por ele já não estar zangado. Na verdade, a ideia de *sexo contra a parede* deixara-a um pouco nervosa, mas bastante entusiasmada.

Gabriel ajeitou as calças e abotoou o fato do casaco, forçando o seu corpo a acalmar-se. Tentou alinhar o cabelo, mas apenas conseguiu ficar ainda mais com o aspeto de quem arrastara a namorada até um canto escuro para fazer sexo de museu.

Sexo de museu é algo de que se arrependem certos académicos. (Mas não deve ser criticado antes de ser experimentado.)

Julia alisou-lhe o cabelo e endireitou-lhe a gravata, certificando-se de que ele não tinha marcas de batom na cara ou no colarinho. Depois, Gabriel apanhou a bolsa e a capa do chão, entregando-as a Julia com um beijo. Sorrindo maliciosamente, empurrou as cuecas para o fundo do bolso do casaco, de modo a que não se vissem.

Julia deu um passo à frente, apercebendo-se, para sua surpresa, de que a ausência de cuecas era uma experiência bastante libertadora.

— Era capaz de te beber como se fosses champanhe — murmurou-lhe Gabriel.

Julia pôs-se em bicos de pés e deu-lhe um beijo na cara.

— Gostava que me ensinasses essas tuas técnicas de sedução.

— Só se me ensinares a amar como tu amas.

Gabriel conduziu-a ao longo do corredor deserto e desceram a escada para o primeiro andar, onde o banquete estava a ter início.

Era de madrugada quando o professor Pacciani caminhou tropegamente até ao seu apartamento junto ao Palácio Pitti. Era algo que acontecia com frequência.

Tateou à procura das chaves, praguejou ao deixá-las cair, e entrou finalmente em casa, fechando a porta. Encaminhou-se para o pequeno quarto onde os seus filhos gémeos, de quatro anos, dormiam, e beijou-os. Depois, arrastou-se até ao escritório.

Fumou calmamente um cigarro, enquanto esperava que o computador se ligasse, e foi diretamente para o seu *e-mail*. Ignorou a caixa de entrada e redigiu uma mensagem breve para uma antiga aluna e amante. Não tinham mantido contacto desde que ela acabara o curso.

Referiu que conhecera o professor Emerson e a sua muito jovem *fidanzata* canadiana. Comentou que embora tivesse ficado impressionado com o livro de Emerson publicado na Oxford University Press, a palestra do professor tresandara a pseudointelectualidade e não era digna do meio académico. Ou se era um intelectual e um académico, ou se era um orador e um *entertainer*, mas não ambas as coisas. Num tom grosseiro, Pacciani perguntava se era aquilo que passava por excelência nas universidades norte-americanas.

Concluiu o seu *e-mail* com a sugestão pormenorizada de um encontro sexual futuro, perto do verão, possivelmente. Depois, terminou o seu cigarro no escuro e foi ter com a mulher à cama matrimonial.

Christa Peterson tivera uma educação privilegiada, pelo que não havia desculpa para a sua natureza vil. Tinha uns pais que se amavam e que amavam profundamente a sua única filha. O seu pai era um respeitado oncologista de Toronto. A mãe era bibliotecária em Havergal College, um colégio privado, de elite, para raparigas, que Christa frequentara desde o jardim de infância até ao décimo segundo ano.

Christa também frequentara a catequese. Pertencia à Igreja Anglicana. Estudara o *Livro de Oração Comum* de Thomas Cranmer, mas nada daquilo tocara o seu coração. E aos quinze anos de idade, Christa descobrira o poder imenso da sexualidade feminina. Desde essa descoberta, o sexo tornara-se não apenas a sua moeda de troca mas também a sua arma de eleição.

A sua melhor amiga, Lisa Malcolm, tinha um irmão mais velho chamado Brent. Era um rapaz atraente, semelhante a tantos outros vindos do Upper Canada College, um colégio privado para rapazes de velhas famílias endinheiradas do Canadá. Brent tinha cabelo louro e olhos azuis e um porte atlético. Pertencia à equipa masculina de remo da Universidade de Toronto e podia facilmente ter figurado num anúncio da *J.Crew*.

Christa admirara Brent à distância, porém, devido à diferença de quatro anos que os separava, ele nunca reparara nela. Mas uma noite, tendo ficado a dormir em casa de Lisa, Christa cruzara-se com Brent a caminho da casa de banho. Ele ficara impressionado com o seu longo cabelo escuro, com os seus grandes olhos castanhos e com o seu corpo núbil. Beijara-a delicadamente no corredor e tocara-lhe os seios com dedos hesitantes. Depois segurara-lhe na mão e convidara-a para o seu quarto.

Ao fim de meia hora a beijarem-se e a sentirem o corpo um do outro através das roupas, Brent estava ansioso por levar as coisas mais longe. Christa hesitou, pois era virgem, e então Brent começou a fazer promessas loucas, extravagantes: presentes, encontros românticos e, por fim, um imaculado relógio *Baume & Mercier* que os pais lhe tinham oferecido quando fizera dezoito anos.

Christa já admirara aquele relógio. Sabia bem do que se tratava, pois Brent estimava-o muito. Na verdade, Christa quase queria o relógio mais do que o queria a ele.

Brent prendeu-lhe o relógio ao pulso e Christa olhou-o, maravilhada com a sensação fria do aço sobre a sua pele, vendo-o deslizar para cima e para baixo no seu braço estreito. Era uma prova do que Brent sentia. Ele desejava-a

tanto que estava disposto a dar-lhe um dos seus bens mais preciosos.

O gesto fê-la sentir-se desejada. E poderosa.

— És tão linda — murmurou-lhe Brent. — Não vou magoar-te. Valha-me Deus, quero-te tanto. E prometo que vais sentir-te bem.

Christa sorriu e deixou que Brent a pousasse na sua cama estreita como se ela fosse um sacrifício inca num altar, e deu-lhe a sua virgindade em troca de um relógio de três mil dólares.

Brent cumpriu a sua palavra. Foi meigo. Não se apressou. Beijou-a e explorou-lhe delicadamente a boca. Venerou-lhe os seios. Preparou-a com os seus dedos e certificou-se de que Christa estava pronta para o receber. Quando entrou nela, fê-lo cuidadosamente. Não houve sangue. Apenas duas grandes mãos descrevendo círculos nas suas ancas e uma voz grave que lhe murmurava instruções, explicando-lhe como relaxar, até que o desconforto desapareceu.

Como prometido, Brent fê-la sentir-se bem. Fê-la sentir-se bonita e especial. E quando terminou, abraçou-a durante toda a noite. Porque, embora movido por necessidades carnis, Brent não era uma alma cruel.

Repetiriam aquele ato muitas vezes ao longo dos três anos seguintes, apesar de outros envolvimento românticos. Antes de entrar nela, Brent punha-lhe sempre um presente na mão.

Não tardou a ser seguido pelo senhor Woolworth, o professor de Matemática de Christa no décimo primeiro ano. Com Brent, Christa aprendera muito sobre os homens, aprendera a ler as suas vontades e os seus desejos, a tentá-los, a provocá-los e a seduzi-los.

Christa provocou o senhor Woolworth até o homem fraquejar e lhe implorar que se encontrasse com ele num hotel depois das aulas. Christa gostava de ouvir os homens implorar. No modesto quarto de hotel, o professor surpreendeu-a com um colar de prata da Tiffany. Pôs-lhe a joia delicada em redor do pescoço e beijou-a delicadamente. Em troca, Christa deixou que ele lhe explorasse o corpo durante horas, até adormecer, exausto e saciado.

Woolworth não era tão bonito como Brent, mas era muito mais experiente. Por cada novo presente que lhe trazia, Christa deixava-o tocar-lhe de novas e velhas maneiras. Quando a aventura terminou e Christa se mudou para o Quebec para frequentar a Universidade de Bishop, levava na mala uma numerosa coleção de joias e um vasto conhecimento sobre sexo. Tornara-se, além disso, uma daquelas poucas mulheres que encaravam o papel da sedutora devoradora de homens como algo a emular.

Quando obteve o grau de mestre em Estudos Renascentistas na Università degli Studi di Firenze, o seu padrão de relações estava definido. Christa preferia homens mais velhos, homens em posições de poder. Sentia-se

excitada por casos proibidos — quanto mais remotos e mais improváveis, melhor.

Tentou durante dois anos seduzir um padre designado para o Duomo, em Florença, e, mesmo antes de acabar o mestrado, foi bem-sucedida. Ele possuiu-a na cama de solteiro do seu pequeno apartamento, mas antes de sequer lhe tocar, depositou entre os seus dedos longos e quentes um pequeno ícone pintado por Giotto. Era um objeto de valor incalculável. Mas, pensou Christa, o mesmo se podia dizer dela. Se queriam tê-la, havia um preço a pagar. E Christa acabava sempre por conseguir levar para a cama os homens que desejava.

Até ao primeiro ano do doutoramento na Universidade de Toronto, quando conheceu o professor Gabriel O. Emerson. Era, de longe, o homem mais atraente e mais sensual que ela alguma vez conhecera. E parecia ser muito sexual. Transpirava por todos os poros uma carnalidade rude, latente. Algo que Christa quase podia cheirar.

Observou-o no seu bar favorito. Apercebeu-se da sua abordagem furtiva, sedutora, e de como as mulheres reagiam à sua presença. Estudou-o com o afinho com que estudava italiano, e pôs os seus conhecimentos em prática.

Mas ele repelia-a. Nem reparava no seu corpo. Olhava-a friamente, como se ela nem fosse uma mulher.

Christa começou a vestir-se de forma mais provocante. Os olhos de Emerson não passavam do seu pescoço para baixo.

Tentou mostrar-se doce e submissa. Ele reagiu com impaciência.

Fez-lhe biscoitos e começou a deixar-lhe mimos culinários na sua caixa de correio do departamento. As guloseimas ficavam ali semanas sem que ele lhes tocasse, até que a senhora Jenkins, a secretária do departamento, as atirava para o lixo, receando uma infestação de vermes.

Quanto mais o professor Emerson a rejeitava, mais Christa o desejava. Quanto mais obcecada ficava, menos se preocupava em obter presentes. Entregar-se-lhe-ia sem receber nada em troca, só queria que ele a olhasse com desejo.

Mas ele não fazia tal coisa.

Assim, no outono de 2009, quando teve a oportunidade de se encontrar com ele no Starbucks para falarem sobre a sua dissertação, Christa esperava que a reunião se prolongasse com um jantar e, possivelmente, com uma visita ao Lobby. Mostrar-se-ia muito bem-comportada, mas seria sedutora. Se tudo corresse bem, ele acabaria por não lhe resistir.

Como preparação para o encontro, gastou seiscentos dólares numa combinação *Bordelle* preta e numas meias de liga da mesma cor. Optou por não comprar as cuecas que completavam o conjunto. Mal as ligas lhe roçavam

na pele, Christa sentia que o seu corpo se incendiava. Mal podia esperar para ter o professor Emerson a soltar-lhe as ligas, de preferência com os dentes.

Infelizmente para Christa, Paul e Julia tinham decidido ir ao Starbucks precisamente na mesma altura. Christa sabia bem que qualquer atitude imprópria da sua parte seria notada pelos colegas. Pela mesma razão, o professor Emerson seria ainda mais profissional do que habitualmente.

Então, quando se deparou com Paul e com Julia, Christa ficou pior do que fula. Decidiu insultá-los a ambos, para ver se desapareciam antes de Emerson chegar. No entanto, a tentativa de intimidar os colegas voltou-se contra Christa. O professor Emerson chegou mais cedo do que o previsto, e ouviu-a.

— Menina Peterson. — Gabriel apontou para uma mesa bem distante de Paul e de Julia e fez sinal a Christa para que o seguisse.

— Professor Emerson, comprei-lhe um *cappuccino* com leite magro. — Tentou dar-lhe o copo, mas Gabriel rejeitou-o com um gesto da mão.

— Só os bárbaros bebem café com leite depois do pequeno-almoço. Nunca estive em Itália? E a propósito, menina Peterson. O leite magro é para imbecis. Ou para raparigas gordas.

Deu meia-volta e dirigiu-se ao balcão para pedir um café, enquanto Christa tentava disfarçar a sua raiva.

Maldita sejas, Julianne. Tudo isto por culpa tua. Tua e do monge.

Christa sentou-se na cadeira que Emerson lhe indicara, sentindo-se quase vencida. Quase, pois do lugar onde estava sentada tinha uma bela vista do traseiro do professor Emerson nas suas calças cinzentas de fazenda. Como duas maçãs. Duas maçãs maduras, deliciosas.

Christa queria dar-lhes uma dentada.

Ao fim de algum tempo, o professor regressou com o seu maldito café. Sentou-se tão longe dela quanto possível, embora estivessem, tecnicamente, a partilhar a mesma mesa, e fitou-a com um ar severo.

— Tenho de me pronunciar a respeito do seu comportamento. Mas antes de o fazer, quero deixar algo bem claro. Aceitei encontrar-me consigo aqui, hoje, porque *me apetecia* tomar um café. De futuro, as nossas reuniões terão lugar no departamento, como é habitual. As suas óbvias tentativas de arquitetar encontros sociais comigo serão infrutíferas. Compreende?

— Sim, senhor.

— Uma palavra minha, e terá de arranjar outro orientador de tese. — Pigarreou. — Daqui para a frente, referir-se-á a mim como “professor Emerson”, mesmo quando se dirigir a terceiros. Fiz-me entender?

— Sim, professor Emerson. — *Ohhhh, professor. Não faz ideia de como quero gritar o seu nome... Professor, professor, professor...*

— Além disso, abster-se-á de fazer comentários pessoais sobre outros

alunos meus, especialmente sobre a menina Mitchell. Ficou claro?

— Sim.

Agora Christa estava praticamente a espumar de raiva, mas manteve a compostura. Deitou as culpas a Julia. Queria vê-la expulsa do programa. Só não sabia como alcançar semelhante objetivo. Ainda.

— Finalmente, qualquer comentário que ouça da minha parte a respeito de qualquer aluno ou funcionário da universidade deverá ser tomado como confidencial e não será repetido, ou terá mesmo de encontrar outro orientador. Considera-se inteligente o bastante para seguir estas instruções tão simples?

— Sim, professor. — Christa sentiu que os cabelos se lhe eriçavam ao ser tratada com tamanha condescendência, mas, verdade seja dita, achava aquele mau humor muito sensual. Queria provocar Emerson até ele ficar bem-humorado. Queria seduzi-lo e levá-lo a fazer-lhe coisas indescritíveis, e...

— Quaisquer outros insultos dirigidos a alunos do mestrado serão comunicados ao professor Martin, o diretor do departamento. Creio que estará a par do regulamento a que estão sujeitos os alunos de pós-graduação. Será preciso lembrá-la das proibições relativas a praxes e outras formas de humilhação?

— Mas eu não estava a humilhar a Julia, simplesmente...

— Nada de queixinhas. E duvido que a menina Mitchell lhe tenha dado permissão para a tratar pelo primeiro nome. Vai começar a falar-lhe como deve ser ou não falará de todo com ela.

Christa baixou a cabeça. Aquele tipo de ameaças já não tinha nada de sensual. Trabalhara arduamente para ser admitida naquele curso de doutoramento na Universidade de Toronto, e não deixaria que a oportunidade lhe escapasse por entre os dedos. Não por causa duma cabrazita que andava metida com o assistente do professor.

Gabriel viu a reação de Christa mas nada disse, continuando a bebericar o seu café. Não sentia remorsos e começava a perguntar-se o que seria preciso para a fazer chorar.

— Julgo que conhece a política da universidade relativamente ao assédio. Aplica-se a ambas as partes. Os professores também podem apresentar queixa se considerarem que estão a ser assediados por estudantes. Se pisar o risco comigo, levo-a ao gabinete do decano num piscar de olhos. Entendido?

Christa levantou o queixo e fitou-o com os olhos muito abertos, assustados.

— Mas nós... Pensei que...

— Mas nada! — ripostou Gabriel. — A não ser que esteja a delirar, perceberá que não existe *nós*. Não vou repetir-me. Conhece a minha posição.

Gabriel olhou para Julia e Paul uma última vez.

— Agora que terminámos as amabilidades do dia, gostava de lhe dizer o que pensei da sua última proposta de tese. Não presta. Em primeiro lugar, a sua tese não é original. Segundo, não apresentou uma análise literária que esteja perto de ser adequada. Se não conseguir alterar a proposta de modo a resolver estas questões, não aceito orientar-lhe a tese. Se decidir apresentar-me uma proposta revista, terá de o fazer num prazo de duas semanas. Agora, se me dá licença, tenho uma reunião que realmente vale o meu tempo. Boa-tarde.

Gabriel saiu abruptamente do Starbucks, deixando Christa em estado de choque a olhar para o vazio.

Ouvira parte do discurso de Emerson, claro, mas tinha outras coisas no pensamento. Em primeiro lugar, tinha de se vingar de Julia. Não sabia como nem quando. Mas havia de desfazer aquela cabra (metaforicamente falando) e de a esquartejar (também num sentido metafórico).

Em segundo lugar, iria rescrever a sua proposta de tese e conquistar a aprovação do professor Emerson.

Terceiro, redobraria os seus esforços de sedução. Agora que vira o professor zangado, queria, mais do que nunca, vê-lo zangado com ela — *mas nu*. Havia de o fazer mudar de ideias. Havia de vencer aquela fachada de pedra. Havia de o ter ajoelhado aos seus pés, a suplicar-lhe, e nessa altura...

Era evidente que os saltos de dez centímetros e o conjunto *Bordelle* não eram suficientes. Christa iria imediatamente a Holt Renfrew para comprar um vestido novo. Algo europeu. Algo *sexy*. Algo *Versace*.

Depois iria ao Lobby, onde o seu terceiro esquema seria posto em prática...

No *penthouse* de um hotel em Florença, havia roupas caídas pelo chão da sala, como um rasto de migalhas de pão, entre a porta e uma parede que já não estava vazia. Gemidos ritmados pairavam no ar, flutuando sobre uns elegantes sapatos de homem, um sutiã preto, um fato feito por medida atirado para cima de uma mesa de café, um vestido de tafetá amarrotado num charco azul-santorini...

Um detetive teria notado a ausência de umas cuecas e de uns sapatos de senhora.

Respirava-se o perfume de flores de laranjeira e *Aramis*, à mistura com o odor almiscarado de suor e pele nua. Estava escuro. Nem a luz do luar que vinha do terraço alcançava a parede onde dois corpos nus se abraçavam. O homem estava de pé, suportando a mulher, cujas pernas lhe rodeavam a cintura.

— Abre os olhos. — O pedido de Gabriel foi pontuado por uma cacofonia, pele roçando em pele, gemidos desesperados abafados por lábios, o server rápido de oxigénio, a fricção ligeira das costas de Julia na parede.

Julia ouvia Gabriel gemer a cada impulso, mas não conseguia falar, concentrada como estava numa única sensação: *prazer*. Era o que sentia a cada movimento do seu amante, e delirava até com a fricção do peito dele no seu, e com o toque das suas mãos enquanto a sustinha. Julia dançava à beira da satisfação, ofegando de expectativa, esperando o movimento que a faria mergulhar. Quase, quase, quase...

— Estás... bem? — Gabriel arquejava, e a sua pergunta terminou num grito, quando Julia rodou ligeiramente os tornozelos e os seus saltos agulha se lhe fincaram nas nádegas.

Atirando a cabeça para trás, Julia balbuciou incoerentemente ao atingir o orgasmo, quando ondas intensas se lhe propagaram através dos nervos até o seu corpo inteiro vibrar. Gabriel apercebeu-se, claro, e seguiu-a de perto; dois impulsos fortes e, encostando a boca ao pescoço dela, gritou o seu nome, sentindo todo o seu corpo tremer.

— Deixaste-me preocupado — murmurou-lhe, depois. Deitou-se de costas no centro da espaçosa cama branca, enquanto Julia se aninhava ao seu lado, sonolenta, pousando-lhe a cabeça sobre a tatuagem.

— Porquê?

— Não abrias os olhos. Não falavas. Fiquei com medo de estar a magoar-te.

A mão de Julia deslizou-lhe pelo abdómen, sentindo os escassos pelos abaixo do umbigo, acariciando-o preguiçosamente.

— Não me magoaste. Desta vez, foi diferente... mais intenso. De cada vez que te movias, a sensação era incrível. Não conseguia abrir os olhos.

Gabriel sorriu para consigo, aliviado, e beijou-lhe a testa.

— Naquela posição, o contacto é mais profundo. E depois de todos aqueles preliminares no museu... Não consegui largar-te durante o jantar.

— Isso foi porque sabias que eu estava sem cuecas.

— Isso foi porque te desejo. Sempre. — Esboçou um sorriso.

— Cada vez contigo é melhor do que a anterior — segredou-lhe Julia.

A expressão de Gabriel tornou-se ansiosa.

— Mas nunca dizes o meu nome.

— Digo o teu nome a toda a hora. Qualquer dia ainda te fartas e me pedes que te arranje uma alcinha qualquer, como Gabe, ou Dante, ou *O Professor*.

— Não é a isso que me refiro. Nunca dizes o meu nome quando... quando te vens.

Julia levantou o queixo e olhou-o. A sua expressão combinava com o tom em que falara. Gabriel parecia melancólico, vulnerável. A máscara confiante caíra por instantes.

— Para mim, o teu nome é sinónimo de “orgasmo”. Vou começar a chamar-lhes *Emergasmos*.

Gabriel riu com vontade, uma gargalhada que lhe sacudiu o peito e obrigou Julia a sentar-se na cama. Riu com ele, grata por aquele momento de melancolia ter passado.

— Tem um excelente sentido de humor, menina Mitchell. — Levantou-lhe o queixo para poder beijá-la nos lábios uma vez mais, depois do que se recostou nas almofadas e caiu no sono.

Julia ficou acordada ainda algum tempo, contemplando o rapazinho ansioso e inseguro que se revelava em momentos raros e inesperados.

Na manhã seguinte, Gabriel mimou Julia com o seu pequeno-almoço favorito no Café Perseo, uma elegante gelataria na Piazza Signoria. Sentaram-se no interior, porque as temperaturas habituais de dezembro tinham regressado, e estava um tempo chuvoso e frio.

Podia-se olhar para a praça todo o dia, todos os dias, a ver o mundo passar lá fora. A praça era delimitada por edifícios antigos; a Galeria Uffizi ficava ao dobrar da esquina. Havia uma fonte impressionante e belas estátuas, incluindo uma cópia do *David* de Miguel Ângelo e uma estátua de Perseu segurando a cabeça da Medusa diante de uma bela arcada.

Julia evitou admirar Perseu enquanto comia o seu gelado. Gabriel evitou olhar para as legiões de belas mulheres florentinas para contemplar a sua

amada. Sofregamente.

— De certeza que não queres provar? A framboesa liga muito bem com o limão. — Estendeu-lhe uma colher com os dois sabores misturados.

— Oh, claro que quero provar. Mas não disse. — Os olhos de Gabriel cintilavam. — Prefiro algo um pouco mais *exótico*. — Empurrou a sua chávena de café para o lado para segurar a mão de Julia. — Obrigado pela noite passada e por esta manhã.

— Acho que eu é que devia agradecer-lhe, professor. — Apertou-lhe a mão e voltou a concentrar-se no seu pequeno-almoço. — Admira-me que o contorno do meu corpo não tenha ficado na parede do nosso quarto — disse, rindo e estendendo a Gabriel uma colherada de gelado.

Ele aceitou, e quando o viu passar a língua pelos lábios, Julia sentiu-se aturdida. Veio-lhe ao pensamento uma série de imagens dessa manhã. E uma delas ficou.

Ó deuses dos namorados-deuses-do-sexo que gostam de dar prazer às suas amantes, obrigada por esta manhã.

Engoliu com força.

— Sabes, foi a minha primeira vez.

— Não será a última. Prometo. — Gabriel lambeu os lábios provocadoramente, querendo vê-la estremecer.

Julia inclinou-se para lhe dar um beijo na cara, mas Gabriel não se contentava com tão pouco. Pôs-lhe uma mão na nuca e puxou-a para si.

A boca dela estava doce do gelado e tinha o sabor único de Julia. Gabriel gemeu ao libertá-la, desejando poder levá-la de volta para o hotel, para uma repetição da noite anterior, ou talvez para o museu...

— Posso fazer-te uma pergunta? — Julia pôs-se a revolver a colher na taça, para não ter de o encarar.

— Claro.

— Porque disseste que eu era tua noiva?

— *Fidanzata* tem vários significados.

— O principal significado é “noiva”.

— *Ragazza* não exprime a profundidade da nossa ligação. — Gabriel contorcia os dedos nos seus sapatos novos, apertados, e contraiu os lábios, enquanto pensava no que dizer a seguir, se é que devia sequer falar. Optou por ficar em silêncio, remexendo-se na cadeira.

Julia notou aquilo que julgou ser um desconforto físico.

— Desculpa pelos meus saltos.

— O quê?

— Vi as marcas nas tuas nádegas, quando estavas a vestir-te, esta manhã. Não queria magoar-te.

Gabriel fez um sorriso malicioso.

— Ossos do ofício para quem é obcecado por saltos altos. Suporto os meus ferimentos de amor com orgulho.

— Vou ter mais cuidado, da próxima vez.

— Espero bem que não tenhas.

Julia abriu muito os olhos ao aperceber-se do súbito lampejo de paixão nos olhos dele.

Gabriel beijou-a e depois segredou-lhe ao ouvido:

— Vou comprar-te umas botas com saltos ainda mais altos, e depois quero ver o que consegues fazer com elas.

Enquanto atravessavam a Ponte Vecchio debaixo do mesmo guarda-chuva, Gabriel insistiu em levá-la de loja em loja, tentando-a a aceitar uma joia extravagante de presente: reproduções etruscas, moedas romanas, colares de ouro. Mas Julia limitava-se a sorrir e recusava todas as sugestões, apontando os brincos de Grace e dizendo que aquela joia era mais do que suficiente. O seu desprendimento dos bens materiais apenas fazia Gabriel querer acumulá-los aos seus pés.

Quando chegaram ao centro da ponte, Julia segurou-o pelo braço e conduziu-o até ao muro, para apreciarem o Arno.

— Há algo que podias comprar-me, Gabriel.

Ele fitou-a, intrigado, notando como o ar fresco de Florença lhe afogueava a pele. Julia era bondade, luz, calor e suavidade. Mas terrivelmente teimosa.

— É só dizeres.

Julia passou a mão pela barreira que a separava do extremo da ponte.

— Quero tirar a minha cicatriz.

Gabriel quase ficou surpreso. Sabia que Julia tinha vergonha da marca deixada pelos dentes de Simon. Ainda nessa manhã a vira a aplicar base sobre a cicatriz, e apercebera-se das lágrimas nos seus olhos quando lhe perguntara se estava melhor.

Julia desviou o olhar.

— Não gosto de olhar para ela — continuou. — E também não gosto que tu tenhas de a ver. Quero que desapareça.

— Podemos procurar um cirurgião plástico em Filadélfia, quando lá formos, pelo Natal.

— Já vamos por tão pouco tempo... Não quero fazer isso ao meu pai. Nem à Rachel.

Gabriel passou o guarda-chuva para a outra mão e abraçou-a. Quando a beijou, os seus lábios deslizaram-lhe pelo pescoço, até encontrarem a cicatriz.

— Tenho muito gosto em fazer isso por ti, e muito mais. Basta pedires.

Mas também tenho um pedido a fazer-te.

— O quê?

— Gostava que falasses com alguém. Sobre aquilo por que passaste.

Julia baixou os olhos.

— Falo contigo.

— Quero dizer, alguém que não seja um imbecil. Posso pagar a um médico para te tirar a cicatriz da pele, mas ninguém pode tirar as marcas que tens por dentro. É importante estares consciente disso. Não quero que te sintas desapontada.

— Não vou ficar desapontada. E para de te insultares. Isso incomoda-me. Gabriel anuiu, dando-lhe razão.

— Acho que seria bom teres alguém com quem falar... sobre tudo. Sobre o Tom, a tua mãe, *ele*... e sobre mim. — Olhou-a com um ar triste. — Sou um homem difícil. Sei disso. Penso que ajudaria se falasses com alguém.

Julia fechou os olhos.

— Está bem, mas só se concordares em fazer o mesmo.

O corpo de Gabriel ficou tenso.

Julia abriu os olhos e começou a falar muito depressa.

— Sei que não queres e, acredita, compreendo-te. Mas se vou fazer isto, tu também tens de o fazer. Na noite passada ficaste mesmo zangado. E embora eu soubesse que não estavas zangado comigo, fui eu que tive de o suportar.

— Tentei compensar-te, depois — disse Gabriel, rangendo os dentes.

Julia acariciou-lhe a cara agitada.

— Claro que sim. Mas aflige-me que tenhas ficado tão transtornado só porque um estranho se atirou a mim. E aflige-me o facto de pensares que o sexo podia aliviar a tua raiva e marcar-me como tua.

Gabriel sentiu-se chocado, pois nunca interpretara as suas ações daquela forma.

— Nunca seria capaz de te magoar — disse, apertando-lhe a mão.

— Eu sei.

Gabriel parecia perturbado, e o pânico nos seus olhos persistiu mesmo quando Julia lhe afagou o cabelo.

— Somos um belo par, não achas? Com as nossas marcas e as nossas histórias e todos os nossos problemas. Um romance trágico, parece-me. — Julia sorriu e tentou ver o lado positivo da situação.

— A única tragédia seria perder-te — disse Gabriel, beijando-a nos lábios.

— Só me perdes se deixares de me amar.

— Nesse caso, sou um homem de sorte. Poderei ficar contigo para

sempre.

Beijou-a mais uma vez e rodeou-a com os seus braços.

— Tive de fazer terapia quando fui para a reabilitação. Depois, continuei a ser seguido por um psicólogo ainda durante cerca de um ano, para além das reuniões de autoajuda semanais. Já passei por tudo isso.

Julia franziu o sobrolho.

— Estás em recuperação e não vais às reuniões. Não tenho dito grande coisa a esse respeito, mas é um problema sério. Além disso, continuas a beber.

— Era viciado em coca, não era alcoólico.

Julia hesitou, procurando o olhar dele. Era como se tivesse descoberto um mapa medieval onde o limite do mundo estava assinalado com as palavras *além haverá dragões*.

— Ambos sabemos que os Narcóticos Anónimos aconselham vivamente as pessoas com problemas de dependência a não beberem. — Suspirou. — Por muito que tente ajudar-te, há coisas que me ultrapassam. E por muito que goste do sexo contigo, não quero tornar-me a tua nova droga de eleição. Não posso resolver os problemas.

— É isso que pensas? Que uso o sexo para resolver problemas? — A pergunta de Gabriel era sincera, pelo que Julia resistiu ao impulso de responder com sarcasmo.

— Penso que costumavas fazer sexo para tentares resolver os teus problemas. Tu próprio mo disseste, não te lembras? Usavas o sexo para lutares contra a solidão. Ou para te castigares.

Uma sombra atravessou o olhar de Gabriel.

— Não é assim, contigo.

— Mas quando uma pessoa não está bem, os antigos padrões de comportamento tendem a ressurgir. Acontece o mesmo comigo; simplesmente, os meus mecanismos para lidar com isso são diferentes. — Beijou-o suavemente, mas durante tempo suficiente para que o pânico o abandonasse e para que Gabriel a beijasse de volta.

Depois, ficaram abraçados até Julia decidir quebrar o silêncio.

— A tua palestra, na noite passada, fez-me lembrar de algo. — Tirou o telemóvel da mala e procurou rapidamente entre as fotografias. — Olha.

Gabriel pegou no telemóvel e olhou para a fotografia de um magnífico quadro, onde Santa Francesca Romana embalava uma criança com a ajuda da Virgem Maria, sob o olhar de um anjo.

— É lindo — disse Gabriel, devolvendo-lhe o telemóvel.

— Gabriel — murmurou Julia numa voz suave. — Olha para a imagem.

Ele assim fez. E uma estranha sensação invadiu-o.

Julia começou a falar baixinho.

— Sempre adorei esta pintura. Achava que era por causa das semelhanças entre Gentileschi e Caravaggio. Mas é mais do que isso. A peste levou alguns dos filhos de Santa Francesca. Supostamente, o quadro retrata uma das suas visões do que aconteceu a essas crianças.

Procurou o olhar de Gabriel, para ver se ele estava a acompanhá-la. Mas Gabriel não compreendera.

— Quando olho para esta pintura, penso na tua filha, na Maia. A Grace segura-a nos seus braços, rodeada de anjos. — Julia apontou as figuras no quadro. — Vês? O bebé está em segurança e é amado. É assim o Paraíso. Não tens de te preocupar.

Julia olhou-o. Olhou para o rosto lindo e sofrido de Gabriel. Viu que ele tinha lágrimas nos olhos.

— Desculpa. Desculpa... Estava a tentar consolar-te. — Pôs-lhe os braços em redor do pescoço, apertando-o contra si.

Passados instantes, Gabriel enxugou os olhos e escondeu a cara no cabelo dela, grato e aliviado.

Na tarde seguinte parou de chover. Então, o casal apanhou um táxi para Piazzale Michelangelo, de onde se obtinha uma vista deslumbrante da cidade. Poderiam ter apanhado um autocarro como as pessoas comuns, mas Gabriel não era uma pessoa comum.

(Poucos especialistas em Dante o são.)

— Que dizia a Rachel no *e-mail* que te enviou? — perguntou Gabriel, enquanto admiravam a cúpula do Duomo.

Julia pôs-se a tamborilar.

— Ela e o Aaron queriam saber como estávamos. Queriam saber se estávamos felizes.

Gabriel estreitou os olhos.

— Só isso?

— Hum, não.

— Que mais?

Julia encolheu os ombros.

— Diziam que o Scott tem uma nova namorada.

— Ainda bem para o Scott — disse Gabriel, dando uma risadinha. — Mais alguma coisa?

— Porque perguntas?

Ele pôs a cabeça de lado.

— Porque percebo quando estás a tentar esconder-me coisas.

Gabriel começou a passar uma mão sobre a pele macia da cintura de Julia, uma zona onde ela tinha cócegas.

— Não vais fazer isso em público.

— Ah, isso é que vou. — Com um sorriso travesso, começou a mover deliberadamente os dedos.

Julia começou a rir, contorcendo-se e tentando escapar-lhe, mas Gabriel segurou-a junto a si.

— Vamos lá, Julianne. Que disse a Rachel?

— Para de me fazer cócegas — arquejou Julia — e eu conto-te.

Gabriel parou.

Julia respirou fundo.

— Ela queria saber se nós... eh... estávamos a dormir juntos.

— Ah, sim? — Esboçou um sorriso. — E que respondeste?

— A verdade.

Gabriel fitou-a.

— Mais alguma coisa?

— Ela queria saber se estavas a portar-te como deve ser e se eu estava feliz. E eu respondi que sim a ambas as perguntas. — Julia hesitou por um momento, perguntando-se se deveria mencionar o *e-mail* de um certo rapaz de Vermont.

— Mas não é tudo. Podes continuar. — Gabriel continuava com o seu sorriso indulgente.

— Bem, também tive notícias do Paul.

Gabriel ficou subitamente carrancudo.

— O quê? Quando?

— No dia da palestra.

— E porque não me disseste antes? — perguntou, irritado.

— Por isto mesmo — retorquiu Julia, apontando a cara dele, onde a irritação era visível. — Sabia que ias ficar aborrecido, e não queria perturbar-te quando terias de falar para uma sala cheia de gente importante.

— Que dizia ele?

— Que aceitaste a proposta de tese da Christa.

— E que mais?

— Desejou-me um feliz Natal e disse que ia enviar-me algo para Selinsgrove.

As narinas de Gabriel abriram-se.

— Porque havia ele de fazer isso?

— Porque é meu amigo. E provavelmente é xarope de ácer, que eu terei muito gosto em dar ao meu pai. O Paul sabe que eu tenho um namorado e que estou muito, *muito* feliz. Se quiseres, mostro-te o *e-mail*.

— Não é necessário — retorquiu Gabriel, apertando os lábios.

Julia cruzou os braços junto ao peito.

— Não te importaste que eu estivesse com o Paul quando a professora

Tortura andava por perto.

— Isso foi bastante diferente. E não me apetece especialmente voltar a falar sobre *ela*.

— É fácil para ti dizer isso. Não passas a vida a dar de caras com pessoas com quem eu tenha dormido.

Gabriel lançou-lhe um olhar furioso.

Julia pôs uma mão à frente da boca.

— Desculpa. O que disse foi horrível.

— Como certamente estarás lembrada, já me cruzei com, pelo menos, uma pessoa com quem estiveste sexualmente envolvida.

Gabriel virou costas e afastou-se, aproximando-se da beira do miradouro. Julia deu-lhe algum tempo para se acalmar, depois foi ter com ele e, cautelosamente, entrelaçou o seu dedo mindinho no dele.

— Desculpa.

Gabriel não respondeu.

— Obrigada por me teres livrado do Simon.

Gabriel continuava furioso.

— Sabes que eu tenho um passado. Tencionas passar a vida a lembrar-me disso?

Julia baixou os olhos para os sapatos.

— Não.

— Esse comentário foi indigno de ti.

— Desculpa.

Gabriel não desviou o olhar da cidade que se estendia à sua frente. Telhados vermelhos brilhando ao sol, a cúpula de Brunelleschi dominando a vista.

Julia decidiu mudar de assunto.

— A Christa estava com um comportamento estranho no teu último seminário. Parecia ressentida. Achas que sabe de nós?

— Está zangada porque não correspondi aos seus avanços ultrajantes. Mas cumpriu o prazo para a entrega da proposta revista e o trabalho estava aceitável.

— Então, ela não estava a... chantagear-te?

— Nem todas as mulheres são tuas rivais — ripostou Gabriel, afastando a mão dela.

Julia esbugalhou os olhos, surpresa.

— E esse comentário é indigno de *ti*.

Passados instantes, a ira dissipou-se do rosto de Gabriel, e os seus ombros curvaram-se.

— Perdoa-me.

— Não vamos desperdiçar o tempo a discutir.

— Combinado. Mas não gosto da ideia de o Paul te enviar mensagens. Embora ache que podias ter tipos piores como amigos — disse Gabriel, num tom invulgarmente afetado.

Julia sorriu e deu-lhe um beijo na cara.

— Aí está o professor Emerson que conheço e que amo.

Gabriel pegou no telemóvel para fotografar Julia com aquela maravilhosa vista por fundo. Julia ria, e Gabriel tirava uma fotografia após outra, quando o telefone começou a tocar. As não muito agradáveis badaladas do Big Ben ressoaram entre eles.

Julia desafiou-o com o olhar.

Gabriel fez uma careta e puxou-a para um beijo intenso. Segurou-lhe a cara com ambas as mãos, afastando-lhe os lábios e introduzindo delicadamente a língua na boca dela.

Julia retribuiu o beijo, pondo-lhe os braços em volta da cintura e puxando-o para si. E durante todo esse tempo, o Big Ben continuava a tocar.

— Não vais atender? — perguntou Julia, mal teve oportunidade.

— Não. Já te disse, não vou falar com ela.

Beijou-a novamente, desta vez por um instante apenas.

— Tenho pena dela — disse Julia.

— Porquê?

— Porque concebeu uma criança contigo. Porque ainda te quer e te perdeu. Se eu te perdesse para outra pessoa, ficaria destróçada.

Gabriel bufou de impaciência.

— Não vais perder-me. Para com isso.

Julia sorriu, hesitando.

— Eh... há uma coisa que preciso de dizer.

Gabriel recuou.

— Digo-o porque me preocupo contigo. Quero que saibas isso. — Olhou-o, ansiosa. — Tenho pena da Paulina, mas é evidente que ela tem usado o que aconteceu para te manter na sua vida. Pergunto-me se não arranjará sarilhos só para ires salvá-la. Acho que já é tempo de ela se ligar emocionalmente a outra pessoa. A alguém por quem possa apaixonar-se.

— Não discordo — disse Gabriel, bruscamente.

— E se ela não puder ser feliz até se libertar de ti? Tu libertaste-te dela e encontraste-me a mim. Talvez devesse quebrar o elo, para ela poder encontrar a sua própria felicidade.

Gabriel anuiu, de semblante carregado, e beijou-a na testa, mas não disse mais nada sobre o assunto.

O resto das férias em Florença foi feliz, uma espécie de lua-de-mel.

Visitavam várias igrejas e museus durante o dia, entre regressos ao hotel, onde faziam amor, por vezes devagar, por vezes intensamente. Todas as noites Gabriel escolhia um restaurante diferente para o jantar, depois do que regressavam a pé ao hotel, detendo-se numa das pontes para namorarem como adolescentes sob o ar frio da noite.

Na última noite que passaram em Florença, Gabriel levou Julia ao Caffé Concerto, um dos seus restaurantes favoritos, situado na margem do Arno. Passaram várias horas num jantar de vários pratos, conversando tranquilamente sobre as férias que tinham passado e sobre a relação sexual que sentiam evoluir. Ambos confessaram que a semana anterior fora, de certa forma, um despertar: para Julia, o despertar para os mistérios de *eros*; para Gabriel, um despertar para os mistérios dos quatro tipos de amor interligados.

Durante a conversa, Gabriel revelou finalmente a surpresa que tinha guardada. Alugara uma *villa* na Úmbria para a segunda semana de férias. Prometeu a Julia que a levaria a Veneza e a Roma numa outra oportunidade, possivelmente no verão, quando visitassem Oxford.

Depois do jantar, Gabriel conduziu-a uma vez mais até ao Duomo.

— Preciso de te beijar — sussurrou, encostando o corpo dela ao seu.

Julia ia responder, ia pedir-lhe que a levasse para o hotel e que marcasse o seu corpo de um modo mais profundo, mas foi interrompida.

— Senhora linda! Uma moeda para um velhote... — disse uma voz, em italiano, dos degraus do Duomo.

Instintivamente, Julia afastou-se de Gabriel para ver quem falara. O homem continuou na sua súplica, pedindo dinheiro para comer.

Gabriel segurou-a pelo braço antes que ela pudesse aproximar-se dos degraus.

— Vamos embora, amor.

— Mas ele tem fome. E está tanto frio.

— A polícia não tarda a vir buscá-lo. Não querem vagabundos no centro da cidade.

— As pessoas são livres de se sentarem nos degraus de uma igreja. De um *santuário*... — disse Julia, ironizando.

— O santuário, no seu conceito medieval, já não existe. Os governos ocidentais aboliram-no, a começar pela Inglaterra, no século dezassete. — Gabriel reclamou ao vê-la abrir a mala e tirar uma nota de vinte euros da carteira.

— Isso tudo? — Franziu o sobrolho.

— É tudo o que tenho. E olha, Gabriel — disse Julia, apontando as muletas do homem.

— Uma artimanha como outra qualquer — resmungou Gabriel.

Julia fitou-o, desapontada.

— Eu sei o que é ter fome. — Deu um passo na direção do mendigo, mas Gabriel puxou-a para trás.

— Vai gastar o dinheiro em vinho ou em droga. Não estás a ajudá-lo.

— Até um drogado merece alguma bondade.

Gabriel deu um passo atrás.

— São Francisco de Assis não impunha condições para a sua caridade. Dava a quem quer que pedisse.

Gabriel rolou os olhos. Não tinha como vencer a discussão quando Julianne invocava São Francisco de Assis. Ninguém podia vencer um tal argumento

— Se lhe der alguma coisa, ele ficará a saber que alguém se importou com ele o suficiente para o ajudar. O que quer que ele faça com o dinheiro, o gesto, só por si, vale a pena. Não deves privar-me de uma oportunidade de dar. — Tentou rodear Gabriel, mas ele bloqueou-lhe o caminho. Tirou-lhe a nota da mão e acrescentou algo do seu próprio bolso, e foi entregar o dinheiro ao mendigo.

Os dois homens trocaram algumas palavras em italiano, e o mendigo soprou um beijo a Julia, tentando, em vão, apertar a mão de Gabriel.

Ao regressar para junto de Julia, Gabriel deu-lhe o braço e começaram a caminhar.

— Que te disse ele?

— Pediu-me que agradecesse ao anjo pela sua compaixão.

Julia deteve-se e beijou-o na testa, até o seu sobrolho franzido dar lugar a um sorriso.

— Obrigada.

— Não sou o anjo a quem ele se referia — resmungou Gabriel, beijando-a de volta.

Na manhã seguinte, uma limusina esperava o feliz casal junto à estação dos comboios de Perugia. O condutor levou-os pelas estradas sinuosas até uma propriedade nas proximidades de Todi, uma vila medieval.

— É esta a *villa*? — perguntou Julia, maravilhada, quando percorriam o longo caminho particular que levava a uma mansão no alto de uma colina. Tratava-se de um edifício de pedra de três andares, no meio de vários acres de terra sarapintados de ciprestes e oliveiras.

Gabriel indicou-lhe um vasto pomar que na estação quente dava figos, pêssegos e romãs. Abrigada junto à casa, via-se uma piscina panorâmica cercada de canteiros de alfazema. Julia quase conseguia sentir a fragrância do interior do carro, e decidiu imediatamente colher alguns ramos para perfumar os lençóis da cama onde iriam dormir.

— Gostas? — perguntou Gabriel, olhando-a ansiosamente para ver se a sua escolha lhe agradara.

— Adoro. Quando disseste que tinhas alugado uma *villa*, não imaginei um lugar tão opulento.

— Espera até veres o interior. Há uma lareira e uma piscina aquecida na varanda lá de cima.

— Não trouxe fato de banho.

— E quem falou em fato de banho? — Gabriel moveu as sobrancelhas sugestivamente, fazendo-a rir.

Ao fundo do caminho encontrava-se um *Mercedes* preto, para poderem visitar as terras circundantes, incluindo Assisi, um destino de particular interesse para Julia.

A governanta da *villa* abastecera a cozinha de comida e vinho. Julia revirou os olhos ao encontrar na despensa várias garrafas de sumo de arando importado.

O professor Gabriel “Superprotetor” Emerson volta a atacar.

— Que te parece? — perguntou ele, pousando-lhe as mãos na cintura, enquanto olhavam para a ampla cozinha totalmente equipada.

— É perfeita.

— Estava com receio de que não gostasses de um lugar tão isolado. Mas achei que seria bom passarmos algum tempo juntos em sossego.

Julia arqueou uma sobrancelha.

— O tempo que passamos juntos raramente é sossegado, professor.

— Isso é porque me deixas louco de desejo — disse Gabriel, com um

beijo apaixonado. — Vamos ficar em casa, esta noite. Podemos cozinhar juntos, se quiseres, relaxar junto à lareira...

— Parece-me uma boa ideia. — Julia beijou-o uma vez mais.

— Vou levar a bagagem lá para cima, enquanto dás uma volta pela casa. A piscina aquecida fica no terraço junto ao quarto principal. Encontramo-nos lá daqui a quinze minutos.

Julia aquiesceu com um sorriso.

— Ah, e... menina Mitchell?

— Sim?

— Nada de roupa durante o resto da noite.

Julia deu um guincho e correu escada acima.

A casa não só tinha uma encantadora decoração em tons de branco e creme, como exibia um quarto principal muito romântico, no segundo andar, dominado por uma cama de dossel. Julia deu por si a experimentar a cama só por alguns segundos, antes de levar o seu *nécessaire* para a casa de banho.

Tirou o estojo de maquilhagem e colocou o champô e o gel de banho no amplo polibã. Prendeu o cabelo ao alto e despiu-se, embrulhando-se numa toalha cor de marfim. Nunca nadara nua, mas estava ansiosa por experimentar.

Enquanto dobrava as suas roupas e as empilhava sobre a bancada, ouviu música vinda do quarto: “Don’t Know Why”, de Norah Jones. Gabriel pensava em tudo.

A voz dele junto à porta da casa de banho veio confirmar isso mesmo.

— Trouxe uns aperitivos e uma garrafa de vinho, para o caso de teres fome. Vemo-nos lá fora.

— Vou ter contigo daqui a um minuto.

Julia olhou-se ao espelho. Tinha os olhos brilhantes de expectativa e as faces rosadas, com um aspeto saudável. Estava apaixonada. Feliz. E (pensou) estava prestes a batizar aquela piscina aquecida com o seu amor, sob um céu umbriano que escurecia.

A caminho do terraço, viu as roupas de Gabriel penduradas nas costas de uma cadeira. O ar frio da noite entrava pela porta aberta, despenteando-lhe o cabelo, deixando a sua pele ainda mais rosada. Gabriel estava nu, à sua espera.

Julia saiu para o terraço e esperou que ele se voltasse para ela. Então, deixou cair a toalha.

Perto de Burlington, Vermont, Paul Virgil Norris estava a embrulhar presentes de Natal à mesa da cozinha: presentes para os pais, para a irmã e,

finalmente, para a mulher por quem o seu coração palpitava.

Seria, talvez, inesperado ver um jogador de rãguebi de noventa quilos rodeado de fitas e papel de embrulho de Natal, tirando meticulosamente medidas antes de levar a tesoura ao papel. Um boião de xarope de ácer, uma vaca Holstein de peluche e um par de figuras de ação encontravam-se orgulhosamente alinhados à sua frente. As figuras eram invulgares, algo que ele encontrara numa livraria de banda desenhada em Toronto. Era suposto um dos bonecos representar Dante, vestido de cruzado, com a cruz de São Jorge na armadura de malha, enquanto o outro era um anacronismo de Beatriz, com cabelo louro, olhos azuis e um vestido de princesa medieval.

Infelizmente, a companhia de brinquedos esquecera-se de criar uma figura de ação de Virgílio. Ao que parecia, Virgílio não era digno de *ação*. Paul discordava, pelo que decidiu escrever à empresa a chamar a atenção para aquele esquecimento lamentável.

Embrulhou todos os presentes e colocou-os numa caixa de cartão com plástico-bolha. Escreveu algumas palavras num cartão de Natal, tentando desesperadamente que o tom fosse casual, de modo a ocultar os seus sentimentos cada vez mais fortes, e fechou a caixa com fita-adesiva, dirigindo-a numa letra bem legível à menina Julianne Mitchell.

Depois de um final de tarde muito agradável na piscina aquecida, Gabriel preparou um jantar tipicamente umbriano. *Bruschetta con pomodoro e basilico*, massa *tagliatelle* em azeite e trufas pretas da propriedade, e serviu ainda um prato de queijos artesanais e pão da região. Comeram até não poderem mais, rindo e bebendo um delicioso vinho branco de Orvieto, à luz de velas. Depois do jantar, Gabriel improvisou uma cama de mantas e almofadas no chão da sala, à frente da lareira.

Ligou o seu *iPhone* à aparelhagem, para poderem continuar a ouvir a sua coletânea *Amar Julianne*. Sentaram-se no chão, abraçados, a terminar o vinho, envolvidos por cantos medievais. Estavam nus, embrulhados em cobertores, e não se importavam com a nudez.

— Esta música é linda. O que é? — Julia fechou os olhos, concentrando-se nas vozes femininas, que cantavam *a cappella*.

— “Gaudete”, Mediaeval Baebes. É uma canção de Natal.

— É um nome estranho para uma banda.

— São muito bons. Vi-os ao vivo da última vez que estiveram em Toronto.

— Ah, sim?

Gabriel fez um sorriso afetado.

— Estará com ciúmes, menina Mitchell?

— Devia estar?

— Não. O meu coração está preenchido. Completamente.

Pararam de falar sobre o fundo de vozes celestiais e começaram a beijar-se. Os seus corpos nus não tardaram a encontrar-se junto à lareira.

Sob o brilho laranja das chamas, Julia fez Gabriel deitar-se de costas e sentou-se sobre as suas ancas. Sorrindo, ele deixou-a conduzi-lo, satisfeito com aquela nova confiança.

— Ficar por cima não é assim tão assustador, pois não?

— Não. Mas agora sinto-me mais à vontade contigo. Acho que aquele episódio de sexo contra a parede, no hotel, me ajudou a vencer inibições.

Gabriel perguntou-se que outras inibições poderia fazê-la vencer com vários tipos de sexo... no duche, por exemplo. Ou talvez, o santo graal da cumplicidade doméstica, *sexo sobre a mesa da cozinha*.

A voz dela interrompeu-lhe os pensamentos.

— Quero dar-te prazer.

— E dás. Muito.

Julia tocou-o ao de leve na virilha.

— Com a boca. Sinto-me mal por não ter conseguido retribuir a tua gentileza.

O corpo de Gabriel reagiu ao seu sussurrar e ao seu toque hesitante.

— Julianne, aqui não há *quid pro quo*. Faço o que faço porque quero. — Esboçou um sorriso. — Mas já que te ofereces...

— Sei que é o que os homens preferem.

Gabriel encolheu os ombros.

— Estar dentro de ti será sempre o melhor de tudo. Em comparação, tudo o resto só pode ser considerado um *aperitivo*. — Piscou-lhe o olho maliciosamente, acariciando-lhe a anca para enfatizar o que acabara de dizer.

— Esta é uma boa posição? Preferes ficar deitado ou...?

— Está ótimo assim — murmurou Gabriel, os olhos subitamente brilhantes.

— Penso que é melhor do que se me puser de joelhos — disse Julia, espreitando pelo canto do olho para ver como ele reagia.

— Precisamente. Eu, pelo contrário, tenho muito gosto em ajoelhar-me diante da minha Princesa para lhe dar prazer. Como já demonstrei.

Julia riu baixinho. Depois o seu sorriso esvaneceu-se.

— Tenho de te dizer uma coisa.

Ele olhou-a, intrigado.

— Tenho um reflexo de vômito.

— Ficaria preocupado se não tivesses — disse Gabriel, franzindo o sobrolho.

Evitando o olhar inquiridor com que ele a fixava, Julianne fez a sua mão descer um pouco mais.

— O meu reflexo é bastante forte.

Gabriel pousou a mão sobre a dela.

— Isso não será um problema, querida, prometo. — Apertou a mão de Julia na sua.

Ela desceu um pouco mais, e ele começou a revolver-lhe o cabelo, afagando-o.

Julia ficou petrificada.

Gabriel continuou a brincar distraidamente com o longo cabelo sedoso dela. Só passados instantes se apercebeu de que ela estava imóvel.

— Que foi?

— Por favor, não me segures na cabeça.

— Claro que não. — Gabriel parecia confuso.

Julia permanecia completamente imóvel, à espera. De quê, ele não sabia. Soltou-lhe o cabelo para poder levantar-lhe o queixo.

— Querida?

— Hum, é só porque *não quero vomitar em cima de ti*.

— O quê?

Julia baixou a cabeça.

— Já... me aconteceu... vomitar.

Gabriel olhou-a, incrédulo.

— Mas como... depois?

— Eh... não.

Gabriel ficou em silêncio por alguns momentos, depois os seus olhos estreitaram-se.

— Vomitaste por reflexo, ou porque aquele filho da mãe te segurou a cabeça?

Julia estremeceu, anuindo de modo quase impercetível.

Gabriel praguejou, espumando de raiva. Sentou-se de um salto e pôs-se a esfregar a cara com as mãos.

No passado, não fora meigo nas suas conquistas sexuais, mas orgulhava-se de ter conservado sempre um resquício de boas maneiras. Nem tanto quando andava a consumir cocaína. Apesar dos *Bacchanalia* em que participara, festas que por vezes se tinham aproximado da decadência de Roma, Gabriel nunca, *jamaís*, segurara a cabeça de uma mulher até ela vomitar. Ninguém fazia isso. Nem os traficantes nem os drogados com quem ele se dava faziam tal coisa, e não eram pessoas de princípios morais ou

qualquer tipo de escrúpulos. Só um cabrão incrivelmente doente, perverso e misógino conseguiria ter gozo ao humilhar uma mulher daquela forma.

E fazer algo semelhante a Julianne... que tinha aqueles olhos doces e uma alma linda. Uma criatura tímida, que se envergonhava até de ter um reflexo de vômito. O filho do senador tinha sorte em estar escondido na casa dos seus pais em Georgetown, com uma pena de prisão suspensa e uma medida cautelar de afastamento, ou Gabriel ter-lhe-ia aparecido à porta para terminarem o seu ajuste de contas. E teria acabado a conversa com mais do que uns quantos murros.

Afastou da cabeça aqueles pensamentos assassinos, pôs Julia de pé e enrolou-a num cobertor.

— Vamos lá para cima.

— Porquê?

— Porque não consigo ficar aqui sentado depois do que me contaste.

Julia corou de vergonha e os seus grandes olhos encheram-se de lágrimas.

— Vem cá. — Gabriel beijou-lhe a testa. — A culpa não é tua. Compreendes? Não fizeste nada de errado.

Julia sorriu, mas era claro que não acreditava no que ele lhe dizia.

Gabriel conduziu-a pela escada e através do quarto, fazendo-a entrar na casa de banho à sua frente e fechando a porta em seguida.

— Que estás a fazer?

— Algo agradável, espero. — Acariciou-lhe a cara com o polegar.

Gabriel abriu a torneira, regulou a temperatura da água e ajustou a pressão do chuveiro. Devagar, desenrolou o cobertor do corpo de Julia e segurou a porta do chuveiro para que ela entrasse, seguindo-a.

Julia parecia perplexa.

— Quero mostrar-te que te amo — sussurrou Gabriel. — Sem te levar para a cama.

— Leva-me para a cama — pediu Julia. — Assim, a nossa noite não ficará estragada.

— A nossa noite não está estragada — disse ele, num tom assertivo. — Mas raios me partam se alguém volta a magoar-te. — Com ambas as mãos, começou a acariciar-lhe o cabelo, revolvendo-o até que todos os fios estivessem molhados.

— Achas que estou suja.

— Longe disso. — Segurou-lhe na mão e pousou-a sobre a tatuagem no seu peito. — És o mais parecido com um anjo que eu alguma vez hei de tocar. — Sustentou o olhar dela sem pestanejar. — Mas penso que ambos precisamos de lavar o passado das nossas cabeças.

Puxando-lhe o cabelo para um dos lados, beijou-a no pescoço. Depois

deitou um pouco de champô de baunilha na palma da sua mão e começou a massajar a cabeça de Julia, suavemente, e em seguida os seus dedos deslizaram pelos fios ondulados até às extremidades. Foi tão cuidadoso quanto possível nos seus movimentos. Se alguma vez tivera uma oportunidade, um ato, para demonstrar a Julia que o seu amor por ela era muito mais profundo do que uma paixão sexual, aquele era o momento.

Quando começou a relaxar, Julia lembrou-se da mãe, numa das poucas memórias felizes que tinha dela. Era pequena e a mãe estava a lavar-lhe o cabelo na banheira, e riam juntas. Lembrava-se de que a mãe sorria.

Ter Gabriel a lavar-lhe o cabelo era muito melhor. Era uma experiência profundamente afetuosa, muito íntima. Estava nua diante do homem que amava, enquanto ele lavava a sua vergonha.

Gabriel também estava nu, mas teve o cuidado de lhe dar espaço, e de não deixar que a sua ereção, algo embaraçosa, a tocasse. Naquele momento, não se tratava de sexo, mas de fazer Julia sentir-se amada.

— Desculpa-me por estar tão emocional — disse Julia em voz baixa.

— É suposto o sexo ser emocional. Não tens de esconder os teus sentimentos de mim. — Pôs-lhe os braços em redor da cintura, abraçando-a. — O que está a acontecer entre nós afeta-me profundamente. Estes últimos dias têm sido os mais felizes da minha vida.

Pousou o queixo no ombro dela.

— Quando tinhas dezassete anos, também foste tímida comigo, mas não me lembro de estares tão ferida.

— Devia tê-lo deixado da primeira vez que foi cruel. — A voz de Julia tremia. — Mas não o deixei. Não soube defender-me, e as coisas foram piorando.

— Não tiveste culpa.

Julia encolheu os ombros.

— Continuei com ele. Agarrei-me à época em que ele fora encantador e atencioso, esperando que os maus tempos passassem. Sei que o que te contei te deixou nauseado, mas acredita, Gabriel, ninguém poderia ficar tão repugnado comigo como eu própria.

— Julia — gritou, obrigando-a a encará-lo. — Não me sinto repugnado contigo. Não me interessa o que fizeste; ninguém merece ser tratado assim. Estás a ouvir-me? — Os olhos de Gabriel eram agora chamuscas de um azul intenso, perigoso.

— Queria dar-te prazer. Mas nem isso consegui fazer — disse Julia, cobrindo a cara com as mãos.

Gabriel agarrou-lhe os pulsos, fazendo-a baixar as mãos.

— Escuta-me. Porque nos amamos, tudo o que acontece entre nós,

incluindo o sexo, é uma dádiva. Não um direito, ou uma obrigação, mas uma dádiva. Agora tens-me ao teu lado. Esquece-o.

— Ainda ouço a voz dele na minha cabeça. — Julia enxugou uma lágrima.

Gabriel abanou a cabeça e puxou-a para o centro do jato do chuveiro, para que a água quente os cobrisse.

— Lembras-te do que disse na minha palestra sobre a *Primavera* de Botticelli?

Julia anuiu.

— Há quem pense que o quadro tem a ver com o despertar sexual, que é, em parte, uma alegoria para um casamento arranjado. No início, Flora é virgem e tem medo. Quando está grávida, parece serena.

— Pensava que Zéfiro a tinha violado.

Os maxilares de Gabriel apertaram-se.

— Violou. Depois apaixonou-se e casou com ela, transformando-a na deusa das flores.

— Não é a melhor alegoria para o casamento.

— Tens razão, não é. — Engoliu ruidosamente. — Julia, embora algumas das tuas experiências tenham sido traumáticas, ainda podes ter uma vida sexual que te preencha. Quero que saibas que estás segura nos meus braços. Não quero que faças nada de que não gostes, incluindo sexo oral.

Gabriel pôs-lhe um braço em redor da cintura, vendo a água quente correr sobre os seus corpos nus antes de se derramar no chão do polibã.

— Só começámos a ter sexo há uma semana. Temos a vida inteira para nos amarmos, de múltiplas formas.

Em silêncio, carinhosamente, Gabriel ensaboou-lhe a nuca e os ombros com uma esponja. Seguiu-lhe as linhas dos ombros e da coluna, detendo-se regularmente para beijar as zonas já sem espuma.

Lavou-lhe o fundo das costas e as duas covinhas por sobre o traseiro. Sem hesitação, ensaboou ambas as nádegas e massajou-lhe as coxas. Prosseguiu lavando-lhe os pés, apoiando a mão de Julia no seu ombro, para que ela não se desequilibrasse, enquanto lhe ensaboava os dedos.

Nunca ninguém cuidara de Julia assim.

Depois, Gabriel deteve-se na parte da frente do pescoço e dos ombros. Lavou e acariciou os seios, pondo a esponja de lado para os beijar. Em seguida, tocou-lhe delicadamente entre as pernas, não sexualmente, mas de um modo reverente, passando água sobre a espuma acumulada sobre os caracóis escuros, e aí pousando também, por fim, os seus lábios.

Quando terminou, abraçou-a e beijou-a como um adolescente tímido, castamente e com toda a simplicidade.

— Estás a ensinar-me a amar, e penso que, de certa forma, também eu estou a ensinar-te a amar. Não somos perfeitos, mas podemos ser felizes. Não podemos? — Recuou para a olhar nos olhos.

— Sim — murmurou Julia, os olhos rasos de lágrimas.

Encostando-a ao seu peito, Gabriel escondeu a cara no pescoço dela, enquanto a água continuava a cair sobre ambos.

Emocionalmente exausta, Julianne dormiu toda a manhã, só acordando ao meio-dia. Gabriel fora tão generoso, tão meigo. Prescindira daquilo que Julia sempre julgara ser uma necessidade básica de um homem — sexo oral — e dera-lhe aquilo que só podia ser descrito como um banho libertador. O amor e a aceitação de Gabriel produziram o efeito transformador pretendido.

Quando abriu os olhos, Julia sentia-se mais leve, mais forte, mais feliz. Guardar sozinha o segredo de como *ele* a humilhara revelara-se um fardo pesado de mais. Agora, sem o peso da culpa, Julia sentia-se uma nova pessoa.

Pensou que seria, talvez, blasfémia comparar a sua experiência à do cristão em *The Pilgrim's Progress*, mas via uma óbvia semelhança entre a libertação do peregrino e a sua. *A verdade liberta-nos, mas é o amor que vence o medo.*

Ao longo dos seus vinte e três anos de vida, Julia não se apercebera de como a graça era subtil, e Gabriel, que se considerava um grande pecador, podia ser um veículo dessa graça. Tudo aquilo fazia parte da divina comédia de Deus — do sentido de humor de Deus que sustentava os mecanismos do universo. Os pecadores participavam na redenção de outros pecadores; a fé, a esperança e a caridade triunfavam sobre a descrença, o desespero e o ódio, enquanto Aquele que chamava as criaturas a Si observava e sorria.

Na última noite que passaram na Úmbria, Gabriel acordou de madrugada numa cama vazia. Aturdido, ainda meio a sonhar, esticou o braço para o lado de Julianne. Os lençóis não tinham calor.

Saindo da cama, encolheu-se ao sentir o chão de pedra sob os pés descalços. Enfiou uns *boxers* e desceu a escada, arranhando o cabelo despenteado. Havia luz na cozinha, mas nada de Julianne. Sobre o balcão estavam um copo de sumo de arando meio bebido e um resto de queijo numa cõdea de pão. Era como se ali tivesse estado um rato que, ao ser surpreendido, fugira, deixando para trás o seu repasto noturno.

Quando entrou na sala, Gabriel viu uma cabeça escura pousada no braço de um sofá almofadado, junto à lareira. Adormecida, Julianne parecia mais jovem e muito serena. Tinha a pele pálida, mas as faces e os lábios estavam rosados. Gabriel teve vontade de escrever um poema sobre a boca dela, e resolveu que o faria. Na verdade, a figura de Julianne fê-lo pensar em *Flaming June*, de Frederick Leighton. Tinha vestida apenas uma elegante camisa de noite de tom marfim. Uma das finas alças deslizara-lhe para o braço, deixando o ombro nu.

Fitando a sua pele suave e pálida, Gabriel não conseguiu impedir-se de lhe tocar. Beijou-lhe o ombro e agachou-se ao seu lado, enquanto uma das suas mãos lhe pairava sobre a cabeça. Por fim, afagou-lhe delicadamente o cabelo.

Julianne mexeu-se e abriu os olhos, pestanejando duas vezes antes de lhe sorrir.

Aquele sorriso lento, doce, incendiou o coração de Gabriel. A sua respiração acelerou-se. Nunca sentira nada de parecido por ninguém, e a intensidade dos seus sentimentos por Julianne surpreendia-o uma vez após outra.

— Olá — sussurrou-lhe, afastando-lhe o cabelo da cara. — Estás bem?

— Claro.

— Fiquei preocupado, quando te procurei e vi que não estavas na cama.

— Vim comer alguma coisa.

Gabriel franziu o sobrolho, pousando-lhe a mão ao de leve sobre a cabeça.

— E ainda tens fome?

— Não de comida.

— É a primeira vez que vejo isto. — Passou um dedo pelo decote da

camisa de noite de Julia, tocando-lhe os seios ao de leve.

— Comprei-a para a nossa primeira noite juntos.

— É muito bonita. Porque não a usaste?

— Tenho andado a usar todas as coisas que me compraste em Florença. Como é que a funcionária da loja lhes chamou? Corpetes e *bodies*? O seu gosto por roupa interior feminina é surpreendentemente antiquado, professor Emerson. Não tarda, compra-me um espartilho.

Gabriel riu-se e beijou-a.

— Hei de lembrar-me disso. Tens razão, prefiro peças que deixem mais à imaginação. Torna o despir muito mais agradável. Mas és igualmente encantadora com tudo e sem nada.

Julia acariciou-lhe a cara e puxou-o para si, para um beijo mais apaixonado. Os seus lábios deslizaram junto à garganta dele, até lhe chegarem ao ouvido.

— Vem para a cama — segredou-lhe.

Segurando-lhe a mão, conduziu-o através da cozinha, contornando a mesa, e trocaram um olhar atrevido antes de subirem a escada. Fê-lo sentar-se na beira da cama de dossel, ficando de pé à sua frente.

Depois, puxou as alças por sobre os ombros e a camisa de noite caiu-lhe aos pés, deixando-a nua.

Na penumbra do quarto, Gabriel contemplou o seu corpo tentadoramente sinuoso.

— És um argumento a favor da existência de Deus — murmurou ele.

— Como?

— A tua cara, os teus seios, essas tuas costas lindas. São Tomás de Aquino teria sido obrigado a acrescentar-te como a sua Sexta Via, se tivesse sido abençoado ao ponto de te ver. Deves ter sido *projetada*, e não apenas feita.

Julia baixou os olhos, corando.

Gabriel sorriu ao detetar o rubor nas suas faces.

— Estou a deixar-te inibida?

Em jeito de resposta, Julia deu um passo à frente e pousou uma das mãos de Gabriel sobre o seio dela.

Ele acariciou-o suavemente.

— Deita-te ao meu lado, para eu te abraçar.

— Quero que me ames.

Gabriel despiu os *boxers* e afastou-se um pouco, para que Julia se deitasse ao seu lado. Com a mão ainda a rodear-lhe o seio, começou a beijá-la, movendo a língua contra a dela.

— *Respiro-te* — murmurou-lhe. — És tudo. És o ar. — Acariciando-lhe

ambos os seios com os dedos, beijou-lhe o pescoço, os seus lábios deslizando para cima e para baixo, enquanto ela o incitava com mãos confiantes.

Julia empurrou-o delicadamente até ele ficar deitado, depois sentou-se-lhe sobre as ancas. Ele beijou-lhe os seios e começou a chupar um dos mamilos, enquanto a sua mão descia para a testar.

— Não estás preparada.

— Mas quero-te.

— Também te quero. Mas primeiro vou incendiar o teu corpo.

O desejo de Julia foi contrariado pela determinação de Gabriel em fazer com que ambos desfrutassem do sexo da mesma maneira. Ele preferia adiar a penetração e o prazer até Julia estar louca de desejo, em vez de precipitar o ato sem que ela estivesse suficientemente excitada.

Quando finalmente se uniram, Julia mergulhou em olhos azuis bem abertos. Com o nariz quase colado ao dele, começou a mover-se deliberadamente devagar, fechando os olhos para se concentrar no prazer, e abrindo-os de novo. A ligação era intensa. Azul-escuro, carregado de emoção, fitava sem pestanejar duas grandes castanhas. Cada movimento e cada anseio eram refletidos nos olhos de um e de outro.

— Amo-te — murmurou Gabriel, o seu nariz roçando o dela, à medida que o ritmo se acelerava gradualmente.

— Também te amo... — A última palavra de Julia foi seguida de um gemido.

Colou os lábios aos dele, movendo-se agora depressa. As suas línguas exploravam-se, afastando-se momentaneamente para dar lugar a gemidos e a confissões. As mãos de Gabriel deslizavam pelas costas de Julia e rodeavam-lhe a cintura. Segurando-a por baixo das nádegas, ergueu-a ligeiramente, aumentando o seu alcance.

Gabriel tornara-se um vício para Julia. Ela adorava o modo como se olhavam naqueles momentos, quando o mundo em volta ficava desfocado. Precisava que ele a amasse, precisava de o ter dentro de si, e ele fazia-a sempre sentir-se bela. Se lhe perguntassem, Julia teria dito que um orgasmo era uma dádiva suplementar, algo que vinha por acréscimo ao modo como se sentia quando estavam unidos.

Fazer amor, como a música ou o respirar ou o bater do coração, baseava-se num ritmo primordial. Gabriel aprendera a ler o corpo de Julia e a perceber a cadência que melhor se lhe ajustava, como uma luva colando-se à mão de uma senhora. Era um tipo de conhecimento simultaneamente pessoal e primário, o tipo de conhecimento a que se referiam os tradutores do rei Jaime quando escreveram a respeito de Adão *conhecer* a sua mulher. O misterioso conhecimento sagrado entre amantes — conhecimento que foi deturpado e

perverso em uniões menos virtuosas. O conhecimento que fazia com que o casamento não fosse apenas uma palavra.

Julia punha o seu conhecimento em prática, deleitando Gabriel com o seu corpo, uma e outra vez. E tê-lo dentro de si... era quente e emocionante, tropical e perfeito.

Gabriel estava perto, oh, tão perto. Olhou-a e viu os seus olhos também abertos. Cada movimento dela tinha a sua réplica no corpo dele. Cada movimento dava prazer a ambos.

Enquanto se olhavam, um gemido forte veio do peito de Julia, e no instante seguinte ela lançou a cabeça para trás, gritando o nome dele. Foi um momento único para Gabriel. Julianne dissera finalmente o seu nome. Gabriel não tardou a abandonar-se, gemendo alto enquanto o seu corpo se retesava e depois se descontraiu, as veias da testa e do pescoço avolumando-se e relaxando.

Uma união feliz, terna.

Julia não queria separar-se dele. Não queria senti-lo a deixar o seu corpo, e por isso enroscou-se sobre ele, olhando-o.

— Vai ser sempre assim?

Gabriel beijou-lhe o nariz.

— Não sei. Mas se o Richard e a Grace servem como exemplo, só há de melhorar com o tempo. Verei nos teus olhos o reflexo de todas as nossas alegrias e experiências partilhadas, e tu verás o mesmo nos meus. A nossa história vai tornar a nossa ligação melhor, mais profunda.

Julia anuiu, sorrindo; depois a sua expressão tornou-se triste.

— Que foi?

— Estou preocupada com o ano que vem.

— Porquê?

— E se não me aceitarem no programa de doutoramento em Toronto?

Gabriel franziu o sobrolho.

— Nem sabia que tinhas concorrido.

— Não queria deixar-te.

— Também não quero que me deixes, mas, Julianne, o programa de Toronto não serve para ti. Não terias ninguém com quem trabalhar. Eu não posso ser teu orientador, e duvido que a Katherine aceitasse um compromisso para vários anos.

Julia afligiu-se.

Gabriel acariciou-lhe a cara com um dedo.

— Pensei que querias ir para Harvard.

— É tão longe.

— Fica a um pequeno voo de distância. — Olhou-a, pensativo. —

Podemos ver-nos aos fins de semana e nas férias. Concorri a uma licença sabática. Talvez possa ficar contigo durante o primeiro ano.

— Terei de lá ficar seis anos. Ou mais. — Agora, Julia estava quase a chorar. Gabriel viu as lágrimas que lhe estremeciam nos olhos e sentiu um aperto no peito.

— Havemos de encontrar uma solução. — A sua voz tornara-se rouca. — Para já, temos de aproveitar o tempo que temos juntos. Deixa que seja eu a preocupar-me com o futuro. Hei de arranjar maneira de não ficarmos separados.

Julia abriu a boca para protestar, mas ele beijou-a.

— A vantagem de namorares com um homem mais velho, mais estabelecido, é eu poder dar-te mais espaço para te concentrares na tua carreira. O meu emprego há de ajustar-se ao teu.

— Isso não é justo.

— Extremamente injusto seria eu esperar que desistisses da carreira académica ou que te inscrevesses num programa aquém do teu valor. Não vou deixar que sacrifiques os teus sonhos por mim. — Fez um sorriso rasgado. — Agora, beija-me, e diz-me que confias em mim.

— Confio em ti.

Gabriel estreitou-a nos seus braços, suspirando, enquanto Julia pousava a cabeça no seu peito.

Christa Peterson estava na casa dos seus pais, no norte de Toronto, a ver o seu *e-mail*, alguns dias antes do Natal. Ignorara a sua caixa de chegada durante uma semana. Uma relação em que investira ao mesmo tempo que perseguia o professor Emerson chegara ao fim, pelo que Christa não passaria as férias de Natal a esquiar em Whistler, na Colúmbia Britânica, com o seu até então amante.

O bancário em questão rompera com ela por *e-mail*. Era de mau gosto, sem dúvida, mas de pior gosto ainda seria o *e-mail* de resposta que a aguardava, como uma bomba-relógio, na sua caixa de entrada.

Tendo-se fortalecido com um copo ou dois de champanhe *Bollinger*, que comprara para oferecer de presente ao imbecil que devia, supostamente, levá-la a esquiar, abriu o *e-mail*. E encontrou uma bomba. Não era, no entanto, a bomba por que esperara.

O *e-mail* do professor Pacciani deixou-a muito mais que espantada. Foi, na verdade, como se lhe tirassem o tapete de baixo dos pés.

A única mulher canadiana com quem vira o professor Emerson ter algum, ainda que contido, gesto de afeto fora a professora Ann Singer. Sim, Christa vira Emerson com várias mulheres no Lobby, mas nunca com a mesma mulher duas vezes. Era amável com outras professoras e funcionárias, mas de um modo estritamente profissional, cumprimentando-as sempre e apenas com um firme aperto de mão. A professora Singer, pelo contrário, fora brindada com dois beijos na cara depois da última palestra de Emerson.

Christa não queria reacender a sua relação com o professor Pacciani. O homem deixava muito a desejar num certo aspeto físico, e ela não tinha vontade de repetir encontros íntimos que sempre a tinham deixado frustrada e insatisfeita. Afinal, Christa tinha os seus padrões de exigência, e um homem que não atingisse, pelo menos, o tamanho do seu acessório de serviço pessoal não era digno de a comer.

(E Christa não se teria importado que a citassem.)

Decidida a obter mais informação sobre a noiva do professor Emerson, fingiu-se interessada num encontro com Pacciani na primavera seguinte e, subtilmente, perguntou o nome da senhora em questão. Depois desceu a escada e foi terminar o seu champanhe.

Na véspera de Natal, Julia estava sentada ao balcão do restaurante Kinfolks, em Selinsgrove, a almoçar com o pai. Gabriel fora fazer compras de última hora com Richard, e Rachel e Aaron tinham ido ao supermercado buscar o peru. Scott continuava em Filadélfia com a namorada.

Tom entregara escrupulosamente o presente de Paul a Julia. Ela colocara-o no chão, aos seus pés, e o embrulho reclamava agora a sua atenção, como um cachorrinho.

Julia acabou por abri-lo, achando que mais valia revelar o seu conteúdo ao pai do que ao namorado. Sorrindo, pôs o boião de xarope de ácer nas mãos de Tom, e ao ver a Holstein de peluche riu-se e deu-lhe um beijo, mas quando desembulhou as figuras de Dante e Beatriz, ficou muito pálida. Era como se Paul soubesse. No entanto, Paul não poderia ter adivinhado que Gabriel e Julia eram Dante e Beatriz um para o outro.

Enquanto Tom comia o prato do dia — peru recheado com puré de batata —, Julia abriu o cartão de Paul. Tinha um desenho de crianças a atirarem bolas de neve umas às outras e o típico “Feliz Natal” gravado na parte da frente. Mas foram as palavras escritas pela mão de Paul que puseram um nó na garganta de Julia.

Feliz Natal, Coelhinha.

Sei que foi um primeiro semestre difícil e gostaria de te ter ajudado mais quando precisaste. Sinto orgulho em ti por não teres desistido. Um grande abraço de Vermont do teu amigo, Paul.

P.S. Não sei se já ouviste “Wintersong” de Sarah McLachlan, mas parte da canção fez-me pensar em ti.

Julia não conhecia a canção a que Paul se referia, pelo que só podia examinar mais atentamente o desenho no cartão. No centro da luta de bolas de neve encontrava-se uma rapariguinha de cabelo escuro e comprido, com um casaco vermelho-vivo, a rir.

A citação, a imagem, o cartão, o presente — Paul tentara esconder os seus sentimentos, pensou Julia, mas aquele gesto traíra-o. Estava tudo na imagem da rapariga que ria e na canção que Julia escutaria mais tarde.

Julia suspirou, voltou a guardar os seus presentes e pousou a caixa novamente aos seus pés.

— Então, o Gabriel tem-te tratado bem? — Tom decidiu inquirir sobre a relação da filha entre duas garfadas de peru.

— Ele adora-me, pai. É muito bom para mim.

O pai abanou a cabeça, meditando em como as aparências o tinham

iludido: Simon parecia bom, mas Gabriel é que revelara sê-lo.

— Pois se ele mudar, só tens de me dizer — declarou, saboreando o puré de batata.

Julia quase rolou os olhos. Sim, era um pouco tarde para Tom se armar em pai superprotetor, mas mais valia tarde do que nunca.

— Esta manhã, quando chegámos, eu e o Gabriel passámos lá por casa. Vi o letreiro no relvado.

Tom pegou no guardanapo para limpar a boca.

— Pus a casa à venda há umas semanas.

— Porquê?

— Porque não? Não posso viver numa casa onde a minha filha não se sente segura.

— Mas tu crescestes naquela casa. Então, e tu e a Deb?

Tom encolheu os ombros e escondeu a cara atrás da sua chávena de café.

— Terminou.

Julia susteve a respiração.

— Não sabia. Que pena...

Tom continuou a beber o café, estoicamente.

— Tivemos algumas divergências de opinião. E os filhos dela não gostam de mim.

Julia pôs-se a remexer nos talheres, alinhando-os de modo a que as extremidades ficassem ao mesmo nível.

— A Deb tomou o partido da Natalie e do Simon, não foi?

Tom voltou a encolher os ombros.

— As coisas já não andavam bem há muito tempo. Na verdade, estou aliviado. É bom voltar a estar por minha conta. — Piscou o olho à filha, com ares de conspiração. — Agora estou à procura de uma casa mais pequena. Gostava de usar uma parte do dinheiro que ganhar com a venda para pagar a tua educação.

Julia ficou surpreendida. Depois sentiu-se zangada. O seu conflito com *ele* custara caro ao pai. Demasiado caro para ser remediado com um registo criminal e uns quantos dias de serviço comunitário. Julia ficara com uma cicatriz, e o pai perdera a mulher com quem tencionava casar e a moradia da família Mitchell.

— Pai, deves guardar o dinheiro para a tua reforma.

— Tenho a certeza que chegará para tudo. E se não quiseres usar o dinheiro nos teus estudos, usa-o para comprar cerveja. De agora em diante, somos só nós os dois, miúda. — Despenteou o cabelo de Julia, o seu gesto afetuosamente predileto.

Passados segundos, Tom levantou-se para ir à casa de banho, deixando

Julia sozinha a contemplar o seu hambúrguer com queijo meio comido e o seu pai mudado. Estava absorta nos seus pensamentos, tamborilando no copo de cerveja de gengibre, quando alguém se sentou no banco ao seu lado.

— Olá, Jules.

Sobressaltada, Julia voltou-se e viu a sua antiga colega de quarto, Natalie Lundy, sentada ao seu lado.

Noutros tempos, em jeito de brincadeira, Julia chamara a sua antiga amiga de *Jolene*, pois o seu rosto bonito e voluptuoso podia ser aquele que a canção descrevia. Mas isso fora antes de Natalie a trair. Agora, a sua beleza parecia-lhe grosseira e fria.

Ao olhá-la, Julia apercebeu-se de algo triste no modo como Natalie estava vestida: o casaco *vintage* com os punhos ligeiramente coçados, as botas caras em segunda mão. A uma primeira vista, Natalie parecia rica e bem vestida. Mas Julia olhou duas vezes e viu aquilo que outros não conseguiam ver: a rapariga da pequena cidade de província que se envergonhava das suas raízes humildes e que ambicionava deixá-las para trás.

— Feliz Natal, Natalie. Que vais tomar? — perguntou Diane, a empregada, debruçando-se sobre o balcão.

Julia viu Natalie transformar-se de fria e carrancuda em alegre e bem-disposta, resvalando para a pronúncia local.

— Feliz Natal, Diane. Só um café. Não posso demorar-me.

A empregada sorriu e serviu-lhe café, afastando-se em seguida para atender um grupo de bombeiros voluntários, colegas de Tom, no extremo oposto do balcão. Mal Diane virou costas, a atitude de Natalie voltou a mudar. Olhou para Julia com ódio.

— Precisamos de ter uma conversa.

— Nada do que digas me pode interessar — retorquiu Julia, levantando-se, mas a outra agarrou-lhe subtilmente o pulso.

— Senta-te e cala-te, ou faço uma cena. — Natalie falava baixo, quase num sussurro. Sorriu artificialmente. Pela sua expressão, ninguém se aperceberia das ameaças que estava a fazer. Julia engoliu em seco e voltou a sentar-se.

Natalie libertou-lhe o braço com um beliscão.

— Temos de falar sobre o Simon.

Os olhos de Julia dispararam para a casa de banho dos homens, esperando que o pai reaparecesse.

Natalie prosseguiu.

— Vou partir do princípio de que o teu recente desentendimento com o Simon não foi intencional. Estavas chateada; ele disse algumas coisas que não devia ter dito, tu chamaste a polícia.

»Mas por causa desse desentendimento, o Simon agora tem cadastro. De certeza que não preciso de te explicar que esse registo tem de desaparecer antes de ele concorrer a senador. Vais resolver esse mal-entendido. Hoje.

Natalie sorriu e puxou o cabelo para trás dos ombros, agindo como se ela e Julia estivessem a ter uma conversa amigável.

— Não posso fazer nada — balbuciou Julia. — Ele já aceitou um acordo.

Natalie bebeu um gole de café.

— Não me trates como se eu fosse estúpida, Jules. Eu sei isso. Parece-me óbvio que vais ter de dizer ao promotor público que mentiste. Explicas que foi uma discussão de namorados que deu para o torto, quiseste vingar-te, e agora sentes-te mal por teres inventado aquela história toda. — Riu um pouco alto de mais. — Embora eu não perceba como havia alguém de acreditar que o Simon tivesse interesse em ti. Valha-me Deus, olha para ti. Estás uma desgraça.

Julia reprimiu uma resposta desagradável, decidindo que o silêncio era a opção mais prudente.

Natalie debruçou-se para ela, afastando-lhe a gola da camisola da garganta com dedos de gelo, e examinou-lhe o pescoço.

— Não tens marca nenhuma. Vais mostrar o pescoço ao promotor e dizer-lhe que mentiste.

— Não — disse Julia, afastando-se e resistindo à tentação de lhe mostrar a cicatriz que ocultara de manhã com base. Endireitou a gola, pousando uma mão sobre o lugar onde Simon a mordera. Era uma dor-fantasma, sabia-o, mas ainda podia sentir os dentes dele a rasgarem-lhe a pele.

Natalie baixou a voz.

— Não estou a pedir — disse, num sussurro. — Estou a dizer-te o que vais fazer. — Tirou o seu *BlackBerry* da mala e pousou-o sobre o balcão, no meio delas. — Não queria ir tão longe, mas não me deixas outra opção. Tenho umas fotografias tuas que o Simon tirou. São muito... sugestivas.

Os olhos de Julia fixaram-se no telefone. Tentou engolir, mas tinha a boca demasiado seca. Com a mão a tremer, levou o copo aos lábios, tentando desesperadamente não entornar a sua bebida.

Natalie sorriu, claramente satisfeita por poder torturar a sua antiga rival. Agarrou no telemóvel ansiosamente, percorrendo as fotografias.

— Nunca consegui perceber como foi que ele conseguiu tirar as fotografias sem dares por isso. Ou se calhar até sabias e não te importaste. — Pôs a cabeça de lado, estreitando os olhos para Julia. — Mas será que não te importavas que toda a gente em Selinsgrove visse estas imagens na internet?

Julia olhou para os outros clientes, esperando que não tivessem ouvido a ameaça de Natalie. Pelo menos, ninguém estava a olhar para elas. O seu

primeiro impulso foi fugir, esconder-se. Mas essa estratégia nunca a salvara da mãe quando era mais jovem. A mãe acabava sempre por encontrá-la. E também não a salvara de Simon, que só fora detido pelos punhos de Gabriel.

Julia estava cansada de se esconder. Sentiu a espinha retesar-se.

— Tu é que tens culpa do cadastro do Simon. Ele veio ter comigo à procura das fotografias. Mas eras tu que as tinhas.

Natalie sorriu candidamente, mas não negou a acusação.

— E agora queres que seja eu a resolver os problemas que arranjaste. Mas não vou fazer nada disso.

Natalie deu uma gargalhada.

— Ah, isso é que vais.

Olhou novamente para o monitor, aproximando-o teatralmente dos olhos.

— Caramba, as tuas mamas são mesmo pequenas.

— Sabes que o senador Talbot quer concorrer à presidência? — disse Julia, num repente.

Natalie sacudiu o cabelo para trás dos ombros.

— Claro que sei. Vou trabalhar na campanha do senador.

Julia olhou-a demoradamente.

— Agora percebo. O cadastro do Simon vai ser um problema para o senador, por isso queres resolver o assunto. Fizeste asneira.

— Ah, sim?

— Sim. Se puseres estas fotografias na internet, o Simon deixa-te num piscar de olhos. E nunca hás de conseguir sair desta cidade.

Natalie acenou com a mão, rejeitando a ideia.

— Ele não me deixa. Além disso, o senador nunca vai saber das fotografias.

Julia sentiu a sua pulsação acelerar.

— Se eu estou nessas fotografias, o Simon também está. Achas que o senador vai gostar disso?

— Nunca ouviste falar de um programzinho chamado “Photoshop”? Posso tirar o Simon e pôr outra pessoa no lugar dele. Mas não vou precisar de fazer nada disso, porque tu vais ser uma menina bonita e vais fazer o que te mando. Não é verdade, Jules?

Com um sorriso condescendente, Natalie voltou a guardar o seu *BlackBerry* na mala e pôs-se de pé, preparando-se para sair. Julia deteve-a.

— Ele nunca te vai apresentar aos seus pais. Ele próprio mo disse. Podes fazer melhor do que ser o segredinho sujo do Simon.

Natalie hesitou, depois o seu rosto endureceu.

— Não sabes o que estás para aí a dizer — ripostou. — O Simon vai dar-me *exatamente* aquilo que eu quero, e tu também. Se não resolveres isto hoje,

as fotografias vão para a internet. Feliz Natal.

Começou a caminhar na direção da porta, mas Julia chamou-a.

— Espera.

Natalie voltou-se, olhando para a sua antiga amiga com visível desdém.

Julia respirou fundo e fez sinal a Natalie para que se aproximasse.

— Diz ao Simon que lembre o senador de renovar a subscrição do *The Washington Post*.

— Porquê?

— Porque se puseres as fotografias na internet, eu telefono ao Andrew Sampson, que é jornalista do *Post*. De certeza que te lembras dele. Escreveu um artigo, no ano passado, sobre a detenção do Simon e sobre o modo como o senador interveio.

Natalie abanou a cabeça.

— Não me parece que faças isso.

Julia cerrou os punhos, obstinadamente.

— Se as fotografias forem parar à net, não tenho nada a perder. Digo aos jornais que o Simon me agrediu e que depois enviou a rapariga com quem anda às escondidas para me chantagear.

Os olhos verdes de Natalie abriram-se muito, e depois estreitaram-se, lembrando duas serpentes.

— Não serias capaz.

— Põe-me à prova.

Natalie fitou-a, numa fúria surpresa, antes de apertar os maxilares.

— Há anos que as pessoas te passam por cima e nunca fizeste nada. Não conseguias telefonar a um jornalista para vomitares a história toda.

Julia ergueu o queixo, esforçando-se por manter a voz calma.

— Talvez esteja farta de deixar que as pessoas me passem por cima. — Encolheu os ombros dramaticamente. — Se divulgares as imagens, nunca vais trabalhar na campanha do senador. Vais ser apenas parte de um escândalo embaraçoso que eles hão de varrer para debaixo do tapete.

A pele branca de Natalie estava agora intensamente ruborizada.

Julia resolveu aproveitar o seu silêncio e continuou.

— Deixa-me em paz, e eu esqueço que vocês os dois existem. Mas nunca vou mentir a respeito do que ele me fez. Já menti muitas vezes para esconder porcarias dele, e não volto a fazê-lo.

— Estás é danada por ele te ter trocado por mim — cuspiu Natalie, levantando a voz. — Eras uma miúda fraca e patética, que nem sabia fazer um broche como deve ser!

No silêncio desconfortável que se seguiu, Julia apercebeu-se de que os outros clientes no restaurante tinham parado de conversar. Profundamente

humilhada, olhou para as caras conhecidas em redor. Toda a gente ouvira a grosseira revelação de Natalie, incluindo a mulher do pastor batista, que estava sentada a um canto, a tomar chá com a sua filha adolescente.

— Agora já não te armas em corajosa, pois não? — sibilou Natalie.

Antes que Julia pudesse responder, Diane apareceu junto do balcão.

— Natalie, vai para casa. Não podes falar assim aqui.

Furiosa, Natalie recuou alguns passos, praguejando.

— Isto ainda não acabou.

Julia levantou a cabeça.

— Acabou, sim. És demasiado esperta para comprometeres o teu futuro fazendo alguma coisa estúpida. Vai ter com *ele* e deixa-me em paz.

Natalie fulminou-a com o olhar, depois girou sobre os calcanhares e saiu tempestivamente.

— Que se passa? — perguntou Tom, aparecendo subitamente atrás de Julia. — Jules? Que se passa?

Antes que ela conseguisse responder, Diane começou a fazer um relato muito depurado do que acontecera.

Tom praguejou e pousou uma mão sobre o ombro da filha.

— Estás bem?

Julia anuiu com relutância, depois correu para a casa de banho das senhoras. Não sabia como seria capaz de voltar a encarar as pessoas da cidade, depois do que Natalie lhe gritara. Lutando contra a náusea, apoiou-se no balcão.

Diane seguiu Julia até à casa de banho. Humedeceu alguns toalhetes com água fria e entregou-lhos.

— Lamento o que se passou, Jules. A Natalie merecia uma bofetada naquela cara. Nem acredito que se atreveu a falar assim no meu restaurante.

Julia passou os toalhetes pela cara, sem dizer nada.

— Querida, ninguém ouviu nada do que aquela rapariga disse. Está muito barulho, e anda tudo a falar do Pai Natal que ontem, no centro comercial, se embebedou à hora de almoço e tentou enrolar-se com um dos duendes.

Julia encolheu-se.

Diane sorriu-lhe, comovida.

— Queres que te arranje uma chávena de chá, ou outra coisa?

Julia abanou a cabeça e respirou fundo, tentando recompor-se.

Se há por aí algum deus a ouvir, por favor dê aos clientes do Kinfolks amnésia, só no que se refere aos últimos quinze minutos.

Passados minutos, voltou para junto do pai. Manteve a cabeça baixa, recusando-se a estabelecer contacto visual com quem quer que fosse. Era quase impossível não imaginar todo o restaurante a comentar os seus pecados

e a julgá-la.

— Desculpa, pai — disse, num fio de voz.

Tom franziu o sobrolho e pediu a Diane mais uma chávena de café e um *donut* com geleia.

— Estás a pedir desculpa de quê? — perguntou Tom, num tom brusco.

Diane serviu-os, dando uma palmadinha carinhosa no braço de Julia, e afastou-se, para lhes dar alguma privacidade.

— Tudo isto é por culpa minha... a Deb, a Natalie, a casa... — Julia não queria chorar, mas as lágrimas inundaram-lhe os olhos, e foi-lhe impossível contê-las. — Envergonhei-te diante da cidade inteira.

Tom inclinou-se para ela.

— Não quero ouvir disparates desses. Nunca me envergonhaste. Tenho orgulho em ti. — Sentindo a voz fraquejar, Tom pigarreou. — Era minha responsabilidade proteger-te, e não o fiz.

Julia enxugou uma lágrima.

— Mas agora tens a vida arruinada.

Tom soltou um pequeno ronco.

— Também não estava assim tão ligado à vida que tinha. Prefiro perder a casa e a Deb do que perder-te a ti. Nem há comparação. Nenhuma.

Empurrou o *donut* para a frente de Julia e esperou até que ela desse uma dentada.

— Quando conheci a tua mãe, fui feliz. Passámos alguns anos bons juntos. Mas o melhor dia da minha vida foi o dia em que nasceste. Sempre quis uma família. Nunca mais vou deixar nada nem ninguém separar-me da minha família. Tens a minha palavra.

Julia sorriu-lhe, e Tom voltou a despenteá-la.

— Quero passar por casa da Deb para lhe falar do que se passou. Ela tem de ensinar a filha a comportar-se como deve ser em público. E se telefonasses a esse teu namorado e lhe pedisses para vir buscar-te? Encontramo-nos mais logo, em casa do Richard.

Julia concordou e limpou as lágrimas. Não queria que Gabriel a visse chorar.

— Adoro-te, pai.

Tom pigarreou, sem a olhar.

— E eu a ti. Agora acaba esse *donut* antes que a Diane nos comece a cobrar renda.

Gabriel ficou satisfeito por poder terminar mais cedo as suas compras de Natal. Quando chegou com Richard ao restaurante, dirigiram-se ao balcão, juntando-se aos Mitchell.

Julia levantou-se e abraçou-o com força.

— Que aconteceu? — perguntou Gabriel, franzindo o sobrolho. — Estiveste a chorar.

— São só as emoções do Natal — respondeu Julia, apercebendo-se, com desconforto, de que alguns dos clientes continuavam a olhá-los.

— Que emoções do Natal?

— Conto-te mais tarde. — Começou a puxá-lo para a porta.

Richard ficou para trás, cumprimentando Tom, e enquanto os dois amigos conversavam, Gabriel puxou o cabelo de Julia para trás dos ombros, para lhe sussurrar algo carinhoso ao ouvido.

Um brilho súbito chamou a atenção de Richard: os brincos de Grace. Era óbvio que subestimara a nova relação do filho. Tinha a certeza que Grace ficaria feliz por Gabriel ter dado os seus brincos a Julia. Grace gostava de Julia como se fosse sua filha e sempre a considerara um membro da família. Talvez um dia Gabriel fizesse Julia pertencer oficialmente à família...

Gabriel e Tom cumprimentaram-se educadamente, e Gabriel pegou na caixa com o presente que Paul enviara a Julia, resistindo ao impulso de dizer algo desagradável.

Quando o trio se aproximava da porta, a agente Roberts entrou no restaurante. Trazia o uniforme vestido.

— Olá, Jamie. — Gabriel sorriu, mas o seu corpo ficou tenso.

— Olá, Gabriel. Vieste passar o Natal a casa?

— Vimos, sim.

Cumprimentou Julia e Richard, e voltou-se de novo para Gabriel, apercebendo-se da mão de Julia pousada no seu braço.

— Estás com bom aspeto. Pareces feliz.

— Obrigado. Estou mesmo — respondeu Gabriel, sorrindo genuinamente.

Jamie anuiu.

— Fico feliz por ti. Feliz Natal.

Julia e Gabriel agradeceram-lhe e saíram tranquilamente do restaurante, pensando, cada um para consigo, que o perdão tornava certos fardos bem mais leves.

Quando entraram na casa dos Clark, Gabriel conspirava com o pai, desafiando-o para tomarem um uísque e fumarem charutos no pátio. Julia sentia-se ainda um pouco abalada, em virtude do confronto com Natalie, mas estava tão aliviada por ter chegado a casa que afastou do pensamento o episódio da tarde. Dirigiu-se para a sala, enquanto Gabriel e Richard penduravam os seus casacos.

— Querida, queres dar-me o teu casaco? — gritou Gabriel para a sala. Não obtendo resposta, apressou-se a seguir Julia.

A sua pergunta seguinte não chegou a ser formulada. Gabriel ficou paralisado. A sua amada Julianne estava imóvel como uma estátua, de olhos postos numa mulher que estava sentada na sala com Aaron e Rachel. Instintivamente, Gabriel agarrou Julia pela cintura e puxou-a para junto de si.

Viu a mulher levantar-se graciosamente do sofá e deslizar até junto deles. Movia-se como uma bailarina, ou como uma princesa, um ar subtil de dinheiro antigo envolvendo-a como perfume.

Era alta, quase da altura de Gabriel, com um cabelo louro liso e comprido, e grandes olhos azuis. Tinha uma pele imaculada e era magra como uma manequim, à exceção dos seios, que eram generosos e perfeitos. Trazia umas botas de salto alto pretas que lhe davam pelo joelhos, uma saia preta de lã afunilada, e uma camisola de caxemira de um azul-pálido, que lhe descaía provocadoramente dos ombros.

Era uma mulher linda. E imperiosa. Ao ver como o braço de Gabriel rodeava Julia, arqueou os ombros como um gato azul russo.

— Gabriel, querido. Que saudades! — A sua voz era rica e clara, com um ligeiro sotaque britânico. Abraçou-o.

Julia afastou-se, sem qualquer vontade de participar num abraço de grupo.

— Que fazes aqui? — Uma miríade de emoções transparecia do rosto de Gabriel enquanto ela o beijava em ambas as faces, com os seus lábios carnudos e rosados.

Beijou-o devagar, sensualmente. Para acrescentar um insulto aos danos já causados, limpou a marca de batom que lhe deixara na pele, rindo baixinho, como se se tratasse de um piada privada.

Os olhos de Gabriel pousaram imediatamente em Julia, e ela retribuiu-lhe com um olhar desiludido.

Antes que Gabriel articulasse o que quer que fosse, Richard pigarreou e deu alguns passos em frente. A mulher ignorou a mão que ele lhe estendia e abraçou-o também.

— Richard. É um prazer, como sempre. Soube da Grace. Sinto muito.

Richard respondeu educadamente ao abraço e em seguida foi buscar o

casaco de Julia. Depois de o ter pendurado, fez sinal a Aaron e a Rachel para que o seguissem até à cozinha, negando a Paulina a plateia que ela certamente queria.

— Não sabia que tinhas duas irmãs — disse Paulina, olhando para Julia com um sorriso gelado. Parecia muito mais alta do que Julia, que trazia sapatos rasos, calças de ganga e uma gabardina preta. Ao lado de Paulina, Julia sentiu-se mal vestida e insignificante.

— Só tenho uma irmã e tu sabes muito bem disso — ripostou Gabriel. — Que fazes aqui?

Julia saiu do seu transe e estendeu corajosamente a mão, antes que Gabriel fizesse uma cena.

— Sou a Julia. No outro dia falámos ao telefone.

Paulina controlava bem a sua expressão facial, mas Julia viu o que ela tentava esconder: *as chamas frias do ressentimento*.

— A sério? — Riu artificialmente. — Certamente não espera que eu me lembre de todas as raparigas que têm atendido o telefone do Gabriel ao longo dos anos. A não ser que seja uma daquelas com quem falei quando interrompi um *ménage*! Lembras-te dessa noite, Gabriel?

Julia baixou o braço, como se a tivessem esbofeteado.

— Estou à espera de uma resposta para a minha pergunta — disse Gabriel, a voz tensa e fria como um lago gelado. — Que fazes aqui?

Julia tentou afastar-se. A imagem verbal que Paulina pintara deixara-a repugnada, e duvidava que tivesse estômago para a resposta, qualquer que ela fosse. Gabriel segurou-lhe o braço, suplicando-lhe com o olhar que não se fosse embora.

— Vim falar contigo, obviamente. Não atendias as minhas chamadas e o Carson disse que virias passar o Natal com a tua família. — Paulina falava com irritação.

— Estás a caminho do Minnesota?

— Sabes bem que os meus pais não me falam. Seja como for, Gabriel, preciso de falar contigo. — Lançou um olhar venenoso a Julia. — *A sós*.

Gabriel sabia que na cozinha podiam ouvi-los. Deu um passo na direção de Paulina e falou num sussurro:

— Vou lembrar-te que és uma visita. Não vou tolerar que desrespeites ninguém, muito menos a Julianne. Compreendes?

— Não me tratavas como uma visita quando estavas na minha boca — murmurou Paulina, olhos a brilhar.

Julia respirou fundo, sentindo o estômago às voltas. Se tivesse conhecido Paulina algumas semanas antes, o encontro teria sido estranho e desconfortável. Mas estar diante dela agora, depois de todas as horas que

passara na cama com Gabriel, era incrivelmente doloroso.

Paulina conhecia-o na intimidade. Conhecia os seus sons, o seu cheiro, a expressão na sua cara no momento de um orgasmo. Era mais alta, mais sofisticada, e muito mais bonita. E era evidente que, ao contrário de Julia, não hesitava em fazer sexo oral. Além disso, e muito mais significativo, concebera uma criança com Gabriel, algo que ele já não poderia fazer com mais ninguém.

Julia libertou-se do braço de Gabriel e virou costas aos antigos amantes. Sabia que seria melhor se mantivesse uma frente unida com Gabriel. Também sabia que devia defender a sua posição, em vez de recuar. Mas já fora rebaixada no restaurante, pouco antes, e não lhe restava energia para lutar. Emocionalmente exausta, arrastou-se escada acima, sem sequer olhar para trás.

Gabriel viu-a afastar-se e o coração caiu-lhe aos pés. Queria correr atrás dela, mas não podia deixar Paulina com o pai e com a irmã. Pediu licença e foi até à cozinha para dizer a Rachel que Julia estava indisposta e para lhe pedir que fosse ter com ela.

Rachel subiu a escada e viu Julia a sair da casa de banho no segundo andar.

— Estás bem?

— Não. Preciso de me deitar.

Quando Rachel lhe abriu gentilmente a porta do antigo quarto de Gabriel, Julia atravessou o corredor e entrou no quarto de hóspedes. Rachel viu-a descalçar-se lentamente, pousando os sapatos no tapete junto à cama.

— Queres uma aspirina, ou outra coisa?

— Não. Só preciso de descansar.

— Quem é aquela mulher? E porque está aqui?

— Vais ter de perguntar ao teu irmão — disse Julia, através de dentes cerrados.

— Vou perguntar, podes ter a certeza. — A mão de Rachel apertou a maçaneta da porta. — Mas o facto de eu não saber quem ela é diz-me uma coisa. Ela não pode ter sido muito importante, se o Gabriel nunca a trouxe cá a casa. — Deu meia-volta para sair. — Isso também te devia dizer alguma coisa a ti.

Julia deitou-se na cama, esperando que o sono viesse rapidamente.

Gabriel entrou na cozinha três horas mais tarde e encontrou Aaron e Rachel a discutirem sobre o modo correto de confeccionar o famoso frango à

Kiev de Grace.

— Estou a dizer-te, tens de congelar a manteiga primeiro. Era assim que a tua mãe fazia. — Aaron parecia exasperado.

— Como é que sabes? Não diz aqui nada sobre isso — retorquiu Rachel, apontando o cartão com a receita.

— A Grace congelava sempre a manteiga — disse Gabriel, franzindo o sobrolho. — Provavelmente achou que toda a gente saberia isso. Onde está a Julia?

Rachel voltou-se para o irmão, empunhando um enorme batedor de ovos.

— Onde estiveste tu?

— Saí. A Julia?

— Está lá em cima. A não ser que tenha decidido voltar para casa do pai dela.

— E porque havia ela de fazer isso?

— Oh, não sei. Talvez porque saíste com uma das tuas ex-namoradas e a deixaste durante três horas. Espero que ela te ponha a andar.

— Querida... — censurou-a Aaron, pousando-lhe a mão sobre o ombro.

— Para. — Rachel sacudiu-lhe a mão, irritada. — Gabriel, tens sorte em o Scott não estar aqui. Por esta altura, ele já te teria arrastado lá para fora.

Aaron franziu o sobrolho.

— E eu? Também podia arrastar o Gabriel lá para fora, se quisesse.

Rachel rolou os olhos.

— Não, não podias. Além disso, preciso que ponhas a maldita manteiga a congelar.

Gabriel resmungou algo ininteligível e saiu da cozinha. Subiu as escadas devagar, tentando desesperadamente formular um pedido de desculpa que fosse digno de Julia.

(Não que tal fosse possível, mesmo com o seu jeito com as palavras.)

Deteve-se à porta, por um instante, respirando fundo para se acalmar. Mas a cama estava vazia.

Intrigado, olhou em redor. Ela não estava ali.

Saindo novamente para o corredor, perguntou-se se Julia teria procurado refúgio no quarto de Scott, mas também não foi lá que a encontrou. A casa de banho não estava ocupada. Depois, os seus olhos pousaram na porta fechada do quarto de hóspedes, do outro lado do corredor. Abriu-a.

Julia estava deitada no centro da cama, a dormir profundamente. Gabriel ainda pensou em deixá-la continuar a dormir, mas rejeitou a ideia. Precisavam de conversar, longe de ouvidos alheios, e pelo menos durante algum tempo o resto da família estaria ocupada com as suas tarefas.

Sem dizer uma palavra, descalçou-se e deitou-se na cama, aninhando-se

junto dela. A pele macia de Julia estava fria. Estreitou-a com o seu corpo.

— Gabriel? — Julia pestanejou, sonolenta, voltando-se para ele. — Que horas são?

— Seis e meia.

Ela esfregou os olhos.

— Porque é que ninguém me acordou?

— Estavam à minha espera.

— À tua espera para quê?

— Saí. Quando voltei, o Richard quis falar comigo.

— Aonde foste?

Culpado, Gabriel desviou o olhar.

— Estiveste com *ela*?

— Ela tem a carta de condução suspensa, por ter conduzido embriagada. Fui deixá-la num hotel.

— Mas porque demoraste tanto?

Gabriel hesitou, receoso.

— Estivemos a conversar.

— A conversar? Num hotel?

— Ela está perturbada com a volta que a sua vida deu. O facto de ter aparecido aqui foi uma tentativa desesperada de mudar de rumo.

Julia enroscou-se, puxando os joelhos contra o peito.

— Não, não, não — cantarolou Gabriel, afastando-lhe os braços e os joelhos do corpo, tentando que ela abandonasse a sua postura defensiva. — A Paulina foi-se embora, e não vai voltar. Disse-lhe que me apaixonei por ti. Ela tem o meu dinheiro e tem os meus advogados, e nada mais.

— Isso nunca lhe chegou. Ela quer-te, e não se importa que estejas comigo.

Os braços de Gabriel rodearam o corpo tenso de Julia.

— Não me interessa o que ela quer. Estou apaixonado por ti, e *tu* és o meu futuro.

— Ela é muito bonita. E sensual.

— É rancorosa e mesquinha. Não vi nada de bonito nela, hoje.

— Conceberam uma criança juntos.

Gabriel estremeceu.

— Não propositadamente.

— Odeio partilhar-te.

Gabriel irritou-se.

— *Nunca* terás de me partilhar.

— Tenho de te partilhar com o teu passado... com a Paulina, com a professora Singer, com a Jamie Roberts... com inúmeras outras mulheres com

quem provavelmente me cruzarei nas ruas de Toronto.

Gabriel contraiu os maxilares.

— Farei tudo o que for possível para te poupar a encontros embaraçosos, de futuro.

— Ainda assim, custa.

— Desculpa — murmurou Gabriel. — Se pudesse mudar o passado, era o que faria. Mas não posso, Julianne, por mais que queira.

— Ela deu-te o que eu não posso dar.

Gabriel debruçou-se sobre ela, pousando a mão na cama junto à sua anca.

— Se tivesses sede e alguém te oferecesse água do mar, aceitavas?

— Claro que não.

— Porquê?

Julia estremeceu.

— Porque a água estava salgada e suja.

— E se te dessem a escolher entre essa água e um copo de *Perrier*, qual escolherias?

— A *Perrier*, evidentemente. Mas não percebo o que tem isto a ver com *ela*.

Os olhos de Gabriel estreitaram-se.

— Não?

Gabriel encostou o seu peito ao dela, ajoelhando-se entre as suas pernas, de modo a que as suas ancas se unissem.

— Não vês a comparação entre ti e ela? Isto é a minha água. — O seu corpo moveu-se sobre o de Julia. — *Tu* és a minha água. Fazer amor contigo é tudo aquilo de que preciso para saciar a minha sede. Porque havia de deitar isso fora para beber água do oceano?

Moveu-se novamente, como que para a relembrar.

— Ela não tem nada para me oferecer.

Baixou a cara até o seu nariz ficar a escassos centímetros do dela.

— E tu és linda. És uma obra de arte, do alto da cabeça às pontas dos pés. És a Vénus de Botticelli e a minha Beatriz. Fazes alguma ideia de como te adoro? Ficaste com o meu coração da primeira vez que te vi, quando tinhas dezassete anos.

Aos poucos, o corpo de Julia relaxava sob o toque e as palavras calmas de Gabriel.

— Como ficaram as coisas entre vocês?

— Disse-lhe que não gostava que ela me visitasse de surpresa e que não lhe admitia que o fizesse novamente. Reagiu tão bem como se podia esperar.

Gabriel foi interrompido, pois alguém bateu à porta com força.

— Sim?

Rolou para o lado no instante em que Rachel entrava no quarto.

— O jantar está na mesa, e o Tom e o Scott já chegaram. Vocês os dois vêm? — Olhou da sua melhor amiga para o irmão e novamente para Julia. — Tenho de chamar o Scott cá acima?

Julia abanou a cabeça.

— Ele trouxe a namorada?

— Não, ela vai passar o Natal com os pais dela. Pedi-lhe que a convidasse, mas ele contou-me uma grande história. — Rachel parecia contrariada. — Será que ele tem vergonha de nós?

— O mais provável é ter vergonha dela — disse Gabriel. — Deve ser uma *stripper*.

— Professores com telhados de vidro não deviam atirar pedras. — Rachel lançou um olhar furioso ao irmão e saiu.

Julia estava perplexa.

— Que foi que lhe deu?

A expressão de Gabriel tornou-se tensa.

— A minha querida irmã ficou mal impressionada com a Paulina. E comigo.

Foi uma Véspera de Natal diferente de todas as anteriores. A ausência de Grace foi ainda mais sentida pelo seu marido e pelos seus filhos, Aaron lamentou não estar ainda casado, e Rachel lamentou que o seu frango à Kiev não estivesse nem de perto tão bom como o que a mãe fazia, com manteiga congelada ou não.

Depois do jantar, Gabriel, Tom e Richard retiraram-se para o pátio das traseiras para fumarem charutos e beberem uísque, enquanto o resto da família tomava café na cozinha.

— Como foi a viagem a Itália? — perguntou Aaron a Julia, quando enchiam ambos as suas chávenas na máquina de café.

— Ótima. Estava bom tempo, e divertimo-nos muito. Como vão os planos para o casamento?

— Estão a avançar. Quando a Rachel disse que queria alugar uma centena de pombos para serem libertados depois da cerimónia, tive de bater o pé no chão. Acho que alguns dos meus parentes que andam armados eram capazes de disparar contra as malditas aves. — Piscou o olho a Julia.

— Como estão os teus pais?

— Estão bem. A Rachel tem incluído a minha mãe nos preparativos, por isso ela anda toda entusiasmada. Como vão as coisas entre ti e o Gabriel?

Julia escondeu a cara, abrindo o frigorífico para procurar as natas.

— Bem.

— Tirando o facto de a ex dele ter aparecido cá.

Julia voltou-se para ele e Aaron olhou-a com uma expressão compreensiva.

— Não quero falar sobre isso.

Aaron pôs-se a brincar com uma colher.

— O Gabriel fica diferente quando estás por perto. — Pousou a colher no balcão e esfregou o queixo. — Tem um ar feliz.

— Ele também me faz feliz.

— Um Gabriel feliz é tão raro como um *hobbit*. Todos gostamos de o ver. Quanto à ex, bem, duvido que tenha sido algo sério. Pelo menos, não foi como é contigo.

— Obrigada, Aaron.

Os dois amigos trocaram um abraço rápido.

Mais tarde, Julia e Gabriel foram para o seu quarto num hotel. Julia estava a lavar a cara na casa de banho quando ouviu os acordes de “Lying in

the Hands of God”, vindos do quarto.

Gabriel apareceu atrás dela, vestido apenas com uns *boxers* de seda azul-marinho, sorrindo.

— Esta música não é Barry White, mas é nossa. — Fitou-a por um ou dois segundos, os olhos repletos de desejo. Roçou-lhe o nariz no pescoço, afastando-lhe o cabelo para lhe beijar a pele.

— Quero-te — murmurou-lhe. — Agora. — Pôs-lhe as mãos por baixo da t-shirt, expondo-lhe o abdómen acima do cós das calças de ioga.

— E se fosses vestir uma daquelas coisas bonitas que compraste em Toronto? Ou talvez o corpete azul. Sabes que é o meu favorito. — Falava baixo, a sua boca deslizando sedutoramente pelo ombro de Julia.

— Não posso.

Gabriel fez um sorriso presumido.

— Aqui não, amor. Duvido que estivesses preparada para nos veres ao espelho. Embora eu não me importasse nada.

Quando ele começou a despir-lhe a t-shirt, Julia afastou-se.

— Hoje, não.

Gabriel deixou cair os braços, olhando-a.

Julia evitou o olhar dele e continuou a lavar a cara.

Gabriel saiu da casa de banho de sobrolho franzido, e foi silenciar a aparelhagem, mal-humorado. Tirando aquele interlúdio na Galeria Uffizi, Julia nunca se lhe negara. Claro que só estavam juntos havia pouco mais de duas semanas. Mas ainda assim...

O professor Emerson não estava habituado a ser rejeitado por uma amante. De certeza que Julia teria as suas razões... pelo menos uma razão, começada com *P* e a acabar num *A*. Atirou-se para a cama, cruzando os braços sobre a cara. Era compreensível que Julia ainda se sentisse aborrecida com a visita de Paulina. Sexo devia ser a última coisa que lhe apetecia. Além disso, algo a perturbara no restaurante Kinfolks, nessa tarde.

O facto de ter sido rejeitado fez Gabriel desejá-la ainda mais. O perfume do cabelo dela, a sua pele de cetim, o modo como fechava os olhos com força mesmo antes de se vir, a sensação do corpo dela movendo-se debaixo do seu, movendo-se com ele...

Gabriel precisava de fazer amor com Julia para saber que estava tudo bem... que estavam bem.

Sim, o sexo era o seu prazer diário, e Gabriel precisava disso. Precisava de lhe mostrar, não com palavras mas com ações, que a amava, que a venerava, que faria qualquer coisa por ela. Precisava de saber que Julia ainda o queria, precisava de a ouvir murmurar o seu nome.

Mas ela parecia não precisar de nada disso. Era óbvio que não o queria.

Pelo menos, não naquela noite.

As reflexões angustiadas de Gabriel prosseguiram até Julia ir deitar-se. Ficou de lado, a olhá-lo, mas Gabriel ignorou-a, limitando-se a apagar o candeeiro na mesa de cabeceira.

No escuro, permaneceram ambos em silêncio, enquanto uma barreira invisível e fria se erguia entre eles.

— Gabriel?

— Sim?

— Preciso de te explicar uma coisa.

Gabriel expirou devagar, libertando todo o ar que tinha nos pulmões.

— Eu compreendo, Julianne. Boa-noite. — Tentou soar descontraído, mas falhou completamente. Chegou-se para o seu lado da cama.

Julia encolheu-se. Agora, a barreira invisível parecia mais um muro alto, impenetrável.

Os homens têm egos frágeis como cascas de ovos.

Julia queria explicar-lhe algumas coisas e pôr tudo em pratos limpos, mas se ele se ofendera com tanta facilidade, então mais valia esperar para falarem de manhã. Ou mais tarde. Julia virou-se de costas para ele e fechou os olhos, determinada a esquecer aquele dia horrível. Tentou abafar as fungadelas, esperando conseguir conter as lágrimas hormonais. A última coisa que queria era que Gabriel a apanhasse a chorar.

Os rapazes são burros.

Fungou durante alguns minutos, até que Gabriel veio enroscar-se nela, encostando-lhe o peito nu às costas.

— Desculpa — sussurrou ele.

Julia anuiu, ainda a fungar.

— Por favor, não chores.

— Não estou a chorar.

— Não queria portar-me como um imbecil. — Gabriel apoiou-se num cotovelo. — Olha para mim — pediu, com um sorriso arrependido. — Estou mal habituado, por causa de todas as vezes que fizemos amor nestas duas semanas. Mas sei que há de haver dias em que te vais sentir cansada ou sem vontade. Prometo não amuar... muito.

Julia sorriu, olhando-o de esguelha, e ergueu-se para o beijar.

Gabriel enxugou-lhe os olhos.

— Contas-me porque estavas a chorar esta tarde, no restaurante?

Julia abanou a cabeça.

— Por favor?

— Estou demasiado cansada.

Gabriel roçou o nariz no dela até a sentir relaxar nos seus braços.

- Que posso fazer?
- Não preciso de nada.
- Um banho quente? Uma massagem? — Gabriel parecia um rapazinho ansioso por agradar. — Deixa-me tocar-te. Vou fazer-te sentir melhor.
- Gabriel, mal consigo ter os olhos abertos.
- Queria fazer alguma coisa por ti.
- Abraça-me.
- Isso nem era preciso pedires. — Beijou-a uma vez mais, depois aninhou-se atrás dela.
- Feliz Natal, Gabriel.
- Feliz Natal.

Algumas horas antes, uma mulher entrara sozinha num táxi, à porta do Comfort Inn. Chorava.

O condutor ignorou educadamente as suas lágrimas e aumentou o volume do rádio, esperando dar-lhe alguma privacidade na longa viagem até Harrisburg. A canção que estava a tocar ficava no ouvido, de tal modo que deram ambos por si a cantarolar.

Enquanto cantarolava, a mulher pensava no presente que deixara com o gerente noturno do hotel, Will. Pusera-lhe na mão cinco notas de vinte dólares novinhas em folha; em troca, ele comprometera-se a entregar o referido embrulho numa determinada morada em Selinsgrove, por volta das nove horas da manhã seguinte. A manhã do Dia de Natal.

Quando Will, como era costume nas terras pequenas, lhe revelara que conhecia bem o endereço em causa, uma vez que fora colega de escola do irmão de Gabriel, Scott, a mulher fizera algumas perguntas, em tom casual, sobre a nova namorada de Gabriel.

Will correspondera entusiasticamente, uma vez que a sua família conhecia Tom Mitchell e a sua filha havia anos. Com efeito, relatara Will, Tom ainda recentemente se gabara da filha, que estava a sair-se muito bem nos seus estudos na Universidade de Toronto.

Mal tomou conhecimento daquele facto surpreendente, a mulher decidiu pegar nas suas malas e partir de Selinsgrove. Olhando, através das janelas do táxi, para as árvores cobertas de neve, perguntava-se como poderia descobrir se Julianne seria aluna de Gabriel quando aquele caso começara.

No Dia de Natal, bem cedo, Gabriel estava sentado na cama, de *boxers* e óculos, sem saber se havia de acordar Julianne. Podia ter regressado para a luz da sala da suite, onde vestira a pele de Pai Natal uma hora antes. Mas preferia estar perto dela, mesmo no escuro.

A conversa que tivera com Richard na véspera não lhe saía do pensamento. O seu pai adotivo interrogara-o a respeito de Paulina, e Gabriel falara tanto quanto se atrevera, enfatizando que Paulina pertencia ao seu passado e que Julia era o seu futuro. Richard, homem de bom coração, encorajou o filho a exigir a Paulina que fosse seguida por um psiquiatra, se queria continuar a beneficiar do apoio financeiro de Gabriel, sendo óbvio que ela precisava de ajuda.

Depois de Gabriel ter concordado, Richard mudou calmamente de assunto, perguntando ao filho se estava apaixonado por Julia. Gabriel respondeu afirmativamente, sem hesitar, pelo que Richard introduziu imediatamente na conversa a palavra R, *responsabilidade*.

— Eu assumo todas as responsabilidades.

— A Julia ainda está a estudar. E se fica grávida?

A expressão de Gabriel endureceu.

— Isso não vai acontecer.

Richard sorriu.

— Também era o que eu pensava. Depois tivemos o Scott.

— Já demonstrei sobejamente que sei assumir as minhas responsabilidades — contrapôs Gabriel, num tom glacial.

O pai recostou-se na sua cadeira e uniu as mãos, refletindo.

— Sob vários aspetos, a Julia é como a Grace, incluindo na sua prontidão em sacrificar-se por aqueles que ama.

— Não permitirei que ela sacrifique os seus sonhos por mim. Tens a minha palavra.

Os olhos de Richard tremeluziram ao pousarem na fotografia de Grace que tinha sobre a secretária, uma mulher sorridente de olhos meigos.

— Como reagiu ela à visita da Paulina?

— Ainda não falámos sobre isso.

— Se deixares a Julia, vais ter um problema sério com os teus irmãos, e também comigo.

As sobrancelhas de Gabriel uniram-se como nuvens de tempestade.

— Nunca seria capaz de a deixar. Não consigo viver sem ela.

— Então, porque não lhe dizes isso?

— Porque só estamos juntos há duas semanas.

Richard arqueou as sobrancelhas, surpreso, mas resolveu não interrogar o filho quanto à ambiguidade da expressão “estarem juntos”.

— Sabes o que penso sobre o assunto. Devias casar com ela. De momento, a situação é ambígua; as tuas ações indicam que a Julia é uma mera parceira numa aventura sexual, quando, afinal, as tuas intenções são sérias.

Gabriel irritou-se com aquela caracterização.

— A Julianne não é minha amante.

— No entanto, não estás a assumir um compromisso.

— Estou comprometido com ela. Não existe mais ninguém.

— Mas a Paulina aparece, à tua procura, e dá um espetáculo à frente da Julia e da tua família.

— Não está nas minhas mãos evitar este tipo de situação.

— Não está? — Richard franziu os lábios. — Tenho alguma dificuldade em acreditar que uma mulher inteligente como a Paulina aparecesse aqui, sem mais nem menos, se não tivesse alguma esperança de que os seus avanços fossem bem recebidos.

Gabriel fez um olhar furioso, mas não se deu ao trabalho de argumentar.

— Porque não fazes promessas à Julia? Tenho a certeza que ela deve estar ansiosa em relação ao que lhe reserva o futuro. O casamento é um sacramento que existe, em parte, para proteger as mulheres da exploração sexual. Se não ofereceres à Julia essa proteção, ela pouco mais é do que tua amante, o que quer que lhe chames. E ela já viu o que aconteceu, o que está a acontecer, à Paulina.

— Não é o que vai acontecer à Julianne.

— Como há de ela saber isso? — Richard tamborilou na secretária. — O casamento é mais do que um simples papel. É um mistério. Com efeito, há um *Midrash* que sugere que o casamento é feito no Céu para unir almas gémeas. Não queres ficar com a Julia para sempre?

— O que quero é imaterial. Não vou pressioná-la para tomar uma decisão tão importante a meio do ano letivo — resmungou Gabriel, esfregando os olhos. — É demasiado cedo.

— Reza para não esperares até ser tarde de mais — contrapôs Richard, olhando tristemente para a fotografia de Grace.

Tais eram as palavras que ressoavam nos ouvidos de Gabriel, enquanto olhava para a sua alma gémea adormecida, na manhã do Dia de Natal.

Como se tivesse ouvido os seus pensamentos, Julia remexeu-se, uma estranha ansiedade pairando sobre ela. Passados instantes, rolou para junto dele, a sua mão pousando-lhe na anca.

Na penumbra do quarto, Gabriel parecia uma gárgula, uma figura cinzenta e imóvel que a observava através dos seus óculos num silêncio de pedra. Julia precisou de um segundo para o reconhecer.

— Que estás a fazer?

— Nada. Dorme.

A cara de Julia enrugou-se, perplexa.

— Mas estás sentado no escuro, meio despido.

Gabriel sorriu-lhe, hesitando.

— Estou à espera que acordes.

— Porquê?

— Para abrirmos os presentes. Mas é muito cedo. Dorme mais um pouco.

Julia deslizou para junto dele, procurando a sua mão e agarrando-a. Beijou-lhe a mão e pousou-a sobre o coração.

Sorrindo, Gabriel encostou-lhe a palma da mão ao peito para sentir o seu coração bater. A sua expressão tornou-se séria.

— Desculpa-me por ontem à noite. — Pigarreou. — Não quero que penses que sexo é tudo o que eu quero. Não é.

O sorriso de Julia esvaneceu-se.

— Eu sei.

Os dedos de Gabriel acariciaram-lhe as sobrancelhas.

— É claro que te desejo. É-me difícil não te tocar, não querer estar contigo dessa forma. — Tocou-lhe a face, hesitando. — Mas amo-te, e quero que estejas comigo por queres estar. Não porque te sintas obrigada.

Julia reclinou a cabeça sobre a mão dele.

— Não me sinto obrigada. Foram tantas as vezes em que podias ter-me pressionado, como naquela noite, no teu antigo quarto, quando eu... despi a camisola. Mas foste paciente. E na nossa primeira vez, foste maravilhoso. Tenho muita sorte em ter-te como amante.

Sorriu-lhe, sonolenta.

— Porque não vens para aqui? Acho que ainda precisamos os dois de descansar.

Gabriel deslizou para debaixo do lençol e aninhou-se junto da sua amada. Quando a respiração regular de Julia lhe indicou que ela voltara a cair no sono, Gabriel murmurou-lhe algumas promessas em italiano.

Quando acordou, Julia foi mimada com um pequeno-almoço na cama, e depois foi importunada até aceitar levantar-se para seguir Gabriel até à sala. Ele estava tão entusiasmado que só lhe faltava saltar.

(De um modo muito digno e consentâneo com o seu título de professor, é claro, embora estivesse de tronco nu.)

Uma árvore de Natal pequena, como a de Charlie Brown, fora

convenientemente “requisitada” do átrio do hotel e colocada no centro da sala. Sob os seus ramos encontravam-se vários presentes embrulhados em papel de cores vivas. Duas grandes meias vermelhas, com os nomes “Julianne” e “Gabriel” bordados, encontravam-se penduradas uma em cada lado do sofá.

— Feliz Natal — disse Gabriel, beijando-a na testa, muito orgulhoso de si próprio.

— Nunca tinha tido um sapatinho.

Gabriel conduziu-a até ao sofá e pôs-lhe a meia no colo. Estava cheia de doces e de cuecas com motivos natalícios. E no dedo grande encontrava-se uma *pen* com o filme de um certo tango contra a parede, no Royal Ontario Museum.

— Porque é que nunca tiveste um sapatinho com presentes?

— A Sharon nem sempre se lembrava do Natal e o meu pai não pensava nisso. — Julia encolheu os ombros.

Gabriel abanou a cabeça. Ele também só começara a ter presentes no sapatinho quando fora viver com os Clark.

Julia apontou para dois presentes embrulhados num papel axadrezado verde e vermelho, sobre a mesa de café.

— Porque não abres os teus presentes primeiro?

Radiante, Gabriel sentou-se no chão, de pernas cruzadas, junto à árvore. Pegou numa pequena caixa e rasgou o papel apressadamente.

Julia riu-se, vendo o professor de ar respeitável sentado no chão, de óculos e roupa interior, a atacar os seus presentes como um miúdo de quatro anos.

Gabriel abriu a caixa e ficou muito surpreso com o que encontrou lá dentro. Sobre o fundo de seda creme, encontrava-se um par de botões de punho de prata. Mas não eram botões de punho vulgares: tinham o escudo da cidade de Florença gravado. Gabriel olhou-os, incrédulo.

— Gostas? — perguntou Julia.

— Adoro-os, Julianne. Só estou surpreendido. Como foi que...?

— Enquanto estavas numa das tuas reuniões, fui até à Ponte Vecchio e comprei-os. Achei que ficariam bem com as tuas camisas elegantes. — Baixou os olhos. — Comprei-os com o dinheiro da minha bolsa. Por isso, na verdade, tu é que os compraste.

Gabriel pôs-se de joelhos e arrastou-se até junto dela.

— Esse dinheiro é teu. Mereceste-o. E os botões de punho são perfeitos. Obrigado.

Julia sorriu, vendo-o ajoelhado à sua frente.

— Tens outro presente.

Gabriel sorriu de orelha a orelha ao pegar num segundo presente, que era

pequeno e espalmado. Sob o papel de embrulho, encontrou uma reprodução emoldurada de vinte centímetros por vinte e cinco do quadro *Os Amantes ao Luar*, de Marc Chagall.

No cartão que acompanhava a imagem, Julia escrevera algumas palavras doces, declarando o seu amor e a sua gratidão por se terem reencontrado. E acrescentava um presente mais importante.

Gostava de posar para as tuas fotografias.

Com todo o meu amor,

Julia

Gabriel estava sem palavras. Olhou-a nos olhos, com uma expressão inquiridora.

— Acho que está na altura de teres fotografias nossas penduradas nas paredes do teu quarto. E gostava de fazer isso por ti. Se não te importares.

Gabriel sentou-se junto dela no sofá e beijou-a apaixonadamente.

— Obrigado. O quadro é muito bonito, mas tu és muito mais. — Fez um sorriso rasgado. — O teu gosto por Chagall vai servir-nos de inspiração. Mas acho que teremos de praticar as poses primeiro.

Moveu as sobrancelhas sugestivamente, depois beijou-a nos lábios.

— Tu és o melhor presente de todos — murmurou. Sentiu os lábios dela sorrindo sob a sua boca, e foi buscar outro dos presentes que estavam debaixo da árvore.

Julia recompensou-o com uns olhos brilhantes de expectativa. Ao abrir a pequena caixa, encontrou um CD que Gabriel gravara para ela, intitulado *Amar Julianne*.

— É a coletânea que ouvimos em Florença — explicou ele.

— Obrigada. Ia mesmo pedir-te uma cópia. Estas canções hão de trazer-me memórias felizes.

No fundo do guarda-joias, Julia encontrou vários vales de oferta para diferentes tratamentos de *spa* no Windsor Arms Hotel, em Toronto, alguns dos quais com nomes exóticos como “duche Vichy” e “tratamento de sal e algas marinhas”.

Julia agradeceu-lhe, lendo os títulos em voz alta, até chegar ao último cartão.

Foram tomadas providências para seres assistida por um cirurgião plástico em Toronto assim que regressarmos. Com base na informação que lhe transmiti, ele acredita que a tua cicatriz poderá ser completamente removida. Podes pôr esse problema para trás das costas.

Gabriel

Sorrindo em jeito de desculpa, Gabriel tirou o cartão de entre os dedos tensos de Julia.

— Não devia ter posto isto na caixa. Desculpa.

Julia segurou a mão dele.

— Obrigada. Pensei que teria de esperar. Mas este é o melhor presente que me poderias dar.

Gabriel respirou fundo e beijou-lhe a cabeça.

— Tu mereces — declarou, com os olhos brilhantes.

Julia esboçou um pequeno sorriso e espreitou por sobre o ombro dele para uma grande caixa que ainda se encontrava debaixo da árvore de Natal.

— Está ali mais um presente. É para mim?

Gabriel anuiu.

— Posso abri-lo?

— Preferia que esperasses.

Julia enrugou a testa.

— Porquê? Queres que o leve para casa do teu pai? Que o abra à frente da tua família?

— Valha-me Deus, não!

Gabriel passou as mãos pelo cabelo e sorriu a medo.

— Desculpa. É que é um pouco... eh... *pessoal*. Não te importas de esperar e de o abrir esta noite? Por favor?

Julia olhou para o embrulho, intrigada.

— A avaliar pelo tamanho da caixa, não é um gatinho.

— Não, não é. Mas se quiseses um animal de estimação, eu compro-te um. — Gabriel lançou um olhar desconfiado à caixa aberta que se encontrava junto à porta.

— Que presente é que o Paul te enviou?

Julia encolheu os ombros, como se não soubesse que a pergunta havia de surgir.

— Um frasco de xarope de ácer, que dei ao meu pai, e uns brinquedos.

— Brinquedos? Que tipo de brinquedos?

Julia mostrou-se indignada.

— Brinquedos de criança, obviamente.

— Não te deu já um coelho de peluche, há uns meses? Acho que ele tem um fetiche por coelhos.

Fornicador-de-Anjos.

— Gabriel, tu tens um fetiche por sapatos de salto alto. Tão bom é um como o outro.

— Nunca neguei a minha *apreciação estética* por calçado de senhora. Afinal, são obras de arte — disse, pomposamente. — Especialmente quando é

uma mulher tão encantadora como tu a usá-los.

Julia não conseguiu impedir-se de sorrir.

— Ofereceu-me uma vaca Holstein de peluche, e um par de figuras, Dante e Beatriz.

Uma expressão de profunda perplexidade desenhou-se no rosto de Gabriel.

— Figuras? — A sua boca rasgou-se num sorriso provocador. — Queres dizer *figuras de ação*?

— Figuras de ação, bonecos, o que quiseres.

— São adequados, do ponto de vista anatómico?

— Quem está a ser infantil agora?

Gabriel passou um dedo pela face de Julia.

— Estava só a perguntar-me a que tipo de *ação* se poderiam prestar... em privado, é claro.

— Dante havia de dar voltas na sepultura.

— Podíamos encenar esse acontecimento enterrando a figura que o Paul te ofereceu no pátio das traseiras. Mas gostava de ficar com a Beatriz.

— És incorrigível. — Julia não pôde deixar de rir. — Obrigada pelos meus presentes. E obrigada por me teres levado a Itália, que foi o melhor presente de todos.

— Não tens de quê. — Segurando a cara dela entre as suas mãos, Gabriel olhou-a por um momento, antes de a beijar.

O que começou como um beijo tímido nos lábios depressa se tornou uma troca intensa, com mãos ansiosas que se tocavam febrilmente. Julia, em bicos de pés, acariciava o peito nu de Gabriel, até que ele gemeu de frustração e se afastou. Tirou os óculos e esfregou os olhos.

— Preferia continuar o que estávamos a fazer, mas o Richard quer que vamos juntos à igreja.

— Boa ideia.

Gabriel voltou a pôr os óculos.

— Uma boa rapariga católica como tu não preferia ir à missa?

— É o mesmo Deus. Não é a primeira vez que acompanho a tua família à igreja. — Julia observou-o. — Não queres ir?

— Não é lugar para mim.

— Porque não?

— Há anos que não vou lá. Vão... julgar-me.

Julia olhou-o com uma expressão séria.

— Somos todos pecadores. Se só os não-pecadores lá fossem, as igrejas estariam desertas. E duvido muito que as pessoas da igreja do Richard te julguem. Os episcopalianos costumam ser muito acolhedores.

Deu-lhe um beijo rápido na cara e foi para o quarto preparar a sua roupa. Gabriel seguiu-a e deixou-se cair em cima da cama, vendo-a percorrer os cabides no roupeiro.

— Porque é que ainda acreditas em Deus? Não estás zangada com Ele por causa de todas as coisas más que te aconteceram?

Julia interrompeu o que estava a fazer para o fitar. Gabriel parecia muito infeliz.

— As coisas más acontecem a toda a gente. Porque havia a minha vida de ser diferente?

— Porque és uma boa pessoa.

Julia olhou para as suas mãos.

— O universo não se baseia em magia. Não há um conjunto de circunstâncias para os bons e outro para os maus. Todos sofremos, em algum momento. A questão é o que cada um faz com o seu sofrimento, não achas?

Gabriel fitava-a impassivelmente.

Julia prosseguiu.

— Talvez o mundo fosse muito pior se Deus não existisse.

Gabriel praguejou baixinho, mas não argumentou.

Julia sentou-se ao lado dele, na cama.

— Já leste *Os Irmãos Karamazov*?

— É um dos meus livros favoritos.

— Então, lembras-te da conversa entre Alyosha, o padre, e o seu irmão Ivan.

Gabriel riu-se, mas não de um modo indelicado.

— Suponho que eu seja o pensador livre rebelde e tu, o rapaz religioso...

Julia ignorou-o.

— Ivan apresenta a Alyosha uma lista de razões que o levam a pensar que Deus ou não existe ou, se existe, só pode ser um monstro. É uma discussão profunda, e passei muito tempo a pensar sobre ela.

»Mas lembra-te de como acaba a discussão. Ivan diz que rejeita a criação de Deus, este mundo, e todavia há um aspeto do mundo que ele considera surpreendentemente belo: as pequenas folhas das árvores na primavera. É algo que aprecia muito, embora odeie o resto do mundo.

»As pequenas folhas não são a fé ou a salvação, mas um resquício de esperança. Impedem-no de desesperar, demonstrando que, apesar de todo o mal que testemunhou, resta pelo menos uma coisa boa e bela.

Moveu-se ligeiramente, para ver melhor a expressão de Gabriel, e depois, num gesto muito terno, pôs-lhe uma mão de cada lado da cara.

— Quais são as tuas pequenas folhas?

A pergunta apanhou-o de surpresa. De tal forma que ele se limitou a olhar

para a bonita mulher morena que tinha à sua frente. Eram momentos como aquele que o lembravam da razão por que, no início, Julianne lhe parecera um anjo. A compaixão de que ela era capaz era algo de raro nos seres humanos. Pelo menos, a avaliar pela experiência de Gabriel.

— Não sei. Nunca tinha pensado nisso.

— As minhas folhas são a Grace. E tu. — Sorriu-lhe timidamente. — E antes foram as pessoas do Exército de Salvação em St. Louis, que me ajudaram quando a minha mãe me tratou mal. Deram-me uma razão para acreditar.

— Então, e o sofrimento dos inocentes? Das crianças? — A voz de Gabriel pouco mais era do que um sussurro. — E os bebés?

— Não sei porque morrem bebés. Quem me dera que não fosse assim. — Julia tinha uma expressão séria. — Mas que se passa com o resto de nós, Gabriel? Porque permitimos que as pessoas maltratem os seus filhos? Porque não defendemos os doentes e os fracos? Porque deixamos que venham soldados buscar os nossos vizinhos e os obriguem a usar uma estrela amarela ao peito e os enfiem em vagões de comboio? Deus não é mau; nós é que somos.

»Toda a gente quer saber de onde vem o mal e porque persiste no mundo. Porque é que ninguém se pergunta de onde vem a bondade? Os seres humanos têm uma capacidade imensa para a crueldade. Como é que, ainda assim, pode existir bondade? Porque é que há pessoas tão boas como o Richard e a Grace? Porque existe um Deus, e Ele não permitiu que a Terra fosse inteiramente corrompida. Há pequenas folhas, se as procurarmos. E quando as reconhecemos, sentimos a Sua presença.

Gabriel fechou os olhos, bebendo as palavras e o toque de Julia, sabendo, no fundo, que ela dissera uma verdade profunda.

Por mais que tivesse tentado, nunca conseguira deixar de acreditar: mesmo nos seus momentos mais negros, a luz não se apagara por completo. Tivera a mão de Grace para o guiar e, providencialmente, quando ela morrera, reencontrara a sua Beatriz, que lhe mostrara o resto do caminho.

Beijou-a castamente, e quando Julia o deixou para ir tomar duche, Gabriel ficou a pensar em como ela era brilhante. Era muito mais inteligente do que ele, com um intelecto marcado por uma verdadeira originalidade criativa que ele só podia ambicionar. Apesar de tudo o que lhe acontecera, Julia não perdera a fé, nem a esperança, nem a caridade.

Não é minha igual; é melhor do que eu.

É a minha pequena folha da primavera.

Uma hora mais tarde, Julia e Gabriel chegaram à Igreja Episcopal de Todos os Santos. Gabriel trazia um fato preto e uma camisa branca, exibindo orgulhosamente os botões de punho que recebera de presente. Julia usava um vestido cor de ameixa que lhe dava pelo joelho, e umas botas de cano alto que Gabriel lhe comprara em Florença.

Um mar de estranheza. Era assim que Gabriel teria descrito a atmosfera da igreja, quando se sentou com Julianne no banco já ocupado pela sua família.

Sentiu-se grato pela liturgia, pela ordem, e pelo modo como a Escritura e a música foram usados na celebração. Deu por si a contemplar a sua vida e os passos que o tinham levado até à bela mulher que lhe segurava a mão.

O Natal era uma celebração do nascimento — de um nascimento em particular. Via bebês e crianças em todo o seu redor: o presépio na frente da igreja, as imagens e os vitrais, e a pele reluzente da mulher grávida do outro lado da nave.

Por um breve instante, Gabriel apercebeu-se de que estava arrependido da sua esterilização, não apenas por si e pelo facto de já não poder ser pai, mas também por Julianne. Imaginou-se deitado na cama com uma Julia muito grávida, pousando a mão no seu ventre para sentir o bebé dar pontapés. Imaginou-se com o filho de ambos nos braços, um rapaz, espantado com a sua cabeleira escura.

Sobressaltou-se ao ver até onde a imaginação o levava. Era uma fantasia que marcava uma mudança de carácter e de prioridades, uma rutura com a culpa e o egoísmo que tinham marcado a sua vida até reencontrar a sua Beatriz. Uma mudança no sentido de um compromisso perante uma mulher com quem queria criar uma família, com quem queria ter uma criança. O seu amor por Julia mudara-o de múltiplas formas. E só se apercebeu de quão dramáticas eram essas mudanças ao olhar para aquela grávida desconhecida com uma espécie de inveja melancólica.

Tais eram os pensamentos que lhe ocupavam a mente enquanto segurava a mão de Julianne. Até que chegou o momento de participar na Eucaristia, e Gabriel foi o único da família que não se levantou para caminhar pela nave central até ao altar.

Havia algo de reconfortante na igreja, pensava Gabriel. Embora considerasse a experiência, no seu todo, e especialmente a homilia, condenatória. Desperdiçara uma boa parte da sua vida — anos que nunca poderia recuperar.

Não dissera a Grace o que gostaria de lhe ter dito antes da sua morte. Não

tratara Paulina nem Julianne com a dignidade que elas mereciam. Não tratara nenhuma das mulheres com quem estivera envolvido com respeito.

Ao pensar em Paulina, Gabriel desviou o olhar da bela morena com vestido cor de ameixa e baixou a cabeça, rezando, quase inconscientemente. Pedia para ser perdoado, e também guiado. Sabia como era ténue a fronteira entre assumir a responsabilidade pelos erros do passado e contribuir para a dependência de Paulina. Rezou para que ela encontrasse alguém que a amasse e que a ajudasse a libertar-se do passado.

Gabriel estava tão absorto nas suas orações que nem reparou quando o pai e os irmãos passaram por ele para voltarem aos seus lugares, e nem viu Julianne sentar-se ao seu lado, uma presença reconfortante, pousando a mão quente no seu braço. E não se apercebeu do momento, mesmo antes da bênção, em que o pai chorou em silêncio, sacudido por soluços, e em que Rachel o abraçou, encostando-lhe a cabeça loura ao ombro.

O Reino dos Céus é como uma família, pensou Julia, vendo como Rachel e Scott abraçavam o pai. Onde o amor e o perdão tomam o lugar das lágrimas e do sofrimento.

Depois do almoço, Rachel pôs toda a família a ajudá-la a preparar o grande jantar de peru. Julia falou brevemente com Tom ao telefone, obrigando-o a prometer que chegaria a casa dos Clark às três da tarde, para a troca de presentes. Em seguida, juntou-se à sua amiga na cozinha, e começaram ambas a descascar maçãs para duas tartes.

Rachel fizera batota e comprara a massa já feita, mas retirara-a da embalagem *Pillsbury* e colocara-a no frigorífico embrulhada em papel-aderente, para que ninguém soubesse.

— Olá, miúdas giras. — Scott entrou na cozinha, sorrindo de orelha a orelha, e começou a remexer no frigorífico.

— Que foi que te pôs tão feliz? — perguntou-lhe Rachel, descascando uma maçã.

— A quadra natalícia. — Riu-se, vendo a irmã deitar-lhe a língua de fora.

— Ouvi dizer que tinhas conhecido alguém — disse Julia.

Scott começou a preparar um prato de restos, ignorando o comentário.

Rachel estava prestes a censurar o irmão pelos seus maus modos, quando o telefone tocou. Rachel atendeu, levando o telefone para a sala ao descobrir que era a sua futura sogra.

Scott voltou-se imediatamente para Julia, olhando-a como que a pedir desculpa.

— Ela chama-se Tammy. Não estou preparado para ter a família toda a massacrá-la com perguntas.

— Compreendo. — Julia sorriu-lhe e concentrou-se na maçã que tinha em mãos.

— Ela tem um filho — deixou escapar Scott. Encostou o seu grande corpo ao balcão e cruzou os braços sobre o peito.

Julia pousou a faca.

— Ah.

— Um bebé de três meses. Vivem com os pais dela. A Tammy não podia vir sem ele, porque está a amamentar. — Scott falava em voz baixa, olhando constantemente para a porta que dava para a sala.

— Quando a apresentares à tua família, tens de o trazer também. Vão ser muito bem recebidos.

— Não estou assim tão certo disso. — Scott parecia pouco à vontade.

— Vão ficar radiantes de terem um bebé por aqui. Eu e a Rachel vamos disputá-lo.

— Que ias pensar se o teu filho aparecesse em casa com uma namorada que fosse mãe solteira? E com um bebé de outro tipo?

— Os teus pais adotaram o Gabriel. Penso que o teu pai não terá objeções. — Julia expirou devagar, tentando ler no rosto de Scott. — A não ser que a tua namorada seja casada.

— O quê? Não! O ex-namorado deixou-a quando ela ficou grávida. Já somos amigos há algum tempo. — Passou os dedos pelo cabelo, deixando-o quase espetado. — Tenho medo que o meu pai ache estranho eu andar com uma mulher que tem um filho recém-nascido.

Julia apontou o presépio sob a árvore de Natal, na sala.

— José e Maria tiveram uma história parecida.

Scott olhou-a como se a achasse louca.

Depois riu-se, voltando à sua sanduíche.

— Bem visto, Jules. Não posso esquecer-me disso.

A tarde, a família reuniu-se em volta da árvore de Natal para abrir os presentes. Os Clark eram uma família generosa, pelo que havia muitos presentes, alguns sérios, outros oferecidos por piada. Como não podia deixar de ser, Julia e o pai também foram contemplados.

Quando todos admiravam os seus presentes e bebiam *egg nog*, Rachel pôs o último presente no colo de Gabriel.

— Chegou esta manhã, para ti.

— De quem é? — Gabriel olhou para o embrulho, perplexo.

— Não sei.

Gabriel voltou-se para Julia, esperançado, mas ela abanou a cabeça.

Ansioso por desvendar o mistério, rasgou o papel de embrulho. Levantou a tampa da caixa branca e afastou as camadas de papel-tecido.

Antes que alguém pudesse ver o que estava na caixa, Gabriel empurrou-a, deixando-a cair aos seus pés. Sem uma palavra, dirigiu-se a passos largos para as traseiras, saindo e batendo a porta com força.

— Que presente foi este? — A voz de Scott quebrou o silêncio.

Aaron, que testemunhara o sucedido do corredor, entrou na sala.

— Deve ser da ex dele. Até apostava dinheiro em como foi ela que lhe enviou isso.

Julia encaminhou-se tropegamente para a cozinha e atravessou o alpendre das traseiras, seguindo o vulto de Gabriel, que se afastava.

— Gabriel? Gabriel! Espera.

Flocos de neve, grandes e espalmados, caíam do céu como penas,

cobrindo a relva e as árvores de uma brancura fria. Julia tremeu.

— Gabriel! — gritou, vendo-o desaparecer no bosque sem sequer olhar para trás.

Julia apressou o passo. Se o perdesse de vista, teria de regressar para casa. Não podia correr o risco de se perder novamente na floresta, sem um casaco. E sem um mapa.

Começou a sentir-se em pânico, lembrando-se do pesadelo recorrente em que andava perdida nos bosques, sozinha.

— Gabriel! Abranda.

Avançando a custo por entre as árvores, caminhou ainda alguns metros, e só depois o viu parado junto de um pinheiro alto.

— Volta para casa. — O tom ártico da voz dele combinava com a neve que os cobria.

— Não vou deixar-te aqui.

Deu mais alguns passos em frente. Ao ouvi-la aproximar-se, Gabriel voltou-se. Estava de fato e gravata, com uns sapatos italianos novos, agora estragados.

Um dos saltos de Julia ficou preso num ramo, e ela desequilibrou-se para a frente, agarrando-se ao tronco de uma árvore mesmo a tempo de evitar a queda.

Gabriel apareceu imediatamente ao seu lado.

— Volta para casa, antes que te magoes.

— Não.

Com o cabelo comprido encaracolando-se-lhe sobre os ombros, Julia cruzou os braços junto ao peito, por causa do frio. Farrapos brancos cobriam-lhe a cabeça e o vestido cor de ameixa.

Parecia um anjo de neve, uma figura tirada de um conto de fadas ou de um globo de neve, os flocos dançando em seu redor como amigos. Gabriel lembrou-se daquela vez em que a surpreendera na sua sala de leitura na biblioteca, quando uma resma de papel voara e as folhas tinham caído, envolvendo Julia.

— *Linda* — murmurou, olhando-a, momentaneamente distraído, e o calor do seu hálito criou uma nuvem entre eles.

Julia estendeu-lhe a mão nua rosada.

— Vem comigo.

— Ela nunca me vai deixar em paz.

— Quem?

— A Paulina.

— Ela precisa de começar uma vida nova. Precisa da tua ajuda.

— Ajuda? — repetiu Gabriel, furioso. — Queres que eu a *ajude*? Depois

de ela se ter posto de joelhos à minha frente e me ter tentado baixar as calças?

— O quê?

Gabriel cerrou os dentes, amaldiçoando a sua própria estupidez.

— Nada.

— Não me mintas!

— Foi uma tentativa desesperada de uma mulher desesperada.

— Recusaste?

— Claro que sim! Por quem me tomas? — Os olhos de Gabriel irradiavam um azul ameaçador.

— Foste apanhado de surpresa?

— Não — disse, os músculos da sua cara contraindo-se.

Julia apertou as mãos com tanta força que as unhas se lhe enterraram nas palmas.

— Porquê?

Gabriel olhava para as árvores atrás dela, sem vontade de responder.

— Porque não ficaste surpreendido? — repetiu Julia, começando a falar mais alto.

— Porque é o tipo de coisa que ela faz.

— Faz ou fazia?

— Qual é a diferença?

Os olhos de Julia estreitaram-se.

— Se tenho de te explicar a diferença, então temos um problema bem mais grave do que eu pensava.

Gabriel não queria responder, e essa relutância era visível nos seus olhos, na sua cara, até no seu corpo.

Julia olhava-o fixamente.

O olhar de Gabriel tremeluziu sobre o ombro dela, depois voou para longe, como se procurasse um caminho por onde fugir. Por fim, olhou-a nos olhos.

— De vez em quando, ela aparecia e nós... — A voz fraquejou-lhe.

Julia sentiu uma náusea. Fechou os olhos com muita força.

— Quando te perguntei se a Paulina era tua amante, disseste que não.

— Ela nunca foi minha amante.

Os olhos de Julia abriram-se repentinamente.

— Para de jogar com as palavras! Especialmente quanto te pergunto sobre as tuas parceiras de queca.

Gabriel cerrou os dentes.

— Essa linguagem é indigna de ti, Julianne.

Julia riu com vontade.

— Oh, sim. É indigno da minha parte dizer a verdade. Mas tu podes

mentir à vontade!

— Nunca te menti a respeito da Paulina.

— Mentiste, sim. Não admira que tenhas ficado tão irritado quando a chamei de tua parceira de queca, no teu seminário. Afinal, era mesmo assim.

— Julia fitou-o, destroçada. — Estiveste com ela na tua cama? Na cama onde dormimos juntos?

Gabriel baixou os olhos.

Julia começou a recuar.

— Estou tão zangada contigo, neste momento, que nem sei o que dizer.

— Desculpa.

— Isso não basta — gritou Julia, afastando-se. — Quando foi a última vez que dormiste com ela?

Gabriel apressou-se a segui-la, tentando alcançar-lhe o braço.

— Não me toques! — Ao recuar, Julia tropeçou na raiz de uma árvore.

Gabriel amparou-a mesmo antes de ela cair.

— Espera um minuto, por favor. Deixa-me explicar. — Tendo-se certificado de que ela já se equilibrara, Gabriel libertou-lhe o braço.

— Quando te encontrei, em setembro, já não havia nada entre mim e a Paulina. Não estava com ela desde dezembro, quando lhe disse que tínhamos de parar de uma vez por todas.

— Levaste-me a acreditar que tinhas terminado tudo com ela em Harvard. Fazes ideia de como isto me magoa? Fazes ideia de como me sinto estúpida? Ela pavoneia-se na casa dos teus pais como se pertencesse ali... como se eu é que fosse a parceira de queca. E não admira! Dormiste com ela durante *anos*!

Gabriel arrastou os pés na neve.

— Estava a tentar proteger-te.

— Pensa bem no que dizes, Gabriel. Pensa muito, muito bem.

Gabriel ficou petrificado. Ela nunca lhe falara naquele tom. Subitamente, sentiu que estava a perdê-la. A ideia era insuportável.

Começou a falar muito depressa.

— Só nos víamos uma vez ou duas por ano. Como te disse, não estava com ela desde dezembro. — Passou os dedos pelo cabelo. — Esperavas que catalogasse cada relação sexual que tive? Sabias que eu tinha um passado.

Olhou-a nos olhos durante vários segundos, depois deu um passo hesitante em frente.

— Lembras-te da noite em que te contei da Maia?

— Sim.

— Disseste-me que eu podia ser perdoado. Quis acreditar em ti. Pensei que se te contasse que tinha cedido à Paulina uma vez após outra, te perderia.

— Clareou a voz. — Não quis magoar-te.

— Estás a mentir-me agora?

— Não.

A expressão de Julia era cética.

— Ama-la?

— Claro que não. — Deu mais um passo na direção de Julia, mas ela deteve-o erguendo a mão.

— Então, dormiste com ela durante anos, depois da gravidez e do esgotamento nervoso que ela sofreu... mas não a amavas?

Os lábios de Gabriel estreitaram-se.

— Não — respondeu, vendo as lágrimas que tremeluziam nos grandes olhos escuros de Julia, e apercebendo-se de como ela tentava não chorar, a sua cara bonita desfigurada pela tristeza. Aproximou-se, despindo o casaco do fato e cobrindo ternamente os ombros de Julia.

— Ainda apanhas uma pneumonia. Devias voltar para casa.

Ela apertou o casaco, erguendo as lapelas junto ao pescoço.

— A Paulina era a mãe da Maia — disse Julia, num sussurro. — E vê como a trataste.

Todo o corpo de Gabriel ficou tenso. *A mãe da Maia.*

Ficaram em silêncio, apercebendo-se, passados instantes, de que a neve parara de cair.

— Quando tencionavas contar-me?

Gabriel hesitou, o coração batendo-lhe uma tatuagem furiosa no peito. Não estava inteiramente certo do que dizer até as palavras lhe escaparem por entre os lábios.

— Não tencionava contar-te.

Julia deu meia-volta e começou a caminhar na direção que julgava que a levaria a casa.

— Julia, espera! — Gabriel seguiu-a, agarrando-lhe um braço.

— Já disse para não me toques! — Sacudiu a mão dele, fulminando-o com o olhar.

— Deixaste muito claro que não querias saber pormenores da minha vida antes de te conhecer. Disseste que me perdoavas.

— Disse, sim.

— Sabias que eu tinha um comportamento lascivo — censurou-a, brandamente.

— Obviamente, achava que havia limites.

Gabriel recuou, ferido com a resposta.

— Eu merecia ouvir isso — disse, numa voz fria como a neve que pisavam. — Não te contei tudo e devia tê-lo feito.

— O presente que recebeste era dela?

— Sim.

— O que era?

Os ombros de Gabriel curvaram-se.

— Uma imagem de uma ecografia.

Julia inspirou com força, produzindo um assobio, à medida que o ar revigorante do inverno lhe enchia os pulmões.

— Porque havia ela de fazer uma coisa destas?

— A Paulina pensa que eu guardei segredo sobre tudo o que se passou. E tem razão, claro, no que se refere aos meus irmãos. Mas partiu do princípio de que eu não te tinha contado. O objetivo era tu ficares a saber.

— Usaste-a. — Julia tiritava. — Não admira que não te deixe em paz. Alimentaste-a com restos, como a um cão. Serias capaz de me tratar assim?

— Nunca. Sei que tratei a Paulina de uma maneira abominável. Mas isso não lhe dá o direito de te magoar. És inocente em tudo isto.

— Induziste-me em erro.

— Sim. É verdade. Podes perdoar-me?

Julia ficou calada por um instante, esfregando as mãos para combater o frio.

— Alguma vez pediste à Paulina que te perdoasse?

Gabriel abanou a cabeça.

— Brincaste com os sentimentos dela. Sei como é. Por isso consigo sentir compaixão por ela.

— Conheci-te primeiro — murmurou Gabriel.

— Isso não te dá o direito de seres cruel. — Julia tossiu um pouco, o ar frio ardendo-lhe na garganta.

Gabriel pousou-lhe a mão, ao de leve, no ombro.

— Por favor, volta para casa. Estás a tremer de frio.

Julia voltou-se novamente para seguir caminho e Gabriel segurou-lhe a mão.

— Sentia alguma coisa por ela, mas não era amor. Havia culpa e luxúria, e algum afeto, sim, mas nunca amor.

— Que vais fazer agora?

Gabriel pôs-lhe um braço em redor da cintura, puxando-a para si.

— Vou resistir à tentação de reagir ao presente e fazer tudo o que estiver ao meu alcance para te compensar. É a ti que eu quero. Desculpa-me por te ter magoado.

— Talvez ainda mudes de ideias.

Ele estreitou-a um pouco mais contra si, uma expressão resoluta na cara.

— És a única pessoa que alguma vez amei.

Como Julia não respondeu, Gabriel começou a caminhar com ela para casa.

— Nunca seria capaz de te trair, juro-te. Quanto ao que a Paulina tentou fazer ontem... — Apertou-lhe a cintura. — Houve um tempo em que poderia ter-me deixado levar. Mas isso foi antes de te encontrar. Preferia passar o resto da vida a beber do teu amor do que esvaziar todos os oceanos do mundo.

— As tuas promessas são vazias se não vierem acompanhadas de honestidade. Perguntei-te se ela tinha sido tua amante, e jogaste com as palavras.

Gabriel fez uma careta.

— Tens razão. Desculpa. Não volta a acontecer.

— Hás de acabar por te cansares de mim. E quando isso acontecer, vais voltar ao que te é familiar.

Gabriel deteve-se. Encarou-a.

— A Paulina nunca me foi familiar. Temos uma história, mas nunca fomos compatíveis. E nunca fizemos bem um ao outro.

Julia lançou-lhe um olhar cético.

— Deambulei na escuridão à procura de algo melhor, de algo real. Encontrei-te a ti, e raios me partam se vou perder-te.

Julia desviou o olhar, contemplando as árvores e o caminho que devia levar ao pomar.

— Os homens aborrecem-se.

— Só se forem estúpidos.

Os olhos de Gabriel estavam sombrios, receosos. Pestanejou sob o olhar dela, depois franziu o sobrolho.

— Achas que o Richard teria traído a Grace?

— Claro que não.

— Porquê?

— Porque é um homem bom. Porque a amava.

— Não vou dizer que sou um homem bom, Julia. Mas amo-te. Não vou trair-te.

Julia permaneceu em silêncio por alguns segundos.

— Posso já ter sofrido muito, mas consigo dizer-te “não”.

— Eu sei.

— Estou a dizer-te “não” agora. Se voltares a mentir-me, será a última vez. — A voz de Julia encerrava um aviso.

— Prometo-te.

Julia expirou lentamente, abrindo os punhos.

— Recuso-me a dormir contigo na cama que partilhaste com ela.

— Vai estar tudo redecorado quando regressarmos a Toronto. Vendo a

maldita casa, se quiseses.

Julia franziu os lábios.

— Não estou a pedir-te que vendas o apartamento.

— Então, perdoa-me — murmurou Gabriel. — Dá-me a oportunidade de te mostrar que mereço a tua confiança.

Julia hesitou.

Gabriel aproximou-se, abraçando-a. Ela aceitou-o, relutante, e ficaram abraçados sob a neve, num bosque que escurecia.

Nessa noite, Gabriel e Julia estavam sentados no chão, de pijama, junto à sua árvore de Natal na suite do hotel. Julia encorajou Gabriel a abrir o presente de Paulina, para que todos os segredos fossem revelados. Ele não queria, mas fê-lo, por Julia.

Pegou na ecografia e fez uma careta. Julia pediu-lhe para ver, e Gabriel estendeu-lha, suspirando.

— Não há razão para esta imagem te fazer mal. A Rachel e o Scott haviam de compreender, se tivessem descoberto. — Julia passou um dedo pela curva da cabeça do bebé. — Devias guardar isto num lugar privado, mas não numa caixa. Ela tinha um nome. Merece ser recordada.

Gabriel pousou a cabeça entre as mãos.

— Não achas mórbido?

— Não vejo nada de mórbido num bebé. A Maia era tua filha. A Paulina queria magoar-te, mas, na verdade, esta imagem é uma dádiva. Mereces tê-la. Eras o pai da criança.

Gabriel estava demasiado emocionado para falar. Para se distrair, pôs os restantes presentes de Paulina junto à porta. Tencionava devolver-lhos tão cedo quanto possível.

Julia seguiu-o.

— Estou ansiosa por usar o teu presente de Natal — confessou, apontando o corpete preto e os sapatos que ainda estavam na caixa, debaixo da árvore.

— Estás mesmo?

— Vou ter de me preparar mentalmente antes, mas acho o corpete feminino e muito bonito. Adoro os sapatos. Obrigada.

Os ombros de Gabriel relaxaram. Queria pedir-lhe que experimentasse as suas prendas. Queria vê-la com os sapatos novos calçados (talvez sentada no balcão da casa de banho, com ele entre as suas pernas), mas não se atreveu a dar voz aos seus desejos.

— Hum... preciso de te explicar uma coisa. — Julia segurou-lhe na mão, entrelaçando os seus dedos nos dele. — Não posso usá-los esta noite.

— Compreendo. Depois destes dois dias, seria a última coisa de que terias vontade. — Gabriel afagou-lhe as costas da mão com o polegar. — Especialmente comigo.

— Vai demorar algum tempo até poder experimentá-los.

— Eu sei — disse ele, começando a libertar os seus dedos.

— Tentei explicar-te isto na noite passada, mas... não acabei o que queria dizer.

Gabriel ficou muito quieto.

— É que... estou com o período.

Gabriel ficou ligeiramente boquiaberto. Depois fechou a boca. Envolveu Julia nos seus braços, abraçando-a ternamente.

— Não é a reação que eu esperava — disse Julia, a voz abafada pelo peito dele. — Se calhar, não me ouviste.

— Então, na noite passada... não foi por não me queres?

Julia recuou, surpresa.

— Ainda estou aborrecida por causa do que se passou com a Paulina, mas claro que te quero. Fazes-me sempre sentir especial, quando fazemos amor. Mas, neste momento, não vou por aí. Ou melhor, não te deixo lá ir. Hum... sabes o que quero dizer. — Corou.

Com um suspiro de alívio, Gabriel beijou-a na testa.

— Tenho outros planos para ti.

Segurou-lhe na mão e conduziu-a até à espaçosa casa de banho, parando pelo caminho para ligar a aparelhagem. Quando passaram a porta, os primeiros acordes de “Until”, de Sting, enchiam o quarto.

Paulina acordou em sobressalto e coberta de suor frio, numa cama estranha, em Toronto. Por mais vezes que se repetisse, o sonho era sempre igual e causava-lhe sempre o mesmo horror. Nenhuma quantidade de vodka ou de comprimidos lhe tirava a dor do peito ou as lágrimas dos olhos.

Pegou na garrafa que tinha ao lado da cama, derrubando o despertador do hotel. Uns quantos *shots* e alguns comprimidos azuis, e depois conseguiria adormecer, abandonando-se à escuridão.

Não havia nada que a consolasse. Outras mulheres podiam ter um segundo filho para atenuarem a dor da perda do primeiro. Mas Paulina não voltaria a gerar uma criança. E o pai da criança que perdera já não a queria.

Fora o único homem que ela alguma vez amara. Amara-o à distância e depois amara-o de perto, mas ele nunca correspondera. Não de verdade. Mas era demasiado nobre para a pôr de lado como a mercadoria usada que era.

Soluçando na almofada, sentindo a cabeça a girar, chorou em voz alta uma dupla perda...

Maia.

Gabriel...

O professor Giuseppe Pacciani não era virtuoso, mas era esperto. Não acreditou em Christa quando ela lhe declarou que estava disposta a encontrar-se com ele para terem sexo. De modo a garantir que tal encontro se concretizaria, Pacciani disse-lhe que só lhe revelaria o nome da *fidanzata* canadiana do professor Emerson se Christa fosse ter com ele a Madrid em fevereiro.

Christa não queria esperar tanto tempo, nem voltar a dormir com ele, para lhe sacar a informação, pelo que não respondeu àquele último *e-mail*. Decidiu mudar de tática e arranjar outra forma de descobrir o nome da noiva do professor Emerson.

Poderia dizer-se que Christa estava com ciúmes e que essa era a sua principal razão para se perguntar quem conseguira captar a atenção do professor, quando ela (inexplicavelmente) falhara. Poderia dizer-se que Christa começara a desconfiar de uma certa morena de olhos doces, desde que o professor tivera uma discussão acesa com a aluna em causa por causa de uma amante chamada Paulina.

Mas talvez a explicação mais acertada fosse o seu recente e doentio fascínio pelos rumores que ouvira a respeito da professora Singer e da sua pouco secreta vida sexual. Quando o professor Emerson a beijara depois da palestra na Universidade de Toronto, muitas línguas tinham encontrado que dizer. A língua de Christa era uma delas.

Era possível que Giuseppe estivesse enganado. Talvez Emerson não tivesse, afinal, uma *fidanzata*. Talvez tivesse uma amante.

Para resolver tão suculento mistério, Christa contactou um antigo parceiro florentino, que trabalhava para o jornal *La Nazione*, esperando que ele lhe fornecesse informações sobre a vida pessoal do professor Emerson. Enquanto esperava a resposta, centrou-se numa fonte de informação mais próxima. No *Vestíbulo*, todos os pecados seriam revelados.

A notória ausência do professor Emerson do Lobby começara na noite em que Christa tentara seduzi-lo. Assim, raciocinou ela, a relação com a tal noiva devia ter começado por essa altura. Até então, Emerson nem queria saber quando ou com quem se enrolava. Ou talvez ele e a namorada não tivessem um verdadeiro compromisso até essa noite fatídica. Era possível que o professor sempre tivesse tido uma namorada mas não fosse propriamente monógamo, embora uma tal ligação tivesse provavelmente sido comentada.

(Toronto é, afinal, uma cidade pequena.)

O caminho a seguir tornara-se claro para Christa. Era provável que o professor tivesse estado no Lobby com a namorada em algum momento do primeiro semestre, visto que aquele era o seu lugar de eleição. Tudo o que Christa tinha de fazer era meter conversa com alguém que trabalhasse na discoteca e extorquir-lhe informação.

Numa noite de sábado, Christa pôs-se a observar os funcionários do Lobby, tentando descobrir o elo mais fraco. Sentada no bar, ignorou por completo a americana alta e loura que ali estava precisamente com o mesmo objetivo, e que acabara de chegar num voo de Harrisburg. Os lábios carnudos e vermelhos de Christa franziram-se de repulsa quando a mulher pegou no seu *iPhone* e falou muito alto, em italiano, com um *maître d'* chamado Antonio.

À medida que a noite avançava, Christa apercebeu-se de que tinha poucas opções. Ethan tinha um namoro sério, pelo que não se deixaria ir em conversas. Vários dos empregados eram homossexuais, e só mulheres serviam às mesas. Restava apenas Lucas.

Lucas era um cromo dos computadores (não que houvesse algum mal nisso), e ajudava Ethan na segurança da discoteca, na qualidade de técnico informático. Lucas tinha acesso às gravações das câmaras de segurança, e concordou, de modo bastante entusiástico, em deixar Christa entrar na discoteca fora do horário de funcionamento, para verem os filmes, um a um, começando em setembro de 2009.

E agora Christa encontrava-se sentada no balcão da casa de banho, numa manhã de domingo, Lucas a comê-la, quando devia estar na igreja.

Gabriel e Julia regressaram a Toronto na noite do dia 1 de janeiro. Foram ao apartamento de Julia para ela deixar parte da bagagem e levar alguma roupa lavada. Era, pelo menos, o que Gabriel pensava. Com o táxi à espera junto ao passeio, Gabriel estava no apartamento frio e pouco confortável de Julianne, de pé, à espera que ela preparasse uma mala para levar. Não foi isso que aconteceu.

— É aqui que eu moro, Gabriel. Estive fora três semanas. Tenho roupa para lavar, e amanhã preciso de trabalhar na minha tese. As aulas começam na segunda-feira.

O rosto de Gabriel ficou muito carrancudo muito depressa.

— Sim, estou a par de quando as aulas começam — disse, secamente. — Mas está um gelo aqui. Não tens comida, e não quero dormir sem ti. Vem para casa comigo, e podes voltar cá amanhã.

— Não quero ir para a tua casa.

— Disse-te que ia mandar redecorar o quarto, e foi o que fiz. A cama, a mobília, é tudo novo. — Fez uma careta. — Até pintaram as paredes.

— Ainda não estou preparada. — Julia voltou-lhe as costas e começou a tirar a roupa da mala. Gabriel observou-a por momentos, depois saiu do apartamento, fechando a porta algo ruidosamente.

Julia suspirou.

Gabriel estava a esforçar-se, ela sabia. Mas todas aquelas revelações tinham abalado a sua já frágil autoconfiança, uma autoconfiança que só começara a restabelecer-se durante as férias em Itália. Julia conhecia-se o suficiente para saber que o seu medo de perder Gabriel tinha origem no divórcio dos seus pais e na traição de Simon. Ainda assim, era-lhe muito difícil esquecer os receios e acreditar que o amor de Gabriel nunca esmoreceria.

Estava junto à porta, prestes a trancá-la, quando Gabriel entrou, de mala na mão.

— Que estás a fazer?

— A manter-te quente.

Gabriel pousou a mala no chão e desapareceu na casa de banho, fechando a porta atrás de si. Voltou passados minutos, a camisa desabotoada e por fora das calças, resmungando a respeito de ter conseguido ligar o maldito aquecedor.

— Porque voltaste?

— Não estou habituado a dormir sem ti. Na verdade, estou prestes a vender o raio do apartamento, mais a mobília, e a comprar outro. — Abanou a cabeça e começou a despir-se sem pudores e sem mais conversa.

Enquanto Julia estava na casa de banho, Gabriel inspecionou alguns dos objetos que ela tinha sobre a sua mesa articulada: o livro com as reproduções de Botticelli, que ele lhe oferecera como presente de aniversário, uma vela, uma caixa de fósforos, e o álbum de fotografias que ele lhe tirara.

Ao folhear o álbum, começou a sentir-se excitado. Ela prometera voltar a posar para ele. Julia *queria* que ele a fotografasse. Um mês antes, Gabriel nunca teria julgado que tal viesse a acontecer. Julia mostrara-se tão tímida, tão nervosa.

Gabriel recordou o seu olhar quando a levara para a cama depois daquela terrível discussão durante o seminário. Pensar nos grandes olhos assustados de Julianne e no modo como o corpo dela tremia sob as suas mãos fê-lo sentir-se menos excitado. Não a merecia. Sabia-o. Mas a fraca autoestima de Julianne impedia-a de ver a verdade.

Folheou as páginas do álbum até se deter numa fotografia: Julia estava de perfil, uma mão dele no seu ombro e a outra mão erguendo-lhe o cabelo,

enquanto os seus lábios lhe tocavam o pescoço esbelto.

Julia ignorava que ele tinha uma cópia daquela fotografia escondida no roupeiro. Não se atrevera a expô-la, pois receava a sua reação. Quando regressasse ao seu quarto recém-decorado, pendurar aquela fotografia na parede seria a sua primeira tarefa.

Só a ideia bastou para lhe alimentar o desejo. Então, Gabriel pegou num fósforo e acendeu a vela, colocando-a sobre a mesa articulada, antes de apagar a luz. Um brilho romântico envolveu as fotografias e a cama no momento em que Julia entrava no quarto sombrio.

Gabriel sentou-se na cama estreita, completamente nu, enquanto ela desdobrava um pijama de aspeto usado, com patos estampados.

— Que estás a fazer? — Olhou para o pijama, não conseguindo disfarçar o seu desagrado.

— A preparar-me para me deitar.

Gabriel fitou-a.

— *Vem cá.*

Julia avançou devagar até junto dele.

Gabriel tirou-lhe o pijama da mão, atirando-o para o lado.

— Não precisas de pijama. Não precisas de vestir nada.

Julia começou a despir-se diante dele, pousando a sua roupa numa das cadeiras articuladas.

Gabriel impediu-a de se deitar colocando-lhe uma mão no alto da cabeça, como se estivesse a abençoá-la. Depois começou a tocar-lhe, os seus dedos deslizando-lhe através dos cabelos longos até à cara, onde lhe acariciou as sobrancelhas e as maçãs do rosto. Mantinha os olhos teimosamente fixos nos dela, o calor da sua intensidade alcançando-lhe a mente.

Algo do velho professor Emerson se tornara agora visível, sobretudo na sua expressão, sexual e primitiva. Julia fechou os olhos, e as mãos dele subiram-lhe do pescoço para a cara, detendo-se por um segundo.

— *Abre os olhos.*

Julia assim fez, e arquejou ao ver o desejo que a olhava de volta. Gabriel era como um leão, ansioso por se saciar mas ainda assim a perseguir a sua presa. Não queria assustá-la. Mas ela nada podia contra o seu próprio desejo.

— Sentiste a falta de eu te tocar assim? — perguntou Gabriel, num sussurro ardente.

A resposta de Julia escapou-se-lhe da boca como um gemido sufocado. Gabriel sentiu-se orgulhoso.

Era uma longa viagem, do rosto aos joelhos dela, e ele parecia estar a apreciá-la, avançando devagar, detendo-se em diferentes pontos, o seu toque leve mas intenso. Julia sentia calor sob aqueles dedos gentis, apesar do frio do

quarto. Mal pensou no frio, arrepiou-se.

Gabriel parou imediatamente com as suas explorações, e afastou-se para que ela se deitasse na cama, no lado da parede. Colou o peito às costas dela, cobrindo os seus corpos nus com o edredão roxo.

— Tive saudades de fazer amor contigo. Foi como se me faltasse um membro.

— Também tive saudades.

Gabriel sorriu, aliviado.

— Fico muito contente de ouvir isso. Foi uma tortura, uma semana sem poder tocar-te assim.

— Foi uma tortura não poder sentir-te a tocares-me.

O tremor de desejo na voz dela deixou-o com o sangue a ferver. Apertou-a um pouco mais nos seus braços.

— Aninharmo-nos é uma parte muito importante do fazer amor.

— Nunca achei que fosse apreciador de tal coisa, professor Emerson.

Gabriel levou os lábios ao pescoço dela, chupando-lhe delicadamente a pele.

— Mudei muito, desde que fizeste de mim teu amante. — Escondeu a cara no cabelo de Julia, inalando a fragrância de baunilha. — Às vezes pergunto-me se terás noção de como me mudaste. Parece milagroso.

— Não faço milagres. Mas amo-te.

— E eu a ti. — Gabriel ficou imóvel por alguns segundos, o que surpreendeu Julia. Julgara que começariam imediatamente a fazer amor.

— Não chegaste a contar-me o que aconteceu no restaurante Kinfolks, na Véspera de Natal. — Gabriel tentou falar num tom descontraído, pois não queria que ela sentisse a pergunta como uma censura.

Querendo terminar rapidamente a conversa, para poderem passar a outras atividades, Julia relatou a sua discussão com Natalie. Deixou de fora a parte em que Natalie troçara dos seus atos sexuais com *ele* diante de toda a gente. Gabriel fê-la deitar-se de costas, para lhe ver o rosto.

— Porque não me contaste?

— Já não ias a tempo de fazer nada.

— Julia, eu amo-te, raios! Porque não me contaste?

— Quando voltámos para casa, a Paulina estava à nossa espera.

Gabriel fez uma expressão zangada.

— É verdade. Então, ameaçaste a tua antiga colega de quarto com um artigo de jornal?

— Sim.

— Achas que ela acreditou em ti?

— A Natalie quer sair de Selinsgrove. Quer ser a namorada oficial do

Simon e aparecer de braço dado com ele nos acontecimentos políticos em Washington. Não vai fazer nada que comprometa isso.

— Mas ela não tem já isso tudo?

— Não. A Natalie é o segredinho sujo do Simon. Foi por isso que levei tanto tempo a perceber que ele andava a fodê-la.

Gabriel estremeceu. Julia raramente dizia um palavrão, mas quando o fazia, era de arrepiar.

— Olha para mim. — Gabriel apoiou os antebraços no colchão, de cada um dos lados dos ombros dela.

Julia leu preocupação nos seus olhos azuis.

— Sinto muito que ele te tenha magoado. Também lamento não lhe ter desfeito a cara quando tive oportunidade para isso. Mas não posso dizer que lamento que ele se tenha metido com a tua colega de quarto. De outro modo, não estarias aqui comigo.

Beijou-a, a sua mão deslizando-lhe pela curva do pescoço até ela suspirar de prazer junto à sua boca.

— *Tu* és a minha pequena folha. A minha linda, triste, pequena folha, e quero ver-te feliz e em paz. Peço desculpa por todas as lágrimas que te fiz chorar. Espero que um dia consigas perdoar-me.

Julia escondeu a cara no ombro dele, puxando-o para si, e explorou-lhe o corpo até serem um só. No ar silencioso do seu pequeno estúdio, pairavam apenas arquejos e suspiros abafados e a sua própria voz gemendo até um pico febril.

Era uma linguagem subtil, aquela, a linguagem partilhada de amantes: suspiros e gemidos recíprocos, expectativa crescente e entrega, até os gemidos se tornarem gritos e os gritos se tornarem novamente suspiros. O corpo de Gabriel cobria o dela por completo, um peso delicioso de masculinidade, de suor e pele nua sobre pele nua.

Aquela era a alegria que o mundo inteiro procurava — sagrada e pagã, ao mesmo tempo. A união de dois dissimilares num único ser. Uma imagem de amor e satisfação profunda. Um lampejo extático da visão beatífica.

Antes de se afastar, Gabriel beijou-a uma vez mais, na cara.

— Vais conseguir?

— Conseguir o quê?

— Perdoar-me por te ter enganado a respeito da Paulina? E por a ter usado?

— Não posso perdoar-te em nome da Paulina. Só ela pode fazer isso. — Julia mordiscou o lábio inferior. — Agora, mais do que nunca, tens de te certificar de que ela procura ajuda, para poder seguir com a sua vida. Deves-lhe isso.

Gabriel queria responder, mas, de alguma forma, a força daquela bondade silenciou-o.

A medida que o semestre avançava, Julia viu-se sob uma tremenda pressão para terminar a sua tese, e Katherine Picton insistia com ela para que lhe apresentasse capítulos em menos tempo. Capítulos mais breves permitiriam que se falasse de um modo mais específico sobre o trabalho de Julia a Greg Matthews, o presidente do Departamento de Línguas Românicas de Harvard, caso a candidatura de Julia fosse além da carta de referência.

Julia não conseguia concentrar-se quando Gabriel estava por perto. Numa voz doce, explicou-lhe porquê. Algo que tinha a ver com olhos azuis e pirotecnia sexual e uma química que vibrava no ar entre eles, e, por tudo isso, Julia não conseguia concentrar-se no seu trabalho. Gabriel sentira-se extremamente lisonjeado.

Assim, o casal chegou a um compromisso. Trocariam mensagens de texto, telefonemas e, ocasionalmente, *e-mails*, mas, à parte um almoço ou um jantar esporádico durante a semana, Julia ficaria no seu apartamento. Às sextas-feiras chegaria a casa de Gabriel durante a tarde, para passarem o fim de semana juntos.

Numa noite de quarta-feira, em meados de janeiro, Julia telefonou a Gabriel, depois de ter terminado o trabalho que tinha em mãos.

— Tive um dia difícil — disse-lhe, numa voz cansada.

— Que aconteceu?

— A professora Picton obrigou-me a deitar fora três quartos de um dos meus capítulos, porque acha que estou a apresentar-lhe uma versão romantizada de Dante.

— Au.

— Ela odeia os românticos, por aí já podes imaginar como ficou irritada. Deu-me um sermão. Faz-me sentir estúpida.

— Mas não és. — Gabriel riu-se. — A professora Picton também me faz sentir estúpido, às vezes.

— Custa-me acreditar.

— Devias ter-me visto da primeira vez que fui convocado para ir à casa dela. Estava mais nervoso do que no dia em que defendi a minha tese. Quase me esqueci de vestir as calças.

Foi a vez de Julia rir.

— Só posso imaginar que um professor Emerson sem calças seria muito bem recebido.

— Felizmente, não foi preciso descobrir.

— A professora Picton disse-me que a minha sólida ética de trabalho compensa os meus ocasionais lapsos de raciocínio.

— É um grande elogio, vindo da Katherine. Ela acha que a maioria das pessoas nem sequer raciocina. Pela maneira como descreve o mundo de hoje, somos quase todos macacos que por acaso usam roupa. Às vezes.

Julia suspirou, deitando-se de bruços.

— Custava-lhe muito dizer-me que gosta da minha tese? Ou que estou a fazer um bom trabalho?

— A Katherine nunca vai dizer-te que gosta da tua tese. Acha que os comentários positivos são uma forma de condescendência. São, simplesmente, assim, os velhos pretensiosos de Oxford.

— Felizmente, o professor Emerson não é assim.

Gabriel deu por si a contorcer-se, só de ouvir aquela mudança de tom.

— Oh, sou sim, menina Mitchell. Parece que já se esqueceu.

— Agora trata-me bem.

— Espero bem que sim — murmurou Gabriel, sentindo a voz fraquejar.
— Mas lembra-te que és minha namorada, não minha aluna. — Sorriu maliciosamente. — Exceto nas coisas do amor.

Julia riu-se, e Gabriel deu por si a rir com ela.

— Já acabei o livro que me emprestaste, *A Severe Mercy*.

— Foi rápido. Como conseguiste?

— À noite sinto-me mais sozinha. Tenho lido na cama, para me ajudar a adormecer.

— Não precisas de te sentir sozinha. Apanhas um táxi para minha casa, e eu faço-te companhia.

Julia revirou os olhos.

— Sim, professor.

— Pois bem, *menina Mitchell*. Que achaste do livro?

— Não percebo porque é que a Grace gostava tanto dele.

— Porquê?

— Bem, é uma história de amor. Mas quando se tornaram cristãos, acharam que o seu amor um pelo outro era pagão... que se tinham idolatrado um ao outro. Isso entristeceu-me.

— Tenho pena que te tenha deixado triste. Ainda não o li, apesar de a Grace costumar falar deste livro.

— Como é que o amor pode ser pagão, Gabriel? Não faz sentido para mim.

— Perguntas-me a mim? Achava que eu é que era o pagão na nossa relação.

— Não és pagão. Tu mesmo o disseste.

Gabriel suspirou, refletindo.

— É verdade. Sabes tão bem como eu que Dante considera que só Deus pode satisfazer os anseios da alma. Aqui reside a crítica implícita de Dante ao pecado de Paolo e Francesca. Prescindem de um bem maior, o amor de Deus, pelo amor de um ser humano. Claro que isso é pecado.

— Paolo e Francesca eram adúlteros. Nunca deviam ter-se apaixonado um pelo outro.

— Sim, mas mesmo que nenhum deles fosse casado, a crítica de Dante manter-se-ia. Se o seu amor os leva a excluir tudo e todos os que os rodeiam, então é um amor pagão. Tornaram-se ídolos um do outro, idolatraram o seu amor. E são tolos, porque nenhum ser humano pode tornar outro ser humano completamente feliz. Os seres humanos são demasiado imperfeitos para isso.

Julia ficou estupefacta. Embora parte da explicação de Gabriel lhe fosse familiar, espantou-se ao ouvir aquelas palavras da boca dele.

Afinal, ela é que era pagã no seu amor por Gabriel, e nem sequer se apercebera. Além disso, se ele acreditava mesmo no que estava a dizer, então tinha uma perspetiva muito menos exaltada da sua relação. Julia estava chocada.

— Julianne? Estás aí?

Ela pigarreou.

— Sim.

— É só uma teoria. Não tem nada a ver connosco.

Apesar do que acabara de dizer, o desconforto não desaparecera. Gabriel sabia que fizera de Julianne um ídolo, a sua Beatriz, e por mais que o negasse, ou por mais sofisticada que fosse a sua retórica, essa era a verdade. Tendo passado tanto tempo num programa de doze passos que o encorajara a centrar-se num poder maior e não em si próprio, nas suas amantes ou na sua família, Gabriel não se iludia.

— Então, porque é que a Grace gostava tanto deste livro? — insistiu Julia. — Não compreendo.

— Não sei — disse Gabriel. — Possivelmente, quando se apaixonou pelo Richard, viu-o como um salvador. Casaram, e partiram rumo ao pôr-do-sol de Selinsgrove.

— O Richard é um homem bom — murmurou Julia.

— Sim. Mas não é um deus. Se a Grace tivesse casado a pensar que todos os seus problemas desapareceriam graças à perfeição do Richard, a relação deles não teria durado. Ela teria acabado por se desiludir, e tê-lo-ia deixado para procurar outra pessoa que a fizesse feliz.

»Talvez o casamento feliz do Richard e da Grace se devesse ao facto de terem expectativas realistas; não esperavam satisfazer todas as necessidades

um do outro. Isto também explicaria a importância que ambos davam a uma dimensão espiritual.

— Talvez tenhas razão. O meu livro é muito diferente do romance do Graham Greene que andavas a ler.

— Não são assim tão diferentes.

— O romance do Greene é sobre uma aventura amorosa e sobre um homem que odeia Deus. Procurei na Wikipédia.

Gabriel resistiu ao impulso de dar um berro.

— Não procures nada na Wikipédia, Julianne. Sabes que não é um *site* credível.

— Sim, professor — ronronou Julia.

Ele suspirou.

— Porque é que achas que o protagonista do Greene odeia Deus? Porque a pessoa que ele ama o *trocou* por Deus. Ambos os romances são sobre pagãos, Julianne. Os finais é que são diferentes.

— Não me parece que sejam assim tão diferentes.

Gabriel não pôde deixar de sorrir.

— Acho que é um pouco tarde para estarmos a ter esta conversa. Deves estar cansada, e eu tenho papelada para tratar.

— Amo-te. Loucamente.

Algo na voz de Julia pôs o coração de Gabriel a bater depressa.

— Também te amo. E acho que te amo muito mais do que devia. Mas não sei amar-te de outra maneira. — As últimas palavras de Gabriel não foram mais que um sussurro, mas queimaram o ar.

— Também não sei amar-te de outra maneira — murmurou ela.

— Então, Deus tenha misericórdia de nós.

Se lhe tivessem perguntado se queria voltar a fazer terapia, Gabriel teria respondido que não. Não lhe agradava a ideia de falar sobre os seus sentimentos ou sobre a sua infância, nem queria ser obrigado a reviver o que acontecera com Paulina. Não queria falar sobre as suas dependências nem sobre a professora Singer e as muitas outras mulheres com quem fora para a cama.

Mas queria um futuro com Julia, e queria que ela estivesse saudável — que florescesse plenamente e não apenas em parte. Receava, de algum modo, vir a impedi-la de alcançar essa plenitude, simplesmente por ser... bem, por ser *Gabriel*.

Assim, jurou a si próprio que faria tudo o que pudesse para a apoiar,

incluindo mudar o seu comportamento para melhor e centrar-se mais nas necessidades dela. Acabou por reconhecer que lhe seria útil ter uma avaliação objetiva do seu próprio egoísmo, bem como alguns conselhos práticos quanto ao modo de o superar. Por essa razão, dispôs-se a vencer o desconforto e o constrangimento de procurar ajuda, e começou a ter sessões semanais com um terapeuta.

Com o decorrer do mês de janeiro, tornou-se claro que tanto Gabriel como Julia tinham sido felizes na escolha dos seus terapeutas. A doutora Nicole e o doutor Winston Nakamura eram casados e procuravam trabalhar os problemas pessoais e psicológicos dos seus pacientes com vista a uma integração existencial e espiritual das suas aspirações.

Nicole encarava com preocupação a natureza da relação de Julia com o seu namorado. Receava que os seus diferentes níveis de poder, juntamente com a personalidade forte de Gabriel e com a fraca autoconfiança de Julia, tornassem aquela relação romântica um percalço, mais do que uma ajuda, para a saúde mental de Julia.

Mas Julia declarava estar apaixonada por Gabriel e ser muito feliz com ele, e era óbvio que a relação lhe proporcionava muito prazer e muita segurança. Ainda assim, o estranho relato de como se tinham conhecido e, mais tarde, reencontrado, certos factos do passado de Gabriel e a sua personalidade aditiva lançaram todo o tipo de sinais de alerta a Nicole. O facto de Julia não reconhecer esses sinais de alerta era mais revelador do seu estado psicológico do que ela poderia supor.

Winston não se pusera com rodeios, e informara Gabriel de que estava a comprometer o seu processo de recuperação ao continuar a beber álcool e ao não frequentar as reuniões dos Narcóticos Anónimos. O que devia ter sido uma consulta de apresentação explodiu num violento confronto, com Gabriel a sair do gabinete e a bater com a porta.

Mas ao contrário do que seria de esperar, Gabriel compareceu na sessão seguinte, prometendo que voltaria às reuniões dos Narcóticos Anónimos. Assistiu a uma ou duas reuniões, e nunca mais voltou.

*N*eve a cair na cidade é muito diferente de neve a cair no campo, pensava Julia, caminhando ao lado de Gabriel sob os flocos brancos. Dirigiam-se para o prédio de Gabriel, para ele ir buscar o carro. Aquela seria uma noite de celebração num requintado restaurante francês, Auberge du Pommier.

Gabriel puxou Julia pelo braço para a entrada de uma loja, encostando-a a uma parede de vidro para a beijar. Quando parou, ela riu-se, ofegante, e arrastou-o para o passeio, para admirarem a neve a cair.

No campo, a neve sussurra a toda a volta, os grandes flocos rodopiando, livres de arranha-céus e prédios de escritórios. Na cidade, o vento sopra a neve por entre edifícios altos, mas o efeito é consideravelmente reduzido pelos muitos obstáculos. Ou Julia assim julgava.

Quando chegaram ao prédio de Gabriel, ela parou diante da grande loja de porcelanas que lhe lançava olhares matrimoniais. Mas Julia só estava interessada no bonito homem que tinha ao seu lado.

Gabriel usava um sobretudo de fazenda preto com gola de veludo e um cachecol *Burberry* enrolado ao pescoço como uma gravata. A mão que segurava a de Julia tinha uma luva preta calçada, mas era o que Gabriel trazia a cobrir a cabeça que a fascinava.

O professor Emerson usava uma boina.

Julia achava aquele acessório estranhamente apelativo. Gabriel recusara-se a sucumbir ao costume local de usar gorros. Uma boina preta de lã, a combinar com o sobretudo, servia muito bem. E Gabriel estava muito elegante com ela.

— Que foi? — perguntou, enrugando a cara, ao vê-la contemplar o seu reflexo. Um sorriso lento desenhou-se nos lábios de Gabriel.

— Estás bonito — gaguejou Julia, sem conseguir desviar os olhos da sua figura impressionante.

— Tu é que és bonita, por dentro e por fora. Um lindo sorvete.

Beijou-a intensa e demoradamente em frente de marcadores de porcelana de cem dólares, e mordiscou-lhe a orelha.

— Vamos apanhar um táxi para o restaurante. Assim poderei concentrar toda a minha atenção em ti. Vou só levantar dinheiro ao multibanco e volto num minuto. A não ser que queiras vir comigo.

Julia abanou a cabeça.

— Quero aproveitar a neve, enquanto dura.

Gabriel bufou ruidosamente.

— Isto é um inverno canadiano. Acredita, a neve vai durar. — Afastou o cachecol de Julia para lhe beijar o pescoço, e riu para consigo, desaparecendo no interior do edifício Manulife.

Julia ficou a observar a montra e começou a admirar um conjunto de marcadores em particular, perguntando-se se ficariam bem no apartamento de Gabriel.

— Julia?

Ao voltar-se, a sua cara quase bateu no peito de Paul. O amigo sorriu e abraçou-a calorosamente.

— Como estás?

— Estou bem — respondeu, um pouco nervosa, receando que Gabriel os surpreendesse.

— Estás com ótimo aspeto. Passaste um bom Natal?

— Muito bom. Trouxe-te uma lembrança da Pensilvânia. Vou deixá-la na tua caixa de correio, no departamento. E como foi o teu Natal?

— Ótimo. Atarefado, mas ótimo. Como estão a correr as aulas?

— Bem. A professora Picton tem-me mantido bastante ocupada.

— Pois, imagino — disse Paul, com uma risadinha. — Talvez possamos tomar um café na semana que vem, e contas-me tudo.

— Talvez. — Julia também sorria, impedindo-se de olhar para trás para procurar Gabriel, quando, de repente, o sorriso de Paul lhe abandonou o rosto.

Unindo as sobrancelhas escuras, Paul aproximou-se de Julia, uma expressão zangada ensombrando-lhe os traços habitualmente amáveis.

— *Que te aconteceu?*

Julia baixou os olhos para o seu casaco de inverno, mas não viu nada que pudesse alarmá-lo. Depois passou a mão pelas faces, imaginando que Gabriel lhe tivesse sujado a cara de batom.

Mas não era para a sua cara que Paul estava a olhar. Olhava-lhe para o pescoço.

Aproximou-se ainda mais, de tal modo que começou realmente a violar o espaço de Julia, e afastou-lhe a *écharpe* roxa com a sua mão grande como a de um urso.

— Valha-me Deus, Julia, que raio é isto?

Quando, num gesto hesitante, um dos dedos calejados de Paul lhe aflorou a pele, Julia encolheu-se, censurando-se por se ter esquecido nessa manhã de aplicar base sobre a cicatriz, quando pusera a maquilhagem.

— Não é nada. Estou bem. — Deu um passo atrás e enrolou a *écharpe* no pescoço, desta vez dando duas voltas; pôs-se a ajeitar as extremidades para não ter de encarar o amigo.

— Não é nada, como?! Foi o teu namorado que te fez isso?

— Claro que não! Ele seria incapaz de me magoar.

Paul pôs a cabeça de lado.

— Disseste-me que ele já te tinha magoado. Pensava que era por isso que o tinhas deixado, da última vez.

Julia deu por si enredada nos anéis do pitão das suas mentiras. Abriu a boca para protestar e fechou-a rapidamente, tentando pensar numa resposta.

— Isso é uma marca de amor ou de raiva? — Paul tentava manter a voz calma. Estava furioso com quem quer que tivesse tratado Julia com uma tal violência e tinha vontade de perseguir o agressor para lhe dar uma sova. Várias sovas.

— O Owen nunca faria nada assim. Nunca foi violento comigo.

— Caramba, Julia, então que aconteceu?

Vendo-o tão zangado, Julia pestanejou, e deu por si a olhar para os pés.

— E não me mintas — sussurrou Paul.

— Assaltaram a casa do meu pai nas férias de Ação de Graças e atacaram-me. Foi assim que fiquei com esta cicatriz. Sei que é horrível. Vou tirá-la.

Paul ficou calado por um segundo, ponderando o que ela acabara de dizer.

— Uma dentada parece-me uma coisa muito pessoal para um ladrão, não concordas?

Julia mordiscou a bochecha.

— E porque havias de ter vergonha de seres atacada? Não tiveste culpa. — Paul espumava de raiva. — Não queres contar-me. Estou a perceber. — Pegou na mão dela, acariciando-lhe a palma com o seu polegar. — Se precisares de te livrar dele, posso ajudar-te.

— É muito amável da tua parte, mas a polícia apanhou-o. Ele não virá atrás de mim.

Os ombros de Paul relaxaram.

— Sou teu amigo, Coelhoinha. Preocupo-me contigo. Deixa-me ajudar-te, antes que alguma coisa pior aconteça.

Julia afastou a mão.

— Eu não sou um coelho, e não preciso de ajuda.

— Não leves a mal a alcunha... — Paul olhou-a, arrependido. — Porque é que o Owen não te salvou? Eu teria feito esse ladrão em puré.

Julia ia contar-lhe que Owen a tinha, efetivamente, salvo, mas pensou duas vezes.

— Não deve ser grande coisa como namorado se permite que te tratem assim.

— Eu estava sozinha em casa. Ninguém podia imaginar que viriam

assaltar a casa e atacar-me. Não sou uma donzela em perigo, Paul, apesar do que possas pensar.

Paul fitou-a severamente.

— Nunca disse que eras uma donzela em perigo. Mas essa cicatriz não é uma coisa que um ladrão fosse fazer. É uma porra de uma dentada. E tens de admitir que já foste maltratada por umas quantas pessoas desde que te conheço. A Christa, a professora Tortura, o *Emerson*...

— Isso foi diferente.

— Mereces mais do que ser o saco de porrada de alguém. — A voz de Paul, agora suave, fez Julia estremecer. — Eu nunca te trataria assim.

Julia fixou os seus olhos castanhos e meigos, e não disse nada, esperando apenas que Gabriel não aparecesse.

Paul enfiou as mãos nos bolsos do casaco e começou a balouçar-se para a frente e para trás.

— Vou a caminho de Yonge Street, para jantar com uns amigos. Queres vir comigo?

— Passei quase todo o dia fora. Agora vou para casa.

Paul anuiu.

— Já estou a ficar atrasado, senão acompanhava-te. Precisas de dinheiro para um táxi?

— Não, Paul, eu tenho. Obrigada. — Julia remexia os dedos, ajeitando-os nas luvas. — És um bom amigo.

— Vemo-nos por aí. — Com um sorriso triste, Paul pôs-se a caminho.

Julia voltou-se para espreitar através das portas de vidro, mas não viu Gabriel.

— Julia? — chamou Paul.

— Sim?

— Tem cuidado, está bem?

Ela anuiu e acenou-lhe, vendo-o seguir caminho.

Eram duas da manhã quando Julia acordou em sobressalto. Estava na cama de Gabriel, e o quarto estava escuro, mas encontrava-se sozinha.

Depois de Paul se ter afastado, Gabriel voltara. Se a tinha visto a conversar com Paul, não dera sinais disso, embora tivesse estado um pouco calado durante o jantar. Mais tarde, quando Julia estava pronta para se deitar, Gabriel dera-lhe um beijo na testa e prometera ir ter com ela daí a pouco. Tinham-se passado horas, e ele ainda não estava na cama.

Julia caminhou pelo corredor em bicos de pés. O apartamento estava

mergulhado na escuridão. Só se via luz por baixo da porta do escritório. Julia deteve-se por um instante, à escuta. Quando ouviu o teclado do computador, girou a maçaneta e entrou.

Tornou-se óbvio que Gabriel não estava à espera de a ver. Os seus olhos fitaram-na, estreitos e pouco à vontade, por detrás dos óculos.

— Que estás a fazer? — Levantou-se imediatamente, pousando um grande dicionário Oxford sobre os papéis espalhados na secretária.

— Eu... nada. — Julia hesitou, olhando para as suas pernas nuas. Começou a contorcer os dedos sobre o tapete persa.

Gabriel foi ter com ela.

— Passa-se alguma coisa?

— Não vieste deitar-te. Fiquei preocupada.

Gabriel tirou os óculos, esfregando os olhos.

— Já não demoro. Só tenho de terminar algumas coisas urgentes.

Julia esticou-se para lhe dar um beijo e voltou-se para sair.

— Espera. Deixa-me ir aconchegar-te. — Segurou-lhe na mão e conduziu-a pelo corredor até ao quarto.

Já lá não se encontravam a grande cama medieval, nem a mobília escura nem as sedas em azul-gelo que antes decoravam o quarto. Gabriel contratara um decorador para recriar a suite que partilhara com Julia na Úmbria. Agora, as paredes estavam pintadas de creme, e uma grande cama de dossel, com cortinas transparentes, dominava o quarto. Julia aprovara tanto a transformação quanto a ideia que a inspirara. Aquele já não era o quarto de Gabriel, mas o quarto de ambos.

— Bons sonhos. — Beijou-a na testa, quase como um pai, antes de sair e fechar a porta.

Julia ficou acordada ainda algum tempo, perguntando-se que estaria ele a esconder. Viu-se num dilema, sem saber se devia tentar descobrir o que se passava ou se devia, simplesmente, confiar nele. Incapaz de se decidir, caiu num sono agitado.

Paul não conseguiu dormir. Se fosse uma pessoa melodramática, teria descrito aquelas horas inquietas como uma *noite escura da alma*. Mas Paul era de Vermont, pelo que não era dado a melodramas. Todavia, depois de um longo jantar acompanhado de cerveja com outros jogadores da sua equipa de rãguebi, não conseguia tirar da cabeça a imagem da cicatriz de Julia.

Paul tinha ideias bem definidas quanto ao modo como um homem devia tratar uma mulher, ideias que, em larga medida, lhe tinham sido incutidas pelos seus pais. A mãe e o pai de Paul não eram pessoas sentimentais, nem costumavam ter grandes demonstrações de afeto. Mas sempre se tinham tratado com respeito. A mãe ensinara-o a tratar as raparigas como senhoras, e o pai exigira-lhe o mesmo, dizendo-lhe que se alguma vez soubesse que ele se portara indevidamente com uma rapariga, obrigá-lo-ia a responder pelos seus atos.

Recordou a primeira festa no seu ano de caloiro em St. Michael's College, quando, a caminho da casa de banho, encontrara uma rapariga de camisa rasgada. Paul acalmara-a e obrigara-a a indicar-lhe quem a atacara. Depois dera uns murros ao agressor e detivera-o até à chegada da polícia do campus.

Quando Heather, a sua irmã mais nova, fora atormentada por rapazes no liceu, rapazes que lhe faziam comentários obscenos e que lhe puxavam a alça do sutiã, Paul esperara os parvalhões à saída da escola e ameaçara-os. Heather nunca mais fora perseguida.

Na economia romântica de Paul, violência contra as mulheres era algo de impensável, e ele teria gasto as suas poupanças para apanhar um avião e ir atrás do tipo que marcara Julia, se soubesse o nome do imbecil e onde encontrá-lo.

Por culpa sua, Julia não lhe revelaria mais nada, refletiu Paul, olhando para a parede do seu apartamento modesto. Armara-se em cavaleiro, intimidando-a com a sua armadura brilhante, e Julia fechara-se em copas. Se se tivesse mostrado menos zangado e mais compreensivo, talvez ela lhe tivesse contado o que realmente se passara. Mas Paul pressionara-a, e agora era pouco provável que viesse alguma vez a saber a verdade.

Devo respeitar a vontade dela e não me meter no assunto? Ou devo tentar ajudá-la, diga ela o que disser?

Paul não sabia o que fazer, mas uma certeza tinha: ficaria de olho em Julia, e aí de alguém que tentasse magoá-la quando ele estivesse por perto.

Pouco antes das onze da manhã, Julia libertou-se do braço de Gabriel e saiu da cama. Vestiu uma das camisas brancas dele, e pôs-se diante da grande fotografia a preto e branco em que Gabriel lhe beijava o pescoço.

Julia adorava aquela fotografia, mas ficara surpresa ao vê-la pendurada na parede, tão proeminente e em tamanho tão grande. Recordou a primeira vez que ali estivera, quando observara as fotografias a preto e branco que decoravam as paredes do quarto dele. E Gabriel vomitara por cima dela e da sua camisola verde desportiva e muito britânica.

Não havia dúvida de que o professor gostava de se vestir com estilo. E, todavia, ficaria igualmente atraente dentro de um saco de papel. (Julia refletiu sobre o assunto durante algum tempo.)

Deixando-o a ressonar baixinho e tranquilamente, Julia dirigiu-se para a cozinha. Enquanto tomava o pequeno-almoço, pensou no comportamento de Gabriel na noite anterior.

Que estava ele a fazer no escritório numa noite de sexta-feira?

Sem ponderar as consequências das suas ações, deu por si no escritório. Aproximou-se da secretária e viu que o computador estava desligado. Todos os papéis que ali vira tinham sido guardados, estando a secretária de madeira de carvalho praticamente vazia. De modo algum Julia abriria os ficheiros ou as gavetas de Gabriel à procura dos seus segredos. No entanto, sobre a superfície reluzente da secretária, encontrou algo que a surpreendeu — uma pequena moldura de prata de lei com uma imagem a preto e branco.

Maia.

Pegou na moldura e ergueu-a na sua mão, admirada por Gabriel ter progredido ao ponto de emoldurar a ecografia. Perdida nos seus pensamentos, olhou para a fotografia durante o que lhe pareceu muito tempo.

— Encontrei o que procuravas?

Julia voltou-se e encontrou Gabriel encostado à ombreira da porta, braços cruzados sobre o peito, vestido apenas com uma t-shirt e um par de *boxers* às riscas.

Olhou sem pressa para o peito de Julia, sobre os botões da camisa, e as suas pernas bem feitas. Quando pousou os olhos na moldura, a sua expressão mudou.

Julia apressou-se a colocá-la sobre a secretária.

— Desculpa.

Gabriel aproximou-se.

— Ainda não decidi onde pô-la. — Olhou para a imagem. — Mas não quero que fique numa gaveta.

— Claro. A moldura é muito bonita — observou Julia.

— Comprei-a na Tiffany.

Julia pôs a cabeça de lado.

— Só tu, para comprares uma moldura na Tiffany. Eu teria ido ao Walmart.

— Fui à Tiffany com outro objetivo em mente. — Fitou-a.

O coração de Julia começou a bater mais depressa.

— E encontrei o que procuravas?

Agora, o olhar dele era intenso.

— Sem dúvida. Mas já o encontrei há muito tempo.

Julia pestanejou como se tivesse nevoeiro a rodeá-la, até que ele se curvou para a beijar. Foi um beijo e tanto. Gabriel segurou-lhe delicadamente a cara entre as mãos e depois encostou os lábios aos seus, com firmeza, antes de começar a beijá-la apaixonadamente. Passado um segundo, Julia já nem se lembrava do que a levava ao escritório.

Encontrando a língua dela com a sua, Gabriel revolveu-lhe o cabelo, depois do que lhe pousou as mãos sobre a nuca. E quando terminou, beijou-a nas faces.

— Quem me dera ter-te conhecido toda a minha vida. Quem me dera que tudo tivesse sido diferente.

— Agora estamos juntos.

— Lá isso estamos, meu amor. Ficas linda com a minha camisa. — Subitamente, a voz de Gabriel tornara-se rouca. — Estava a pensar levar-te a tomar o pequeno-almoço fora. Há uma creperia aqui perto de que acho que vais gostar.

Julia aceitou, contente, a mão que ele lhe estendia, e regressaram ao quarto, para tomarem duche juntos e começarem o seu dia.

À tarde, trabalharam no escritório. Gabriel sentou-se à secretária, a ler um artigo, enquanto Julia se instalou no cadeirão forrado a veludo vermelho, a ver os seus *e-mails*.

Querida Julia,

Devo-te um pedido de desculpa. Lamento muito ter-te aborrecido, quando te encontrei, ontem. Foi sem intenção. Fiquei preocupado contigo.

Se alguma vez precisares de falar, estou aqui para te ouvir.

Espero que continuemos a ser amigos,

Paul.

PS. A Christa tem andado a perguntar porque está a professora Picton a orientar a tua tese.

Julia espreitou Gabriel e viu-o perdido nos seus pensamentos. Escreveu

rapidamente uma resposta ao *e-mail* que acabara de ler.

Olá, Paul,

Claro que continuamos amigos. O que aconteceu em Selinsgrove foi traumático, e estou a tentar esquecê-lo.

Devo dizer que o meu namorado me salvou, de várias maneiras.

Um dia hei de apresentar-vos. Ele é maravilhoso.

Não percebo que interesse tem a Christa em quem orienta a minha tese. Sou apenas uma aluna de mestrado.

Obrigada por me avisares.

Na segunda-feira deixo o teu presente de Natal na tua caixa de correio no departamento.

É pequenino, mas espero que gostes.

E obrigada,

Julia

Katherine Picton levava uma vida reservada. Tinha uma bela casa no bairro Annex, em Toronto, que ficava a alguns minutos a pé da universidade. Passava o verão em Itália e as férias do Natal em Inglaterra. E passava a maior parte do seu tempo a escrever artigos e monografias sobre Dante. Por outras palavras, era a típica académica solteirona, embora não fizesse jardinagem nem tivesse amantes, nem meia dúzia de gatos. (Lamentavelmente.)

Apesar da sua idade, era frequentemente convidada para dar palestras, e várias universidades tinham-na tentado a abandonar a reforma com promessas de salários extravagantes e escassas responsabilidades letivas. Katherine teria preferido escavar o canal do Panamá com as unhas e sofrer de febre amarela a prescindir do tempo que dedicava à investigação, para ter um gabinete num campus e reuniões de faculdade.

Assim, quando Greg Matthews, da Universidade de Harvard, lhe telefonou em janeiro para lhe falar de uma vaga muito bem remunerada em estudos de Dante, foi isso mesmo que Katherine lhe respondeu.

Estupefacto, Mathews ficou em silêncio por alguns instantes, pensando no que dizer a seguir.

— Mas, professora Picton, nem teria de dar aulas. Bastaria que desse umas quantas palestras por semestre, que nos desse a sua presença na universidade, e que supervisionasse alguns alunos de doutoramento. Nada mais.

— Não quero ter de mudar os meus livros todos para outra casa — disse Katherine.

— Contratamos uma equipa de mudança.

— Haviam de os misturar todos, e eu levaria semanas a pô-los em ordem.

— Contratamos uma equipa especializada... Uma que esteja habituada a fazer mudanças de bibliotecas. Tiram-lhe os livros das estantes, arrumam-nos em caixas por ordem, e põem-nos nas suas novas estantes em Cambridge exatamente como os tinha em Toronto. A professora não teria de se preocupar com nada.

— As empresas de mudança não sabem catalogar livros — troçou Katherine. — E se trocarem algum livro de sítio? Tenho milhares de volumes na minha biblioteca, e talvez nunca encontrasse o que eles tivessem posto no sítio errado. E se perdessem alguma coisa? Alguns destes livros são insubstituíveis!

— Professora Picton, se aceitar o lugar aqui em Harvard, vou a Toronto e encarrego-me pessoalmente dos seus livros.

Katherine ficou em silêncio por instantes, até se aperceber de que Greg falava a sério. Então desatou a rir.

— Harvard parece muito acolhedor.

— Não faz ideia — balbuciou Greg, esperando que ela mudasse de ideias.

— Não estou interessada. Há muitas pessoas mais jovens que deviam ser consideradas em vez de uma reformada de sessenta e oito anos. E já que estamos a falar sobre o seu departamento, quero dar-lhe uma palavra a respeito da minha orientanda, Julianne Mitchell, e explicar-lhe porque penso que devia admiti-la no seu programa de doutoramento.

Durante os dez minutos seguintes, Katherine disse a Greg porque fora um erro não ter concedido uma bolsa adequada a Julianne no ano anterior. Depois, fez-lhe ver que ela precisava de uma bolsa generosa a partir de setembro. Por fim, depois de o ter censurado e de lhe ter dito como fazer o seu trabalho de diretor dos Estudos Pós-Graduados (embora esse não fosse, na verdade, o trabalho dele), a professora Picton desligou.

Greg ficou a olhar para o telefone que tinha na mão, incrédulo.

Durante a última semana de janeiro, Julia sentiu-se nas nuvens, feliz. Tinha a pele do seu pescoço finalmente perfeita, graças às tecnologias médicas. Já recuperada da cirurgia, ninguém diria que alguma vez tivera uma cicatriz. A terapia estava a correr bem, tal como a sua relação com Gabriel, embora ele lhe parecesse, por vezes, distraído, e Julia tivesse de o chamar pelo nome para o trazer de volta.

Acabara de tomar um agradável café com Paul, durante o qual tinham comentado o inexplicável bom humor de Christa, e Julia estava a caminho da

biblioteca quando recebeu um telefonema que iria mudar a sua vida. Greg Matthews disse-lhe que seria aceite no programa de doutoramento em Línguas e Literaturas Românicas em Harvard, com uma bolsa muito generosa, no ano letivo seguinte.

A aceitação da candidatura era condicional, dependendo do sucesso de Julia na obtenção do grau de mestre na Universidade de Toronto, mas, como salientara o professor Matthews, com as suas cartas de referência e a entusiástica recomendação da professora Picton, Julia não teria, certamente, qualquer problema em concluir o seu mestrado. O professor Matthews gostaria muito de contar com a sua presença, mas sabia que a maioria dos alunos precisava de algum tempo para pensar, pelo que aguardava a sua decisão num prazo de sete dias.

Julia surpreendeu-se a si própria com o seu tom calmo e profissional ao telefone. Claro que não precisou de falar muito. Mal desligou, enviou uma mensagem a Gabriel, com os dedos a tremer.

Ligaram-me de Harvard — aceitam-me.

Condicional até acabar o mestrado. Beijinhos, J.

Passados minutos, recebeu a resposta.

Parabéns, querida. Estou em reunião.

Vejo-te em casa — daqui a uma hora? G.

Julia sorriu para o seu *iPhone* e terminou rapidamente o que a levara à biblioteca, depois do que se pôs a caminho do edifício Manulife. Estava entusiasmada, mas receosa. Por um lado, a sua admissão em Harvard era o culminar dos seus sonhos e do seu trabalho árduo. Por outro, Harvard implicava separar-se de Gabriel.

Lembrando-se de como a doutora Nicole a encorajava a mimar-se, Julia decidiu tomar um duche quente para refletir durante alguns minutos. Deixou um bilhete na mesa junto à entrada, onde Gabriel costumava deixar as chaves, e dirigiu-se para a espaçosa casa de banho. Um quarto de hora mais tarde, estava meio adormecida sob o chuveiro.

— É a isto que eu chamo uma visão de boas-vindas — sussurrou Gabriel, abrindo a porta do duche. — Uma Julianne nua, quente e molhada.

— E ainda há espaço para um Gabriel nu, quente e molhado — disse Julia, agarrando-lhe a mão.

Ele sorriu.

— Agora não. Temos de celebrar. Aonde queres ir jantar?

Antes, Julianne teria simplesmente aceitado a sugestão de Gabriel, para lhe agradecer. Mas desta vez resolveu expressar a sua vontade.

— Podemos ficar em casa? Não quero estar rodeada de gente.

— Claro. Vou só mudar de roupa, volto já.

Quando ele regressou, Julia estava de pé no meio da casa de banho, enrolada numa toalha.

Gabriel pôs-lhe uma *flûte* com champanhe na mão e brindaram.

— Tenho uma coisa para ti — disse, saindo para o quarto. Voltou passados segundos, trazendo algo vermelho nas mãos. Desdobrou a peça de roupa, para que Julia lesse o que tinha escrito. — Era minha. Gostava que ficasses com ela. — Pegou na taça dela e colocou-a ao lado da sua, na bancada, e puxou a toalha até a fazer cair ao chão.

Julia enfiou a camisola de Harvard pela cabeça. Seminua, parecia uma rapariga de um círculo estudantil feminino acabada de sair da cama do namorado.

— Estás linda — murmurou Gabriel, envolvendo-a nos seus braços e beijando-a entusiasticamente. — É um grande feito, e sei que trabalhaste muito para o conseguir. Estou orgulhoso de ti.

Ao ouvir as palavras de Gabriel, vieram-lhe lágrimas aos olhos, pois, para além de Grace, nunca ninguém expressara orgulho nos seus resultados.

— Obrigada. De certeza que queres separar-te da tua camisola?

— Certeza absoluta, miúda esperta.

— Ainda não decidi se vou aceitar o lugar.

— O quê? — Gabriel afastou-se, subitamente irritado.

— Só recebi o telefonema hoje. Tenho uma semana para pensar.

— Mas não há nada a pensar! Seria uma loucura não aceites!

Julia contorceu as mãos. Julgara que Gabriel ficaria triste com a ideia de se separarem. Não estava à espera daquele entusiasmo.

Ele pôs-se a andar para a frente e para trás.

— Não te ofereceram dinheiro suficiente? Porque eu cubro a diferença, sabes isso. Valha-me Deus, até te compro um apartamento ao lado de Harvard Square.

— Não quero viver às tuas custas.

— Que conversa é essa? — Gabriel lançou-lhe um olhar severo.

Julia endireitou os ombros e levantou o queixo.

— Quero sustentar-me a mim própria.

Gabriel grunhiu de frustração e segurou a cara dela entre as mãos.

— Julianne, nunca estaremos ao mesmo nível. Tu és melhor do que eu.

Fitou-a, a sinceridade conferindo uma luz especial aos seus olhos azuis, e beijou-a, estreitando-a contra o seu peito.

— Só tenho mais vícios e mais dinheiro. Recuso-me a partilhar os meus vícios, mas o meu dinheiro é teu. Fica com ele.

— Não quero o teu dinheiro.

— Então deixa-me ajudar-te a conseguir um empréstimo. Por favor, não desperdices esta oportunidade. Por favor. Trabalhaste tanto por isto.

— O dinheiro não é o problema. Estão a oferecer-me uma bolsa muito generosa, mais do que suficiente para cobrir as minhas despesas.

Agarrou a bainha da camisola, puxando-a para baixo, para se cobrir melhor.

— Tenho medo do que nos possa acontecer, se eu for para Harvard.

— Queres ir?

— Sim. Mas não quero perder-te.

— Porque havias de me perder?

Julia escondeu a cara no peito dele.

— As relações à distância são difíceis. És um homem muito atraente. Muitas mulheres haviam de tentar substituir-me.

Gabriel perdeu a paciência.

— Não estou interessado em muitas mulheres. Estou interessado em ti. Candidatei-me a uma sabática. Se não conseguir, peço uma licença sem vencimento. Não me vai fazer mal nenhum passar um ano em Harvard a terminar o meu livro. Podemos ir juntos, e terei tempo de pensar no que fazer a seguir.

— Não posso permitir isso. É aqui que tens a tua carreira.

— Os académicos estão sempre a pedir sabáticas. Pergunta à Katherine.

— E se te arrependeres?

— É bastante mais provável que sejas tu a arrepender-te... por estares presa a um homem mais velho quando devias andar com alguém da tua idade. Um homem mais velho que é um convencido egoísta e que está sempre a querer mandar em ti.

Julia rolou os olhos.

— O homem que amo não é a pessoa que acabaste de descrever. Já não é assim. Além disso, só temos dez anos de diferença um do outro.

— Muito obrigado — disse Gabriel, ironicamente. — Não precisamos de viver juntos, se não quiseres. Posso ser teu vizinho. Claro que se não quiseres mesmo que eu vá... — Engoliu em seco, à espera da resposta.

Julia pôs-lhe os braços em redor do pescoço.

— Claro que quero que venhas comigo.

— Ainda bem — murmurou Gabriel, levando-a para o quarto.

Depois de Julia voltar para o seu apartamento no dia seguinte, Gabriel passou a tarde a trabalhar no seu escritório. Estava prestes a ligar-lhe para sugerir que jantassem juntos, quando o seu telemóvel tocou. Vendo que se tratava de Paulina, recusou-se a atender.

Passados minutos, foi a vez de o telefone fixo tocar. Era o segurança do edifício. Gabriel atendeu.

— Sim?

— Professor Emerson, está aqui uma senhora para o ver.

— O nome?

— Paulina Gruscheva.

Gabriel praguejou.

— Diga-lhe que não a recebo.

O guarda baixou a voz.

— Com certeza, professor. Mas devo dizer-lhe que ela me parece perturbada. E está a repetir o seu nome em voz alta.

— Está bem — cuspiu Gabriel. — Diga-lhe que vou descer.

Gabriel pegou nas chaves e dirigiu-se para o elevador, ainda a praguejar.

Aliviada com a sua admissão condicional em Harvard, Julia redobrou esforços para concluir a sua dissertação. Quando não estava com Gabriel, trabalhava incansavelmente, passando horas e horas a escrever, na biblioteca ou no seu apartamento.

Como recompensa, Gabriel decidiu levá-la a Belize no fim de semana de São Valentim. Seria uma celebração do amor, da admissão de Julia em Harvard, e de outras coisas que Gabriel ainda não estava preparado para revelar.

No dia da partida, Julia parou à entrada do seu prédio e abriu a sua caixa de correio. Encontrou uma carta de Harvard, que abriu imediatamente. Tratava-se de uma carta formal de aceitação da sua candidatura, onde eram referidos os termos da admissão condicional e da bolsa que lhe seria atribuída.

Julia encontrou também um envelope com a insígnia da Universidade de Toronto. O remetente era o Gabinete do Decano de Estudos de Pós-Graduados. Julia rasgou rapidamente o envelope e leu a carta que estava no interior. Depois arrastou a sua mala até Bloor Street e apanhou um táxi para a morada de Gabriel.

Atravessou rapidamente o átrio, passando pelos guardas, e entrou no elevador que levaria ao andar dele. Correu até à porta, que abriu com a sua chave.

— Querida? — Gabriel encaminhou-se para a porta, sorrindo. — Vieste cedo. Estou lisonjeado por não teres conseguido esperar...

Julia afastou os braços que ele lhe estendia e pôs-lhe uma das cartas na mão.

— Que é isto?

Gabriel começou a ler a carta.

5 de fevereiro de 2010

Gabinete do Decano de Estudos Pós-Graduados

Universidade de Toronto

Toronto, Canadá

Exma. Menina Julianne Mitchell

Chegou ao nosso gabinete uma queixa em que lhe é imputada uma infração do Regulamento de Conduta para os Assuntos Académicos da Universidade de Toronto. No seguimento da referida queixa, solicitamos a sua comparência no Gabinete do

Decano no próximo dia 19 de fevereiro de 2010, para uma entrevista preliminar. O presidente do Departamento de Estudos Italianos, professor Jeremy Martin, também estará presente.

Caso o deseje, poderá fazer-se acompanhar de uma pessoa na reunião. Essa pessoa poderá ser um representante da Associação dos Alunos de Pós-Graduação, um familiar ou amigo, ou um advogado.

A entrevista tem um caráter meramente informativo e não constitui uma audiência, não tendo ainda o gabinete tomado posição quanto à legitimidade da queixa.

Pedimos-lhe o favor de confirmar junto do gabinete a boa recepção da carta e a sua intenção de comparecer no encontro marcado. Caso a sua presença não se confirme, proceder-se-á automaticamente à abertura de um inquérito.

Atenciosamente

David Aras, professor doutorado

Decano dos Estudos Pós-Graduados

Gabriel viu o pânico nos olhos de Julia e tentou encontrar palavras para a tranquilizar. Queria garantir-lhe que não tinha motivos para estar preocupada — mas não podia fazê-lo.

Julia detetou um vestígio de medo nos olhos de Gabriel, mas só por um segundo. Nada a aterrorizava tanto como ver Gabriel assustado.

Ajudando-a a despir o casaco, Gabriel fê-la sentar-se no cadeirão vermelho, junto à lareira. Acendeu a lareira com o comando e dirigiu-se para a sala de jantar. Julia recostou-se no cadeirão e escondeu a cara atrás das mãos.

— Bebe isto — disse Gabriel, pondo-lhe um copo na mão.

— O que é isto?

— *Laphroaig*. Uísque.

— Sabes que eu não gosto disso.

— Só um gole, para te acalmares.

Julia levou o copo de cristal aos lábios e bebeu, sentindo o álcool queimar-lhe a boca e a garganta. Depois de um violento ataque de tosse, devolveu o copo a Gabriel. Ele bebeu o que restava no copo e sentou-se no sofá à sua frente.

— O que é o Regulamento de Conduta para os Assuntos Académicos? — perguntou Julia.

— É o código que estipula as sanções aplicáveis a qualquer tipo de infração na universidade... batota nos exames, plágio, fraude, etc.

— Porque havia alguém de me denunciar por fraude académica?

Gabriel esfregou a cara.

— Não faço ideia.

— Tens a certeza?

— Claro que sim! Achas que ia esconder-te algo deste tipo?

— Mas tens andado a esconder-me alguma coisa. Naquela noite em que ficaste a trabalhar até tarde, não quiseste contar-me o que...

— Estava a candidatar-me a um emprego — cortou Gabriel. — O Greg Matthews telefonou-me na noite em que fomos jantar ao Auberge. Sugeriu-me que concorresse a um lugar em Harvard, mas precisavam da minha candidatura imediatamente. Prepará-la levou-me mais tempo do que calculava.

— Porque não me disseste?

Gabriel desviou os olhos.

— Não queria que ficasses muito esperançada. As minha hipóteses de ficar com a vaga são fracas. Não estou em topo de carreira e vão, sem dúvida, chamar alguém mais velho. Mas tinha de tentar... por ti.

— Gostava que me tivesses dito. Imaginei tudo e mais alguma coisa.

— Pensei que confiavas em mim — retorquiu Gabriel, fitando-a.

— Claro que confio em ti. Não confio é nas mulheres à tua volta.

— Não devia ter feito segredo da candidatura. — Arrastou os pés. — Não queria que ficasses desapontada, quando me rejeitassem.

— Não vais desapontar-me, Gabriel, a não ser que continues com segredos.

Gabriel fez uma careta e dirigiu-se à sala de jantar. Quando regressou, trazia um copo com mais um dedo de uísque.

— Tenho uma reunião com o Jeremy esta semana. Posso perguntar-lhe a teu respeito.

Julia abanou a cabeça.

— É melhor não te envolveres nisto.

— Fazes alguma ideia do que poderá ter originado a queixa?

— Desde que aqui cheguei, não fiz mais nada do que ir às aulas e fazer os trabalhos, à exceção de alguns conflitos com a Christa e daquele episódio com a professora Tortura... quero dizer, com a professora Singer. Achas que ela...?

Gabriel considerou a hipótese por um segundo.

— Não me parece. Teve de responder perante uma Comissão Judicial no ano passado, quando o Paul Norris apresentou uma queixa contra ela. Duvido que quisesse encará-los de novo. Além disso, não é tua professora, como poderia saber do teu trabalho?

— Não pode. — Julia interrompeu-se e uma expressão de horror invadiu o seu rosto bonito. — Achas que a Katherine Picton pode ter-se queixado de alguma coisa?

— Não. Nunca o faria sem te confrontar primeiro. E telefonava a informar-me, por cortesia.

— Quais são as sanções por infrações académicas?

— Depende da gravidade da ofensa. Podiam dar-te uma reprimenda ou anular-te um trabalho ou um seminário feito. Em circunstâncias extremas, poderiam expulsar-te.

Julia encheu o peito de ar, tremendo. Se fosse expulsa, não completaria o mestrado. E isso significaria que Harvard...

Gabriel olhou-a fixamente.

— O Paul seria capaz duma coisa destas?

— Não. É meu amigo, não quer prejudicar-me.

— *Fornicador-de-Anjos* — sussurrou Gabriel.

— E a Christa?

Gabriel remexeu-se no sofá de pele.

— É possível.

Julia estreitou os olhos.

— O que é que não me estás a contar?

— Já sabes que a Christa só arranja problemas.

— Que se passa com ela, Gabriel? Conta-me.

Ele levantou-se e começou a andar de um lado para o outro, em frente da lareira.

— Não quero falar sobre isso.

Julia pegou na carta do reitor e dirigiu-se para a porta.

— Espera... Que estás a fazer? — Correu atrás dela.

— Avisei-te de que não queria mentiras. Devia ter sido mais específica e ter-te dito que também não queria evasivas. — Tirou o casaco do bengaleiro, vestindo-o apressadamente.

— Não vás.

Julia olhou-o, furiosa.

— Então, conta-me o que se passa com a Christa.

Gabriel cobriu os olhos com as mãos.

— Está bem.

Ajudou-a a despir o casaco e acompanhou-a de novo até à sala. Julia recusou sentar-se, preferindo ficar de pé junto à lareira, de braços cruzados.

— A Christa está a fazer chantagem contigo? Foi por isso que aceitaste a sua proposta de tese?

— Não exatamente.

— Fala, Gabriel.

Ele afastou-se, pondo-se a observar pela janela o horizonte de Toronto.

— A Christa Peterson acusou-me de assédio sexual.

— **Q**ue estás a dizer? — perguntou Julia, esbugalhando os olhos.

— A Christa apresentou queixa ao responsável pelos casos de assédio sexual, que por sua vez informou o Jeremy. É por isso que tenho uma reunião com ele esta semana.

A tremer, Julia sentou-se no cadeirão de veludo vermelho.

— Quando soubeste disso?

Um músculo contraiu-se junto ao maxilar anguloso de Gabriel.

— Ele telefonou-me há dias.

— *Há dias?* — Julia cerrou os dentes. — Quanto tempo ias esperar para me contares?

— Não queria estragar a nossa viagem a Belize. Tencionava contar-te quando voltássemos. Dou-te a minha palavra.

Julia olhou-o, furiosa.

— Pensei que não íamos guardar segredos um do outro.

— Não era um segredo... Só queria algum tempo para relaxar antes de te dar as más notícias. — Com um suspiro, voltou-se para ela.

— Porque havia a Christa de te acusar de assédio? Ela é que te tem assediado!

— Não conheço os pormenores das alegações. Eu devia ter apresentado queixa, mas não quis chamar as atenções.

— Que vamos fazer?

Gabriel olhava resolutamente para o fogo.

— Vou telefonar ao meu advogado, e vamos lidar com ambas as acusações. Depressa.

Julia pôs-se de pé e pôs-lhe os braços em redor da cintura, escondendo a cara na camisola dele.

— **Q**ue foi desta vez, Emerson? Estou na cama com uma jovem administrativa de uma firma concorrente. — John Green atendeu o telefone entre guinchos e risadinhas agudas.

— Puxa as calças para cima, John. Isto vai demorar.

O advogado praguejou, depois cobriu o telefone com uma mão.

— Fica onde estás, fofa — disse à sua companheira de cama, antes de enfiar a tanga vermelha para ir à casa de banho.

— Já estou a tratar da tua queixa de assédio, Emerson. Não precisas de me chatear. Estava prestes a ter o melhor sexo da minha vida.

— Preciso de falar contigo sobre outro assunto. — Gabriel resumiu o conteúdo da carta que o decano enviara a Julia.

— Não posso ajudar a tua namorada.

Gabriel exaltou-se e começou a protestar, mas John ignorou-o.

— Escuta, se vão atrás de ti com um processo de assédio, e da tua galdéria, ups, da tua *namorada* por causa de uma infração académica, aposto o meu *Porsche* em como as duas queixas estão relacionadas. Recomendaste-lhe que não mencionasse o teu nome durante a conversa com o decano?

Gabriel rangeu os dentes.

— Não.

— Mas devias. Não queres ver-te arrastado para mais complicações. Já tens muito com que te preocupar.

O professor respirou fundo, com uma lentidão arrepiante.

— Não tenho o hábito de abandonar os meus amigos, muito menos faria isso à Julianne. Entendido? Ou tenho de arranjar outro advogado?

— Está bem, está bem. Mas ela precisa de outro advogado. Se os dois assuntos estiverem ligados, é provável que haja um conflito de interesses. E a universidade desconfiaria se eu vos representasse a ambos.

— Como queiras! — berrou Gabriel. — Quem recomendas?

John refletiu por um segundo.

— Recomendaria a Soraya Harandi. Trabalha para uma das firmas de Bay Street, e já tem representado docentes contra a universidade. Tivemos um caso, há uns anos, e ela não me pode ver nem pintado. Mas é boa naquilo que faz.

John grunhiu ao telefone, supostamente à procura do seu *BlackBerry*.

— Vou enviar-te uma SMS com o número dela. Diz à tua namorada que lhe telefone para o escritório e que explique a situação à secretária. Aposto em como a Soraya vai dar pulos de contente.

— Quais são as hipóteses de as queixas terem... consequências negativas?

— Não faço ideia. É possível que a universidade leve a cabo um inquérito e rejeite ambas as queixas. Mas não deixes a miúda ir lá sem um advogado, ou isto pode dar para o torto, e lixam-se os dois.

— Muito obrigado, John — disse Gabriel, num tom sarcástico.

— Entretanto, gostava que fizesses uma lista de tudo, e quero dizer *tudo*, o que for relevante para a queixa de assédio. Qualquer prova que a fulana possa apresentar, como *e-mails*, SMS, outras mensagens, fotografias. Envia-me tudo, para eu começar a preparar isto. E envia-me tudo o que tiveres sobre

a tua namorada, também.

»Não tenho gozo nenhum em dizer “Eu bem te avisei”, Gabriel. Mas a verdade é que avisei. A universidade tem uma política de tolerância zero no que toca à fraternização, o que significa que podem expulsar a tua namorada e despedir-te. Esperemos que as duas queixas não estejam relacionadas e que alguém esteja a denunciá-la por não ter devolvido os livros à biblioteca.

— É sempre um prazer falar contigo, John — disse Gabriel, friamente.

— Se não pensasses com a pila, não terias de falar comigo. Só espero que ela tenha valido a pena, porque se a merda vem à tona, a queca vai sair-te cara.

Antes que John pudesse despedir-se, Gabriel arremessou a base do telefone contra a parede, vendo-o desfazer-se em pedaços que depois se espalharam pelo chão de madeira. Respirou fundo, várias vezes, antes de tentar convencer Julia de que deviam, simplesmente, tentar desfrutar das suas férias.

Nessa mesma tarde, o decano David Aras, que estava sentado no seu gabinete em St. George Street, olhou para o telefone, surpreso. A sua secretária costumava ser bastante eficiente a selecionar as chamadas. No entanto, a professora Katherine Picton era bastante persistente, e costumava conseguir o que queria. Naquele caso, o que Katherine Picton queria era uma conversa ao telefone com o decano dos Estudos Pós-Graduados da Universidade de Toronto.

David Aras pegou no telefone e carregou no botão.

— Professora Picton. A que devo o prazer?

— Não é prazer nenhum, David. Exijo que me explique porque recebi uma carta do seu gabinete a convocar-me para uma entrevista num dos seus processos estalinistas.

David apertou os lábios para se impedir de responder no mesmo tom. Katherine Picton era famosa, era velha e era uma mulher. Não ia insultá-la com palavrões.

(Só se fosse em lituano. Era uma ideia.)

— Preciso que me responda a algumas perguntas. Será uma conversa de dez minutos, no máximo, e estará livre de mim — replicou Aras, delicadamente.

— Que disparate. No inverno preciso de dez minutos só para descer os degraus da frente da minha casa. Levaria uma eternidade para chegar ao seu escritório. Exijo saber porque estou a ser chamada, ou não vou. Não podemos

passar as nossas tardes a mandar assistentes rejeitarem-nos as chamadas e fazerem-nos café enquanto inventamos maneiras de desgraçar as vidas dos outros.

O decano pigarreou.

— Foi apresentada uma queixa contra a aluna de mestrado que está a orientar.

— A menina Mitchell? Que tipo de queixa?

De um modo muito mitigado, David descreveu a natureza da queixa que recebera.

— Que ultraje! Já se deu ao trabalho de falar com ela?

— Não.

— Trata-se de uma queixa ridícula feita contra uma *rapariga* inocente e muito trabalhadora. E devo recordar-lhe, David, que não é a primeira vez que uma estudante bem-sucedida se vê enlameada por um processo da universidade.

— Estou ciente disso. Mas existem aspetos que não posso discutir consigo. Gostaria que me falasse da sua relação com a menina Mitchell. Nada mais.

— Não tenciono atribuir qualquer crédito a uma caça às bruxas que tem como alvo a *minha* orientanda.

Do outro lado da linha, David franziu-lhe o sobrolho.

— Sem o seu testemunho, é bem possível que venha a ocorrer uma tremenda injustiça. A sua colaboração talvez seja precisamente aquilo de que precisamos para limpar o nome da menina Mitchell.

— Disparates! É *sua* responsabilidade certificar-se de que é feita justiça. Admira-me que tenha levado essa queixa a sério. Admira-me muito. E pare de franzir o sobrolho, David. Consigo ouvi-lo a enrugar a testa e não aprecio a falta de educação.

O decano conteve um palavrão em lituano.

— Professora Picton, está a dizer-me que se recusa a responder às minhas perguntas?

— Tem problemas de audição? Ou será que a sua demanda de poder administrativo o tornou intelectualmente preguiçoso? Já lhe disse que me recuso a colaborar. Já não trabalho para a universidade. Estou reformada. Além disso, tenciono mencionar este assunto esta noite, quando jantar em casa do presidente. De certeza que os convidados dele terão interesse em saber como a administração da sua universidade está a trabalhar. E a propósito, o jantar será dado em honra de Mary Asprey, uma escritora famosa. Como antiga aluna desta universidade, ela tem um interesse ávido nos assuntos da sua *alma mater*, sobretudo no que toca a maquinações patriarcais.

Estou curiosa para saber que dirá a Mary disto.

E sem mais uma palavra, a professora Picton desligou o telefone.

Quando Gabriel e Julia finalmente chegaram à estância balnear de Turtle Inn, em Belize, era já noite e o céu estava estrelado. Julia explorou o local onde ficariam instalados, uma cabana numa praia privativa e isolada, enquanto Gabriel pedia o serviço de quartos.

As paredes da cabana estavam pintadas de branco, à exceção de uma fila de altos painéis de teca que abriam em acordeão para um alpendre coberto. Os tetos eram uma mistura de bambu e colmo, e no centro do quarto encontrava-se uma cama rodeada de rede, para os proteger dos mosquitos. Julia ficou particularmente impressionada com o chuveiro ao ar livre e com a banheira que encontrou numa das varandas laterais.

Enquanto Gabriel discutia ao telefone com o pessoal da cozinha, Julia despiu-se rapidamente e tomou um duche. O espaço não era completamente fechado, oferecendo uma vista do mar. Mas como estava escuro e a praia era privativa, ninguém poderia surpreendê-la, a não ser o seu amante.

— O jantar vai demorar... Só chega dentro de uma hora — disse Gabriel, passando a língua pelos lábios ao ver Julia de roupão.

Gabriel, pelo contrário, trocara de roupa, e usava uma camisa de linho branca, quase toda desabotoada, as mangas enroladas até meio dos braços, e umas calças caqui também enroladas de modo a expor-lhe os pés.

(Refira-se, entre parênteses, que até os pés de Gabriel eram atraentes.)

— Queres dar um passeio comigo pela praia?

— Acho que preferia fazer outra coisa — disse Julia, sorrindo e puxando-o para a cama. Empurrou-o gentilmente, fazendo-o sentar-se na beira da cama.

Ele segurou-a pelo cinto do roupão.

— Acho que preciso de relaxar. Foi uma viagem longa. — Pela sua expressão, Julia percebeu que ele falava a sério, o que a surpreendeu um pouco.

— Tenho saudades tuas. — A voz dela era apenas um sussurro rouco.

Gabriel puxou-a para si, de modo a que Julia ficasse de pé entre os seus joelhos, e as suas mãos deslizaram-lhe para as nádegas.

— Podemos fazer uma sesta antes do jantar. Não há pressa.

Julia rolou os olhos.

— Gabriel, quero fazer amor contigo. Se não queres, só tens de me dizer. Ele sorriu de orelha a orelha, deliciado.

— Nunca lhe diria que não, menina Mitchell.

— Ainda bem. Dê-me cinco minutos, *professor*.

Gabriel deitou-se de costas, os pés ainda no chão. Aquela nova autoconfiança de Julia era tremendamente estimulante. Numa única frase, ela deixara-o excitado ao ponto de o fazer sofrer.

Pareceu-lhe esperar horas a fio, mas passaram-se apenas alguns minutos até Julia sair da casa de banho com o presente de Natal dele vestido. O cetim preto acentuava-lhe o tom rosado da pele, enquanto o corpete lhe tornava os seios mais volumosos e a cintura mais estreita. Gabriel não pôde deixar de admirar a figura de ampulheta que tinha diante de si.

Ávidos, os seus olhos pousaram num vestígio de cuecas de renda pretas, que combinavam com meias de seda, também pretas, presas por um cinto de ligas. A completar aquele conjunto sedutor, Julia calçara um elegante par de sapatos de salto alto.

Gabriel quase teve um ataque cardíaco só de olhar para os sapatos.

— *Bonsoir, professeur. Vous allez bien?* — ronronou Julia.

Gabriel precisou de alguns momentos para perceber aquela escolha linguística, de tal modo estava fascinado pela figura e pelos sapatos de Julia.

Ela colocara a sua boina.

Quando finalmente se olharam nos olhos, Julia viu-o engolir em seco. Fez-lhe beicinho, provocando-o, e tirou a boina, atirando-lha. Depois, começou a caminhar devagar, muito devagar, para a cama.

— Gosto muito do meu presente de Natal, professor.

Gabriel engoliu novamente em seco, atónito.

— Já viste a parte de trás? — Julia voltou-se de costas, espreitando-o por cima do ombro.

Gabriel tocou as rendas que prendiam o corpete, fazendo um dedo deslizar até às cuecas que lhe atravessavam o traseiro.

— Chega de provocação, menina Mitchell. *Venha cá*. — Puxou-a para si, unindo as suas bocas num beijo intenso. — Vou levar algum tempo a desembulhar o meu presente. À exceção dos sapatos. Para teu bem, espero que sejam confortáveis.

Depois de bater à porta durante dez minutos, o empregado teve de levar o jantar de volta para a cozinha, aguardando novas instruções.

As instruções nunca chegaram.

Muito depois da meia-noite, pairava no ar música da nova seleção de Gabriel, que incluía canções de Sarah McLahlan, Sting e Matthew Barber. Julia estava deitada de bruços, entre lençóis de linho enrodilhados, sonolenta e

contente. Tinha as costas desnudadas até às duas covinhas que lhe encimavam as nádegas.

Gabriel colocara-lhe meticulosamente o lençol sobre o traseiro e pegara na máquina fotográfica. Pôs-se de pé ao lado da cama, tirando uma fotografia após outra, até Julia bocejar e se espreguiçar como um gato ensonado.

— És deslumbrante — disse Gabriel, pondo a máquina de lado para se sentar ao lado dela.

Julia fitou-o com os seus olhos grandes, felizes, enquanto ele começava a passar-lhe os dedos pelas costas, depois sorriu tristemente.

— Quando amamos alguém, não lhe vemos os defeitos.

— Creio que é assim... Mas tu és linda.

Julia mudou de posição para o ver melhor, rodeando uma almofada com os braços.

— O amor torna as coisas lindas.

Os lábios de Gabriel apertaram-se, numa expressão familiar. A sua mão imobilizou-se ao fundo das costas de Julia, mesmo sobre as covinhas.

Ela leu a pergunta nos olhos dele.

— Sim, Gabriel, és lindo para mim. Quanto melhor te conheço, melhor vejo quem realmente és e mais bonito te tornas.

Gabriel beijou-a, o beijo grato de um adolescente enamorado, e passou-lhe os dedos pelo longo cabelo castanho.

— Obrigado. Tens fome, não tens?

— Sim.

Gabriel olhou para a porta.

— Acho que ficámos sem jantar porque estávamos a banquetear-nos com... eh... *outras coisas*.

— E que banquete, professor. Pelo menos, há um cesto com fruta.

Julia sentou-se, enrolando-se no lençol, enquanto Gabriel se dirigia para o grande cesto pousado sobre a mesa de café. Foi à cozinha buscar um canivete suíço, alterou a música e voltou para a cama, levando uma manga consigo.

— Tinha de combinar a canção com o fruto — disse, os olhos azuis brilhando. — Agora, deita-te.

Julia sentiu que a sua pulsação se acelerava.

— Não precisas disto. — Num gesto ousado, puxou o lençol para o lado. Agora estavam ambos nus.

— Quem está a cantar?

— Bruce Cockburn.

Começou a cortar a manga devagar, explorando o corpo de Julia com o olhar.

— Um jantar nu? — perguntou Julia.

— Digamos, uma ceia nua.

Com dedos hábeis, cortou um pequeno pedaço do fruto, deixando o sumo escorrer para a barriga de Julia. Ela arqueou uma sobrancelha.

— Mmmm. — Gabriel olhou para o sumo com uma expressão travessa.
— Vou ter de limpar isso.

Pôs um pedaço de manga na boca de Julia.

— Tens um fetiche por comida — disse ela, lambendo os lábios e pondo-se em posição para receber mais.

Gabriel curvou-se, em jeito de obediência, aproveitando para lhe lambe a barriga.

— Dizas que...?

Julia gemeu incoerentemente.

— Não é exatamente um fetiche, mas um ato que me dá prazer. Gosto de cuidar de ti, e, entre amantes, a partilha de comida é algo sensual. — Evitou os lábios dela para lhe beijar o ombro, passando-lhe a ponta da língua sobre a pele. Depois recuou, para cortar mais uma fatia de manga. Desta vez, as gotas de sumo caíram como um sol líquido sobre o seio esquerdo de Julia.

— Oh. Perdoa-me, sou um desastrado.

Passou-lhe uma mão pela zona das costelas, estimulando uma das suas zonas erógenas favoritas, antes de lhe pousar os lábios sobre o peito.

— Estás a matar-me — balbuciou Julia, sentindo a boca molhada de Gabriel no mamilo.

— Lembro-me de te dizer isso, uma vez. E tu prometeste que seria uma morte deliciosa.

Julia abriu a boca, indicando que estava disposta a comer mais um pouco.

— Devia ter dito *uma morte pegajosa*.

Gabriel pôs-lhe mais um pedaço de manga na língua, acariciando-lhe depois os lábios com o polegar.

— Pensei nisso. Não te preocupes.

Sem aviso, Julia sentou-se sobre ele, pondo-lhe uma mão de cada lado da cara e puxando-o para si. Beijaram-se apaixonadamente por instantes, e em seguida ela tirou-lhe a faca da mão, cortou um pedaço de fruto e colocou-o tentadoramente na boca.

Gabriel olhou-a intensamente, depois encostou os lábios aos dela, puxando a manga com os dentes.

— Mmmm — gemeu Julia. — A propósito, acho que não cheguei a ver o vídeo da câmara de segurança com o nosso encontro no museu.

Espremeu um pedaço do fruto sobre ele e começou a beijar e a chupar-lhe o peito, seguindo o rasto de sumo.

— Ah... ah... — Gabriel estava a ter dificuldade em encontrar palavras.

— Já o vi. Muito picante.

— A sério? — Julia sentou-se e comeu languidamente mais um pouco de manga, olhando-o e lambendo os dedos, devagar.

— Mostro-to mais tarde. — Estreitou-a nos seus braços, percorrendo-lhe as costas com os dedos, uma e outra vez. Quando sentiu que não podia esperar mais, atirou tudo para o lado, e ergueu-a nos braços.

— Aonde vamos? — perguntou Julia, ligeiramente alarmada.

— Para a praia.

— Mas estamos nus!

— A praia é privativa. — Beijou-lhe a ponta do nariz e levou-a até à beira da água.

— Podem ver-nos — protestou Julia, quando entraram no mar.

— Só há uma lasca de Lua. Alguém que se aproximasse não veria mais do que a tua silhueta. E que silhueta...

Beijou-a apaixonada e demoradamente, adorando-lhe a cara e o pescoço com os lábios, enquanto as pequenas ondas vinham ao seu encontro. Depois pô-la no chão, para sentir todo o corpo dela colado ao seu.

— Vês como encaixamos um no outro? — perguntou, ansiosamente. — Somos uma combinação perfeita.

Lavaram o corpo um do outro com água salgada. Julia não conseguiu impedir-se de beijar a tatuagem que ele tinha no peito, deleitando-se com o sabor da sua pele agora salgada.

Gabriel começou a beijar-lhe o pescoço, e Julia sentiu-o a sorrir contra a sua pele.

— Já viste o filme *Até à Eternidade*?

— Não.

— Então, tenho de o ver contigo. — Pegou-lhe na mão e conduziu-a para a praia, estendendo-se na areia. — Por favor — pediu, esperando que ela se deitasse por cima.

— Aqui? — O coração de Julia disparou.

— Sim, aqui. Quero estar dentro de ti, mas não quero que a areia te arranhe a pele. — Puxando-a para si, começou a beijá-la avidamente, enquanto as ondas lhes cobriam as pernas. Quando gritaram de prazer, a Lua pálida sorriu.

Uma tempestade tropical atravessou a região na manhã seguinte. Ouvindo a chuva a bater no telhado da cabana, fizeram amor numa cama envolta em rede. Encontraram o seu ritmo na dança constante da chuva.

Quando se sentiram ambos saciados, Gabriel sugeriu um banho na grande banheira da varanda, para lavarem o suor e a humidade dos seus corpos. Entre bolhas perfumadas de baunilha, Julia recostou-se no peito dele, e Gabriel enlaçou-a pela cintura. Nos seus braços, quase conseguia esquecer os problemas que os esperavam em Toronto.

Sentia-se segura junto de Gabriel. Não que ele fosse um homem poderoso, embora a sua fortuna lhe conferisse um certo poder. Era, antes, pelo modo como Gabriel afugentara os que a perseguiam: primeiro Christa, depois Simon. E o facto de ter censurado o seu próprio pai por a ter negligenciado toda a vida.

A vulnerabilidade da cama dos amantes era já familiar para Julia. Sabia o que era a nudez e a intimidade, o desejo e a urgência, e a profunda, profunda satisfação. Mas também sabia que Gabriel a amava e que queria protegê-la. Nos seus braços, sentia-se segura, pela primeira vez na sua vida.

— As manhãs de sábado eram as minhas preferidas, quando era miúdo — disse Gabriel, interrompendo-lhe os pensamentos com uma voz melancólica.

Julia passou-lhe um dedo pela palma da mão.

— Porquê?

— A minha mãe estava inconsciente. Eu podia ver os desenhos animados. Isto antes de ficarmos sem televisão. — Esboçou um pequeno sorriso, e Julia esforçou-se por não chorar, vendo Gabriel como um rapazinho triste cuja única felicidade eram algumas horas de desenhos animados.

»Preparava o meu pequeno-almoço. Cereais com leite frio ou torradas com manteiga de amendoim. — Abanou a cabeça. — Quando não havia leite, o que acontecia muitas vezes, comia os cereais com sumo de laranja.

— E que tal?

— Terrível. Nem sequer era sumo de laranja a sério, mas *Tang*. — Afagou o cabelo de Julia, distraidamente. — De certeza que um psiquiatra veria uma ligação entre a minha infância e o meu gosto por coisas caras.

Impulsivamente, Julia voltou-se e pôs-lhe os braços em redor do pescoço, fazendo uma enorme onda transbordar da banheira.

— Então, que foi isso?

Ela escondeu a cara no ombro dele.

— Nada. Amo-te tanto que chega a doer.

Gabriel abraçou-a.

— Tudo isso aconteceu há trinta anos. A Grace foi mais do que uma mãe para mim. Arrependo-me de não ter estado ao seu lado quando morreu. Não tive oportunidade de me despedir.

— Ela sabia, Gabriel. Ela sabia o quanto a amavas.

— Acho que a tua infância foi muito mais difícil.

Julia fungou sobre o ombro dele, mas não respondeu.

— Se a maldade torna as pessoas feias, a tua mãe devia ser hedionda. A minha mãe era negligente e indiferente, mas nunca foi cruel.

Gabriel hesitou, perguntando-se se deveria tocar no assunto que estavam ambos a evitar desde que tinham partido de férias.

— Quando conheci a Christa Peterson, achei-a feia. Estou em dívida para contigo, por me teres impedido de dormir com ela. Embora gostasse de pensar que mesmo intoxicado, teria melhor gosto do que isso.

Julia afastou-se um pouco, pondo-se a brincar com a ponta de uma madeixa de cabelo.

Ele levantou-lhe o queixo, obrigando-a a encará-lo.

— Fala comigo.

— Não gosto de te imaginar com a Christa.

— Por isso mesmo, ainda bem que me livraste dela.

— Ela está a tentar acabar com a tua carreira.

— A verdade acabará por vir à superfície. Tu própria disste que o Paul a ouviu falar sobre o que queria de mim. Só espero que seja expulsa do curso, para nos vermos livres dela.

— Não quero que a expulsem — disse Julia, calmamente. — Se quisesse, seria tão boa como ela, a comprazer-me na sua infelicidade.

Gabriel fez um ar severo.

— A Christa tratou-te mal por mais de uma vez. Devias tê-la insultado quando tiveste oportunidade para isso.

— Já não tenho idade para chamar nomes às pessoas, mereçam ou não. Não andamos numa creche.

Gabriel tocou-lhe no nariz com a ponta do dedo.

— E de onde vem tanta sabedoria? Da *Rua Sésamo*?

— São as vantagens de uma educação católica. Ou talvez tenha aprendido com a pequena Lillian Hellman.

Gabriel enrugou a testa.

— De que estás a falar?

— A Lillian Hellman escreveu uma peça chamada *The Little Foxes*. Nesta peça, uma rapariguinha conta à mãe que algumas pessoas comem a terra, como gafanhotos, enquanto outras ficam a olhar. Ela promete à mãe que não vai continuar a olhar sem fazer nada. Em vez de ficarmos todos a ver a fealdade da Christa, temos de a combater com algo mais poderoso, como a caridade.

— As pessoas subestimam-te, Julianne. Mas magoa-me quando não te tratam com o respeito que mereces.

Julia encolheu os ombros.

— Há de sempre haver Christas neste mundo. E por vezes nós tornamo-nos as Christas.

Gabriel pousou-lhe o queixo no ombro.

— Mudei de ideias a teu respeito.

— Sim?

— Não és danteana. És franciscana.

Julia riu-se.

— Duvido que os franciscanos aprovassem que eu tivesse sexo, sem ser casada, numa banheira e, ainda por cima, numa varanda.

Ele encostou-lhe a boca ao ouvido.

— Estás a dar-me a ideia?

Julia abanou a cabeça e acariciou-lhe as sobrancelhas, uma de cada vez.

— Gosto de pensar em ti como um rapazinho, doce e curioso.

Gabriel fungou.

— Não sei se era muito doce, mas não há dúvida de que era curioso. Especialmente no que tocava a raparigas. — Inclinou-se para a beijar, e quando os seus lábios se afastaram, Julia sorria.

— Vês? Um rapaz capaz de beijar assim não pode ser muito mau. São Francisco havia de aprovar.

— Custa-me dizer-to, mas o teu caro Francisco nem sempre tinha razão. Há uma passagem no Inferno em que ele discute com um demónio por causa da alma de Guido da Montefeltro. Conheces essa parte?

Julia abanou a cabeça, e então Gabriel recitou-lhe o texto em italiano.

Francesco venne poi com'io fu' morto,

(Quando morri, Francisco veio,)

per me; ma un d'i neri cherubini

(por mim; mas um dos querubins negros)

li disse: "Non portar; non mi far torto.

(disse-lhe: "Não o leves; não me contraries.)

Venir se ne dee giù tra 'miei meschini

(Ele deve descer e tornar-se meu servo)

perché diede 'l consiglio frodolente,

(porque deu conselho fraudulento,)

dal quale in qua stato li sono a' crini;

(e desde então tem-me agarrado ao seu cabelo;)

ch'assolver non si può chi non si pente,

(Pois aquele que não se arrepende não pode ser absolvido,)

né pentere e volere insieme puossi,

(nem pode arrepender-se e querer ao mesmo tempo,)

per la contradizion che nol consente.”

(por causa da contradição que não o permite.”)

— Por aqui podes ver, Julia, que até São Francisco se enganava a respeito das pessoas, de vez em quando. Julgava que a alma de Guido devia ir para o Paraíso.

— Sim, mas é típico de São Francisco ver o lado melhor das pessoas... acreditar que o arrependimento de Guido era sincero, e lutar pela sua alma — contrapôs Julia. — Mesmo que, no fim, estivesse errado.

— São Francisco desistiu demasiado rapidamente — disse Gabriel.

— Achas?

Olhou-a com um ar sério.

— Se fosse a tua alma que estivesse em jogo, nem todos os querubins negros me conseguiriam manter à distância.

Um arrepio percorreu a espinha de Julia.

— Faria o que fosse preciso para te salvar. — A sua voz era tão grave como a expressão que lhe tomara conta do rosto. — Mesmo que para isso tivesse de passar a eternidade no Inferno.

Gabriel e Julia passaram o seu último dia de férias a sair e a entrar no mar. Apanharam sol, depois relaxaram à sombra, bebendo uma cerveja e um cocktail. Julia dormitou na espreguiçadeira, o seu chapéu de abas largas caído na areia.

Gabriel adorava vê-la dormir — o modo como o seu peito subia e descia ao sabor da respiração suave. O modo como os seus lábios se moviam com um suspiro. Parecia tão serena. Gabriel estava convencido de que Grace teria ficado muito feliz por ele e Julianne estarem juntos. Já estaria, sem dúvida, a pressioná-lo para lhe pôr um anel no dedo e para escolher um serviço de porcelana.

Durante aquele fim de semana de São Valentim, tinham sido tantos os momentos em que ele quisera ajoelhar-se e pedi-la em casamento. No entanto, para além de recluir-se num *cliché*, temia pelo futuro dela. Era provável que se vissem arrastados para um escândalo; a sua carreira podia estar em risco, tal como a admissão de Julia em Harvard.

Mesmo que a queixa contra ela fosse rejeitada depois das averiguações, Julia teria de concluir o mestrado sem mais distrações. Gabriel tinha a certeza que ela queria desfrutar plenamente da sua experiência em Harvard, sem a pressão de planejar um casamento. E o seu próprio futuro também era incerto — Gabriel ainda não sabia se poderia tirar uma licença sabática. Partindo do

princípio de que sobrevivia à queixa de assédio.

Por várias vezes as palavras *casa comigo* lhe vieram aos lábios, e de todas essas vezes ele se impediu de as proferir. Haveria um momento e um lugar certos para esse pedido. O local deveria ser o pomar, sagrado que era para ambos. Por outro lado, deveria ter a delicadeza de comunicar a Tom as suas intenções, antes de falar com Julianne. Não tinha dúvidas de que queria que ela fosse sua mulher. E Julia seria sua, o que quer que os meses seguintes trouxessem.

Nessa noite, Gabriel sentiu-se tomado pela emoção, fruto de muito ter olhado para Julianne e do prazer que encontrava sempre na sua companhia. Regressavam do restaurante da estância, e Julia tencionava ir à casa de banho limpar a maquilhagem, mas Gabriel segurara-a pelo pulso e levara-a para a cama sem uma palavra.

Beijara-a suavemente e começara a despi-la, os olhos brilhando de adoração e anseio. Demorou o seu tempo, venerando ombros e braços e pele nua, a sua boca fazendo promessas ansiosas, enquanto ela se arqueava sob o seu toque.

Sentou-a sobre as suas ancas, olhando-a com um misto de encantamento e desejo. Ela moveu-se ligeiramente para o provocar, fechando os olhos para se concentrar na sensação.

Passados minutos, Gabriel deitou-a de costas e ajoelhou-se entre as suas pernas. Ela soltou um queixume ao senti-lo entrar em si.

Gabriel ficou imóvel.

— Estás bem?

— Mmmm — murmurou Julia. — Apanhaste-me de surpresa, só isso. — Pousou-lhe as mãos nas costas, incitando-o a continuar.

Gabriel gostava de a ter por cima, Julia sabia disso. Costumava olhá-la com adoração, tocando-a e provocando-a. Dizia-lhe como a achava sensual, pois sabia que, apesar dos meses que já tinham passado juntos, ela continuava a sentir-se insegura quando se via tão exposta. Julia ficou surpreendida por ele querer ficar por cima, quando já tinham estado naquela posição por várias vezes.

Mais alguns beijos e Gabriel segurou-lhe a cara com uma mão, os olhos sombrios e desesperados.

— Gabriel? — chamou, tentando ler-lhe o rosto.

Ele fechou os olhos, abanando a cabeça, e voltou a abri-los.

Julia arquejou perante o que viu. Era insegurança, paixão, esperança, desejo, urgência. Ela atirou a cabeça para trás, gemidos de prazer escapando-se-lhe por entre os lábios.

— Preciso de ti — sussurrou Gabriel junto à sua garganta, os seus

movimentos cada vez mais rápidos e febris. — Não posso perder-te.

A resposta de Julia perdeu-se entre os seus arquejos, à medida que ela se aproximava do orgasmo.

— Ah... ah, raios — praguejou Gabriel ao vir-se, sabendo que Julia ainda não tivera o seu momento. Tentou continuar a mover-se, esperando que ela o seguisse, mas não foi assim.

— Raios. Desculpa. — Escondeu a cara no corpo dela.

— Não faz mal. Tive prazer. — Revolveu-lhe o cabelo, afagando-o, antes de o beijar na cara. — E fico contente por te teres vindo.

Gabriel resmungou, censurando-se. Deitou-se ao lado dela e começou a acariciá-la entre as pernas, mas ela uniu os joelhos.

— Não tens de fazer isso.

Os seus olhos ensombraram-se, determinados.

— Claro que tenho. Por favor.

Ela segurou-lhe na mão.

— Não vais perder-me por de vez em quando não me dares um orgasmo.

Gabriel apertou os lábios.

— É embaraçoso.

— É a vida — replicou Julia, beijando-lhe o nariz. — Não espero que sejas perfeito, na cama ou onde quer que seja.

— Bendita sejas por isso. — Beijou-a devagar, suspirando quando ela se aninhou nos seus braços. — Mas isso não significa que eu não tente.

— Bem, já que insistes, há uma coisa que podias fazer por mim...

Gabriel moveu-se tão depressa que Julia ficou dividida entre o choque e a vontade de rir. Mas mal sentiu as mãos dele, parou de rir.

Mais tarde, Gabriel estava deitado de costas no meio da cama, sob a rede. Julia tinha a cabeça pousada mesmo abaixo dos seus peitorais, um braço a rodear-lhe a cintura.

— És feliz? — perguntou Gabriel, na escuridão impregnada de velas, passando os dedos pela cabeça de Julia e acariciando-lhe o pescoço.

— Sim. E tu?

— Mais do que alguma vez julguei vir a ser.

Julia sorriu contra o peito dele e beijou-o.

— As coisas parecem... diferentes, desde que voltámos de Itália — começou, a sua mão deslizando ainda entre o pescoço e o ombro dela.

— Temos muitas razões para nos sentirmos gratos. Temo-nos um ao outro. Eu tenho Harvard. A doutora Nicole tem-me ajudado. Sinto que estou

finalmente a ultrapassar problemas.

— Que bom — murmurou Gabriel. — E a maneira como fazemos amor, em geral... Estás contente com isso?

Julia levantou a cabeça para o olhar nos olhos.

— Claro que sim. — Riu baixinho. — Não dá para perceber?

— Sei que dou prazer ao teu corpo. Mas o teu corpo não é a tua mente, nem o teu coração.

Ele parecia constrangido, e Julia arrependeu-se de ter rido.

— Esta noite foi invulgar. Mas mesmo que acontecesse muitas vezes, tenho a certeza que havíamos de dar a volta à situação. E tu? Estás contente com a maneira como fazemos amor? — perguntou Julia, timidamente.

— Sim, muito. Sinto que está a mudar... Sinto que a ligação se tem tornado mais profunda. — Encolheu os ombros. — Perguntava-me se sentirias o mesmo.

— Às vezes penso que é um sonho. Acredita, sou feliz. — Ergueu-se para o beijar, voltando em seguida a encostar-lhe a cabeça ao peito. — Porquê estas perguntas?

— Como te vês no futuro?

— Quero ser professora. Quero estar contigo. — Julia falava baixo, mas num tom assertivo.

Gabriel começou a remexer no lençol.

— Não preferias encontrar um homem às direitas que pudesse dar-te filhos?

— Não podes perguntar-me se sou feliz num minuto e afastar-me no minuto seguinte.

Como ele não respondia, Julia segurou-lhe o queixo e obrigou-o a encará-la.

— Não, não quero encontrar um homem às direitas com quem ter um filho. Quero ter um filho contigo.

Gabriel olhou-a, incrédulo, esbugalhando os seus olhos azuis.

— Para te dizer a verdade, não sei se chegaremos a ser suficientemente saudáveis para criarmos uma criança. Mas se essa altura chegar, tenho a certeza que encontraremos um menino ou uma menina para nós. A Grace e o Richard adotaram-te; podemos fazer o mesmo.

Subitamente, o rosto de Julia entristeceu-se.

— A não ser que decidas que não queres isso. Ou que não o queres comigo.

— Claro que quero. — A intensidade da resposta combinava com a expressão do seu olhar. — Gostava de te fazer promessas. Mas quero esperar um pouco mais antes de termos essa conversa. Importas-te? — Começou a

brincar com o diamante na orelha dela.

Julia não precisava de um narrador para saber o que significava aquele gesto.

— Não.

— Não quero que penses que qualquer hesitação da minha parte se deve a falta de sentimentos — disse Gabriel, dando voz ao receio de Julia.

— Sou tua. Toda eu. E estou tão feliz por não nos irmos separar no próximo ano... A ideia de te perder era insuportável.

Gabriel anuiu como se compreendesse.

— Agora vem cá, Julia, quero adorar-te.

— **M**enina Mitchell. — A mulher alta e morena, com um fato a sugerir poder, dirigiu-se a passos largos para o escritório do canto, apertou a mão de Julia e sentou-se à sua grande secretária.

Soraya Harandi era de ascendência iraniana, tinha uma pele clara e sem sardas, e cabelo ondulado preto, com reflexos azuis. Lábios carnudos e olhos vivos, brilhantes. Não era propriamente bonita, mas causava uma forte impressão, pelo que Julia ficou a olhá-la.

Soraya riu-se.

Julia baixou imediatamente os olhos para a sua mala e começou a mexer os dedos.

— Ora aí está algo que não pode fazer na presença do decano. O que quer que ele diga ou faça, a Julia não pode desviar os olhos. Fá-la parecer fraca e culpada. — Soraya suavizou a crítica com um sorriso. — O direito tem tanto a ver com psicologia como com leis. Agora, conte-me tudo o que aconteceu até receber a carta do gabinete do decano.

Julia respirou fundo e contou a sua história, começando pelo que acontecera aos seus dezassete anos e terminando com a carta do decano. Deixou de fora apenas alguns pormenores.

Soraya escutou atentamente, teclando notas no seu portátil e anuindo de tempos a tempos. Quando Julia terminou, a advogada ficou em silêncio por alguns instantes.

— Uma história e tanto. Visto que o decano não revelou o teor da queixa, não vamos partir do princípio de que tenha a ver com o seu namorado. Embora tenhamos de nos preparar para esse cenário. A sua relação com o professor Emerson foi absolutamente consensual?

— Claro que sim.

— Já teve, anteriormente, alguma relação de natureza sexual com um dos seus professores ou assistentes?

— Não.

— É possível que o professor Emerson a tenha seduzido só para se divertir?

— Claro que não. O Gabriel ama-me.

Soraya parecia aliviada.

— Ainda bem. Quer dizer, ainda bem para si, pessoalmente, mas não nos dá assim tanto jeito no que se refere à queixa.

— Que quer dizer?

— Se a relação foi consensual, a universidade pode desencadear processos disciplinares contra ambos. Se a Julia foi uma vítima, então só ele seria alvo de um processo.

— Não sou uma vítima. Temos uma relação, e esperamos até o semestre terminar. Só depois nos envolvemos.

— Não, não foi assim.

Julia julgou ter percebido mal.

— Como?

— Segundo o que acabou de me contar, a relação amorosa teve início em outubro. Esperou até o semestre terminar para dormir com ele. Mas pelo que consta do regulamento da universidade, a política de não-confraternização foi violada. Quem mais está a par da vossa relação?

— A família dele. O meu pai. Mais ninguém.

— E a estudante que acusou o seu namorado de assédio sexual?

Julia rangeu os dentes.

— Não sei o que ela sabe. Mas ela odeia-me.

Soraya pôs-se a bater com a caneta no queixo.

— Se fosse acusada de infringir a política de não-confraternização, que tipo de indícios, para além do seu testemunho, poderia apresentar para demonstrar que não esteve sexualmente envolvida com ele enquanto foi sua aluna?

— Porque pensa que a queixa terá a ver com o Gabriel? A política de conduta da universidade abrange coisas como plágio, por exemplo.

— Conheço o decano Aras. Ele não perde o seu precioso tempo com casos de plágio.

Julia recostou-se na cadeira.

— Oh, meu Deus.

— Esperemos que alguém esteja a acusá-la de uma infração académica menor e que o decano Aras tenha simplesmente um interesse pessoal no caso. Mas, por via das dúvidas, que provas poderia apresentar em como não estava a trocar sexo por boas notas?

Julia corou violentamente.

— Hum, há uma coisa.

— Diga-me.

— Eu era virgem... até irmos para Itália.

Soraya olhou-a como se Julia fosse uma criatura mítica, como um homem heterossexual que distinguisse uns *Manolo Blahniks* de uns *Christian Louboutins*.

— Tem provas médicas disso? Um papel assinado pelo seu médico, por exemplo?

Julia contorceu-se.

— Não.

— Então, não vale a pena falar no assunto. Alguém da universidade os viu juntos durante o primeiro semestre?

— Que eu saiba, não. Apesar de termos ido a uma discoteca, com a irmã dele, em setembro.

Soraya franziu os lábios.

— Mencionar que a Julia é amiga da família dele não é boa ideia. Estabelece um possível conflito de interesses. E aparecerem juntos num local público não foi uma atitude inteligente. Mas, francamente, a culpa cabe-lhe sobretudo a ele, pois devia saber o que estava a fazer.

»Como não sabemos qual é a natureza da queixa, a nossa estratégia será recolher toda a informação que for possível sem revelarmos nada. Assim conseguiremos tempo para nos prepararmos para um eventual processo disciplinar, se tal vier a ocorrer. Esperemos que não.

»Na reunião com o decano, falarei em seu nome. É possível que a queixa seja apenas um pretexto, e que queiram chegar ao seu envolvimento com o Gabriel. Não vamos atirar lenha à pira funerária deles.

Soraya olhou para o rosto abatido de Julia.

— Tem de estar confiante. Tem de acreditar que a queixa é frívola e que não fez nada de errado. Já tive processos contra a universidade e fui bastante bem-sucedida. Serei bem-sucedida também no seu caso.

As palavras de Soraya eram um fraco consolo para Julia, mas eram melhor que nada.

— Entretanto, vou pedir-lhe que me faça uma lista de todas as pessoas que pudessem ter apresentado queixa contra si, e um relato pormenorizado das suas interações com a Christa Peterson. Um dos meus assistentes irá procurar mais informações. Também farei um telefonema a um contacto que tenho na universidade, para ver o que consigo descobrir.

»Até esta questão estar resolvida, a Julia e o Gabriel têm de refrear os ânimos. Não podem ser vistos juntos em público. Não fale com ele sobre o que discutimos as duas. Se a queixa tiver a ver com fraternização, ele terá o seu próprio advogado a defender os seus interesses. Não quero a minha defesa comprometida pela vossa conversa de travesseiro.

Os olhos de Julia incendiaram-se com uma ira momentânea.

— O Gabriel é muito mais do que um namorado. Se eu estou em perigo, ele também está. A nossa relação sempre foi consensual, e não tenho interesse em ser defendida à custa dele. Qualquer culpa que tenhamos, vamos reparti-la em partes iguais.

Soraya olhou-a, intrigada.

— Tem a certeza de que essa é a posição dele? Disse à minha secretária que o advogado do Gabriel é o John Green. Porque não está o John a representá-la a si também, se estão determinados a mostrar uma frente unida?

Julia abriu a boca para responder, mas nada lhe ocorreu.

Soraya sorriu-lhe com ar compreensivo.

— Escute, não é a primeira estudante a ver-se numa situação deste tipo. Sei que é perturbador e enervante. Mas preciso que compreenda que se as queixas contra si e o seu namorado evoluírem para um novo patamar, é bastante possível que ele termine a vossa relação para não perder o emprego. Tem de estar preparada para a possibilidade de ele a atirar aos lobos.

— Ele nunca faria isso. O Gabriel ama-me. Estamos a falar de viver juntos, e de... outras coisas.

Soraya olhou-a com condescendência.

— O amor pode facilmente ser destruído, especialmente pelo desemprego. Mas vamos dar um passo de cada vez.

»O Gabriel enviou-me um primeiro pagamento de honorários, que tenciono devolver. Penso que é melhor representá-la *pro bono*.

Julia anuiu, visivelmente desconfortável. Esquecera-se da questão do pagamento.

— Eu pago-lhe, mas é capaz de demorar...

— O objetivo de aceitar um caso *para o bem* é fazermos o bem. Não vejo nada de bom em aceitar o seu dinheiro, quando deve gastá-lo em livros e na mudança para Massachusetts.

O sorriso de Soraya tornou-se tenso.

— Não sou fã das perseguições sexuais da faculdade. Qualquer coisa que possa fazer para envergonhar ou humilhar o decano Aras é, definitivamente, para o bem. Acredite, representar os seus interesses será um dos poucos prazeres que terei nos próximos tempos. Eu é que devia pagar-lhe pelo privilégio.

Nessa noite, Julia estava enroscada na cama de Gabriel, a tentar dormir. Ele estava no escritório, a pesquisar furiosamente toda a política da universidade relativa aos alunos de pós-graduação, tentando descobrir algo que pudesse ter chamado a atenção do decano.

A ideia de Gabriel ter de fazer tudo aquilo por ela — a ideia de ele ter a carreira ameaçada por causa dela, aliada à possibilidade de perder a oportunidade de ir para Harvard, trouxe-lhe lágrimas aos olhos. Era tudo tão assustador. E o pior era não poder identificar o perigo.

Julia enxugou as lágrimas, dizendo para consigo que tinha de ser forte. Gabriel entrou no quarto e, vendo-a chorar, deitou-se na cama ao seu lado.

— Não chores, querida. Por favor, não chores. — Calou-se por instantes. — Não teria ficado a trabalhar se soubesse que estavas tão triste. Contratámos a melhor advogada e vamos lutar contra esta queixa. É bem possível que tudo não passe de um mal-entendido, e que na sexta-feira à noite esteja para trás das nossas costas.

— E se tiver a ver connosco?

Gabriel cerrou os dentes.

— Nesse caso, vamos lidar com o problema juntos.

— E a queixa de assédio?

— Não te preocupes com isso. Concentra-te na tua tese, nos teus estudos, e deixa que seja eu a preocupar-me contigo. Não vou deixar que ninguém te magoe. Prometo.

Fê-la deitar-se de costas e começou a beijá-la suavemente em toda a cara.

— Tenho medo — murmurou Julia.

Gabriel afagou-lhe o cabelo e beijou-lhe a ponta do nariz.

— Eu sei. Mas aconteça o que acontecer, não vou deixar que te impeçam de ir para Harvard. Vai correr tudo bem. — Olhou-a, amargurado. — Que posso fazer, Julia? Não sei como... consolar-te.

— Beija-me.

Gabriel beijou-a na boca, o beijo leve, hesitante de um rapaz que não soubesse como reagiria a miúda que morava ao lado. Gabriel não precisava de se preocupar.

Julia correspondeu revirando-lhe o cabelo entre os dedos e beijando-o ansiosamente, incitando a língua dele a ir ao encontro da sua.

Gabriel beijou-a também, mas de um modo contido, e depois parou, unindo a sua testa à dela.

— Não consigo — disse-lhe.

— Por favor. — Julia puxava-o para si, passando-lhe as mãos pelos ombros largos e pelas costas musculosas.

— Não consigo fazer amor contigo quando estás triste. É como se estivesse a magoar-te.

— Mas preciso de ti.

— Não preferes que te prepare um banho quente, ou outra coisa?

— Fazer amor contigo deixa-me feliz porque me lembra de o quanto me amas. Por favor. Preciso de sentir que me desejas.

As sobranceiras de Gabriel uniram-se.

— Claro que te desejo, Julia. Só não quero sentir que estou a tirar partido da tua vulnerabilidade.

Julia não era o tipo de mulher com muitas exigências, e as exigências que fazia eram quase sempre boas. E quase sempre boas para ele.

Gabriel sabia que assim era, e não queria negar-se-lhe, não queria negar nada àqueles grandes olhos castanhos tristes. Mas as lágrimas dela tinham esfriado a sua libido. Preferia abraçá-la e reconfortá-la com carinhos do que tentar um ato que não conseguiria levar até ao fim.

O rosto de Julia dizia-lhe que ela precisava dele, que precisava que estivessem juntos, que precisava da ligação de corpo e alma. Enquanto lhe afagava o cabelo, tentando decidir o que fazer, Gabriel compreendeu algo sobre si próprio. Independentemente do que insinuara o seu terapeuta, não era viciado em sexo. Não era um hedonista libertino com uma libido descontrolada e disposto, como dissera Scott, a comer qualquer fêmea atraente.

Julianne mudara-o. Amava-a. E mesmo que ela lhe implorasse, Gabriel não conseguia ficar excitado vendo-a em sofrimento.

Julia continuava a olhá-lo, acariciando-lhe as costas nuas. Gabriel decidiu dar-lhe parte do que ela queria, tocar-lhe e acariciá-la, distraíndo-a com sensações agradáveis, e esperar que tal bastasse. Beijou-a, abrandando o ritmo das suas carícias para uma exploração delicada. Julia revolia-lhe o cabelo, segurando-o junto a si ao massajar-lhe a cabeça. Mesmo naquele momento de tristeza e carência, era meiga.

Os lábios de Gabriel deslizaram-lhe pelo pescoço, detendo-se depois junto à orelha. Murmurando-lhe ao ouvido, disse-lhe como ela o mudara, como era feliz, agora que a tinha na sua vida.

Julia suspirava enquanto ele lhe beijava o pescoço, a sua língua demorando-se-lhe na cavidade sob a garganta, antes de a beijar castamente. Mordiscou-lhe os ombros, afastando a alça estreita do top para que os seus lábios tocassem a encosta de pele branca.

Julia queria despir o top, expor os seios, mas ele impediu-a.

— *Paciência* — sussurrou-lhe.

Entrelaçou os seus dedos nos dela e beijou-lhe as costas da mão, estendendo-lhe o braço para chupar a pele no interior do cotovelo, e detendo-se depois de a fazer gemer. Beijou-lhe cada centímetro do corpo, as suas mãos fortes deslizando-lhe sobre a pele macia, guiando-se pelo calor que ela emanava e pelos sons que lhe escapavam dos lábios.

Quando as lágrimas tinham parado e ela pedia mais, atirou as roupas de ambos para o lado e ajoelhou-se entre as suas pernas.

Ela não tardou a gritar o seu nome, um frémito percorrendo-lhe o corpo. Aquele era o momento por que ele mais ansiava, e apreciava-o ainda mais do que ao seu próprio orgasmo: o seu nome caindo dos lábios dela, entre ondas

de prazer. Julia mostrara-se tão tímida nas primeiras vezes que tinham feito amor. Sempre que ela dizia *Gabriel* naquele murmúrio sôfrego, extático, uma emoção preciosa invadia-o.

É isto, o amor, pensou Gabriel. *Estar nu e exposto diante de um amante e gritar o seu nome sem vergonha, em desespero.*

Quando teve o seu orgasmo, retribuiu dizendo-lhe que a amava. Era algo inextricavelmente ligado na sua mente e na sua experiência — sexo, amor e Julianne. Uma santa trindade.

Estreitou-a nos seus braços, enquanto ambos recuperavam o fôlego, e sorriu para consigo. Estava tão orgulhoso dela, tão feliz por ver que ela conseguia dar voz aos seus desejos, mesmo quando estava triste. Beijou-a suavemente, grato por vê-la sorrir de novo.

— Obrigada — murmurou Julia.

— Obrigado, Julianne, por me teres ensinado a amar.

Ao chegar ao departamento, na quarta-feira, Paul ficou chocado com o que viu.

Julia estava de pé à frente das caixas de correio, pálida e com escuras olheiras debaixo dos olhos. Enquanto Paul caminhava na sua direção, ela ergueu a cabeça e sorriu-lhe tristemente. Paul sentiu um aperto no peito.

Antes que pudesse perguntar-lhe o que se passava, Christa Peterson apareceu, uma grande mala *Michael Kors* pendendo-lhe do pulso. Tinha os olhos brilhantes, o ar de quem tivera um bom repouso, e estava vestida de vermelho. Não vermelho-cereja ou vermelho-escuro, mas escarlata, a cor do triunfo e do poder.

Ao ver Paul e Julia juntos, riu baixinho.

Os olhos escuros de Paul deslizaram de Julia para Christa e de novo para Julia, que aproveitou para esconder a cara ao abrir a sua caixa de correio.

— Que se passa? — perguntou-lhe Paul.

— Nada. Acho que estou a ficar constipada.

Paul abanou a cabeça. Queria pressioná-la, desta vez com calma, mas o professor Martin entrou no departamento naquele instante.

Julia olhou-o de relance e apressou-se a pegar no seu saco de mensageiro e no casaco, encaminhando-se para a porta.

Paul deteve-a.

— Apetece-te um café? Ia agora até ao Starbucks.

Julia abanou a cabeça.

— Estou cansada. Acho que preciso de ir para casa.

Paul espreitou-lhe o pescoço, onde já não se via qualquer cicatriz, e olhou-a de novo nos olhos.

— Há alguma coisa que eu possa fazer? — perguntou.

— Não, Paul. Obrigada. Estou bem, a sério.

Paul anuiu e viu-a dirigir-se para a porta, mas resolveu segui-la.

— Pensando melhor, também devia ir para casa. Faça-te companhia, se quiseres.

Julia mordeu o lábio mas aquiesceu, e os dois amigos saíram do edifício para o ar gélido de inverno. Julia enrolou o seu cachecol do Magdalen College no pescoço, tremendo sob o vento.

— Tens um cachecol de Oxford — comentou Paul.

— Sim.

— Compraste-o lá?

— Eh... não. Foi um presente.

Owen, pensou Paul. *Bem, não deve ser um completo imbecil, se andou em Oxford. Mas, pensando melhor, o Emerson também lá andou...*

— Gosto muito do boné dos Phillies que me deste. Sou fã dos Red Sox, mas vou usá-lo com orgulho, exceto quando estiver em Vermont. O meu pai queimava-o, se me visse com ele na quinta.

Julia não pôde deixar de sorrir, e Paul espelhou a sua expressão.

— Há quanto tempo estás doente?

— Hum... há uns dias. — Encolheu os ombros, pouco à vontade.

— Já foste ao médico?

— É só uma constipação. Não me receitariam nada.

Paul olhou-a de soslaio enquanto passavam pelo Royal Ontario Museum, flocos de neve rodopiando à sua frente e cercando a monstruosidade de cristal que era a parede norte.

— A Christa tem-te incomodado? Pareceste-me aborrecida quando ela entrou no departamento.

Julia tropeçou na neve, que lhe dava pelos tornozelos, e Paul estendeu rapidamente uma das suas grandes mãos para a amparar.

— Cuidado. Pode haver gelo traiçoeiro aí em baixo.

Julia agradeceu-lhe e, quando ele a libertou, começou a andar um pouco mais devagar.

— Se voltares a escorregar, agarra-te a mim. Eu não vou lá abaixo. Nunca.

Ela olhou-o de esguelha, inocentemente, mas viu-o corar. Julia nunca vira um jogador de rãguebi corar.

(Dizia-se que tal não era possível.)

— Eh... O que quero dizer é que sou demasiado pesado. Não serias tu a

fazer-me cair.

Julia abanou a cabeça.

— Não és assim tão pesado.

Paul sorriu para consigo, ouvindo nas palavras de Julia um elogio.

— A Christa foi mal-educada contigo?

Julia olhou para o passeio coberto de neve.

— Tenho trabalhado até tarde, todas as noites, na minha tese. A professora Picton é muito exigente. Na semana passada, rejeitou várias páginas da minha tradução do *Purgatório*. Tenho estado a refazê-la, mas levo tanto tempo...

— Eu podia ajudar-te. Podes enviar-me por *mail* as tuas traduções, e eu verifico-as antes de as entregares.

— Obrigada, mas já tens trabalho que chegue. Não podes perder tempo com os meus problemas.

Paul parou de andar e pousou a mão ao de leve sobre o braço de Julia.

— Claro que tenho tempo para ti. Estás a escrever sobre o amor e a luxúria, e eu sobre o prazer. Algumas das nossas traduções vão tocar-se. Seria um bom treino para mim.

— Já não estou a trabalhar sobre o amor e a luxúria. A professora Picton fez-me alterar o tema da minha dissertação; agora estou a comparar o amor cortês com a amizade entre Virgílio e Dante.

Paul encolheu os ombros.

— Ainda assim, vamos ter alguns excertos em comum.

— Quando estivermos a trabalhar as mesmas passagens, podemos comparar traduções. Mas não quero aborrecer-te com coisas que não têm a ver com o teu projeto — disse Julia, hesitando.

— Envia-me o que tiveres e mantém-me a par dos teus prazos, e eu dou uma vista de olhos. Não há problema.

— Obrigada, Paul. — Julia parecia aliviada.

Ele tirou-lhe a mão do braço e puseram-se novamente a caminho.

— Sabias que o catedrático dos Estudos Italianos enviou um *e-mail* a comunicar a tua admissão em Harvard? Dizia que conseguiste uma excelente bolsa.

Julia esbugalhou os olhos.

— Hum... não. Não sabia. Não recebi esse *mail*.

— Bem, então foste a única a não receber. O Emerson mandou-me imprimir-lo e afixá-lo no quadro junto ao seu escritório, depois de ter insistido para que eu destacasse toda a informação importante, incluindo o teu nome, com um marcador amarelo. Claro. Tratou-te mal durante o seminário, e agora vai querer tirar créditos da tua admissão em Harvard. Que imbecil.

Julia enrugou a testa, mas achou melhor não comentar.

— Que foi?

— Nada — respondeu, corando um pouco sob o olhar atento de Paul.

— Julia, diz-me. Em que estavas a pensar agora mesmo?

— Eh... estava só a perguntar-me se tens visto a Christa a rondar o departamento? Ou o gabinete do professor Emerson, talvez?

— Não, graças a Deus. Acho que ela resolveu atacar outro. E já aprendeu a não meter conversa comigo. Estou só à espera de uma oportunidade para a tramar. — Paul piscou o olho a Julia e deu-lhe uma palmadinha amistosa no ombro. — É melhor que não me chateie. Ou tenho umas quantas histórias para contar.

Na quinta-feira, Julia encontrou-se com a sua terapeuta para se preparar para a reunião com o decano, que teria lugar na manhã do dia seguinte.

Ciente de que Julia precisava de falar sobre o que estava a acontecer, Nicole abandonou os objetivos que estabelecera para aquela sessão e escutou-a pacientemente, antes de dar a sua opinião.

— A ansiedade pode ter consequências muito negativas para a nossa saúde, por isso é importante lidar com estes estados adequadamente. Algumas pessoas preferem falar sobre os seus problemas, outras preferem refletir. Como é que tem lidado com a ansiedade no passado?

Julia contorceu as mãos.

— Não costumava falar.

— Pode partilhar as suas preocupações com o seu namorado?

— Sim. Mas não quero aborrecê-lo. Ele já está suficientemente preocupado comigo.

Nicole anuiu sabiamente.

— Quando gostamos de alguém, é compreensível que tentemos proteger essa pessoa da dor. E em certas ocasiões, faz todo o sentido que assim seja. Mas, por vezes, arriscamo-nos a carregar mais do que a nossa quota-parte de preocupação e responsabilidade. Compreende como isso pode tornar-se um problema?

— Bem, não gosto que o Gabriel me esconda coisas. Faz-me sentir uma criança. Prefiro que ele partilhe os problemas comigo, em vez de me manter à distância.

— É possível que ele também se sinta assim, que receie que a Julia esteja a mantê-lo à distância. Já falou sobre isto com ele?

— Já tentei. Disse-lhe que quero que nos tratemos de igual para igual,

que não quero segredos.

— Ótimo. E como reagiu ele?

— O Gabriel ou quer tomar conta de mim ou tem medo de me desiludir.

— E como é que isso a faz sentir?

Julia gesticulou, procurando as palavras.

— Não quero o dinheiro dele. Faz-me sentir pobre e dependente e... e fraca.

— Porquê?

— Porque ele já me dá tanto... E não posso retribuir.

— É importante para si que a relação seja recíproca?

— Sim.

Nicole sorriu amavelmente.

— Nenhuma relação é absolutamente recíproca. Por vezes, quando os casais tentam dividir tudo ao meio, descobrem que a relação não é uma parceria, mas um exercício de cálculo. Lutar pela reciprocidade numa relação pode não ser saudável.

»Por outro lado, lutar por um equilíbrio em que cada parceiro seja igualmente valorizado e partilhe tanto os fardos como as responsabilidades já é profícuo. Por outras palavras, não é um problema o Gabriel ter mais dinheiro. Simplesmente, ele precisa de compreender que a Julia quer contribuir para a relação, talvez não financeiramente, mas de outras formas, e que essas formas devem ser tão respeitadas quanto o dinheiro. Faz sentido?

— Sim. Gosto da ideia. Gosto muito.

— Quanto a protegerem-se um ao outro... — Nicole sorriu. — Podemos arranjar até argumentos biológicos para a necessidade que os homens têm de proteger as suas mulheres e os seus filhos. Qualquer que seja a razão, é um facto. Os homens tendem a encontrar a sua autoestima em ações e feitos. Se a Julia não aceitar que ele faça coisas por si, ele vai sentir-se inútil e supérfluo. O Gabriel precisa de saber que consegue tomar conta de si e protegê-la, e isso não é necessariamente mau. É natural que os parceiros queiram proteger-se um ao outro. Mas como qualquer perspetiva, tem os seus extremos e tem um meio-termo.

»O que devem fazer é procurar esse meio-termo. Permita-lhe que tome conta de si em determinados aspetos, ao mesmo tempo que afirma a sua independência noutros. E faça-lhe sentir que também precisa de cuidar dele.

Julia anuiu. O conceito de moderação era-lhe apelativo. Queria cuidar de Gabriel, e queria que ele cuidasse dela, mas não queria ser um fardo, e não queria que ele a visse como uma pessoa frágil. Mas passar toda aquela teoria para a prática era outra questão.

— Alguns homens — prosseguiu Nicole — sofrem daquilo a que chamo

de *síndrome de cavaleiro*: querem proteger as suas mulheres como se elas fossem completamente indefesas. E isto até pode ser romântico e excitante por algum tempo, mas quando se volta à realidade, torna-se sufocante e condescendente. Quando um parceiro se encarrega de toda a proteção e o outro se limita a recebê-la, a relação não pode ser saudável.

»Claro que algumas mulheres têm o equivalente feminino desta síndrome: a *ligação ao pato ferido*. Procuram rapazes malcomportados ou perturbados e tentam curá-los. Mas deixaremos essa discussão para outro dia.

»Levado ao seu extremo, um homem com a síndrome de cavaleiro pode cometer todo o tipo de imprudência para proteger a sua mulher, incluindo partir para a batalha montado a cavalo, ou pegar em armas para combater milhares de persas, quando devia estar a correr no sentido oposto. A discrição é a melhor parte do heroísmo. — Riu baixinho. — Viu o filme *300*?

Julia abanou a cabeça.

— É sobre a Batalha das Termópilas, quando trezentos espartanos enfrentaram duzentos e cinquenta mil persas antes de serem derrotados. Heródoto escreveu sobre isso.

Julia olhou Nicole com admiração. Quantos psicólogos seriam capazes de citar Heródoto?

— O rei Leonidas era um caso extremo. É legítimo dizer-se que a sua derradeira posição foi determinada mais por preocupações políticas do que por ideais de cavalaria. Mas o que quero dizer é que o homem com síndrome de cavaleiro acaba por causar mais danos com a sua proteção do que se ameaçasse a sua parceira pela força. As mulheres espartanas diziam aos seus maridos e aos seus filhos que voltassem para casa carregando os seus escudos. Se se visse nessa situação, provavelmente preferiria que o Gabriel não morresse a lutar contra milhares de persas, e que, em vez disso, voltasse para si.

Julia anuiu, plenamente de acordo.

— Nas suas conversas com o seu namorado, pode falar sobre este assunto. Pode explicar-lhe como se sente ao ser protegida em detrimento dele, pode dizer-lhe que gostaria de partilhar os riscos e as responsabilidades, que quer ser uma parceira, e não uma criança ou uma mulher indefesa.

»Talvez o Gabriel estivesse disposto a acompanhá-la a estas sessões, embora tenha deixado de vir sozinho.

Julia julgou ter percebido mal as palavras de Nicole.

— Como?

Nicole sorriu.

— Disse que nas suas conversas com o Gabriel, talvez queira falar-lhe de como se sente...

— Não — interrompeu-a Julia. — A última parte. Disse que o Gabriel já não está a vir às suas sessões?

Nicole ficou petrificada.

— Eh... Não foi nada profissional da minha parte. Não devia ter-lhe falado a respeito de outro paciente e de outro psicólogo.

— Quando é que ele deixou a terapia com o Winston?

— Não lhe sei dizer. — Nicole remexeu-se no seu lugar. — Agora, penso que é melhor discutirmos algumas formas de lidar com a ansiedade, antes da reunião que terá amanhã...

O decano dos Estudos Pós-Graduados apreciava a formalidade e o requinte. Assim, tinha o hábito de conduzir as suas reuniões numa grande sala de conferências com paredes apaineladas, junto ao seu gabinete em St. George Street. O professor Jeremy Martin, catedrático dos Estudos Italianos, estava sentado à sua direita num cadeirão de costas altas de estilo algo medieval, por detrás de uma imponente mesa de madeira escura, que se estendia a quase toda a largura da sala.

Duas pequenas cadeiras articuladas encontravam-se do outro lado da mesa, e foi aí que Soraya e a sua cliente se sentaram, desconfortavelmente, no início da reunião.

— Vamos destinar um minuto às apresentações. — A voz profunda, de barítono, do decano vibrou na sala. — Menina Julianne Mitchell?

Julia anuiu, mas não falou.

— E quem está a representá-la? — Os seus olhos frios, de um azul-pálido, nada denunciavam, mas era óbvio que David Aras reconheceria a mulher de cabelo escuro sentada à esquerda de Julianne.

— Soraya Harandi, professor Aras. Represento a menina Mitchell.

— Há alguma razão para que a menina Mitchell tenha optado por se fazer acompanhar de uma advogada nesta reunião informal? — Tornou-se claro que o decano já estava irritado.

— Ora, professor Aras, a minha cliente limitou-se a seguir as suas instruções. Na carta que lhe enviou, sugeriu-lhe que trouxesse um advogado. — O tom de Soraya era de uma gentileza artificial.

David resistiu ao impulso de lhe berrar, pois não gostava que troçassem de si. Indicou o homem ao seu lado.

— O professor Martin.

Julia demorou um instante a avaliar a expressão do professor catedrático. Sabia que, uma vez concluída aquela reunião, Jeremy Martin se encontraria

com Gabriel para discutirem a queixa de assédio de Christa. Julia esforçou-se muito para decifrar a disposição do professor, mas ficou perplexa. A sua expressão era neutra, pelo menos para com ela.

O decano pigarreou.

— Recebemos uma queixa muito séria a seu respeito, menina Mitchell. O objetivo deste encontro é apenas obter informações, antes de iniciarmos a nossa investigação. Vamos fazer-lhe algumas perguntas, depois terá a oportunidade de nos interrogar a nós. Espero que esta reunião esteja terminada dentro de aproximadamente trinta minutos.

Julia inspirou devagar, olhando para o decano e aguardando.

— Tem um envolvimento romântico com o professor Gabriel Emerson?

Os olhos de Julia quase lhe saltaram das órbitas e a sua boca abriu-se. Antes que pudesse articular uma palavra, Soraya começou a falar.

— A minha cliente não responderá a quaisquer perguntas até a substância da queixa ser revelada. A carta era compreensivelmente vaga, dada a política da universidade, mas neste momento já não se justifica semelhante abordagem. Qual é, exatamente, a queixa contra a minha cliente, quem é o queixoso e que provas apresenta?

David tamborilou no jarro de água que tinha à sua frente, fazendo as rodela de limão dançarem ao sabor dos seus dedos.

— Não é assim que estas reuniões funcionam. Eu sou o decano. Eu faço as perguntas.

— Professor Aras... — A voz de Soraya assumiu um tom quase condescendente. — Ambos sabemos que as regras e os procedimentos adotados pela universidade são governados pelos princípios do direito natural. A minha cliente deve conhecer as especificidades da queixa, a natureza e o alcance das provas contra ela, se é que existem, bem como a identidade do queixoso, antes de responder a qualquer pergunta. Caso contrário, este processo é irregular e ver-me-ei obrigada a apresentar uma queixa nesse sentido. Imediatamente.

— Tenho de concordar com a doutora Harandi — disse o professor Martin, calmamente.

Pelo canto do olho, David lançou um olhar irritado a Jeremy.

— Muito bem. Uma aluna de pós-graduação apresentou a este gabinete uma queixa de conduta imprópria por parte da sua cliente, alegando que a menina Mitchell manteve uma relação sexual com um dos seus professores com o objetivo de obter favores académicos.

Julia esbugalhou os olhos.

Soraya riu. Alto.

— Isto é uma farsa. A minha cliente é uma aluna extraordinariamente

bem-sucedida, que acaba de ser admitida em Harvard, como sabem. — Anuiu na direção do professor Martin. — A minha cliente não precisa de se prostituir.

— A alegação tem precedentes nesta instituição, doutora Harandi. E encaramos todas as queixas com seriedade, conforme dita o nosso regulamento.

— Assim sendo, por que razão não está esta queixa a ser tratada como um caso de assédio sexual? Se uma aluna inicia uma transação em que favores são trocados por sexo, estamos perante uma situação de assédio sexual, não concordam?

— Essa possibilidade também está a ser averiguada — ripostou David. Soraya deu uma risadinha.

— Está bem, está bem. Quais são os alegados favores?

— Uma nota elevada num seminário do professor em causa, pagamentos financeiros na forma de uma bolsa, e o pedido feito a uma reputada professora reformada para que orientasse a tese da menina Mitchell.

Soraya acenou com a mão, em jeito de desprezo e quase bocejando de tédio.

— Reitero que os méritos académicos da minha cliente falam por si. Ora digam-me, quem é o infeliz professor?

David observou Julia com atenção.

— Gabriel Emerson.

Soraya sorriu de orelha a orelha.

— Quem apresentou a queixa tem uma imaginação fértil. Deve estar a formar-se em ficção. Foi o professor Emerson que apresentou a queixa?

Julia susteve a respiração, horrorizada, esperando a resposta de David Aras.

O decano tamborilava com a ponta da caneta sobre os papéis à sua frente.

— Não.

— Bem, e qual foi o seu testemunho quando falou com ele?

— Tencionamos falar com o professor Emerson depois de reunirmos mais informação. Os nossos protocolos ditam que os docentes visados por uma queixa sejam interrogados em último lugar, não em primeiro — disse o professor Martin, falando pela primeira vez, numa voz firme mas calma.

Soraya fitou-o severamente.

— Então, na hierarquia da universidade, as alunas são perseguidas primeiro? E só depois é chamado o professor cujo testemunho poderia ilibá-la? Estou chocada. Mal posso acreditar que arrastaram a minha cliente para prestar declarações sem terem tido a cortesia de sequer tentar falar com a outra pessoa envolvida. Toda esta questão poderia ter sido resolvida com dois

telefonemas. É lamentável.

David começou a protestar, mas Soraya interrompeu-o novamente.

— Antes de terminarmos esta reunião, quem apresentou a queixa?

— A queixosa é uma pessoa que, creio, a menina Mitchell conhece. Chama-se Christa Peterson.

Soraya recebeu a notícia impavidamente, mas os olhos de Julia voaram para o professor Martin. Foi um movimento rápido, mas ele reparou e olhou-a de volta, com o sobrolho franzido.

Corando, Julia baixou os olhos para as mãos.

David pegou em duas folhas de papel.

— Com base na nossa investigação preliminar, parece que o professor Emerson deu uma classificação muito elevada à menina Mitchell no seu seminário. Além disso, ela obteve a bolsa M. P. Emerson, que foi misteriosamente atribuída por uma fundação americana depois de a estudante em causa ter começado a frequentar o curso. E o professor Martin forneceu-me o processo académico da aluna, onde consta que a professora Katherine Picton foi contactada pelo professor Emerson para o substituir como orientador de tese da menina Mitchell.

David entregou a pasta a Soraya.

— Como poderá verificar, doutora Harandi, o processo inclui provas adicionais facultadas pela menina Peterson. Fotografias e recortes de um jornal florentino, onde vemos a menina Mitchell e o professor Emerson num evento público em Itália, altura em que, conforme citado, o professor Emerson terá apresentado a menina Mitchell como sua noiva. E temos ainda a declaração de um funcionário de uma discoteca local em como possui vídeos das câmaras de segurança que mostram a menina Mitchell e o professor Emerson juntos, na discoteca, num momento em que ela ainda era sua aluna. As interações captadas pelas câmaras parecem ser de natureza íntima e vão muito além do que seria admissível numa relação profissional.

Fez uma pausa dramática.

— É possível que as provas fornecidas pela queixosa apontem para mais do que uma infração. Por tudo isto, estamos muito interessados em ouvir o lado da história da menina Mitchell. Assim, volto a perguntar: recebeu favores académicos especiais do seu professor, em virtude da relação pessoal que mantinham?

— Professor Aras, espanta-me que um homem da sua posição dê crédito a uma queixa que não só apela à ingenuidade como tem fraquíssimos indícios a suportá-la. Recortes de um tabloide italiano? Vídeos que não podem ser autenticados? Não existe, *prima facie*, caso. De modo algum.

— Não questione a minha competência, doutora Harandi. — O decano

deixou-se vencer pela cólera. — Comecei a trabalhar no ensino superior andava a senhora no jardim de infância.

Soraya ergueu as sobranceiras e fechou a pasta cerimoniosamente, deixando-a cair sobre a secretária do decano.

— Que interesse tem a queixosa em fazer tais alegações?

David lançou-lhe um olhar furioso.

Soraya olhou do decano para o catedrático e do catedrático para o decano.

— Talvez o verdadeiro alvo da queixosa seja o professor Emerson. Porque é que, de repente, fiquei com a sensação de que a minha cliente é uma baixa colateral?

— Quaisquer outros assuntos não lhe dizem respeito, doutora Harandi. — O queixo de David tremia. — Mesmo que este gabinete preferisse ignorar as provas apresentadas com a queixa, não é possível fazê-lo. O artigo de jornal demonstra que a menina Mitchell e o professor Emerson estavam romanticamente envolvidos apenas dias depois do fim do semestre. O que aponta, na melhor das hipóteses, para a existência de uma relação imprópria iniciada anteriormente.

— Custa-me acreditar que chamou a minha cliente aqui para ouvir estas acusações bizarras. A queixosa é, claramente, uma pessoa instável que vive num mundo de fantasia. Se tem alguma questão com o professor Emerson, deveria apresentar uma queixa contra ele, não contra a minha cliente. Tendo em conta o que se passou aqui hoje, aconselharei a minha cliente a apresentar uma queixa de assédio contra a menina Peterson e certificar-me-ei de que ela é investigada por ter feito uma acusação fraudulenta e caluniosa.

O decano pigarreou ruidosamente.

— Se for dito que a menina Mitchell e o professor Emerson se envolveram numa relação consensual, terei todo o gosto em tomar nota dessa declaração e podemos acabar com esta charada. Quando começou esta relação consensual?

— A única charada é aquela que está a ser levada a cabo pelo seu gabinete, pois sob pretexto de investigarem uma infração académica, estão, na realidade, empenhados numa espécie de macartismo sexual. Esta reunião terminou. — Soraya fechou dramaticamente a sua pasta e pôs-se de pé.

— Um momento, doutora Harandi. Se se tivesse dado ao incómodo de ver com mais atenção o processo académico da sua cliente, teria encontrado um formulário assinado pela professora Picton em outubro, declarando que passaria a orientar a tese da menina Mitchell porque o professor Emerson tinha um conflito de interesses. Que razão teria ele para fazer este pedido à professora Picton, senão dar à menina Mitchell o que ela queria? Que conflito de interesses poderia existir ali, senão uma relação imprópria?

Julia abriu a boca para responder, tencionando revelar que conhecia Gabriel desde a sua adolescência, mas Soraya agarrou-lhe o braço com uma mão firme.

— Parece-me que já tomou posição quanto à queixa, professor Aras. Em vez de ter dissimulado as suas intenções na carta que enviou à minha cliente, talvez devesse ter dito logo que o verdadeiro objetivo desta reunião era *viciar o jogo* de modo a puni-la.

O decano pareceu engolir a sua crescente ira. Apontou os papéis à sua frente.

— A queixa alega que foram concedidos favores à menina Mitchell por outras razões que não o seu desempenho académico. A queixosa declarou que o professor Emerson e a menina Mitchell tiveram uma discussão de namorados numa sala cheia de testemunhas durante um seminário. Pouco depois deste embaraçoso incidente público, a professora Picton assinou o formulário que lhe permitiu tornar-se orientadora de tese da menina Mitchell. *Quid pro quo. Quod erat demonstrandum.*

— *Nemo me impune lacessit*, professor Aras. — Soraya sorriu ao professor Martin, depois voltou-se para David, com um olhar empedernido. — Comecei a estudar latim no jardim de infância.

»A queixa é falsa e difamatória. Se o reitor decidir formular uma acusação com base nesta queixa, seguirei por outras vias contra a queixosa e contra este gabinete.

Julia reparou que o decano apertava a sua caneta com força, o punho cerrado.

— Tem a certeza que é esta a posição que quer assumir, menina Mitchell? Seremos mais benevolentes se aceitar cooperar.

— Basicamente, chamaram prostituta à minha cliente e acusaram-na de dormir com um professor para ter um tratamento preferencial. Não preciso de os lembrar das leis respeitantes à difamação de carácter. Acredito que nos vimos numa situação similar no ano passado. Eu não cedo a ameaças.

— Nós não ameaçamos, nós julgamos. Vamos ouvir testemunhas e outras partes relevantes, e depois repetiremos esta conversa. Jeremy, tem mais algum comentário ou alguma pergunta a fazer?

O professor Martin avaliou Julianne com o olhar, depois abanou a cabeça calmamente.

O decano fechou a pasta de arquivo.

— Uma vez que se recusa a responder às minhas perguntas, menina Mitchell, está dispensada.

Soraya anuiu aos dois homens e conduziu Julia para fora da sala.

— Aquela reunião foi uma conspiração de estúpidos — declarou Soraya, instalando-se na sua cadeira, no bar do Windsor Arms Hotel.

Julia anuiu, perguntando-se se seria Ignatius Reilly, o protagonista daquele livro, ou se Gabriel era Ignatius e ela Myrna Minkoff.

O empregado trouxe-lhes os martinis com um sorriso e alguns pratos de tapas.

— Por conta da casa — disse, piscando o olho a Soraya, que era cliente habitual, e voltou para o balcão.

A advogada bebeu um grande gole e recostou-se no seu lugar.

— O meu conselho é apresentar uma queixa contra a Christa Peterson, alegando intenção de caluniar, o mais depressa possível. Os estatutos da universidade têm cláusulas destinadas a proteger os alunos de acusações fraudulentas.

— Não tenho a certeza se quero hostilizá-la.

Soraya deu uma gargalhada sinistra.

— Que mais lhe pode ela fazer? Apontar-lhe uma faca?

Julia encolheu-se.

— Escute, uma queixa contra ela seria um tiro para o ar. Não temos de a levar até ao fim, mas dar-lhe-ia a ela e ao decano algo com que se preocuparem. Disse-me que ela acusou o Gabriel de assédio sexual. Não quer retribuir na mesma moeda?

— Só quero que isto tudo acabe. Não percebo como pode ela apresentar queixa contra mim, quando a minha situação nada tem a ver com ela.

— Com base no que ficámos a saber hoje, o que ela está a fazer parece-me bastante óbvio. Acusou a Julia de ter trocado sexo por boas notas e acusou o seu namorado de ter tentado o mesmo esquema com ela. É uma manobra bem pensada, porque não precisa que as suas queixas sejam bem-sucedidas para vos expor aos dois ao mesmo tempo.

Julia empalideceu.

— Como?

— A Christa está a obrigá-la a admitir que teve uma relação com o seu professor. Depois, a universidade pode avançar com uma acusação de fraternização contra ambos. Ou essa rapariga é muito esperta, ou teve alguma ajuda.

Julia riscava o seu copo com um dedo, para cima e para baixo, lutando contra a náusea.

Soraya bebeu mais um gole do seu martini.

— Preciso que faça uma lista das pessoas que o decano poderá querer entrevistar e de tudo o que possam dizer de prejudicial. As provas que ele tem são fracas, mas, juntando tudo, pode ser suficiente para convencer um tribunal de que o Gabriel a beneficiou por causa da relação que mantinham.

Julia começou a raspar o seu lábio inferior com os dentes.

— Não se preocupe, por enquanto. Vamos concentrar-nos em rebater esta queixa e preocupamo-nos com o resto mais tarde. A administração é muito cautelosa quando se trata de questões com docentes por causa do sindicato. Vão prosseguir com a investigação até terem certezas, e só depois estarão prontos a atacar.

»Entretanto, deixe-me apresentar uma queixa contra essa tal Christa Peterson. De agora em diante, a Julia e o Gabriel não podem ser vistos juntos em público. O David vai investigá-los a ambos esta semana, e devemos partir do princípio de que irá falar com toda a gente que contactou convosco.

Julia abanou a cabeça, uma onda de náusea a invadi-la, pensando nos outros professores e alunos do departamento que seriam chamados a testemunhar pelo decano.

— Está bem, Soraya. Apresente a queixa. Acho que só vamos conseguir irritá-la, mas eu não sou advogada.

— Ótimo. — Soraya fez um sorriso rasgado e bebeu de um trago o resto do seu martini.

Nessa tarde, Julia saiu do elevador no andar de Gabriel. Cruzou-se com o seu vizinho franco-canadiano, e trocaram um cumprimento breve mas amigável. Depois entrou no apartamento, usando a sua própria chave.

— Julianne? És tu?

— Sim. Como correu a tua reunião com o professor Martin? — Despiu rapidamente o casaco e descalçou as botas, e preparava-se para entrar na sala quando Gabriel veio ao seu encontro.

— Primeiro, quero saber da tua reunião — disse Gabriel, pousando-lhe as mãos nos ombros e beijando-a na testa. — Estás bem? Que aconteceu?

— Fizeram-me algumas perguntas e mandaram-me embora.

Ele praguejou e estreitou-a nos seus braços.

— Se algum mal te acontecesse...

Julia correspondeu ao abraço, expirando devagar contra a camisa dele.

— Foi a Christa Peterson.

— O quê? — Gabriel afastou-se para poder ver-lhe a cara.

— A Christa acusou-me de trocar favores sexuais contigo por benefícios académicos.

— *O quê?*

Enquanto Julia descrevia apressadamente a natureza da queixa e a argumentação de David e de Soraya, a expressão de Gabriel tornava-se cada vez mais sombria e perigosa. Quando citou as palavras finais de David, Gabriel deu um grande passo atrás.

Recuando, Gabriel enfiou um punho na parede. Depois tirou a mão, fazendo cair fragmentos de estuque e pó, e, como se não bastasse, esmurrou rapidamente a parede outras duas vezes.

Julia ficou paralisada, boquiaberta, vendo Gabriel a tremer à sua frente, olhos fechados, a respiração ofegante. Uma parte de Julia queria fugir, mas os seus pés estavam colados ao chão.

Mas por mais que quisesse correr naquele momento, as gotas de sangue que escorriam da mão de Gabriel para o chão de madeira captaram a sua atenção.

— Que foste fazer? — Viu como os olhos dele chamejavam e puxou-o para a casa de banho. — Senta-te. — Quando ele obedeceu, Julia examinou-lhe os nós dos dedos e viu várias feridas. — És capaz de precisar de pontos. E podes ter partido alguma coisa.

Gabriel abriu e fechou a mão várias vezes, demonstrando sem palavras que não tinha a mão partida.

— Acho melhor fazeres uma radiografia, pelo sim pelo não.

Como única resposta, Gabriel esfregou os olhos com a mão que não estava ferida e libertou um suspiro profundo e trémulo.

Julia abriu o armário dos medicamentos e tirou de lá alguns itens de primeiros socorros.

— Vou tentar limpar isto, mas deves ir ao hospital.

— Não é preciso — disse Gabriel, a voz tensa.

Servindo-se de uma pinça, Julia removeu os fragmentos de estuque das feridas e desinfetou-as. Gabriel quase nem estremeceu quando ela lhe limpou os nós dos dedos, e Julia apercebeu-se de que ele tremia, possivelmente ainda de raiva.

— Desculpa ter-te irritado — murmurou Julia.

— Quase deito uma parede abaixo e *tu* pedes-me desculpa a *mim*?

— Devia ter esperado que te sentasses. Ou que tomasses uma bebida.

Gabriel abanou a cabeça.

— Então teria mesmo deitado a parede abaixo. Estou demasiado zangado para beber.

Julia prosseguiu com a sua tarefa até a ferida estar completamente limpa.

Quando terminou, passou ao de leve os lábios pela mão ligada.

— Desculpa.

Gabriel segurou-lhe a mão.

— Para. Estou a lembrar-me de uma vez, nesta mesma casa de banho, em que fui eu a fazer o papel de médico.

— Sentia-me mortificada. Queria causar boa impressão e depois parti-te o copo de cristal e sujei a tua camisa elegante de *Chianti*.

— Foi um acidente. Tive de arranjar coragem para te desinfetar os cortes. Estava cheio de medo de te magoar. E isso foi antes de...

Fechou os olhos e esfregou-os novamente.

— Aquilo por que passaste hoje foi por minha culpa. Devia ter-te protegido.

— Gabriel — disse Julia, em tom de aviso. Inclinou-se para ele, segurando-lhe a cara entre as mãos, obrigando-o a olhá-la nos olhos. — *Não digas isso*. Sabíamos quais eram os riscos quando nos envolvemos. Não me importa o que me possam fazer. — A voz fraquejou-lhe, mas Julia disse o que tinha para dizer ainda assim. — Não quero saber de Harvard, nem do doutoramento. Não quero perder-te.

Um estranho fogo ardeu nos olhos de Gabriel.

— Nem o Inferno me afastava de ti — murmurou-lhe.

Os amantes abraçaram-se desesperadamente, encontrando na pele um do outro o consolo de que precisavam.

— Vais contar-me o que aconteceu com o professor Martin?

Gabriel pegou na mão de Julia e conduziu-a para o quarto, onde começou a preparar um banho quente.

— Tu vais relaxar, e eu falo.

— Não estou com disposição para um banho de espuma. Apetecia-me atirar um pé-de-cabra a qualquer coisa.

(A qualquer coisa pavorosa e mal feita. Como cerveja caseira.)

— É por isso que precisas de um banho de espuma. Tenho de preservar as paredes do apartamento.

Julia despiu-se e entrou na banheira. Gabriel olhou-a intensamente: o cabelo apanhado apressadamente no alto da cabeça, os contornos delicados dos seios flutuando na água como dois lírios brancos com extremidades rosadas, o modo como ela mordia o lábio até se aperceber de que ele a olhava.

— Lembras-te da primeira vez que tomámos banho juntos? — perguntou Julia, vendo-o sentar-se num banco baixo.

— É pouco provável que venha a esquecer-me.

— Tinhas medo que eu estivesse magoada, e levaste-me ao colo para a banheira. — Sorriu timidamente. — Foi uma das coisas mais atenciosas que

alguma vez fizeste por mim.

— Obrigado — disse Gabriel, dando-lhe um beijo na cara. — Mas não consigo pôr-me a recordar momentos felizes contigo. Estou demasiado furioso para isso. Gostava de arrancar a língua ao David Aras, e depois estrangulava-o com ela.

— E o professor Martin?

Gabriel fez uma pausa, clareando a voz.

— Se só houvesse a queixa da Christa contra mim, o Jeremy teria falado comigo, talvez tivesse também conversado com algumas pessoas do departamento, e teria concluído que a acusação era fabricada. Mas a queixa dela contra ti vem complicar as coisas.

— Que disse o teu advogado?

— Decidi encontrar-me com o Jeremy sozinho.

Julia deu um salto, fazendo água transbordar da banheira.

— O quê? Pensei que tinhas falado sobre a queixa com o teu advogado para ele te acompanhar.

Gabriel inclinou-se para a frente, apoiando os antebraços nos joelhos.

— Foi o Jeremy que me contratou. Considero-o um amigo. Achei que seria mais fácil deixarmo-nos de tretas e falarmos seriamente sobre o problema se não levasse o John.

Julia abriu muito os olhos, mal podendo acreditar.

— Que disse ele?

— A Christa afirma que eu tentei iniciar uma relação sexual com ela em várias ocasiões, incluindo em encontros que tivemos dentro e fora do campus. Mencionou o facto de ter estado comigo no Starbucks e no Lobby. — Pousou o olhar em Julia. — Também me acusa de a ter castigado recusando a sua proposta de tese e ameaçando expulsá-la do doutoramento. Diz que depois de me ter rejeitado, eu lhe fiz a vida num inferno.

— Mas isso é tudo mentira. Ela é que te assediou a ti.

— Precisamente, e foi o que eu disse. O Jeremy ficou virado do avesso. Disse-me que eu devia ter falado imediatamente com ele e apresentado queixa. Obviamente, neste momento as minhas afirmações já não são muito credíveis, mas há algumas pontas soltas que a Christa não considerou.

— Tais como?

— O seu processo académico. Eu e o Jeremy falámos pelo menos duas vezes sobre os seus fracos resultados ao longo do semestre passado. Ele estava a par das dificuldades da Christa. Notas destas conversas, para além de cópias dos trabalhos dela, constam do processo. Além disso, o Paul assistiu a algumas das minhas reuniões com a Christa. Sugeriu ao Jeremy que falasse com ele, e também com a senhora Jenkins.

— O Paul estava comigo no Starbucks no dia em que te encontraste com a Christa. Ela disse-nos que tencionava convencer-te a ires com ela ao Lobby naquela noite, e que haviam de trocar mais do que palavras.

Gabriel franziu o sobrolho.

— O quê?

— Tinha-me esquecido dessa conversa, ou já te teria contado há mais tempo. Estava a tomar café com o Paul, e a Christa apareceu, antes de tu chegares. Estava a gabar-se de como planeava seduzir-te.

Gabriel esfregou o queixo, refletindo.

— E o Paul ouviu-a dizer isso?

— Sim — disse Julia, tentando reprimir um sorriso. — Parece que o Fornicador-de-Anjos ainda se vai revelar um anjo da guarda.

Gabriel fez um ar carrancudo.

— Não vamos precipitar-nos. Que mais disse ela?

— Acho que foi só isto. Vimos-te a falar com ela, mas estávamos demasiado longe para ouvir o que diziam. A linguagem corporal dela era bastante óbvia. Estava a insinuar-se, e tu puseste-a no lugar. Eu podia dizer isto ao professor Martin.

— Nem pensar. Já estás suficientemente envolvida nisto tudo. — Arranhou novamente o queixo. — O Jeremy pediu-me que não falasse com o Paul a respeito da Christa. A situação é delicada, porque o Paul trabalha comigo, mas o Jeremy concordou em fazer-lhe algumas perguntas. Seria melhor que também não falasses com ele sobre isto. Quanto menos for dito, melhor.

— O Paul não gosta da Christa. Uma das coisas que sempre me disse foi que ela queria ser a senhora Emerson. Ele sabe que ela andava atrás de ti.

Gabriel fez uma careta.

— Relembrei ao Jeremy que aceitei a proposta de tese da Christa em dezembro, depois de lhe ter dado várias oportunidades para a alterar. Esperemos que, quando falar com o Paul, o Jeremy fique com uma ideia clara sobre o que se passou.

Julia fechou os olhos, encostando a cabeça à borda da banheira. Sabia que podiam contar com Paul para dizer a verdade. Apesar da sua antipatia pelo professor Emerson, Paul nunca daria crédito às falsas alegações de Christa.

Gabriel levantou-se.

— Há mais uma coisa que preciso de te dizer.

— O quê? — perguntou Julia, sem abrir os olhos.

— O Jeremy perguntou-me se estávamos envolvidos. E eu disse... que sim.

Julia abriu os olhos e fitou-o.

— O quê?!

— Disse-lhe que só aconteceu nas férias do Natal. — A sua expressão tornou-se ansiosa.

— E ele acreditou?

— Acho que sim, mas ficou zangado. Disse-me que devia ter falado com ele imediatamente. Disse que era obrigado a comunicar ao decano que eu estava a infringir o regulamento da universidade.

— Oh, não. — Julia segurou a mão dele. — Que vamos fazer?

— O Jeremy disse que, com todos os problemas que estamos a ter, não vai agitar ainda mais as águas... por agora. Mas disse categoricamente que não ia encobrir a situação.

Gabriel inclinou-se para a beijar na testa.

— Não te preocupes com o Jeremy. Eu encarrego-me dele. Enquanto acabas o teu banho, vou telefonar ao meu advogado e pô-lo a par dos acontecimentos, para pensarmos no que fazer a seguir. — Sorriu e voltou-se para sair.

— Gabriel, só mais uma coisa. Bem, duas coisas, na verdade.

»A Soraya vai apresentar queixa contra a Christa, em meu nome, alegando que ela me difamou.

— Ótimo. Talvez isso a leve a repensar as suas ações.

— E ontem, na minha sessão com a Nicole, fiquei a saber que desististe da terapia.

Gabriel viu a expressão de Julia, um misto de irritação e tristeza, e os seus ombros afundaram-se.

No panorama geral, o facto de Gabriel não ter mencionado que já não estava a fazer terapia era pouco importante. Ou Julia assim pensou. Discutiram brevemente sobre o assunto, mas estavam ambos demasiado preocupados com os problemas com a universidade para fazerem mais do que isso.

Gabriel recebeu um breve recado de Jeremy na semana seguinte, indicando que falara com Paul e com a senhora Jenkins. De resto, nem ele nem Julia tiveram mais contactos da parte da universidade.

David Aras passou a sua noite de sexta-feira sozinho, no seu escritório de casa, com uma garrafa de uísque *Jameson*. Nada que fosse invulgar para ele. Na sua posição de decano dos Estudos Pós-Graduados, era frequente levar trabalho para casa. Naquela noite, estava atolado numa situação particularmente difícil e delicada.

A queixa de assédio de Christa Peterson fora refutada por mais de uma testemunha. No entanto, a queixa de fraude académica contra Julianne Mitchell alertara-o para um possível caso de fraternização entre esta aluna e o professor Emerson. O problema residia nas provas contraditórias.

Segundo o professor Martin, Paul Norris pintara um retrato luminoso da menina Mitchell e do seu carácter. Com o uísque a arder-lhe na garganta, David perguntou-se se todas as mulheres com quem o senhor Norris lidava teriam asas, ou se ele teria simplesmente um fraco por raparigas de Selinsgrove, Pensilvânia.

(Onde quer que a maldita terra ficasse.)

Segundo o senhor Norris e a senhora Jenkins, a menina Mitchell era uma jovem tímida com quem o professor Emerson antipatizava. Paul fora ainda mais longe, afirmando que o professor discutira abertamente com ela no seu seminário.

Posteriormente ao confronto na aula, Emerson solicitara à professora Picton que supervisionasse a tese da menina Mitchell, dizendo-lhe que ela era amiga da sua família e que, por essa razão, não poderia ser ele o seu orientador. Era aqui que David ficava confuso.

O professor Emerson não se opusera à admissão de Julianne Mitchell no curso de mestrado, sabendo ser ele o único professor a orientar teses sobre Dante. Se havia um conflito de interesses tão óbvio, porque não rejeitara aquela candidatura logo à partida? Porque não comunicara o conflito de interesses ao professor Martin no início do semestre?

As informações sobre o professor Emerson e a menina Mitchell não faziam sentido. E David não gostava quando as coisas não faziam sentido. (Porque tudo no seu universo tinha de ter um sentido.)

Enquanto ponderava os dados de que dispunha, inseriu uma *pen* no seu computador. Abriu o único ficheiro que lá estava e começou a percorrer os *e-mails* de Emerson, que tinham sido copiados da conta do professor por um eficiente funcionário do gabinete de Tecnologias de Informação. Selecionou apenas as mensagens enviadas ou recebidas por Julianne Mitchell, Christa Peterson, Paul Norris e Katherine Picton.

Ao fim de poucos minutos, David encontrou algo que o surpreendeu. No seu monitor encontravam-se *e-mails* enviados em outubro de 2009. O primeiro *e-mail* fora enviado pelo professor Emerson a Julianne:

Cara menina Mitchell,
Preciso de conversar consigo sobre um assunto de alguma urgência.
Por favor, entre em contacto comigo assim que for possível. Pode telefonar para o número seguinte: 416-555-0739 (móvel).
Cumprimentos,
Prof. Gabriel O. Emerson,
Professor associado
Departamento de Estudos Italianos
Centro de Estudos Medievais
Universidade de Toronto

O segundo *e-mail* tinha sido enviado por Julianne Mitchell ao professor, em resposta à sua mensagem:

Dr. Emerson
Pare de me assediar.
Já não o quero. Nem sequer quero conhecê-lo. Se não me deixar em paz, serei forçada a apresentar uma queixa de assédio contra si. E, se ligar ao meu pai, é o que farei.
Imediatamente.
Se julga que uma coisa insignificante como esta me vai retirar do programa, então está muito enganado. Preciso de um novo orientador de tese, não de um bilhete para casa.
Cumprimentos,
Menina Julia. H. Mitchell
Mera Aluna de Mestrado,
Mais-Tempo-De-Joelhos-Do-Que-A-Maioria-Das-Putas
P.S. Vou devolver a bolsa M. P. Emerson na próxima semana. Parabéns, professor Abelardo. Nunca ninguém me fez sentir tão reles como o senhor no domingo de manhã.

O decano endireitou-se na sua cadeira. Leu os dois *e-mails* mais uma vez,

examinando cada palavra.

Embora tivesse uma vaga memória de quem era Peter Abelard, cedeu à curiosidade e fez uma busca no Google. Escolheu uma biografia credível e começou a ler.

Quod erat demonstrandum, pensou.

Na baixa, Jeremy Martin estava recostado no seu sofá de pele, de olhos fechados, a ouvir Beethoven, enquanto a mulher se preparava para se ir deitar. Enquanto diretor de Estudos Italianos, era responsável por uma série de pessoas, incluindo professores e estudantes. A revelação de Gabriel de que namorava com uma ex-aluna perturbava-o.

Ele sabia que a queixa de Christa Peterson era maliciosa, mas, como qualquer outra queixa, tinha de ser levada a sério. Tendo em conta o facto de que ela não se enganara ao conjecturar que Gabriel e Julianne estavam envolvidos, era muito possível que a sua alegação de que Julianne recebera favores especiais estivesse também correta. Gabriel, seu amigo e colega, tentara manter o relacionamento em segredo. Agora o decano andava a fazer perguntas, o que colocava Jeremy numa posição terrível.

Ao longo da sua carreira nos Estados Unidos e agora em Toronto, vira demasiados estudantes de pós-graduação, inteligentes e prometedores, tornarem-se brinquedos dos seus professores. A sua esposa, por exemplo, fizera uma pós-graduação em Linguística na Universidade de Columbia, apenas para ver a sua carreira arruinada pelo professor/amante no momento em que se fartara do seu alcoolismo. Danielle levara anos a sarar as suas feridas, e mesmo agora não queria ter nada a ver com a universidade. Jeremy não queria que a carreira de Julianne tivesse o mesmo fim.

Por outro lado, não permitiria que a estrela em ascensão da sua faculdade fosse caluniada e desacreditada por uma infração que não cometera. Se o decano investigasse mais profundamente o professor Emerson e a menina Mitchell, Jeremy faria o máximo para garantir que fosse feita justiça. Não o conseguindo, estava decidido a garantir que o seu departamento fosse protegido. Razão pela qual ficara horrorizado ao encontrar cópias de cartas dirigidas ao professor Emerson e à menina Mitchell com o seu correio diário na primeira quinta-feira de março.

A soltar expletivos em voz baixa, estudou o seu conteúdo rapidamente antes de fazer uma chamada discreta a um dos seus contactos no gabinete do decano. Meia hora depois, estava a ligar para a casa do professor Emerson.

— Já viste o teu correio hoje?

Gabriel franziu o sobrolho.

— Não. Porquê?

— Porque recebi uma carta do decano a indicar que tu e a Julianne estão a ser investigados por se envolverem num relacionamento impróprio enquanto

ela era tua aluna.

— Merda — disse Gabriel.

— Exatamente. Estás sentado?

— Não.

— Bem, então senta-te. Acabei de falar ao telefone com um amigo que trabalha no gabinete do decano. A Julianne apresentou uma queixa de assédio contra Christa Peterson, no seguimento das alegações contra ela. Em retaliação, a Christa ameaçou a universidade com um processo por a Julianne ter recebido tratamento preferencial depois de dormir contigo. As alegações da Christa fazem agora parte da investigação sobre ti e a Julianne.

— Isso é absurdo.

— É?

— Claro que sim. É ridículo.

— Fico contente por ouvir isso, Gabriel, porque a universidade leva acusações destas muito a sério. O gabinete do reitor ordenou que o decano e duas outras pessoas formassem uma comissão para investigar as alegações. Tu e a Julianne vão ser convocados para uma reunião, juntos.

Gabriel soltou uma praga.

— Quem mais está na comissão?

— O meu contacto não me disse. A boa notícia é que a reunião é apenas uma audiência de investigação. Dependendo da decisão dos membros da comissão, as acusações poderão ser enviadas para o gabinete do reitor; se isso acontecer, terão de comparecer perante um tribunal disciplinar. Não preciso de explicar a merda em que estariam metidos neste ponto.

— Porque é que o decano não se encontra simplesmente comigo? Tudo isto podia ficar terminado em poucos minutos.

— Duvido. As alegações e queixas estão a acumular-se, e tu estás no centro de todas elas.

O coração de Gabriel quase parou.

— Achas que há mais alegações a vir a lume?

— Tenho as minhas suspeitas. Mas não foi nada confirmado.

— Merda — disse Gabriel, a esfregar asperamente os olhos. — Até que ponto estamos em sarilhos?

— Se estivesse no teu lugar, eu pararia de pensar como *nós* e focava-me em *mim*. Foi isso que te meteu em problemas, lembra-te?

— Responde só à pergunta, por favor.

Jeremy fez uma pausa, enquanto folheava as cartas na sua secretária.

— Uma vez que é posta em questão a integridade da tua avaliação no que diz respeito à Julianne, o decano suspendeu a nota dela no teu seminário. Isso significa que o seu processo académico ficará incompleto até o assunto estar

resolvido, ou com uma anulação ou com um tribunal e o seu resultado.

— Ela não vai poder graduar-se — sussurrou Gabriel.

— É política da universidade reter uma nota final enquanto houver infrações académicas por esclarecer.

— Então, se isto demorar muito tempo, ela não vai poder ir para Harvard.

— Se o assunto for decidido a seu favor, vão deixar a nota manter-se e datar retroativamente a sua graduação. Mas, por essa altura, eu diria que ela pode ter já perdido o lugar em Harvard. A não ser que os consiga persuadir a adiar a sua admissão.

— A admissão tinha como condição a conclusão satisfatória do mestrado. Ela pode pedir, mas não me parece que esteja em posição de negociar um adiamento. E, se Harvard ouvir falar desta história, pode retirar a sua oferta.

— Então é melhor ela ir rezando para o assunto se resolver a tempo de se poder graduar. E, francamente, tu também. E, se fores considerado culpado de fraude académica, o reitor pode retirar-te o título.

— Foda-se. — Gabriel bateu com a mão na secretária. — Quando é que teremos de comparecer perante a comissão?

— Na quinta-feira. Vinte e cinco de março.

— Isso deixa-lhes menos de um mês para resolver tudo antes de ela precisar de requerer a graduação.

— Os procedimentos académicos andam a um ritmo glacial. Sabe-lo perfeitamente. — Pigarreou. — Não estás nem um pouco preocupado com a tua situação?

— Não particularmente — rosnou Gabriel.

— Bem, pois devias estar. E, mais ainda, a minha principal preocupação és tu, embora lamentasse ver o futuro académico da Julianne ameaçado.

— Não vou deixar que isso aconteça.

— E eu não vou deixar que um dos meus melhores professores fique pendurado. — Jeremy respirou fundo. — Sob a política que és suspeito de ter violado, tu és mais responsável do que ela. Estás sob suspeita de avaliar uma estudante com referência num critério que nada tem a ver com o mérito académico.

— Isso é absurdo, e tu tens os registos que o comprovam.

— Não, não tenho. — Jeremy começou a martelar com o dedo contra as páginas de papel na sua frente. — Tenho um registo, mas está incompleto. Não me notificaste até muito recentemente que estavas envolvido com ela. Agora o meu chefe começou a fazer perguntas. Fazes ideia de como isto é embaraçoso para mim? Dá ideia que acabei de cair aqui de paraquedas e não faço ideia do que raio se está a passar no meu próprio departamento!

Gabriel inspirou e expirou lentamente.

— O que é que estás a querer dizer?

— Estou a dizer que fizeste merda, Gabriel, por qualquer ângulo que analyses a questão. E não estou disposto a pôr em risco tudo o que consegui para te cobrir a retaguarda.

O professor Emerson ficou em silêncio, estupefacto.

— Porque é que não me disseste que andavas a sair com ela? Fui eu que te contratei, pelo amor de Deus.

— Porque pensei que ninguém tinha nada a ver com quem eu ando ou não ando a dormir.

— Não podes estar a falar a sério. — Jeremy soltou uma praga em surdina. — Conheces as regras que governam os relacionamentos com estudantes. Como escondeste de mim e de toda a gente a tua relação, pareces culpado.

Gabriel rangeu os dentes.

— Jeremy, posso contar com o teu apoio ou não?

— Vou fazer o que estiver ao meu alcance, mas isso pode não ser grande coisa. No teu lugar, eu notificaria a Associação dos Professores e teria o cuidado de levar um representante do sindicato à audiência.

— Isto é uma caça às bruxas desencadeada por uma estudante despeitada. A Christa Peterson está a tentar fazer com que eu seja despedido.

— Podes ter razão. Mas, antes de te pões a defender essa tese, compreende que violaste uma política da universidade. Isso torna muito mais fácil para a administração assumir que és culpado de outras infrações. E, a propósito, recebi um *e-mail* do decano a fazer perguntas sobre a bolsa M. P. Emerson. Para teu bem, espero que não encontrem nisto as tuas impressões digitais.

Gabriel soltou uma corrente de pragas. Jeremy interrompeu-o.

— Se não tens advogado, meu amigo, agora será uma boa altura de arranjares um.

Gabriel balbuciou qualquer coisa e desligou o telefone, dirigindo-se velozmente para a sala de jantar para se servir de uma bebida.

Embora Gabriel notificasse a Associação de Professores da sua situação, declinou a sua oferta para o acompanharem na audiência. John era da opinião que a sua clarividência legal era bem mais ameaçadora do que a do sindicato, mas estava disposto a admitir que, se o assunto resultasse em acusações, seria apropriado envolvê-los naquele ponto.

O conselho de John era manter o silêncio, embora incentivasse Gabriel a

instruir Julianne quanto ao que *não* dizer. Se isso falhasse, tinha toda a intenção de alegar que ela era uma estudante instável, impressionável, que ficara obcecada por Gabriel desde muito nova e o seduzira.

Esperando que o cliente seguisse estas instruções, John não se deu ao trabalho de explicar a sua estratégia.

O conselho de Soraya seguiu numa direção paralela. Aconselhou Julia a não dizer nada e a culpar Gabriel de tudo, se fosse pressionada. Soraya quase cacarejou de alegria perante a perspectiva de argumentar que ele era o professor, mais velho e devasso, que seduzira uma jovem inocente com promessas de um futuro longo e feliz. Quando Julia declarou que queria dizer a verdade, Soraya disse-lhe que era muito má ideia. Planeava mencionar a reputação promíscua de Gabriel e os seus atritos com a lei.

Tal como John, previa uma cliente cooperante e, por isso, não se deu ao trabalho de articular os pormenores da sua estratégia.

Na noite anterior à audiência, Julia foi despertada a meio de um sonho pelo som de qualquer coisa a bater na janela do seu apartamento. Ao princípio, pensou que continuava a sonhar. Quando o som se repetiu, desta vez com mais força, saiu da cama e puxou a cortina. Ali, quase com o nariz colado contra o vidro, estava Gabriel. Parecia ligeiramente louco, de olhos frenéticos, com a sua boina e sobretudo, enterrado até aos joelhos numa tempestade de neve.

Destrancou rapidamente a janela e desviou-se quando uma rajada de ar gelado acompanhou a entrada dele no quarto. Ele fechou a janela com força, trancou-a e puxou a cortina.

— Gabriel, o que...

Não teve oportunidade de terminar a pergunta; ele envolveu-a nos seus braços. Cheirou o uísque antes de lhe sentir o gosto, quando ele colou os lábios aos dela. Os de Gabriel estavam gelados, é certo, mas a sua boca e língua eram quentes e convidativos. E o calor do beijo, que era profundo e sensual, começou a formigar pela sua pele.

— Bebeste? O que aconteceu?

Ele recuou, mas apenas por um momento, para se poder livrar do chapéu e casaco. Depois estava a abraçá-la novamente, a percorrer-lhe os braços com os dedos gelados, a desabotoar-lhe a parte de cima do pijama e a fazer deslizar uma mão para lhe segurar os seios.

Puxou-a para a cama enquanto soltava a camisa das calças, vendo-a livrar-se do pijama enquanto ele atirava com tudo descuidadamente para o chão. Num piscar de olhos estavam nus, e ele estava a puxá-la para os seus braços, e a apertar-lhe as pernas em volta das suas ancas. Nunca tinham sido tão rápidos a despir-se e a amar-se.

Quando a levou para a porta fechada e a encostou à madeira, os seus movimentos tornaram-se mais frenéticos e desesperados. Os seus dedos frios acariciavam-na enquanto a sua boca lhe tomava um seio, sugando-o e mordiscando-o.

Ela estava já a gritar, ainda chocada com o seu fervor mudo.

Uns momentos mais tarde, foi distraída pela diferença de temperaturas entre os seus corpos: a firme e dura frieza do peito dele a pressionar-se contra as suas suaves curvas quentes. Quando Gabriel sentiu com as pontas dos dedos que ela estava pronta, penetrou-a, gemeu contra a curva do seu pescoço em satisfação preliminar, a parte superior do seu corpo a relaxar ligeiramente ao senti-la. Não havia ar entre a pele de cada um, não havia espaço entre os seus corpos.

Julia gemeu de prazer com a sensação de se tornar una com o seu amado. As suas mãos deslizaram imediatamente dos ombros dele para as suas ancas, e puxava-lhe o fundo das costas para o encorajar a avançar. Era uma cacofonia de sons e ruídos desinibidos, tornados mais animais pela sua ausência de linguagem e, claro, pelo rítmico bater das costas de Julia contra a pesada porta de madeira.

O sexo foi ruidoso e rápido, talvez a mais intensa ligação física que tinham experimentado, superando até o seu sexo contra a parede em Florença. Em breve estavam a explodir juntos em prazer, de corações acelerados, o sangue a bombar, agarrados um ao outro e a gritar. Depois, finalmente, caíram num emaranhado de carne e membros em límpida satisfação sobre a cama estreita de Julia.

Gabriel estava em cima dela, mas Julia não queria que ele se movesse. Ele tentou mover-se ligeiramente para distribuir o seu peso pelo colchão, mas também não queria quebrar o contacto de pele contra pele.

Julia acariciou-lhe o cabelo e disse-lhe como o amava, enquanto ele encostava o nariz à sua garganta, a inalar o seu odor. Ela disse-lhe que não precisava de beber, que podia falar com ela, em vez disso.

Gabriel suspirou contra o seu pescoço.

— Eu estou a falar — sussurrou-lhe, pressionando beijos insistentes no seu ombro. — Tu é que não estás a ouvir.

Antes que Julia pudesse discutir, ele começou a explorar-lhe a boca. Qualquer possível discussão foi silenciada enquanto ele a incentivava a unir-se ao seu corpo uma vez mais.

Quando Julia acordou, na manhã seguinte, o apartamento estava em silêncio. De facto, não havia sinal do seu visitante noturno para além de uma janela destrancada e do odor a Gabriel e a sexo colado ao seu corpo e à sua cama.

Revistou o estúdio em busca de um bilhete, uma mensagem, qualquer coisa. Mas não havia nada, nem sequer um *e-mail*. Uma arrepiante sensação de pavor percorreu-lhe a espinha.

Julia deixou o cabelo solto, na manhã seguinte, conforme as instruções de Soraya, pois isso fazia-a parecer doce e inocente. Às onze em ponto, encontrou-se com a sua advogada no corredor à porta da sala de reuniões.

Gabriel e John já lá estavam, encostados à parede a conversar num tom baixo e apressado. Estavam ambos vestidos de fato escuro e camisa branca. Mas as semelhanças terminavam aí. Gabriel usava um laço verde, que contrastava intensamente com o azul dos seus olhos.

O olhar que cruzaram foi breve, mas durou tempo suficiente para ela reparar que ele parecia preocupado. Não sorriu nem lhe acenou. Parecia contentar-se em manter a distância.

Ela queria ir ao seu encontro, mas Soraya puxou-a para se sentar num banco baixo mesmo junto à porta. De súbito, esta abriu-se e um grande jogador de rãguebi com um ar zangado saiu a passos largos para o corredor.

— Paul? — Julia levantou-se.

Ele parou, surpreendido.

— Julia? Está tudo bem? Diz-me que isto...

Paul parou a meio da frase quando viu o rosto de Soraya, que estava agora de pé atrás dela. Ficou a olhar para as duas mulheres, ao princípio de olhos muito abertos e interrogadores, mas depois semicerrou-os. A balbuciar pragas, franziu o sobrolho e foi-se embora.

— Paul? — chamou Julia, mas ele desapareceu nas escadas.

— Conhece-o? — perguntou Soraya.

— É um amigo.

— A sério? — Soraya parecia incrédula.

Julia virou-se para ela.

— Porquê? Também o conhece?

— Ele apresentou queixa, no ano passado, contra uma das minhas clientes. Foi nessa altura que fiz um inimigo na pessoa do decano.

Foi preciso algum tempo para que a implicação da revelação de Soraya se infiltrasse no cérebro de Julia. Mas, quando isso aconteceu, ela sentou-se lentamente.

Soraya foi a advogada da professora Singer? Em que é que me fui meter?

A resposta a essa questão foi interrompida pela assistente do decano, Meagan, que anunciou que os membros da comissão preferiam interrogar a

menina Mitchell e o professor Emerson juntos.

Após uma rápida consulta com os respectivos advogados, Gabriel e Julia entraram na sala, seguidos por John e Soraya. Assim que se instalaram em locais opostos da mesa, o decano Aras falou. Como era seu costume, apresentou-se primeiro e depois apresentou os outros membros da comissão, os professores Tara Chakravartty e Robert Mwangi.

— Doutor Tara Chakravartty, vice-presidente para a Diversidade. — A professora Chakravartty era uma mulher bonita e baixinha, de origem indiana, com olhos escuros e um longo cabelo preso liso. Estava vestida de fato preto, com um grande lenço cor de diospiro que se enrolava como um sari em volta do seu tronco. Sorriu para Julia, entre olhares perfurantes e o ocasional ar carrancudo na direção de David.

— O doutor Robert Mwangi, vice-presidente para os Assuntos dos Estudantes. — O professor Mwangi era um canadiano de origem queniana, que usava óculos com lentes de metal e camisa sem casaco nem gravata. Era o mais casualmente vestido dos quatro, e o mais obviamente amigável. Sorriu para Julia, e ela retribuiu o sorriso.

O decano deu início às suas observações de abertura.

— Menina Mitchell, professor Emerson, foram notificados por carta a respeito da razão por que a vossa presença é requerida. No seguimento da nossa investigação quanto à alegação de comportamento impróprio da sua parte, menina Mitchell, conversámos com a professora Picton, a menina Peterson, a senhora Jenkins, o professor Jeremy Martin e o senhor Paul Norris.

»No decurso da nossa investigação, emergiram vários factos, factos que foram corroborados por mais de uma testemunha. — O decano fixou o olhar em Gabriel, franzindo os lábios. — Por esta razão, o gabinete do reitor ordenou que fosse formada esta comissão para investigar o assunto.

»Os factos que vieram à luz até agora são os seguintes: primeiro, que uma discussão pública com possíveis insinuações pessoais teve lugar entre a menina Mitchell e o professor Emerson durante o seu seminário de pós-graduação, por volta de vinte e oito de outubro de dois mil e nove.

»Segundo, que, a cerca de trinta e um de outubro, a professora Picton concordou em orientar a tese de mestrado da menina Mitchell a pedido do professor Emerson, que mais tarde notificou o professor Martin sobre a alteração. O professor Emerson argumentou que a troca era necessária devido a um conflito de interesses, nomeadamente, que a menina Mitchell era uma amiga da sua família. A documentação foi entregue à Escola de Estudos Pós-Graduados em novembro para efetivar esta mudança.

»Terceiro, a dez de dezembro, o professor Emerson fez uma conferência

pública em Florença, Itália, à qual foi acompanhado pela menina Mitchell. Ao longo do serão, apresentou a menina Mitchell como sua noiva. Estes factos são substanciados por escrito e por fotografias, e foram também corroborados por um professor Pacciani, que estava presente no evento. — O decano ergueu um papel que parecia ser uma cópia de um *e-mail*.

Gabriel ficou carrancudo com a menção a Pacciani, e balbuciou um expletivo entre dentes.

O decano fixou o olhar em Gabriel.

— A menina Mitchell forçou-o a manter um relacionamento amoroso com ela?

Julia quase caiu da cadeira.

Todos os olhos na sala se focaram em Gabriel, cuja cor se intensificou. O advogado começou a sussurrar-lhe furiosamente ao ouvido, mas Gabriel fez-lhe sinal que se afastasse.

— De maneira nenhuma.

— Muito bem. Está atualmente envolvido numa relação amorosa com a menina Mitchell?

— Professor Aras, não ofereceu aqui nenhuma prova de qualquer infração às políticas da universidade. A única coisa que ofereceu foi uma cronologia sumária que é aberta a interpretações e jornalismo tabloide italiano. Não vou permitir estas acusações falsas contra o meu cliente — queixou-se John.

— Se o seu cliente não tem nada a esconder, talvez deva responder às nossas perguntas. Quando foi que começou a relação, professor Emerson, com a sua aluna?

Antes que John pudesse abrir a boca para protestar, a professora Chakravartty interrompeu.

— Eu protesto contra esta linha de interrogatório, tendo em conta que os relacionamentos entre professores e alunos no mesmo departamento não podem ser consensuais. E quero que a minha objeção fique registada.

O decano fez um aceno de cabeça para a sua assistente, Meagan, que estava a tomar furiosamente notas no seu portátil.

— Devidamente registado — bufou ele. — Discutiremos esse ponto brevemente. Professor Emerson?

— Com todo o respeito, professor Aras, o meu cliente não é obrigado a responder a suposição e especulação. Talvez a menina Mitchell tenha uma opinião diferente. — John lançou um olhar de lado a Soraya, depois sorriu inocentemente aos membros da comissão.

— Muito bem. Menina Mitchell?

Soraya fez um ar carrancudo a John antes de encarar os outros.

— A minha cliente já foi sujeita a uma experiência perturbadora pelo gabinete do decano ao ser forçada a defender-se contra uma queixa séria mas inteiramente maliciosa de outra estudante. Em vista do stress e trauma emocional que já lhe foram infligidos, peço-lhe que dirija as suas perguntas ao professor Emerson. Foi ele que instigou a transferência da orientação de tese da minha cliente para a professora Picton, é a sua assinatura que consta dos documentos, e não temos nada a declarar sobre o assunto.

Julia inclinou-se para protestar ao ouvido de Soraya, mas esta fê-la calar.

Julia cerrou os dentes.

— Ah. Emerge então um clássico dilema do prisioneiro. Pergunto-me se algum dos dois tem noção do resultado a que se dirigem se continuam desta maneira. — O decano Aras pigarreou. — Posso autorizar um pequeno intervalo para conferirem com os vossos advogados, menina Mitchell e professor Emerson, mas espero que respondam às nossas perguntas de maneira expedita e verdadeira.

»Na ausência de qualquer testemunho, reservamo-nos o direito de decidir o assunto entre nós, com base nas provas que conseguimos reunir. E de enviar o assunto ao gabinete do reitor para que ele formule as acusações, se for essa a nossa recomendação. Têm cinco minutos. — A voz do decano era fria e desapaixonada.

— Uma vez que os relacionamentos entre professores e estudantes do mesmo departamento não podem ser consensuais, proponho que dispensemos o professor Emerson para podermos interrogar a menina Mitchell. — A professora Chakravartty fez um olhar de simpatia a Julia. — Deixe-me assegurar-lhe que este é um lugar seguro. Não haverá quaisquer represálias da parte do Departamento de Estudos Italianos por causa do que nos revelar. Se foi vítima de assédio sexual, podemos ajudá-la.

A simpatia de Tara metamorfoseou-se de imediato em aversão quando olhou na direção de Gabriel.

Julia levantou-se rapidamente.

— Eu não fui assediada pelo professor Emerson.

Soraya agarrou-lhe o braço, mas Julia ignorou-a. Por isso Soraya levantou-se também, esperando pelo momento apropriado para a interromper e protestar.

Gabriel começou a abanar a cabeça de agitação, mas Julia não o via, concentrada como estava nos membros da comissão.

— Enquanto fui aluna dele, não estávamos envolvidos. E a nossa relação atual é consensual.

A sala ficou em silêncio por um momento, antes de o silêncio ser quebrado pelos sons das canetas dos membros da comissão a roçar contra

papel.

O decano recostou-se na sua cadeira. Não parecia surpreso.

Aquela foi a primeira indicação de Julia de que alguma coisa acabara de correr muito, muito mal. Sentou-se lentamente, ignorou o sibilar da voz de Soraya no seu ouvido e voltou-se para olhar para Gabriel. Viu-o de olhos fixos em frente, mas sabia que ele sentia o seu olhar, sabia-o pela posição do seu queixo. Ele cruzou os braços sobre o peito, zangado, de olhos fixos no decano como uma cobra à espera do momento de atacar.

— Obrigado, menina Mitchell. Então, o relacionamento é amoroso. — O decano Aras olhou brevemente na direção de Gabriel antes de se virar novamente para Julia.

— Uma vez que se mostrou tão aberta, permita-me uma outra pergunta. Quando foi que adquiriu o seu bilhete de avião para Itália, sabendo que ia viajar com o professor Emerson?

Julia fez um olhar vazio para o decano.

— Decerto que os bilhetes teriam de ser reservados antes de oito de dezembro, o que colocaria a data de aquisição dentro do semestre. Por isso, antes da submissão da sua nota, tem de ter tido uma conversa acerca da sua intenção de o acompanhar a Itália. Isso parece problemático para o relacionamento professor-aluno, não acha?

Julia abriu a boca para falar, mas Soraya interrompeu-a.

— Com todo o respeito, professor Aras, isso é especulação.

— Na verdade, menina Harandi, estou a fazer uma inferência razoável de um *quid pro quo*. — Os lábios do decano tornaram-se visivelmente mais finos. — Mais, estou a sugerir que a sua cliente acabou de cometer perjúrio. Disse que não estava envolvida com o professor Emerson durante o semestre. Devemos acreditar que eles se envolveram magicamente assim que o semestre acabou?

Julia inalou audivelmente, o som ecoando pelas paredes. Do outro lado da sala, a ansiedade de Gabriel era telegrafada pela forma como ele cerrava e descerrava as mãos, tentando escondê-las com o corpo.

O decano começou a falar, mas foi interrompido pelo professor Mwangi.

— Menina Mitchell, neste ponto, preciso de a lembrar das penalizações por perjúrio e também pela violação da política de não-confraternização desta universidade. — A sua voz calma e bondosa era um estudado contraste com a frontalidade impaciente do decano. — O perjúrio pode resultar em expulsão ou noutras sanções graves. Uma violação da política de não-confraternização pode pôr em risco a sua posição académica nos seminários do último semestre. — Pegou nalguns papéis na mesa na sua frente. — Estava a escrever a sua tese com o professor Emerson até ao início de novembro, cerca

de um mês antes da vossa viagem a Itália. Manteve-se registada no seu seminário sobre Dante durante todo o semestre de outono e recebeu uma nota A.

»A política de não-confraternização existe para proteger os estudantes de serem vítimas dos seus professores e evitar qualquer possibilidade de preferências injustas. Se tivesse desistido da aula do professor Emerson, não estaria aqui hoje. Mas, como permaneceu na turma, temos um problema.

O professor Mwangi passou alguns papéis a Meagan, que os levou obedientemente a Julia e Soraya. Enquanto esta última os olhava de relance, Julia ficou boquiaberta de horror. Olhou de novo para Gabriel, mas ele não lhe devolveu o olhar.

— O professor Martin testemunhou perante esta comissão que não se recorda de qualquer conversa com o professor Emerson sobre ser a professora Picton a avaliar o seu trabalho no seminário de Dante. O gabinete de registos relatou que foi o professor Emerson que submeteu a sua nota através do sistema *online* de avaliação. Temos cópias datadas desses documentos eletrónicos, que acabou de receber.

— Doutor Mwangi, uma vez que só agora temos acesso a esta documentação, gostaria de pedir um pequeno intervalo para poder conferenciar com a minha cliente. — A voz de Soraya conseguiu perfurar por entre a névoa de choque de Julia.

— Esse momento já passou, doutora Harandi, uma vez que a sua cliente já cometeu perjúrio. — A voz do decano era dura.

— Eu discordo — interrompeu a professora Chakravartty. — A menina Mitchell pode não estar na melhor posição para julgar se foi ou não uma vítima de coerção. Decerto que qualquer perjúrio da sua parte pode ser desculpado se ela for vítima de assédio.

— Foi a professora Picton que avaliou o meu trabalho no seminário de Dante. Tenho a certeza que ela pode esclarecer este mal-entendido. — A voz de Julia assumiu um tom obstinado que contrastava vivamente com o tremor que fazia ouvir.

— Decano Aras, peço desculpa por interromper, mas acabei de receber um *e-mail* da professora Picton — interrompeu, hesitante, a voz de Meagan. Ela dirigiu-se para o decano e apresentou-lhe o seu portátil.

Ele percorreu rapidamente o monitor com o olhar antes de lhe fazer sinal para se afastar.

— Parece que a professora Picton confirma a sua história, menina Mitchell.

Soraya debruçou-se para a frente na sua cadeira.

— Então isso deve resolver qualquer problema. Com todo o respeito,

pedimos à comissão que conclua a investigação e ponha um ponto final no assunto.

— Mais devagar, doutora Harandi. — O professor Mwangi olhou com curiosidade para Gabriel e depois para Julia. — Se é verdade que a relação é consensual, porque está então o professor Emerson a esconder-se atrás do seu advogado?

— A única coisa que fez foi presentear-nos com especulação e fantasia. Porque deverá o meu cliente responder? — O tom de John era insolente.

— Temos direito a chegar às nossas próprias conclusões com respeito às provas. Não posso falar pelos meus doutos colegas, mas eu declaro que, na minha opinião, o seu cliente e a menina Mitchell estavam envolvidos durante o semestre passado. O que significa que violaram a política de não-confraternização e que a menina Mitchell cometeu perjúrio.

John levantou-se.

— Se esta comissão tenciona continuar este caminho, vamos invocar a assistência da Associação de Professores da Universidade de Toronto e da Associação Canadiana de Professores Universitários, para além de recorrermos a todos os meios legais. Eu acautelaria os membros da audiência a pararem de caluniar o meu cliente.

O decano acenou com uma mão no ar.

— Sente-se. Não respondemos a ameaças.

Esperou que John se sentasse antes de atirar a caneta para a mesa na sua frente. Removeu os óculos e colocou-os ao lado da caneta.

— Uma vez que estamos aqui num impasse, talvez seja melhor suspendermos esta audiência até novas investigações serem efetuadas.

Gabriel cerrou os dentes. Sabia que qualquer adiamento poria ainda mais em risco a admissão de Julia em Harvard.

— Antes de suspender a audiência, creio que a menina Mitchell devia ter oportunidade de contar a sua história sem ter de estar na mesma sala que o professor Emerson. — A professora Chakravartty acenou com a cabeça na direção de Julia. — O professor Emerson é um homem poderoso. Talvez, menina Mitchell, tivesse medo do seu estatuto e ele se tenha aproveitado disso. Talvez acredite agora que a relação é consensual, mas sentiu sempre o mesmo? Temos relatos, de mais de uma testemunha, de que ele foi muito duro consigo no último semestre.

— Isto é ultrajante! Professor Aras, vai ficar aí sentado enquanto o meu cliente é vilipendiado por um dos membros da sua comissão? Quero que o meu protesto fique registado, e tenciono apresentar uma queixa ao reitor pelo comportamento pouco profissional da doutora Chakravartty. — John estava quase apoplético quando se levantou de um pulo.

— Quero que o professor fique — disse Julia em voz baixa.

— Muito bem. — A voz da professora Chakravartty suavizou-se. — Tenho a certeza que esta situação é perturbadora e confusa. Mas deve saber que a comissão já tem conhecimento do *e-mail* que enviou ao professor Emerson, em que lhe pedia que parasse de a assediar. Mais uma vez, quero reiterar que estamos aqui para descobrir a verdade.

Julia pestanejou quando a sala à sua volta pareceu envolta em nevoeiro. Sons abafados assaltaram-lhe os ouvidos, quase como se se estivesse a afogar. Tudo se tornou mais lento, especialmente a sua mente, quando a enormidade da revelação da doutora Chakravartty lhe percorreu a pele como um dedo gelado.

Meagan passou alguns papéis a John e Soraya.

John olhou-os rapidamente, antes de os atirar para o lado.

— É altamente irregular surpreender-nos com documentos que não estavam mencionados na carta que enviou ao meu cliente.

— Isto não é um julgamento; é meramente uma comissão de inquérito. Não estamos aqui sujeitos às regras do tribunal, doutor Green. Professora Chakravartty, pode prosseguir. — O decano recostou-se na sua cadeira, dando toda a sua atenção a Tara.

— Sei que não apresentou queixa de assédio sexual contra o professor Emerson. Mas não é demasiado tarde para o fazer. Se o desejar, podemos dispensá-lo para discutir o assunto mais à vontade.

John abanou a cabeça.

— O meu cliente nega inequivocamente qualquer assédio, sexual ou outro, contra a menina Mitchell. Se alguém deve ser investigado por assédio, esse alguém é Christa Peterson, que instigou maliciosamente toda esta confusão.

— A menina Peterson será responsabilizada pelas suas ações, não se preocupe com isso. — A voz do professor Mwangi era suave e direta. — Menina Mitchell, também estou interessado na troca de *e-mails* que aqui temos, na qual ordena ao professor Emerson que pare de a assediar. Pode dar-nos o contexto em que fez tal declaração?

— Foi um engano. — A voz de Julia era baixa, mas ecoou vivamente na sala.

— Um engano? — repetiu a professora Chakravartty.

— Tivemos um... mal-entendido. Eu nunca devia ter usado a palavra assédio. Estava zangada. Não era o que queria dizer.

Soraya começou a sussurrar ao ouvido de Julia, mas esta desviou-se, a contorcer as mãos.

— Não houve nenhum assédio. Foi por isso que não apresentei queixa.

A professora Chakravartty olhou para Julia com um ar cético, antes de se virar para o decano.

— Proponho que suspendamos esta audiência. Tenho muitas perguntas a colocar às outras testemunhas. E gostaria de interrogar a menina Mitchell num ambiente menos hostil. — Olhou ferozmente na direção de Gabriel.

— A menina Mitchell negou a alegação. Ela não apresentou queixa contra o meu cliente e, sob o parágrafo dez da política da universidade sobre o assédio sexual, não pode ser obrigada a fazê-lo. Podemos avançar? — objetou John.

— Não preciso que me diga como dirigir este procedimento, doutor Green — explodiu o decano. — Podemos levar todo o tempo que precisarmos a investigar qualquer assunto que diga respeito à questão que temos na mesa.

O decano fez sinal aos outros membros da comissão para se aproximarem da sua cadeira para poderem conversar em surdina. A mera menção a um adiamento fez com que o coração de Julia lhe martelasse no peito, e fixou os olhos assustados em Gabriel, cujo rosto ficara muito vermelho.

Alguns minutos mais tarde, o decano pôs os óculos e olhou em volta da sala.

— Como foi sugerido pela professora Chakravartty, vamos suspender esta audiência. Foi honesta, menina Mitchell, e por isso agradeço-lhe. Mas o senhor, professor Emerson, não nos disse nada. A sua falta de cooperação deixou-nos sem outra opção senão voltar a falar com todas as outras testemunhas. Em particular, tenho algumas questões a colocar ao diretor do seu departamento, o professor Martin.

»Se o relacionamento entre os dois foi consensual, estão ambos em risco de violação da política de não-confraternização. E a menina Mitchell provavelmente cometeu perjúrio quanto ao momento em que a relação começou verdadeiramente. Por outro lado, o *e-mail* que enviou ao professor é inconsistente com as suas outras declarações. Há também a questão da bolsa M. P. Emerson, que menciona no seu *e-mail*.

»Não vou permitir que este inquérito tenha um julgamento precipitado. Por isso, é imperativo que haja um adiamento para que possamos completar a nossa investigação. Este adiamento pode levar várias semanas, dependendo do nível de cooperação que recebamos. Claro, se preferir que não haja adiamento, podem simplesmente responder às nossas perguntas. — Com isto, o decano lançou um olhar severo a Gabriel e John.

Julia viu quando Gabriel fechou os olhos e os seus lábios se moveram, como se estivesse a murmurar qualquer coisa para si próprio. Depois os seus olhos abriram-se e ele levantou-se.

— Basta — disse ele.

Seis pares de olhos viraram-se para o professor zangado que olhava em desafio para os membros da comissão.

— Não há necessidade de um adiamento. Eu vou colaborar. — O queixo de Gabriel era firme, os seus olhos azuis faiscavam.

O coração de Julia caiu-lhe aos pés.

— Parece que finalmente captámos a sua atenção, professor Emerson, e o convencemos a sair de trás do seu advogado — disse o professor Mwangi sarcasticamente.

— Essa observação é indigna de si. — Gabriel fez um gesto de desprezo com a mão no ar.

— Está disposto a responder às questões da comissão? — O decano interrompeu a batalha de olhares entre os dois homens.

— Estou.

Quando John conseguiu ultrapassar a sua surpresa, levantou-se para ficar ao lado de Gabriel.

— Professor Aras, o meu cliente tem direito a representação por um advogado. Pode dar-me um momento para conferenciar com ele?

O decano anuiu e John começou a sussurrar apressadamente ao ouvido de Gabriel.

Julia viu que ele não estava a gostar do que John lhe dizia, e viu os seus lábios desenharem as palavras «Não, não, não».

Finalmente, Gabriel afastou John com um olhar assassino.

— Estou disposto a responder a toda e qualquer questão, mas não enquanto a menina Mitchell estiver presente. Algumas das respostas que pretendo dar são de natureza pessoal, e por várias... eeeh... razões, prefiro manter essas respostas confidenciais.

O decano mediu intensamente Gabriel com o olhar e anuiu.

— Muito bem. Menina Mitchell, está dispensada por agora, mas, por favor, não abandone este edifício. Podemos precisar de si em breve.

— Se o professor Emerson pretende caluniar a minha cliente, pode fazê-lo na nossa frente — protestou Soraya.

— O acordo coletivo com o sindicato dos professores assegura confidencialidade em todos os procedimentos judiciais. — A voz do decano era agora muito fria. Levou um momento a conferenciar com os colegas, depois acenou com a cabeça na direção de Julia. — Se o professor Emerson prestar testemunho que implique a sua cliente, terá oportunidade para a réplica. Quaisquer assuntos não respeitantes ao seu caso, menina Mitchell, serão considerados confidenciais. Doutora Harandi, menina Mitchell, estão ambas dispensadas de momento. A minha assistente vai notificá-las quando a vossa presença for requerida.

Soraya abanou a cabeça mas pegou no braço de Julia e tentou puxá-la para a porta ao fundo da sala.

Julia fixou os pés no chão.

— O nosso relacionamento foi consensual. Eu sabia o que estava a fazer e não me arrependo. *De nada*. Não existiu qualquer assédio.

O decano não deixou de reparar quando o professor Emerson começou a esfregar os olhos e a boca, praguejando mudamente.

— Menina Mitchell, terá oportunidade para fazer uma réplica. Agora, por favor...

Soraya arrastou rapidamente Julia para fora da sala. Ela tentou em vão captar o olhar de Gabriel antes de sair, mas ele baixou a cabeça, de olhos fechados.

— O quê? — O professor Jeremy Martin quase gritava para o telefone no seu escritório.

Do outro lado do campus, Meagan, a assistente do decano, virou as costas aos membros da comissão enquanto se preparava para falar mais alto.

— Eu disse que o decano gostaria de lhe fazer umas perguntas sobre o professor Emerson e Julianne Mitchell. O professor Emerson acabou de confessar ter quebrado várias regras da universidade com respeito à menina Mitchell. Pode ficar em linha, por favor, enquanto o ponho em sistema de alta-voz?

— Santo Deus — soprou Jeremy, a pestanejar e de boca aberta como um peixe.

— Professor Martin? Os membros da comissão gostariam de falar consigo agora. — Meagan voltou-se e olhou para o decano.

— Já aí vou. Peça ao decano que não faça nada enquanto eu não chegar! — Jeremy desligou o telefone bruscamente e saiu num relâmpago do seu gabinete, esquecendo-se de fechar e trancar a porta atrás de si. Saiu a correr do edifício e atravessou o Queen's Park, parando apenas para evitar ser atropelado pelo trânsito da baixa. Quando tinha percorrido os poucos quarteirões que o separavam do edifício onde se encontrava reunida a comissão, estava ofegante, despenteado e incrivelmente aborrecido pela sua falta de forma.

— Parem — arfou, irrompendo pelas portas. Pôs as mãos nos joelhos para tentar recuperar o fôlego.

— Obrigado por se juntar a nós, professor Martin. — O tom do decano era sarcástico.

— Vim... o mais depressa... que consegui. O que... se passa?

O decano fez um gesto à assistente para ir buscar ao indisposto professor um copo de água, que ele bebeu com gratidão. A bebida deu-lhe um momento para localizar Gabriel, que estava sentado estoicamente ao lado do seu advogado.

O decano franziu o sobrolho.

— Parece que as coisas estão mal explicadas no seu departamento. O professor Emerson acabou de confessar ter perseguido a menina Mitchell e dado início a um relacionamento amoroso com ela enquanto ela era sua aluna. Gostaria de saber há quanto tempo tem conhecimento disto.

— Perdão? — Jeremy agarrou numa cadeira e sentou-se pesadamente.

— Disse-nos que o professor Emerson revelou o seu relacionamento com a menina Emerson este semestre, mas não se recordava de quando fora isso. Pergunto-me se tinha alguma ideia de que estavam envolvidos no semestre passado?

As sobrancelhas de Jeremy colaram-se uma à outra, em confusão.

— Eu... o quê?

— Gabriel Emerson tentou ocultar o seu caso com uma aluna transferindo a orientação da sua tese e o trabalho de seminário para Katherine Picton — explicou o professor Mwangi. — O que é que sabia acerca disto, e quando tomou conhecimento?

A expressão de Jeremy ficou sombria.

— Com todo o respeito, sou eu que estou aqui a ser julgado ou é o Gabriel? Disseram-me que queriam fazer-me perguntas sobre um assunto que surgira entre Gabriel e a menina Mitchell. Não me foi dada qualquer indicação de que estava aqui sob suspeita, caso contrário teria informado a Associação de Professores e trazido o representante do meu sindicato.

O professor Mwangi fechou abruptamente a boca.

— Jeremy, não há qualquer necessidade de estar na defensiva. Estamos simplesmente interessados em saber se pode lançar alguma luz sobre a explicação que o professor Emerson nos ofereceu. É tudo. — O decano ofereceu um olhar fulminante na direção de Robert. — Podemos regressar à questão da cronologia daqui a pouco. Estou interessado num *e-mail* que a menina Mitchell enviou ao professor Emerson em que o acusa de assédio e lhe disse que ia devolver a bolsa M. P. Emerson. O que nos pode dizer acerca disso?

Os olhos de Jeremy desviaram-se para os de Gabriel.

Não fazia ideia da razão por que Gabriel confessara; não fazia sentido. Seria mais provável conseguir evitar qualquer tipo de ação disciplinar se não dissesse nada. Tendo confessado, entregara a sua carreira às mãos do decano num ato que apenas podia ser descrito como um *hara-kiri* académico. Além disso, implicara Jeremy com a sua confissão, e isso era algo que não lhe agradava nem um pouco.

— Não sei nada desse assédio. Na minha posição como diretor de Estudos Italianos, tenho um registo impecável na manutenção das políticas da universidade. — Olhou na direção de Meagan. — E gostaria que o meu registo administrativo fosse incluído como parte deste processo.

O decano fez um aceno com a mão à sua assistente, aquiescendo à exigência de Jeremy.

Este olhou para os membros da comissão.

— A menina Mitchell apresentou queixa por assédio?

Os membros da comissão abanaram a cabeça.

— Posso ver o *e-mail*?

O decano olhou para Meagan, que passou rapidamente um documento a Jeremy.

Este usou a oportunidade para comprar um pouco de tempo para o seu cérebro sobrecarregado, à espera de receber uma pista na linguagem corporal de Gabriel quanto ao que raio estaria ele a pensar. Mas Gabriel continuava sem o olhar, limitando-se a ficar ali sentado, de rosto pétreo, punhos cerrados.

— Uma vez que a menina Mitchell nunca reportou o assédio, só posso inferir que tenha mudado de ideias. Talvez tenha enviado o *e-mail* à pressa e se tenha arrependido mais tarde. Pelos vistos, não guardou ressentimento contra ele. — Jeremy devolveu o papel a Meagan.

— O que é que sabe a respeito da bolsa? — perguntou a professora Chakravartty.

Os olhos de Jeremy voaram para os do decano.

— Informei o decano num *e-mail* que os serviços de doações tinham sido abordados por uma organização filantrópica dos Estados Unidos cujo nome me escapa. A organização desejava conceder uma bolsa ao melhor estudante de mestrado no meu departamento. É a única coisa que sei.

— Qual é a relação entre o professor Emerson e a bolsa? — perguntou o decano.

Jeremy encolheu os ombros.

— Nenhuma.

O professor Mwangi uniu os dedos na mesa na sua frente.

— Parece-me difícil de acreditar. Há uma coincidência de nome, departamento e estudante. A menina Mitchell parece ter associado a bolsa ao professor Emerson... Por que outra razão haveria de ameaçar devolvê-la?

Jeremy fez um sorriso de esguelha.

— Lembra-se de como era a vida quando era estudante de mestrado? A viver de café e massa, e sem dormir? Os estudantes caem em todos os tipos de comportamentos erráticos sob estas condições. Tenho a certeza que já todos vimos bem pior.

»Posso assegurar-lhe... — Com isto, acenou na direção de Gabriel. — O professor Emerson não tem nada a ver com a bolsa. Fui eu próprio que a atribuí, e fi-lo com base no facto de a menina Mitchell ser a melhor estudante de mestrado admitida no nosso programa. Podem falar com a Tracy, dos serviços de doações, sobre a organização de caridade que fez a doação e podem verificar a sua documentação.

Gabriel tentou ao máximo ocultar a sua surpresa pelo facto de o seu diretor o estar a defender. Remexeu-se no seu assento, passando uma mão

pelo cabelo enquanto esperava para ver como responderia o decano.

— Isso não será necessário. — O decano retirou os óculos e mordiscou uma das pontas da armação, pensativo. — Como ouviu, o professor Emerson já confessou, assumindo total responsabilidade pelo seu envolvimento com a menina Mitchell. Pela sua própria admissão, jogou com a sua vulnerabilidade, prometendo-lhe que “cuidaria” da situação. O seu uso da professora Picton parece comprová-lo, tal como o comportamento nervoso da menina Mitchell durante estes procedimentos.

»Uma vez que o professor Emerson se encontrava numa posição de poder em relação à menina Mitchell, e uma vez que diversas testemunhas relataram que ele foi ao início muito duro com ela, não acreditamos que o seu relacionamento tenha sido consensual. — Com isto, trocou um olhar com a professora Chakravartty, que anuiu com um ar triunfante. — Consequentemente, estamos inclinados a perdoar o seu perjúrio, uma vez que foi claramente sob pressão, e a pôr de parte todas as alegações contra ela. A não ser que nos possa sugerir uma razão para não o fazermos.

Gabriel lançou a Jeremy um olhar tão duro que este quase se encolheu.

— Não vejo qualquer razão para a menina Mitchell ser punida, não. — Jeremy remexeu no colarinho da sua camisa, pouco à vontade.

— Encorajaremos a menina Mitchell a considerar a possibilidade de apresentar uma queixa por assédio. Tendo dito isto, e dado o facto de o professor Emerson ter revelado tudo, não me sinto inclinado a arrastar este assunto. No entanto, pergunto-me se deverei recomendar ao reitor que o seu departamento seja colocado sob escrutínio. Estamos perante uma ação em tribunal posta por outra das suas alunas, a menina Peterson. E a menina Mitchell apresentou queixa de assédio contra ela. São muitos eventos infelizes num único semestre, professor Martin. O que é que se passa no seu departamento? — O decano lançou um olhar severo a Jeremy.

Este endireitou as costas.

— Estou tão surpreendido e preocupado como o senhor. Mas decerto que não me pode culpar por não demonstrar curiosidade mórbida pelas vidas pessoais das pessoas no departamento.

— Não, mas esperamos que mantenha um ambiente seguro para os estudantes, especialmente as alunas. — O tom da professora Chakravartty era firme e desaprovador.

O decano anuiu na sua direção.

— Todavia, tenho consciência do seu registo imaculado e da reputação do seu departamento. Por isso gostaria de lhe pedir a sua contribuição quanto ao que deveríamos fazer em termos de consequências por estas violações, e convido-o a reunir-se connosco enquanto as discutirmos. — O decano fez

senal a Jeremy para que se aproximasse.

Jeremy pigarreou.

— Obrigado. Primeiro, gostaria de ter uma palavra com o professor Emerson.

— O testemunho dele ficou em ata. A Meagan poderá fornecer-lhe uma transcrição.

— Uma vez que sou o seu supervisor, preferia fazer as minhas próprias perguntas. Duvido que me negue esse direito, como seu diretor.

O decano franziu o sobrolho.

— Muito bem. Tem cinco minutos.

Com um aceno de cabeça, Jeremy dirigiu-se para a porta, e esperou que Gabriel se lhe juntasse.

Gabriel dispensou a companhia de John e caminhou lentamente para o seu velho amigo, de ombros caídos.

— Que raio foste tu fazer? — sibilou Jeremy, virando as costas aos membros da comissão.

Gabriel espelhou a posição do chefe.

— Eles iam suspender a reunião e lançar uma investigação alargada. Julianne teria perdido o seu lugar em Harvard, para não mencionar o facto de estar em perigo de ser castigada por fraude académica e perjúrio.

— E o que é que pensas que vai acontecer agora, raios? O decano pode despedir-te!

— Antes de fazer a minha declaração, o meu advogado pediu clemência. O decano concordou, desde que eu não estivesse envolvido em nenhuma atividade criminosa.

Jeremy esfregou o rosto com as mãos.

— Então foste em frente e admitiste tudo? És maluco? Devias ter ficado de boca fechada.

— E arruinar a vida da Julianne? Nunca!

Jeremy dirigiu um longo olhar frio ao colega.

— Eles podem revogar-te o título. Se fores despedido, nenhuma universidade pegará em ti. A tua carreira terá terminado.

A expressão de Gabriel endureceu.

— Não quero saber.

— Bem, eu quero! — fumejou Jeremy. — Não vou perder um dos meus melhores professores por causa de uma estudante de pós-graduação. Com todos os cortes de financiamento na nossa divisão, posso nem ser capaz de te substituir. Já é mau termos um só especialista em Dante. Como é que posso gerir um departamento decente sem nenhum?

— Isso não é um problema meu.

— Não é, o caraças. — Jeremias olhou-o furiosamente. — Tu, e a Julianne, e... e essa Christa estão a estropiar-me o departamento de um só golpe. Mesmo que tivesse autorização para te substituir, quem é que vai querer trabalhar para mim quando se souber do processo que a Christa nos pôs? Para não mencionar o teu caso com a Julianne!

— Não era um caso — sussurrou Gabriel, teimosamente. — O decano prometeu absoluta confidencialidade. Foi por isso que concordei falar.

Jeremy abanou a cabeça, incrédulo.

— Não estás a perceber, pois não? Sou teu amigo. E deixaste-me fazer figura de imbecil na frente do meu chefe. É muito possível que queiram investigar-me para descobrir o que já sabia e quando soube. Terei de aparecer perante Deus sabe quantas mais comissões, e possivelmente em tribunal!

— Desculpa — disse Gabriel rigidamente.

— Bem me podes pedir desculpa. Pareço um idiota que permitiu que um professor predatório semeasse a destruição entre duas alunas de pós-graduação. Tens sorte por ser a Tara a fazer parte desta comissão, e não a diretora de Estudos Femininos. Essa ter-te-ia pendurado pelos tomates no meio do campus.

Gabriel endireitou os ombros.

— Vou dizer-lhes que não sabias de nada e arcar com as consequências.

Jeremy deu mais um passo em frente, a olhar para o colega mais jovem diretamente nos olhos.

— Não me venhas com essa treta de martírio. Estás a magoar muitas pessoas, nessa demanda pela proteção da tua conquista. Agora é o meu pescoço que está em jogo. O que é que achas que lhe vai acontecer se te despedirem?

— Se tentarem despedir-me, eu movo-lhes um processo.

Jeremy pôs as mãos na cintura.

— Será demasiado tarde. Assim que fores despedido, o pessoal em Harvard vai ouvir falar do assunto e o mestrado da Julianne ficará manchado. Vais arruinar a rapariga, e a minha reputação, e a reputação de todos os outros professores e estudantes no meu departamento. Todos ficaremos queimados com a tua história. — Jeremy abanou a cabeça. — Como pudeste fazer-nos uma coisa destas?

Gabriel ficou em silêncio, a abrir e fechar os punhos.

Jeremy praguejou em voz alta, e estava prestes a virar-lhe as costas quando Gabriel o agarrou pelo braço.

— Desculpa.

— É demasiado tarde para desculpas.

— Não percebi que isto teria implicações para ti e todos os outros. Não

estava a pensar. — Gabriel fez uma pausa, com um olhar torturado no rosto.
— Ajuda-nos. Por favor.

Jeremy olhou para ele, incrédulo. O professor Emerson parecia em pânico e desesperado, com uma expressão que nunca lhe vira.

— Causaste danos tremendos para tentar protegê-la. Devias ter negado tudo.

— Depois o decano tê-la-ia punido ou arrastado a investigação ainda mais.

— Ela podia recandidatar-se no próximo ano.

— E ser rejeitada de imediato. Quanto mais tempo continuasse a investigação, mais provável seria que os pormenores viessem a público. Não deixa de ser uma comunidade académica pequena, como tu sabes.

— Claro que sei. — Jeremy abanou a cabeça. — E tu devias saber que não podes foder com uma aluna.

A cara de Gabriel ficou vermelha e ele deu um passo em frente, ameaçador.

— Eu não fodi com ela.

— O tanas. E agora estamos todos fodidos — retorquiu Jeremy.

As narinas de Gabriel agitaram-se quando ele conteve uma resposta retorcida.

Jeremy olhou longamente para o amigo.

— A minha prioridade é o meu departamento. Mas não te quero ver destruído, nem a Julianne. Já bastantes raparigas sofreram às mãos dos seus professores, não concordas?

Gabriel ficou em silêncio, de lábios pressionados.

— Eu ajudo-te, mas vamos fazer isto à minha maneira. Compreendes? Não vou arriscar tudo só para poderes dar meia-volta e foder tudo outra vez.

Gabriel fez uma pausa. Depois anuiu, concordando.

— Agora, a única coisa que tenho de fazer é convencer o decano a contentar-se com cem gramas da tua carne, em vez de um quilo.

Mal o cumprimentando, Jeremy dirigiu-se para a frente da sala e juntou-se aos membros da comissão nas suas deliberações.

Gabriel baixou a cabeça e soltou um contido suspiro de alívio.

Quando Meagan chamou as senhoras de volta para a sala, as unhas de Julia já tinham sido roídas até ao sabugo, e a adrenalina de Soraya estava elevada ao máximo.

Os olhos de Julia foram imediatamente atraídos para Gabriel, e o que viu perturbou-a. Tinha os ombros caídos, e estava inclinado para a frente na sua cadeira, de mãos tensamente cerradas entre os joelhos, a cabeça baixa.

Ela olhou-o, querendo que ele levantasse a cabeça.

Mas ele não o fez.

O professor Martin estava sentado ao lado de Gabriel, de braços cruzados contra o peito. Não parecia feliz.

— Menina Mitchell, permita-me que vá direto ao assunto. À luz do testemunho do professor Emerson, está dispensada. Informaremos o Gabinete de Registos que a nota que lhe foi atribuída no seminário do professor Emerson deve ser mantida.

A boca de Julia abriu-se de choque com a pronúncia do decano.

— Faremos todos os possíveis para que não seja ainda mais vitimizada.

— O decano olhou na direção de Gabriel. — Se o professor Emerson a perturbar de qualquer forma, ou se tiver preocupações a respeito das repercussões do seu anterior envolvimento com ele, por favor, informe o professor Martin de imediato.

»É livre para apresentar queixa de assédio contra o professor Emerson, mas deverá fazê-lo no prazo de sessenta dias a partir da submissão do seu trabalho final.

O decano fez um aceno para Soraya.

— De certeza que a sua advogada lhe explicará os pormenores da política de assédio. Sei que apresentou uma queixa contra a menina Peterson, mas temos esperança de que possam desistir das queixas uma da outra, dada a conclusão desta comissão de inquérito. É livre de partir.

Ele começou a remexer na sua papelada.

— Obrigada, professor Aras. — Soraya fez um largo sorriso e trocou um aceno de cabeça e um olhar carregado de significado com Tara.

— Eu não sou uma vítima — disse Julia teimosamente.

— Perdão? — disse o decano, a olhá-la por cima dos aros dos óculos.

— Eu disse que *não sou uma vítima*. A nossa relação é consensual. — Voltou-se para olhar para Gabriel. — O que é que se passa?

Gabriel manteve os olhos fixos no chão.

— Menina Mitchell, a comissão assegurou que o professor Emerson receberá a devida consideração. — O professor Mwangi falava-lhe com suavidade. — Mas, à luz da confissão que fez, consideramo-lo responsável pelas suas ações. E isso inclui garantir o seu bem-estar.

— O meu bem-estar está ligado com o dele. Se ele vai ser castigado, então castiguem-me também. — Deu um passo para a mesa onde estavam sentados os membros da comissão.

A cabeça de Gabriel ergueu-se de chofre, e ele lançou um olhar furioso a Julia.

— Menina Mitchell, a universidade tem o dever de proteger os estudantes de serem abusados pelos seus orientadores. Por favor, deixe-nos fazer o nosso trabalho. — O tom da professora Chakravartty não era insensível.

— Fizemos isto juntos. Se ele é culpado, então eu também sou.

— Não necessariamente.

— Então digam-me o que ele vos contou! Deem-me uma oportunidade de responder. — Julia olhava desesperadamente para as faces dos membros da comissão, uma após a outra, esperando que alguém, fosse quem fosse, cedesse.

— O professor Emerson admitiu ter-se envolvido numa relação inapropriada consigo enquanto era seu professor. A professora Picton confirmou que avaliou o seu trabalho neste seminário e orientou a sua tese. Por isso, estamos inclinados a ser lenientes com ele. A não ser que insista no contrário.

— Claro que insisto! Quero que não o castiguem.

Os membros da comissão abanaram as cabeças.

— Porque acreditam nele e não em mim? Eu é que sou a aluna. O meu testemunho devia ter mais peso. Ele não me fez mal. Têm de acreditar em mim! — Julia estava cada vez mais desesperada, à beira das lágrimas.

— Doutora Harandi, controle a sua cliente. — A voz do decano ergueu-se com irritação.

— Por favor — disse Julia, aproximando-se mais. — Têm de acreditar em mim. Deixem-no em paz!

— Vamos pedir-lhe, e às outras partes, que assinem um acordo de confidencialidade que é tanto para sua proteção como para a integridade destes procedimentos. Mais uma vez, se tiver mais alguma dificuldade, deverá informar o professor Martin. — O professor acenou com a cabeça para Soraya.

— Venha, Julia. — Soraya puxou-lhe o braço, em vão. — Vamos embora antes que eles mudem de ideias.

— Gabriel, o que aconteceu?

Julia deu um passo na direção dele, mas a ponta da sua bota ficou presa na carpete e ela caiu de joelhos.

Finalmente, o seu olhar cruzou-se com o de Gabriel. Ela inspirou lentamente quando percebeu que os seus olhos azuis-escuros estavam frios e vazios. Viu-o baixar a cabeça.

Num instante, o fogo nas suas veias transformou-se em gelo.

— *Algo está podre no reino da Dinamarca.* — Soraya encostou-se à bancada do lavatório da casa de banho enquanto a sua cliente se sentava a chorar baixinho numa cadeira. Puxou o seu *Blackberry* da pasta e começou a percorrer os *e-mails* antes de devolver o maldito aparelho ao seu local de descanso.

— Eu conheço o John. O plano dele devia ser não dizer nada e depois meter uma ação em tribunal. Devia querer tentar mostrar que tudo aconteceu *por sua culpa*, estabelecendo assim a defesa do Gabriel. Ele nunca teria concordado com este tipo de resultado.

Soraya fixou a sua cliente com um olhar severo.

— Sabe de alguma coisa? Algum segredo que o Gabriel possa ter medo de ver revelado? Alguma coisa extremamente prejudicial?

Julia abanou a cabeça veementemente. O abuso de drogas de Gabriel ficara no passado, bem como a sua promiscuidade desenfreada, incluindo o caso com a professora Singer. Claro, havia a pequena questão das figuras de Botticelli adquiridas no mercado negro, mas ela nunca revelaria a sua existência a ninguém, e muito menos a Soraya.

— Tem a certeza? — Os olhos da advogada semicerraram-se.

— Não há nada. — Julia fungou e limpou o nariz a um lenço.

Soraya atirou o longo cabelo negro para trás das costas.

— Então deve estar a esconder segredos também de si. Não posso imaginar o que seria mais prejudicial para ele do que confessar ter tido uma relação inapropriada consigo. Pensei que me tinha dito que não dormiu com ele antes de dezembro?

— É verdade.

— Então porque terá ele dito que estavam juntos enquanto ainda era sua aluna?

— Acha que o despediram? — Julia mudou de assunto.

— Não. — Soraya expirou sonoramente. — Emerson é professor titular e, pela linguagem corporal na sala, ele tem o apoio do seu diretor. Mas, quem sabe? O David é um sacana arrogante.

— Não acha que o Gabriel mentiu para me proteger?

Soraya conteve um sorriso condescendente pois, na verdade, teria sido inapropriado sorrir naquele momento.

— Os seres humanos são egoístas. Ele estava a proteger-se a si mesmo... a esconder algum segredo que não queria ver revelado ou a trocar uma

confissão por clemência. O Gabriel rebelou-se e recusou-se a deixar o John combater as acusações. Caso contrário, ainda estaríamos sentadas no corredor, à espera.

Julia dirigiu-se para o lavatório e lavou a cara e as mãos, tentando ficar mais apresentável.

Soraya abanou a cabeça.

— Não quero parecer insensível, mas não me parece que devesse desperdiçar as suas lágrimas com ele.

— O que quer dizer com isso?

— Tenho a certeza que foi uma diversão interessante, em comparação com as suas outras mulheres. Provavelmente, ele disse-lhe coisas bonitas para que fosse para a cama com ele e ficasse de boca fechada. Mas não se deve confiar em homens assim. E eles nunca mudam. — Ela continuou apressadamente quando viu a expressão horrorizada na cara de Julia. — Não ia mencionar isto, mas uma amiga minha deu umas voltas com ele algumas vezes. Conheceram-se num clube, há cerca de um ano, e acabaram a foder na casa de banho.

»Um dia, no outono passado, ele ligou-lhe sem mais nem menos. Deram mais uma voltinha e ela nunca mais viu ou ouvir falar dele. Era como se tivesse desaparecido. — Soraya mediu a reação de Julia. — Porque é que quereria ficar com uma pessoa assim? Provavelmente, ele andava a comer outras mulheres, todo o tempo que esteve consigo.

— Não o conhece. Não o julgue. — A voz de Julia era suavemente agressiva.

Soraya limitou-se a encolher os ombros e a procurar o batom na sua mala.

Julia fechou os olhos e respirou fundo, enquanto tentava processar estas novas revelações.

Gabriel e eu começámos a aproximar-nos no outono passado — estaria a dormir com outra pessoa enquanto me mandava flores e e-mails? Será que me mentiu a respeito da Paulina?

Julia não sabia em que acreditar. O seu coração dizia-lhe que devia acreditar em Gabriel, mas não podia negar o facto de que Soraya plantara uma semente de dúvida.

Atravessaram o corredor e dirigiram-se para as escadas, na esperança de fazer a sua retirada.

John e Gabriel estavam a fazer a mesma coisa. Nenhum dos homens parecia feliz.

— Gabriel! — chamou Julia.

John olhou na sua direção com um ar severo.

— Vamos, Gabriel. Não podes ser visto com ela.

Julia olhou para os olhos azuis em conflito. Ele já não parecia revoltado; parecia sóbrio e ansioso.

— Não fez já danos suficientes por um dia? — exclamou o advogado, quando Julia deu um passo hesitante na direção dos homens.

— Não fales com a Julia dessa maneira. — Gabriel colocou-se entre eles, a proteger Julia com o corpo. Continuava sem a olhar.

— Ouçam, vocês os dois, o David e os seus lacaios devem estar quase a passar por aquela porta, e preferia estar fora daqui quando isso acontecesse. Por isso, se precisam de ter alguma conversa, que seja rápida — disse Soraya.

— Só por cima do meu cadáver — retorquiu John, de má cara. — Já temos problemas suficientes. Vamos.

Gabriel lançou um olhar de aviso ao seu advogado e cerrou os dentes, virando-se para encarar Julia.

— O que se passa? Porque lhes disseste que a nossa relação era inapropriada? — Julia fixou os olhos escuros e atormentados de Gabriel.

— *Foste inconsciente da tua própria desgraça.* — Gabriel inclinou-se para a frente para lhe sussurrar num tom urgente.

— O que é que isso significa?

— Significa que ele acabou de lhe salvar o couro, é isso que significa! — interrompeu John, a apontar para Julia desdenhosamente. — O que é que estava exatamente a tentar conseguir, com aqueles vômitos emocionais durante toda a reunião? Sabia que era ingénua, mas não que era assim tão estúpida!

— John, tira o dedo da cara da menina Mitchell ou eu arranco-to do corpo. — A voz de Gabriel diminuiu de intensidade, o seu tom baixo mas arrepiante. — Não voltes a falar com ela dessa maneira. *Nunca mais.* Fui suficientemente claro?

John fechou a boca.

Soraya usou isto como uma oportunidade para o pôr na defensiva.

— A minha cliente fica bem melhor sem o *teatro* de qualquer um dos dois. Não finjas que não a vais culpar de tudo para salvar o teu cliente. Maldito cobarde.

John balbuciou uma praga em resposta, mas não disse nada.

Julia virou-se para procurar os olhos de Gabriel. Mas a máscara dele estava firmemente colocada.

— Porque é que o decano disse que me iam proteger de ti?

— Temos de ir. Já. — John tentou separar o casal quando um barulho no interior da sala de reuniões os alertou para o facto de que os membros da comissão estavam prestes a suspender as atividades.

— Despediram-te? — perguntou Julia tremulamente.

Gabriel fez-lhe um olhar magoado, depois abanou a cabeça.

— Muito bem, John. De certeza que estás orgulhoso do teu trabalho — sibilou Soraya. — Tiveste de vender a alma ao David? Ou talvez o corpo?

— Vai-te lixar, Soraya — disse John.

— Então, mantiveste o emprego, mas não podes falar comigo? E a noite passada, Gabriel? — Julia estendeu um dedo a tremer na direção da mão dele.

Ele afastou-se e olhou de relance para John e Soraya, a abanar a cabeça.

— Prometeste nunca me foder. E a noite passada? Sem palavras, sem um *amo-te*, nem sequer um bilhete ou uma mensagem esta manhã. Foi apenas isso? Uma *queca de despedida*? — O sussurro de Julia ficou preso num soluço involuntário, e ela ergueu a voz. — Quem é agora o *Fornicador-de-Anjos*?

Gabriel estremeceu.

Foi mais do que estremeecer; na verdade, foi mais como um impulso após um soco. Ele fechou os olhos e gemeu baixinho, mudando o peso para os calcanhares enquanto os seus punhos se cerravam.

Toda a gente viu quando a sua pele se tornou de uma palidez fantasmagórica.

— *Estás a magoar-me, Julianne* — murmurou ele.

— Ficas com o teu emprego, mas não falas comigo? Como pudeste fazer-me isto? — gritou ela.

Os olhos dele abriram-se de rompante, e eram como safiras, brilhantes e lívidas.

— Achas que eu ia aparecer, *foder-te* e que isso seria a minha maneira de dizer adeus?

Julia viu os punhos dele tremerem, enquanto Gabriel se debatia por manter o controlo.

— Foi um *adeus*? — A voz dela embargou-se com a última palavra.

Os olhos de Gabriel foram como lasers nos seus, enquanto ele tentava comunicar qualquer coisa sem palavras. Inclinou-se para a frente, até o seu nariz ficar a meros centímetros do dela, e baixou a voz até a tornar quase inaudível.

— Eu não te fodi. Eu *nunca* te fodi.

Recuou ligeiramente, criando alguma distância entre ambos. Respirou profunda e lentamente.

— Estavas a desperdiçar a tua vida por nada... todos aqueles anos de duro trabalho, tudo o que sonhaste e sempre quiseste ia ser-te retirado e tu nunca o poderias recuperar.

»Não ia ficar a ver-te cometer um suicídio académico. Disse-te que iria ao Inferno para te salvar, e foi isso que acabei de fazer. — Ergueu o queixo. — E

voltaria a fazê-lo.

Julia deu um salto em frente e enfiou um dedo no peito de Gabriel.

— Tu não tomas decisões por mim! A vida é minha, os sonhos são meus. Se quiser desistir deles, quem diabo és tu para me roubar essa decisão?

»Tu devias amar-me, Gabriel. Devias apoiar-me quando decido tomar uma posição. Não era o que querias que eu fizesse? E, em vez disso, fazes um acordo com eles e deixas-me?

— Querem calar-se os dois? — sibilou Soraya. — O decano vai sair por aquela porta a qualquer minuto. Venha, Julia. Imediatamente.

Puxou o cotovelo da cliente enquanto John tentava colocar-se no meio dos dois amantes desavindos.

— Então é assim? Eles dizem que acabou e tudo acaba? Quando é que alguma vez obedeceste às regras, Gabriel? Agora é que decides fazê-lo? — perguntou Julia, ainda furiosa.

A expressão de Gabriel mudou imediatamente.

— Não tive opção, *Heloísa* — sussurrou. — As circunstâncias foram para além...

— Pensei que o meu nome era *Beatriz*. Claro, Abelardo abandonou Heloísa para manter o emprego. Por isso, suponho que o nome seja mais adequado — replicou ela, desviando-se.

Naquele momento, o professor Martin saiu para o corredor. Franziu o sobrolho e começou a andar na direção deles.

Gabriel virou as costas a Jeremy e baixou ainda mais a voz.

— Lê a minha sexta carta. Parágrafo quatro.

Julia abanou a cabeça.

— Não sou sua aluna, professor. Não terei de fazer mais trabalhos de leitura.

Soraya puxou Julia e as duas mulheres começaram a descer rapidamente as escadas, no preciso momento em que os membros da comissão saíam da sala de reuniões.

Gabriel enfiou-se na casa de banho assim que Julia partiu. Não podia arriscar-se a ligar-lhe, uma vez que Jeremy podia entrar a qualquer momento, mas perturbava-o que ela não tivesse compreendido o que estava a acontecer. Abriu uma torneira para fazer ruído e escreveu rapidamente um curto *e-mail* de explicação no seu *iPhone*.

Depois de o enviar, fechou a torneira e saiu, enfiando o telemóvel no bolso do casaco. Tentou ao máximo fazer um ar sombrio e derrotado.

Quando se dirigia para os outros dois homens, o telefone de Jeremy emitiu um sinal.

Quando Julia acordou, na manhã seguinte, a dormência esgotara-se. O sono teria sido um bem-vindo adiamento da realidade, não fossem os pesadelos. Fora perseguida por vários sonhos, todos envolvendo a manhã em que acordara sozinha no pomar. Estava assustada e perdida e não encontrava Gabriel em lado nenhum.

Era quase meio-dia quando se arrancou da cama para ler as suas mensagens. Esperara pelo menos uma mensagem, ou um *e-mail* de uma linha, a oferecer alguma espécie de explicação. Mas não havia nada.

Vira-o comportar-se de forma tão estranha, no dia anterior. Por um lado, dissera-lhe que não a fodera; por outro, chamara-lhe *Helóisa*. Não queria acreditar que ele fosse tão cruel a ponto de fazer gala do facto de estar a terminar tudo com um jogo de palavras, mas ouvira-o usar a palavra *adeus*.

Os seus sentimentos de traição eram profundos, pois Gabriel prometera-lhe nunca a deixar. Ele estava demasiado ansioso por voltar atrás na sua promessa, pensou, apesar do facto de a universidade já não ter jurisdição sobre a sua vida pessoal, desde que ela já não fosse sua aluna.

Ocorreu-lhe um pensamento sombrio. Talvez Gabriel se tivesse fartado dela e decidido pôr um ponto final na sua união. A universidade dera-lhe simplesmente uma oportunidade para o fazer.

Se o seu rompimento com Gabriel tivesse ocorrido uns meses antes, ela teria ficado na cama durante três dias. Mas, nesta altura, ligou o seu telemóvel com a intenção de exigir uma explicação. Ele não atendeu. Ela deixou uma tensa e impaciente mensagem de voz, a pedir-lhe que lhe ligasse.

Frustrada, tomou um duche, com esperança que o tempo para si mesma

lhe desse oportunidade para ver a sua situação com mais clareza. Infelizmente, a única coisa em que conseguiu pensar foi na noite em Itália quando Gabriel lhe lavara o cabelo no duche.

Depois de se vestir, decidiu procurar a sexta carta de Gabriel, para poder ler o parágrafo quatro. Ele dera-lhe uma pista, pensou, quanto ao que estava realmente a acontecer. A única coisa que precisava era de encontrar as suas palavras.

Não tinha a certeza do que queria ele dizer com carta. Referia-se aos *e-mails* ou às mensagens? Ou às duas coisas? Se Gabriel contara *e-mails*, cartões e bilhetes que lhe escrevera desde o início da sua relação, pelos seus cálculos, a sexta carta era o bilhete que ele lhe deixara na manhã após a sua horrível discussão no seminário sobre Dante. Por sorte, ela guardara-o.

Pegou no papel e leu-o avidamente.

Julianne,

Espero que encontres aqui tudo o que necessitas.

Caso contrário, a Rachel encheu o armário da casa de banho de hóspedes com uma série de artigos diferentes. Serve-te, por favor.

As minhas roupas estão à tua disposição.

Por favor, escolhe uma camisola, porque hoje ficou frio.

O teu,

Gabriel.

Julia não estava propriamente na melhor disposição mental para embarcar numa missão de detetive ou se envolver em qualquer elaborada descodificação de mensagens. No entanto, virou a sua atenção para o quarto parágrafo e tentou perceber o que Gabriel lhe estaria a tentar comunicar.

Ele emprestara-lhe a camisola verde, mas ela já a devolvera. Estaria a tentar dizer-lhe para olhar para uma das peças de roupa que lhe comprara? Julia tirou para fora tudo o que ele alguma vez lhe oferecera ou que levara emprestado. Dispôs tudo em cima da cama. Forçou-se a passar algum tempo a examinar cada artigo. Mas não parecia haver nada de invulgar em nenhum deles.

Estaria a tentar dizer-lhe para aguentar a tempestade? Ou queria simplesmente dizer que a sua afeição por ela arrefecera e que era a altura de dizer adeus?

A sua fúria ardia em lume brando. Dirigiu-se para a casa de banho para lavar as mãos e viu de relance a sua imagem no espelho. A rapariga de enormes olhos nervosos que entrara na Universidade de Toronto em setembro desaparecera. No seu lugar, Julia viu uma mulher pálida e perturbada, com lábios comprimidos e olhos a cintilar. Já não era a tímida Coelhinho nem a

Beatriz de dezassete anos. Era Julianne Mitchell, quase mestre, e diabos a levassem se ia passar o resto da vida a aceitar simplesmente os restos que os outros se dignassem a atirar-lhe.

Se isto era uma mensagem para mim, ele que a diga pessoalmente, pensou. *Não vou andar aqui à procura às cegas só para ele poder acalmar a sua consciência.*

Sim, amava-o. Ao olhar para o álbum de fotografias que ele lhe fizera para o seu aniversário, soube que o amaria para sempre. Mas o amor não era desculpa para a crueldade. Ela não era um brinquedo, uma Heloísa, para ser posta de parte como um par de meias sujas. Se ele queria acabar com ela, ia obrigá-lo a dizer-lhe isso mesmo na cara. Ia apenas dar-lhe até depois do jantar para o fazer.

Ao início da noite, fez a pé o caminho até ao edifício Manulife, com a chave do apartamento de Gabriel no bolso. A cada passo, ia imaginando o que lhe diria. Não ia chorar, prometeu a si mesma. Seria forte. E exigiria resposta.

Ao virar a esquina e aproximar-se da porta principal, viu uma loura alta, impecavelmente vestida, a sair do edifício. A mulher consultou o relógio e bateu com o pé impacientemente enquanto o porteiro acenava para chamar um táxi.

Ao primeiro olhar, pensou que a mulher em questão era Paulina; depois de a inspecionar, percebeu o seu engano. Julia respirou de alívio enquanto se aproximava do edifício. Ver Paulina com Gabriel logo naquele dia teria sido devastador. Decerto que ele não lhe faria uma coisa dessas. Gabriel era, supostamente, o seu Dante. Devia, supostamente, amá-la o suficiente para atravessar o Inferno para a proteger, não levar Paulina para casa assim que o seu relacionamento ficasse ameaçado.

Com alguma trepidação, Julia entrou no átrio e acenou ao segurança, que a reconheceu. Decidiu não anunciar a sua presença a Gabriel e apanhou o elevador para o seu andar. Estremeceu ao contemplar o que poderia encontrar naquele apartamento.

Não se deu ao trabalho de bater e limitou-se a entrar, receando ver Gabriel comprometido. Mas uma coisa estranha captou-lhe a atenção assim que fechou a porta. Todas as luzes do apartamento estavam desligadas e o roupeiro da entrada estava aberto e quase vazio, cabides e sapatos espalhados ao acaso pelo chão. Não era nada de Gabriel deixar as coisas naquela confusão.

Acendeu várias luzes e deixou as chaves onde ele deixava sempre as suas. As chaves dele não estavam lá.

— Gabriel? Onde estás?

Aventurou-se na cozinha e ficou chocada com o que encontrou. Uma

garrafa de uísque vazia no balcão, ao lado de um copo partido. Pratos e talheres sujos atirados para o lavatório.

Preparando-se para o que mais iria encontrar, dirigiu-se para a lareira para descobrir uma marca na parede e estilhaços de vidro no chão. Conseguiu ver Gabriel a atirar o seu copo de uísque com a fúria, mas tinha dificuldade em imaginá-lo a deixar os vidros partidos, que alguém poderia pisar.

Desesperadamente preocupada, atravessou o corredor às escuras e entrou no quarto principal. Havia roupas espalhadas pela cama, as gavetas da cómoda semiabertas. O seu roupeiro estava em igual desordem, e Julia reparou que muitas das roupas tinham desaparecido, bem como a mala grande.

Mas o que a fez inspirar bruscamente foram as paredes. Todas as fotografias emolduradas, com ela, ou ela e Gabriel juntos, tinham sido removidas e empilhadas de rosto virado para baixo na cama, deixando as paredes nuas, excetuando os ganchos em que tinham sido penduradas.

Julia conteve a respiração de horror quando viu que a reprodução de Holiday da pintura de Dante e Beatriz tinha sido retirada e estava agora encostada à consola, com as costas à vista.

Chocada, deixou-se cair numa cadeira. *Foi-se embora*, pensou.

Julia desatou a chorar, a perguntar-se como podia ele ter quebrado as suas promessas com aquela facilidade. Em vão revistou o apartamento em busca de um bilhete, ou de qualquer indicação do seu paradeiro. Quando viu o telefone, ponderou ligar a Rachel. Mas pensou que ter de explicar que ela e Gabriel tinham rompido era algo que não conseguiria suportar.

Com um último olhar, desligou todas as luzes, e estava prestes a sair pela porta quando parou. Qualquer coisa continuava a perturbar o fundo da sua mente. Fechando a porta, regressou ao quarto de Gabriel. Tateou com os dedos, à procura de qualquer coisa. Quando não a encontrou, acendeu a luz.

A fotografia que Rachel tirara no Lobby, tantos meses antes, não estava ali. Gabriel sempre a mantivera em cima da cómoda. Na fotografia, ele e Julia estavam a dançar, e Gabriel olhava-a com não pouca intensidade.

Julia parou um momento, a fitar o espaço vazio. Era possível, pensou, que ele tivesse destruído a fotografia. Mas uma rápida inspeção dos cestos de papéis no quarto e casa de banho sugeria que não a deitara fora.

Não compreendia porque partira ele, nem porque se fora embora sem lhe oferecer uma explicação, mas começava a suspeitar que as coisas não eram exatamente aquilo que pareciam.

Com um último olhar para os cabides vazios no roupeiro, pensou levar consigo as suas roupas, mas apenas por um instante. Estranhamente, já não sentia que fossem suas.

Uns minutos mais tarde, estava à espera do elevador, a sentir-se esmagada e magoada. O seu nariz começou a correr enquanto ela limpava umas lágrimas com as mãos. Uma rápida busca pelos bolsos não resultou em nenhum lenço de papel. Isso apenas fez com que as lágrimas corressem ainda mais depressa.

— Aqui tem — disse uma voz ao seu lado, e perto do seu cotovelo apareceu um lenço de homem.

Julia aceitou-o agradecidamente, e reparou que as iniciais bordadas diziam S.I.R.. Limpou os olhos e tentou devolvê-lo, mas um par de mãos fez um movimento de recusa.

— A minha mãe está sempre a oferecer-me lenços. Tenho dúzias deles.

Ela ergueu o olhar para uns bondosos olhos castanhos que estavam parcialmente escondidos atrás de um par de óculos sem aros, e reconheceu um dos vizinhos de Gabriel. Usava um pesado casaco de lã e boina azul-marinho.

(O que, por causa da sua idade e heterossexualidade, só podia ser explicado pelo facto de ele ser franco-canadiano.)

Quando o elevador chegou, ele abriu-lhe a porta educadamente antes de a seguir para o interior.

— Aconteceu alguma coisa? Posso ajudar? — A sua ligeira pronúncia penetrou por entre a névoa na mente dela.

— O Gabriel foi-se embora.

— Sim, cruzei-me com ele à saída. — O vizinho franziu o sobrolho ao olhar para as lágrimas que continuavam a acumular-se nos olhos de Julia. — Ele não lhe disse? Pensei que era a... — Ele olhou-a, inseguro.

Julia abanou a cabeça.

— Já não sou.

— Lamento.

Ficaram ambos em silêncio enquanto o elevador continuava a sua descida para o rés-do-chão. Mais uma vez, quando chegaram, ele abriu-lhe a porta.

Julia virou-se para o homem.

— Sabe para onde ele foi?

O vizinho acompanhou-a até ao átrio.

— Não. Infelizmente, não perguntei. Ele estava num estado, sabe... — O vizinho aproximou-se mais e baixou a voz. — Fedia a uísque e estava extremamente zangado. Não parecia na disposição de conversar.

Julia fez um sorriso embaraçado.

— Obrigada. Peço desculpa por tê-lo incomodado.

— Não é um incómodo. Calculo que ele não lhe tenha dito que se ia embora.

— Não. — Ela limpou outra vez o rosto com o lenço.

O vizinho começou a balbuciar qualquer coisa sobre Gabriel em francês. Qualquer coisa que soava bastante como *cochon*.

— Eu posso transmitir-lhe uma mensagem, quando ele regressar — ofereceu o vizinho. — Ele costuma passar pelo meu apartamento, quando fica sem leite.

Julia ficou calada por um momento, depois engoliu em seco.

— Diga-lhe só que me partiu o coração.

O vizinho anuiu dolorosa e relutantemente antes de se ir embora.

Julia saiu para o vento cortante e começou a sua longa caminhada para casa, sozinha.

Várias horas após a audiência, Gabriel estava sentado no seu apartamento amortalhado em escuridão. A única luz visível vinha das chamas azuis e laranja que cintilavam na lareira. Estava cercado por *ela*. Completamente rodeado pela sua memória e o seu fantasma.

Fechou os olhos, e podia jurar estar a sentir o cheiro dela, ou a ouvir o seu riso a ecoar no corredor. O quarto dele tornara-se um relicário, e era por essa razão que se fora sentar em frente ao lume.

Não suportava olhar para as grandes fotografias a preto e branco dos dois. Especialmente a que tinha pendurada por cima da cama — *Julianne em toda a sua magnificência, deitada de barriga para baixo, com as costas nuas expostas, parcialmente envolta num lençol, a olhá-lo em adoração com o cabelo despenteado e um sorriso doce e saciado...*

Em cada divisão, tinha uma recordação dela — algumas alegres e outras agridoces, como chocolate muito negro. Dirigiu-se para a sala de jantar e serviu-se de dois dedos do seu melhor uísque, que engoliu rapidamente, apreciando a sensação de ardor quando lhe passou pela garganta. Tentou desesperadamente não pensar em Julia na sua frente, a esperar-lhe um dedo zangado no peito.

«Tu devias amar-me, Gabriel. Devias apoiar-me quando decido tomar uma posição. Não era o que querias que eu fizesse? E, em vez disso, fazes um acordo com eles e deixas-me?»

Quando se lembrou do olhar de traição nos olhos dela, Gabriel atirou com o copo vazio contra a parede, vendo-o despedaçar-se e cair no chão. Estilhaços de cristal como pingentes pontiagudos espalharam-se pelo soalho, e ficaram a cintilar à luz da lareira.

Ele sabia o que tinha de fazer; necessitava apenas da coragem para o concretizar. Agarrou na garrafa e dirigiu-se relutantemente para o quarto. Mais dois goles e foi capaz de atirar a mala para cima da cama. Não se deu ao trabalho de dobrar as roupas. Mal se preocupou em levar o essencial.

Pensou em como era ser banido. Pensou nas lágrimas de Ulisses ao ver-se tão longe de casa, da mulher, do seu povo. Agora Gabriel compreendia o exílio.

Quando terminou, colocou dentro da mala a fotografia emoldurada que estava em cima da cómoda. Passando um dedo sobre o rosto da sua amada, bebeu mais uísque antes de cambalear até ao escritório.

Ignorou a poltrona de orelhas de veludo vermelho, pois, se se virasse para

a olhar, vê-la-ia ali, enroscada como um gato, a ler um livro. Estaria a morder o lábio inferior, as suas adoráveis sobranceiras franzidas em concentração. Alguma vez houvera um homem capaz de amar, adorar, venerar uma mulher dessa maneira?

Apenas Dante, pensou. E foi assaltado por uma súbita inspiração.

Destrancou uma das gavetas da sua secretária. Aquela era a gaveta das recordações. A fotografia de Maia estava ali, juntamente com os poucos despojos da sua infância — o relógio de bolso do avô, alguma joalharia que pertencera à sua mãe, o seu diário e algumas velhas fotografias. Removeu uma fotografia e uma ilustração antes de voltar a trancar a gaveta e guardar os artigos no bolso. Parando apenas para abrir uma caixa de veludo preto e retirar um anel, dirigiu-se para a porta.

O frio no ar de Toronto ajudou a fazer passar a embriaguez de Gabriel, enquanto ele caminhava determinadamente para o seu escritório. Só esperava conseguir encontrar o que precisava.

O edifício que alojava o Departamento de Estudos Italianos estava às escuras. Quando acendeu a luz do seu gabinete, foi assaltado pelas memórias. Memórias da primeira vez que Julia visitara o seu escritório e ele fora indizivelmente grosseiro. Memórias de quando Julia se encostara à porta, depois daquele seminário desastroso, e lhe dissera que não estava feliz. Lhe dissera que não queria o Paul. Esfregou os olhos com as mãos, como se isso fizesse bloquear as visões.

Encheu a elegante pasta de pele apenas com os dossiês de que necessitava e alguns livros, antes de procurar qualquer coisa nas prateleiras. Momentos depois, encontrou o simples manual e suspirou de alívio. Redigiu algumas palavras, acrescentou os seus marcadores de livros, depois apagou a luz e trancou a porta.

Todos os professores do departamento tinham chaves do gabinete administrativo, onde se encontrava a secretária da senhora Jenkins e as caixas de correio. Gabriel usou a luz do seu *iPhone* para encontrar a caixa que lhe interessava. Depositou o livro, acariciou delicadamente com as pontas dos dedos o nome na etiqueta da caixa de correio. Notou com satisfação que havia outros manuais noutras caixas e depois, de coração pesado, saiu do gabinete.

Paul Norris estava zangada. A sua fúria era dirigida para o homem mais perverso do planeta, Gabriel Emerson, que abusara verbalmente e seduzira a sua amiga antes de a abandonar.

Se Paul fosse um admirador de Jane Austen, teria comparado o professor

Emerson ao senhor Wickham. Ou talvez a Willoughby. Mas não era.

No entanto, tinha de fazer um esforço para não esmurrar Emerson até o deixar sem sentidos e dar-lhe os pontapés no rabo de que andara a precisar durante todo o ano. Além disso, Paul sentia-se traído. Pois só Deus sabia quanto tempo estivera Julia envolvida com um homem a que chamava Owen.

Gabriel Owen Emerson.

Talvez ela quisesse que Paul descobrisse tudo. Mas nunca lhe passara pela cabeça que Owen fosse, de facto, o professor Emerson. Ele chamara nomes ao homem, contara-lhe segredos a seu respeito, pelo amor de Deus. Segredos sobre a professora Singer. E, ao mesmo tempo que aceitava a sua simpatia, ela andava a dormir com ele. Não admirava que tivesse jurado a pés juntos que o *Owen* não lhe mordera o pescoço, e que fora outro imbecil qualquer.

Paul pensou no professor Emerson a fazer coisas depravadas a Julia, e às suas mãos pequeninas. A Julia, que era doce e querida, com as faces rosadas. Julia, que nunca passava por um sem-abrigo na rua sem lhe dar qualquer coisa. Talvez a verdadeira dor da traição fosse a percepção de que a doce menina Mitchell partilhara uma cama com um monstro a quem a dor dava tesão, que fora um brinquedo da professora Singer. Talvez Julia quisesse aquele estilo de vida. Talvez ela e Gabriel tivessem convidado Ann para a sua cama, também. Afinal de contas, Julia escolhera Soraya Harandi como sua advogada. Não significaria isso que ela era *amiga* da professora Tortura?

Julia não era, claramente, quem ele pensara. Mas as suas suspeitas metamorfosearam-se numa outra coisa quando, na segunda-feira após a audiência, encontrou Christa Peterson a sair do gabinete do professor Martin.

— Paul. — Ela cumprimentou-o arrogantemente com um aceno de cabeça, ajustando o dispendioso relógio no pulso.

Ele acenou com o queixo na direção do professor Martin.

— Algum problema?

— Oh, não — disse ela rapidamente, com um sorriso demasiado aberto. — De facto, acho que a única pessoa com problemas é o Emerson. É melhor começares à procura de outro orientador de tese.

Paul semicerrou os olhos.

— De que é que estás a falar?

— Hás de descobrir em breve.

— Se o Emerson me deixar, vai deixar-te a ti também. Se é que não deixou já.

— Eu é que o vou deixar. — Atirou com o cabelo para trás dos ombros. — Vou transferir-me para Columbia no outono.

— Não é daí que vem o Martin?

— Dá cumprimentos meus à Julia, dás? — Christa passou por ele a rir.

Paul correu atrás dela e agarrou-lhe o cotovelo com a mão.

— De que é que estás a falar? O que foi que fizeste à Julia?

Ela arrancou-lhe o braço da mão, franzindo o sobrolho.

— Diz-lhe que fodeu com o homem errado.

Christa foi-se embora enquanto um Paul estupefacto ficou a pensar no que teria ela feito.

Julia não respondia às mensagens e *e-mails* preocupados de Paul. Por isso, na quarta-feira após a audiência, ele deu por si parado à porta dela, a tocar à campainha.

Julia não respondeu.

Sem se deixar desencorajar, Paul esperou, e quando um vizinho saiu do prédio, ele entrou e começou a bater-lhe à porta. Bateu várias vezes até uma voz hesitante responder.

— Quem é?

— O Paul.

Ele ouviu aquilo que parecia ser o ruído de Julia a encostar a testa à porta.

— Queria ver como estavas, já que não tens atendido o telefone. — Fez uma pausa. — Tenho o teu correio.

— Paul... não sei o que dizer.

— Não tens de dizer nada. Deixa-me só ver se estás bem e depois vou-me embora.

Ouviu o som de pés a remexer.

— Julia — chamou ele suavemente. — Sou só eu.

Um som de qualquer coisa a raspar ecoou no patamar, e a porta abriu-se lentamente, uma nesga.

— Olá — disse ele, a olhar para a face de uma mulher que não reconheceu.

Parecia uma miúda, na verdade, pele branca contra cabelo escuro que estava apanhado descuidadamente num rabo-de-cavalo. Olheiras púrpura rodeavam-lhe os olhos, que estavam raiados de sangue e vidrados. Parecia que ela não dormira desde a audiência.

— Posso entrar?

Ela abriu a porta mais amplamente, e Paul entrou no apartamento. Nunca o tinha visto tão desarrumado. Havia pratos abandonados em cada superfície, a cama estava por fazer e a mesa articulada arqueava-se sob o peso de papéis e livros. O seu portátil estava aberto, como se ela tivesse sido interrompida

enquanto trabalhava.

— Se vieste dizer-me como sou estúpida, não me parece que o consiga aguentar, neste momento. — Ela tentava falar num tom de desafio.

— Fiquei preocupado quando descobri que me tens mentido. — Paul passou o correio dela de um braço para o outro e coçou as patilhas. — Mas não estou aqui para te fazer sentir mal. — A expressão dele suavizou-se. — Não gosto de te ver sofrer.

Ela baixou o olhar para as meias de lã púrpura e agitou os dedos dos pés.

— Peço desculpa por ter mentido.

Ele pigarreou.

— Hmm, trouxe-te o correio. Tinhas algumas coisas na caixa de correio aqui fora, e também te trouxe o correio do departamento.

Julia olhou para ele com uma expressão preocupada.

Ele ergueu a mão, como que para a tranquilizar.

— São só uns prospectos e um manual.

— Porque é que alguém havia de me enviar um manual? Não estou a ensinar.

— Os vendedores de manuais põem exemplares nas caixas de correio de professores. Por vezes também dão livros aos alunos de pós-graduação. Recebi um sobre política do renascimento. Onde é que queres que ponha tudo?

— Na mesa. Obrigada.

Paul fez o que lhe foi pedido enquanto Julia se ocupava a recolher as chávenas e tigelas em volta do apartamento e as empilhava com cuidado em cima do micro-ondas.

— Que tipo de manual? — perguntou ela, a olhar por cima do ombro. — Não é sobre Dante, pois não?

— Não. É *Casamento na Idade Média: Amor, Sexo e o Sagrado*. — Paul leu o título em voz alta.

Ela encolheu os ombros, pois o título não lhe interessava.

— Pareces cansada. — Ele olhou-a com compaixão.

— A professora Picton pediu-me que fizesse montes de mudanças na minha tese. Tenho estado a trabalhar muito.

— Precisas de apanhar um pouco de ar fresco. Porque é que não vens almoçar comigo? Eu ofereço.

— Tenho tanto trabalho para fazer.

Ele passou as costas da mão pela boca.

— Precisas de sair daqui. Este sítio é deprimente. Parece a casa de Miss Havisham.

— Isso faz de ti o Pip?

Paul abanou a cabeça.

— Não, faz de mim um parvo abelhudo que interfere na vida de outra pessoa.

— Isso parece o Pip.

— Tens de entregar a tese amanhã?

— Não. A professora Picton deu-me uma extensão de uma semana. Ela sabia que eu não ia conseguir entregá-la a um de abril por causa... de tudo. — Ela estremeceu.

— Vamos só almoçar. Apanhamos o metro, e vamos à Queen Street e voltamos antes de dares por isso.

Julia olhou para Paul, e viu os seus olhos preocupados.

— Porque estás a ser tão simpático comigo?

— Porque sou do Vermont. Nós somos simpáticos. — Ele sorriu. — E porque precisas de um amigo, neste momento.

Julia sorriu de gratidão.

— Nunca deixei de gostar de ti — admitiu ele, os seus olhos inesperadamente brandos.

Ela fingiu não ouvir aquela declaração.

— Preciso de um minuto para me vestir.

Olharam ambos para o seu pijama de flanela.

Paul sorriu.

— Belos patinhos de borracha.

Embaraçada, ela desapareceu no seu roupeiro para procurar roupas limpas. Não tendo lavado roupa durante uma semana, as suas escolhas eram limitadas, mas ao menos tinha qualquer coisa relativamente apresentável para uma refeição descontraída.

Enquanto ela estava na casa de banho, Paul assumiu a tarefa de limpar um pouco o apartamento, ou, pelo menos, de o arrumar. Sabia que não devia tocar no material da sua tese, preferindo antes fazer-lhe a cama e apanhar coisas do chão. Quando terminou, guardou o manual numa prateleira e sentou-se numa cadeira articulada para dar uma vista de olhos no correio. Livrou-se rapidamente dos prospectos e da publicidade e empilhou o que pareciam ser contas num monte organizado. Reparou que não havia quaisquer cartas de natureza pessoal.

— Graças a Deus — murmurou.

Depois de se vestir, ela cobriu as olheiras com corretor e passou um pouco de *blush* nas faces pálidas. Quando lhe pareceu que não parecia uma versão mais jovem de *Miss Havisham*, Julia juntou-se a Paul à mesa articulada.

Ele recebeu-a com um sorriso.

— Pronta para ir?

— Sim. — Ela fechou os braços em volta do peito. — Tenho a certeza que tens coisas para me dizer. É melhor avançares já.

Paul franziu o sobrolho e indicou a porta.

— Podemos falar ao almoço.

— Ele deixou-me — disse ela de súbito, parecendo magoada.

— Não te parece que isso seja uma coisa boa?

— Não.

— Bolas, Julia, o tipo seduziu-te para se divertir, depois deu-te com os pés. Queres ser ainda mais maltratada?

A cabeça dela ergueu-se de chofre.

— Não foi nada disso!

Paul olhou para ela, para a sua súbita mostra de fúria, e ficou impressionado. Preferia vê-la zangada do que triste.

— Se calhar, é melhor usares chapéu. Está frio lá fora.

Alguns minutos mais tarde estavam na rua, a caminhar na direção da estação de metro de Spadina.

— Tem-lo visto? — perguntou ela.

— Quem?

— Tu sabes quem. Não me faças dizer o nome dele.

Paul bufou.

— Não preferias esquecê-lo?

— Por favor.

Ele olhou-a de relance e viu um ar tenso na sua bonita cara. Parou-a gentilmente.

— Encontrei-o umas horas depois da audiência. Vinha a sair do gabinete do professor Martin. Desde então, tenho estado a tentar acabar a minha dissertação. Se o Emerson me deixa na mão, estou lixado.

— Sabes onde ele está?

— No Inferno, espero. — A voz de Paul era alegre. — O Martin enviou um *e-mail* para o departamento a dizer que o Emerson está de licença durante o resto do semestre. Provavelmente viste o *e-mail*.

Julia abanou a cabeça.

Paul olhou-a atentamente.

— Estou a ver que ele não se despediu.

— Deixei-lhe algumas mensagens. Ele enviou-me finalmente um *e-mail*, ontem.

— E o que dizia?

— Disse-me para parar de o contactar e que estava tudo acabado. Nem sequer me chamou pelo nome... limitou-se a enviar-me um *e-mail* de duas

linhas pela sua conta da universidade, e assinou-o com um «Cumprimentos, Prof. Gabriel O. Emerson».

— Imbecil.

Julia estremeceu, mas não discordou.

— Depois da audiência, ele disse-me que estava a ser inconsciente da minha própria desgraça.

— *Cabrão pretensioso.*

— O quê?

— Ele espezinha o teu coração e depois tem tomates para se pôr a citar Hamlet? Inacreditável. E citou-o mal, o idiota.

Ela pestanejou, surpreendida.

— Não reconheci a citação. Pensei que era apenas... ele.

— O Shakespeare também era um cabrão pretensioso. Provavelmente foi por isso que nem reparaste na diferença. A frase é do discurso de Gertrudes sobre a morte de Ofélia. Ouve:

*Quando ela e os seus troféus floridos
Caíram juntos no regato soluçante. As suas roupas inflaram,
E, como uma sereia, mantiveram-na à tona;
E, durante este tempo, ela entoava excertos de velhas canções,
Como alguém inconsciente da própria desgraça,
Ou como criatura nativa e criada
Naquele elemento. Mas não demoraria muito
Para que as vestes, pesadas do que beberam,
Puxassem a pobre infeliz do seu melodioso canto
Para a morte lamacenta.*

O rosto de Julia empalideceu.

— Porque é que ele havia de me dizer isso?

— Não és nada como ela. — Paul reiterou a sua lista de adjetivos profanos preferidos para caracterizar o professor. — Será que o Emerson tinha medo que fizesses alguma coisa... contra ti mesma? — Paul estava a ficar progressivamente mais agitado, à medida que os seus conhecimentos de Shakespeare dos tempos da licenciatura lhe vinham à mente em catadupa.

(Os benefícios de uma educação artística liberal.)

Julia fingiu surpreender-se com esta pergunta.

— Eu não sei o que ele pensou. Só balbuciou qualquer coisa sobre eu estar a tentar cometer suicídio académico.

Paul pareceu aliviado. Marginalmente.

— Há mais uma coisa que preciso de mencionar. Falei com a Christa.

Julia mordeu o interior da bochecha antes de indicar que ele devia

continuar.

— A Christa estava contente por o Emerson se ir embora. E falou de ti.

— Ela sempre me odiou — disse Julia.

— Não sei o que anda a tramar, mas eu teria cuidado.

Julia fixou o olhar à distância.

— Ela não me pode fazer mal. Já perdi o que mais importava.

Paul e Julia estavam sentados frente a frente num café retro na moda, em Queen Street. Envolveram-se em conversa de circunstância antes de pedirem as suas refeições e depois caíram num silêncio desconfortável enquanto Julia pensava na sua situação.

— Então, como é que tens estado? — A voz de Paul interrompeu os seus devaneios internos.

Ela não o diria em voz alta, porque não queria mencionar tal coisa a Paul. Mas uma das razões por que andava tão perturbada, para além da perda de Gabriel, era a perda do que ele representava — a concretização da sua paixão de adolescente, a perda da virgindade, a descoberta do que pensara ser um amor profundo e correspondido...

Quando pensava na primeira vez que tinham feito amor, sentia vontade de chorar. Nunca ninguém a tratara com tão arrebatada atenção e bondade. Ele tivera muito medo de a magoar, e garantira que ela estava descontraída. Fora insistente em dizer-lhe que a amava, vez após vez, enquanto se movia em direção ao seu orgasmo. O primeiro que teria com ela, *por causa dela*...

Gabriel a olhar-me no fundo da minha alma, a mover-se dentro de mim, a dizer-me que me amava enquanto me mostrava isso mesmo com o seu corpo. Ele tinha mesmo de me amar. Só não sei exatamente quando deixou de me amar. Ou antes, quando escolheu amar mais o emprego do que a mim.

Paul pigarreou simpaticamente, e Julia desculpou-se com um sorriso.

— Hum, estou perturbada e zangada, mas tento não pensar no que se passou. Tenho estado a trabalhar na minha tese, mas é difícil escrever sobre amor e amizade quando se acabou de perder ambas as coisas. — Soprou uma baforada de ar. — Toda a gente na universidade deve achar-me uma puta.

Paul debruçou-se sobre a mesa.

— Ei, não és nenhuma puta. Eu esmurraria quem quer que fosse dizer uma coisa dessas a teu respeito.

Ela não disse nada e ficou a remexer num lenço sobre o colo.

— Apaixonaste-te pela pessoa errada, é tudo. Ele aproveitou-se de ti.

Julia protestou, mas ele continuou.

— O gabinete do decano pediu-me que assinasse um acordo de confidencialidade. Estão a manter em segredo tudo o que tenha a ver contigo e o Emerson. Por isso, não te preocupes com o que as pessoas pensam. Ninguém sabe de nada.

— A Christa sabe — balbuciou ela.

— Tenho a certeza que ela foi obrigada a assinar o mesmo acordo de confidencialidade. Se começar a espalhar rumores a teu respeito, deves ir ter com o decano.

— De que serviria isso? O rumor acabaria por seguir-me até Harvard.

— Os professores não podem aproveitar-se dos seus alunos. Se lhe tivesses dito não, ele teria lixado a tua carreira. Ele é que é o vilão. — Paul fumegava. — Tens muitas coisas boas na tua frente, como a graduação e a ida para Harvard. E, um dia, quando estiveres preparada, hás de encontrar alguém que te trate como deve ser. Alguém digno de ti. — Ele apertou-lhe os dedos. — Tu és boa e gentil. És engraçada e inteligente. E, quando estás lixada, és *sexy* como o raio.

Ela fez-lhe um meio sorriso.

— Naquele dia em que discutiste com o Emerson na sala de seminário... foi um verdadeiro desastre, mas eu era capaz de pagar para o ver outra vez. Foste a única pessoa que alguma vez vi fazer-lhe frente, para além da Christa, que é maluca, e a professora Tortura, que é marada. Por muito medo que tenha tido do que ele te faria em retaliação, a tua coragem foi impressionante.

— Perdi a cabeça. Não foi o meu melhor momento.

— Talvez não. Mas mostrou-me uma coisa. Mostrou uma coisa ao Emerson. Tu és durona. Tens de deixar que esse lado durão saia cá para fora de vez em quando. Dentro dos limites, claro.

Ele estava agora a sorrir, ligeiramente provocador.

— Tento não ceder à fúria, mas, confia em mim, ela está cá dentro. — A voz de Julia era baixa mas de aço.

Quando terminaram de comer e começaram a beber os seus cafés, Julia contou a Paul uma versão extremamente editada da sua relação com Gabriel, começando com o convite dele para o acompanhar a Itália. Descreveu como Gabriel a salvara de Simon quando ela fora a casa para a festividade das Ações de Graças e como pagara para lhe fazer remover a marca do pescoço. Paul ficou surpreso.

Julia sempre se sentira à vontade para falar com Paul. Ele não era tão intenso como Gabriel, claro, e era bem menos mercurial. Era um bom ouvinte e um bom amigo. Mesmo quando a estava a repreender por ter escolhido Soraya Harandi como advogada.

Claro, quando ela revelou que Soraya fora escolhida por Gabriel, a ira dele foi transferida.

— Vou fazer-te uma pergunta pessoal. Se não quiseses responder, diz-me.

— Paul olhou em volta para verificar se não estava ninguém à escuta.

— O que é que queres saber?

— O Gabriel ainda está envolvido com a professora Singer? Encontraste-

te com ela... socialmente, enquanto estavas com ele?

— Claro que não! Ele tentou manter-me longe dela, até quando fomos ao jantar no Segovia.

— Nem acredito que nunca reparei que vocês estavam juntos. — Paul abanou a cabeça.

— Eu sei que não o tens em grande consideração. Mas isso é porque não o conheces. Ele disse-me que o seu envolvimento com a Singer foi temporário e que já terminou há muito tempo. E, para que fique tudo claro, Paul, eu acreditei nele. — Julia disse estas últimas palavras com uma não pequena dose de intensidade.

Paul esfregou o queixo.

— Eu disse-te que apresentei uma queixa contra a professora Tortura no ano passado. A Soraya Harandi foi advogada dela. Frequentei o seminário de Tortura Medieval da Singer porque tinha esperança que ela cobrisse material relacionado com a minha dissertação. Depois ela começou a dar em cima de mim. Ao princípio, dei-lhe para trás. Mas então recebi um *e-mail* dela, muito estranho. Tinha o cuidado de tornar a linguagem ambígua, mas qualquer pessoa no seminário dela teria compreendido que era uma proposta. Por isso apresentei uma queixa.

»Infelizmente, a Soraya Harandi fez um trabalho do caraças a convencer a universidade de que eu tinha compreendido mal o *e-mail* e que estava a enfeitar os meus relatos do que ela me tinha dito em pessoa. Foi a minha palavra contra a da Singer.

»A única pessoa que ficou do meu lado na audiência foi a doutora Chakravartty. Ela desenterrou *e-mails* que a Singer tinha enviado a outras pessoas e alegou que existia ali um padrão. Mas o professor Aras dispensou-me assim que ela os mencionou. Por isso não faço ideia para quem eram ou o que estava lá escrito. A professora Tortura recebeu um aviso e ordem para se manter longe de mim. Nunca me disse mais nada. Mas sempre me perguntei de quem mais andaria ela atrás. Esperava que o Emerson te protegesse dela.

— E protegeu. Não tive qualquer contacto com a mulher, e ele também não. Lamento muito o que aconteceu contigo.

Ele encolheu os ombros.

— Ainda fico lixado ao pensar que ela se safou. Que continue a safar-se. É por isso que existem as leis de não-confraternização... para proteger os estudantes e as suas carreiras académicas.

Ficaram ambos em silêncio por um momento, a beber os seus cafés.

— Desculpa ter-te mentido. — Ela olhou-o com os olhos húmidos.

Ele devolveu o olhar, depois baixou a cabeça e suspirou.

— Eu provavelmente teria feito o mesmo.

Depois deu-lhe outra vez a mão.

Quando Julia regressou a casa, a sua disposição tinha melhorado consideravelmente. Não se sentia bem, claro, nem inteira. Pois como poderia ser inteira se a sua outra metade a rejeitara?

Depois de um fim de semana produtivo, Julia sentiu-se suficientemente fortalecida pelo progresso que fizera no trabalho escolar para devolver um dos telefonemas de Nicole. Nicole perguntava porque deixara Julia de comparecer às suas sessões de terapia semanais. Julia explicou timidamente que ela e Gabriel já não estavam juntos e que era ele que pagava a sua terapia, ao qual a psicóloga respondeu que Gabriel continuava a pagá-la — indefinidamente.

Por sorte, ambas as mulheres concordaram que não seria apropriado permitir que o professor continuasse a receber a conta, especialmente tendo em conta que fora ele que criara uma nova e urgente razão para Julia continuar com a terapia. Por isso, o dinheiro de Gabriel foi-lhe devolvido sem cerimónia e foram estabelecidos novos valores numa escala adequada ao rendimento de Julia.

Por outras palavras, Nicole cobrava a Julia honorários ridiculamente baixos, condizentes com o seu rendimento fixo de estudante, e ficava perfeitamente feliz em fazê-lo. Na sua sessão na quarta-feira, perto de duas semanas depois da partida de Gabriel, discutiram o desgosto de amor de Julia e a forma que ela escolhera para lidar com ele. Nicole desafiou-a a concentrar-se nos aspetos positivos da sua vida e também a terminar a tese. Ambos os aspetos do seu conselho encontraram eco em Julia.

Nessa noite, depois de ter feito progresso na sua escrita, Julia adormeceu. Sentiu a cama mover-se e um corpo quente enroscar-se à sua volta como um casulo, puxando-a para si. Um nariz demasiado familiar roçou-lhe a nuca, e o mais suave sopro percorreu-lhe o ombro.

— Gabriel?

Ele soltou um som contra a sua pele, mas não respondeu.

— Senti tanto a tua falta — murmurou ela, com súbitas lágrimas nos olhos.

Gabriel ficou em silêncio enquanto erguia uma mão para lhe limpar as lágrimas, depois pressionou os lábios contra as suas faces, vez após vez.

— Eu sei que tu me amas. — Julia relaxou naquela posição confortável e fechou os olhos. — Só não compreendo porque não me amaste o suficiente para ficares comigo.

As mãos que a apertavam com força relaxaram pouco a pouco até

finalmente desaparecerem, deixando Julia sozinha e com frio na sua cama individual.

Julia passou parte da manhã seguinte a olhar pela janela, a contemplar o estranho sonho que tivera na noite anterior. Gabriel regressara para ela, mas continuava a manter o silêncio. Não oferecera nenhuma explicação nem suplicara o seu perdão. Limitara-se a juntar-se a ela na cama.

Ela aninhara-se ao seu corpo, familiar e reconfortante. Suspirara de alívio com o seu regresso; o seu subconsciente não queria ou não era capaz de o rejeitar.

Não foi realmente um sonho — apenas um tipo diferente de pesadelo.

Depois de um modesto pequeno-almoço, foi consultar os seus *e-mails* e mensagens escritas. Enquanto percorria as mensagens na caixa de entrada do seu *iPhone*, recebeu a seguinte de Rachel:

Olá Julia! O que se passa com o Gabriel, que não atende o telefone? Já tentei o fixo, mas também não atendeu. Estou a ver que as coisas continuam escaldantes, senão ele pegava no telefone de vez em quando. Já escolhi o vestido da dama de honor — um vermelho-escuro que te vai ficar lindamente. Mando-te o *link* por *e-mail* e podes dizer-me o que achas. Vais ter de me enviar as tuas medidas para eu encomendar o vestido.

A propósito, conheci finalmente a namorada do Scott. O filho dela, Quinn, é adorável. Beijos, Rachel.

O primeiro instinto de Julia foi fechar a mensagem e ignorá-la. Fora o que fizera a Rachel depois de Simon e Natalie a terem humilhado. Mas, como a sua psicóloga frisara, desta vez ela precisava de fazer algo diferente. Algo mais corajoso.

Respirou fundo e escreveu a resposta:

Rachel, o vestido de dama de honor parece lindo. Não me esqueço de te enviar as minhas medidas. Fico contente por teres conhecido a namorada do Scott. Estou ansiosa por conhecê-la e ao seu menino.

Não falo com o Gabriel há dias. Não sei onde está. Foi-se embora. Acabou. J.

Exatamente um minuto e quarenta e cinco segundos depois, o *iPhone* de Julia começou a tocar, indicando uma chamada de Rachel. Infelizmente, a coragem de Julia cedeu naquele momento, e ela não atendeu. A mensagem

seguinte chegou pouco depois.

Vou matá-lo. R.

Gabriel caminhava a passos largos por entre a brumosa escuridão do bosque atrás daquela que fora a casa dos Clark. Levava uma lanterna, mas quase não precisava dela. Conhecia tão bem o bosque que, mesmo que estivesse embriagado, ou drogado, conseguiria encontrar o caminho para o pomar e voltar de novo. Era bom a orientar-se no escuro.

Parou na periferia do pomar, de olhos fechados, banhado pela chuva gelada. Se abrisse os olhos, quase a conseguiria ver — a silhueta de uma rapariga adolescente a descansar sobre o peito de um homem, o casal aninhado num velho cobertor de lã. O cabelo dela flutuava-lhe pelos ombros, o braço descansava na cintura dele. Gabriel mal conseguia ver a cara do homem, mas percebia que ele estava fascinado com o anjo de olhos castanhos nos seus braços.

Gabriel ficou muito quieto, a ouvir os ecos de memórias que eram meio sonhos...

— *Tens de te ir embora?*

— *Sim, mas não esta noite.*

— *Vais voltar?*

— *Amanhã serei expulso do Paraíso, Beatriz. A nossa única esperança é que me voltes a encontrar. Procura por mim no Inferno.*

Não planeava regressar ao pomar sem ela. Não planeava deixá-la. Partira-lhe o coração. Embora se sentisse oprimido pela culpa e a mágoa, sabia que voltaria a tomar a mesma decisão outra vez.

Julia já desistira de tanto para estar com ele. Diabos o levassem se a ia deixar desistir também do seu futuro.

Gabriel estava no seu antigo quarto, em tronco nu, a secar o cabelo com uma toalha e a debater-se com a aparelhagem de som. Apetecia-lhe música triste. O que significava, naquele momento, que estava a ouvir “Blood of Eden”, de Peter Gabriel. A meio do refrão, o telefone começou a tocar. Esquecera-se de pedir a Richard que cancelasse o serviço telefónico quando se mudara para Filadélfia, depois de comprar a casa.

Sem atender, Gabriel pôs-se a andar de um lado para o outro, como um fantasma inquieto. Depois reclinou-se na cama, a olhar para o teto. Era uma fantasia passageira, sabia-o, mas podia jurar que conseguia sentir o cheiro de

Julia na almofada, e que conseguia ouvir a suave maré da sua respiração. Brincou com o anel de platina no seu dedo, dando-lhe voltas e mais voltas. Versos da *Vita Nuova* de Dante amontoavam-se na sua cabeça, versos que descreviam a rejeição de Beatriz:

*Por este falso e maligno rumor
Que parecia acusar-me de vício...
Ela, que era a destruidora de todo o mal
E a rainha de todo o bem, ao passar por onde eu estava,
Negou-me a sua mais doce saudação
Na qual residia toda a minha bem-aventurança.*

Gabriel não tinha o direito de comparar a sua situação com a de Dante, uma vez que a infelicidade em que vivia era resultado da própria escolha. No entanto, à medida que a escuridão se fechava à sua volta, foi assaltado pela possibilidade de ter perdido a sua bem-aventurança. Para sempre.

— Aquele filho da mãe! — gritou Tom Mitchell ao ouvido da filha. Ela teve de segurar o seu *iPhone* à distância para proteger os tímpanos. — Quando foi que isto aconteceu?

— Hmm, em março. — Julia fungou. — Ele confirmou por *e-mail*.

— Filho da mãe. E que razão é que deu?

— Não deu nenhuma. — Ela não tinha energia para descrever os eventos que tinham conduzido à sua separação de Gabriel, e qualquer referência às alegações de fraude académica ainda deixaria Tom mais zangado.

— Vou dar-lhe um tiro.

— Pai, por favor. — A conversa já era suficientemente difícil sem ter de se preocupar com caçadeiras a ser carregadas e Gabriel a ser perseguido pelos bosques de Selinsgrove.

Tom respirava pesadamente para o telefone.

— Onde é que ele anda agora?

— Não sei.

— Não gosto de te dizer isto, Jules, porque sei que... gostavas dele, mas Gabriel é um drogado. Uma vez viciado, sempre viciado. Talvez esteja a usar outra vez. Talvez tenha tido problemas com o seu fornecedor. As drogas são um mundo lixado, e ainda bem que ele se foi. Quanto mais longe te mantiveres, melhor.

Julia não chorou com as palavras do pai, mas sentiu o coração apertar-se.

— Por favor, não digas coisas dessas, papá. Ele até pode estar em Itália a trabalhar no seu livro.

— Numa casa de passe.

— Pai, por favor.

— Lamento. Lamento muito. Só desejo que a minha menina encontre uma pessoa boa e seja feliz.

— Eu desejo o mesmo para ti — disse ela.

— Bem, fazemos um belo par. — Ele pigarreou e decidiu mudar de assunto. — Fala-me da tua graduação. Fiz algum dinheiro com a venda da casa, e gostava de estar aí para a tua formatura. Também devíamos falar sobre o que queres fazer este verão. Tens um quarto na casa nova à tua espera. Podes pintá-lo da cor que quiseses. Raios, pinta-o de cor-de-rosa.

Ela não conseguiu deixar de sorrir.

— Não pinto um quarto de cor-de-rosa há muito tempo, mas obrigada, pai.

Embora Selinsgrove fosse o último sítio aonde queria ir naquele momento, pelo menos tinha pai e uma casa, uma casa onde não havia más recordações de Simon nem de Sharon. Nem dele.

A nove de abril, Julia caminhava sobre a neve a derreter até à casa da professora Picton, com a sua tese impressa numa mão e uma garrafa de *Chianti* na outra.

Sentia-se nervosa. Embora a sua relação com a professora Picton sempre tivesse sido cordial, nunca fora calorosa. Katherine não era o tipo de pessoa que se afeiçoava ou adulava os alunos. Era profissional e exigente e decididamente não sentimental. Por isso, Julia ficara preocupada quando Katherine a convidara para submeter a sua tese pessoalmente e ficar para o jantar. Claro, não havia possibilidade de uma recusa.

Julia parou no alpendre à entrada da casa de três andares de Katherine e tocou à campainha. Limpou as palmas na frente do seu casaco, para tentar eliminar a humidade.

— Julianne, bem-vinda. — Katherine abriu a porta e fez a aluna entrar.

Se o pequeno estúdio de Julia era um buraco de *hobbit*, então a casa da professora Picton era a habitação de um elfo da floresta. Um elfo da floresta com gosto por belo mobiliário vetusto. Tudo era elegante e antigo; as paredes estavam apaineladas a madeira escura com dispendiosos tapetes a cobrir os soalhos. A decoração era aristocrática mas frugal, e tudo estava extremamente arrumado e limpo.

Depois de aceitar o casaco de Julia, Katherine aceitou graciosamente o *Chianti* e a tese e dirigiu-a para uma pequena sala que dava para a entrada. Julia sentou-se prontamente numa poltrona de pele em frente da lareira e aceitou um pequeno copo de xerez.

— O jantar está quase pronto — disse Katherine, e desapareceu como uma deusa grega.

Julia examinou os grandes livros de arquitetura e jardinagem inglesas sobre a mesa de centro baixa. Nas paredes alinhavam-se cenas pastorais intervaladas com o ocasional severo retrato a preto e branco de Picton ancestrais. Ela bebeu o seu xerez lentamente, saboreando o seu calor à medida que lhe ia deslizando pela garganta e descendo até ao estômago. Antes de o terminar, Katherine estava a escoltá-la para a sala de jantar.

— Que lindo. — Julia sorriu, num esforço para mascarar o nervosismo. Estava intimidada pela beleza da porcelana, cristais e castiçais de prata que Katherine dispusera sobre uma toalha cor de damasco que parecia ter sido passada a ferro.

(Nem sequer as toalhas se atreviam a enrugar-se sem a permissão da

professora Picton.)

— Gosto de receber — disse Katherine. — Mas, para dizer a verdade, há poucas pessoas que consigo suportar durante todo um serão como companhia para jantar.

Julia sentiu um aperto no peito. Com o menor ruído possível, tomou o seu lugar ao lado de Katherine, que estava sentada ao topo da longa mesa de carvalho.

— Cheira deliciosamente — disse Julia, a tentar não inalar avidamente o odor da carne com vegetais que emanava do seu prato. Não tinha comido muito nos últimos dias, mas as ofertas da professora Picton pareciam ter-lhe estimulado o apetite.

— Tendo para o vegetarianismo, mas, pela minha experiência, os estudantes nunca comem carne suficiente. Por isso preparei uma velha receita da minha mãe. Guisado normando, era o que ela costumava chamar-lhe. Espero que não se importe de comer porco.

— De todo. — Julia sorriu. Mas quando viu a casca de limão sobre o prato de brócolos cozidos, o seu sorriso esmoreceu.

Gabriel gostava de guarnições.

— Um brinde, talvez? — Katherine verteu nos copos o vinho que Julia levava e ergueu o seu.

Julia imitou-a.

— Ao seu sucesso em Harvard.

— Obrigada. — Julia ocultou o seu misto de emoções por detrás do ato de beber.

Depois de um delicado espaço de tempo, Katherine falou.

— Chamei-a aqui para discutirmos uma série de coisas diferentes. Primeiro, a sua tese. Sente-se satisfeita com ela?

Julia engoliu um pedaço de cherovia à pressa.

— Não.

Katherine franziu o sobrolho.

— O que quero dizer é que há espaço para melhorias. Se tivesse mais um ano, ficaria muito melhor. Hmm... — Julia desejou que se abrisse um buraco debaixo do soalho e a engolisse.

Inexplicavelmente, Katherine sorriu e recostou-se na sua cadeira.

— Essa é a resposta correta. Ótimo.

— Perdão?

— Os estudantes, hoje em dia, julgam-se bem mais talentosos do que realmente são. Fico contente por, com todo o seu sucesso, ter mantido alguma humildade académica.

»Claro que mais um ano melhoraria a sua tese. Vai ser uma melhor

estudante e uma melhor investigadora no próximo ano, se continuar a trabalhar bem. Ainda bem que percebe que tem espaço para crescer. Agora, podemos passar a um outro assunto.

Julia arrancou os olhos dos de Katherine e focou-os na faca e no garfo. Não fazia ideia do que viria a seguir.

Katherine tamborilou com um dedo impaciente em cima da mesa.

— Não gosto quando as pessoas se intrometem na minha vida privada, por isso não me meto na vida privada dos outros. No seu caso, fui arrastada para ela por David Aras. — Katherine fez uma careta. — Não estou ao corrente de tudo o que se passou naquela audiência macartista, nem quero estar. — Olhou para Julia intensamente. — O Greg Matthews, de Harvard, anda a tentar contratar um professor catedrático em Estudos de Dante. Eu tinha esperança que Gabriel ficasse com esse trabalho. — Katherine viu, pelo canto do olho, Julia a mover-se, mas continuou rapidamente. — Infelizmente, o lugar já foi oferecido a outra pessoa. Tentaram dispatadamente convencer-me a sair da reforma, mas declinei.

»Como é que aquele horrível Pacciani acabou na lista deles, nunca perceberei. De qualquer maneira, foi Cecilia Marinelli a escolhida. Foram roubá-la a Oxford. Será bom se puder trabalhar com ela. Desde que corra tudo bem com a sua tese, terei todo o prazer em telefonar a Cecilia e falar-lhe da sua chegada.

— Obrigada, professora. É muito simpático da sua parte.

Katherine acenou com uma mão.

— De nada.

As duas mulheres passaram os minutos seguintes a terminar o seu jantar em relativo silêncio. Enquanto Katherine levantava a mesa, depois de recusar as repetidas ofertas de ajuda da aluna, Julia terminou o seu vinho.

Embora se sentisse mal por Gabriel não ter conseguido o seu lugar de sonho, estava aliviada por ele não ir também para Harvard. A sua presença no departamento teria causado todo o tipo de problemas. Agora, nunca poderia trabalhar com ele. E seria extremamente doloroso se tivessem de manter uma relação profissional e distanciada. Não, era muito melhor que Gabriel ficasse em Toronto, enquanto ela se mudava para Boston. Era uma bênção, ainda que severa, que Harvard tivesse contratado a professora Marinelli.

Depois da sobremesa e do café, Katherine sugeriu que se retirassem para a sala de estar. Mais uma vez, Julia sentou-se na confortável poltrona ao lado da lareira e recebeu gratamente o pequeno copo de vinho do Porto que Katherine lhe depositou na mão. Embora o estilo de decoração de Katherine fosse bem diferente do de Gabriel, parecia que os especialistas de Dante apreciavam beber em frente à lareira.

— Em Harvard, vai poder começar de novo, e ninguém saberá do que aconteceu aqui. Até lá, seria sensato não atrair mais atenções sobre si. — Katherine olhou para Julia de um modo penetrante, se não severo. — Estudantes de pós-graduação, especialmente as mulheres, são vulneráveis no que diz respeito à sua reputação. Há ainda pessoas na academia que prefeririam rotular os frutos do talento e do trabalho árduo como resultado de favoritismos e prostituição. É melhor nunca dar a ninguém a mais pequena suspeita de que não mereceu os seus feitos através de trabalho esforçado.

— Professora Picton, eu juro que trabalhei muito no seminário de Dante. Ele não me ajudou a escrever o meu artigo e não me deu nenhum tratamento especial. Foi por isso que lhe pedi que o avaliasse.

— Tenho a certeza que isso é verdade. Mas a Julia enganou-me e, muito francamente, estou um pouco incomodada.

Julia olhou para a sua orientadora com um terror indisfarçado.

— No entanto, compreendo porque não me fez confidências. De certeza que o Gabriel o proibiu. Também estou aborrecida com ele, mas, por razões que não divulgarei, tenho uma dívida com ele.

A professora Picton bebeu um pouco do seu Porto, pensativa, a fitar o vazio.

— Quando estudava em Oxford, era vergonhosamente comum os professores desenvolverem relacionamentos românticos com os seus alunos. Por vezes esses relacionamentos eram aquilo que agora consideraríamos casos de assédio. Outras vezes havia verdadeiro amor envolvido. Vi ambos os casos.

Katherine fixou Julia com um olhar firme.

— Sei a diferença entre um Willoughby e um Coronel Brandon. Espero que também saiba.

Na noite seguinte, Julia foi ao apartamento de Paul. Tinham combinado tomar um café, para poderem conversar sobre o jantar de Julia com a professora Picton.

Paul virou-se para Julia no sofá.

— Agora que o semestre acabou para ti, quando estás a pensar mudar-te? Julia bebericou o seu café.

— O meu contrato de arrendamento termina no final de julho, mas tinha esperança de conseguir convencer o meu senhorio a deixar-me ir embora a meio de junho.

— Depois da formatura?

— Sim. O meu pai vai ajudar-me na mudança.

Paul pousou a sua chávena na mesa de centro.

— Vou voltar para o Vermont em junho. Podias vir comigo e eu ajudava-te a mudar.

— O meu pai vem para a cerimónia de formatura.

— Vamos todos juntos. Vocês os dois podiam ficar comigo na quinta por um ou dois dias, e depois íamos para Boston instalar-te. Vais viver na residência?

— Não sei. Mandaram-me a informação de que não podia entrar na residência antes de agosto. Mas preciso de um sítio para viver antes disso.

— O irmão mais novo de um amigo meu estuda em Boston. Deixa-me falar com ele para ver se conhece algum sítio que possas alugar. Metade da população de Boston tem menos de vinte e cinco anos. Há montes de estudantes.

— Fazes isso? Ajudas-me nas mudanças e a arranjar um apartamento?

— Espero ser pago por isso, em cerveja. Eu gosto de *Krombacher*, a propósito.

— Acho que posso fazer isso.

Julia sorriu e brindaram com as chávenas de café.

— Quem são? — Ela apontou uma fotografia de quatro pessoas, dois homens e duas mulheres, que Paul ocultara parcialmente atrás de um pinguim em cima da sua televisão.

— A rapariga à esquerda é Heather, a minha irmã mais nova, e o marido, Chris. Este, à direita, sou eu.

— E a outra rapariga? — Julia olhou para o rosto da bonita rapariga que estava agarrada à cintura de Paul e a rir.

— Hmm, essa é a Allison.

Julia esperou delicadamente que Paul elaborasse.

— A minha ex-namorada.

— Ah — disse Julia.

— Continuamos amigos. Mas ela trabalha em Vermont e não aguentou a relação de longa distância. Acabámos há algum tempo — explicou Paul rapidamente.

— És uma boa pessoa. — Julia mudou de posição, pouco à vontade. — Se calhar, não devia ter dito isto.

Paul levou-lhe a mão aos lábios e beijou-lhe os nós dos dedos castamente.

— Acho que deves sempre dizer o que estás a pensar. Para que fique notado, também sempre pensei que és uma boa pessoa.

Ela sorriu, mas retirou a mão delicadamente, de forma a não o ofender.

Pouco depois da meia-noite, ela adormecera com a cabeça no ombro dele, os seus corpos juntos no divã. A mente de Paul andava à deriva, a imaginar a

sensação dos lábios dela contra os seus, a pele dela debaixo das suas mãos. Virou a cara para o cabelo no seu ombro, apertou os braços à sua volta. Ela remexeu-se e murmurou o nome de Emerson antes de enterrar a cabeça no peito dele.

Paul percebeu que tinha uma decisão a tomar. Se queria ser amigo de Julia, teria de suprimir os sentimentos românticos a seu respeito. Não podia tentar beijá-la ou levar as coisas mais adiante. Era demasiado cedo. E era bem possível que ela nunca o quisesse, mesmo quando o seu coração partido tivesse sarado. Mas Julia necessitava de um amigo; necessitava dele. Não ia abandoná-la naquele momento de necessidade, mesmo que fosse doloroso pôr de lado os seus verdadeiros sentimentos.

Por isso, em vez de adormecer com ela nos braços, carregou-a para o seu quarto e deitou-a na cama. Cobriu-a com o lençol e os cobertores, verificando se ela estava confortável, depois foi buscar uma almofada e manta suplentes e retirou-se para a sala.

Passou grande parte da noite frustrado e a olhar para o teto, enquanto Julia dormia profundamente no seu quarto.

Enquanto Julia passava a noite no apartamento de Paul, Gabriel estava sentado no seu quarto de hotel, a fitar o portátil, de semblante carregado. Recebera outro tenso *e-mail* do seu diretor, Jeremy Martin, a lembrá-lo do capital pessoal e político que Jeremy tivera de usar para lhe “salvar o traseiro”. Como se Gabriel precisasse de ser recordado disso.

O seu olhar desviou-se para o anel que tinha no dedo, resistindo à tentação de reexaminar as palavras que mandara gravar no interior. Girou o anel de platina várias vezes, enquanto amaldiçoava o seu mais recente fracasso.

Harvard informara-o graciosamente de que a sua candidatura não fora bem-sucedida e que tinham contratado a professora Marinelli. A falta de sucesso de Gabriel fora outra forma de falhar perante Julianne. Mas agora pouco importava. De que serviria estar em Harvard, se ela não o perdoava?

Praguejou amargamente. De que serviria estar em qualquer lado, se ela não o perdoava? Até no hotel, ela estava com ele. No seu computador, no seu telemóvel, no seu *iPod*, na sua cabeça.

Ah, sim, na sua cabeça. Ele estava correto quando dissera que nunca se esqueceria da sensação de olhar para o seu corpo nu pela primeira vez, a maneira como os olhos dela se tinham fixado timidamente no chão, a maneira como o rosto dela corara sob o seu toque quente.

Ela estremecera. Por qualquer razão, conseguia lembrar-se de cada vez que a fizera estremecer. E houvera tantas — quando a envergonhara por ser pobre, quando a levara para a sua cama pela primeira vez, quando enfiara os dedos pelo seu cabelo e ela lhe suplicara que não lhe agarrasse a cabeça, quando admitira que concordara separar-se dela...

Quantas vezes a poderia magoar numa única e curta vida?

Torturara-se a ouvir as mensagens de voz que ela lhe deixara — mensagens a que não respondera. Tinham-se tornado progressivamente mais desanimadas, até cessarem de todo. Não podia culpá-la. Era óbvio que as mensagens dele não lhe tinham chegado, com exceção de um único *e-mail*. Voltou a abri-lo, a imaginar a sua reação.

Pare de me contactar.

Acabou.

Cumprimentos,

Prof. Gabriel O. Emerson,

Professor Associado

Departamento de Estudos Italianos/

Centro de Estudos Medievais

Universidade de Toronto

Uma gargalhada amarga que reconheceu como vindo da sua própria garganta ecoou pela sala. Claro, fora justamente naquela mensagem que Julia acreditara — não nas outras. Agora perdera-a. Que esperança havia sem ela?

Gabriel recordou uma conversa que tivera com ela sobre o livro preferido de Grace, *A Severe Mercy*. Era evidente na história que as personagens principais acreditavam ter transformado o seu amor num ídolo — venerando-se mutuamente em seu próprio detrimento. Ele fizera o mesmo com Julianne, sabia-o. Adorara o seu ser, convencido de que ela era a luz que brilharia na sua escuridão.

Amara-a o suficiente para a deixar, a fim de proteger o seu futuro. E, depois de a deixar, corria o risco de nunca voltar a ser dono do seu amor. Era a mais amarga reviravolta do destino, que fosse precisamente o amor pela sua Beatriz aquilo que os separaria.

E Paul? Não tinha dúvidas de que ele usaria a oportunidade para reconfortar Julia. E onde esse conforto levaria... Gabriel não conseguia nutrir a ideia de que ela lhe seria infiel. Mas sabia pelas suas mensagens que ela julgava que estava tudo acabado. Paul teria simplesmente de lhe oferecer um ombro para se encostar e estaria de volta na sua vida, no seu apartamento, nos seus pensamentos.

Fornicador-de-Anjos.

O único alívio que conseguia encontrar, se é que de alívio se tratava, era em torturar-se com música e poesia. Carregou num botão e Sting encheu a sala para recontar a história de David e Bate-Seba. Enquanto a canção ondulava pelo ar, leu a reflexão poética de Dante sobre a morte de Beatriz e o seu coração ecoou as palavras de *La Vita Nuova*.

*Um coração vil assim
Nada dela pode imaginar —
Não precisa pois de a chorar.
Mas vem tristeza, e desejo
De lágrimas e suspiros e morte,
Às almas que como ela era
Se recordam, e como nos foi levada.
E quanta angústia, suspiros fortes,
Quando o menor pensamento da alma aflita
Me traz de volta a que meu coração partia;
E tantas vezes, pensando na morte,
Desejo tão suave me atingia
Que do meu rosto a cor se esvaía.
E quando o imaginar é tão forte
Trago tanta pena em toda a parte
Que choro pela dor que sinto
E é de tal ordem meu tormento
Que por vergonha da gente me aparto.
Depois, em pranto e só no meu lamento,
Chamo Beatriz e digo: «Pois estás morta?»
E em assim chamando, me conforto.*

Gabriel fechou o documento no seu computador e percorreu com um dedo a fotografia da linda mulher que adornava o monitor. Terminaria o seu dever nos próximos dias, mas fá-lo-ia sem a sua Beatriz para o reconfortar. Na sua ausência, talvez sucumbisse às antigas tentações para amortecer a dor.

N uma tarde de sexta-feira, a meio de abril, Julia chegou ao apartamento de Rachel e Aaron em Filadélfia. Rachel planeava ir visitá-la a Toronto e levar consigo o vestido de dama de honor, mas teve dificuldade em conseguir licença do trabalho. Uma vez que ela estava a tentar guardar os seus dias de férias para a lua-de-mel, Julia concordou em deixar os confortáveis limites do seu buraco de *hobbit*.

Rachel recebeu a amiga com um abraço e escoltou-a para a sala. Julia olhou para os maços de amostras que cobriam a mesa de centro.

— Então, já terminaste os planos para o casamento?

Rachel abanou a cabeça.

— Ainda não. Mas não quero falar sobre o casamento; quero falar sobre ti. — Olhou para a amiga com um ar preocupado. — Esta coisa contigo e o Gabriel foi um autêntico choque.

Julia pestanejou.

— Para mim também.

— Ele não responde às nossas chamadas nem aos nossos *e-mails*, e, acredita em mim, fartámo-nos de tentar. O Scott encaminhou-me o *e-mail* que lhe mandou, e era contundente. Sabias que o Gabriel esteve em Selinsgrove há umas semanas?

— Em Selinsgrove? — Julia estava atónita. — Pensei que estava em Itália.

— Porque haveria de estar em Itália?

— Para terminar o livro. Para fugir de mim.

— O estúpido — praguejou Rachel. — Tem dado notícias?

— Sim. Enviou-me um *e-mail* para me notificar de que estava tudo acabado. — Julia pegou na sua mala. Retirou duas chaves e um cartão de segurança e entregou-os à amiga. — Isto é dele.

Rachel olhou para os objetos, confusa.

— O que queres que faça com isto?

— Fica com eles. Ou dá-os ao teu pai. Podia tê-los enviado por correio ao Gabriel, mas como ele não quer qualquer contacto...

Rachel pousou os artigos ofensivos em cima de um dos seus maços de amostras. Depois, pensando melhor, atirou-os para dentro de uma gaveta e fechou-a com uma praga.

— Eu sei que ele foi à antiga casa dos meus pais porque um dos vizinhos ligou ao meu pai. Parece que o Gabriel andava a pôr música alta a toda a hora,

e a vaguear lá fora.

A mente de Julia voou instantaneamente para o pomar. Parecia razoável, pensou, que ele procurasse consolo no único lugar onde sempre estivera em paz — o seu Paraíso. Mas, uma vez que ela estava envolvida nas memórias dele daquele espaço, duvidava que lá tivesse ido. A abanar a cabeça, afastou essa ideia da cabeça.

Rachel virou-se para a amiga.

— Não compreendo porque é que ele fez isto. O Gabriel ama-te. Não é o tipo de pessoa que ama facilmente, ou que diz essas palavras sem o sentir. Esse tipo de amor não desaparece da noite para o dia.

— Talvez amasse mais o seu emprego. Ou talvez tenha decidido voltar para ela.

— A Paulina? É disso que se trata? Não me tinhas dito. — Os olhos de Rachel chispavam.

— Até há ano e meio, ainda estavam... envolvidos.

— O quê?

— No Natal, discutimos por causa dela e, hmm, outras coisas. Ele disse-me que a história de ambos era mais recente do que eu pensava.

— Nunca tinha ouvido sequer o nome dela até ao dia em que apareceu na casa dos meus pais.

— Eu sabia da sua existência. Mas quando começámos a sair, a maneira como ele contou as coisas fazia parecer que o caso datava do seu tempo em Harvard. Na realidade, tem continuado durante anos.

— Não podes acreditar que ele te deixaria por causa dela, depois de Florença, depois de tudo.

— Agora, posso acreditar em qualquer coisa — disse Julia friamente.

Rachel soltou um gemido e levou as mãos aos olhos.

— Que confusão. O meu pai está mesmo arreliado, e o Scott também. Quando descobriu que o Gabriel estava em Selinsgrove, decidiu ir até lá para ver se lhe conseguia pôr juízo na cabeça.

— E foi?

— A Tammy precisava que ele tomasse conta do filhito. Por isso o Scott decidiu que podia dar um pontapé no rabo do Gabriel noutra altura.

Julia sorriu.

— Posso imaginar essa conversa.

— O Scott está louco pela Tammy. Até enjoa.

— Fico contente por eles virem jantar.

Rachel olhou para o seu relógio.

— Se calhar, é melhor começar a preparar a comida. Eles vão chegar cedo para poderem dar o jantar ao Quinn primeiro. A vida do Scott mudou

completamente. Tudo gira em volta do horário do bebé.

Julia seguiu a sua anfitriã até à cozinha.

— O que é que o teu pai acha da Tammy?

Rachel começou a remexer no frigorífico.

— Gosta dela. Adora o bebé. É como se o Quinn fosse seu neto.

Colocou os ingredientes para uma salada em cima da bancada.

— Achas mesmo que o Gabriel voltaria para a Paulina?

Julia não conseguia obrigar-se a dizer em voz alta, mas sim, julgava-o possível. Ele mudara muito a sua vida e os seus mecanismos de defesa por causa dela. Agora que o relacionamento terminara, era possível que tivesse regressado à sua velha vida.

— É território conhecido — disse Julia.

— Falas como se ela fosse a Europa Ocidental. — Rachel encostou-se à bancada. — Achas que a universidade exigiu que ele terminasse contigo?

— Sim, mas como é que se pode forçar uma coisa dessas? Podem fazê-lo sair da cidade? Podem dizer-lhe o que fazer na sua vida pessoal, quando ele está de licença? Se o Gabriel quisesse falar comigo, podia ter telefonado. Não telefonou. A universidade ofereceu-lhe uma maneira conveniente de terminar comigo. Provavelmente, ele já o estava a planear há algum tempo. — Julia cruzou os braços contra o peito. Era mais fácil dar voz aos seus mais profundos receios com Rachel do que quando estava sozinha.

— Que confusão — repetiu Rachel, voltando-se para lavar as mãos.

Nas primeiras horas da manhã, Rachel e Julia estavam recostadas no sofá com os seus robes, a beber vinho e a rir. Scott, Tammy e Quinn há muito tinham partido, e Aaron estava a dormir há horas. Ouviam reverberações do seu ressonar a ecoar pelo corredor.

Protegida por um excelente *Pinot noir*, Julia descreveu o que acontecera na audiência, e Rachel resistiu a interrompê-la.

— Não me parece que o Gabriel pudesse desistir de ti só para manter o emprego. Não precisa do dinheiro e pode sempre trabalhar noutro sítio qualquer. O que não compreendo é porque não foi mais explícito quanto ao que estava a fazer. Porque é que não te agarrou no braço depois e te disse «Eu amo-te, mas precisamos de esperar.» — Rachel soltou uma risadinha ébria. — Conhecendo o Gabriel como conheço, ele teria recitado qualquer coisa em pentâmetro jâmbico, só porque o conseguia fazer.

— Ele mencionou qualquer coisa sobre Pedro Abelardo, mas não foi grande consolo. Abelardo manteve o relacionamento com Heloísa em segredo para não perder a sua posição de professor. Depois enviou-a para um convento.

Rachel agarrou numa almofada e atirou-a à cabeça da amiga.

— Ele não te vai enviar para um convento. Ele ama-te. E recuso-me a acreditar no contrário.

Julia apertou a almofada contra o peito enquanto se deitava de lado.

— Se me amasse, não me teria largado. Não teria acabado comigo por *e-mail*.

— Achas mesmo que o Gabriel andou atrás de ti só pelo gozo?

— Não. Mas isso agora não importa.

Rachel bocejou ruidosamente.

— Ele fez merda, seja como for. Pergunto-me se não estará a tentar proteger-te de alguma maneira.

— Podia ter-me enviado uma mensagem a dizer isso mesmo.

Rachel cobriu os olhos com um braço.

— Essa é a parte que não entendo. Podia ter-nos pedido que te passasse uma mensagem. Podia ter-te escrito uma carta. Porque é que o Gabriel não disse à universidade que se fosse lixar?

Julia virou-se e ficou deitada de costas, a perguntar-se exatamente o mesmo.

Rachel pegou no telemóvel que estava em cima da mesa de centro.

— Queres ligar-lhe?

— Não.

— Porque não? Talvez ele atenda, a pensar que sou eu.

— Estamos a meio da noite, e eu estou bêbada. Não é exatamente o melhor momento para conversar. Além disso, ele disse-me para não o contactar.

Rachel agitou o telefone na frente dela.

— Se estás magoada, ele também está.

— Deixei-lhe uma mensagem a dizer que, se alguma vez quiser falar comigo, tem de o fazer cara a cara. Não lhe vou telefonar. — Julia terminou o resto do seu vinho num único gole. — Talvez ele esteja na formatura. — Ela suspirou, com um olhar anelante no rosto. Toda a sua fúria, toda a frustração, não eliminavam as saudades que sentia dele. Não todas, pelo menos.

— Quando é a formatura?

— A onze de junho.

Rachel soltou uma praga baixinho pelo tempo que ainda faltava.

Passados uns minutos de silêncio partilhado, Julia decidiu dar voz a um outro dos seus maiores receios.

— Rachel?

— Hum?

— E se ele dormir com ela?

Rachel ficou calada por um momento. Tão calada, que Julia começou a repetir a pergunta, mas a amiga interrompeu-a.

— Se Gabriel fosse cruel, talvez fosse para a cama com outra. Mas não consigo imaginá-lo a fazer isso e a pensar que o perdoarias.

— Se ele estiver com outra pessoa e tu descobrires, diz-me. — Julia lançou um olhar de súplica à amiga. — Será melhor se o souber pela tua boca.

— *Querida, abre os olhos.*

A voz era quente e rouca, enquanto ele se movia dentro dela, distribuindo o seu peso pelos antebraços. Ele inclinou-se para lhe puxar a pele delicada do interior do bíceps com a boca, beijando-a, e sugando. Apenas o suficiente para a provocar, talvez deixar uma marca suave. Sabia que aquilo a deixava louca.

— Não consigo — arfou ela, entre gemidos. Sempre que ele se movia, as mais maravilhosas sensações percorriam o seu corpo.

Até ele parar.

De súbito, ela abriu os olhos.

Ele roçou o nariz contra o dela e sorriu.

— Preciso de te ver. — O olhar dele era doce mas intenso, como se estivesse momentaneamente a conter a chama do desejo.

— Tenho dificuldade em manter os olhos abertos. — Ela gemeu um pouco quando o sentiu mover-se de novo dentro de si.

— Tenta, por mim. — Ele beijou-a suavemente. — Eu amo-te tanto.

— Então porque é que me deixaste?

Gabriel olhou-a com consternação, os seus olhos a estreitarem-se.

— Eu não...

Naquela mesma noite, Gabriel estava deitado no centro da cama, de olhos fechados, enquanto ela lhe percorria ociosamente os peitorais com beijos de boca aberta, parando reverentemente para lhe beijar a tatuagem, antes de estender a sua atenção para os seus abdominais. Uma praga soltou-se da boca dele quando ela lhe passou os dedos suavemente pelos músculos bem definidos, antes de fazer deslizar a língua em volta do seu umbigo.

Há quanto tempo...

Foi esse o pensamento que lhe veio à mente quando a mão dela lhe roçou a pele e os fios de pelos antes de o agarrar firmemente. Ele ergueu as ancas. Ela estava agora a acariciá-lo, e ele estava ofegante, suplicante. Ela tocou-lhe sem pressas, enquanto o longo cabelo sedoso lhe acariciava o alto das coxas, antes de o tomar na quente humidade da sua boca.

Gabriel soltou um expletivo surpreendido enquanto se entregava às sensações, antes de entrelaçar os dedos no cabelo dela.

Estacou.

Uma sensação de náusea borbulhou-lhe no estômago quando se lembrou do que acontecera na última vez que fizera aquilo. Retirou a mão de imediato, com medo de a ter assustado.

— Desculpa. — Estendeu um único dedo para lhe tocar o rosto. — Esqueci-me.

Uma mão fria agarrou-o pelo pulso antes de o obrigar a agarrá-la rudemente pela cabeça.

— Esqueceste-te do quê? — provocou ela. — De como apreciar um broche?

Os olhos de Gabriel abriram-se de repente. Com absoluto horror, olhou para baixo e viu um par de sorridentes olhos azuis.

Paulina estava nua e de gatas por cima dele, a sorrir triunfantemente enquanto o segurava perto da sua boca. Gabriel encolheu-se, a praguejar e a encostar-se contra a cabeceira da cama, enquanto ela se agachava, a observá-

lo.

Ela riu-se e apontou para o nariz dele, a indicar-lhe que devia limpar os vestígios de cocaína das narinas.

O que foi que eu fiz?

Limpou bruscamente a cara com as duas mãos. Quando conseguiu assimilar a enormidade da sua depravação, sentiu uma náusea, e depois quis vomitar, e debruçou-se sobre o lado da cama. Quando veio a si, estendeu a mão esquerda para lhe mostrar o anel — mas não havia anel.

A aliança desaparecera.

Paulina riu-se novamente e começou a aproximar-se mais dele, de olhos ferozes, o corpo nu a roçar no corpo dele.

Gabriel contorceu-se e debateu-se na cama antes de acordar com um pulo. Afastou as cobertas, avidamente, à procura de um sinal dela. Mas não encontrou nenhum.

Estava sozinho num quarto de hotel, às escuras. Extinguira as luzes antes de se deitar, o que fora o seu primeiro erro. Não colocar a fotografia emoldurada na sua mesa de cabeceira fora o segundo, pois ela servia de talismã contra a escuridão.

Virou as pernas para fora da cama e pousou a cara entre as mãos. Suportar a reabilitação, tantos anos antes, fora excruciante, mas nada comparado com a perda de Julianne. Teria sofrido de bom grado os pesadelos e as obsessivas memórias de velhos pecados, se a pudesse ter nos braços todas as noites.

Enquanto olhava com desprezo para a garrafa de uísque a meio, sentiu a escuridão cada vez mais perto. A sua demanda desesperada colocara uma grande pressão em cima dele. Quando essa pressão era acompanhada de uma tremenda sensação de perda, tornava quase impossível conseguir funcionar a um alto nível sem alguma espécie de muleta.

A cada dia que passava, as bebidas tornavam-se maiores. A cada dia, percebia que precisava de fazer qualquer coisa, antes que desse por si encurralado pelos seus velhos mecanismos de defesa e arruinasse o seu futuro. Sabia que, se não fizesse qualquer coisa rapidamente, iria ter uma recaída.

Impulsivamente, fez duas chamadas telefónicas antes de reunir os seus pertences e os atirar para dentro da mala. Depois pediu ao rececionista que lhe chamasse um táxi para o levar para o aeroporto. Não se deu ao trabalho de verificar se estava com um aspeto limpo e profissional. De facto, nem se deu ao trabalho de se ver ao espelho, pois sabia que o que ali veria o deixaria revoltado.

Muitas horas depois, chegou a Florença e deu entrada no Gallery Hotel Art. Fora tudo em cima da hora, mas persuadira o gerente a atribuir-lhe a mesma suite onde ele e Julia tinham consumado a sua relação. Seria isso ou um programa de reabilitação, e Gabriel estava convencido de que a sua ligação com ela se provaria bem mais redentora.

Enquanto entrava no quarto, quase esperava vê-la, ou, pelo menos, ver sinais dela. Um par de sapatos de salto alto cor de tangerina descuidadamente atirado para debaixo de uma mesa de centro. Um vestido de tafetá caído no chão ao lado de uma parede vazia. Um par de meias pretas sobre uma cama

por fazer.

Mas, claro, não viu nenhuma dessas coisas.

Depois de um sono e um duche relativamente restauradores, Gabriel contactou o seu velho amigo *dottore* Vitali, da Galeria Uffizi, e foi jantar com ele. Falaram da nova chefe de Estudos de Dante em Harvard. Falaram de Giuseppe Pacciani, e Gabriel ficou marginalmente grato por saber que, embora Giuseppe tivesse sido recebido para uma entrevista, a sua apresentação fora considerada como pobre. Era um fraco consolo, mas um consolo, de qualquer maneira.

No dia seguinte, Gabriel tentou distrair-se das suas preocupações envolvendo-se em atividades agradáveis — pequeno-almoço numa *piazza*, um passeio ao longo do Arno, uma demorada tarde no seu alfaiate, a quem encomendou um fato de lã preta feito à mão, e uma hora passada à procura do perfeito par de sapatos a condizer. O seu alfaiate disse-lhe a brincar que o fato era tão bom que Gabriel podia casar com ele vestido. O alfaiate rira-se até Gabriel erguer a mão esquerda e lhe mostrar o seu anel.

— Sou recém-casado — explicou, para grande surpresa do italiano.

Por onde quer que andasse na cidade de Florença, era assaltado com memórias dela. Parava na Ponte Santa Trinità, com as sensações agridoces fortemente comprimidas no seu peito, sabendo que eram preferíveis às alternativas químicas.

Numa noite, ligeiramente embriagado, vagueou até ao Duomo, a refazer o caminho que percorrera com Julianne meses antes. Torturado pela memória do rosto dela quando o acusara de a foder, deu com um pedinte que lhe pareceu familiar, sentado à sombra da cúpula de Brunelleschi.

Gabriel aproximou-se.

— Umas moedinhas para um velho — gritou o pedinte em italiano.

Gabriel aproximou-se mais, a olhar para o homem desconfiadamente. Foi assaltado pelo cheiro a carne não lavada e a álcool, mas aproximou-se ainda mais. Reconhecendo o pedinte como o mesmo homem que inspirara a caridade de Julia em dezembro, Gabriel parou, hesitante.

Procurou a carteira. Sem se dar ao trabalho de olhar para a quantia, retirou várias notas e estendeu-as na frente do homem.

— Vi-o em dezembro. Mas ainda aqui está. — O italiano de Gabriel era apenas ligeiramente acusatório.

O homem olhou para o dinheiro avidamente.

— Estou aqui todos os dias. Mesmo no Natal.

Gabriel aproximou os euros ainda mais do homem.

— A minha *fidanzata* deu-lhe dinheiro. O senhor chamou-lhe um anjo. Lembra-se?

O homem fez um sorriso desdentado e abanou a cabeça, sem nunca desviar os olhos das notas.

— Há muitos anjos em Florença, mas mais ainda em Assis. Acho que Deus favorece os pedintes de Assis. Mas a minha casa é aqui. — O homem estendeu uma mão hesitante, sem ter a certeza se Gabriel lhe daria efetivamente o dinheiro.

Na sua imaginação, Gabriel conseguia ver a cara de Julia enquanto defendia compassivamente o pedinte. Ela queria dar-lhe o dinheiro, mesmo que houvesse uma forte possibilidade de o homem o ir gastar em bebida.

Enquanto Gabriel olhava para o pedinte, que não estava em melhor condição do que estivera antes da generosidade de Julia, foi atingido pela percepção de que ela não teria hesitado em doar outra e outra vez. Teria dado moedas ao homem todos os dias, porque ela pensava que o ato de caridade nunca era desperdiçado. Teria vivido na esperança de que um dia o homem percebesse que alguém se preocupava com ele e tentasse obter ajuda. Julia sabia que a sua bondade a tornava vulnerável, mas era bondosa na mesma.

Gabriel depositou as notas na mão do homem e deu bruscamente meia-volta, os ecos da alegria e bênçãos do pedinte a soar nos seus ouvidos.

Não era merecedor de uma bênção. Não cometera um ato de caridade da maneira como Julianne o faria, por compaixão e bondade. Estava simplesmente a fazer justiça à sua memória, ou a comprar uma indulgência.

Quando tropeçou numa pedra da calçada, percebeu o que tinha de fazer.

No dia seguinte, tentou alugar a casa que partilhara com ela na Úmbria, mas já estava ocupada. Por isso, viajou para Assis, onde deu entrada num pequeno hotel discreto, que era de mobiliário simples e habitado por peregrinos.

Gabriel nunca se vira como um peregrino. Era demasiado orgulhoso para isso. No entanto, havia alguma coisa no ar de Assis que lhe permitiu dormir pacificamente. De facto, foi o melhor sono que teve desde que saíra dos braços de Julia.

Levantou-se cedo, na manhã seguinte, e dirigiu-se para a Basílica de São Francisco. Era um local de peregrinação para pessoas de todos os credos, nem que fosse pelos seus frescos medievais e a atmosfera tranquila que a caracterizavam. Deu por si a refazer os seus passos com Julianne antes do Natal. Levava-a à missa na *Basilica superiore*, ou parte superior da igreja, e até esperara pacientemente enquanto ela ia à confissão antes de a missa começar.

Enquanto vagueava pela igreja superior, a admirar as imagens e a beber do reconfortante silêncio do santuário, viu de relance uma mulher com longo cabelo castanho a desaparecer por uma porta. Intrigado, decidiu segui-la. Apesar da multidão de turistas e peregrinos, foi fácil reconhecê-la, e por isso começou a descer para a *Basilica inferiore*.

Depois ela desapareceu.

Perturbado, procurou por toda a igreja inferior. Foi apenas quando a sua busca se revelou infrutífera que lhe ocorreu descer ainda mais ao fundo das entranhas da basílica para o túmulo de São Francisco. Ali estava ela, ajoelhada na frente da cripta. Ele introduziu-se na última fileira de bancos e, por respeito, ajoelhou-se. Mas não conseguia tirar os olhos da mulher.

Não era Julianne. A jovem mulher na sua frente era um pouco mais larga de ancas e de ombros, e o seu cabelo era mais escuro. Mas era bela, e a sua beleza lembrou-o de quanto tinha perdido.

A sala era pequena e primitiva, um estudado contraste com a largueza da igreja superior, com os seus frescos elaborados. Gabriel não estava sozinho na sua opinião de que a simplicidade que fora a vida e missão de São Francisco se refletia mais fielmente na despresticiosa cripta. Foi com tais pensamentos em mente que Gabriel deu por si a encostar-se ao banco na sua frente e a baixar a cabeça. Antes de poder formar a intenção de o fazer, começou a rezar.

Ao princípio eram apenas palavras — desesperados murmúrios e confissões em surdina. À medida que o tempo passava, as suas orações tomaram um formato mais contrito, enquanto, sem ele se aperceber, a jovem mulher acendia uma vela e partia.

Se a vida de Gabriel fosse um filme, um velho e enrugado irmão franciscano ter-se-ia aproximado enquanto ele estava ajoelhado em oração e, ao ver o seu sofrimento, ter-lhe-ia mostrado compaixão, oferecendo orientação espiritual. Mas a vida de Gabriel não era um filme. Por isso, rezou sozinho.

Se alguém interrogasse Gabriel sobre o que acontecera na cripta, ele teria encolhido os ombros e ignorado a questão. Havia coisas que não podiam ser explicadas com palavras. Coisas que desafiavam a própria linguagem.

Mas houve um momento nas suas orações em que Gabriel se viu confrontado com a magnitude de todas as suas faltas, tanto morais como espirituais, enquanto, ao mesmo tempo, sentiu a presença d'Aquele que conhecia o estado da sua alma e o recebia na mesma. Ficou subitamente consciente do que a escritora Annie Dillard referiu uma vez como a “extravagância” da graça. Pensou no amor e perdão que fora prodigalizado sobre o mundo e, mais especificamente, sobre ele mesmo, através das vidas de

Grace e Richard.

E Julianne, a minha pequena folha de primavera.

O íman para o pecado descobria algo muito inesperado debaixo do chão da igreja superior. Quando saiu da basílica, estava mais decidido do que nunca a não regressar aos seus antigos hábitos.

Para Julia, o resto de abril foi um turbilhão de atividade. Havia revisões finais a fazer na sua tese, encontros com Katherine Picton e Nicole, e serões de sexta-feira a passar com Paul.

Katherine garantiu que a versão final de Julia estava isenta de erros e era algo de que se podia orgulhar. Depois telefonou a Cecilia Marinelli em Oxford para lhe pedir que olhasse por Julia em Harvard no outono.

Paul garantiu-lhe um estúdio em Cambridge para ela alugar. Julia começou a trabalhar numa lista de textos que Katherine sugerira que lesse em preparação para o seminário da professora Marinelli.

No final de abril, recebeu uma carta de aspeto muito oficial do Gabinete do Decano de Estudos Pós-Graduados. O professor Aras solicitava a sua comparência no gabinete dentro de uma semana. Assegurava-lhe que a reunião não tinha nada a ver com uma questão disciplinar, e declarava que o professor Martin também estaria presente.

Numa grande agitação, Julia atravessou o campus numa tarde de segunda-feira, com a sua mochila *L.L. Bean* bem agarrada contra o peito. Dava-lhe uma sensação de conforto, pelo facto de ter sido sua companheira durante quase um ano. Paul oferecera-se para a acompanhar, mas ela declinara, argumentando que precisava de enfrentar o decano sozinha. Ainda assim, ele abraçou-a e prometeu esperar por ela no seu Starbucks preferido.

— Obrigado por ter vindo, menina Mitchell. Como foi o seu semestre?

Julia olhou surpreendida para o decano Aras, no outro lado da secretária.

— Foi... interessante.

O decano anuiu, e os seus olhos viraram-se para o professor Martin.

— Eu sei que este ano académico foi complicado para si. Pedi para falar consigo simplesmente para saber se teve mais algum problema desde a audiência.

Julia olhou para os dois académicos, a estudá-los.

— Que espécie de problema?

— O decano Aras quer saber se o professor Emerson a incomodou de alguma forma depois da audiência. Ligou-lhe, ou contactou-a por *e-mail*? Tentou encontrar-se consigo? — O professor Martin parecia amigável, mas havia um tom subjacente na sua expressão que deixou Julia desconfiada.

— Que é que isso importa? Conseguiram o que queriam. Ele saiu da cidade.

A expressão do decano contraiu-se.

— Não estou a tentar julgar novamente o caso, menina Mitchell. Este encontro é uma cortesia, uma tentativa de verificar se conseguiu continuar a sua educação livre de interferência. Estamos a tentar determinar se o professor Emerson manteve a sua palavra e a deixou em paz.

— Recebi um *e-mail* dele alguns dias após a audiência. Dizia-me para parar de o contactar e que estava tudo acabado. Era isso que queriam ouvir, não era? — Ela não conseguiu conter o azedume na sua voz.

O professor Martin trocou um olhar eloquente com o decano.

— Tenho a certeza que ficou contente por poder pôr este assunto para trás das costas.

Julia ficou sentada em silêncio, sem se dar ao trabalho de responder.

— Pode ir. Parabéns por um ano de sucesso e parabéns por ter sido admitida em Harvard. Vemo-nos na formatura. — O decano fez um aceno com a mão a dispensá-la.

Ela pegou na sua mochila e encaminhou-se para a porta. Quando a sua mão se estendeu para a porta, parou e virou-se para encarar os dois professores.

Como era estranho, pensou ela, que aqueles dois homens, armados apenas com intelectos sólidos e roupeiros cheios de *tweed*, conseguissem deter tanto poder sobre o seu coração e a sua felicidade.

— Eu não lamento a minha relação com o professor Emerson, embora tenha terminado mal. Os dois senhores foram incrivelmente depreciativos e condescendentes comigo durante o processo inteiro. Compreendo a importância de proteger alguém que precise de proteção, mas as únicas pessoas de quem devia ter sido protegida era dos senhores.

Julia fez-lhes um olhar cauterizante e saiu do gabinete.

Gabriel permaneceu tanto tempo em Assis que se tornou parte da mobília da basílica. Todos os dias, passava uma longa hora sentado junto à cripta de São Francisco, a pensar. Por vezes rezava. Por vezes Deus parecia perto, e noutras parecia muito distante. Em todos os momentos, Gabriel desejava estar com Julia, embora começasse a perceber como fora imperfeita a sua relação — como ele quisera mudar os seus modos para ser digno dela quando, na verdade, devia ter mudado porque era um imbecil insuportável.

Estava a almoçar, um dia, no hotel, quando um compatriota americano meteu conversa com ele. O homem era um médico da Califórnia que estava a visitar Assis com a mulher e o filho adolescente.

— Amanhã vamos para Florença, onde contamos passar dois meses.

— A fazer o quê? — perguntou Gabriel, a observar o homem grisalho com curiosidade.

— Vamos ficar com os franciscanos. A minha esposa, que é enfermeira, e eu vamos trabalhar na clínica. O meu filho vai ficar a ajudar os sem-abrigo.

Gabriel franziu o sobrolho.

— Fazem isto como voluntários?

— Sim. Quisemos fazê-lo como família. — O homem fez uma pausa e olhou para Gabriel intensamente. — Gostaria de vir connosco? Os franciscanos agradecem sempre mais ajuda.

— Não — disse Gabriel, e espetou um pedaço de bife com determinação. — Não sou católico.

— Nós também não. Somos luteranos.

Gabriel olhou para o médico com interesse. O seu conhecimento dos luteranos era limitado quase exclusivamente aos escritos de Garrison Keillor. (Não que estivesse disposto a admiti-lo.)

O doutor sorriu.

— Quisemos fazer uma boa obra. E eu quis encorajar o meu filho a pensar para além de férias e jogos de computador.

— Obrigado pelo convite, mas tenho de declinar. — Gabriel foi firme na sua resposta, e por isso o médico mudou de assunto.

Mais tarde nessa noite, Gabriel ficou a olhar pela janela do seu simples quarto de hotel, a pensar, como sempre, em Julia.

Ela não teria dito que não. Ela teria ido.

Como sempre, foi recordado da distância entre a generosidade dela e o seu egoísmo. Uma distância que, mesmo depois de passar tantos meses ao seu

lado, não fora ainda transposta.

Duas semanas mais tarde, Gabriel estava na frente do monumento a Dante em Santa Croce. Juntara-se aos luteranos na sua viagem para Florença e tornara-se um dos mais incômodos voluntários dos franciscanos. Servia refeições aos pobres, mas ficara horrorizado pela qualidade da comida oferecida, por isso assinou um cheque para se contratar uma empresa de *catering* para fazer as refeições. Acompanhava os outros voluntários na distribuição de artigos de higiene pessoal e roupas limpas aos sem-abrigo, mas ficou tão perturbado com a falta de limpeza dos homens e mulheres que assinou um cheque para serem construídos balneários na missão franciscana.

Em suma, quando Gabriel completou a sua ronda a todos os aspetos do trabalho dos franciscanos com os pobres, já tinha conseguido mudar tudo e concordado em financiar pessoalmente as mudanças. Depois fez umas visitas a algumas famílias florentinas abastadas, que tinha conhecido através da sua vida académica, pedindo-lhes que apoiassem os franciscanos no seu trabalho de ajuda aos pobres de Florença. Os seus donativos assegurariam um constante fluxo de receitas pelos próximos anos.

Enquanto estava parado em frente ao monumento a Dante, foi assaltado por uma súbita sensação de semelhança com o seu poeta preferido. Dante fora exilado de Florença. Embora a cidade tivesse acabado por perdoá-lo e permitisse que fosse construído um monumento em sua honra na basílica, ele fora enterrado em Ravenna. Numa estranha reviravolta do destino, Gabriel sabia o que era ser exilado do seu trabalho, da sua cidade e da sua casa, pois os braços de Julianne seriam para sempre a sua casa. Embora se visse forçado ao exílio.

Os monumentos à sua volta recordavam-no da própria mortalidade. Se tivesse sorte, teria uma vida longa, mas muitas pessoas, como Grace, viam as suas vidas interrompidas. Podia ser atropelado por um carro, ou contrair cancro, ou ter um ataque cardíaco. De súbito, o seu tempo na terra pareceu-lhe muito curto e muito precioso.

Desde que saíra de Assis que tentava mitigar a sua culpa e solidão fazendo boas obras. O trabalho de voluntário para os franciscanos era certamente um passo nessa direção. Mas que dizer de resolver as coisas com Paulina? Era demasiado tarde para fazer as pazes com Grace, ou Maia, ou a sua mãe e pai biológicos.

E Julianne?

Gabriel ficou a olhar para a figura de uma mulher desesperada que se

debruçara sobre o que parecia ser o caixão de Dante. Aceitara o seu exílio, mas isso não significava ter de se refrear de lhe escrever carta atrás de carta, cartas que nunca enviou.

Os cemitérios possuíam uma quietude muito própria. Até os cemitérios localizados em agitados centros urbanos possuíam essa quietude — um silêncio misterioso que se agarra ao ar.

Ao caminhar pelo cemitério, Gabriel não conseguiu fingir que estava a passear por um parque. As árvores escassas que salpicavam a paisagem não palpitavam de aves a cantar. A relva, ainda que verde e muito bem tratada, não era animada por esquilos nem pelo ocasional coelho urbano, a brincar com os seus irmãos ou à procura de comida.

Viu os anjos de pedra à distância, as suas formas gêmeas de pé como altas sentinelas entre os outros monumentos. Eram feitos de mármore, não de granito, e a sua pele era branca, pálida e perfeita. Os anjos estavam virados de costas para ele, de asas bem abertas. Era-lhe mais fácil estar por trás do monumento. Não conseguia olhar para o nome gravado em pedra. Podia ficar ali para sempre, a alguns metros de distância, sem nunca se aproximar. Mas isso seria cobardia.

Inspirou profundamente, os seus olhos de safira firmemente fechados, e disse uma oração em silêncio. Depois deu meia-volta ao monumento e parou na frente da lápide.

Removeu um lenço do bolso das calças. Um observador poderia pensar que precisava dele para o suor ou para as lágrimas, mas enganar-se-ia. Ele debruçou-se para a frente e, com uma mão ligeira, passou o tecido branco sobre a pedra negra. A sujidade saiu facilmente. Precisaria de tratar das roseiras que tinham começado a entrelaçar-se sobre as letras. Tomou uma nota mental para contratar um jardineiro.

Depositou flores em frente à pedra, a sua boca a mover-se como se sussurrasse. Mas não. A sepultura, claro, estava vazia.

Uma lágrima ou duas toldaram-lhe a visão, seguidas pelas suas irmãs, e em breve tinha a face molhada com a sua chuva. Não se deu ao trabalho de as limpar, mas ergueu o rosto para fitar os anjos, as almas de silenciosa compaixão de mármore.

Pediu perdão. Expressou a sua culpa, uma culpa que sabia ter de sofrer o resto da sua vida. Não pediu que o seu fardo fosse removido, pois ele parecia-lhe fazer parte das consequências das suas ações. Ou antes, as consequências do que não conseguira fazer por uma mãe e a filha de ambos.

Levou a mão ao bolso para pegar no telemóvel e ligou um número na memória do seu *iPhone*.

— Estou?

— Paulina. Preciso de falar contigo.

O pai de Julia insistiu em estar presente na sua cerimónia de formatura e recusou-se a permitir que Paul fizesse a mudança sozinho. Tom pagou a caução e a renda do apartamento para o verão. E foi Tom quem voou para Toronto para poder ver a sua única filha obter o grau de mestre a onze de junho.

Com um simples vestido preto e sapatos elegantes, Julia deixou Paul e Tom nos degraus do Convocation Hall enquanto ia alinhar com todos os outros estudantes de pós-graduação.

Tom gostou de Paul. Bastante.

Paul tinha um ar franco e um firme aperto de mão. Olhou Tom diretamente nos olhos quando falaram. E ofereceu a sua assistência para a mudança de Julia para Cambridge, incluindo a acomodação na quinta da sua família em Burlington, mesmo depois de Tom insistir que podia mudar a sua filha sozinho. Ao jantar na véspera da formatura, Tom sugeriu à filha que Paul seria uma escolha óbvia para um novo interesse amoroso, mas Julia fingiu não o ter ouvido.

À medida que os estudantes enchiam o salão, Julia não conseguiu deixar de percorrer a audiência com o olhar, à procura de Gabriel. Com tantas pessoas, era improvável conseguir vê-lo, mesmo que estivesse presente. Contudo, quando observou a secção onde estavam os professores, localizou facilmente Katherine Picton, vestida com as suas vestes oxonianas. Se os professores estavam ordenados alfabeticamente, e pareciam estar, Julia conseguia adivinhar onde Gabriel estaria sentado, vestido com o carmesim de Harvard. Mas não estava.

Quando chamaram o nome de Julia, foi Katherine que ascendeu ao palco em passos lentos mas firmes para colocar a Julia o capuz de um *magister*. Foi Katherine que lhe apertou a mão profissionalmente, lhe desejou sucesso em Harvard, e lhe entregou o diploma.

Mais tarde nessa noite, após um jantar de celebração com Paul e Tom num restaurante local, Julia encontrou uma mensagem nova no seu telemóvel. Era de Rachel.

«Parabéns, Julia! Beijos de todos, temos presentes para ti. Obrigada por nos enviares a tua nova morada em Cambridge. Vou mandar-te tudo por correio e garantir que chegue depois de ti. Envio-te também o teu vestido de dama de honor.

»O papá marcou-te o voo de Boston para Filadélfia para vinte e um de

agosto. Espero que esteja bem para ti. Ele quis pagar, e sei que estavas a planear vir uma semana antes.

»Ainda não tive notícias do Gabriel. Espero que tenha estado na tua formatura, mas, se não esteve, talvez consigam resolver tudo no casamento. Nem quero imaginar que ele possa faltar. Supostamente, é o padrinho, e nem sequer tenho as medidas para o seu smoking!«

Um certo especialista em Dante de olhos azuis leu o poema de T.S. Eliot, *Ash Wednesday*, antes de fazer as suas orações noturnas. Estava sozinho, e, contudo, não estava sozinho.

Ao olhar para a fotografia na sua mesa de cabeceira, pensou na formatura dela. Como devia estar bonita e orgulhosa com as suas vestes. Com um suspiro, fechou o livro de poesia e apagou a luz.

Na escuridão do seu antigo quarto na antiga casa dos Clark, refletiu sobre as semanas anteriores. Saíra de Itália e viajara para Boston e o Minnesota. Prometera aos franciscanos que regressaria, pois eles tinham dito (sabidamente) que prezavam mais a sua presença que os seus donativos. Com esse pensamento em mente, fechou os olhos.

— Gabriel, são horas de levantar.

Com um grunhido, manteve os olhos fechados, esperando que a voz desaparecesse. O sono era pacífico, e precisava dele.

— Anda lá. Eu sei que estás acordado. — A voz riu suavemente, e ele sentiu o colchão afundar-se ao lado das suas pernas.

Abriu os olhos e viu a mãe adotiva sentada na berma da cama.

— Está na hora de ir para a escola? — perguntou ele, a esfregar os olhos para afugentar o sono.

Grace riu-se novamente, o som ligeiro e airoso como música.

— Estás um bocadinho crescido de mais para ir para a escola, pelo menos como aluno.

Ele olhou em volta, confuso. Depois sentou-se.

Ela sorriu-lhe calorosamente e estendeu-lhe a mão. Ele saboreou a sensação da mão suave da mãe na sua antes de a apertar.

— O que se passa? — Grace fez-lhe um olhar surpreendido mas amável, enquanto ele lhe prendia a mão entre as suas.

— Nunca me despedi. Não consegui dizer-te... — Ele fez uma pausa e inspirou rapidamente. — Que te adoro.

— Uma mãe sabe essas coisas, Gabriel. Eu sempre soube.

Ele foi momentaneamente esmagado por uma vaga de emoção e puxou-a contra si num abraço.

— Não sabia que estavas doente. A Rachel disse-me que estavas a

melhorar. Devia ter lá estado.

Grace deu-lhe uma palmadinha nas costas.

— Quero que pares de te culpar por tudo. Tomaste a melhor decisão que podias tomar com a informação que tinhas na altura. Ninguém espera que sejas omnisciente... nem perfeito.

Ela recuou para lhe poder ver o rosto.

— E tu também não devias esperar isso de ti mesmo. Eu amo todos os meus filhos, mas tu foste a minha dádiva de Deus. Sempre foste especial.

Mãe e filho passaram um momento em silenciosa comunhão antes de ela se levantar e alisar o vestido.

— Há uma pessoa que te quero apresentar.

Gabriel limpou os olhos, atirou os cobertores para trás e lançou as pernas cobertas de flanela para o chão. Levantou-se e tentou pentear o cabelo, esquecendo-se momentaneamente que estava sem camisa. Grace foi para o corredor e voltou com o braço em volta de uma jovem mulher.

Gabriel observou-a.

A mulher era nova, embora parecesse não ter idade. O seu cabelo era comprido e louro, o seu rosto de um branco imaculado, e era magra e alta. Os seus olhos pareciam-lhe familiares. Brilhantes olhos azuis como safiras encontraram os seus, acompanhados com um grande sorriso cor-de-rosa.

Gabriel dirigiu um olhar interrogador a Grace.

— Vou deixar-vos conversar — disse ela, e desapareceu.

— Sou o Gabriel. — Ele sorriu educadamente e estendeu a mão.

Ela aceitou-a, sorrindo, satisfeita, em resposta.

— Eu sei. — A voz dela era suave e muito doce. Fez lembrar a Gabriel um sininho.

— E tu és?

— Queria conhecer-te. A Grace contou-me como eras em criança, e falou-me sobre o teu trabalho de professor. Também gosto de Dante. É muito engraçado.

Gabriel anuiu, sem compreender muito bem.

A jovem mulher olhou para ele com um ar anelante.

— Falas-me dela?

— De quem?

— Da Paulina?

Gabriel ficou tenso, e os seus olhos semicerraram-se desconfiadamente.

— Porquê?

— Nunca a conheci.

Ele esfregou os olhos com as mãos.

— Ela foi visitar a família no Minnesota, para tentar reconciliar-se com

eles.

— Eu sei. Ela está feliz.

— Então porque perguntas?

— Quero saber como ela é.

Ele levou um momento a construir cuidadosamente o que havia de dizer.

— É atraente e esperta. É teimosa. Fala várias línguas e cozinha bem. —

Ele soltou uma risadinha. — Mas não é especialmente musical. É incapaz de cantar afinadamente seja o que for.

A jovem mulher riu-se.

— Já ouvi dizer. — Olhou para Gabriel com curiosidade. — Amava-la?

Ele desviou o olhar.

— Acho que a amo, ainda, de certa maneira. Éramos amigos ao princípio, quando a conheci em Oxford.

A jovem anuiu e virou a cabeça, como se alguém a estivesse a chamar do corredor. Depois olhou de novo para Gabriel.

— Fico contente por te ter conhecido. Não foi possível antes. Mas hei de voltar a encontrar-te. — Ela sorriu e encaminhou-se para a porta.

Gabriel seguiu-a.

— Não ouvi o teu nome.

Ela olhou-o com uma expressão de expectativa.

— Não me reconheces?

— Não. Lamento. Embora os teus olhos me pareçam familiares...

Ela riu-se e Gabriel sorriu, pois o riso dela era contagioso.

— Claro que os meus olhos te parecem familiares; são teus.

O sorriso de Gabriel desapareceu-lhe do rosto.

— Não me conheces? — Ela parecia surpreendida.

Ele abanou a cabeça.

— Sou a Maia.

A expressão dele imobilizou-se. Depois, à medida que os segundos passavam, foi sendo assaltado por várias emoções diferentes, como nuvens a flutuar pelo céu num dia de verão.

Ela apontou para a tatuagem no peitoral esquerdo dele.

— Não tinhas de fazer isso. — Inclinou-se para a frente, e sussurrou num tom conspiratório: — Eu sei que me amavas.

»Sou feliz aqui. Há tanta luz e esperança e amor. E é tudo tão belo.

A rapariga deu-lhe um beijo no rosto, o seu toque demorando-se apenas por um segundo, antes de o deixar para atravessar o corredor.

Tom estava à porta do apartamento da filha no dia a seguir à formatura, com uma t-shirt cinzenta com a palavra *Harvard* gravada no peito.

— Pai? — O tom de Julia era uma pergunta.

— Estou tão orgulhoso de ti — disse ele bruscamente, envolvendo-a num abraço.

Pai e filha partilharam um momento de silêncio no alpendre do edifício de Julia antes de ouvirem alguém subir os degraus atrás deles.

— Eeh, bom-dia. Trouxe o pequeno-almoço. — Paul mostrou uma bandeja contendo três cafés e alguns *donuts* da Tim Horton's. Parecia algo embaraçado por se ter intrometido entre os Mitchell, mas foi recebido com um aperto de mão de Tom e um abraço de Julia.

O trio partilhou o pequeno-almoço à mesa articulada de Julia e depois os dois homens começaram a planear a melhor maneira de embalar todas as coisas dela para a mudança. Por sorte, Paul persuadira Sarah, que ia alugar o apartamento a Julia, a deixá-la mudar para o apartamento de Cambridge a quinze de junho.

— Hmm, a Katherine Picton convidou-me para almoçar hoje. Mas não tenho de ir. — Julia falou rapidamente. Não queria deixar Tom e Paul a trabalhar enquanto ela ia fazer uma visita social.

— Não tens muitas coisas, Jules. — Tom avaliou rapidamente o conteúdo do apartamento. — Deixamos-te arrumar as tuas roupas enquanto começamos com os livros. De certeza que estaremos quase a terminar quando tiveres de sair para ir ter com a tua professora. — Ele sorriu e despenteou-lhe o cabelo com a mão antes de desaparecer na casa de banho, deixando Paul e Julia sozinhos.

— Não tens de fazer isto. Eu e o pai conseguimos arranjar-nos.

Paul franziu o sobrolho.

— Quando é que vais aceitar o facto de que estou aqui porque quero? Eu não me vou embora, Julia, não quando tenho uma razão para ficar.

Julia contraiu-se desconfortavelmente, e os seus olhos fixaram-se num instante no café na sua frente.

— Se a professora Picton te convocou, é porque quer falar contigo. É melhor ires. — Paul apertou a mão de Julia ligeiramente. — O teu pai e eu tratamos das coisas por aqui.

Havia algumas coisas íntimas que Julia não queria que o pai ou Paul vissem, por isso escondeu-as na sua mochila *L.L. Bean*. Os artigos não eram aqueles que se poderia esperar que uma jovem mulher escondesse do pai — um diário, brincos de diamantes e alguns artigos relacionados com as suas sessões de terapia.

Nicole ficara satisfeita com o progresso de Julia e, quando concluíram a sua sessão final, deu-lhe o nome e contacto de uma psicóloga perto de Harvard. Nicole não só tinha ajudado Julia a ultrapassar os seus problemas como queria passá-la para outras mãos capazes que a ajudariam nos próximos passos da sua viagem.

Julia colocou um vestido e sandálias modestas para a casa da professora Picton, pensando que um convite para almoçar pedia roupa atraente. Levava a mochila pendurada num dos ombros e uma lata do que lhe foi dito ser um muito bom chá *Darjeeling*, que adquirira para lhe oferecer. Tanto ela como o seu *Darjeeling* foram recebidos com a típica contenção Pictoniana e imediatamente conduzidos para a sala de jantar, onde Julia e a professora saborearam um almoço muito agradável de salada de gambas, sopa fria de pepino e um bom *Sauvignon blanc*.

— Como vai a sua lista de leituras? — perguntou Katherine, a olhá-la por cima da sopa.

— Lenta mas segura. Estou a ler os textos que sugeriu, mas só há pouco comecei.

— A professora Marinelli está desejosa de a conhecer. Seria bom para si ir apresentar-se quando ela chegar a Cambridge.

— Farei isso. E obrigada.

— Seria benéfico para si conhecer os outros especialistas em Dante na área, especialmente na Universidade de Boston. — Katherine sorriu com sagacidade. — Embora tenha a certeza que as circunstâncias farão com que acabe por conhecê-los, com o tempo. Mas, se isso não acontecer, prometa-me que passa pelo Departamento de Estudos Românicos da universidade antes de setembro.

— Prometo. Obrigada. Não sei o que teria feito... — A voz de Julia desvaneceu-se, enquanto ela se debatia com as emoções.

Surpreendentemente, Katherine estendeu a mão por cima da mesa e deu uma palmadinha na de Julia. Tocou-lhe de forma pouco à vontade, como uma distinta professora tocaria na cabeça de uma criança a chorar, mas não sem sentimento.

— Formou-se com distinção. A sua tese é sólida e pode formar a base do

que será uma ótima dissertação. Observarei a sua carreira com interesse. E penso que será muito feliz em Cambridge.

— Obrigada.

Quando estava na hora de partir, Julia tencionava apertar a mão de Katherine, mas ficou surpreendida quando ela a puxou para um abraço contido mas caloroso.

— Foi uma boa aluna. Agora vá para Harvard e deixe-me orgulhosa. E mande-me um *e-mail* de vez em quando, para me dizer como está. — Katherine recuou e olhou fixamente para Julia. — É muito possível que vá dar uma conferência em Boston no outono. Espero que nos encontremos.

Julia anuiu a sua concordância.

Enquanto caminhava para o seu pequeno estúdio na Madison Avenue, olhou, maravilhada, para o presente que a professora Picton depositara nas suas mãos. Era uma edição antiga, usada e rara, da *Vita Nuova* de Dante que pertencera a Dorothy L. Sayers, amiga da orientadora de dissertação de Katherine em Oxford. Continha as notas de margem de Sayers, escritas pelo seu próprio punho. Julia iria guardá-la para sempre.

Independentemente do que Gabriel fizera, convencer Katherine Picton a ser sua orientadora de tese fora um presente tão grande que ela estaria para sempre em dívida com ele.

O amor é fazer uma coisa boa por alguém sem esperar receber nada em troca, pensou ela.

Na manhã seguinte, Julia, Tom e Paul carregaram tudo na carrinha de mudanças e viajaram oito horas até à quinta dos Norris, que se localizava na periferia de Burlington, Vermont. Os Mitchell foram calorosamente recebidos e persuadidos a ficar mais alguns dias, para que Ted Norris, o pai de Paul, pudesse levar Tom à pesca.

Julia duvidava que qualquer outro engodo tivesse atrasado o rigoroso calendário do pai, mas isso foi antes de qualquer um deles ter experimentado a comida de Louise Norris. A mãe de Paul era uma cozinheira excelente, e tudo naquela mesa, incluindo o mais simples *donut*, era caseiro. O estômago de Tom estava apaixonado.

A quinze de junho, na véspera da partida dos Mitchell para Cambridge, Paul não conseguia dormir. O pai tinha-o ido chamar à cama, bem depois da meia-noite, por causa de uma emergência bovina. Quando a crise foi solucionada, estava demasiado agitado para voltar para a cama.

Tinha duas mulheres na cabeça. Allison, a ex-namorada, aparecera para

uma visita quando ele chegara com Julia, dois dias antes. Continuavam amigos, por isso o gesto fora bem-intencionado, mas Paul sabia que parte da sua razão para ali estar era o facto de ela querer avaliar Julia. Ele falara-lhe de Julia no Natal, por isso Allison estava mais do que consciente da presença de Julia na sua vida e da sua afeição por ela. Uma afeição que ele tinha de admitir não ser correspondida, pelo menos naquela altura.

Ainda assim, Allison fora amigável com Julia e, claro, esta fora como sempre, tímida mas encantadora. Era desconfortável para Paul ver o seu passado e o seu potencial futuro a conversarem, enquanto ele procurava arranjar qualquer coisa para dizer.

Quando Allison lhe ligara para o telemóvel nessa noite, antes de se ir deitar, e lhe dissera que Julia era amorosa, ele não soubera como responder. Claro que nutria sentimentos por Allison. Tinham vivido uma longa e boa história de amizade, antes de começarem a namorar. Continuava a amá-la. Mas fora ela que terminara o relacionamento. Ele mudara-se e conhecera Julia. Porque deveria sentir-se culpado?

Enquanto Paul contemplava a sua muito complexa (ainda que, simultaneamente, não existente) vida amorosa, Julia debatia-se com uma insónia. Quando, finalmente, se fartou de se revirar na cama, decidiu escapular-se do sótão que ocupava e ir beber um copo de leite.

Encontrou Paul sentado sozinho na grande mesa rústica, a comer um considerável prato de gelado.

— Olá. — O amigo avaliou o seu aspeto com um olhar rápido mas apreciativo.

Julia aproximou-se, com uma velha t-shirt da escola secundária de Selinsgrove e um par de calções de corrida que tinha *St. Joe's* atrevidamente bordado no traseiro.

(Aos olhos de Paul, ela era Helena de Troia em roupa desportiva.)

— Também não consegues dormir? — Ela puxou uma cadeira para se sentar ao lado do colega.

— O meu pai teve um problema com uma das vacas. *Heath Bar Crunch?*
— Ele encheu uma grande colher com gelado *Ben and Jerry* e passou-lha.

Era o seu sabor preferido. Ela retirou-lhe suavemente a colher da mão.

— Mmmmmm — gemeu, de olhos fechados. Abriu os olhos e devolveu-lha, resistindo à tentação de a lambar.

Paul pousou a colher na tigela e levantou-se. Ela pestanejou e recuou instintivamente na cadeira.

— Julia — sussurrou ele, fazendo-a pôr-se pé. Puxou-lhe o cabelo para trás dos ombros, reparando que ela não estremecia com o seu toque. A parte superior dos seus corpos roçava uma na outra. Olhou-a nos olhos com uma

expressão de quente intensidade. — Eu não quero dizer adeus.

O rosto dela enrugou-se num sorriso.

— Não vamos dizer adeus. Vamos falar ao telefone, comunicar por *e-mail*. Se fores a Boston, podemos encontrar-nos.

— Acho que não compreendes.

Julia libertou o pulso da mão de Paul e recuou um passo.

— É por causa da Allison, não é? Eu não quero criar problemas entre os dois. O papá e eu podemos fazer a viagem sozinhos.

Ela esperou pacientemente pela resposta dele, mas, em vez de se mostrar aliviado, Paul parecia debater-se com um conflito.

— Isto não tem nada a ver com a Allison.

— Não?

— Tens mesmo de me perguntar isso? — Ele deu outro passo na direção dela. — Não sabes?

Receando a rejeição, ergueu as mãos lentamente e levou-lhas ao rosto. As finas feições dela estavam rodeadas pelas suas mãos grandes. Ele segurava-a ternamente, receoso por uma tal fragilidade, e começou a acariciar-lhe o rosto com os polegares, muito devagar.

Julia desviou os olhos dos dele.

— Paul, eu...

— Deixa-me dizer isto — interrompeu ele energicamente. — Só por uma vez, deixa-me dizer-te o que sinto. — Ele inspirou e esperou que ela voltasse a olhá-lo nos olhos antes de falar. — *Eu estou apaixonado por ti*. Não me quero separar de ti, porque te amo. A ideia de ter de te deixar em Cambridge está a deixar-me desfeito.

Julia inspirou lentamente e começou a abanar a cabeça.

— Ouve-me só. Eu sei que não estás apaixonada por mim. Sei que é demasiado cedo. Mas achas que poderias ficar... com o tempo?

Ela fechou os olhos. A sua mente acelerou para imaginar um futuro que nunca considerara previamente — um cruzamento de possibilidades. Pensou em como seria amar Paul, ser abraçada e beijada por ele, ser levada para a sua cama no andar de cima e fazer amor com ele, suave e docemente. Pois sabia que, acima de tudo, Paul seria doce.

Queria casar, claro, e ter filhos. Mas ficaria orgulhoso da carreira académica dela, e apoiá-la-ia.

Deu por si a ver sem repulsa estas imagens, pois eram boas. Poderia ter uma vida satisfeita, com um homem decente que nunca lhe fizera mal e que, sabia-o, provavelmente nunca feriria os seus sentimentos enquanto vivesse. Poderia ter uma boa vida com ele.

Paul ergueu-lhe o queixo, ela abriu os olhos.

— Não vai haver dramas, nem discussões, nem ex-namoradas como a professora Tortura. Vou tratar-te com respeito e nunca, nunca, te deixarei.

»Escolhe-me a mim — sussurrou-lhe, os seus olhos profundos e intensos.
— Escolhe-me a mim, e eu vou dar-te uma vida feliz. Nunca terás de voltar a adormecer a chorar.

As lágrimas começaram a correr pela face de Julia. Sabia que o que ele estava a dizer era verdade. Mas saber a verdade e querer a verdade eram duas coisas muito diferentes.

— Eu não sou como ele. Não sou um inferno que arde com força e se apaga. Sou constante. Contive-me porque sabia que só querias que fôssemos amigos. Mas, só por uma vez, gostava de te poder mostrar o que sinto sem ter de me conter.

Ele interpretou o silêncio dela como aquiescência e envolveu-a com os braços. Baixou a cabeça para que os seus lábios se encontrassem, e verteu toda a sua paixão e amor por ela num único beijo. A boca de Paul era quente e convidativa. O que começou como um contacto suave tornou-se rapidamente urgente de desejo.

Com uma decisão súbita, ela abriu-se para ele, timidamente, e sentiu a língua dele ir ao encontro da sua, as mãos dele a penetrarem-lhe o cabelo. Não havia dominação, nem o estabelecimento de limites, nada de esmagador ou grosseiro.

Paul beijou-a o máximo de tempo possível sem se tornar obsceno, depois diminuiu lentamente a pressão dos seus lábios sobre os dela, e levou-lhos ao ouvido.

— Eu amo-te, Julia. Diz que queres ser minha. Não te vais arrepender.

Julia apertou os braços em volta dele, enquanto as lágrimas continuavam a cair.

Ao pequeno-almoço da manhã seguinte, Louise Norris olhava com preocupação para o filho e a jovem mulher que ele amava. O marido, Ted, tentava manter as honras da conversa tagarelando sobre a vaca doente que tivera de tratar na noite anterior. Tom tentava enfiar um *donut* caseiro na boca sem parecer um bárbaro, e falhou. Depois do pequeno-almoço, a cozinha esvaziou-se como um galeão cheio de ratazanas a atracar em novo porto, deixando Paul e Julia sentados frente a frente, cada um concentrado na sua chávena de café e a evitar os olhos do outro.

Julia quebrou o silêncio.

— Tenho muita pena.

— Eu também.

Ela mordeu o lábio enquanto os seus olhos se voltavam rapidamente para os dele, a perguntar-se se Paul estaria zangado ou amargo. Ou ambas as coisas.

Mas não estava. Os seus olhos escuros continuavam cheios de bondade, mas ele parecia derrotado.

— Eu tinha de tentar, sabes? Não queria ficar à espera até encontrares outra pessoa. Mas não voltarei a falar do assunto. — Ele franziu os lábios e uma expressão resignada passou-lhe pelo rosto. — Não precisas de ter medo que eu te faça passar por algum embaraço.

Julia debruçou-se sobre a mesa e agarrou-lhe na mão.

— Não fiquei embaraçada. Eu sei que teríamos uma boa vida juntos. Também gosto muito de ti. Mas tu mereces mais do que isso. Mereces ter uma vida com alguém que te ame da mesma maneira.

Paul libertou a mão e foi-se embora.

— Queres explicar porque é que ele está tão calado? — Tom virou-se para Julia enquanto esperavam que Paul regressasse da casa de banho numa bomba de gasolina em New Hampshire.

— Porque quer mais do que eu lhe posso dar.

Tom olhou fixamente para qualquer coisa à distância.

— Ele parece ser um bom homem. Vem de uma boa família. Qual é o problema? Tens alguma coisa contra vacas?

Ele estava a tentar fazê-la rir, mas teve o efeito oposto. Ergueu

rapidamente as mãos num gesto de rendição.

— Que é que eu sei do assunto? Também pensei que o filho do senador era um bom namorado para ti. Por isso acho que sou só um idiota.

Antes que Julia pudesse discordar, Paul regressou à carrinha das mudanças, terminando a conversa franca entre pai e filha.

Dois dias depois, Julia estava à porta do seu novo edifício, a dizer adeus a Paul e a sentir-se pior do que quando o rejeitara na cozinha dos seus pais. Ele não se mostrara frio, nem rude, nem ressentido. Não se esquivara a quaisquer responsabilidades em termos de condução desde o Vermont até Cambridge, nem a descarregar as coisas de Julia.

Dera-se até ao trabalho de marcar para ela uma entrevista de emprego no moderno café do outro lado da rua. A anterior ocupante do apartamento acabara de desistir do seu trabalho ali. Paul esperava que Julia a pudesse substituir, sabendo que ela precisava do dinheiro.

Dormira no chão no pequeno apartamento de Julia e nunca se queixara. Fora perfeito, na verdade. E isso fizera Julia quase sentir que devia mudar de ideias.

Seria mais seguro, mais fácil, escolher Paul. O seu coração sararia com ele. Mas, ao escolher Paul, estaria a contentar-se com o bom, e não com o excecional. E, mesmo que o excecional lhe fugisse o resto da sua vida, seria melhor, pensou, viver a vida de uma Katherine Picton, do que ser como a sua mãe. Casar com um bom homem sem o amar apaixonada e totalmente serviria apenas para o enganar a ele e a si mesma. E não era assim tão egoísta.

— Adeus. — Ele abraçou-a com força e soltou-a, observando cuidadosamente a sua expressão. Talvez tentasse ver se ela mudara de ideias.

— Adeus. Obrigada por tudo. Não sei o que teria feito sem ti, durante todos estes meses.

Ele encolheu os ombros.

— É para isso que servem os amigos.

Paul viu os olhos dela encherem-se de lágrimas e fez-lhe uma expressão muito preocupada.

— Ainda somos amigos, não somos?

— Claro que somos. — Julia fungou. — Foste um ótimo amigo para mim, e espero que o continuemos a ser, mesmo que... — Ela não terminou a frase, e Paul anuiu, como se estivesse grato por isso.

Com muita hesitação, estendeu a mão para lhe acariciar a face uma última vez. Depois dirigiu-se para o carro, onde o seu amigo Patrick o esperava.

Patrick ia levá-lo de volta para o Vermont.

De súbito, Paul parou. Deu meia-volta e regressou para junto de Julia, nervosamente.

— Não queria mencionar isto na frente do teu pai, por isso estava à espera que ele se fosse embora. Depois pensei que talvez fosse melhor não dizer mesmo nada. — Paul desviou o olhar para a Mount Auburn Street, aparentemente a debater-se com alguma coisa.

— O que foi?

Ele abanou a cabeça e virou-se para ela.

— Ontem recebi um *e-mail* do professor Martin.

Julia olhou para ele, surpreendida.

— O Emerson demitiu-se.

— O quê? — Ela pôs uma mão de cada lado da cabeça enquanto tentava concentrar-se na enormidade do que Paul lhe estava a dizer. — Quando?

— Não sei. Ele concordou em continuar a orientar a minha dissertação, embora se vá embora. Pelo menos, foi o que o Martin disse. Ainda não recebi uma palavra do Emerson.

Paul reparou na pose agitada de Julia e pôs-lhe rapidamente um braço em volta dos ombros.

— Não queria inquietar-te, mas pensei que devias saber. O departamento começou à procura de um substituto, e de certeza que vão recrutar em Harvard. Sabia que ias ouvir falar do assunto. Pensei que seria melhor se soubesses por mim.

Julia anuiu, hirta.

— Para onde é que ele vai?

— Não faço ideia. O Martin foi muito contido sobre todo o assunto. Acho que ficou lixado. Depois de toda a merda que o Emerson fez o departamento passar, decide demitir-se.

Julia abraçou abstraidamente Paul em despedida e entrou no seu apartamento novo para poder pensar. Nessa noite, ligou a Rachel. Quando foi recebida pelo atendedor de chamadas, considerou telefonar a Richard, mas não queria incomodá-lo. Sabia que Scott não devia ter nenhuma informação privilegiada a respeito do paradeiro de Gabriel.

Por isso, deixou algumas mensagens no telemóvel de Rachel ao longo dos dias seguintes e depois ficou à espera. Rachel nunca respondeu.

À medida que os dias de junho iam passando, Julia começou a trabalhar em *part-time* no café Peet's, que se localizava numa casa remodelada de três andares do outro lado da rua. Uma vez que Tom cobrira as despesas de aluguer e mudanças e exigira que ela aceitasse algum do lucro da venda da casa de Selinsgrove, Julia poderia viver simples mas confortavelmente com o

seu emprego e as poupanças até começar a receber a bolsa, no final de agosto.

Marcou rapidamente uma sessão com a psicóloga que Nicole lhe recomendara e começou a encontrar-se com a doutora Margaret Walters numa base semanal. Quando não estava a aprender as regras do comércio de café e a encantar os cidadãos de Harvard Square, seguia as instruções de Katherine Picton; assim, apresentou-se a Greg Matthews, o diretor do seu novo departamento.

O professor Matthews recebeu-a calorosamente e passaram quase uma hora a discutir o seu interesse comum em Dante. Ele mencionou que Cecilia Marinelli chegaria de Oxford na semana seguinte e sugeriu que Julia aparecesse numa receção que seria oferecida em honra da professora. Julia aceitou o convite com agrado. Depois dirigiu-se à sala de convívio dos alunos de pós-graduação e apresentou-se a um grupo de estudantes antes de se retirar educadamente.

Duas das estudantes foram cordiais mas não particularmente amigáveis. A terceira, Zsuzsa, que era húngara, recebeu Julia imediatamente. Disse-lhe que um grupo de colegas costumava encontrar-se para beber uns copos todas as quartas-feiras no Grendel's Den, um pub local com vista para Winthrop Park. Aparentemente, o Grendel's tinha um belo pátio e uma lista de cervejas excecional. Julia prometeu encontrar-se com Zsuzsa ali na noite de quarta seguinte, e as duas mulheres trocaram endereços de *e-mail*.

Apesar da timidez geral de Julia, um traço de carácter que ela nunca perderia completamente, integrou-se no ambiente de Harvard como uma mão numa luva. Conheceu um guia local chamado Ari que lhe deu uma visão geral do *campus*, biblioteca e escola. Pediu um cartão da biblioteca para usar antes da matrícula, que seria em agosto.

Julia aparecia de vez em quando na sala de convívio dos estudantes de pós-graduação para se encontrar com Zsuzsa e para aprender mais sobre a atmosfera do departamento. E passava longas horas na biblioteca, à procura de livros que precisaria de ler nesse verão. Ao explorar as redondezas, encontrou uma mercearia e um banco, e declarou um restaurante tailandês que ficava mesmo ao fundo da sua rua como o seu novo local favorito para comer.

Por isso, quando Rachel lhe ligou, a vinte e seis de junho, Julia estava completamente instalada na sua nova vida e feliz. Quase.

Julia estava entre clientes quando Rachel lhe ligou para o telemóvel, por isso pediu a um dos colegas que a substituísse e saiu para o relvado em frente à loja para não incomodar ninguém.

— Rachel, como estás?

— Estamos bem! Desculpa ter demorado tanto a falar contigo. Um sacana qualquer roubou-me o telefone e tive de comprar um novo. Depois tive

de ouvir todas as mensagens, a começar com as que estavam relacionadas com o casamento e...

Julia cerrou os dentes ligeiramente enquanto esperava que Rachel parasse para respirar, para ela poder virar a conversa numa direção completamente diferente. Em dois ou três parágrafos, a sua paciência foi recompensada.

— O Gabriel despediu-se do emprego.

— O quê? — quase gritou Rachel. — Como é que sabes?

— Um amigo meu era assistente dele em Toronto.

— Isso explica tudo — disse Rachel.

— Explica o quê?

— O Gabriel vendeu o apartamento. Mandou um *e-mail* ao meu pai a dizer que se ia mudar e que tem estado em hotéis enquanto procura uma casa.

Julia encostou-se ao velho e enrugado carvalho que se erguia em frente ao Peet's.

— Disse onde é que andava à procura?

— Não. Só que tinha contratado uma empresa para lhe arrumar as coisas e pô-las num armazém. Mas, se se demitiu...

— Está no processo de demissão.

— Então devias ligar-lhe! Julia, é o momento perfeito. Tens de lhe ligar.

Julia cerrou os dentes.

— Não.

— Porque não?

— Foi ele que acabou comigo, lembras-te? Não vou ser eu a resolver isto... assumindo que pode ser resolvido.

Rachel ficou muito calada por um momento.

— Não estou a sugerir que devas varrer o que quer que tenha acontecido para debaixo do tapete. Mas espero que vocês possam conversar sobre o que se passou. O meu irmão precisa de saber o que sentes de tudo isto e o que te aconteceu depois de ele se ir embora. E, francamente, também precisa de te dar alguma explicação. Deve-te isso. Depois podes mandá-lo dar uma curva, se for isso que tu queres realmente.

Julia fechou os olhos com força quando foi inundada por uma vaga de dor. A ideia de ver Gabriel — e de ouvir a sua explicação — magoava-a fisicamente.

— Não sei muito bem se o meu coração conseguirá sobreviver à explicação.

Julia enterrou-se em trabalho nos dias seguintes, preparando-se para a sua apresentação à professora Marinelli. Uma vez que a professora era a convidada de honra na sumptuosa receção onde se conheceram, a sua conversa foi curta, mas um sucesso. A professora Marinelli ainda estava a instalar-se na sua nova casa, mas reconheceu o nome de Julia graças à recomendação da professora Picton e sugeriu que se encontrassem para um café em julho.

Julia voltou para casa numa brisa de otimismo. Estava tão feliz que decidiu que chegara finalmente a hora de iniciar um projeto que tinha andado a evitar — desempacotar os livros e ordená-los em prateleiras no seu pequeno apartamento. Até àquela noite, usufruíra das bibliotecas de Harvard. Mas, todos os dias, a coleção de caixas desafiava-a, e por isso decidiu que estava, por fim, na altura de as organizar. O processo levou mais tempo do que previra. Terminou cerca de um terço das caixas naquela noite, antes de ir ao restaurante tailandês e encomendar comida para levar.

Dois dias depois, Julia estava na última caixa. Após um agradável encontro com Zsuzsa e algumas outras colegas no Grendel's Den, a trinta de junho, Julia chegou a casa decidida a terminar os livros.

Como fora sua prática, guardou os volumes por ordem alfabética quase sem pensar. Até chegar ao último livro no fundo da última caixa de cartão, *Casamento na Idade Média: Amor, Sexo e o Sagrado*, publicado pela Oxford University Press. Franzziu o sobrolho enquanto revirava o volume nas mãos. Levou alguns minutos até uma recordação distante se instalar — Paul no seu apartamento a dizer que lhe tinha levado o correio do departamento.

«Um manual de História medieval» — dissera ele.

Por curiosidade, Julia folheou o livro e encontrou um cartão profissional enfiado na página do índice. O cartão era de Alan Mackenzie, o vendedor da Oxford University Press em Toronto. Nas costas do cartão estava uma nota escrita à mão que declarava que teria todo o prazer em dar apoio em qualquer dúvida que surgisse.

Estava quase a fechar o livro e a guardá-lo na prateleira quando os seus olhos se detiveram sobre um dos capítulos.

As Cartas de Abelardo e Heloísa, Carta Seis.

Foi apenas um instante até Julia se recordar da sua última conversa com Gabriel.

Gabriel a virar as costas a Jeremy e a murmurar: «Lê a minha sexta

carta. *Parágrafo quatro.*»

De coração a bater descompassadamente, virou as páginas, chocada por descobrir uma ilustração e uma fotografia a marcarem o local onde a sexta carta de Abelardo se encontrava:

Mas como me transporta a minha vã imaginação! Ah, Heloísa, a que distância estamos de um tão feliz temperamento? O teu coração ainda arde com aquele fogo fatal que não consegues extinguir, e o meu está cheio de perturbação e desassossego. Não penses, Heloísa, que gozo aqui de perfeita paz; vou, pela última vez, abrir-te o meu coração; — não te esqueci e, apesar de combater a minha excessiva ternura por ti, apesar de todas as minhas diligências, continuo demasiado sensível ao teu sofrimento e desejoso de partilhá-lo. As tuas cartas comoveram-me; não podia ler com indiferença as palavras escritas por tão querida mão! Suspiro, e choro, e nem o uso de toda a minha razão é suficiente para ocultar a minha fraqueza dos meus alunos. Esta, infeliz Heloísa, é a miserável condição de Abelardo. O mundo, que, de uma forma geral, se engana nas suas noções, pensa que estou em paz, e imagina que te amei apenas para a gratificação dos sentidos e depois te esqueci. Que engano este!

Ela deve ter lido a passagem cinco vezes antes de a mensagem começar a instalar-se na sua mente agitada.

Julia olhou para a ilustração com cuidado. A legenda dizia *A Contenção de Guido de Montefeltro*. O nome parecia-lhe familiar, mas não conseguia recordar o seu significado. Pegou no portátil, tencionando procurar a imagem na internet, mas recordou-se rapidamente de que não tinha acesso no seu apartamento.

Localizou o telefone, mas não tinha bateria e não fazia ideia de onde estava o carregador. Obstinada, regressou ao livro e pegou na fotografia que estava enfiada na página da ilustração. Era uma fotografia do pomar de maceiras atrás da casa dos Clark. A letra de Gabriel estava por trás:

*À minha Amada,
O meu coração é teu, tal como o meu corpo.
E a minha alma.
Serei fiel, Beatriz.
Quero ser o teu último.
Espera por mim...*

Quando ultrapassou o seu choque, ficou desesperada por falar com ele. Não queria saber que fosse perto da meia-noite e que a Mount Auburn Street estivesse às escuras. Não queria saber que o Peet's tivesse encerrado há horas. Agarrou no portátil e saiu a correr do apartamento, sabendo que, se pudesse chegar à porta do Peet's, conseguiria apanhar um sinal *wireless* e enviar um e-

mail a Gabriel. Julia não fazia ideia do que lhe ia dizer. A única coisa que podia fazer era correr.

O bairro estava quase em silêncio. Apesar da chuva miudinha e da névoa da quente chuva vespertina, um pequeno grupo do que pareciam ser rapazes de uma fraternidade parara a cerca de meio quarteirão, a conversar e a rir. Julia desceu do passeio e começou a atravessar a estrada, as suas sandálias a chapinhar contra o asfalto molhado. Ignorou as gotas que caíam do céu, a ensopar-lhe a t-shirt. Ignorou o trovão que começou a ouvir e o relâmpago que iluminou o céu a oriente.

No centro da estrada, parou porque, mesmo na sua frente, viu uma figura sombria oculta na escuridão atrás do carvalho do Peet's. Outro relâmpago revelou que a figura era de um homem.

Estava meio escondido pela árvore e, na ausência de luz, não conseguiu reconhecer-lhe as feições. Sabia que não devia aproximar-se de um desconhecido na escuridão, por isso ficou onde estava, a inclinar o pescoço para o ver.

Como que em resposta aos seus movimentos, o homem começou a sair de trás da árvore e aproximou-se lentamente do charco de luz que caía do candeeiro público sobre o passeio. Outro relâmpago iluminou o céu, e, por um breve instante, Julia pensou que ele parecia um anjo.

Gabriel.

Gabriel viu a dor nos olhos dela. Foi a primeira coisa em que reparou. Parecia mais velha, de alguma forma. Mas a sua beleza, a sua bondade em forma visível, era ainda mais arrebatadora do que antes.

Parando na frente dela, foi dominado pela intensidade do seu amor. Todas as suas provações desapareceram. Estivera a tentar reunir coragem para ir ter com ela, para lhe tocar à campainha, suplicar permissão para entrar. Quando julgara que não conseguia aguentar mais um minuto, a porta do apartamento abriu-se e ela saía a correr como um veado para a estrada.

Fantasiara a respeito daquele reencontro. Em alguns dias, fora o único pensamento a sustê-lo. Mas, à medida que a via ali parada, imóvel como uma estátua, sem fazer um movimento na sua direção, ia crescendo o seu sentimento de desespero. Vários cenários diferentes percorreram-lhe a consciência, poucos deles com um final feliz.

Não me mandes embora, suplicou ele em silêncio. Passando uma mão hesitante pelo cabelo, tentou alisar as madeixas molhadas de chuva.

— Julianne. — Não conseguia disfarçar o tremor na sua voz. Ela estava a olhá-lo como se fosse um fantasma.

Antes que Gabriel pudesse dar voz a essa ideia, ouviu qualquer coisa a aproximar-se. Virou-se e viu o veículo que vinha na direção dela. Julia continuava parada no meio da estrada.

Gritou-lhe descontroladamente.

— Julia, sai daí!

Estupefacta, ela ignorou o aviso, e o carro passou ao seu lado, não a atingindo por pouco. Gabriel começou a caminhar para ela, de braços e mãos a acenar.

— Julia, sai da estrada. Já!

Julia tinha os olhos fortemente cerrados. Ouvia os ruídos e o zumbido distante da voz dele, mas não conseguia entender quaisquer palavras. Gotas de chuva caíam sobre os seus braços e pernas nus, e um peito sólido pressionou-se contra o seu rosto quando um corpo sólido e masculino a envolveu como um cobertor.

Abriu os olhos.

O rosto atraente de Gabriel estava forrado de preocupação, e os seus olhos cintilavam de esperança. Sentiu-o pousar uma mão hesitante contra a curva do seu rosto, acariciá-la debaixo do olho com o polegar.

Por uns momentos, pelo menos, não disseram nada.

— Estás bem? — murmurou ele.

Ela olhava-o apenas, incapaz de falar.

— Não queria deixar-te chocada. Vim assim que pude.

As palavras quebraram a névoa que a tinha imobilizado. Julia soltou-se das mãos dele.

— O que estás aqui a fazer?

Ele franziu o sobrolho.

— Eu julgo que isso é óbvio.

— Não para mim.

Gabriel bufou de frustração.

— É um de julho. Vim assim que consegui.

Julia abanou a cabeça e deu um cauteloso passo atrás.

— O quê?

A voz dele assumiu um tom conciliatório.

— Quem me dera ter regressado mais cedo.

A expressão dela dizia tudo — os olhos semicerrados de desconfiança, os lábios cor de rubi fortemente comprimidos, o queixo tenso.

— Soubeste que me tinha demitido. Decerto que devias saber que ia voltar.

Julia apertou o portátil contra o peito.

— Porque é que havia de pensar isso?

Os olhos dele alargaram-se. Por um momento, ficou demasiado atónito para conseguir falar.

— Achaste que não ia voltar, mesmo depois de me demitir?

— É o que uma pessoa tem tendência a pensar, quando o seu amante foge da cidade sem sequer um telefonema. E depois lhe envia um *e-mail* impessoal

a dizer que está tudo acabado.

A expressão de Gabriel endureceu.

— O sarcasmo não te fica bem, Julianne.

— Mentir não lhe fica bem, professor. — Os olhos dela chispavam.

Ele deu um passo em frente, depois parou.

— Então voltámos a isso, é? Julianne e o professor?

— De acordo com o que disseste aos membros da comissão, nunca o ultrapassámos. Tu és o professor, eu a aluna. Seduziste-me e depois deixaste-me. Os membros da comissão não me disseram se lhes tinhas dito que gostaste.

Ele soltou uma praga em surdina.

— Mande-te mensagens. Tu simplesmente optaste por não acreditar nelas.

— Que mensagens? Os telefonemas que nunca fizeste? As cartas que nunca escreveste? Excetuando o teu *e-mail*, não ouvi nada de ti desde que me chamaste Heloísa. Absolutamente nada.

»E as mensagens que te deixei? Talvez as tenhas apagado sem te dares ao trabalho de as ouvir... tal como te foste embora sem te dares ao trabalho de me dizer. Consegues imaginar como isso foi humilhante? Que o homem que supostamente me amava tenha fugido da cidade para acabar comigo?

Gabriel comprimiu uma mão na testa, como se precisasse dessa ajuda para a sua mente se concentrar.

— E a carta de Abelardo a Heloísa, e a fotografia do nosso pomar? Fui pessoalmente deixar o livro na tua caixa de correio.

— Não sabia que o manual era teu. Só olhei para ele há uns minutos.

— Mas eu disse-te para leres a carta de Abelardo! Disse-te pessoalmente — balbuciou ele, com uma expressão horrorizada no rosto.

Julia agarrou-se com mais força ao portátil.

— Não, tu disseste: lê a minha sexta carta. Foi o que eu fiz. Sugeria-me que escolhesse uma camisola porque o tempo ficara frio. — Ela olhava-o furiosamente. — Tinhas razão.

— Chamei-te Heloísa. Não era óbvio?

— Esmagadoramente óbvio — replicou ela. — Heloísa foi seduzida e abandonada pelo seu professor. A tua mensagem foi clara como a água!

— Mas o manual... — começou ele. Procurou-lhe os olhos. — A fotografia.

— Encontrei-a esta noite, quando estava a arrumar os meus livros. — A expressão dela suavizou-se. — Antes disto, pensei que me estavas a dizer que te tinhas fartado de mim.

— Perdoa-me — conseguiu ele dizer. As palavras eram deploravelmente

inadequadas, mas vinham-lhe do coração. — Eu... Julianne, preciso de te expl...

— Devíamos ir para dentro — interrompeu ela, erguendo o olhar para as janelas do seu apartamento.

Gabriel estendeu a mão para a dela, mas mudou de ideias, e deixou-a cair ao lado do corpo.

A trovoadra continuou enquanto subiam as escadas. Quando entraram no apartamento, as luzes piscaram e depois apagaram-se de vez.

— Será que é só no prédio — perguntou-se Julia — ou na rua inteira?

Gabriel murmurou a sua resposta, olhando-a impotentemente enquanto ela andava às apalpadelas pela sala. Viu-a abrir as persianas para deixar entrar o máximo de luz possível. A Mount Auburn Street estava às escuras.

— Podíamos ir a qualquer lado com eletricidade. — A voz dele soou ao lado dela, e Julia deu um pulo. — Desculpa.

Ele pousou-lhe uma mão sobre o braço.

— Preferia ficar aqui.

Gabriel resistiu ao impulso de insistir, percebendo que não estava em posição de exigir que Julia fizesse o que quer que fosse. Olhou em volta do espaço.

— Tens uma lanterna, ou velas?

— As duas coisas, acho eu. — Encontrou uma lanterna e passou a Gabriel uma toalha, enquanto se retirava para a casa de banho para vestir roupas secas. Quando regressou, encontrou-o sentado no divã, rodeado por meia dúzia de pequenas velas artisticamente distribuídas pela mobília e pelo chão.

Julia viu as sombras na parede atrás dele. Formas sobrenaturais pareciam pairar à sua volta, como se estivesse encurralado no Inferno de Dante. As rugas na sua testa tinham-se aprofundado, ao que parecia, e os seus olhos pareciam maiores. Não se barbeara recentemente, e a barba crescida cobria-lhe os planos do rosto. Ele alisara o cabelo húmido com os dedos, mas um único caracol rebelara-se e colava-se teimosamente à sua testa.

Julia esquecera-se de como ele era atraente. De como, com um único olhar ou palavra, Gabriel conseguia fazer o seu sangue aquecer. Era tão perigoso quanto belo.

Gabriel tentou fazê-la sentar ao seu lado, mas ela instalou-se no canto oposto.

— Encontrei um saca-rolhas e uma garrafa de vinho. Espero que não te importes. — Passou-lhe um copo que estava meio cheio com um *Shiraz* barato. Ela ficou surpreendida por vê-lo dar-se ao trabalho, pois tratava-se do tipo de vinho que ele teria desdenhado no passado.

Julia bebeu vários longos goles, saboreando o vinho na sua língua. Esperou que ele tossisse, se engasgasse e se queixasse da horrível água do banho. Mas ele não o fez. De facto, não bebeu de todo. Em vez disso, ficou a olhar para ela, e os seus olhos foram pousar-se francamente sobre o alto dos seus seios.

— Vais mudar de escola? — A voz dele soava rouca.

— O quê?

Ele indicou-lhe a camisola com um gesto.

Ela baixou o olhar. *Boston College*.

— Não, foi o Paul que me deu isto. Ele fez lá o mestrado, lembra-te?

Gabriel ficou hirtos.

— Dei-te uma camisola, uma vez — observou, mais para si mesmo do que para ela.

Julia bebeu mais um longo gole de vinho, desejando que houvesse mais.

Ele viu-a beber, e os seus olhos desviaram-se para a sua boca e garganta.

— Ainda tens a minha camisola de Harvard?

— Vamos falar de outra coisa.

Gabriel remexeu-se desconfortavelmente no seu assento, mas não conseguiu arrancar os olhos dela. Ansiava por passar as mãos pelo seu corpo, pressionar a boca contra a dela.

— O que achas da Universidade de Boston?

Ela olhou-o com um ar desconfiado. Em resposta à sua suspeita, a bazófia parecia transbordar dos olhos dele, e viu-o morder a ponta do lábio.

— A Katherine Picton disse-me para me apresentar ao especialista em Dante do Departamento de Estudos Românicos. Mas ainda não consegui lá ir. Tenho estado ocupada.

— Então tenho de lhe agradecer.

— Porquê?

Ele hesitou.

— Sou eu o novo especialista em Dante da Universidade de Boston.

Ele estudou-lhe os olhos em busca de uma reacção. Mas não viu nenhuma. Julia continuava sentada, muito quieta, a luz da vela a cintilar sobre as suas feições finas.

Ele riu-se amargamente e serviu mais vinho no copo dela.

— Não era essa a reacção que eu esperava.

Ela balbuciou o seu aborrecimento, provando o vinho novamente.

— Então estás... aqui para ficar?

— Depende. — Ele olhou para a camisola dela com um ar eloquente.

O calor daquele olhar pareceu queimá-la. Ela resistiu à vontade de esconder os seios, mantendo os braços de lado.

— Agora sou professor titular. Os Estudos Românicos não têm programa de pós-graduação em Italiano. A universidade queria atrair alunos de pós-graduação em estudos de Dante, por isso fui contratado pelo Departamento de Religião. Têm programa de pós-graduação.

Ele olhou para as sombras que os rodeavam, a abanar a cabeça.

— Surpreendente, não é? Que um homem que passou a vida a fugir de Deus se torne professor de Religião.

— Já vi coisas mais estranhas.

— Sim — sussurrou Gabriel —, penso que sim. Ter-me-ia demitido de Toronto mais cedo, mas isso teria causado um escândalo. Depois de te formares, fiquei livre para aceitar o emprego aqui.

Julia virou-se e Gabriel reparou na nudez dos lóbulos das suas orelhas. Julia já não usava os brincos de Grace. A ideia despedaçou-o.

Ela franziu o sobrolho enquanto contemplava o que ele acabara de lhe dizer.

— O que tem o dia um de julho de tão importante?

— Este é o dia em que termina o meu contrato com Toronto. É o dia em que a minha demissão entra em vigor. — Ele pigarreou. — Li os teus *e-mails* e ouvi as tuas mensagens... todas elas. Mas esperava que tivesses visto o livro. Coloquei-o na tua caixa.

Julia estava a processar aquelas palavras. Não estava a aceitar as suas desculpas; mas não queria, simplesmente, discutir com ele. Por enquanto, pelo menos.

— Desculpa ter faltado à tua formatura. — Ele bebeu um copo de água. — A Katherine enviou-me umas fotografias. — Pigarreou, hesitante. — Estavas linda. Tu *és* linda.

Enfiou a mão no bolso das calças e retirou o seu *iPhone*. Curiosa, ela aceitou-o, pondo o vinho de parte. Como *wallpaper*, Gabriel escolhera uma fotografia de Julia na sua farda de formatura, a apertar a mão a Katherine Picton.

— Da Katherine — explicou ele, notando a sua confusão.

Ela percorreu a galeria de fotos determinadamente, com o estômago apertado. Havia fotografias da viagem de ambos a Itália e fotografias do Natal, mas não via Paulina em lado nenhum. Não havia fotografias comprometedoras de Gabriel, nem imagens de outras mulheres. De facto, quase todas as imagens eram dela, incluindo uma série de fotos muito provocadoras que ele lhe tirara em Belize.

Estava surpreendida. Depois de ficar tão convencida de que ele não queria nada com ela, a visão da sua aparente afeição era confusa.

Devolveu o telefone.

— A fotografia que costumavas ter na tua cómoda, aquela connosco no Lobby, levaste-a contigo?

As sobranceiras dele ergueram-se de surpresa.

— Sim. Como sabias?

Julia parou por um momento enquanto assimilava a revelação.

— Reparei que não estava na tua casa, quando fui à tua procura.

Ele estendeu a mão para a dela, mas, mais uma vez, Julia recuou.

— Quando voltei à minha casa, vi as tuas roupas. Porque é que não as levaste?

— Não eram mesmo minhas.

As sobranceiras de Gabriel uniram-se.

— Claro que eram tuas. Ainda são tuas, se as quiseres.

Ela abanou a cabeça.

— Acredita em mim, queria ter-te comigo. A fotografia era uma pobre substituta.

— Querias?

Gabriel não conseguiu conter-se. Acariciou-lhe gentilmente a curva da face com o polegar, aliviado no seu interior por ela não se esquivar.

— Nunca deixei de te querer.

Ela desviou-se, deixando a mão dele a tocar apenas ar. O tom dela tornou-se áspero.

— Fazes ideia do que é ser-se abandonada pela pessoa que se ama, não uma vez, mas duas?

Gabriel comprimiu os lábios.

— Não, não sei. Perdoa-me.

Esperou para ver se ela respondia, mas isso não aconteceu.

— Então, o Paul deu-te essa camisola? — Gabriel brincava com o seu copo. — Como é que ele está?

— Está bem. Que é que isso te interessa?

— É meu aluno. — O professor Emerson parecia empertigado.

— Eu também fui, em tempos — disse ela amargamente. — Devias mandar-lhe um *e-mail*. Ele diz que não tem tido notícias tuas.

— Então tens falado com ele?

— Sim, Gabriel. Tenho falado com ele.

Julia soltou o cabelo molhado do seu rabo-de-cavalo, passando os dedos delicadamente por entre os nós.

Gabriel observou, enfeitiçado, enquanto uma cascata de brilhantes madeixas escuras lhe caíam sobre os ombros magros.

— Dói-me o cabelo — explicou ela.

Os cantos da boca dele reviraram-se para cima, divertidos.

— Não sabia que o cabelo podia doer.

Passou-lhe os dedos pelo cabelo, e a sua expressão alterou-se instantaneamente para uma de preocupação.

— Podias ter ficado gravemente ferida, parada no meio da estrada.

— Tenho sorte por não ter deixado cair o portátil. Tinha lá toda a minha investigação.

— A culpa foi minha, por te ter surpreendido. De certeza que parecia um fantasma, a rondar furtivamente atrás daquela árvore.

— Não me parece que alguma vez tenhas andado a rondar furtivamente na tua vida. E não parecias um fantasma. Parecias outra coisa.

— O quê?

De súbito, Julia sentiu a pele a arder.

Gabriel viu as suas faces ganharem um tom de rosa com que estava bem familiarizado. Ardia por sentir o rubor dela debaixo dos seus dedos. Mas tinha receio de a afastar.

Ela fez um gesto vago.

— O Paul sugeriu que fizesse um *back-up* dos meus ficheiros numa *pen*, para o caso de acontecer alguma coisa ao meu computador. Mas não tenho feito atualizações recentes.

À segunda menção do seu antigo assistente, Gabriel suprimiu um grunhido e o impulso de balbuciar um expletivo que envolvia copular carnalmente com criaturas celestiais.

Voltou-se para ela.

— Pensei que estivesse à espera que entrasse em contacto contigo depois da tua formatura.

— E se estava, Gabriel? A formatura chegou e passou sem uma palavra tua.

— Como te disse, tive de esperar que a minha demissão entrasse em vigor. O meu contrato só terminava a um de julho.

— Não quero falar sobre isso neste momento.

— Porquê?

— Porque não consigo dizer as coisas que preciso de dizer enquanto estás sentado no meu divã.

— Percebo — disse ele lentamente.

Ela mudou a posição dos pés, resistindo ativamente à esmagadora vontade de se lançar nos braços dele e dizer-lhe que estava tudo bem. As coisas entre ambos não estavam bem. E devia a si própria, se não a ele, ser honesta.

— Já roubei demasiado do teu serão. — Ele soava derrotado.

Levantou-se, olhou de relance para a porta, depois de novo para Julia.

— Compreendo que não queiras falar comigo. Mas espero que me concedas mais uma conversa antes de te despedires.

Julia endireitou os ombros.

— Tu não te despediste com uma conversa. Despediste-te a foder-me contra uma porta.

Ele dirigiu-se rapidamente para ela.

— *Para com isso.* Sabes a minha opinião sobre essa palavra. Nunca a uses para te referires a nós os dois.

Ali estava o antigo professor Emerson, a ferver debaixo do exterior moderado de Gabriel. Ele mostrara-se suave com ela, por isso Julia achou a sua mudança de tom destoante. Mas já fora exposta ao seu mau génio anteriormente e descobriu, naquele momento, que já não a perturbava. Por isso ignorou-o e levantou-se, preparada para o acompanhar à porta.

— Não te esqueças disto. — Pegou no telemóvel dele.

— Obrigado. Julianne, por favor...

— Como está a Paulina?

A pergunta dela pendeu no ar como uma seta, imobilizada em voo.

— Porque perguntas?

— Estava a pensar quantas vezes a terias visto, enquanto estiveste desaparecido.

Gabriel guardou o telemóvel no bolso.

— Vi-a uma vez. Pedi-lhe o seu perdão e desejei-lhe tudo de bom. — O tom dele tinha um ar definitivo.

— Mais nada?

— Porque é que não fazes a pergunta de uma vez, Julianne? — Os lábios dele comprimiram-se numa linha fina e zangada. — Porque é que não me perguntas se dormi com ela?

— Dormiste? — Ela cruzou os braços sobre o peito.

— Claro que não!

A resposta de Gabriel foi tão rápida, tão veemente, que Julia se arrependeu ligeiramente. Ele estava indignado, de punhos cerrados.

— Talvez devesse ser mais específica. Há muitas coisas que um homem e uma mulher podem fazer sem dormir juntos. — Ela ergueu o queixo numa expressão de desafio.

Gabriel ficou a olhá-la, furioso, e forçou-se a contar até dez. Não lhe serviria de nada perder a cabeça naquele momento. Não quando tinha ainda tanto a conseguir.

— Percebo que tu e eu temos visões muito diferentes da minha partida, mas, asseguro-te, não procurei outras mulheres. — A expressão dele suavizou-se. — Estive sozinho com as tuas fotografias e as minhas

recordações, Julianne. Eram fraca companhia, mas a única outra que queria eras tu.

— Então não houve mais ninguém?

— Fui fiel o tempo inteiro. Juro-te pela memória de Grace.

O juramento surpreendeu-os aos dois, e, quando os seus olhos se encontraram, ela viu a sinceridade nos dele. Fechou os olhos. O alívio começou a invadi-la.

Ele pegou-lhe na mão, acariciando-a suavemente com a sua.

— Há muitas coisas que te devia ter contado. Vou contar-tas agora. Vem comigo.

— Prefiro ficar aqui — murmurou ela, a sua voz a ganhar um som misterioso na escuridão.

— A Julianne que conheci detestava o escuro. — Ele soltou-lhe a mão. — A Paulina está no Minnesota. Reconciliou-se com a família e conheceu uma pessoa. Concordámos que eu deveria deixar de a sustentar, e ela desejou-nos tudo de bom.

— Desejou-te tudo de bom — corrigiu Julia baixinho.

— Não, desejou-*nos*. Não percebes? Ela assumiu que continuávamos juntos, e não lhe disse o contrário. Na minha mente, eu e tu continuamos juntos.

Aquela era a seta de Gabriel, apontada para ela. Não dissera a Paulina que estava solteiro porque, na sua mente, não o estava. A ideia inundou-a.

— Não há mais ninguém. — A voz dele era a alma da sinceridade.

Ela desviou os olhos.

— O que estavas a fazer em frente a um café fechado a meio da noite?

— Estava a ganhar coragem para vir tocar à tua porta. — Gabriel começou a fazer girar o anel de platina na mão esquerda. — Tive de convencer a Rachel a dar-me a tua morada. Ela estava compreensivelmente hesitante.

Os olhos de Julia baixaram-se para a mão esquerda dele.

— Porque é que estás a usar uma aliança?

— Porque é que achas? — Ele retirou o anel e passou-lho.

Julia recuou.

— Lê a inscrição — instou ele.

Hesitantemente, ela pegou no anel e ergueu-o a uma das velas. *Julianne — a minha Amada é minha, e eu sou dela.*

Uma sensação de náusea apoderou-se do seu estômago, e ela devolveu o anel rapidamente. Gabriel voltou a colocá-lo na mão esquerda sem uma palavra.

— Porque estavas a usar um anel com o meu nome gravado?

— Disseste que não querias conversar. — A voz dele era suavemente reprovadora. — Se me é permitido fazer perguntas, posso perguntar pelo Paul?

Ela corou e desviou o olhar.

— Ele estava aqui para recolher os pedaços.

Gabriel fechou os olhos. Estava perigosamente perto de ceder ao mau gênio e dizer qualquer coisa cortante, mas isso apenas conseguiria afastá-la ainda mais.

Abriu os olhos.

— Desculpa. Este anel tem um companheiro, mais pequeno em tamanho. Comprei-o na Tiffany de Toronto, no dia em que comprei a moldura de prata para a fotografia da Maia.

»Ainda penso em ti como a minha outra metade. A minha *bashert*. Apesar do que aconteceu, nunca se pôs em questão eu procurar qualquer outra pessoa. Fui-te fiel desde que me disseste quem eras, em outubro.

Julia, de súbito, teve muita dificuldade em falar.

— Gabriel... estes últimos meses, sem uma palavra, agora, esta noite...

Ele olhou-a com compaixão, os braços a arder para a abraçar. Mas ela estava demasiado distante.

— Não temos de ter esta conversa agora. Mas... se o conseguires suportar, por favor, podemos ver-nos amanhã. — Ele fez-lhe um olhar cheio de esperança.

Ela olhou-o com brevidade.

— Está bem.

Gabriel expirou ruidosamente.

— Ótimo. Então, falo contigo amanhã. Descansa bem.

Ela anuiu, abrindo-lhe a porta.

— Julianne?

Ele parou na frente dela, demasiado perto. Julia ergueu o olhar para ele.

— Deixas-me... beijar-te a mão? — A voz dele era inquieta e pequenina, como a de um rapazinho.

Julia esperou que ele lhe beijasse as costas da mão, depois, sem pensar, endireitou-se e levou-lhe os lábios à testa. De súbito, os braços dele estavam à volta das suas costas, a puxá-la contra si.

Embora Gabriel tivesse dificuldade em pensar em qualquer outra coisa que não Julianne quando a estava a beijar, concentrou a sua atenção em tentar comunicar com lábios e boca que não a traía. Que a amava.

Quando a sentiu retribuir o beijo com igual paixão, soltou um gemido.

Teve o cuidado de ser suave, ainda que intenso, e quando os movimentos dela abrandaram, começou a morder-lhe ligeiramente o volume do lábio

inferior, antes de depositar pequenos beijos em ambas as suas faces e, finalmente, na ponta do seu nariz.

Quando abriu os olhos, viu o dilúvio de emoções que perpassavam pela linda face de Julia.

Passou-lhe os dedos pelo cabelo molhado, uma vez, duas vezes, e olhou-a com emoção.

— Amo-te.

Ela ficou em silêncio quando ele saiu pela porta.

O beijo de Gabriel não contribuiu em nada para fortalecer a determinação de Julia, mas ela não o considerou um erro. Ficara curiosa quanto a como seria beijá-lo de novo, e surpreendera-se com a sensação de familiaridade. Em meros segundos, ele conseguira fazer o seu pulso acelerar e a sua garganta comprimir-se.

Não conseguia negar que ele a amava. Sentia-o. Nem Gabriel, com as suas maneiras delicadas e encanto, conseguia mentir com o seu beijo.

Havia alguma coisa diferente nele. Parecia mais suave, de alguma forma, mais vulnerável. Sim, houvera a ocasional mostra de mau génio do velho professor Emerson, mas ela sabia que Gabriel mudara. Só não sabia porquê.

Na manhã seguinte, a eletricidade fora restaurada e Julia conseguiu recarregar o telemóvel. Ligou ao gerente do Peet's e explicou que estava um pouco indisposta e que ia tirar o fim de semana de folga. Ele não ficou contente com a ideia, porque era o fim de semana do Quatro de Julho, mas não podia fazer grande coisa.

Depois de um longo duche quente (um duche passado a sonhar com os lábios de Gabriel e com velhas e suprimidas memórias dos dois juntos), Julia sentiu-se muito, muito melhor. E apenas um pouco pior. Enviou um rápido *e-mail* a Rachel a explicar que Gabriel regressara e declarara o seu amor por ela. Uma hora depois, ouviu tocar o telefone. Esperava que fosse Rachel. Surpreendentemente, era Dante Alighieri.

— Como dormiste? — A voz de Gabriel parecia animada.

— Bem. E tu?

Ele fez uma pausa.

— Não tão bem como costumava... toleravelmente, suponho.

Julia riu-se. Aquele era o professor Emerson de que se recordava.

— Quero mostrar-te a minha casa — anunciou ele.

— O quê, agora?

— Hoje, se estiveres disposta a isso. — Parecia preocupado com a ideia

de ela recusar.

— Onde é?

— Em Foster Place, perto da casa Longfellow. Ideal para o transporte para Harvard. Não tão conveniente para a Universidade de Boston.

Julia ficou confusa.

— Se é inconveniente para a de Boston, porque é que a compraste?

Gabriel pigarreou.

— Pensei que... tive esperança que... — Ele esforçava-se por encontrar as palavras certas. — É pequena, mas tem um jardim lindo. Gostava de saber o que pensas. — Pigarreou de novo, e ela podia jurar que o ouviu remexer no colarinho da camisa. — Claro, eu posso sempre mudar-me.

Ela fez um *hum* em resposta, sem saber bem o que dizer.

— Agora que tiveste uma boa noite de sono, podes conversar comigo um bocadinho?

Julia nunca ouvira Gabriel com uma voz tão nervosa.

— Claro. Mas não é coisa que possamos fazer ao telefone.

— Eu tenho de ir ao campus ver o meu novo gabinete. Não vou demorar muito.

— Não há pressa.

— Há, sim. — Agora a voz de Gabriel era intensa.

Ela suspirou pesadamente.

— Posso aparecer mais tarde.

— Vem jantar comigo. Vou buscar-te às seis e meia.

— Eu apanho um táxi.

Julia quebrou a pausa desconfortável que se seguiu explicando que precisava de desligar.

— Tudo bem — disse Gabriel, tenso. — Se preferes apanhar um táxi, tens esse direito.

— Vou manter uma mente aberta até conversarmos, e gostava de te pedir que fizesses o mesmo. — O tom dela era conciliatório.

Gabriel sentiu-se como se as suas esperanças estivessem pendentes de uma corda muito fina. Estava longe de ter a certeza de que ela o aceitaria de volta. E, mesmo que o fizesse, assaltava-o o velho espectro do ciúme. Não sabia como reagiria se ela lhe revelasse que cedera a Paul na sua dor e partilhara a sua cama.

Maldito Fornicador-de-Anjos.

— Claro — disse Gabriel, com a voz contida.

— Estou espantada por me teres ligado. Porque não me ligaste enquanto estiveste fora?

Ele ficou em silêncio por um momento.

— Isso é uma longa história.

— Tenho a certeza que sim. Vejo-te logo à noite.

Ela desligou o telefone e ficou a pensar no que incluiria aquela história.

Quando Julia chegou à nova casa de Gabriel, visitou-a com não pouco espanto. Era uma casa de dois andares, com uma fachada simples e isenta de adornos, cor de cinza debruada num tom mais escuro. Havia um jardim minúsculo na frente e um pequeno caminho de acesso para o carro à direita.

No *e-mail* que incluía a sua direção, Gabriel enviara a Julia um *link* para a página da imobiliária onde encontrara a propriedade. O preço pedido ascendia a mais de um milhão de dólares. A casa fora construída antes da Segunda Guerra Mundial. De facto, toda a rua fora um bairro de imigrantes italianos que tinham construído as pequenas casas de dois quartos na década de 1920. Agora a rua era habitada por *yuppies*, professores de Harvard e Gabriel.

Enquanto observava a organizada simplicidade do edifício, Julia abanou a cabeça. *Então é isto que se pode comprar por um milhão de dólares em Harvard Square.*

Quando se preparava para bater à porta, ficou surpreendida ao ver nela um bilhete escrito na letra de Gabriel.

Julianne,

Por favor, vem ter comigo ao jardim.

G.

Ela suspirou e, naquele preciso momento, soube que a noite ia ser muito, muito difícil. Contornou a casa, passando pelo pequeno caminho de acesso pavimentado, e abriu a boca quando virou a esquina.

Havia flores e arbustos, maciços de relva e buxos elegantemente aparados, e mesmo ao centro do jardim erguia-se o que parecia ser uma tenda de sultão. Uma fonte jorrava à direita do espaço verde, ostentando uma estátua de mármore de Vénus. Debaixo da fonte estava um pequeno lago cheio com carpas koi brancas e vermelhas.

Julia aproximou-se da tenda para poder espreitar lá para dentro. E o que viu encheu-a de dor.

Na tenda estava uma cama baixa e quadrada, exatamente como o divã do terraço da suite que partilhara com Gabriel em Florença. A suite onde tinham feito amor pela primeira vez. O terraço onde ele lhe dera a comer chocolates e morangos e dançara com ela ao som de Diana Krall, sob o céu da Toscana. O divã onde tinham feito amor na manhã seguinte. Gabriel tentara reproduzir o

ambiente daquele terraço até ao próprio esquema de cores das roupas de cama.

A voz de Frank Sinatra parecia flutuar de algures perto da casa, enquanto quase todas as superfícies planas e à prova de fogo ostentavam uma vela alta. Ornamentados candeeiros marroquinos tinham sido pendurados de fios cruzados ao alto.

Era um conto de fadas. Era Florença, o seu pomar de macieiras e as maravilhas de uma noite árabe. Infelizmente para Gabriel, o gesto extravagante suscitava a questão: se ele tinha recursos suficientes para construir uma caravana marroquina no seu jardim, porque não lhe podia ter dito que planeava regressar?

Gabriel viu-a parada no meio do jardim, e o seu coração deu um pulo. Queria puxá-la para os seus braços, juntar os lábios aos dela. Mas, pela posição dos seus ombros, pela rigidez na sua coluna, via que esse ato não seria bem recebido. Por isso abordou-a com cuidado.

— Boa-noite, Julianne. — Uma voz de seda acariciou-lhe a orelha quando Gabriel se aproximou por detrás.

Ela não o ouvira aproximar, por isso estremeceu ligeiramente. Ele esfregou-lhe um braço, e depois o outro, para cima e para baixo, num gesto que pretendia tranquilizá-la mas, na realidade, provocou um profundo fluxo erótico que lhe dançou pela superfície da pele.

— Gosto da música — disse ela, e afastou-se.

Gabriel estendeu-lhe a mão num convite. Cautelosamente, ela aceitou-a. Ele depositou-lhe um beijo desapressado nos nós dos dedos antes de a soltar.

— Estás magnífica, como sempre.

Os olhos de Gabriel beberam lentamente a visão de Julia no seu simples vestido preto, as suas pernas pálidas e bem formadas num par de sabrinas pretas e a forma como a suave brisa soprava alguns fios de cabelo para cima dos seus lábios avermelhados e brilhantes.

— Obrigada. — Esperou que ele fizesse algum comentário aos seus sapatos, pois os seus olhos demoraram-se ali mais do que permitia a educação. Escolhera os sapatos rasos porque eram confortáveis e porque desejava declarar a sua independência. Sabia que ele não ia gostar. Surpreendentemente, porém, viu-o sorrir.

Gabriel estava vestido de forma um pouco mais descontraída, com camisa de linho branco e calças caqui, com um casaco de linho marinho. O seu sorriso era, talvez, o seu traço mais decorativo.

— A tenda é linda.

— *Agrada-te?* — sussurrou ele.

— Estás sempre a perguntar-me isso.

O sorriso de Gabriel desvaneceu-se ligeiramente, mas ele resistiu ao impulso de franzir o sobrolho.

— Costumavas gostar do facto de eu ser um amante atencioso.

Os olhos de ambos encontraram-se até Julia desviar o seu.

— É um gesto muito querido, mas eu preferia ter tido uma carta ou um telefonema teu há três meses.

Pareceu-lhe que ele queria discutir, mas, num instante, a sua expressão mudou.

— Onde é que estão as minhas maneiras? — balbuciou. Ofereceu-lhe o braço e escoltou-a para uma pequena mesa que estava posta a um canto do pátio de pedra.

Pequenas luzes brancas brilhavam no pátio por entre os ramos de um conveniente ácer. Julia perguntou-se se Gabriel teria contratado um decorador de exteriores só para a ocasião. Ele puxou-lhe a cadeira e, quando a viu sentada, aproximou-a mais da mesa. Ela reparou que ao centro havia uma jarra cheia de gerberas laranja e vermelhas.

— Como foi que conseguiste isto tudo? — Julia desdobrou o guardanapo e colocou-o no colo.

— A Rebecca é um maravilhoso exemplo do zelo da Nova Inglaterra.

Julia fez-lhe um olhar interrogativo, mas a sua pergunta foi logo respondida quando a empregada de Gabriel serviu o jantar. Rebecca era alta, tinha um aspeto banal e usava o cabelo sal e pimenta num pequeno carrapito. Os seus olhos, que eram grandes e escuros, cintilavam de divertimento. Julia calculou rapidamente que Gabriel lhe fizera algumas confidências, pelo menos no que dizia respeito àquela noite.

Apesar da decoração elaborada e da música perfeita, o jantar foi simples pelos padrões de Gabriel: sopa de lagosta; uma salada de pera, nozes e gorgonzola; mexilhões grelhados com batatas fritas; e depois, finalmente, gloriosamente, uma tarte de mirtilos com gelado de limão. Gabriel serviu o champanhe, o mesmo *Veuve Clicquot* que lhe servira na primeira vez que ela jantara no seu apartamento. Naquela noite tão distante, apesar de ter passado menos de um ano.

Fizeram alguma conversa de circunstância durante a refeição, discutiram o casamento de Rachel e a namorada de Scott e o seu filho. Gabriel descreveu as coisas de que gostava e não gostava na sua casa, prometendo a Julia uma visita. Nenhum deles tinha pressa de começar a discutir os eventos que tinham conduzido à sua separação.

— Não bebes? — Ela reparou que ele acompanhara a sua refeição apenas com *Perrier*.

— Deixei de beber.

As sobranceiras dela elevaram-se.

— Porquê?

— Porque estava a beber de mais.

— Não quando estavas comigo. Tinhas jurado não voltares a embebedar-te.

— Precisamente — disse ele.

Ela olhou-o com atenção e viu a maneira como os seus olhos indicavam que havia uma experiência muito desagradável por detrás daquelas palavras.

— Mas gostavas de beber.

— Tenho um vício, Julianne. Sabes isso. — Mudou suavemente de assunto para algo mais agradável.

Quando Rebecca serviu a sobremesa, ele e Julia trocaram um olhar.

— Não há bolo de chocolate, esta noite?

— *Non, mon ange* — sussurrou Gabriel. — Embora nada me agradasse mais do que dar-te novamente de comer.

Julia sentiu as faces começarem a corar, e soube que seria uma má decisão descer novamente aquele caminho antes de terem a sua conversa, mas, quando o viu olhá-la com tão indisfarçada paixão, não conseguiu obrigar-se a importar-se com isso.

— Gostava muito — disse ela, em voz baixa.

Gabriel sorriu como se o Sol tivesse acabado de reaparecer no céu após uma prolongada ausência, e aproximou rapidamente a cadeira para ficar sentado ao lado dela. Perto. *Muito perto*. Tão perto que ela lhe sentia o hálito quente no pescoço, que ficou com pele de galinha, de antecipação.

Gabriel pegou no garfo de sobremesa de Julia, cortou um pedaço de tarte e gelado e virou-o para ela.

Enquanto ela o olhava com avidez, ele conteve audivelmente a respiração.

— O que foi? — Julia ficou alarmada.

— Quase me tinha esquecido de como és tão bonita. — Ele desenhava a curva do seu pescoço com a mão livre e levou-lhe o garfo aos lábios.

Ela fechou os olhos e abriu a boca, e, naquele momento, o coração de Gabriel elevou-se ao céu. Sim, era uma coisa pequena — quase inconsequente, se se fosse considerar que histórias contar a um confidente. Mas Julia não confiava rápida nem facilmente. A descontração com que se fizera vulnerável na sua frente fez o seu coração bater mais depressa, e o sangue pulsar com força.

Ela gemeu com a mistura de sabores, e abriu os olhos.

Gabriel não conseguiu conter-se. Aproximou-se mais, as suas bocas afastadas por meros centímetros, e sussurrou-lhe:

— Posso?

Ela anuiu, e ele juntou os lábios aos dela. Ela era a doçura e a ligeireza, a suavidade e a bondade, e o ardente e cauterizante objetivo de todas as suas buscas e fascinações terrenas. Mas não lhe pertencia. Por isso beijou-a suavemente, como a beijara pela primeira vez no pomar, com as mãos entre o seu longo cabelo encaracolado. Depois recuou para lhe observar o rosto.

Um suspiro de contentamento escapou-se de lábios cor de rubi, quando ela ficou ali sentada, de olhos fechados, a flutuar.

— *Amo-te* — disse ele.

Agora Julia tinha os olhos abertos. A sua expressão refletia uma expressão sem nome, mas ela não disse nada.

Quando a sobremesa terminou, Gabriel sugeriu que levassem os seus cafés para a tenda, dispensando Rebecca pelo resto do dia. A noite caíra naquele pequeno pedaço do Éden, e, como o próprio Adão, Gabriel conduziu uma Eva ruborizada ao seu abrigo.

Ela libertou-se dos sapatos e enroscou-se no divã contra as almofadas, a roer nervosamente as unhas enquanto Gabriel acendia as velas nos candeeiros marroquinos. Ele não se apressou, ajustando-as para que iluminassem o divã de forma sedutora. Depois acendeu as outras velas que estavam espalhadas pela tenda. Por fim, deitou-se de costas ao lado dela, de mãos atrás da cabeça virada de forma a ver-lhe o rosto.

— Gostava de falar sobre o que aconteceu — iniciou ela.

Gabriel deu-lhe toda a sua atenção.

— Quando apareceste à porta do meu apartamento, não sabia se te havia de bater ou beijar. — A voz dela era baixa.

— Não? — murmurou ele.

— Não fiz nenhuma das coisas.

— Nunca estive na tua natureza seres vingativa. Nem cruel.

Ela respirou fundo e começou. Disse-lhe como lhe doera enviar-lhe mensagem após mensagem sem ter resposta. Disse-lhe da sua surpresa ao encontrar o apartamento dele abandonado. Disse-lhe da bondade do seu vizinho, e de Paul, e de Katherine Picton. Falou das suas continuadas sessões com Nicole.

Julia estava demasiado ocupada a fitar o seu café para reparar como ele estava a ficar perturbado. Quando mencionou como o manual que ele lhe deixara fora acabar na prateleira, por abrir, Gabriel amaldiçoou Paul.

— Não te permito que digas isso. — O tom dela era severo. — Ele não tem culpa que tenhas posto a tua mensagem num manual. Porque é que não escolheste um livro da tua biblioteca pessoal? Eu podia tê-lo reconhecido.

— Tinha recebido ordens para me manter longe de ti. Se tivesse posto um

dos meus livros na tua caixa de correio, o Jeremy teria reparado. Assim, escolhi um manual e fui deixá-lo na tua caixa de correio quando não estava lá ninguém. — Bufou de frustração. — O título não te dizia nada?

— Que título?

— O título do manual: *Casamento na Idade Média; Amor, Sexo e o Sagrado*.

— O que é que devia dizer-me, Gabriel? Tanto quanto eu sabia, tu chamaste-me Heloísa e deixaste-me. Não tinha razão para acreditar no contrário, e não me deixaste nenhuma.

Ele aproximou-se mais, de olhos a faiscar.

— O manual era a razão. O título, a fotografia do pomar, a imagem de São Francisco a tentar salvar Guido da Montefeltro... — A voz de Gabriel falhou, e ele fez uma pausa, em sofrimento. — Não te lembravas da nossa conversa em Belize? Eu disse-te que iria ao Inferno para te salvar. E, acredita em mim, foi o que fiz.

— Não sabia que me tinhas enviado mensagens. Não reparei no manual porque não sabia que mo tinhas enviado. Porque é que não me ligaste?

— Não podia falar contigo — sussurrou ele. — Foi-me dito que o decano te ia entrevistar antes da tua formatura e perguntar-te se tinhas notícias minhas. És uma mulher linda, Julianne, mas uma péssima mentirosa. Eu tinha de te enviar mensagens em código.

A surpresa de Julia registou-se de imediato no seu rosto.

— Sabias da entrevista?

— Sabia muitas coisas — disse ele estoicamente. — Mas não podia dizer nada. Esse é que era o ponto.

— A Rachel disse-me para não desesperar. — Ela captou-lhe o olhar por um momento. — Mas eu precisava de ouvir essas palavras da tua boca. Na nossa última noite juntos, fizeste amor comigo, mas não falaste. O que querias que pensasse?

As lágrimas transbordaram-lhe dos olhos. Mas antes de as poder limpar com a mão, Gabriel puxou-a do seu canto seguro para os braços abertos. Apertou-a contra o peito e beijou-lhe a cabeça, antes de fechar os braços em volta das costas dela.

A sensação dos braços dele à sua volta ainda a fez chorar mais. Ele apertou-a suavemente.

— O meu orgulho foi a minha queda. Pensei que poderia cortejar-te enquanto eras minha aluna e safar-me com isso. Estava enganado.

— Eu pensei que tinhas escolhido o teu emprego em meu detrimento. — A voz de Julia estava cheia de dor. — Quando descobri que tinhas saído do teu apartamento... Porque não me disseste que te ias embora?

— Não podia.

— Porquê?

— Perdoa-me, Julianne. O meu objetivo não era magoar-te, prometo. Lamento tudo aquilo que me descreveste. — Beijou-lhe a testa novamente. — Preciso de te contar o que aconteceu. É uma longa história. E só tu podes dizer-me como acaba...

Julia recuou para poder ver-lhe melhor o rosto, e preparou-se para o que ouviria a seguir. O movimento súbito fez com que o perfume do seu cabelo flutuasse até Gabriel.

— O teu cabelo está diferente — murmurou ele.

— Um pouco mais comprido, talvez.

— Já não cheira a baunilha.

— Mudei de champô. — Ela falou secamente.

— Porquê? — Gabriel virou o corpo para eliminar o espaço entre os dois.

— Porque o outro me lembrava de ti.

— É por isso que não usas os teus brincos? — perguntou ele, levando os dedos ao lóbulo da orelha dela.

— É.

Gabriel fez uma pausa e olhou para ela, a sua dor evidente.

Ela desviou o olhar.

— Eu amo-te, Julianne. Não importa o que possas pensar de mim ou do que eu fiz, prometo-te que estava apenas a tentar proteger-te.

Julia deitou-se ao lado dele, com cuidado para não lhe tocar.

— *Eu sou o teu fiel, Beatriz* — citou Gabriel, com os olhos a transbordar de emoção. — Por favor, lembra-te disso quando te contar o que aconteceu.

Ele respirou fundo e disse uma oração silenciosa antes de começar a sua história.

— Quando comparecemos perante a comissão, a minha esperança era dizermos o menos possível e obrigá-los a mostrar quaisquer provas que tivessem. Mas tornou-se claro que eles não iam descansar enquanto não nos acusassem e punissem.

»Estraguei tudo quando submeti a nota da Katherine para o teu trabalho no Registo. Como a administração tinha medo que tivesses recebido aquela nota porque estavas a dormir comigo, iam suspender a tua nota enquanto investigavam as coisas.

— Podiam fazer isso?

— Está previsto no âmbito das políticas que governam o comportamento académico. Como a avaliação estava incompleta, tu não te poderias formar.

Julia pestanejou para Gabriel quando foi atingida pela compreensão do que se passara.

— Não poderia vir para Harvard — sussurrou.

— Não poderias vir para Harvard, nem este ano nem, provavelmente,

nunca, uma vez que ficariam desconfiados quanto à razão por que a universidade de Toronto estaria a suspender a tua nota. Mesmo que Harvard nunca soubesse a razão, têm tantas candidaturas. Porque é que haveriam de pensar novamente em ti quando poderiam admitir alguém com um registo imaculado?

Julia ficou sentada, muito quieta, pressionada sob o peso das palavras dele.

Gabriel coçou o queixo, agitado.

— Tive medo que os membros da comissão pudessem destruir o teu futuro. Mas a culpa era minha. Fui eu que te convenci que era seguro envolveres-te comigo; fui eu que te convidei para Itália. Devia ter esperado. Foi o meu egoísmo que conduziu a tudo isto.

Ele olhou-a nos olhos e baixou a voz.

— Peço desculpa por ter estragado a nossa última noite juntos. Devia ter falado contigo. Mas a única coisa em que conseguia pensar era no meu medo. Nunca te devia ter tratado como te tratei.

— Senti-me tão sozinha, na manhã seguinte.

— Foi a pior maneira de lidar com a minha ansiedade. Mas espero que acredites em mim quando te digo que não foi só uma... — Fez uma pausa, hesitante. — Uma queca para mim. Sempre que estivemos juntos, foi sempre, sempre feito com amor. Juro.

Julia baixou o olhar para o divã.

— Para mim também. Nunca houve mais ninguém, nem antes nem depois.

Gabriel fechou os olhos por um instante, percorrido pelo alívio. Embora se sentisse zangada e traída, ela não correria para os braços de outro homem. Não desistira dele completamente.

— Obrigado — murmurou. Gabriel respirou fundo antes de continuar. — Quando confessaste a nossa relação e vi a reação do decano, soube que tínhamos sido apanhados. O meu advogado estava preparado para jogar à defesa, à espera que a comissão me dispensasse ou proferisse uma decisão que eu pudesse desafiar em tribunal. Mas, quando confessaste, ofereceste a corroboração de que a comissão necessitava.

— Tínhamos um acordo: mostrar uma frente unida. Um acordo, Gabriel. — A voz de Julia começava a aquecer.

— Eu concordei contigo de boa-fé, Julianne. Mas também prometi que não permitiria que ninguém te magoasse ou pusesse um fim na tua carreira. Essa promessa tinha precedência.

— Um acordo é uma promessa.

Gabriel inclinou-se para a frente.

— Eles estavam a ameaçar o teu futuro. Estavas mesmo à espera que eu ficasse ali sentado a ver uma coisa dessas acontecer?

Quando ela não respondeu, ele desafiou-a.

— Ficaste ali sentada sem dizer nada quando eles te disseram que iam apresentar queixa contra mim?

Os olhos de Julia voaram para os dele.

— Sabes que não. Discuti com eles. Mas não me ouviram.

— Exatamente. — Os seus olhos azuis mergulharam nos dela. — Com quem achas que aprendi o que é o autossacrifício?

Ela abanou a cabeça, sem se dar ao trabalho de o contradizer.

— Se quebrámos as regras, porque é que o decano não nos tentou castigar aos dois?

— Eu sou o professor; a responsabilidade é minha. E a professora Chakravartty esteve do teu lado desde o princípio. Ela não pensa que uma relação entre professor e aluno possa ser consensual. E, tristemente para nós, encontraram aquele teu velho *e-mail*.

— Então, a culpa foi minha.

Gabriel debruçou-se suavemente para ela e roçou-lhe o rosto com as costas da mão.

— Não. Fui eu que te convenci de que podíamos quebrar as regras e sair incólumes. E depois, em vez de me responsabilizar pelas minhas ações, sentei-me ali atrás do meu advogado. Foste a única com coragem suficiente para dizer a verdade. E, depois de o fazeres, eu tive de confessar.

»Concordei em aceitar as suas sanções, se eles concluíssem rapidamente a investigação. Os membros da comissão tiveram todo o gosto em concluir o assunto sem um processo civil e concordaram, prometendo clemência.

Julia tinha uma expressão magoada.

— Infelizmente, a sua noção de clemência era muito diferente da minha. Eu esperava ser censurado, não forçado a tirar uma licença.

Ele esfregou o rosto com as mãos.

— O Jeremy ficou furioso com a perspetiva de me perder, mesmo por um único semestre. Eu tinha causado um escândalo que embaraçaria não só a sua pessoa e a dos meus colegas mas também os outros estudantes do departamento. A Christa ia meter a universidade em tribunal. Era uma enorme confusão, e eu estava na origem de toda ela.

— Nós estávamos na origem, Gabriel. Eu também conhecia as regras, eu também as quebrei.

Ele fez-lhe um meio sorriso.

— As regras estão escritas de forma a desculpar o aluno porque o professor é que está na posição de poder.

— O único poder que tinhas sobre mim era o do amor.

Ele beijou-a suavemente.

— Obrigado.

O coração de Gabriel estava cheio, quase até à borda. Ela não recordava o tempo que tinham passado juntos da maneira como os membros da comissão o viam. Não recuara quando ele a beijara. De facto, os lábios dela tinham recebido os seus. Tinha esperança de que, pelo final da sua história, ela continuasse do seu lado.

— Quando trouxeram o Jeremy, eu supliquei-lhe que nos ajudasse. Prometi-lhe que faria qualquer coisa.

— Qualquer coisa? — perguntou Julia.

Ele remexeu-se novamente no assento.

— Não fazia ideia de que ele ia ficar do lado dos membros da comissão e exigir que cessasse todos os contactos contigo. Foi uma promessa imprudente, feita num acesso de desespero.

Julia desviou-se dele.

— E o que foi que ele disse?

— Convenceu a comissão a pôr-me de licença administrativa. Era, efetivamente, uma suspensão, mas não lhe chamaram isso para evitar manchar a reputação do departamento. Fui também proibido de orientar alunas de pós-graduação por um período de três anos.

— Desculpa. Não fazia ideia.

Ele comprimiu os lábios.

— Mandaram-me terminar tudo contigo de imediato e cessar qualquer contacto. Disseram-me que, se violasse esta condição, o acordo seria revogado e teriam de reabrir a investigação a nós os dois. — Ele fez uma pausa, à procura de palavras.

— Se eles julgavam que eu era uma vítima, porque é que ameaçaram investigar-me de novo?

Os olhos azuis de Gabriel tornaram-se gelados.

— O decano suspeitava que tu estavas a dizer a verdade... que o nosso relacionamento era consensual e que eu estava a tentar salvar a tua reputação. Não ia deixar-nos sair disto juntos. Foi por isso que te enviei o *e-mail*.

— Aquele *e-mail* foi cruel.

As sobrancelhas de Gabriel juntaram-se.

— Eu sei. Mas, uma vez que foi enviado da minha conta da universidade para a tua conta da universidade, presumi que perceberias que era só para eles verem. Alguma vez falei contigo daquela maneira?

Ela fez-lhe um olhar de desafio.

Ele crispou-se.

— Quero dizer, alguma vez falei contigo assim depois de perceber quem tu eras?

— E a universidade podia mesmo exigir que parasses de falar comigo?

Gabriel encolheu os ombros.

— Foi o que fizeram. A ameaça do processo da Christa pendia sobre todos nós. O Jeremy parecia pensar que se eu tirasse uma licença, conseguiria convencer a Christa a desistir da queixa. E conseguiu. Mas, mais uma vez, ele disse que, se descobrisse que eu continuava a encontrar-me contigo, não ergueria um dedo para me ajudar.

— Isso é chantagem.

— Isso é a academia. O processo da Christa teria prejudicado o departamento, possivelmente de forma irreparável. O Jeremy perderia a capacidade de recrutar a nata dos professores e estudantes porque as pessoas ouviriam dizer que não era um local seguro. E eu queria tanto ver-me embrulhado num escândalo como ele, e ainda menos ver-te arrastada para uma sala de tribunal como minha testemunha.

Gabriel pigarreou, claramente hesitante.

— Eu concordei. O Jeremy e o decano deixaram claro que te entrevistariam no final do semestre para verificar se eu tinha mantido a minha promessa. Não tive outra hipótese.

Julia brincou com as dobras do seu vestido.

— Porque é que não me disseste? Porque não me pediste um intervalo para me poderes explicar o que se estava a passar? Éramos um casal, Gabriel. Devíamos trabalhar em conjunto.

Ele engoliu em seco.

— O que é que teria acontecido se eu te levasse para um canto e te explicasse o que ia fazer?

— Não te teria deixado ir avante com isso.

— Exatamente. E eu não ia permitir que perdesse tudo por causa dos meus erros. Não conseguiria viver com isso. Só tinha esperança que me perdoasses... um dia.

Julia estava atónita.

— Estavas disposto a arriscar tudo para me salvar, mesmo pensando que eu podia não te perdoar?

— Estava.

Julia sentiu os olhos lacrimejarem, e limpou-os cegamente.

— Quem me dera que me tivesses dito.

— Eu também, mas prometi ao Jeremy que me manteria afastado. Antes de ele entrar no corredor, tentei falar contigo, mas o John e a Soraya estavam sempre a interromper.

— Eu sei, mas...

Ele interrompeu-a.

— Se te dissesse que era apenas temporário, eles teriam percebido pela minha expressão. Teriam sabido que eu não tinha qualquer intenção de cumprir a minha promessa. Eu tinha dado a minha palavra.

— Mas tinhas planos para a quebrar.

— Sim. Sim, tinha. — Ele ficou calado por um momento, a olhar à distância.

— Isso não faz sentido, Gabriel. Fizeste-lhes todos os tipos de promessas, mas quebraste-as. Puseste o manual na minha caixa, escreveste-me uma mensagem...

— E planeava fazer mais. Ia mandar-te um *e-mail*, dizer-te que era só até ao final do semestre. Assim que te formasses e eu me demitisse, renovaríamos a nossa relação. Isto é, se ainda me quisesses. — O tom de voz de Gabriel diminuiu. — Eu sabia que serias vigiada. E que o decano te ia entrevistar para descobrir se eu tinha mantido a minha promessa. Tive medo da tua capacidade de mentir.

— Isso é uma treta — disse Julia furiosamente. — Podias ter-me enviado um *e-mail* e explicado que eu precisava de parecer destroçada. Não sou grande atriz, mas consigo representar um bocadinho.

— Havia outros... fatores.

Ela fechou os olhos.

— Quando caí, olhaste para mim como se me detestasses. Parecias enojado.

— Julia, por favor. — Ele agarrou-lhe na mão e puxou-a contra o peito. — Aquele olhar não era para ti. Qualquer nojo que pudesse sentir era por aquela reunião e por mim mesmo. Aquele olhar não era para ti, juro.

Julia verteu mais do que algumas lágrimas, naquele momento, como consequência do choque, da ansiedade, e de uma dose de alívio por ver respondidas as suas perguntas. Mas algumas das mais importantes permaneciam.

— Odeio ter-te feito chorar outra vez — disse Gabriel, com a voz rouca, a acariciar-lhe as costas para a tranquilizar.

Julia limpou os olhos.

— Tenho de ir para casa.

— Podes ficar comigo esta noite. — Ele olhou-a cautelosamente.

Ela ficou num conflito. Ficar com ele podia minar todas as coisas que tinha ainda por dizer, mas fugir para o seu apartamento frio e escuro parecia covardia. Como sempre, sabia que, assim que se permitisse enroscar-se ao seu lado, o seu corpo e o seu coração arrastariam com eles a sua mente.

— Devia ir. — Soltou um suspiro de derrota. — Mas não consigo obrigar-me a partir, neste momento.

— Então fica... nos meus braços. — Ele beijou-lhe a testa, a murmurar o seu amor contra a pele dela.

Lentamente, levantou-se e pegou num par de cobertores, parando no caminho para apagar as velas. Deixou as mais pequenas nos candeeiros marroquinos acesas, para admirar o jogo de luz e cor contra as paredes da tenda. O próprio ar cintilava.

Aninharam-se no centro do divã. Gabriel ficou deitado de costas com a sua amada ao lado. Não fez nada para conter o profundo suspiro de contentamento que lhe escapou dos lábios assim que passou um braço pelos ombros dela.

— Gabriel?

— Sim? — Ele acariciou-lhe o cabelo lentamente, a deliciar-se com a sensação sedosa das madeixas que lhe deslizavam pelos dedos. Tentou saborear o seu novo cheiro desconhecido, mas deu por si a lamentar a perda do antigo.

— Senti... a tua falta.

— Obrigado. — Apertou-a com força quando um sentimento de cauteloso alívio o percorreu.

— Costumava ficar acordada à noite, a desejar que estivesse ali comigo.

Os olhos de Gabriel encheram-se de lágrimas com o som da sua vulnerabilidade e da sua coragem. Se alguma vez tivera um momento de dúvida de que a amaria e admiraria para sempre, quer ela o escolhesse quer não, essa dúvida dissipou-se como um farrapo de fumo.

— Eu também.

Ela gemeu para si mesma e, dentro de minutos, os dois exaustos antigos amantes estavam a dormir profundamente.

Julia abriu os olhos e viu a brilhante luz do Sol de julho a jorrar pela porta aberta da tenda. Estava enroscada debaixo de dois cobertores de caxemira que tinham sido delicadamente aconchegados à sua volta. Estava sozinha. Não fosse o facto de saber que a tenda pertencia a Gabriel, teria julgado que a noite anterior fora um sonho. Ou que acordara para um novo sonho.

Quando saiu da cama, encontrou um bilhete ao lado da sua almofada.

Querida,

Estavas a dormir tão pacificamente que não te quis perturbar. Vou pedir à Rebecca para te fazer waffles para o pequeno-almoço, pois sei que gostas muito. Voltar a adormecer nos teus braços lembrou-me que sou apenas meia pessoa na tua ausência.

Tu tornas-me inteiro.

Com amor,

Gabriel.

Julia não podia negar o facto de ter sido invadida por uma variedade de emoções ao ler o bilhete, como uma sinfonia de diferentes instrumentos. Talvez o sentimento mais dominante fosse o alívio.

Gabriel amava-a. Gabriel regressara.

Mas perdão e reconciliação eram duas coisas diferentes, e ela sabia que embora outras forças se tivessem unido para impor a sua separação, ela e Gabriel tinham responsabilidades pela situação em que se encontravam naquele momento. Julia não queria correr de volta para os braços dele só para escapar à dor da separação; isso seria como tomar um comprimido para matar uma dor sem investigar as suas causas.

Encontrou os sapatos e atravessou lentamente o jardim, recuperando a sua mala antes de entrar pela porta das traseiras. Rebecca estava já a trabalhar na pequena cozinha, a preparar o pequeno-almoço.

— Bom-dia. — A mulher cumprimentou Julia com um sorriso.

— Bom-dia. — Julia dirigiu-se para a escadaria que dava para o segundo andar. — Ia só à casa de banho.

Rebecca limpou as mãos ao seu avental.

— O Gabriel está a usá-la, neste momento.

— Ah.

— Porque é que não bate à porta? Ele pode ter terminado.

A ideia de encontrar Gabriel molhado do chuveiro, enrolado numa toalha, fez a pele de Julia ficar de um tom rosado.

— Hum, eu espero. Posso? — Apontou para o lavatório da cozinha e, sem a permissão de Rebecca, começou a lavar as mãos. Depois de as secar, removeu um elástico da carteira e prendeu o cabelo num rabo-de-cavalo.

Rebecca convidou-a a sentar-se na pequena mesa redonda da cozinha.

— Esta casa não é muito conveniente, com uma única casa de banho. Eu acabo por ter de subir aquelas escadas várias vezes por dia. Até a minha casinha tem duas casas de banho.

Julia ficou surpreendida.

— Pensei que vivia aqui.

Rebecca riu-se enquanto ia buscar ao frigorífico um jarro de sumo de laranja acabado de espremer.

— Eu vivo em Norwood. Vivia com a minha mãe, mas ela faleceu há uns meses.

— Lamento. — Julia fez um sorriso de simpatia a Rebecca enquanto servia o sumo de laranja em dois copos.

— Ela sofria de Alzheimer — disse Rebecca simplesmente, antes de regressar aos seus cozinhados.

Julia viu-a ligar uma grelha elétrica para *waffles* e começar a lavar um cesto de morangos frescos e bater um pouco de natas. Gabriel planeara bem o pequeno-almoço.

— Vai ser uma adaptação, cuidar da casa de um professor depois de olhar pela minha mãe. Ele é um bocado meticoloso, mas gosto disso. Sabia que ele me empresta livros? Comecei a ler *Jane Eyre*. Nunca tinha lido. Ele diz que, desde que eu continue a cozinhar, posso levar livros emprestados. Finalmente, tenho oportunidade de aumentar a minha instrução ao mesmo tempo que posso usar tudo o que aprendi com os anos a assistir ao *Food Network*.

— Ele empresta-lhe livros da sua biblioteca pessoal? — Julia soava incrédula.

— Sim. Não é simpático? Não conheço muito bem o professor, mas já gosto bastante dele. Faz-me lembrar o meu filho.

Julia bebericou o seu sumo de laranja e começou a tomar o pequeno-almoço, instada como foi a não esperar pela chegada de Gabriel.

— Não sei porque comprou esta casa, quando a cozinha é tão pequena e só há uma casa de banho. — Ela ia falando por entre dentadas num *waffle* com sabor a canela.

Rebecca fez um sorriso entendido.

— Ele queria viver em Harvard Square, e gostou do jardim. Disse que lhe recordava a casa dos pais. Tem planos para renovar a casa e torná-la mais confortável, mas recusou-se a contratar um único empreiteiro enquanto a menina não desse a sua aprovação.

— A minha aprovação? — O garfo de Julia caiu no chão.

Rebecca passou-lhe eficientemente outro limpo.

— Ele pode ter mencionado qualquer coisa a respeito de a vender, caso não gostasse. Embora, tendo em conta a linguagem que ouvi lá em cima esta manhã, me pareça que ele decidiu começar as renovações *imediatamente*.

Passou um prato de bacon estaladiço a Julia.

— Não sei se já reparou, mas este professor consegue ser um bocado intenso.

Julia riu-se alto.

— Nem faz ideia.

Conseguiu saborear não um mas dois *waffles* antes de o som de Gabriel nos seus sapatos italianos se fazer ouvir pelas escadas abaixo.

— Bom-dia — cumprimentou ele, beijando-lhe o alto da cabeça.

— Bom-dia. — Vivamente conscientes da presença de Rebecca, Gabriel e Julia fizeram conversa de circunstância por um momento, antes de Julia pedir licença para ir à casa de banho.

Com um olhar ao seu rosto e cabelo ao espelho, percebeu que precisava de tomar um duche. E foi quando reparou num saco de compras colocado cuidadosamente ao canto da bancada.

Dentro do saco encontrou frascos da sua antiga marca de champô e gel duche com aroma a baunilha, juntamente com um novo *poof* cor de lavanda. Ainda mais surpreendentemente, encontrou um vestido de verão amarelo-pálido com um casaco de malha a condizer. Levou um momento ou dois a ultrapassar a sensação súbita e quase esmagadora que a invadiu. Mas engoliu-a, tomou duche e vestiu-se, tornando-se mais apresentável.

Estava agradecida por ter roupas limpas para vestir, mas ligeiramente irritada com a presunção de Gabriel. Perguntou-se se encontraria roupa interior do seu tamanho pendurada no roupeiro dele. Perguntou-se se, quando mudara o conteúdo do seu apartamento, ele guardara todas as roupas e objetos que ela deixara para trás.

Penteou o cabelo para trás das orelhas. Os brincos de Grace estavam escondidos ao fundo da sua gaveta da roupa interior, com alguns outros artigos preciosos, no seu apartamento. Sabia que pô-los de parte, apesar de lhe parecer necessário depois do desaparecimento dele, magoara Gabriel profundamente.

Tinham-se magoado mutuamente, e ambos necessitavam de perdão e cura. Mas Julia não conseguia decidir que caminho seria o melhor para que pudesse sarar. As escolhas óbvias na vida nem sempre são as mais corretas.

Quando desceu finalmente as escadas, Rebecca estava a arrumar a cozinha e Gabriel saíra para o jardim. Encontrou-o sentado numa cadeira à

sombra de um grande guarda-sol.

— Estás bem? — perguntou, pois viu-o de olhos fechados.

Ele abriu os olhos e sorriu.

— Agora estou. Fazes-me companhia? — Estendeu-lhe a mão, e ela aceitou-a, instalando-se numa cadeira adjacente.

— Essa cor fica-te bem — disse ele, avaliando-a no seu vestido amarelo com manifesto encanto.

— Obrigada por teres ido às compras.

— O que gostarias de fazer hoje?

Julia puxou a bainha do vestido para cobrir os joelhos.

— Acho que devíamos terminar a nossa conversa.

Ele anuiu, renovando silenciosamente a sua oração. Não queria perdê-la. Ele sabia que a reação dela à parte seguinte da sua história poderia resultar exatamente nisso.

— Sei que te recordas da nossa conversa no corredor, depois da audiência. Quando o John foi mal-educado contigo, apeteceu-me partir-lhe o dedo e dar-to a comer.

— Porquê?

— Não me parece que tu compreendas a profundidade do meu sentimento por ti. Está muito para além de querer ficar perto de ti, ou de te proteger. Eu quero que sejas feliz, e quero que sejas tratada com respeito.

— Não podes partir os dedos das pessoas quando são mal-educadas comigo.

Ele fez o gesto de esfregar o queixo com um ar pensativo.

— Suponho que não. O que é que posso fazer, então? Atirar-lhes com a obra completa de Shakespeare?

— Num único volume? Claro.

Partilharam uma gargalhada antes de caírem em silêncio por um momento.

— Eu queria comunicar-te o que tinha acontecido do outro lado da porta, mas recebi ordens para não falar contigo. Foi por isso que falei em código. Só que, estupidamente, citei Abelardo, esquecendo-me que temos interpretações diferentes da relação dele com Heloísa. Devia ter citado Dante, Shakespeare, Milton, qualquer um. — Abanou a cabeça. — Estavas tão zangada. Acusaste-me de te ter fodido. *Julianne*... — A voz de Gabriel embargou-se quando ele pronunciou o nome. — Pensaste mesmo tão mal de mim? Pensaste que tinha sido a maneira que eu escolhi para dizer adeus?

Julia desviou o olhar, evitando a intensidade dos olhos dele.

— O que é que querias que pensasse? Não falaste comigo. Foste-te embora na manhã seguinte sem me deixar uma nota. E depois, na audiência,

de repente, acabou tudo.

— Não confiei em mim mesmo para te falar com palavras. Quando fiz amor contigo, pensei que compreendias o que te estava a tentar dizer... que nós somos um. Que sempre seremos um.

— Estavas a falar da nossa conversa no corredor depois da audiência — instou ela, ansiosa por mudar de assunto. — Não compreendo como é que eles te podem ter obrigado a sair da cidade.

— Não podiam, realmente. O Jeremy queria simplesmente a minha palavra de que ia parar de me encontrar contigo.

Ela cruzou os braços.

— Então, porque te foste embora?

— O Jeremy descobriu que eu quebrei a minha promessa ainda antes de sairmos do edifício. E exigiu que acabasse contigo e jurasse pela minha honra que me ia manter longe de ti. Já lhe tinha dito que faria qualquer coisa para ele nos ajudar. Não tive escolha.

Julia recordou a sua última entrevista com o decano e o professor Martin, mesmo antes da graduação.

— Porque é que o Jeremy pensou que tinhas quebrado a tua promessa? Não falaste comigo, nem me mandaste nenhuma mensagem. Enviaste-me um *e-mail* a dizer que estava tudo acabado.

— Eu sei. Desculpa. Pensei que lesse nas entrelinhas e percebesse que era apenas para a administração ver. Tinha-te enviado outro *e-mail* antes disso, pela minha conta do *Gmail*, a dizer que era apenas temporário.

— Não, não tinhas.

Ele pegou no telemóvel. Percorreu alguns ecrãs e parou numa página. Depois fixou os olhos perturbados e acoados nos dela.

— Depois da audiência, escapei-me para a casa de banho dos homens e mandei-te rapidamente um *e-mail*. — Ele pegou-lhe gentilmente na mão. — Toma — disse ele, passando-lhe o telefone.

Julia olhou rapidamente para o ecrã.

Beatriz, eu amo-te. Nunca duvides disso. Confia em mim, por favor. G.

Ela pestanejou várias vezes, a tentar associar o que via escrito a preto e branco com o que tinha experienciado.

— Não compreendo. Eu não recebi isto.

Gabriel fez-lhe uma expressão torturada.

— Eu sei.

Ela olhou para o ecrã novamente e viu que a data e hora do *e-mail* correspondiam com a história de Gabriel. Mas a morada do *e-mail* não era a

dela. De facto, o destinatário era alguém inteiramente diferente.

J.H. Martin.

Os olhos de Julia aumentaram de tamanho quando a magnitude do erro de Gabriel se tornou subitamente, muito, muito claro. Em vez de enviar o *e-mail* a Julianne H. Mitchell, enviara-o a Jeremy H. Martin, o diretor do Departamento de Estudos Italianos.

— Oh, meu Deus — sussurrou ela.

Ele retirou-lhe o telefone da mão, a balbuciar pragas.

— Sempre que tentava fazer alguma coisa por ti, tinha o resultado oposto. Tentei salvar-te, e os membros da comissão ficaram desconfiados. Tentei dar-te uma pista na conversa, e fiz-te sentir abandonada. Tentei enviar-te um *e-mail*, e enviei-o para a própria pessoa que me proibira de contactar contigo. Honestamente, Julia, não fosse o facto de eu ter esperança de que algum dia pudéssemos ter esta conversa, teria corrido para o meio da Bloor Street em hora de ponta e terminado com tudo.

— Não digas coisas dessas. Nem sequer as *penses*.

A súbita mostra de ferocidade de Julia agradou-lhe, mas ele deu por si a recuar rapidamente.

— Perder-te foi mau para mim. Mas o suicídio não é uma opção que eu ponderaria outra vez. — Ele fez-lhe um olhar que parecia significar muito mais do que podia dizer naquele momento. — O Jeremy ficou furioso. Tinha posto a carreira e o departamento em risco para me proteger e eu estava a traí-lo dois minutos depois. Agora ele tinha provas por escrito de que eu tencionava quebrar a minha promessa à comissão. Não tive outra opção senão fazer tudo o que ele me dissesse. Se ele enviasse o meu *e-mail* ao decano, as repercussões teriam sido devastadoras para nós os dois.

Naquele momento, Gabriel e Julia foram interrompidos por Rebecca, que se juntou a eles no pátio com um jarro de limonada caseira guarnecida com umas framboesas congeladas que flutuavam delicadamente na nuvem de amarelo. Serviu as bebidas com um sorriso encorajador e desapareceu de novo na casa.

Gabriel bebeu avidamente, grato pelo intervalo.

— E depois? — insistiu Julia, a bebericar a sua limonada.

— O Jeremy disse-me para me manter longe de ti. Não tive escolha. Ele tinha a espada de Dâmocles na mão.

— E deixou-te ir?

— Com um aperto de mão e uma promessa. — Gabriel fez uma careta quando a memória daquela horrível conversa o assaltou. — Mostrou piedade por mim. Depois, mais do que nunca, senti-me obrigado a manter a minha palavra. Resolvi não contactar diretamente contigo até teres assegurado o teu

lugar em Harvard.

Julia abanou a cabeça teimosamente.

— E eu, Gabriel? Também me fizeste muitas promessas a mim. Não pensaste que tinhas de as manter?

— Claro. Antes de sair de Toronto, deixei o manual na tua caixa de correio. Pensei que encontrarias a passagem com a carta de Abelardo e lerias o que escrevi nas costas da fotografia.

— Mas eu não percebi que foste tu que mo mandaste. Nem sequer olhei para ele até à noite em que me foste ver. Foi por isso que corri para a rua. Não tinha ligação à internet no meu apartamento e queria mandar-te um *e-mail*.

— O que é que terias dito?

— Não sei. Tens de compreender que pensei que te tinhas fartado de mim. Que tinhas decidido que eu não merecia tanto trabalho. — As lágrimas acorreram aos olhos escuros de Julia, que as limpou com as mãos.

— Eu sou o único nesta relação que não merece tanto trabalho. Sabia que me tinha colocado numa situação em que não tinha em conta o teu coração. Mas não foi para te magoar. Foi o orgulho, e as más decisões, e erro atrás de erro. — Baixou o olhar para as mãos e começou a fazer girar o anel no seu dedo. — A Katherine Picton tentou ajudar-me. Disse que ia garantir que a universidade te deixasse em paz durante a minha ausência e que faria tudo o que fosse possível para te ajudar a formar a tempo. Mencionou que uma velha amiga dela tinha saído do Departamento de Estudos Românicos da Universidade de Boston para assumir outra posição na UCLA. Queria a minha permissão para me sugerir como seu substituto. Eu disse-lhe que avançasse.

»Fui entrevistado para a posição e, enquanto esperava pela decisão deles, fui a Itália. Tinha de fazer alguma coisa para sair da minha depressão, antes que fizesse alguma coisa de que me arrependesse.

O estômago de Julia contraiu-se de súbito.

— Uma coisa de que te arrependesses?

— Não falo de mulheres. A mera ideia de estar com outra pessoa deixava-me nauseado. Estava mais preocupado com outros... vícios.

— Antes que continues, preciso de te contar uma coisa. — A voz dela era mais forte e mais determinada do que a vontade que existia por detrás.

Gabriel começou a observá-la com atenção, a perguntar-se o que iria ela revelar.

— Quando te disse que o meu relacionamento com o Paul não ia para além da amizade, estava a dizer a verdade. Tecnicamente.

— Tecnicamente? — As sobrancelhas de Gabriel ergueram-se e a voz dele desceu para um rugido.

— Ele queria mais. Disse-me que me amava. E... beijámo-nos.

Gabriel ficou em silêncio por um segundo ou dois, e Julia viu quando os nós dos seus dedos ficaram brancos.

— É com o Paul que queres ficar?

— Ele foi meu amigo quando precisei de um amigo. Mas nunca tive qualquer sentimento romântico por ele. Acho que já sabes isto, mas tu estragaste-me para os outros homens quando eu tinha dezassete anos. — A voz dela tremia.

— Mas beijaste-o.

— Sim, beijei. — Julia inclinou-se para a frente e, com uma mão suave, desviou uma madeixa de cabelo da testa de Gabriel. — Mas foi tudo. Não fazia ideia de que ias voltar para mim, mas mesmo assim recusei-o. — Retirou a mão. — Não porque não pudesse ter uma vida boa com ele. Mas não eras tu.

— Tenho a certeza que isso o perturbou. — Gabriel soava sarcástico.

— Parti-lhe o coração — disse Julia, e os seus ombros descaíram. — E não tive qualquer prazer nisso.

A visão do óbvio desconforto de Julia incomodava-o, mas não conseguia disfarçar o alívio perante a admissão de que não tinha rival nos seus afetos. Apertou-lhe o ombro antes de falar.

— Tinha medo que, se tivéssemos algum contacto e o Paul descobrisse, ele fosse a correr contar ao Jeremy.

— Ele não teria feito uma coisa dessas. Sempre foi bom para mim, mesmo depois de eu lhe partir o coração. — Julia alisou rugas imaginárias no seu vestido amarelo. — Eu sei que me disseste que foste fiel, e não estou a questionar isso. Mas alguém... te beijou?

— Não. — Ele sorriu a contragosto. — Teria feito um bom dominicano, ou jesuíta, não achas? Com a minha nova virtude do celibato? Embora tenha descoberto durante a nossa separação que não tenho disposição para ser franciscano.

Julia fez-lhe um olhar interrogativo.

— Isso é uma história para outro dia.

Ela apertou-lhe a mão com carinho e retirou-a, desejando mudamente que ele terminasse a sua história.

— Se não me fosse oferecida a posição na Universidade de Boston, ia pedir demissão do meu emprego em Toronto. A única coisa que tinha de fazer era aguentar-me até à graduação.

»Quería sentir-me perto de ti, recordar um tempo mais feliz, por isso fui a Itália. Na verdade, Julianne, aqueles dias contigo em Florença e na Úmbria foram os mais felizes da minha vida. — Ele desviou os olhos. — Até fui a Assis.

— Para te tornares franciscano? — Ela riu-se.

— Seria difícil. Visitei a basílica e pensei estar a ver-te.

Olhou-a hesitantemente, a perguntar-se se ela julgaria que estava perturbado.

— A tua *doppelgänger* conduziu-me à igreja inferior e até à cripta, onde está o túmulo de São Francisco.

»Ao princípio, fiquei a olhar para a jovem mulher, a desejar que fosses tu. A desejar não ter cometido tantos erros. Fui confrontado pelos meus próprios fracassos. O meu pecado. Tinha feito de ti um ídolo. Adorava-te, como um pagão. Depois, quando te perdi, fiquei em risco de perder tudo. Disse a mim mesmo que precisava que me salvasses, que não era nada sem ti.

»Comecei a ver como me tinha sido dada oportunidade atrás de oportunidade. Não por mérito próprio, recebi graça e amor. E eu desperdicei tudo isso, ou dei-lhe pouco valor. Não merecia a família que me adotou. Não merecia a Maia, que foi a melhor parte da minha relação com a Paulina. Não merecia ter sobrevivido às drogas e formar-me em Harvard. Não te merecia a ti.

Ele fez uma pausa e esfregou de novo os olhos, mas desta vez a humidade não cessou.

— A graça não é algo que nós mereçamos, Gabriel — disse Julia suavemente. — Ela vem do amor. E Deus envolve o mundo de segundas oportunidades, e pequenas folhas de primavera e misericórdia, mesmo que algumas pessoas não as queiram.

Ele beijou-lhe as costas da mão.

— Precisamente. Na cripta da basílica, aconteceu uma coisa. Percebi que tu não me podias salvar. E encontrei... a paz.

— Por vezes procuramos a graça até ela nos alcançar.

— Como é possível que não sejas um anjo? — sussurrou ele. — Não sei o que me aconteceu, mas fez-me querer ser bom. A minha experiência fez-me focar em Deus, mas também me fez amar-te mais. Sempre fui atraído pela tua bondade, Julianne. Mas acredito que te amo mais profundamente agora do que antes.

Ela anuiu quando os seus olhos se enevoaram, de súbito, com água salgada.

— Devia ter-te dito que te amava antes disso. Devia ter-te pedido em casamento. Pensava saber o que era melhor para ti. Pensava que tínhamos todo o tempo do mundo.

Julia tentou falar, mas ficou com a voz presa na garganta.

— Por favor, diz-me que não é demasiado tarde, Julianne. Por favor, diz-me que não te perdi para sempre.

Ela olhou-o por um momento e pôs os braços em seu redor.

— Eu amo-te, Gabriel. Nunca deixei de te amar. Cometemos erros, os dois... com o nosso relacionamento, com a universidade, um com o outro. Mas tinha esperança que voltasses para mim. Que ainda me amasses.

Ela beijou-o nos lábios e Gabriel sentiu um jorro de alegria misturado com culpa.

Ele estava embaraçado, e Julia percebeu-o. Mas também sabia que os seus olhos húmidos eram o resultado de uma miríade de coisas — exaustão e frustração, e a dor que permanece depois de uma prolongada depressão.

— Então ficas? — A voz dele era suave.

Ela hesitou apenas o tempo suficiente para ele se sentir preocupado.

— Eu quero mais do que tínhamos antes — disse ela.

— Mais do que te posso dar?

— Não necessariamente, mas mudei nestes últimos meses, e vejo que tu também mudaste. A questão é: para onde vamos a partir daqui?

— Então diz-me o que queres. Diz-me e eu dou-to.

Ela abanou a cabeça.

— Quero que decidamos as coisas juntos. E isso vai levar tempo.

Em breve estava demasiado calor para se ficar ao ar livre, por isso Gabriel e Julia regressaram para casa e instalaram-se na sala. Ele reclinou-se no sofá de pele, enquanto Julia se sentava numa das poltronas de veludo vermelho.

— Vamos diretos ao assunto? — perguntou ela.

Ele anuiu, subitamente tenso.

— Hmm, eu começo. Quero conhecer-te de novo. Quero ser tua parceira.

— Eu quero que sejas bem mais do que isso — sussurrou Gabriel.

Julia abanou a cabeça veementemente.

— É demasiado cedo. Tu privaste-me das minhas escolhas, Gabriel. Tens de parar de fazer isso, ou nós não vamos muito longe.

O rosto dele caiu.

— O que foi? — perguntou ela, temendo a resposta.

— Eu não me arrependo de ter tentado salvar a tua carreira. Gostava que tivéssemos chegado a um consenso a esse respeito. Mas, quando te vi em perigo, reagi. E, mais, tu farias o mesmo se eu estivesse em perigo.

Julia sentiu a sua fúria crescer.

— Então, toda esta conversa, as tuas desculpas, não significam nada?

— Claro que significam! Devia ter falado contigo antes de fazer alguma coisa. Mas se esperas que seja o tipo de homem que fica a ver a mulher que

ama perder os seus sonhos, então não consigo corresponder às tuas expectativas. Lamento.

Julia ruborizou-se de um vermelho brilhante.

— Então, estamos de volta ao ponto onde começámos?

— Não fiquei ressentido quando fizeste tudo para me proteger da Christa ou da comissão. Não fiquei ressentido pelo teu *e-mail* de assédio, embora tenhamos concordado que foi um erro. Não podes dar-me a mesma consideração? Não podes dar-me graça, Julianne? A tua graça?

Apesar do seu tom de súplica, Julia não estava a escutar. Naquele momento, a única coisa que ouvia era Gabriel a desconsiderar as suas objeções. Outra vez.

Abanou a cabeça e dirigiu-se para a porta.

Ali estava o cruzamento na estrada, o ponto onde os caminhos divergiam. Podia sair pela porta, e tudo estaria terminado com Gabriel. Não haveria terceira hipótese. Ou podia ficar, sabendo que ele se recusava a ver o seu maldito heroísmo na frente da comissão como uma coisa problemática.

Hesitou.

— *Deixa-me amar-te, Julianne. Da maneira como deves ser amada.*

Gabriel parou atrás dela, os lábios a vibrar contra a sua orelha. Ela sentia o calor que irradiava do corpo dele por entre as roupas e contra as suas costas.

— Eu sou o teu leal, Beatriz. Claro que te quero proteger. Nada vai mudar isso.

— Eu preferia ter-te a ti do que ter Harvard.

— Agora podes ter as duas coisas.

Ela virou-se.

— A que custo? Não me digas que a nossa situação não nos prejudicou, possivelmente de forma irreparável.

Ele desviou-lhe o cabelo de um ombro e colou os lábios ao lado nu do seu pescoço.

— Perdoa-me. Prometo não te roubar a tua dignidade nem a tua parceria. Mas não fico a ver-te ser magoada se o puder evitar. Não me faças voltar a ser um sacana egoísta.

Em teimosa irritação, Julia deu um passo para a porta, mas Gabriel agarrou-a por um braço.

— Num mundo perfeito, haveria sempre comunicação e consulta entre parceiros. Mas não vivemos nesse mundo. Há emergências e perigos, há pessoas vingativas. O meu desejo de te proteger é um pecado assim tão mau que me queiras deixar por causa dele?

Quando Julia ficou em silêncio, ele continuou.

— Farei o máximo possível para tomar decisões contigo e não por ti. Mas

não me vou desculpar por querer que fiques segura e feliz. Não serei submetido à regra de que terei de te consultar antes de agir em casos de emergência.

»Queres que te trate como igual. Eu quero o mesmo tratamento. Isso significa que tens de confiar em mim para tomar a melhor decisão que conseguir, conforme a informação que possuir, sem ser omnisciente. Ou perfeito.

— Prefiro ter-te vivo a carregar o teu escudo do que morto e coberto por ele. — Ela soava obstinada.

Gabriel riu-se.

— Acho que a batalha das Termópilas já passou, querida. Mas partilho o teu sentimento e pedir-te-ia o mesmo. Minha pequena guerreira.

Beijou-lhe o pescoço outra vez.

— Toma o meu anel. — Retirou rapidamente a aliança da mão esquerda e passou-a por cima do ombro direito dela. — Usei isto para demonstrar o facto de o meu coração e a minha vida serem teus.

Ela aceitou hesitantemente o anel da mão dele e enfiou-o num dos polegares.

— Eu vendo o raio da casa. Só a comprei para ficar perto de ti. Mas posso procurar um apartamento até escolhermos uma casa juntos.

— Acabaste de te mudar para cá. E eu sei que adoras o jardim. — Julia suspirou.

— Então diz-me o que queres. Podemos levar o tempo que for preciso sem fazer promessas sobre o futuro. Mas perdoa-me, por favor. Ensina-me, e prometo que serei o teu mais dedicado aluno.

Quando ela ficou em silêncio e imóvel por vários minutos, Gabriel pegou-lhe na mão e começou a conduzi-la da sala para o quarto no andar superior.

— O que estás a fazer? — perguntou, enquanto se aproximavam da porta.

— Preciso de te ter nos meus braços, e acho que tu precisas de ser abraçada. O maldito sofá é demasiado estreito para os dois. Por favor. — Levou-a para a cama e posicionou-se de costas com os braços abertos, a convidá-la a instalar-se.

Ela hesitou.

— E a Rebecca?

— Não nos vai incomodar.

Julia não queria regressar à cama dele simplesmente porque ele a convidara, e por isso procurou em volta por alguma coisa, qualquer coisa, que o distraísse.

— O que é aquilo? — Apontou para o que pareciam ser dois grupos de

grandes molduras encostadas a uma das paredes e cobertas por um lençol.

— Podes ver.

Julia sentou-se no chão de madeira e removeu o lençol. Havia cerca de dez grandes fotografias, agrupadas em dois grupos de cinco, todas a preto e branco. Todas representavam Julia. Algumas incluíam Gabriel.

Ainda não vira a maior parte delas antes, já que tinham sido emolduradas depois da sua separação. Estavam ali fotografias de Belize, de Itália, e também aquelas que tinham servido como parte do seu presente de Natal para Gabriel. Eram todas deslumbrantemente belas, e cheias de amor.

— Era difícil olhar para elas quando pensava que te tinha perdido. Mas, como podes ver, guardei-as.

Gabriel observou enquanto Julia percorria as fotografias uma vez mais antes de estudar a sua preferida, uma em que estava deitada de barriga para baixo numa cama em Belize.

— O que aconteceu às antigas? As que tinhas antes de me conheceres?

— Já desapareceram há muito. Não precisava delas, nem as queria.

Ela voltou a colocar o lençol por cima das fotografias antes de se encaminhar para a cama. Parecia minada por um conflito.

Gabriel estendeu-lhe uma mão.

— Descontra-te. Só quero ficar agarrado a ti.

Julia deixou-se ser puxada para os seus braços e ficou aninhada contra o peito dele.

— Assim está melhor — murmurou ele, a beijar-lhe a testa. — Quero ganhar a tua confiança e o teu respeito. Quero ser teu marido.

Julia ficou calada por um momento, a conter a respiração, quando aquelas palavras penetraram a sua consciência.

— Eu quero fazer as coisas devagar. Chega de conversa de casamento.

— Felizmente, posso esperar. — Ele beijou-a de novo.

Desta vez, o beijo subiu de tom. Mãos vaguearam para procurar apoio em músculos e curvas, bocas conectaram-se determinadamente, pontuadas por suspiros e gemidos quase ofegantes, corações começaram a bater mais depressa. Era um beijo para marcar uma reunião, para assinalar a continuação da fidelidade e do amor. Gabriel beijou-a para lhe mostrar que a amava, para lhe pedir desculpa.

Julia beijou-o para lhe dizer que nunca poderia dar o seu coração a mais ninguém. Que esperava que as imperfeições de ambos, uma vez reconhecidas e exploradas, pudessem ser emendadas de forma a oferecer-lhes uma vida saudável e feliz.

Foi ela a primeira a recuar. Ouvia a respiração apressada de Gabriel, e alegrou-a saber que ainda tinham aquela faísca.

— Não espero que o nosso relacionamento seja perfeito. Mas há algumas coisas que precisamos de resolver e não sei se vamos precisar de terapia ou não, mas sei que precisaremos de tempo.

Ele olhou-a nos olhos.

— Concordo. Quero poder cortejar-te como não pude em Toronto. Quero dar-te a mão enquanto caminhamos na rua. Quero levar-te a um concerto e beijar-te na escadaria principal.

Julia riu-se.

— Éramos amantes, Gabriel. Tens fotografias de nós os dois juntos na cama, mesmo ali. Ficarias mesmo satisfeito se apenas me pudesses cortejar?

Ele entrelaçou os dedos nos dela.

— Quero a oportunidade de te compensar... de te tratar da maneira como te devia ter tratado o tempo todo.

— Sempre foste muito generoso na cama — defletiu ela.

— Mas egoísta noutros sentidos. Razão pela qual não farei amor contigo enquanto não reconquistar a tua confiança.

*R*epete lá isso?

Pelo menos, era o que Julia queria dizer, mas conteve a língua.

— Tenho medo que, se fizermos amor, isso faça entrar em curto-circuito o tipo de mudanças que precisamos de fazer.

— Então queres esperar?

Ele lançou-lhe um olhar perfurante.

— Não, Julianne, não *quero* esperar. Quero fazer amor contigo agora e durante o resto da semana. Eu sei que *devemos* esperar.

Os olhos dela abriram-se mais quando percebeu que Gabriel estava a falar a sério.

Ele beijou-a ternamente.

— Se vamos ser parceiros, tem de haver confiança. Se não confiares em mim com a tua mente, como podes confiar com o teu corpo?

— Acho que já disseste isso uma vez.

— Completámos um círculo. — Ele pigarreou. — E para que não haja nenhum mal-entendido, quando falo de confiar, quero dizer completamente. Tenho esperança de que, com o tempo, a tua zanga desapareça e tu me perdoes. Tenho esperança de que consigamos resolver a nossa necessidade de nos protegermos um ao outro, sem causar outra crise. — Ele olhou-a com expectativa. — Devia ter esperado até já não seres minha aluna antes de nos envolvermos. Disse a mim mesmo que, como não dormíamos juntos, não estávamos a quebrar nenhuma regra. Mas estava errado. E eras tu que tinhas de pagar o preço. — Ele procurou-lhe os olhos. — Não acreditas em mim.

— Oh, não. Acredito em ti. Mas o professor Emerson que conhecia e amava não era propriamente um defensor da abstinência.

Ele franziu o sobrolho.

— Talvez te estejas a esquecer de como começou a nossa relação. Abstivemo-nos na noite em que nos reconhecemos e muitas noites depois disso.

Ela beijou-o na boca, arrependida.

— Claro. Desculpa.

Ele virou-se de lado, olhando-a nos olhos.

— Estou absolutamente ávido de te sentir nos meus braços, de me unir contigo, de corpo e alma. Mas, quando estiver dentro de ti, quero saber que nunca te vou perder. Que tu és minha e eu sou teu, para sempre. — A voz dele ficou rouca. — Que somos casados.

— Desculpa?

— Quero casar contigo. Quando voltar a fazer amor contigo, quero ser teu marido.

Quando ela o olhou de boca aberta, ele continuou rapidamente.

— O Richard mostrou-me o tipo de homem que me quero tornar... um homem que passa o resto da sua vida a amar uma mulher. Quero-te fazer um juramento perante Deus e ficar na frente das nossas famílias e fazer-te promessas.

— Gabriel, eu nem sequer consigo contemplar casar contigo. Preciso de aprender a estar contigo outra vez. E, francamente, ainda estou zangada.

— Eu compreendo isso, e não tenho intenção de te apressar. Lembras-te da primeira vez que fizemos amor?

Ela sentiu as faces em chama.

— Lembro.

— De que é que te lembras?

Ela fez uma pausa, um olhar distante nos olhos.

— Foste muito intenso, mas bondoso. Planeaste tudo, até àquele ridículo sumo de arando.

»Lembro-me que estavas por cima de mim, a olhar-me nos olhos enquanto te movias, e que disste que me amavas. Nunca vou esquecer aqueles momentos enquanto viver. — Ela escondeu a face contra o pescoço dele, com o seu cheiro a sabonete.

— Ficaste envergonhada? — perguntou ele, a percorrer-lhe a simetria do queixo com um único dedo.

— Um bocadinho.

— Porquê? Já me viste nu. Já venerei cada lindo centímetro de ti.

— Sinto falta da ligação que tínhamos. Não me sinto completa sem ela.

— Eu também não. Mas achas que podes fazer amor comigo se não confias em mim? Estás a esquecer-te, meu amor, que te conheço. Não és o tipo de pessoa que põe o corpo onde o coração não a acompanha.

»Lembras-te da nossa última vez juntos? Disste-me que tinhas sentido que te tinha fodido. Na próxima vez que te tiver nua na minha cama, quero saber, sem qualquer dúvida, que a nossa união é fruto do amor e não da luxúria.

— Esse objetivo pode ser concretizado sem sermos casados — disse ela, sarcástica.

— Talvez. Mas se achas que nunca vais confiar em mim o suficiente para casar comigo, talvez o melhor seja dizeres-mo já.

Os olhos de Julia cresceram.

— Isso é um ultimato?

— Não. Mas eu quero provar-me merecedor de ti, e tu precisas de tempo para sarar. — Gabriel examinou a expressão dela cuidadosamente. — Preciso de uma coisa permanente.

Julia ficou a olhar para ele de boca aberta.

— Tu *queres* uma coisa permanente ou *precisas* de uma coisa permanente?

— As duas coisas. Quero que sejas minha mulher, mas também quero ser o tipo de homem que devia ter sido antes.

— Gabriel, tu estás sempre a tentar vencer-me. Quando é que vais parar?

— Nunca.

Ela ergueu as mãos de frustração.

— Negar sexo para eu casar contigo é manipulação.

A expressão de Gabriel animou-se consideravelmente.

— Eu não estou a *negar* sexo. Se tu declarasses que não estavas pronta para dormir comigo e eu te tentasse pressionar, seria um idiota manipulador. Não me deve ser permitido esperar para ter sexo até a nossa relação ficar restabelecida, e que essa opção seja respeitada? Ou o “não significa não” só se aplica às mulheres?

— Eu não te pressionaria se tu tivesses alguma objeção a ter sexo — replicou Julia. — Foste mais do que paciente quando eu não estava pronta para dormir contigo. Mas que dizer do sexo de reconciliação? Não é o costume?

Ele aproximou o rosto do dela.

— Sexo de reconciliação? — O calor do olhar dele quase lhe queimou a pele. — É isso que tu queres? — A voz dele era áspera.

Bem-vindo de volta, professor Emerson.

— Hum... sim?

Ele percorreu-lhe o lábio inferior a tremer com um único dedo.

— *Diz-me* — instou ele.

Julia pestanejou algumas vezes, apenas para quebrar a atração magnética que os seus olhos azuis-escuros exerciam sobre ela. Deixavam-na sem fala.

— Não há nada que eu mais queira do que passar dias e noites devotados ao nosso prazer, a explorar o teu corpo, a adorar-te. E é o que vou fazer. Na nossa lua-de-mel, vais descobrir que sou o mais atento e inventivo amante. Todas as minhas artes estarão ao teu serviço, e vou esforçar-me por compensar todos os erros quando te levar para a minha cama, como minha mulher.

Julia pousou a cabeça mesmo sobre o ponto onde se escondia a tatuagem dele debaixo da camisa branca engomada.

— Como é que podes ser tão... frio?

Gabriel fê-la virar de forma a ficar completamente nos seus braços e em cima do seu peito, os seus troncos pressionados um ao outro.

Beijou-a suavemente ao princípio, pele suave a deslizar sobre pele suave antes de puxar o lábio inferior entre os seus, chupando ligeiramente. Depois, quando o seu abraço se tornou mais quente, a sua mão fechou-se em volta da nuca dela, a acariciá-la até a sentir descontrair.

A mais suave ponta da língua assomou para lhe estimular o lábio superior, o ato de um cavalheiro hesitante de como seria recebido. Não precisava de ter tido receio. Julia recebeu-o, e ele começou a explorar-lhe a boca com determinação, apanhando-a quase desprevenida antes de recuar sem aviso.

— Isto parece-te frio? — O hálito quente de Gabriel soprou-lhe o rosto, um olhar faminto nos olhos. — Parece-te que não te desejo?

Julia teria abanado a cabeça se soubesse onde ela estava.

Gabriel moveu os lábios contra o maxilar dela, o queixo, e desceu dolorosamente devagar pelo lado do pescoço até lhe estar a beijar o ponto oco na base da sua garganta.

— E isto? Isto parece-te frio? — A boca dele movia-se contra a superfície da sua pele.

— N-não. — Ela estremeceu.

Gabriel roçou o nariz pela orelha dela, onde começou a morder, entre sussurros de adoração.

— E isto? — A mão direita dele desceu lentamente pelo lado do seu corpo, percorrendo cada costela como se fosse preciosa, ou talvez como se procurasse a primordial, a que Adão perdera. Virou-a ligeiramente de forma a que a coxa dela deslizesse sobre a sua anca e entrasse em contacto com a inegável prova do seu ardor.

— Podes negar isto?

— Não.

Gabriel olhou-a acaloradamente.

— Agora que este ponto ficou esclarecido, estou interessado em ouvir a tua resposta.

Julia tinha dificuldade em raciocinar, com o corpo entrelaçado no dele como estava. Começou a debater-se, e ele apertou-a ainda com mais força.

— Não houve mais ninguém. Os meus braços estavam cheios mesmo quando estava sozinho. Mas, se me dissesse que te tinhas apaixonado por outra pessoa e que estavas feliz, eu deixava-te em paz. Mesmo que isso me destruísse. — Ele fez uma careta e baixou a voz. — Vou amar-te para sempre, Julianne, quer tu me ames quer não. Esse é o meu Paraíso. E o meu Inferno.

O quarto ecoou com o silêncio durante vários minutos, e Julia levou uma mão a tremer à boca. Lágrimas lentas e constantes começaram a cair-lhe dos olhos.

— O que foi? — Ele puxou-a algumas vezes até a conseguir convencer a chorar contra o seu peito. — Não queria magoar-te. — A voz dele era desesperada, enquanto lhe esfregava rapidamente o braço, para cima e para baixo.

Foram precisos alguns minutos para Julia se conseguir recompor o suficiente para falar.

— *Tu amas-me.*

De imediato, o rosto de Gabriel contorceu-se de confusão.

— Isso é uma pergunta?

Quando ela não respondeu, ele começou a entrar em pânico.

— Não acreditavas que te amava? Mas eu disse-te que te amava, vez após vez. Tentei mostrar-te com as minhas ações, com as minhas palavras, com o meu corpo. Não acreditavas em mim?

Ela abanou a cabeça de um lado para o outro, como que para indicar que ele não percebia.

— Alguma vez acreditaste? Quando estávamos em Itália? Quando estávamos em Belize? — Ele puxava dolorosamente os cabelos. — Meu Deus, Julia, fizeste de mim o teu primeiro pensando que eu apenas *gostava* de ti?

— Não.

— Então porque é que só agora acreditas que te amo?

— Tu eras capaz de me deixar em paz para ser feliz, mesmo que fosse com outra pessoa.

Duas lágrimas corriam-lhe pela face, e ele apanhou-as com os dedos.

— É o que acontece quando se ama alguém. Querer que seja feliz.

Julia limpou os olhos com as costas da mão e Gabriel viu uma única lágrima deslizar sobre a aliança que ela usava no polegar.

— Quando encontrei a ilustração de São Francisco e Guido de Montefeltro, não compreendi porque a tinhas posto ali. Mas agora compreendo. Tinhas medo que a universidade estragasse a minha vida. Em vez de deixares que isso acontecesse, tomaste o meu lugar. Amaste-me o suficiente para me deixares, embora isso te partisse o coração.

— Julia, eu... — Os protestos de Gabriel foram interrompidos pelo calor dos lábios dela a fundirem-se com os seus. Eram castos e arrependidos, eróticos e felizes.

Ela nunca antes se sentira digna de ágape. Não era um objetivo a que aspirara ou um graal que demandasse. Quando Gabriel lhe dissera pela

primeira vez que a amava, acreditara. Mas a magnitude e profundidade do seu amor não era prontamente evidente. Apenas naquele momento se tornara claro, e com esta revelação vinha uma tremenda sensação de temor.

Talvez o amor de Gabriel sempre tivesse sido sacrificial. Talvez tivesse crescido com o tempo, tal como a velha macieira que os alimentara naquela noite há tanto tempo, e ela apenas não tivesse reparado como crescera.

Naquele momento, a gênese do seu amor sacrificial não importava. Tendo sido confrontada com aquilo que apenas podia descrever como algo muito profundo, sabia que nunca mais poderia duvidar do seu amor. Gabriel amava-a como a conhecia, totalmente, completamente, e sem qualquer dúvida.

Ele recuou um pouco e pressionou a palma no rosto dela.

— Eu não sou um homem nobre. Mas o amor que sinto por ti não pode ser apagado. Quando fui ter ao teu apartamento, a minha intenção era dizer-te que te amava e ver se estavas bem. E se me mandasses embora... — ele respirou fundo — ... eu iria.

— Não te vou mandar embora — sussurrou ela. — E farei o máximo ao meu alcance para te ajudar.

— Obrigado.

Ela mudou de posição para ficar deitada contra o seu peito.

— Desculpa ter-me ido embora. — Juntou os lábios aos dela.

Nos dias e semanas que se seguiram, Julia e Gabriel viram-se o máximo de vezes que conseguiram, mas, entre os preparativos para o semestre dele e os turnos dela na Peet's, a maior parte do seu contacto foi mediado por telefone ou *e-mail*.

Julia continuava as suas sessões de terapia com a doutora Walters, o que assumiu toda uma nova dimensão com o regresso de Gabriel. Gabriel e Julia começaram também aconselhamento de casal numa base semanal, o que rapidamente se metamorfoseou em (não oficiais) preparativos antenupciais.

Quando Julia se mudou para uma das residências de estudantes pós-graduados em agosto, tinham já conseguido abordar vários dos seus problemas de comunicação. Mas a sua obstinação coletiva permanecia. Gabriel não queria dormir com ela enquanto não estivessem casados, e Julia desejava avançar, gradualmente, o seu relacionamento físico. Gabriel opunha-se a partilhar uma cama com ela, exceto ocasionalmente, e sempre com relutância, com o rosto sombrio de um mártir.

Num desses serões, Julia ficou acordada entre os seus braços muito depois de Gabriel adormecer. O corpo dele estava quente, e as suas palavras tinham sido doces, mas ela sentia-se rejeitada. O apaixonado professor não precisara de muita persuasão para se reconciliar com Paulina, quando ela o procurara. Mas não queria amar Julia com o seu corpo, embora lhe jurasse a sua devoção eterna.

Enquanto o peito de Gabriel subia e descia debaixo da sua cabeça, Julia contemplou o caminho que a sua tomara. Perguntou-se se Beatriz passara algumas das suas noites a desejar avidamente a presença de Dante, tendo de se contentar com o facto de ele apenas a venerar de longe.

— *Julia.*

Ela assustou-se com o som do seu nome. Ele balbuciou qualquer coisa e apertou-a com mais força, puxando-a mais contra si.

Uma lágrima solitária escapou-se do seu olho.

Sabia que ele a amava. Mas sabê-lo era amargo e doce. Gabriel estava a tentar abandonar o passado com Paulina e as outras mulheres, e ela é que estava a pagar o preço. Mas talvez não fosse maior do que o preço que ele pagara pela vergonha que ela transportava por causa de Simon.

Ele balbuciou de novo qualquer coisa e, desta vez, ela sussurrou-lhe ao ouvido:

— Estou aqui.

Pressionou os lábios contra a tatuagem e fechou os olhos.

Apesar da dor pela sua continuada separação física, Julia reconhecia que Gabriel estava constantemente a descobrir novas e engenhosas formas de demonstrar o seu amor. Embora julgasse difícil aquela nova situação, continuava a ter fé nele.

Gabriel recusava-se a ponderar sequer a noção de passar a noite no seu pequeno quarto, mas aparecia de vez em quando com flores ou comida, e faziam piqueniques no chão. Levava-a ao cinema (dignando-se até a ir ver uma comédia romântica, sem legendas, de produção nacional), e despedia-se dela com um beijo nos degraus da entrada do edifício.

Em mais do que uma ocasião, passou uma noite de sexta ou sábado na biblioteca com ela, a escrever o seu novo livro, enquanto Julia se preparava para o seminário da professora Marinelli. Estava a ser seduzida por palavras e ações, e gostava disso. Mas sentia-se também insatisfeita, a desejar a proximidade que apenas podia ser obtida quando se fazia amor.

Em breve, era vinte e um de agosto, e estavam a voar para Filadélfia para ajudar nos preparativos do casamento de Rachel e Aaron. Quando entraram no átrio do hotel Four Seasons, Julia ficou estupefacta ao encontrar o seu pai sentado numa poltrona a ler o *Philadelphia Inquirer*.

— Está ali o meu pai — sibilou-lhe ela, esperando dar a Gabriel avanço suficiente para ele chegar aos elevadores antes que Tom pegasse numa das suas caçadeiras e lhe desse um tiro.

— Eu sei. Fui eu que o chamei.

Ela virou-se para Gabriel com os olhos muito abertos de incredulidade.

— Para que é que fizeste isso? Ele quer matar-te.

O professor endireitou-se em toda a sua altura.

— Eu quero casar contigo. Isso significa que preciso de resolver as coisas com o teu pai. Quero que possamos estar numa mesma sala sem ele me tentar matar. Ou castrar.

— Esta não é uma boa altura para lhe pedires para casar comigo — sussurrou Julia. — Se tiveres sorte, ele adia a castração para te remover as pernas... com o seu canivete suíço.

— Não lhe vou pedir para casar contigo. Essa decisão é tua. Querias mesmo casar com um homem que o teu pai despreza?

Julia começou a contorcer as mãos de agitação.

Ele inclinou-se para ela para lhe falar ao ouvido.

— Deixa-me fazer um pequeno trabalho de controlo de danos, para que

não fique para além do reino das possibilidades que ele aceite o nosso relacionamento. Podes vir a querer que ele te acompanhe ao altar, um dia.

Essas palavras mal tinham saído dos lábios de Gabriel quando Tom viu o casal. Sorriu para a filha abertamente, depois olhou de relance para Gabriel e ficou carrancudo. Quando se levantou, puxou o casaco para trás para poder pousar as mãos na cintura. Parecia ameaçador.

Oh, deuses das mulheres cujos pais desejam castrar o namorado no átrio do Four Seasons, por favor, não o deixem trazer nada afiado.

Gabriel inclinou-se ousadamente para lhe dar um beijo na testa enquanto olhava Tom diretamente nos olhos. Tom fixou-o com uma expressão homicida.

— Papá, olá. — Julia dirigiu-se a ele e abraçou-o.

— Olá, Jules. — Tom retribuiu o abraço antes de a puxar para trás de si num gesto protetor. — *Emerson.*

Sem se deixar desencorajar pela voz pouco amistosa de Tom, Gabriel estendeu a mão. Tom ficou simplesmente a olhar para ela como se, tal como o seu dono, fosse criminosa.

— Acho que é melhor irmos procurar um canto sossegado no bar. Não quero que haja público para o que tenho para lhe dizer. Jules, precisas de ajuda para levar a bagagem?

— Não, já tenho um carregador. Eu vou, hmm, para o meu quarto. Gabriel, depois vai ter ao teu, está bem?

Ele anuiu, tendo reparado que a cara de Tom relaxara ligeiramente ao ouvir dizer que a filha não estava atualmente a coabitar com o Demónio.

— Só para que fique registado, eu amo-vos aos dois. Por isso gostava mesmo que não se ferissem um ao outro. — Julia olhou preocupadamente entre os dois homens e, quando nenhum deles respondeu, abanou a cabeça e encaminhou-se para a receção. A sua primeira tarefa seria verificar se o minibar estava bem abastecido.

Mais tarde nessa noite, após um tenso mas não desagradável jantar com o pai, Julia serviu-se do cesto de produtos de banho com aroma a lavanda que Gabriel lhe enviara para o quarto, acompanhados com um virginal *poof* lavanda. Riu-se quando pensou na primeira vez que ele lhe dera um *poof*.

Ficou mais séria quando se apercebeu de que ele adquirira artigos de lavanda em vez dos de baunilha, apesar de preferir este a qualquer outro aroma. Talvez fosse a sua maneira de a manter a alguma distância. Fosse qual fosse a razão, respeitou os seus desejos e esperou que ele mudasse de ideias.

Em breve.

Estava de molho na grande banheira de pedestal quando o seu telemóvel tocou. Por sorte, o maldito aparelho estava bem ao seu alcance.

— O que estás a fazer? — A voz suave de Gabriel encheu-lhe os ouvidos.

— Só a descontrair. Obrigada pelo cesto, a propósito. Como estás?

— Não posso dizer que a minha conversa com o teu pai tenha sido agradável, mas era necessária. Dei-lhe oportunidade para me chamar nomes e dizer-me que sou um drogado inútil que não te merece. Depois fiz os possíveis por lhe explicar o que aconteceu. No fim da conversa, ele pagou-me uma cerveja de má vontade.

— Estás a gozar?

— Não estou.

— Não consigo imaginar o Tom a pagar dez dólares por uma *Chimay Première*.

Gabriel riu-se.

— Era *Budweiser*, na verdade. E não a original *Budweiser Budvar* da República Checa. Foi ele que fez o pedido.

— Acho que deves mesmo amar-me, se estás disposto a abdicar das tuas pretensiosas importações europeias em troca de *horrível água do banho*. — Julia olhou para a grande banheira com um ar maligno. Preferia estar a tomar banho com Gabriel do que sem ele.

— Beber uma cerveja nacional era o mínimo que podia fazer. Não me parece que o teu pai me perdoe por te ter magoado, mas espero que as coisas possam melhorar. Disse-lhe que quero casar contigo. Ele falou do assunto ao jantar?

Julia hesitou.

— Disse-me que sou a sua menina e que me quer proteger. Depois disse coisas sobre ti que não eram muito elogiosas.

»Mas admitiu que sou uma mulher adulta e que preciso de viver a minha própria vida. Disse que era evidente que tinhas mudado... desde que te viu pela última vez. Acho que o surpreendeste. E olha que não está habituado a ser surpreendido.

— Desculpa. — A voz de Gabriel parecia magoada.

— Desculpa porquê?

— Por não ser o tipo de homem que poderias levar a casa para conhecer o teu pai.

— Ouve, o meu pai julgava que o sol nascia no rabo do Simon. Não é propriamente o melhor a avaliar personalidades. E não te conhece como eu te conheço.

— Mas é teu pai.

— Eu trato dele.

Gabriel ficou calado por um momento enquanto pensava na resposta dela.

— A minha conversa com o Tom foi um bom aquecimento para o jantar com a minha família.

— Oh, não. Como correu?

Ele fez uma pausa.

— Falar com o Scott ao telefone é uma coisa, mas jantar com ele é completamente diferente.

— É muito protetor a meu respeito. Eu falo com ele.

— O meu pai pediu-me para fazer um brinde à minha mãe na receção do casamento.

— Oh, querido. Isso vai ser difícil. Tens a certeza que o queres fazer?

Por um momento, fez-se silêncio do outro lado da linha.

— Tenho algumas coisas que preciso de dizer. Coisas quase trinta anos à espera. Agora é a minha oportunidade.

— Então, fizeste as pazes com toda a gente?

— Basicamente. Eu e o meu pai já as tínhamos feito ao telefone há semanas.

— Conheceste o menino da Tammy?

Gabriel soltou um ronco ao telefone.

— Ele sujou-me assim que lhe peguei ao colo. Talvez o Scott o tenha ensinado a tornar conhecidos os seus sentimentos a meu respeito.

— O Quinn fez xixi em cima de ti?

— Não, entornou leite por todo o meu novo fato *Armani*.

Julia dissolveu-se em gargalhadas com a ideia do muito elegante, muito picuinhas, professor a ser conspurcado pelo filho da namorada do irmão.

— Será errado não me importar muito? Com o fato, quero eu dizer.

Julia parou abruptamente de se rir.

— Não te importaste? O que é que fizeste com ele?

— O *concierge* mandou-o para a lavandaria. Assegurei-lhe que o leite sai bem do crepe de lã, mas também não me vou preocupar. Os fatos podem ser substituídos, as pessoas é que não.

— Surpreende-me, professor.

— Porquê?

— Tão querido.

— Tonto ser querido para ti — murmurou ele.

— Isso é verdade. Mas nunca te vi com crianças.

— Não — disse ele rapidamente. — Tu farias bebés lindos, Julianne. Meninas e meninos com grandes olhos castanhos e faces rosadas.

O rápido conter de respiração de Julia fez-se ouvir ao ouvido de Gabriel.

A voz dele era quase embargada.

— É prematuro ter esta conversa?

Ela não respondeu.

— Julianne?

— A minha hesitação com o casamento não é por causa dos filhos. Vem do que aconteceu entre nós e de ser filha de pais divorciados. Eles amaram-se ao princípio, acho eu, e acabaram a odiar-se.

— Os meus pais tiveram um casamento feliz durante muitos anos.

— Isso é verdade. Se eu pudesse ter um casamento como o deles...

— Nós podemos ter um casamento como o deles — corrigiu Gabriel. — É isso que eu quero. E quero tê-lo contigo.

Ele tentava comunicar com a voz o quanto queria um casamento como o de Richard e Grace. Como estava desesperadamente a tentar tornar-se o tipo de homem que poderia dar a Julia esse tipo de casamento.

Ela expirou lentamente.

— Se me tivesses pedido para casar contigo antes, teria dito que sim. Mas agora não consigo. Há tanto que precisamos de resolver, e ainda estou preocupada por causa do doutoramento.

— Não queria preocupar-te. — A voz dele era suave mas ligeiramente tensa.

— Pensei que tinhas tomado a tua decisão a respeito de ter filhos.

— Há sempre a adoção. — A voz dele parecia defensiva.

Ela ficou calada por um momento.

— A ideia de ter um bebezinho de olhos azuis contigo deixa-me feliz.

— A sério?

— A sério. Vendo o que a Grace e o Richard fizeram contigo, eu estaria interessada em adotar um dia. Mas não enquanto estiver a estudar.

— A adoção teria de ser privada. Duvido que qualquer agência respeitável fosse colocar uma criança com um toxicodependente.

— Queres mesmo ter filhos?

— Contigo? Completamente. Se fôssemos casados, até consideraria reverter a minha vasectomia. Já foi feita há muitos anos, por isso não sei se uma reversão poderia ser bem-sucedida. Mas, depois de casados, gostaria de experimentar, com a tua bênção.

— Acho que é prematuro termos esta conversa. — O braço sobre o qual se estava a apoiar escorregou acidentalmente no lado da banheira, salpicando a água.

Scheisse, pensou, com demasiada preguiça para invocar um deus que viesse em seu auxílio.

— Estás a tomar banho?

— Estou.

Julia sentiu algum conforto pelo facto de o ouvir gemer ao seu ouvido. Era doloroso que ele lhe conseguisse resistir, dia após dia, em qualquer circunstância.

Ele suspirou.

— Bem, eu estou do outro lado do corredor a sentir-me sozinho e triste, para o caso de precisares de alguma coisa.

— Também estou sozinha, Gabriel. Não podemos fazer nada a esse respeito?

Ele hesitou, e Julia sentiu alguma esperança.

Gabriel gemeu outra vez de frustração.

— Desculpa, tenho de ir. Amo-te.

— Boa-noite.

Julia abanou a cabeça algo resignada enquanto desligava o telefone.

Apesar da ausência da sua mãe, Rachel quase teve um casamento de conto de fadas, num lindo jardim em Filadélfia. Embora Aaron tivesse inicialmente rejeitado a ideia de soltarem cinquenta pombas no momento em que o padre os pronunciasse marido e mulher, Rachel acabara por convencê-lo.

(Pelo menos nenhum dos parentes dele decidiu praticar tiro ao alvo.)

Como dama de honor e padrinho, Julia e Gabriel deram por si ao lado dos noivos, flanqueados por Scott. Julia passou grande parte da cerimónia a lançar olhares para Gabriel, e este fixava-a às claras.

Depois de as fotografias serem tiradas e o jantar e brindes estarem terminados, Rachel e Aaron dançaram a sua primeira dança. Fundiram-se nos braços um do outro antes de os pais serem convidados a juntar-se-lhes na pista de dança.

Houve um momento de nervosismo entre os convidados quando Richard ficou parado, sozinho, antes de se dirigir para Julia e lhe pedir a honra de ser seu parceiro de dança. Ela ficou atónita com o pedido, já que tinha assumido que ele escolheria uma tia ou amiga idosa, mas aceitou rapidamente. Sempre o cavalheiro consumado, Richard segurou Julia firme mas respeitosamente enquanto se moviam pela pista de dança.

— O teu pai parece estar a divertir-se. — Com um aceno de cabeça, indicou Tom, que estava com uma bebida na mão envolvido em animada conversa com uma das professoras da Universidade de Susquehanna.

— Obrigada por o ter convidado — disse ela timidamente, enquanto dançavam ao som de “At Last”, de Etta James.

— Ele é um velho e bom amigo. Eu e a Grace temos uma grande dívida para com ele, do tempo em que estávamos a ter problemas com o Gabriel.

Julia anuiu e tentou concentrar-se nos pés, não fosse tropeçar.

— O brinde do Gabriel à Grace foi muito comovente.

Richard sorriu.

— Ele nunca nos tinha chamado mãe e pai. Tenho a certeza que a Grace está a ver-nos e que está muito, muito feliz. Sei que parte da sua felicidade é poder ver a transformação do nosso filho. Foste tu que a provocaste, Julia. Obrigado.

Ela sorriu.

— Não posso aceitar crédito por isso. Algumas coisas estão para além de todos nós.

— Não discordo. Mas, por vezes, as relações podem ser condutas para a graça, e sei que o foste para o meu filho. Obrigado.

»Foi preciso muito tempo para o Gabriel se perdoar pelo que aconteceu à Maia e por não estar com a Grace quando ela morreu. É um homem muito diferente do que era há um ano. Espero poder dançar contigo noutro casamento, num futuro próximo. Um em que tu e o meu filho estejam no centro do palco.

Uma expressão ansiosa inundou o rosto dela.

— Estamos a levar as coisas um dia de cada vez, mas eu amo-o.

— Não esperes demasiado. A vida pode virar inesperadamente, e nem sempre temos o tempo que julgávamos ter. — Quando a canção terminou, ele deu-lhe um beijo na mão e escoltou-a de volta para Gabriel.

Julia limpou uma lágrima enquanto se sentava. Instantaneamente, os lábios de Gabriel estavam no seu ouvido.

— O meu pai fez-te chorar?

— Não. Só me lembrou do que é importante. — Entrelaçou a mão na dele e levou as duas à boca para lhe poder beijar os nós dos dedos. — Eu amo-te.

— E eu amo-te, minha doce, doce menina. — Inclinou-se para a beijar, e por um momento esqueceram-se de onde estavam, quando ela lhe envolveu o pescoço com o braço e o puxou para si.

Quando os seus lábios se encontraram e os seus hálitos se fundiram, o barulho da sala desapareceu. Gabriel puxou Julia contra o peito, juntando os corações de ambos enquanto a beijava apaixonadamente. Quando se separaram, estavam ambos a respirar pesadamente.

— Não fazia ideia que os casamentos provocavam estas reacções. — Ele riu-se. — Ou ter-te-ia levado a um mais cedo.

Depois de dançar várias danças com Gabriel, Julia dançou com Scott, e Aaron, e, finalmente, com o seu pai. Era evidente que Tom e Julia tinham

muito para dizer um ao outro, e as suas expressões nem sempre eram felizes. Mas, pelo fim da dança, pareciam ter chegado a alguma espécie de entendimento, e Gabriel sentiu-se marginalmente aliviado quando a viu regressar com um sorriso no rosto.

Perto do fim do serão, Aaron pediu o “True Companion” de Marc Cohn e dedicou-o a Rachel. Imediatamente, uma multidão de casais juntou-se à pista de dança. Tammy surpreendeu toda a gente levando o pequeno Quinn a Julia e pedindo-lhe que o segurasse enquanto dançava com Scott.

Julia tinha medo que Quinn não gostasse dela.

— Fica-te bem — sussurrou Gabriel, enquanto Quinn dormia aninhado no colo dela.

— Tenho medo que acorde.

— Não vai acordar. — Gabriel acariciou suavemente o cabelo fino que decorava a cabeça do menino, sorrindo abertamente quando ele pareceu soltar um suspiro de satisfação.

— Porque é que, de repente, queres casar e ter filhos? — soltou Julia.

Ele mudou de posição, pouco à vontade.

— As coisas aconteceram enquanto estávamos separados. Percebi o que era importante... o que significava para mim ter uma vida feliz. E fui a um orfanato.

— Um orfanato? Porquê?

— Trabalhei como voluntário com os franciscanos em Florença, e eles costumavam levar doces e brinquedos às crianças no orfanato. Eu acompanhei-os.

O queixo de Julia caiu.

— Não me tinhas dito isso.

— Não era nenhum segredo. Tinha planeado ficar em Assis algum tempo, mas conheci uma família americana que ia dirigir uma clínica médica para os pobres em Florença. Decidi juntar-me a eles.

— Gostaste?

— Não era especialmente bom no trabalho. Mas descobri o meu nicho, com o tempo, a contar histórias sobre Dante em italiano.

Julia sorriu.

— Esse é um bom trabalho para um especialista em Dante. E o orfanato?

— As crianças estavam bem tratadas, mas era um sítio triste. Tinham lá bebés, alguns com SIDA ou síndrome alcoólica fetal. Depois havia crianças mais velhas que nunca seriam adotadas. A maior parte dos pais adotivos prefere crianças mais novas.

Julia pousou a mão no braço dele.

— Tenho muita pena.

Gabriel voltou-se e tocou suavemente a cabeça do menino.

— Quando a Grace me encontrou, eu estava numa idade em que teria sido considerado não-adotável. Ela quis-me na mesma. Fui abençoado.

Julia ouviu a súbita vulnerabilidade na voz dele e apercebeu-se de como ele tinha mudado. Não conseguiria imaginar o velho professor Emerson a falar sobre as suas bênçãos ou a acariciar a cabeça de um bebé. Especialmente se o menino lhe tivesse estragado o seu novo fato *Armani*.

Mesmo antes da última dança, Gabriel dirigiu-se ao DJ e falou com ele em surdina. Depois, com um enorme sorriso, regressou para junto de Julia e estendeu-lhe a mão.

A seguir, juntaram-se os dois à pista de dança no momento em que “Return to Me” enchia o ar.

— Espanta-me que não tenhas escolhido “Besame Mucho” — disse ela.

Gabriel olhou-a intensamente.

— Pensei que precisávamos de uma nova canção. Uma nova canção para um novo capítulo.

— Eu gostava da antiga.

— Não temos de esquecer o passado — sussurrou-lhe ele. — Mas podemos tornar o futuro melhor.

Ela fez-lhe um meio sorriso e mudou de assunto.

— Lembro-me da primeira vez que dançámos.

— Fui um estúpido, nessa noite. Quando me lembro de como me comportei... — O tom dele era de remorso. — Tinha uma reação forte à tua pessoa mas não sabia como agir.

— Agora sabes como agir perto de mim. — Ela tocou-lhe o rosto e juntou os lábios aos dele antes de lhe tocar, hesitantemente, o laço de seda preta. — Lembro-me de admirar os teus laços quando era apenas tua aluna. Sempre te vestiste de maneira impecável.

Gabriel agarrou-lhe a mão e pressionou a boca aberta contra a palma.

— Julianne, nunca foste apenas minha aluna. És a minha alma gémea. A minha *bashert*.

Puxou-a contra o peito e ela gemeu baixinho contra o seu *smoking*. E quando Dean Martin passou para italiano, foi a voz de Gabriel que lhe cantou ao ouvido.

Parado à porta do quarto de hotel de Julia, nas primeiras horas da manhã, Gabriel olhou-a com um ar apreciador. O seu longo cabelo encaracolado, a sua linda pele e faces ruborizadas, os olhos a cintilar de champanhe e

felicidade. A forma como o vestido vermelho-escuro sem alças complementava a sua silhueta. O seu anjo de olhos castanhos ainda tinha o poder de o encantar.

Enquanto ele lhe acariciava suavemente o rosto, Julia fitou os olhos azuis que ele ocultava agora atrás dos óculos. Ficava tão atraente de *smoking*. Tão, tão sensual.

Ousadamente, Julia puxou-lhe a ponta do laço e sentiu a seda abrir-se entre os dedos. Enrolou-a em volta da mão para lhe puxar os lábios contra os seus.

Enquanto se beijavam, Julia percebeu de súbito como devia ter sido difícil para Gabriel, no princípio do seu relacionamento, tirar as mãos de cima dela. O ferver do sangue e o ardor da carne, quando se sabia o que havia para além dos beijos na dança voluptuosa que eram os preliminares. Ela mal conseguia conter a sua necessidade dele.

— Por favor — murmurou, esticando-se em bicos de pés para lhe depositar pequenos beijos no pescoço, enquanto voltava a puxar-lhe o laço.

Ele gemeu.

— Não me tentes.

— Eu prometo ser cuidadosa.

Gabriel riu-se asperamente.

— Esta é uma inversão surpreendente.

— Esperámos uma quantidade de tempo respeitável. Eu amo-te. E quero-te.

— Confias em mim?

— Sim — disse ela sem fôlego.

— Então casa comigo.

— Gabriel, eu...

Ele interrompeu-a com o seu beijo, puxando-a contra o peito. Depois as mãos dele estavam no cabelo dela, a segurá-la com força. E depois, enquanto as suas mãos deslizavam suavemente para lhe acariciar os ombros nus, foi pressionando gradualmente a boca dela.

Julia soltou-lhe o laço para fechar os braços em torno do seu pescoço, puxando-o até os seus corpos estarem fundidos um no outro. Mordiscou-lhe o carnudo lábio superior e gemeu quando a língua dele lhe percorreu lentamente a curva da boca.

De súbito, os dedos dele estavam a tocar-lhe as clavículas e a recuar, deslizando pela superfície da sua pele, que começava a afoguesar-se e a aquecer.

— Deixa-me fazer as coisas da maneira certa — suplicou ele, com as mãos na sua face.

— Como é que isto pode ser errado? — sussurrou-lhe ela em resposta, de olhos sombrios e desesperados.

Ele beijou-a de novo, e desta vez ela enrolou desinibidamente a perna direita em volta da sua anca, a tentar recriar o tango que tinham dançado contra uma parede no Royal Ontario Museum.

Ele pressionou-a de frente até ela ficar com as costas coladas à porta do seu quarto, com as mãos a percorrer-lhe as coxas, antes de recuar subitamente.

— Não posso.

Julia removeu-lhe os óculos para lhe alisar as rugas em volta dos olhos, e viu neles paixão, conflito e amor. Soltou a perna da anca dele e pressionou a parte inferior do seu corpo contra a dele.

— Gabriel.

Ele pestanejou com o som da voz dela, como se Julia o estivesse a acordar de um sonho.

Quando ele não se moveu, ela recuou uns centímetros e entregou-lhe os óculos.

— Boa-noite, Gabriel.

Ele pareceu abalado.

— Eu não te quero magoar.

— Eu sei.

Gabriel ficou perfeitamente imóvel, a fitar os olhos que estavam cheios de tristeza e desejo.

— Estou a tentar ser forte por nós os dois — sussurrou. — Mas quando olhas para mim dessa maneira...

Beijou-lhe os lábios suavemente e anuiu a sua aquiescência enquanto ela procurava atabalhoadamente o seu cartão, e os dois desapareceram atrás da porta do quarto dela.

Na manhã seguinte, Julia abandonou o conforto do quente abraço de Gabriel para se dirigir em bicos de pés para a casa de banho. Quando regressou, encontrou-o bem acordado e a olhá-la com preocupação.

— Estás bem?

A corar, ela sorriu.

— Estou.

— Então, vem cá. — Abriu os braços e ela enroscou-se no corpo dele, com uma perna por cima das dele.

— Desculpa se te embarcei no corredor.

— Não me embaraçaste. — A urgência do tom de voz de Gabriel

apanhou Julia de surpresa. — Como podia ficar embaraçado pelo facto de a mulher que amo me mostrar que me deseja?

— Acho que demos um bocado de espetáculo aos outros hóspedes.

— E alguma inspiração. — Ele falou contra os lábios dela, a beijá-la.

Quando se separaram, Julia pousou a cabeça no ombro dele.

— Acho que estás a levar a sério isto de esperar pelo casamento.

— Ontem à noite não te queixaste.

— Tu conheces-me. — Ela piscou-lhe o olho. — Não gosto de me queixar. Obrigada pela cedência, Gabriel. — Julia apertou os braços em volta da cintura dele. — Ontem à noite foi importante para mim.

— Para mim também. — Ele sorriu. — Percebi que confias em mim.

— Eu estou contente porque nunca confiei mais em ti.

Ele beijou-a de novo, antes de lhe desviar um caracol de cabelo do rosto.

— Tenho uma coisa para te contar — disse ele, os dedos a percorrerem-lhe suavemente o pescoço. — Uma coisa estranha.

Ela franziu as sobrancelhas, curiosa.

— Força.

— Quando estava em Selinsgrove, vi uma coisa. Ou antes, aconteceu-me uma coisa.

Julia cobriu-lhe a mão com a sua, apertou-lhe os dedos.

— Magoaste-te?

— Não. — Ele fez uma pausa, pouco à vontade. — Promete-me que manténs uma mente aberta.

— Claro.

— Pensei que era um sonho. Quando acordei, perguntei-me se seria uma visão.

Ela pestanejou.

— Como quando pensaste ver-me em Assis?

— Não. Como o que disste sobre a pintura de Gentileschi enquanto estávamos em Florença... sobre Maia e a Grace.

»Eu vi-a. Vi a Grace. Estávamos no meu antigo quarto na casa dos meus pais. E a Grace disse-me... — A voz de Gabriel embargou-se. Ele tentou recompor-se. — Disse-me que sabia que eu a amava.

— Claro que sabia — murmurou Julia, apertando-o com mais força.

— Há mais. Trazia uma pessoa com ela. Uma rapariga.

— Quem era ela?

Gabriel engoliu em seco.

— A Maia.

Julia arfou, de olhos muito abertos.

— Ela disse-me que era feliz.

Julia limpou uma lágrima solitária do rosto de Gabriel.

— Foi um sonho?

— Talvez. Não sei.

— Contaste ao Richard? Ou à Paulina?

— Não. Ambos conseguiram encontrar a sua paz.

Julia colocou uma mão no rosto dele.

— Talvez precisasses disso para te perdoares a ti mesmo... Talvez precisasses de ver que a Grace e a Maia te perdoaram e que estão felizes.

Ele anuiu, emudecido, e enterrou o rosto no seu cabelo.

No voo de regresso a Boston, Julia surpreendeu Gabriel ao dizer-lhe que estava disposta a receber o seu pedido. A felicidade dele mal podia ser contida na secção da executiva do avião. Ela esperava que ele caísse de joelhos imediatamente.

Ele não o fez.

Quando chegaram a Boston, Julia ficou à espera que ele a levasse às compras de alianças.

Ele não fez planos para tal.

De facto, à medida que setembro ia voando, Julia perguntou-se se Gabriel lhe iria fazer o pedido de todo. Talvez se desse o caso de ele ter meramente assumido que estavam noivos e planeasse ir em busca de alianças nalguma data posterior.

Gabriel avisou-a de que o programa de doutoramento em Harvard era difícil e que os professores eram altamente exigentes. De facto, observou mais do que uma vez que a generalidade dos membros do corpo docente que ensinava no programa dela era bem mais pretensioso e imbecil do que ele alguma vez tinha sido.

(Julia perguntou-se se tão astronómicos níveis de imbecilidade seriam humanamente possíveis.)

No entanto, nem todos os avisos a tinham preparado totalmente para a quantidade de trabalho que lhe foi exigido numa base diária. Ela passava longas horas em seminários e também na biblioteca, a fazer trabalhos de casa e a complementar as leituras das suas aulas. Encontrava-se regularmente com a professora Marinelli e descobriu que gozavam de uma comunicação profissional mas confortável. E trabalhava incansavelmente no italiano e em outras línguas, em preparação para os exames de competência.

Gabriel encorajava-a, claro, e fazia o máximo possível para não a pressionar a passar tempo com ele. Também estava ocupado com a sua nova posição e assumira imediatamente a orientação de três estudantes de doutoramento, tendo deixado Paul à competente direção de Katherine. Mas os professores titulares têm mais tempo livre do que estudantes de doutoramento, e por isso Gabriel passava muitos serões e fins de semana sozinho.

Começou a oferecer-se como tutor no Lar Italiano para Crianças em Jamaica Plain. Apesar do seu sucesso algo limitado, sob a sua supervisão, um pequeno grupo de adolescentes desenvolveu um animado interesse na arte e cultura italianas. O professor prometeu enviá-los a Itália se terminassem a

escola secundária com uma média de notas respeitável.

Embora se mantivesse ocupado, cada dia terminava como tinha começado, com ele sozinho na sua casa agora renovada, a sentir a falta de Julianne.

Estava seriamente a ponderar a hipótese de comprar um cão. Ou um furão.

Apesar do seu geral estado de ocupação com o doutoramento, que era uma distração bem-vinda, Julia continuava a sentir-se frustrada. Estar separada dele era antinatural, desconfortável, *frio*, e ansiava por transpor essa separação e ser de novo um só ser com ele. O facto de não o conseguir deixava-a terrivelmente triste. Nenhum tipo de atividade romântica para além do sexo podia apagar essa espécie de solidão. E havia um limite para o número de vezes que conseguia ficar a ouvir música tranquilizante enquanto se deitava sozinha na sua cama de solteira.

Os desejos sexuais podem ser satisfeitos de muitas maneiras, mas ela tinha saudades da atenção que ele lhe prestava quando faziam amor, a forma como prodigalizava a sua devoção sobre ela como se não houvesse mais nada nem ninguém no mundo inteiro. Cobiçava a maneira como se sentia quando ele lhe tocava a forma nua. Pois, nesses momentos, sentia-se linda e desejável, apesar da sua natural timidez e desconforto com o próprio corpo. Desejava os momentos após o sexo, quando se sentiam ambos relaxados e saciados, e Gabriel lhe sussurrava belas palavras ao ouvido, e *estavam*, simplesmente, nos braços um do outro.

À medida que os dias passavam, Julia não tinha a certeza de conseguir tolerar aquela separação sem cair numa depressão.

Um dia no final de setembro, Julia abriu a porta do *Range Rover* e instalou-se em silêncio no banco de passageiro. Apertou o cinto de segurança e olhou para a janela.

— Querida? — Gabriel estendeu a mão para lhe desviar o cabelo da cara. Sentiu-a ficar hirta.

Ele retirou a mão.

— O que se passa? O que aconteceu?

— Sharon — balbuciou ela.

Gabriel puxou-lhe gentilmente o queixo na sua direção. Ela tinha o rosto inchado e com a pele manchada. Estivera a chorar por bastante tempo.

— Vem cá. — Ele desapertou o cinto e puxou-a sobre a consola central e para o seu colo, o que não era coisa fácil. — Diz-me o que aconteceu.

— A doutora Walters começou a vir com estas coisas sobre a minha mãe. Eu não queria falar sobre isso, mas ela disse que não estava a fazer o seu trabalho se me deixasse suprimir tudo o que aconteceu em St. Louis. Eu aguentei o máximo que consegui e depois vim-me embora.

Gabriel fez uma careta. O doutor Townsend andara a fazer comentários semelhantes acerca da sua própria mãe, mas ele parecia estar mais perto de fazer as pazes com o passado desde a sua viagem a Itália. Sem dúvida que a sua continuada presença nas reuniões dos Narcóticos Anónimos parecia estar a ajudar.

— Lamento — ofereceu ele, beijando-lhe o alto da cabeça. — Mas a Nicole não tinha abordado o teu relacionamento com a tua mãe?

— Brevemente. Na maior parte do tempo, discutíamos-te a ti.

Gabriel estremeceu. Sempre se sentiria culpado pela dor que lhe causara, mas o facto de ter ultrapassado Sharon na prioridade de Nicole para ajudar Julia fê-lo encolher-se.

— Posso fazer alguma coisa para ajudar?

Julia soltou uma gargalhada amarga enquanto limpava as lágrimas.

— Arranja-me outra psicóloga.

— Não te estaria a ajudar se o fizesse. Qualquer terapeuta digno do seu nome vai insistir que encares o que aconteceu com a tua mãe. E os namorados dela.

Julia começou a protestar, mas Gabriel interrompeu-a.

— Compreendo o que estás a passar. Embora as nossas mães fossem abusivas de maneiras diferentes, eu compreendo.

Ela assoou o nariz a um lenço.

— Estou aqui para te ouvir, sempre que quiseres falar sobre o assunto. Mas, para seres saudável, vais ter de lidar com o teu passado. Eu farei tudo o que puder para ajudar, mas essa é uma coisa que apenas tu podes fazer... por ti e por *nós*. — Ele ofereceu-lhe um olhar de compreensão. — Percebes isso, não percebes? Que o processo de cura não te ajuda só a ti, mas aos dois?

Ela anuiu contra vontade.

— Pensei que já tínhamos ultrapassado toda a angústia. Pensei que, depois de tudo por que passámos, teríamos o nosso “felizes para sempre”.

Gabriel tentou reprimir um ronco de troça. E falhou.

— O quê? Não acreditas no “felizes para sempre”?

Ele riu-se e deu-lhe um piparote no nariz.

— Não, não acredito em *angústia*.

— Porque não?

— Porque não sou um Existencialista; sou um Dantista.

Ela franziu o nariz.

— Muito engraçado, professor. Com um nome como *Emerson*, eu teria julgado que era um Transcendentalista.

— Difícilmente. — Ele beijou-lhe o nariz com afeto. — Eu existo com o objetivo de te agradar. Seremos felizes, Julianne, mas não vêes que, para chegares à felicidade, tens de encarar a dor do passado?

Ela mudou de posição no assento, mas não respondeu.

— Estava a pensar em visitar o túmulo da Maia. — Ele pigarreou. — Gostava de te levar comigo. — A voz dele era hesitante e mal acima de um murmúrio. — Gostava que o visses. Isto é, se não achares isso mórbido.

— É uma honra para mim. Claro que vou contigo.

— Obrigado. — Pressionou os lábios contra a sua testa.

— Gabriel?

— Sim?

— Não te contei tudo o que aconteceu com a Sharon. Ou com o Simon.

Gabriel esfregou os olhos.

— Eu também não te contei tudo sobre o meu passado.

— Isso incomoda-te? Que não tenhamos contado tudo um ao outro?

— Não. Estou disposto a ouvir qualquer coisa que tenhas para me dizer. Mas, na verdade, há coisas que não quero discutir sobre a minha vida. Por isso compreendo as tuas reticências em desnudar a tua história. — Ele olhou-a nos olhos. — A coisa mais importante é que abordes esses eventos com alguém. Tenho a certeza que conversar tudo com a doutora Walters será suficiente.

Ele beijou-a outra vez e abraçou-a com força, enquanto meditava na distância que tinham percorrido nas suas viagens individuais e até onde precisavam ainda de ir.

Em outubro, Gabriel persuadiu Julia a viajar para a casa dele em Selinsgrove para se reunirem com as suas famílias no fim de semana. Rachel e Aaron insistiram em cozinhar durante esses dias enquanto o bebê de Tammy, Quinn, entretinha toda a gente, incluindo Tom, com os seus sorrisos.

— Como te estás a dar com a vida de casado? — perguntou Gabriel a Aaron enquanto ele reunia os ingredientes para uma salada.

— Muito bem. Devias tentar, um dia destes. — Aaron piscou o olho a Julia enquanto bebia um longo trago da sua *Corona*.

— É uma ideia. — Gabriel fez um sorriso superior e voltou para a sua salada.

— Deixa-te de tretas, Gabriel. Quando é que vais pôr um anel no dedo daquela mulher? — A voz de Rachel flutuou pela cozinha.

— Ela já tem um.

Rachel deixou a sua galinha Kiev e atravessou a cozinha a correr para ir examinar a mão esquerda de Julia.

— Aquilo não conta. — Apontou para o polegar de Julia, onde estava o anel de platina de Gabriel.

Julia e Rachel trocaram um olhar e abanaram as cabeças.

Gabriel viu a maneira como o semblante de Julia se ensombrava e abandonou rapidamente a sua salada (que estava pretensiosamente carregada de fruta e nozes) para a abraçar.

— Confia em mim — sussurrou, tão baixinho que mais ninguém ouviu.

Ela murmurou a sua aquiescência, e ele apertou-a com força antes de a beijar.

— Arranjem um quarto — troçou Aaron.

— Oh, já temos um. — Gabriel olhou-o de lado.

— Já temos dois, na verdade. — Julia suspirou de resignação.

Quando se sentaram para jantar, Richard pediu a toda a gente que desse as mãos enquanto proferia a bênção. Agradeceu a Deus pela sua família, por Tammy, Quinn e Julia, pelo seu novo genro e pela amizade dos Mitchell. Agradeceu a Deus pela sua esposa e a sua memória, e frisou que as sementes que ela plantara com os seus filhos, o seu marido e os amigos tinham todos dado fruto. E quando disse «Ámen», toda a gente limpou os olhos e sorriu, mais gratos do que poderiam exprimir por a família estar novamente unida e forte.

Depois do jantar, Tammy e Scott arrumaram a cozinha enquanto Rachel e Aaron praticavam as suas competências de pais com Quinn. No alpendre traseiro, Richard e Tom fumavam charutos e bebiam uísque enquanto viam o velho senhor Bancroft carregar coisas da garagem para o bosque. Richard fez um olhar entendido a Tom e os dois homens tocaram os copos.

Dentro da casa, Gabriel pegou na mão de Julia e levou-a para o andar de cima.

— Veste qualquer coisa quente — disse, enquanto se dirigiam para o quarto dela. — Quero levar-te a dar um passeio.

— Não está assim tanto frio lá fora — observou ela, enquanto enfiava um dos velhos casacos de caxemira de Gabriel.

Ele livrara-se do seu guarda-roupa de casacos de malha depois de Julia o informar que o faziam parecer um avô.

(Ou um pivô da PBS.)

Ao ouvir aquilo, Gabriel tivera todo o gosto em doar os seus casacos de malha ao Exército de Salvação, com exceção de um ou dois que Julia resgatara.

— Não quero que te constipes — protestou ele, a puxar-lhe a camisola na brincadeira.

— Tenho-te a ti para me aqueceres — replicou ela, a piscar-lhe o olho.

Depois de lhe enrolar o seu cachecol do Magdalen College em volta do pescoço, Gabriel escoltou-a pelas escadas abaixo, pela cozinha e até ao jardim.

— Um passeio, Emerson? — A voz de Tom surpreendeu-os.

— Com a sua permissão, senhor Mitchell.

Tom deu uma palmadinha sobre o canivete suíço no bolso do seu casaco.

— Se a fizeres chorar, esventro-te como um peixe.

— Tomo bem conta dela, prometo. E, se a fizer chorar, limpo-lhe as lágrimas.

Tom soltou um ronco de troça e balbuciou qualquer coisa em surdina.

Julia olhou de Gabriel para Tom inquisitoriamente.

— O que é que se passa?

— O Gabriel vai levar-te a dar um passeio, com a minha bênção. — O pai dela falava apenas com o mais pequeno franzir de sobrolho.

— E a minha — contribuiu Richard, com os olhos cinzentos animados.

— Deviam era parar com o uísque, vocês os dois. — Julia abanou a

cabeça para os homens enquanto Gabriel a puxava para o maciço de árvores.

— O que é que foi aquilo? — perguntou ela, enquanto avançavam de mãos dadas na direção do velho pomar.

— Vais ver. — Gabriel beijou-lhe o alto da cabeça antes de acelerar o passo. Sorriu quando inalou o aroma dela. — Cheiras a baunilha.

— Fartei-me da lavanda.

— Eu também.

Dentro de minutos estavam na orla do pomar. Apesar de as árvores serem muito densas, Julia viu a luz que jorrava por entre os ramos.

— O que se passa?

— Vem descobrir. — Ele conduziu-a pelo meio das árvores.

Havia pequenas luzes a decorar alguns dos ramos e lanternas espalhadas pelo chão. Por entre a luz suave, que lançava um brilho morno sobre as sólidas árvores nuas e a erva velha, erguia-se uma tenda branca. No interior, um banco coberto com um cobertor de aspeto familiar e decorado com almofadas.

— Oh, Gabriel — murmurou ela.

Ele levou-a para a tenda, encorajando-a a sentar-se.

— Não tinhas de te dar a tanto trabalho. Eu teria ficado feliz com este velho cobertor e o chão. Foi o que usámos antes.

— Gosto de te mimar. — Os olhos dele cruzaram-se com os dela, e Julia perdeu o fôlego quando uma cintilante intensidade iluminou a sua profundidade azul. — Queres uma bebida?

Gabriel desviou-se e dirigiu-se para uma mesa baixa onde um balde de champanhe e duas *flûtes* os aguardavam. Ela anuiu e viu-o abrir habilmente a garrafa e servir duas taças. Ele regressou para o seu lado.

— Um brinde?

— Claro. — Ela olhou para o álcool na mão dele de relance. — Podemos beber outra coisa.

— Só um gole para mim. À Julianne, a minha amada. — Ele ergueu o copo.

— Acho que devíamos beber aos dois.

— A isso também. Aos dois. — Gabriel sorriu e brindaram um ao outro antes de provarem o champanhe.

— Como é que fizeste tudo isto? Deve ter demorado horas. — Julia olhou para o espetáculo à sua volta.

— O velho senhor Bancroft tem cuidado da casa e dos terrenos enquanto não estou cá. Pedi-lhe que arranjasse tudo enquanto jantávamos. Posso? — Pegou numa taça de morangos e escolheu o maior e mais maduro e estendeu-lho.

Gabriel levou o fruto vermelho aos lábios de Julia, sorrindo abertamente quando a viu tomar metade dele na boca antes de o morder.

— Vais descobrir que complementa o sabor do champanhe.

Julia riu-se quando um pouco do sumo lhe escapou da boca. Ia limpá-lo com a mão, mas os dedos de Gabriel foram mais rápidos. Desenhoulhe os lábios lentamente, capturando o sumo, e transferiu os dedos para a sua própria boca antes de os sugar.

— Delicioso — murmurou.

Enquanto ele repetia este ritual, Julia começou a sentir-se ligeiramente tonta. A sensualidade de Gabriel, mesmo contida, era vertiginosa ao máximo.

Ergueu a mão para devolver o favor e ficou atónita quando, depois de engolir, ele lhe levou um dos dedos à boca, fazendo girar a língua à sua volta antes de o sugar.

— Doce como uma guloseima — maravilhou-se ele, com a voz rouca e lenta.

Sentou-se ao lado dela no banco e colocou o braço à sua volta, desenhando-lhe o lábio inferior a tremer com um único dedo.

— Tens alguma ideia do que fazes comigo? O rubor da tua face, o calor da tua pele, a velocidade do teu coração... — Ele abanou a cabeça. — Não há palavras.

Julia desabotoou a camisola e encostou a palma dele contra o seu peito.

— Sente o meu coração bater. És tu que me fazes isto, Gabriel.

Ele baixou o olhar para o lugar onde a sua palma estava pousada.

— Tenciono suscitar essa reação para o resto da minha vida.

Prendeu-lhe os lábios com um beijo ávido antes de retirar a mão para a levar ao rosto dela.

— Trouxe-te aqui porque foi aqui que tudo começou. Mudaste a minha vida naquela noite. Nunca serei capaz de te agradecer.

— O teu amor é agradecimento suficiente.

Ele beijou-a docemente.

— De onde vem a música? — Julia olhou em volta em busca de uma aparelhagem de som, mas não encontrou nenhuma.

— O senhor Bancroft arranjou maneira de haver música.

— É linda.

— Não tão linda como tu. Trouxeste beleza à minha vida no instante em que te conheci. — Gabriel apertou-a com mais força. — Ainda não consigo acreditar que te tenho nos meus braços, depois de tantos anos, e que me amas.

— Sempre te amei, Gabriel. Mesmo quando não me reconhecias. — Julia encostou a cabeça ao coração dele, e ficou a ouvi-lo cantar em surdina em acompanhamento da música.

Quando a canção foi substituída por uma outra, Gabriel murmurou contra a pele dela:

— Tenho um presente para ti.

— Só quero que me beijes.

— Os beijos vão chover depois de me deixares mostrar-te o meu presente. — Retirou qualquer coisa do casaco e estendeu-lha. Era um anúncio escrito em italiano, num cartão de aspeto muito caro.

— O que é? — Ela olhou para ele.

— Lê — disse Gabriel, de olhos luminosos.

O anúncio era da Galeria Uffizi, em Florença, e declarava a abertura de uma exposição exclusiva de uma extraordinária coleção das ilustrações de Botticelli sobre a *Divina Comédia* de Dante, algumas das quais nunca tinham sido vistas pelo público. O anúncio declarava seguidamente que a exposição resultava de um empréstimo à Uffizi pelo professor Gabriel Emerson, como presente à sua *fidanzata*, a menina Julianne Mitchell.

Ela olhou-o de boca aberta, surpreendida.

— Gabriel, as tuas ilustrações. Não acredito.

— A minha felicidade tornou-me generoso.

— E as questões legais? E a maneira como as compraste?

— O meu advogado contratou uma equipa de peritos para procurar a proveniência, cujo rasto termina no século dezanove. Depois disso, ninguém sabe a quem pertenceram. E, uma vez que sempre fizeram parte de uma coleção privada, sou eu que tenho a sua posse legal e de direito. Agora quero partilhá-las.

— Isso é maravilhoso. — Julia corou e olhou para o chão. — Mas o meu nome não devia estar ligado à exposição. As ilustrações são tuas.

— Só as estou a partilhar por tua causa.

Julia ergueu uma mão para lhe tocar o queixo.

— Obrigada. O que estás a fazer é muito generoso. Sempre pensei que aquelas figuras deviam estar disponíveis para outras pessoas as poderem ver e apreciar.

— Tu ensinaste-me a não ser egoísta.

Ela beijou-o, saboreando-lhe avidamente a boca.

— Tu ensinaste-me a aceitar presentes.

— Então, estamos bem um para o outro. — Gabriel pigarreou enquanto lhe desviava uma madeixa da cara. — Queres acompanhar-me à exposição? Vamos marcar para o verão. O *dottore* Vitali quer oferecer-nos uma receção, semelhante àquela que organizou para a minha conferência.

— Claro que vou.

— Ótimo. Talvez consigamos encontrar um canto escondido do museu

para podermos...

— Nada me agradaria mais, professor. — Ela piscou-lhe o olho.

Gabriel remexeu involuntariamente no colarinho.

— Queres casar em Florença no próximo verão? Podíamos ter o casamento enquanto visitávamos a exposição.

— Não.

Os olhos dele procuraram o chão quando o desapontamento se espalhou pela sua cara.

— Ainda falta muito para o verão. Que tal no próximo mês?

Os olhos de Gabriel voaram para os dela.

— Eu casava contigo amanhã, se pudesse. Mas tens a certeza? Não nos deixa muito tempo para planear o casamento.

— Quero que o casamento seja pequeno. Estou cansada de viver sozinha. Quero estar contigo. — Roçou-lhe a orelha com os lábios. — *E não é só porque quero que me aqueças a cama.*

Um gemido escapou-se do peito de Gabriel, que a beijou firmemente. Ela suspirou para a boca dele, e os dois abraçaram-se com calor antes de ele recuar.

— E os teus estudos?

— Montes de estudantes de doutoramento são casados. Mesmo que só te veja na cama à noite, será mais do que te vejo agora. Por favor, não me faças esperar.

Ele acariciou-lhe a face com as costas da mão.

— Como se a espera não me estivesse também a matar. Onde nos casamos?

— Em Assis. Sempre foi um sítio importante para mim, e sei que também é importante para ti.

— Então seja em Assis, e o mais brevemente possível. Lua-de-mel a meu cargo? — Ele ergueu as sobrancelhas sugestivamente. — Ou há algum sítio em particular onde gostasses de ir? Paris? Veneza? Belize?

— Qualquer sítio será maravilhoso, desde que esteja contigo.

Ele apertou-a com força.

— Abençoada sejas por isso. Será uma surpresa, então.

Julia beijou-o de novo e, passado um momento, sentiu o mundo girar à sua volta. Tudo desapareceu enquanto se fundia nos seus braços.

— Tenho mais uma coisa para te mostrar — disse ele por fim, arrancando os lábios dos dela.

Pegou-lhe na mão e levou-a para a velha macieira que se erguia ao fundo da clareira.

Virou-se para ela com os olhos cheios de emoção.

— Na noite em que nos conhecemos, apanhei uma maçã desta árvore.

— Eu lembro-me.

— A maçã representava o que a minha vida era naquela altura... carnal, egoísta, violenta, um íman para o pecado.

Julia viu-o apoiar-se num joelho e retirar uma maçã dourada do bolso.

— Esta maçã representa aquilo que me tornei... cheio de esperança. E amor.

Ela olhou para a maçã antes de os seus olhos procurarem os dele.

— Alguma vez um homem te pediu em casamento?

Ela abanou a cabeça e cobriu a boca com a mão.

— Então fico feliz por ser o teu primeiro.

Gabriel abriu a maçã como uma caixa mágica e Julia viu um diamante a cintilar aninhado contra uma dobra de veludo vermelho.

— Quero ser o teu primeiro e o teu último. Eu amo-te, Julianne. Ofereço-te o meu coração e a minha vida.

»Casa comigo. Sê minha mulher, minha amiga, minha amante e minha guia. Sê a minha abençoada Beatriz e a minha adorada Julianne. — A voz dele tremeu ligeiramente. — Diz que queres ser minha. Para sempre.

— Sim — conseguiu Julia dizer, antes de ser assaltada pelas lágrimas.

Gabriel removeu o anel da maçã e colocou-lho suavemente no dedo antes de lhe acariciar a mão com os lábios.

— Escolhi este anel há muito tempo, quando fui comprar as alianças. Mas pode ser devolvido. — A voz dele era anelante. — Eu sei que podes querer escolher os teus próprios anéis.

Julia examinou o diamante de dois quilates e meio sobre aro de platina. O anel era antiquado, com pequenos diamantes mais pequenos que rodeavam a pedra central e pedras acessórias a decorar o aro. Embora fosse bem maior e mais ornamentado do que alguma vez poderia sonhar, era perfeito porque fora escolhido por ele.

— Eu escolho este — disse ela.

Quando Gabriel se levantou, ela voou para os seus braços.

— Quis-te desde sempre. Desde que vi a tua fotografia pela primeira vez — disse ela, enquanto as suas lágrimas de felicidade molhavam o peito dele. — Quis-te mesmo antes de te conhecer.

— Eu quis-te quando nem sequer sabia o teu nome... só a tua bondade. E agora quero ficar com a minha Beatriz para sempre.

Alguns dias mais tarde, Paul recebia um *e-mail* de Julia a anunciar o seu noivado. Sentiu-se nauseado. Ler e reler aquelas palavras não melhoraram a sua situação. Nem um pouco. Mas fazia-o na mesma, menos para se torturar do que para ficar com a nova situação dela indelevelmente gravada na sua mente.

Querido Paul,

Espero que este *e-mail* te encontre bem. Peço desculpa por demorar tanto tempo a responder à tua última mensagem. A faculdade está a dar cabo de mim, e sinto-me sempre a correr. Mas estou a adorar. (A propósito, obrigada pela recomendação dos livros de Ross King. Não tenho muito tempo para ler, ultimamente, mas vou comprar o *Brunelleschi's Dome*.)

Uma das razões por que não tenho tido muito tempo para ler é porque me vou casar. O Gabriel pediu-me em casamento, e eu aceitei. Esperávamos casar rapidamente, mas só conseguimos marcar na Basílica de Assis para 21 de janeiro. Gabriel tem laços pessoais com os franciscanos, e foi só por isso que conseguimos reservar a basílica em tão pouco tempo.

Estou muito feliz. Por favor, fica feliz por mim.

Vou enviar-te o convite para o teu apartamento em Toronto. Também vamos convidar a Katherine Picton.

Compreendo se não puderes ou não quiseses assistir, mas é importante para mim convidar as pessoas de quem gosto. O Gabriel alugou uma casa na Úmbria para os convidados ficarem antes e depois do casamento. Serás muito bem-vindo. Sei que o meu pai também vai ficar feliz por te ver novamente.

Sempre foste para mim um bom amigo, e espero algum dia poder retribuir o favor.

Com carinho,

Julia

P.S. O Gabriel não queria que eu mencionasse isto, mas foi ele que convenceu a professora Picton a orientar a tua dissertação. Eu pedi-lhe, mas ela recusou. Como podes ver, ele não é tão mau como tu julgavas.

A gratidão de Paul pela generosidade de Gabriel não apagou a súbita dor aguda que sentiu com a compreensão de que acabara de perder Julia. Outra vez.

Sim, já a tinha perdido, mas, antes do regresso de Gabriel, havia a possibilidade de Julia mudar de ideias, mesmo que essa possibilidade fosse remota. De alguma forma, a noção de que ela ia casar com ele doía-lhe muito mais do que se estivesse a casar, por exemplo, com qualquer outro cretino chamado Gabriel. Como *Gabriel-o-canalizador* ou *Gabriel-o-tipo-da-TV-cabo*.

Pouco depois de enviar o *mail* a Paul, Julia recebeu uma encomenda na sua caixa de correio em Harvard. Ao ver que vinha identificada como tendo origem em Essex Junction, Vermont, abriu-a ansiosamente.

Paul enviara-lhe um exemplar de uma edição limitada do *The Velveteen Rabbit*. Escrevera uma curta dedicatória na guarda, que lhe apertou o coração, e no interior vinha uma carta.

Querida Julia,

Fiquei surpreendido com a tua notícia. Parabéns.

Obrigado por me convidares para o teu casamento, mas não vou poder assistir. O meu pai teve um ataque cardíaco há alguns dias e está no hospital. Tenho de ajudar na quinta. (A minha mãe manda cumprimentos, a propósito. Está a fazer-te qualquer coisa como presente de casamento. Para onde devo enviar? Assumo que não vais viver no campus depois de casares.)

Desde que te conheci que só quis que fosses feliz. Que fosses mais confiante. Que tivesses uma vida boa. Tu mereces essas coisas, e detestaria ver-te desperdiçá-las.

Não seria teu amigo se não te perguntasse se o Emerson é mesmo aquilo que queres.

Não devias contentar-te com menos do que o melhor. E, se tiveres alguma dúvida a esse respeito, não devias casar com ele.

Prometo-te que não estou a tentar ser um idiota.

Beijos,

Paul.

Com tristeza, Julia dobrou a carta de Paul e voltou a guardá-la dentro do livro.

Apesar de Tom ter dado a sua bênção a Julia e Gabriel (ainda que de má vontade), o conflito surgiu quando o feliz casal anunciou o local do seu casamento.

Enquanto os Clark ficaram contentes por passarem uma semana em Itália durante o inverno, Tom, que nunca viajara para fora da América do Norte, estava muito pouco entusiasmado. Como o pai da noiva, tencionava pagar o casamento da sua única filha, nem que tivesse de hipotecar a casa nova para o fazer. Julia não queria ouvir falar do assunto.

Embora o casamento fosse pequeno, os custos estimados eram suficientemente elevados para poderem efetivamente prejudicar Tom se ele pagasse tudo. Gabriel sentia-se mais do que confortável a cobrir os gastos, para mortificação de Tom. Era mais importante para Gabriel que Julia tivesse o dia dos seus sonhos do que aplacar o pai dela.

Julia tentou acalmar o conflito entre os dois homens frisando que havia outras coisas que o pai podia pagar, como o seu vestido de casamento e as flores.

No final de novembro, estava na Newbury Street, em Boston, quando viu *o vestido* na montra de uma elegante boutique. O vestido era de organza de seda cor de marfim, com decote em V e pequenas mangas que assentavam no alto dos ombros. Enquanto a parte de cima era coberta de renda, a saia era ampla e em camadas como uma nuvem.

Sem pensar duas vezes, entrou na loja e pediu para o experimentar. A empregada elogiou-a, dizendo que os vestidos de Monique Lhuillier eram muito populares.

Julia não reconheceu o nome da estilista, e não viu a etiqueta do preço porque não havia etiqueta de preço. Quando se pôs em frente ao espelho no provador, ela soube. *Aquele era o seu vestido*. Era lindo, num estilo clássico, e favoreceria o seu tom de pele e a forma do seu corpo. E Gabriel adoraria o facto de grande parte das suas costas ficarem expostas. Com bom gosto, claro.

Enviou uma fotografia sua com o vestido a Tom através do *iPhone*, a perguntar-lhe o que achava. O pai ligou-lhe de imediato e disse-lhe que nunca tinha visto uma noiva tão bonita como ela.

Tom pediu para falar com a gerente da loja e, sem Julia descobrir o preço substancial, fez arranjos para adquirir o vestido. Saber que podia comprar à sua única filha o vestido dos seus sonhos permitiu-lhe aceitar o facto de Gabriel pagar a maior parte da boda.

Depois de se despedir de Tom, Julia passou várias horas a comprar o resto do seu enxoval de noiva. Entre outras coisas, escolheu um véu que lhe dava quase até aos tornozelos, um par de sapatos de salto alto de cetim com que conseguia andar e uma longa capa de veludo branco que a protegeria e ao seu vestido do clima de janeiro em Assis. Depois voltou para casa.

Duas semanas antes do casamento, Tom ligou a Julia para lhe fazer uma pergunta importante.

— Eu sei que os convites já foram enviados, mas haverá espaço para mais um?

Julia ficou surpreendida.

— Claro. Algum primo distante que eu não conheça?

— Não propriamente — disse Tom.

— Então quem?

Ele inspirou profundamente e conteve o ar.

— Pai, despeja logo. Quem é que queres levar? — Julia fechou os olhos e implorou mudamente aos deuses das filhas cujos pais eram solteiros que intervissem a seu favor e não permitissem que Deb Lundy fosse ao seu casamento ou pior... que voltasse a juntar-se com o pai.

— Mmm, a Diane.

Os olhos de Julia abriram-se logo.

— Qual Diane?

— A Diane Stewart.

— A Diane do restaurante Kinfolks?

— Sim. — A resposta hesitante de Tom telegrafou de imediato a Julia bem mais do que ele quisera.

O queixo dela caiu de choque.

— Jules? Ainda aí estás?

— Sim, estou aqui. Hum, claro, eu junto-a à lista de convidados. Eeh, a Diane é... uma amiga especial?

Tom ficou em silêncio por um momento.

— Pode-se dizer que sim.

— Ah — disse Julia.

Tom terminou a conversa rapidamente e Julia guardou o telefone, a perguntar-se que prato do dia precipitara o novo romance do seu pai.

Definitivamente, não o rolo de carne, pensou.

A vinte e um de janeiro, Tom andava agitado de um lado para o outro à entrada da Basílica de Assis. Estava nervoso. E o facto de Julia e as suas damas de honor estarem atrasadas não ajudava nada. Ia remexendo no seu laço enquanto esperava. Depois, uma visão em veludo branco sobre organza flutuou para a porta como uma nuvem luminescente.

Ficou sem fala.

— Pai — sussurrou Julia, a sorrir de excitação enquanto se dirigia para ele.

Tammy e Rachel ajudaram-na a despir a capa e ajustaram-lhe as camadas da saia, desdobrando a cauda que se estendia atrás dela. Depois Christina, a organizadora de casamentos, entregou a Rachel e a Tammy os seus ramos, que eram uma mistura de íris e rosas brancas, concebidos para combinar com os seus vestidos cor de íris.

— Estás bonita — balbuciou Tom, depositando-lhe um beijo tímido na face por entre o longo véu.

— Obrigada. — Ela corou e baixou o olhar para o seu ramo, que consistia em duas dúzias de rosas brancas e alguns pés de azevinho.

— Podem dar-nos um minuto? — pediu ele aos outros.

— Claro. — Christina puxou Tammy e Rachel para a entrada do santuário, fazendo sinal ao organista de que o cortejo estava prestes a começar.

Tom sorriu a Julia nervosamente.

— Gosto do teu colar — disse.

As mãos de Julia voaram para as pérolas penduradas ao seu pescoço.

— Eram de Grace. — Levou também os dedos aos diamantes nas orelhas, mas preferiu não revelar a sua fonte.

— Pergunto-me o que pensaria ela do teu casamento com o filho.

— Gosto de pensar que ficaria feliz com isso. Que está a olhar para nós e a sorrir.

Tom anuiu novamente e enfiou as mãos nos bolsos do *smoking*.

— Fico contente por me teres pedido que te acompanhe ao altar.

Julia pareceu surpreendida.

— Não queria casar-me sem ti, papá.

Ele pigarreou, e remexeu os seus sapatos alugados, pouco à vontade.

— Devia ter ficado contigo quando te tirei à Sharon pela primeira vez. Nunca te devia ter mandado de volta. — A voz dele embargou-se.

— Papá — murmurou ela, com as lágrimas a transbordar.

Ele abraçou-a, e tentou mostrar-lhe com o seu abraço o que não conseguia dizer em palavras.

— Já te perdoei há muito tempo. Nunca mais temos de voltar a falar deste assunto. — Ela fez uma pausa, a olhá-lo. — Estou feliz por estares aqui. E estou feliz por seres meu pai.

— Jules. — Tom soltou uma tosse estrangulada, depois soltou-a com um sorriso. — És uma boa rapariga.

Voltou-se para poder espreitar para o longo corredor que conduzia ao altar, onde Gabriel aguardava com o seu irmão e cunhado. Os três homens estavam vestidos com *smokings* pretos *Armani*, com camisas brancas impecavelmente engomadas. No entanto, Scott e Aaron tinham renunciado ao laço escolhido por Gabriel a favor de gravatas normais, já que os laços eram, como Scott expressara, «só para velhos, jovens republicanos ou professores universitários».

— Tens a certeza que é isto que queres? — perguntou Tom. — Se tiveres alguma dúvida, eu chamo um táxi e levo-te para casa neste momento.

Julia apertou-lhe a mão.

— Nenhuma dúvida. O Gabriel pode não ser perfeito, mas é perfeito para mim. Pertencemos um ao outro.

— Eu disse-lhe que esperava que tomasse conta da minha menina. Que, se ele não estava preparado para fazer isso, íamos ter problemas. Ele disse que se alguma vez te deixasse de tratar como o tesouro que tu és, eu podia ir atrás dele com a minha caçadeira. — Tom sorriu. — Eu disse-lhe que podia contar com isso... Estás pronta?

Julia respirou fundo.

— Estou.

— Então, vamos a isto. — Ofereceu o braço a Julia, e fizeram sinal às damas de honor para darem início ao desfile ao som de “*Sheep May Safely Graze*”, de J.S. Bach.

Quando Julia e Tom entraram na basílica, com a melodia de “*Jesu, Joy of Man’s Desiring*”, os olhos de Gabriel cruzaram-se com os dela e um enorme sorriso espalhou-se pelas suas feições. O sol de janeiro penetrava pelas portas, iluminando a noiva por trás e fazendo parecer que um halo brilhava em volta da sua cabeça velada.

Gabriel não conseguia parar de sorrir. Sorriu durante toda a missa, incluindo nos seus votos de adorar a sua esposa e na audição de excertos de “*Sleepers Awake*” de Bach e o “*Exsultate, jubilate*” de Mozart por um soprano.

Depois da cerimónia, levou os dedos a tremer ao véu de Julia e ergueu-o

cuidadosamente. Passou os polegares por baixo dos olhos dela, limpando as lágrimas felizes que tinham escorregado, e beijou-a. O beijo foi suave e casto, mas cheio de promessas. Depois caminharam para a igreja inferior e desceram à cripta.

Não tinham planeado fazê-lo. De alguma forma, de mãos entrelaçadas, deram por si a aproximar-se do túmulo de São Francisco. Na silenciosa penumbra onde Gabriel tivera a sua experiência inefável meses antes, ajoelharam em oração. Cada um agradeceu mudamente a Deus pelo outro, pelas muitas bênçãos que Ele lhes dera, por Grace e Maia, pelos seus pais e irmãos.

Quando Gabriel finalmente se levantou e acendeu uma única vela, cada um deles pediu a Deus mais uma bênção. Um pequeno milagre gerado pela generosidade da sua graça. Quando terminaram as suas orações, uma sensação estranha mas reconfortante envolveu-os como um cobertor.

— Não chores, minha doce menina. — Gabriel pegou-lhe na mão para a ajudar a levantar. Limpou-lhe as lágrimas, beijou-a. — Por favor, não chores.

— Estou tão feliz — disse ela, a sorrir-lhe. — Amo-te tanto.

— Sinto o mesmo. Não consigo parar de pensar como foi que isto aconteceu. Como é que voltei a encontrar-te e consegui convencer-te a seres minha mulher?

— O Céu sorriu para nós.

Ela endireitou-se para beijar o marido ao lado do túmulo de São Francisco, sem se envergonhar, sabendo que as suas palavras eram ditas com verdade.

Mais tarde, nessa noite, vestiram as suas roupas para a lua-de-mel, Gabriel, um fato escuro, e Julia, um vestido cor de púrpura, e sentaram-se lado a lado num carro com motorista que ele tinha alugado.

Em breve, o carro estava a subir o caminho de acesso para uma *villa* perto de Todi. A mesma *villa* que Gabriel arrendara quando tinham visitado Itália, no ano anterior.

— A nossa casa — sussurrou ela, assim que a viu.

— Sim. — Ele beijou-lhe as costas da mão enquanto a ajudava a sair do carro. Depois tomou-a nos braços e entrou pela porta com ela ao colo.

— Estás desapontada? Pensei que preferirias algum tempo tranquilo só para nós, mas, caso contrário, podemos ir para Veneza, ou Roma. Eu levo-te aonde quiseses ir. — Pousou-a no chão.

— Isto é perfeito. Estou tão feliz por teres decidido trazer-nos para aqui. — Lançou-lhe os braços ao pescoço.

Por fim, ele recuou.

— Acho que devíamos levar a bagagem para cima. Tens fome?

Julia sorriu.

— Sou capaz de comer.

— Porque é que não vais ver se há alguma coisa tentadora na cozinha, que eu já vou ter contigo?

Ela inclinou-se para a frente com um olhar diabólico no rosto.

— A única coisa na cozinha que me tentaria serias tu em cima da mesa.

Aquela sugestão picante remontava à sua visita anterior, quando tinham batizado várias vezes aquela mesa. Com um profundo gemido, ele transportou rapidamente as malas para cima, como se fosse alguém a perseguir-lo.

Na cozinha, Julia encontrou a despensa bem fornecida, bem como o frigorífico. Riu-se quando viu várias garrafas de sumo de arando alinhadas no balcão, como se esperassem por ela. Acabara de abrir uma garrafa de *Perrier* e estava a preparar um prato de queijo quando Gabriel regressou. Parecia vários anos mais novo quando entrou a correr na cozinha, juvenil, até, com os olhos brilhantes e a expressão alegre.

— Isto parece delicioso. Obrigado. — Sentou-se ao seu lado, a olhar para a mesa da cozinha de maneira significativa. — Mas tenho de te dizer que preferia que as nossas primeiras vezes tivessem lugar na cama.

Julia sentiu a pele ruborizar-se.

— Esta mesa tem memórias felizes para mim.

— Para mim também. Mas teremos bastante tempo para construir novas memórias. Memórias melhores. — Dirigiu-lhe um olhar intenso.

Ela sentiu o formigueiro do desejo aumentar.

— O casamento foi aquilo que tinhas sonhado? — Ele olhou-a ansiosamente, servindo dois copos de água com gás.

— Foi melhor. A missa, a música... fazer o casamento na basílica foi incrível. Senti-me tão em paz, ali.

Gabriel anuiu, pois sentira o mesmo.

— Ainda bem que só convidámos a família e amigos chegados. Tenho pena de não ter tido grande oportunidade para falar com a Katherine Picton, embora te tenha visto dançar com ela *duas vezes*. — Julia fingiu estar ofendida.

Ele olhou-a com uma surpresa simulada.

— A sério? Dancei com ela duas vezes? É impressionante, para uma septuagenária. Estou surpreso que ela me tenha conseguido acompanhar.

Julia revirou os olhos com a sua pretenciosa escolha de adjetivos.

— E a senhora dançou duas vezes com o Richard, senhora Emerson. Suponho que estamos quites.

— Agora ele também é meu pai. E um excelente dançarino. Muito elegante.

— Melhor do que eu? — Gabriel fingiu-se ciumento.

— Ninguém é melhor do que tu, querido. — Ela beijou-lhe o beicinho. — Achas que ele alguma vez voltará a casar?

— Não.

— Porque não?

Gabriel pegou na mão dela e acariciou-lhe os nós dos dedos suavemente, um por um.

— Porque a Grace era a sua Beatriz. Quando se experimenta um amor como esse, qualquer coisa menor seria apenas uma sombra. — Ele fez um sorriso triste. — Estranhamente, acontecia o mesmo no livro preferido da Grace, *A Severe Mercy*. Sheldon Vanauken nunca voltou a casar depois de a mulher morrer.

»Dante perdeu Beatriz quando ela tinha apenas vinte e quatro anos. Passou o resto da vida a chorar a sua morte. Se te perdesse, aconteceria o mesmo comigo. Nunca haverá mais ninguém. Nunca — enfatizou ele, com um olhar intenso mas amoroso nos olhos.

— Pergunto-me se o meu pai voltará a casar.

— Perturbava-te, se o fizesse?

Ela encolheu os ombros.

— Não. Ia levar algum tempo a habituar-me, mas estou contente por ele

andar a sair com uma boa mulher. Gostava que fosse feliz. Gostava que tivesse alguém com quem envelhecer.

— Eu quero muito envelhecer contigo — disse Gabriel. — E não há dúvida de que és uma boa mulher.

— Eu também quero muito envelhecer ao teu lado.

Marido e mulher trocaram um olhar quando terminaram a sua refeição em descontraído silêncio. Depois, Gabriel levantou-se e estendeu-lhe a mão.

— Ainda não te dei os teus presentes de casamento.

Julia agarrou-lhe na mão e os seus dedos tocaram a aliança de casamento dele.

— Pensei que os nossos presentes eram as alianças e as inscrições lá dentro: *Eu sou do meu Amado e o meu Amado é meu*.

— Há mais. — Ele conduziu-a para a frente da lareira e fez uma pausa.

Ao entrar na casa, Julia não reparara que o quadro outrora pendurado por cima da lareira fora removido. No seu lugar havia uma grande e impressionante pintura a óleo de um homem e uma mulher num abraço apaixonado.

Ela deu um passo em frente, hipnotizada pela emocionante imagem da pintura.

As figuras do homem e da mulher estavam abraçadas, o homem nu até à cintura e ligeiramente abaixo da mulher, como se estivesse ajoelhado aos seus pés, a cabeça pousada no seu colo. A figura feminina inclinava-se para a frente, nua e cuidadosamente envolvida pelo que parecia ser um lençol, abraçada às costas do homem e com a cabeça pousada entre as suas omoplatas. Na verdade, era difícil perceber onde começava o corpo dele e terminava o dela, tão entrelaçados estavam, quase como num círculo. Necessidade e desespero emanavam da tela, como se o casal tivesse acabado de fazer as pazes após uma discussão ou de se descobrir mutuamente depois de uma prolongada ausência.

— Somos nós — sussurrou Julia, a pestanejar de choque.

O rosto do homem estava parcialmente escondido pelo colo da mulher, a boca pressionada contra a sua coxa nua. O rosto da mulher era o de Julia, de olhos fechados de felicidade, um pequeno sorriso a brincar-lhe nos lábios cheios, o rosto virado para o observador. Parecia feliz.

— Mas como?

Gabriel estava atrás dela e pousou-lhe os braços em volta dos ombros.

— Posei para o artista e forneci fotografias tuas.

— Fotografias?

Ele beijou-lhe o lado do pescoço.

— Não reconheces a tua postura? É um estudo de algumas das fotografias

que te tirei em Belize. Lembras-te da manhã depois de usares o teu corpete pela primeira vez? Estavas deitada na cama...

Os olhos de Julia cresceram quando ela se recordou.

— Gostas? — O tom habitualmente seguro de Gabriel parecia surpreendentemente hesitante. — Eu queria qualquer coisa... ehh... pessoal para comemorar o nosso casamento.

— Adoro. Só fiquei surpreendida.

O corpo dele relaxou.

— Obrigada. — Ela agarrou-lhe na mão e pressionou os lábios suavemente na palma. — É um presente lindo.

— Ainda bem que gostas. Mas há mais uma coisinha.

Gabriel aproximou-se da prateleira sobre a lareira para ir buscar uma maçã dourada de aspeto conhecido.

— Como é que isso foi aí parar? — Julia sorriu.

— Abra, senhora Emerson.

Ela ergueu a tampa e encontrou uma grande chave antiquada. Olhou para Gabriel, curiosa.

— Uma chave mágica? Para um jardim secreto? Ou para um guarda-fato que conduz a Nárnia?

— Muito engraçada. Vem comigo. — Ele agarrou-lhe o pulso e levou-o aos lábios, hesitando contra a sua pele.

— Aonde vamos?

— Já vais ver.

Conduziu-a para a porta principal, fechando-a atrás deles. Ficaram no alpendre, rodeados pela escuridão iluminada apenas pelas luzes penduradas nas paredes de pedra.

— Experimenta a chave.

— O quê? Aqui?

— Experimenta. — Gabriel baloiçava sobre os calcanhares, a tentar ocultar a sua súbita ansiedade.

Julia enfiou a chave na fechadura e fê-la girar. Ouviu o estalido da fechadura e, com um movimento do pulso, destrancou-a e a porta abriu-se.

— Obrigado por te tornares minha mulher — murmurou ele. — Bem-vinda a casa.

Ela olhou-o, incrédula.

— Fomos felizes aqui — disse ele suavemente. — Queria que tivéssemos um lugar para onde escapar, um sítio com boas memórias.

Tocou-lhe no braço, levemente.

— Podemos passar aqui as nossas férias, quando não estivermos em Selinsgrove. Podes escrever aqui a tua dissertação. Embora eu não pudesse

suportar estar longe de ti por mais de um dia.

Julia beijou-o, agradecendo-lhe vez após vez a sua dádiva generosa. Ficaram ali vários minutos, a gozar o toque do corpo um do outro, de corações acelerados.

Sem interromper o beijo, ele pegou-lhe ao colo, levou-a para dentro de casa, e subiu as escadas para o quarto principal. Fê-la andar às voltas, admirando a maneira como a saia do seu vestido cor de púrpura se enfunava ao girar.

— Creio que te devo uma coisa.

— E o que é? — Julia riu-se enquanto Gabriel se encostava às suas costas.

Ele aproximou a boca do seu ouvido.

— Sexo de reconciliação.

O tom da voz dele fez a pele de Julia arrepiar-se.

— Estás com frio?

— Não. Excitada.

— Excelente. — Gabriel afastou-lhe o cabelo para o lado até os seus lábios lhe encontrarem o pescoço, e começou a percorrê-lo com beijos. — E, só para que saibas, tenho muito para reconciliar. De facto, acho que vou levar a noite toda.

— A noite toda? — perguntou Julia, tossindo ligeiramente.

— A noite toda e o princípio da manhã.

Ela já começara a derreter nos braços dele quando Gabriel a soltou, não sem antes pressionar a boca e a língua avidamente contra a curva do seu ombro.

— Enquanto te preparas para ir para a cama, quero que penses em todas as maneiras para eu te dar prazer.

Passou-lhe um único dedo pela base do pescoço numa promessa antes de a soltar com um piscar de olho provocador.

Julia foi buscar a sua *lingerie* à mala e desapareceu na casa de banho. Quando saíra às compras em busca de qualquer coisa para usar na sua noite de núpcias, sentira-se intimidada. Não sabia bem o que escolher que ele nunca tivesse visto.

Numa loja minúscula na Newbury Street, encontrara exatamente o que procurava — uma longa camisa de noite de seda *Merlot* muito decotada. Mas a sua coroa de glória eram os laços cruzados nas costas, que desciam a um nível quase indecente. Escolhera a camisa sabendo que ele se deliciaria a despi-la. Em mais do que um sentido.

Deixou o cabelo preso e passou um pouco de *gloss* nos lábios antes de enfiar os sapatos de salto agulha que comprara para a lua-de-mel. Depois

abriu a porta da casa de banho.

Gabriel esperava-a.

O quarto estava banhado pela luz de velas, perfumado com sândalo, e Julia ouviu música suave a tocar. Era uma *playlist* diferente da que costumavam ouvir antes, mas gostou na mesma.

Ele aproximou-se, com a sua camisa e calças brancas, a camisa solta e desabotoada quase até à cintura, os pés descalços. Estendeu-lhe a mão, e ela aceitou-a, depois envolveu-o com os braços.

— Estás maravilhosa — sussurrou-lhe ele, com as mãos quase a tremer enquanto percorriam a nudez da pele que espreitava por entre os laços. — Quase me tinha esquecido de como és linda à luz das velas. Quase, mas não totalmente.

Ela sorriu contra o peito dele.

— Posso? — Gabriel levou-lhe os dedos ao cabelo apanhado, e ela anuiu.

Um homem inferior ter-lhe-ia retirado os ganchos todos ao mesmo tempo, se os conseguisse encontrar, libertando-lhe as madeixas rapidamente para poder avançar para outra coisa qualquer. Mas Gabriel não era um homem inferior.

Os dedos dele percorreram-lhe lentamente o cabelo até encontrar um gancho, e depois retiraram-lho com cuidado, libertando um único caracol. Repetiu o processo até o cabelo de Julia cair como ondas contra os seus ombros pálidos e o corpo dela estar animado de desejo.

Depois tomou-lhe o rosto nas mãos e olhou-a profundamente nos olhos.

— Diz-me o que desejas. A noite é tua. Estou às tuas ordens.

— Sem ordens. — Julia provou-lhe os lábios, duas vezes. — Mostra-me apenas que me amas.

— Julianne, eu amo-te com todos os quatro amores. Mas esta noite é uma celebração do *eros*.

Gabriel percorreu-lhe os ombros nus com beijos urgentes e quentes antes de se colocar atrás dela e lhe acariciar a pele exposta das costas.

— Obrigado pelo teu presente.

— O meu presente?

— O teu corpo, atraentemente vestido só para mim. — Fez uma pausa enquanto os seus olhos a percorriam até aos pés. — E os teus sapatos. Depois de um dia tão comprido, de certeza que devem ser desconfortáveis.

— Não reparei.

Ele começou a brincar com os diamantes nas orelhas dela.

— E porque é que não reparaste?

— Porque a única coisa em que consigo pensar é fazer amor contigo.

— Não penso em quase mais nada há dias. Há meses. — Gabriel inspirou

bruscamente e começou a passar as mãos pelos seus braços nus. — Sou o único homem a ver-te nua em toda a tua glória e a conhecer os sons que fazes quando tens prazer. O teu corpo reconhece-me, Julianne. Conhece o meu toque.

Começando no fundo das suas costas, Gabriel desapertou um laço, puxando lentamente as fitas de seda por entre os dedos.

— Estás nervosa? — Gabriel puxou-lhe o queixo para o lado para a poder ver de perfil.

— Já foi há tanto tempo.

— Não me vou apressar. As... eehh... atividades mais vigorosas virão depois, depois de nos reapresentarmos suficientemente. — Apontou com o nariz na direção de uma parede vazia, e Julia sentiu a pele aquecer de antecipação.

Ele foi puxando os laços muito devagar até as costas dela ficarem completamente expostas. Depois pousou as mãos contra a sua pele e começou a percorrê-la, para cima e para baixo.

— Estou a arder por ti. Esperei todos estes meses, esperei para te levar para a cama.

Virou-a de frente para ele e, sem cerimónia, puxou-lhe as alças da camisa para baixo. Os seus olhos seguiram a seda enquanto esta deslizava pelas suas formas antes de cair no chão.

Ela ficou na sua frente, nua, de mãos caídas dos lados.

— Magnificante — sussurrou ele, os seus olhos ávidos a avaliarem cada centímetro dela com dolorosa lentidão.

Não contente por ser o centro da atenção, Julia começou a desabotoar-lhe a camisa. Depois de lha despir, colou a boca à tatuagem dele, mordiscando e beijando os seus peitorais antes de se concentrar nas calças.

Em breve também ele estava nu, e Julia viu as provas da sua ereção. Ele ia beijá-la, mas ela deteve-o.

Com dedos ansiosos, começou pelo cabelo, e foi-lhe explorando o corpo, prestando-lhe homenagem com pontas dos dedos e lábios. O rosto, a boca, o queixo, os ombros, o peito escultural e os músculos abdominais. Os braços e as coxas e...

Gabriel agarrou-lhe na mão antes que ela a fechasse em volta dele, a sussurrar-lhe doces coisas contra a boca. Palavras de devoção em italiano que ela reconheceu como vindo da pena de Dante. Puxou-a para cima e levou-a para a grande cama de dossel, onde a sentou na berma. Depois ajoelhou-se no chão na sua frente.

— Por onde começo? — perguntou ele, com os olhos ligeiramente mais escuros enquanto as suas mãos lhe viajavam pelo ventre plano e até às coxas.

— Diz-me.

Julia inspirou rapidamente e abanou a cabeça.

— Começo por aqui? — Inclinou-se para a frente para lhe desenhar os lábios com a mais ténue ponta da língua.

— Ou por aqui? — Acariciou-lhe os seios antes de dar lugar à boca, lambendo-os e provocando-os. Ela fechou os olhos e conteve a respiração com aquela sensação.

— E que tal aqui? — O dedo dele girou-lhe à volta do umbigo antes de deixar que a boca flutuasse sobre o seu abdómen.

Ela gemeu e agarrou-lhe o cabelo.

— Só te quero a ti.

— Então possui-me.

Ela beijou-o, e ele respondeu experimentando-lhe a boca lentamente, estabelecendo um ritmo suave e langoroso. Quando sentiu o coração dela acelerar, tomou o pé esquerdo dela na sua mão e começou a remover-lhe o sapato.

— Não queres que os use? — perguntou ela, a olhá-lo. — Comprei-os para esta noite.

— Vamos deixá-los para mais tarde, quando batizarmos a parede. — A voz de Gabriel era um sussurro rouco.

Removeu-lhe lentamente os sapatos e passou alguns momentos a massajar-lhe os pés, prestando especial atenção aos arcos. Depois puxou-a para o centro da cama e reclinou-se ao seu lado.

— Confias em mim?

— Sim.

Ele deu-lhe um beijo suave nos lábios.

— Esperei muito tempo para te ouvir dizer isto e saber que o sentes verdadeiramente.

— Claro que o sinto. O passado ficou para trás.

— Então vamos compensar o tempo perdido.

Ternamente, começou a usar as mãos para a tocar e acariciar, com movimentos deliberados mas apaixonados. Juntou a boca, e foi mordiscando e chupando ao som dos suspiros dela. O seu coração inchou de alegria com aqueles sons, com a forma como o corpo dela se contorcia de um lado para o outro sob o seu toque.

Quando as mãos dela se moveram pelas suas costas com urgência, instalando-se finalmente no seu traseiro, Gabriel deitou-se em cima dela, colocando os seus corpos em perfeito alinhamento.

A olhá-la nos olhos, murmurou: — *Eis que és formosa, companheira minha, os teus olhos são como pombas... Os teus lábios são como um fio de*

escarlate, e a tua boca é formosa.

Julia esticou-se para unir os lábios aos dele antes de responder.

— Não me faças esperar.

— Estás a convidar-me para entrar?

Julia anuiu enquanto um relâmpago de calor lhe percorria a superfície da pele.

— Meu marido.

— Meu anjo de olhos castanhos.

A língua dele brincou com a boca dela enquanto os seus corpos se fundiam um no outro, e em breve eram um só, e os seus suspiros coletivos abafados por dentes e línguas.

O ritmo de Gabriel foi lento ao princípio, como o paciente bater de pequenas ondas numa praia. Ele queria que a experiência durasse para sempre, pois, naquele momento, enquanto fitava os olhos grandes e maravilhosos da sua mulher, percebeu que as suas experiências prévias, por mais excitantes que fossem, empalideciam em comparação com a sublimidade da sua atual conexão.

Julia era osso dos seus ossos, e carne da sua carne. Era a sua alma gêmea e a sua mulher, e a única coisa que queria era dar-lhe alegria. Estava consumado pela adoração dela.

Julia percorreu-lhe as sobrancelhas com um dedo, enrugadas como estavam de concentração, os olhos agora firmemente fechados.

— Adoro esse ar — murmurou ela.

— Qual ar?

— Os teus olhos fechados, as sobrancelhas franzidas, os lábios comprimidos... só ficas assim quando... te vens.

Ele abriu os olhos, e ela viu faíscas nas suas profundezas cor de safira.

— Ah, a sério, senhora Emerson?

— Tinha saudades desse ar. É *sexy*.

— Lisonjeias-me. — Gabriel soava embaraçado.

— Quero ter uma pintura ou uma fotografia dessa cara.

Ele franziu o sobrolho dolorosamente.

— Uma fotografia assim pode ser demasiado forte.

Julia riu-se.

— Isto vindo de um homem que decorava o quarto com fotografias dele nu.

— As únicas fotografias de nus no meu quarto serão as tuas, minha bela mulher.

O ritmo dele cresceu, apanhando Julia de surpresa.

Enquanto ela gemia o seu prazer, Gabriel enterrou o rosto no seu

pescoço.

— És tão sedutora. O teu cabelo, a tua pele.

— O teu amor torna-me bonita.

— Então deixa-me amar-te para sempre.

Ela arqueou as costas.

— Sim, para sempre. *Por favor.*

Gabriel movia-se rapidamente, a brincar com os lábios pelo pescoço dela, a sugar e a puxar ligeiramente a pele para a sua boca.

Em reação, as mãos de Julia fecharam-se nas ancas dele, a puxá-las até ficar perto, muito perto dele.

— Abre os olhos — disse ele, ofegante, a mover-se mais depressa.

Julia fitou os olhos escuros mas ternos do seu marido, tão animados de paixão e verdadeiro afeto.

— *Eu amo-te* — disse ela, e os seus olhos cresceram e fecharam-se quando as sensações a invadiram.

Desta vez, Gabriel não fechou os olhos, enquanto as suas sobrancelhas se franziam de concentração.

— *Eu amo-te* — sussurrou ele com cada movimento, cada deslizar de pele contra pele nua, até ficarem ambos saciados e quietos.

Mesmo antes do nascer do Sol, Julia acordou sobressaltada.

O seu atraente marido estava ao seu lado, o seu rosto juvenil adormecido. Era o rosto do rapaz que conhecera no alpendre de Grace. Passou um dedo pelas sobrancelhas e pela barba crescida no seu queixo, uma tremenda sensação de amor a inundá-la. Uma tremenda sensação de felicidade e alegria.

Sem querer perturbá-lo, levantou-se cuidadosamente da cama. Apanhou a camisa que ele deixara cair no chão e vestiu-a antes de ir em bicos de pés para o terraço.

Uma desmaiada sugestão de luz cintilava no horizonte, sobre as suaves colinas da paisagem úmbrica. O ar estava gelado, demasiado frio para se estar no exterior em qualquer outra coisa que não uma banheira quente, mas a vista era indizivelmente bela, e ela sentia necessidade de beber da sua beleza. Sozinha.

Ao crescer, sempre se sentira indigna de ter os seus desejos mais profundos satisfeitos, de ser amada de forma absoluta. Agora já não se sentia assim. Naquela manhã, expressões de gratidão borbulhavam-lhe da alma, erguendo-se aos céus.

Gabriel estendeu a mão para o lado de Julia da cama, mas encontrou apenas a almofada. Levou mais um momento a acordar, exausto como estava com as atividades da noite e madrugada. Tinham feito amor várias vezes, revezando-se a adorar os corpos um do outro com bocas e mãos.

Sorriu. Todos os medos e ansiedades dela pareciam ter desaparecido. Seria unicamente por serem agora casados? Ou seria porque tinha passado tempo suficiente para Julia acreditar, sem sombra de dúvida, que ele não se aproveitaria dela?

Não sabia. Mas estava satisfeito porque ela tinha ficado satisfeita. E quando a vira entregar-se de uma forma como nunca antes tinha conseguido entregar-se, dera valor a essa dádiva, sabendo que resultava do amor e de uma absoluta confiança.

Porém, acordar numa cama vazia deixava-o nervoso. Por isso, em vez de se deixar ficar a deliciar com aqueles pensamentos, foi rapidamente em busca da sua amada. Não levou muito tempo a encontrá-la.

— Estás bem? — perguntou, enquanto saía para o terraço.

— Estou fantástica. Estou feliz.

— Vais apanhar uma pneumonia — censurou-a, despindo o robe e enrolando-o à volta dela.

Ela voltou-se para lhe agradecer e reparou que Gabriel estava nu.

— Tu também.

Ele sorriu, posicionando-se na frente dela e abrindo-lhe o robe de forma a envolvê-los aos dois. Ela suspirou com a sensação agradável dos seus corpos nus encostados fortemente um ao outro.

— Foi tudo bom para ti? — Gabriel massajou-lhe as costas por cima do robe.

— Não deu para ver?

— Não conversámos muito, se bem te lembras. Talvez te tenha mantido acordada até muito tarde. Eu sei que estávamos a compensar o tempo perdido, mas...

— Estou um bocadinho destreinada, mas deliciosamente cansada. — Ela corou. — A noite de ontem foi ainda melhor do que a nossa primeira noite juntos. E, definitivamente, como tu disseste, mais *vigorosa*.

Ele riu-se.

— Concordo.

— Passámos por tanta coisa. Sinto que a nossa ligação é mais profunda. — Roçou-lhe o ombro com o nariz. — E não tenho de ter medo que desapareças.

— Eu sou teu — murmurou-lhe ele. — E também sinto essa ligação. É aquilo que precisava. É o que tu mereces. Quando te toco, quando te olho nos olhos, vejo a nossa história e o nosso futuro. — Fez uma pausa e ergueu-lhe a face para a poder ver melhor. — É assombroso.

Julia beijou-o delicadamente e aninhou-se mais entre os seus braços.

— Passei demasiado tempo nas sombras. — A voz de Gabriel transbordava de emoção. — Quero muito estar na luz. Contigo.

Ela pousou uma mão em cada lado do rosto dele, forçando-o a olhá-la.

— Agora estamos na luz. E eu amo-te.

— E eu amo-te, Julianne. Sou teu nesta vida e na próxima.

Beijou-lhe os lábios mais uma vez e conduziu-a de volta para o quarto.

Agradeço à saudosa Dorothy L. Sayers, ao saudoso Charles Williams, a Mark Musa, à minha amiga Katherine Picton e à The Dante Society of America pelos seus contributos a respeito da *Divina Comédia* de Dante Alighieri, que informam o meu trabalho. Neste romance, usei as convenções de capitalização da Dante Society para lugares como Inferno e Paraíso.

Fui inspirada pelo trabalho de Sandro Botticelli e pelo espaço incomparável que é a Galeria Uffizi, em Florença. As cidades de Toronto, Florença e Cambridge emprestaram os seus ambientes, juntamente com a pequena cidade de Selinsgrove.

Vários arquivos eletrónicos revelaram-se muito úteis, especialmente o Digital Dante Project, da Universidade de Columbia, o Danteworlds, da Universidade do Texas em Austin e o World of Dante, da Universidade da Virgínia. Consultei o *site* Internet Archive para a sua versão da tradução de Rossetti de *La Vita Nuova* de Dante, juntamente com o original italiano, citada neste livro. O texto da carta de Abelardo para Heloísa foi retirado de uma tradução anónima datada de 1901.

Agradeço a Jennifer, que leu o primeiro rascunho desta história e ofereceu críticas construtivas a cada fase subsequente. Este livro não existiria sem o seu encorajamento e amizade. Agradeço também a Nina pela sua contribuição criativa e sabedoria. Kris leu o manuscrito durante a fase de revisão e ofereceu sugestões perspicazes.

São também devidos agradecimentos à boa equipa da Omnific, especialmente a Elizabeth, Lynette, CJ, Kim, Coreen, Micha e Enn. Foi um prazer trabalhar convosco.

Gostaria também de agradecer àqueles que leram uma versão prévia da minha história e ofereceram as suas críticas, sugestões e apoio, especialmente as Musas, Tori, Elizabeth de Vos, Elena, Marinella e Erika.

Finalmente, gostaria de agradecer aos meus leitores e à minha família. O vosso contínuo apoio é inestimável.

SR

– Lent 2012

Biografia

Sylvain Reynard interessa-se pelo modo como a literatura pode ajudar a explorar os aspetos da condição humana – o sofrimento, o sexo, o amor, a fé e a redenção. As suas histórias favoritas são aquelas cujas personagens fazem um caminho, seja físico seja espiritual, onde descobrem novos aspetos sobre si próprios. O modo como a arte, a arquitetura e a música podem ser usados para contar uma história ou para iluminar os traços de uma personagem também são foco da sua atenção.

Sylvain Reynard costuma usar o seu estatuto para divulgar algumas instituições de caridade como a Now I Lay Me Down To Sleep Foundation, WorldVision, Alex's Lemonade Stand e Covenant House. Em 2011 foi semifinalista para Melhor Autor do Goodreads Choice Awards e, com o seu romance, semifinalista para Best Romance.

Mais informações em
www.saidadeemergencia.com

Shayla Black



Ela não sabia o que queria até ao momento em que ele a fez implorar...

Morgan O'Malley já assistiu a muitas coisas perversas como apresentadora de um talk-show sobre sexo. Mas nunca tinha conhecido um homem como Jack Cole, um alfa dominante impossível de resistir, e alguém que Morgan quer ter ao seu lado quando um sociopata começa a persegui-la.

Embora Jack seja um guarda-costas, Morgan está longe de se sentir segura na sua presença. De modo lento e sedutor, ele começa a revelar as suas fantasias mais íntimas. E quando finalmente quebra a vontade de Morgan, ela fica chocada por descobrir o quanto está a apreciar o seu toque de mestre. Rapidamente se torna uma presa nos jogos perversos de Jack, mas mesmo sabendo que os seus motivos não são inocentes, nem ela faz ideia do que a espera...

Mais informações em
www.saidadeemergencia.com

Alguma vez se quis abandonar nas mãos de um homem cujo único objetivo fosse dar-lhe prazer?

As palavras explodiam no ecrã do portátil de Morgan O'Malley. Ela sugou o ar, numa inspiração abrupta e chocada. Conhecera aquele homem numa sala de *chat online* há menos de três minutos. Como é que ele podia saber aquilo?

Devia ter adivinhado. Só podia ter adivinhado. Ela não lhe revelara nada sobre si mesma; nem uma só coisa, a não ser o nome e o facto de o querer entrevistar para o seu programa de televisão por cabo.

No entanto, através do seu silêncio chocado, ele continuava a desvelar as camadas dos seus segredos.

Quer que um homem olhe para dentro de si, veja as suas fantasias, as mais secretas, aquelas que não revela sequer às suas amigas, e faça com que todas elas se tornem realidade?

Uma onda de excitação enroscou-se na barriga dela. Sentiu as palmas das mãos começarem a suar. Morgan engoliu em seco.

Na sala de estar silenciosa, coberta pelas sombras das muitas cores do lusco-fusco, Morgan contorceu-se no sofá de cabedal preto, empurrando os desejos cuja existência não queria admitir para o fundo da sua mente.

Aquilo era trabalho. *Ele* era trabalho. Não era muito boa ideia sentir-se atraída pelo próximo entrevistado do seu programa. Podia ser um programa noturno de televisão por cabo, mas *Turn Me On* era o seu trabalho, a sua criação, a sua pequena rebelião... a sua vida.

Além disso, ansiar por um homem cujo nome verdadeiro desconhecia, cujo rosto nunca vira — em cujo estilo de vida não devia sequer pensar —, era um disparate.

Então, Mestre J, é isso que faz um dominante?, escreveu em resposta, determinada a manter a conversa leve. *Distribuir fantasias?*

É uma das coisas, respondeu ele, passado algum tempo. *Mas isso seria simplificar demasiado a relação. O seu papel mais importante é ganhar a confiança do seu parceiro. A confiança é importante em qualquer relacionamento, mas é-o especialmente numa relação que envolve Domínio/submissão. Sem isso, como pode uma mulher entregar-se livremente aos cuidados de um homem e saber que o seu bem-estar e a sua segurança estão sempre em primeiro lugar? Como pode ela saber que o seu mestre a vai compreender e tornar realidade todas as suas perversas fantasias?*

O domínio não consistia apenas em atar alguém à cama e comê-lo contra o colchão? A surpresa enrugou a testa de Morgan. Confiança, cuidado, compreensão — tinha de admitir que aquilo soava como uma fantasia em si mesmo. Sem dúvida que aquelas qualidades tinham estado em falta na sua relação com o ex-noivo, Andrew, em especial a parte da compreensão.

A confiança permite a uma mulher ligar-se a uma parte primitiva do seu ser que deseja a rendição absoluta de se colocar à mercê do seu mestre, apesar de não saber se os seus planos para ela incluem prazer, dor, ou ambos.

Morgan não podia negar que Mestre J a intrigava ainda mais agora do que quando um dos seus assistentes de produção, Reggie, lhe entregara a sua biografia.

Saltando para o *email*, abriu a biografia que lhe tinham dado e voltou a lê-la por alto.

Membro da cena BDSM e D/s durante quase dez anos, Mestre J é experiente em todas as facetas, mas continua a aprender. É dono de uma empresa de segurança privada e já foi guarda-costas de senadores, diplomatas internacionais e atletas. Formado em West Point, também serviu nas Forças Especiais do exército, como chefe de equipa, antes de ter sido dispensado com menção honrosa.

Morgan fechou o *email* com um clique. O parágrafo revelava muito sobre o homem cujas palavras a tinham feito estremecer com fantasias obscuras. Autodisciplina, honra, força. Contudo, ao mesmo tempo, a súmula publicitária dizia pouco. Quem era aquele tipo? Seria ele, de facto, capaz de prender e provocar uma mulher até a deixar a suplicar?

Morgan? O nome dela saltou no ecrã. *Ainda aí está?*

Desculpe. Estava a pensar. É óbvio que tenho muito para aprender se quero fazer o programa como deve ser. Pensei que se tratava de cordas de veludo e algemas.

Isso também faz parte.

Ela riu, empurrando a ânsia que se enroscava na sua barriga... e mais abaixo. Um pouco de curiosidade não fazia dela uma mulher depravada. De maneira nenhuma. Era simplesmente interessante ver como vivia a outra metade da sociedade.

Mas é também uma troca de poder e confiança, escreveu ele. *Uma mulher escolhe entregar-se ao domínio do mestre sobre o seu corpo e a sua*

mente. Rende a sua carne e o seu livre-arbítrio a tudo o que ele desejar.

Que tipo de rendição é essa?, insistia em saber uma voz dentro dela. Mil imagens escuras abriram caminho até ao seu cérebro, vindas das profundezas das suas fantasias: ela ajoelhada em frente ao pénis daquele estranho, ele ordenando-lhe que afastasse bem as pernas só para poder olhar para ela; ela presa à cama dele, enquanto ele se preparava para tomar o que desejasse.

Perturbada pelo rumo chocante que os seus pensamentos tinham tomado, abanou a cabeça para os afastar. E ignorou a respiração acelerada.

Muitas pessoas tinham fantasias com *bondage*, numa altura ou noutra, lera. O facto de ela ter uma ou duas era normal, independentemente do que Andrew dizia.

Morgan voltou a contorcer-se contra as almofadas de cabedal, ignorando o aumento da humidade entre as suas pernas.

Mas uma relação D/s também é muito mais, escreveu Mestre J.

Como é que pode prender uma pessoa com grilhetas, vendá-la e fechá-la em quartos escuros, mas ainda assim ganhar a sua confiança? Como é que se pode desenvolver uma relação emocionalmente gratificante quando uma pessoa tem todo o poder?

Não é assim.

O olhar de Morgan ficou preso ao ecrã, enquanto esperava por mais. Durante um longo e silencioso momento, ela susteve a respiração... mas nada. Mestre J não ia continuar a sua resposta. Tal como no quarto, supôs. Ele tinha o poder de dar ou sonegar.

Por fim, surgiu uma resposta mais longa na janela da sala de *chat*.

Lamento, mas recebi uma chamada urgente. Tenho de ir. Se achar que tenho os conhecimentos necessários para a ajudar com o seu programa, encontremo-nos. Nessa altura responderei a todas as suas perguntas. Num local público, para que não tema que eu seja um assassino em série determinado a atraí-la para o perigo. Consigo falar mais depressa. Sou um mestre em muita coisa, mas não na datilografia <g>. Continuo a ter de procurar as letras, uma de cada vez.

Morgan afastou a sua impaciência. Não era difícil, já que o tipo a fazia rir com as suas piadas.

Compreendo, respondeu. *Podemos encontrar-nos amanhã, às 3? Pesquisei no Google e encontrei um espaço que parece ser popular em Lafayette, chamado La Roux. Sabe onde fica?*

Chère, sou um nativo. Conheço todas as rachas no passeio por estas bandas.

Morgan sorriu e escreveu: *Cher? Não sou assim tão alta e não tenho idade suficiente para ter uma carreira musical desde os anos 60!*

LOL. Significa querida em francês, traduziu ele. Sou Cajun, por isso, cresci a falar a língua.

Morgan leu a resposta e ignorou a pequena borboleta na sua barriga. O *flirt* é uma coisa francesa e ele tinha sido criado naquela cultura. Decerto lhe era tão natural quanto respirar.

<corada> Acho que vivi demasiado tempo em Los Angeles. Vemo-nos amanhã?

Vemos. Como a reconhecerei? Há muitas raparigas bonitas no Luisiana. Quero ter a certeza que revelo os meus segredos mais profundos à rapariga certa.

Era encantador, apostou Morgan. Teria de o ser dado o seu interesse em chicotes e correntes. Decerto a maior parte das mulheres “normais” fugiriam aos gritos perante a ideia de um pouco de dor e muita obediência nas suas relações sexuais.

Usarei um chapéu de palha, óculos de sol e um grande gabão, respondeu. Parece-se mais com um disfarce, replicou Mestre J.

Ele nem fazia ideia. E ela não ia publicitar o facto de ter um assediador. Morgan só esperava que a razão por que precisava de usar um disfarce fosse apanhada e comesçasse a apodrecer no inferno muito em breve.

Vemo-nos amanhã, lançou-lhe ela.

Au revoir.

Uma mensagem no ecrã, instantes mais tarde, disse-lhe que Mestre J tinha deixado a sala de *chat* privada. Com um suspiro, preparou-se para fechar a janela da sala de *chat*.

A mão dela tremia. Não, todo o seu corpo tremia apesar do calor que serpenteava sob a pele.

Estava cansada, mais nada.

O cansaço não provoca sensações em locais muito privados, provocou a voz na sua cabeça. O cansaço não te deixa molhada.

— O cansaço faz-me ouvir vozes irritantes dentro da minha cabeça — resmungou.

Tentou afastar Mestre J, o homem, e concentrar-se nas questões que lhe ia colocar no dia seguinte. Teria de entregar em breve o esboço do programa e queria estar preparada para lançar a sua segunda temporada com estrondo. Já tinha um conjunto crescente de fãs de culto. Com o material certo, o programa podia disparar.

O que significava que tinha de manter os olhos fixos no prémio e concentrar-se no trabalho.

Contudo, depois de dez minutos a olhar para o ecrã vazio, Morgan admitiu que Mestre J não lhe saía da mente. O que é que ele tinha de especial?

Para além do facto de viver as fantasias por que tu ansiaste?

Morgan abanou a cabeça, determinada a ignorar aquela vozinha enlouquecedora. Ela era curiosa, não desviante. Independentemente do que Andrew pudesse dizer ou a sua mãe pudesse pensar.

Com um suspiro, levou a mão ao telefone e marcou o número do assistente de produção em Los Angeles.

— Reggie — disse quando este atendeu. — Ouve, falei com o tal Mestre J, cujo contacto me arranjaste, e li a biografia do tipo. Vamos encontrar-nos amanhã. Qual é a cena dele? Aprender qualquer coisa nova?

— Sim — respondeu o homem mais velho, a voz rouca devido ao vício que o levava a fumar dois maços de cigarros por dia. — Fiz algumas chamadas para o Luisiana, perguntei a pessoas dos clubes de *bondage* se já tinham ouvido falar nele, só para ter a certeza que é legítimo. Confirma-se.

Isso era um alívio — só que não era. Reggie depressa se tinha tornado como um pai substituto e ela confiava nele. Contudo, ignorar a sua curiosidade sobre Mestre J teria sido muito mais fácil se Reggie não tivesse sido capaz de confirmar as suas credenciais. Se ao menos ela o pudesse ter ignorado como mais um maluco que queria falar de sexo na televisão.

Morgan mordeu um lábio... mas a sua natureza inquisitiva levou a melhor.

— O que é que disseram sobre ele?

— Uma data de coisas. É relaxado, não está demasiado embrenhado no estilo de vida, mas é bastante regular em alguns clubes. Ao que parece, tem jeito com as mulheres e igual reputação. Mais do que uma das pessoas com quem falei disse que ele seria capaz de fazer a Madre Teresa implorar por ser amarrada e comida. Não há dúvidas de que quer uma mulher submissa. Ouve, não estás interessada, pois não?

— O quê? — O coração de Morgan saltou algumas batidas. — Eu? Não! — escarneceu. — Porque haveria de estar interessada num brutamontes que se excita a fazer com que uma mulher se sinta inferior?!

— Tens a certeza? — Reggie parecia cético.

— Pareço-te o tipo de pessoa que se mete nestas coisas? — respondeu-lhe.

Reggie não disse nada. A aflição serpenteou através de Morgan.

Um barulho na fechadura da porta da frente fez com que a cabeça de Morgan se virasse noutra direção. Suspirou de alívio quando o meio-irmão, Brandon, entrou, empurrando a porta com o ombro.

— Tenho de ir — disse a Reggie. — Ligo-te amanhã, depois de falar com este tipo.

— Olá, maninha — saudou Reggie, enquanto ela desligava.

Afastando a conversa com Reggie da sua mente, ela levantou-se e ergueu-se na ponta dos pés para o abraçar.

— Olá. Tiveste um bom dia?

A boca aristocrática dele cerrou-se num beicinho.

— Não propriamente. Vou ter de ir para o Iraque durante as próximas três semanas.

A surpresa e, se Morgan quisesse ser honesta, o receio acertaram Morgan em cheio no estômago.

— Iraque? Pensei que passavas a maior parte do tempo atrás de uma secretária.

— A maior parte do tempo, mas há exceções.

— Oh, uau... Porquê para o Iraque?

— É confidencial. — Ele soltou uma gargalhada amarga. — Já sabes como é... Não posso dizer onde estarei nem o que irei fazer. Não terei acesso a um telefone ou a um computador durante a maior parte do tempo. Morgan, não te quero deixar sozinha. É perigoso e sei que estás assustada.

Ela engoliu em seco. Brandon já tinha feito tanto ao acolhê-la, apesar da ira do Paizinho Querido, protegendo-a do patife que a perseguia. Ela estava assustada, mas não podia deixar que Brandon se sentisse culpado por fazer o seu trabalho.

— Ficarei bem. — Havia de pensar em qualquer coisa... tinha de pensar. — Estou ocupada com o trabalho. Ficarei bem.

— Se acontecer alguma coisa, acho que devias ligar ao pai.

Morgan fitou-o de boca aberta, engolindo uma gargalhada sarcástica.

— Ele pode ser o teu pai. No meu caso, é puramente uma questão de biologia, afinal há vinte e cinco anos que ele nega a minha existência.

Brandon suspirou.

— Morgan, sabes como as coisas são na política, em especial no Sul. Se as pessoas soubessem que ele teve um caso com uma voluntária maior de idade por pouco, com a mulher e três filhos pequenos em casa...

— Sei que isso seria a ruína do senador do grande Estado do Texas.

— Já se fala de uma corrida à Casa Branca em 2012. — A simpatia e o arrependimento entrelaçavam-se no seu rosto atraente.

— É precisamente por isso que não lhe posso ligar. De qualquer forma, ele não atenderia as minhas chamadas.

— Atenderia, se estivesse em perigo. O pai pode proteger-te.

Morgan tinha as suas dúvidas, mas não disse nada.

— É pena que não lhe possamos dizer que sou a tua noiva. Parece estar a funcionar com toda a gente.

— Hmm. Se o nosso verdadeiro relacionamento alguma vez fosse

descoberto, teríamos de admitir que éramos incestuosos ou mentirosos. Não são escolhas engraçadas.

— Esperemos que as coisas não cheguem a esse ponto. Acho que o meu sinistro assediador não sabe que deixei L.A., por isso não faz ideia onde me encontrar.

Acenando, Brandon começou a percorrer o correio do dia. Quando chegou a um grande envelope castanho, franziu o sobrolho.

— Alguém sabe que estás em Houston?

Para além de Mestre J, que tinha conhecido *online*, há uns meros quinze minutos, Reggie e alguns amigos mais próximos?

— Não.

A ansiedade deslizou como um raio pelo rosto de Brandon.

— Alguém de cá sabe. Isto estava na caixa de correio. Sem nome, sem selo. Foi entregue em mãos.

Ele estendeu-lhe o envelope e Morgan agarrou-o, sentindo o terror a borbulhar-lhe no estômago. Conhecia aquela letra.

Deus do Céu, como é que ele a tinha encontrado ali? E tão depressa?

Não!

Com as mãos a tremer e a respiração entrecortada, abriu o envelope e extraiu o conteúdo. Ao fazê-lo, pétalas de rosas vermelhas com centros húmidos e orlas secas flutuaram até ao chão de madeira amarela. Pareciam-se ligeiramente com gotas de sangue espalhadas à sua volta.

Morgan arquejou. *Ele* sabia que ela estava ali. Como é que a tinha encontrado?

Então fixou o olhar nas fotografias. Imagens dela, uma a chegar ao LAX no dia em que fugira para Houston. A seguinte dela no jardim das traseiras de Brandon, envergando umas finas calças de fato de treino e um top de alças, os mamilos endurecidos pela brisa fria da manhã. Na última foto, ela tinha vestida uma camisa de dormir de seda e renda, cor de malva, com um robe a condizer, e beijava o rosto de Brandon; encontravam-se no acesso e ele estava de saída para o trabalho. Tinha sido tirada naquela manhã.

— São do teu assediador, não são? Ele esteve aqui. Filho da mãe! — Brandon passou a mão pelo cabelo castanho, desalinhando o corte respeitável. — Vou chamar a polícia.

Deus, como ela gostava que fosse assim tão simples.

— Eles não podem fazer nada. A polícia de L.A. disse-me que ele tinha de fazer algo ilegal antes que pudessem realizar qualquer esforço para o encontrar. Tirar fotografias não é contra a lei.

— Ele esteve na minha propriedade. — Brandon ergueu a fotografia dela nas traseiras da casa de construção irregular, em Houston, os dedos grandes

amachucando a fotografia. — O pátio das traseiras é propriedade privada. A única forma de tirar esta fotografia é invadindo a minha propriedade. Foi violada uma lei.

Brandon agarrou no telefone sem fios mais próximo e ligou para o 112. Morgan limitou-se a abanar a cabeça.

Embora Brandon estivesse certo, duvidava que a polícia de Houston se sentisse mais motivada a fazer alguma coisa do que a polícia de L.A. Quem quer que fosse, não tinha roubado nada, nem vandalizado nada. Não tinha magoado ninguém — ainda. Morgan podia sentir a sua raiva a aumentar na frequência do contacto, no facto de ele a ter seguido até ao Texas. E a polícia não queria saber o que lhe dizia o seu instinto.

Brandon desligou o telefone.

— Estarão aqui em breve.

Morgan limitou-se a encolher os ombros... e a tentar acalmar o pânico que borbulhava dentro dela.

Sem mais nada para fazer a não ser esperar, começou a guardar as fotografias de novo no envelope. Quando encontrou uma obstrução, compreendeu que havia algo mais ali dentro. Enfiou a mão por entre as camadas de papel, perplexa. Normalmente, o sacana perturbado só enviava fotografias — fotografias desconcertantes, perturbadoramente privadas, mas nada mais que isso.

Não daquela vez.

Do envelope castanho, de aspeto benigno, retirou uma tira de papel, onde algo tinha sido escrevinhado com uma feia caligrafia preta.

Tu pertences-me. Só a mim.

Morgan engoliu o enorme nó de medo. Agora, ele estava a comunicar com ela. A comunicar-lhe. A transmitir-lhe a sua possessividade, a sua raiva por ela poder ter outro homem na sua vida. Aquele lunático não sabia que Brandon era o seu meio-irmão. Tinha acreditado na história que Brandon criara, tanto para explicar a presença dela naquela casa, quanto para afastar aquele psicótico excessivamente zeloso.

Embora a ideia de ficar sozinha assustasse um pouco Morgan, parte dela estava feliz por Brandon ter de partir no dia seguinte. Se lhe acontecesse alguma coisa, não seria por o seu assediador ter decidido afastar a “concorrência” do seu caminho. Nas três semanas em que Brandon estivesse fora, ela haveria de descobrir alguma coisa, encontrar outro sítio para onde ir, de tal forma que, quando Brandon regressasse, ela não continuasse a pôr em perigo o único dos filhos do senador Ross que se preocupava minimamente com ela.

Talvez, como sugeriu Reggie, antes de ela ter deixado L.A., precisasse de

um guarda-costas...

— Não fazes realmente ideia de quem seja este canalha? — rosnou Brandon, olhando para o bilhete por cima do ombro.

— Nenhuma. — Morgan abanou a cabeça. — Quem me dera que fizesse. Que eu saiba não tenho colegas descontentes. O meu ex-noivo deixou-me e não o contrário.

— Alguém que visse o teu programa? Um fã que não saiba estabelecer limites?

Morgan encolheu os ombros.

— Talvez. Já antes recebi estranhas cartas de fãs, mas nada assim tão ameaçador ou invasor da privacidade.

— Vou arranjar alguém para descobrir o que se passa, miúda. Não vou deixar que nada te aconteça — prometeu.

Em alturas como esta, Morgan perguntava-se como era possível que ela e Brandon tivessem a mesma proveniência dos outros filhos do senador Ross. Não eram nada parecidos com o senador e a sua restante descendência gananciosa e sedenta de poder.

— Maldição — praguejou ele no silêncio. — Quem me dera não ter de partir amanhã. O carro vem buscar-me às 5 horas e o *timing* não podia ser pior. Merda! O Tio Sam consegue ser uma amante exigente.

Morgan não sabia exatamente o que fazia Brandon; ele não podia dizer a ninguém. Pelas coisas que dissera nos três anos desde que descobrira o segredo do pai e a localizara, calculava que pertencesse aos serviços de informação. Não fazia ideia de quem.

— Se odeias tanto o teu emprego e te queres tanto candidatar a um cargo público como eu sei que queres, porque não o fazes de uma vez?

Pela primeira vez, desde que se conseguia lembrar, o olhar de Brandon evitou o seu. Ele virou-se, cerrando os punhos.

Descerrou-os com um esforço óbvio.

— Não posso — disse em seguida.

No dia seguinte, Morgan deixou-se cair numa cadeira de ferro forjado, numa pequena esplanada, num pitoresco grupo de lojas singulares. A tarde de fevereiro corria pesada, indolente e surpreendentemente abafada. Lutando contra a exaustão, depois de uma noite quase insone, olhou de relance para o relógio. Três horas. Tinha sido rápida na sua viagem desde Houston. Mestre J devia estar quase a chegar.

O pensamento provocou-lhe um aperto no estômago.

Contudo, esse não era o único motivo. Também sentia olhos fixos em si, a observá-la, a avaliá-la, a sondá-la. Os pelos na parte de trás do pescoço

levantaram-se. Ela olhou à sua volta, fitou a multidão. Nada.

Morgan inspirou fundo, tentando esmagar a sua inquietação. Não era difícil imaginar que, se o psicopata a tinha seguido de Los Angeles para Houston, teria prosseguido até Lafayette. Era provável que estivesse em segurança, ali sentada, no meio de uma praça pública banhada pelo sol, mas se ele a reconhecesse, vê-la-ia com Mestre J e retiraria ilações que o deixariam ainda mais zangado do que a suspeita de que ela ia casar com Brandon. Depois, quando a noite caísse e ela ficasse sozinha em casa de Brandon...

Não, agora não podia pensar naquilo. Teria de manter o profissionalismo, de tal forma que, se o seu assediador a visse e assistisse àquele encontro, não presumisse a existência de uma qualquer relação sexual entre ela e Mestre J.

Ajustou o lenço e o chapéu, para ter a certeza que o seu cabelo ficava completamente escondido e ajustou os óculos. Talvez estivesse a ser paranoica. Ninguém a conseguiria reconhecer assim. Talvez, depois da entrevista, se pudesse escapular para aquela estalagem de ar europeu e aspeto confortável que vira no caminho, para pôr o sono em dia e poder descobrir uma forma de afastar o tipo que a perseguiu.

Um empregado aproximou-se dela com um sorriso rasgado, os dentes brancos contra a pele de ébano. Morgan fez os possíveis para lhe sorrir enquanto pedia um chá gelado.

Quando o empregado se afastou, ela puxou o gabão leve, que tinha retirado do roupeiro de Brandon, sobre as costas e levantou o colarinho. O empregado trouxe o chá. Morgan voltou a olhar para o relógio. Três e cinco. Daria apenas mais alguns minutos a Mestre J. Estar ali sentada, a céu aberto, vulnerável aos ataques do homem doente que a andava a seguir... pareceu-lhe, de súbito, muito insensato.

— Deve ser a Morgan.

O sussurro profundo veio de trás dela, pronunciado mesmo junto ao seu ouvido. O bafo quente do homem deslizou-lhe pelo lado do pescoço e ela estremeceu involuntariamente.

Saltou e virou-se, espantada por alguém ter sido capaz de se aproximar dela sub-repticiamente, tendo em conta o quão agitada ela estava. Contudo ele tinha mantido um silêncio absoluto.

E era lindo de morrer.

O cabelo espesso e escuro brincava com a sua testa larga. Um maxilar angular e uma cova no queixo salpicado pela barba que despontava gritavam a sua masculinidade com toda a subtilidade de uma explosão sónica. A boca grande erguia-se numa expressão que parecia meio sorriso, meio desafio. Mas, oh, os seus olhos. Cativaram-na. Acentuados pelas sobranceiras negras, aqueles olhos sábios observavam-na, como se ele conseguisse olhar para

dentro dela. Como se conhecesse todos os seus segredos.

Ter permitido que o seu olhar descesse também não a ajudou a controlar a sua pulsação. Mestre J tinha cerca de 1,82 metros, ombros largos e um corpo repleto de músculos bem tonificados, evidentes sob a t-shirt preta e justa que a faziam pensar numa montanha com a sua permanência sólida e silenciosa. Ninguém conseguia mover uma montanha. Também ninguém ia mover aquele homem, a menos que este quisesse ser movido.

O simples facto de estar a olhar para ele fez agitar nela a atração e uma dose saudável de luxúria.

Felizmente o seu tempo a sós seria limitado àquele encontro em público. Caso contrário, Morgan não se julgava capaz de ser responsável pelo seu comportamento.

Engoliu em seco, tentando encontrar a sua voz.

— Sim, sou a Morgan.

Quando ele lhe apertou a mão, não se limitou a apertá-la. Demasiado simples. Envolvendo o seu olhar no dela, dobrou-se e levou a mão dela à sua boca, depositando um beijo nos seus dedos.

Oh, Deus do Céu...

Um fogo correu pelo seu braço, transformando a sua pulsação num ruído *staccato*. Ele demorou-se, o seu hálito quente acariciando as costas da mão dela, as pontas dos dedos brincando com o centro, sensível, da palma da mão. Uma explosão de arrepios percorreu-lhe a pele, subiu-lhe pelo braço.

O efeito dele sobre ela não terminou por ali. Pelo contrário, o impacto da sua presença, o seu toque, mergulhou profundamente dentro dela, fazendo com que o desejo começasse a pulsar suavemente entre as suas pernas. Como se o seu clítoris precisasse de anunciar o facto de a sua libido querer ficar nua com aquele homem.

Trabalho, trabalho! A exigência corria na sua mente.

Com um puxão discreto, Morgan libertou a mão. Mestre J sorriu, sentando-se ao seu lado — não à frente — e puxando a cadeira para ainda mais perto. Morgan tentou ignorar a consciência da coxa dele a tocar ao de leve na sua, o formigueiro sob a pele.

— Obrigada por se encontrar comigo aqui, senhor... Como gostaria que o tratasse já que não sei o seu nome?

O sorriso dele parecia provocá-la com a incerteza dela e o conhecimento perverso dele da conversa de cariz sexual que se aproximava.

— Por ora, pode tratar-me por senhor.

— Está bem. Sim, senhor.

Mal as palavras deixaram a sua boca, Morgan compreendeu como soavam sexuais. Como ele tencionara que soassem sexuais. Não apenas

deferentes, embora também o fossem. Contudo, perto de Mestre J, ela simplesmente não conseguia reunir ar suficiente para dar à sua voz mais força do que um murmúrio rouco.

Como seria chamar-lhe senhor em privado?

Apesar dos óculos de sol que a protegiam, os olhos escuros dele pareciam dançar com o conhecimento de todos os pensamentos dela, de todos os seus sentimentos pecaminosos, enquanto sustentava o seu olhar, como se pudesse ler o desejo no seu rosto.

Morgan usou o chá intacto à sua frente como uma desculpa para afastar o olhar e vasculhou o cérebro em busca de um tópico neutro, seguro.

Algo difícil de fazer, tendo em conta que ela o convidara até ali para falarem de sexo.

— Ora, de acordo com a biografia que recebi, está no negócio de segurança pessoal. É um guarda-costas?

— Exatamente. — Ele encolheu os ombros deliciosamente enormes. — Protejo muitos políticos e as suas famílias, diplomatas, um ou outro atleta.

— Estou certa de que conhece muitas pessoas interessantes. Trabalha com celebridades? — perguntou ela.

Um toque de humor curvou a grande boca dele em algo que se aproximava de um sorriso.

— Demasiado amalucadas. Os políticos são mentirosos, mas pelo menos sabemos o que esperar. Vocês, lá em Hollywood, são paranoicos, egocêntricos ou tão psicóticos como as pessoas que vos perseguem. Não, obrigado.

Morgan não conseguia decidir se ficara irritada ou divertida.

— Não sou nenhuma das hipóteses.

— Dê-lhe tempo. — Ele piscou o olho.

Incorrigível descrevia-o na perfeição. Um toque de arrogância entrelaçado com uma dose saudável de *sex-appeal* e de humor provocante. A mistura deslizava muito bem, graças às suas capacidades enquanto sedutor e à pitada de encanto sulista. Não restavam dúvidas de que era letal para o bom senso de uma mulher. Morgan engoliu em seco.

O empregado aproximou-se e Mestre J pediu uma chávena do espesso café de chicória do Luisiana. Ela estremeceu, quando o empregado a trouxe até à mesa, passados alguns instantes.

— Fale-me mais do seu programa. — As palavras dele deviam ter sido um convite, mas Morgan ouviu nelas a ordem subtil. Não rude, não compulsiva. No entanto, a sua voz tinha uma nota de aço, uma nota que fez com que o seu estômago ficasse tenso... e o seu útero se apertasse.

— *Turn Me On* combina entrevistas e factos para explorar as diversas facetas da vida sexual tanto de casais já antigos como de namorados recentes,

do baunilha ao extravagante. Na última temporada, um dos programas semanais foi sobre etiqueta sexual no primeiro encontro, outro foi sobre “amigos coloridos”, seguido de um sobre casais com fantasias que envolviam tatuagens. Esta será a segunda temporada e fiquei muito entusiasmada por terem apostado na série. Como o canal por cabo oferece programas dirigidos a mulheres e casais, acho que é o casamento perfeito.

— Hmm. Fale-me dos programas desta temporada.

Mais uma vez, aquele comando subtil.

— Bem, ainda estamos na fase das ideias, mas vamos sem dúvida fazer programas sobre fotografia sensual, massagem, pintura erótica com os dedos, e...

— E domínio e submissão.

Morgan engoliu em seco. Tinha ficado presa no seu entusiasmo pelo programa e quase se esquecera que estavam ali para discutir aquele tópico. O tópico que alimentava as suas pecaminosas fantasias noturnas.

— Sim.

Ele ergueu uma sobrancelha escura, num gesto expectante, conseguindo, de alguma forma, parecer cortante, desagradado e não ameaçador, tudo ao mesmo tempo.

Confusa, Morgan fitou-o. O que é que ele queria?

— Sim, senhor — tentou.

O sorriso dele deslumbrou-a, recompensador.

— Muito bem.

— Pensei que tais formas de tratamento estavam reservadas à...

— Parte submissa? Frequentemente, mas contactou-me em busca de uma ou duas lições rápidas. Achei que seria melhor começarmos com um toque de dinâmica e ver como é que se sai. — Inclinou-se para a frente, um cotovelo pousado na mesa. O seu olhar jorrava sobre ela, derretido e imparável. — Sabe o que significa submeter-se a um homem? Render-se por completo?

Morgan tentou inspirar, espantada por descobrir a sua respiração descontroladamente entrecortada. Os olhos dele brilhavam quentes de aprovação.

— Isto... isto não é sobre mim — afirmou, sem fôlego. — Só preciso de transmitir o conceito ao...

— Como pode transmiti-lo sem o provar, *chère*? Uma dentadinha não a vai magoar. — O sorriso que ele lhe dirigiu só podia receber um nome: puro pecado. — Até pode ser que goste.

Isso era precisamente o que Morgan temia.

Fez o seu melhor por lhe dirigir um olhar meramente profissional.

— Não interessa se gosto. Afinal de contas, consegui acabar de filmar o

programa sobre casais com fantasias sobre tatuagens sem fazer nenhuma tatuagem. É tudo uma questão de perceber porque é que aquilo é importante para eles.

— Pagar a alguém para gravar um desenho na pele enquanto o seu parceiro observa é muito menos pessoal do que estar vendada, nua e atada para o prazer do seu mestre.

Engolindo em seco, Morgan compreendeu que ele tinha razão. Pior, que a dentadinha que ele lhe oferecia começava a parecer-se mais com um banquete para a sua energia sexual negligenciada.

Não. Desta vez, Adão estava a oferecer a maçã da tentação a Eva e ela era suficientemente esperta para saber o que fazer. Se parecia interessada, era por ele ter colocado tal sugestão na sua cabeça. Era difícil ignorá-lo. Morgan não era tarada, não era o tipo de mulher que se excitava deixando que um brutamontes a acorrentasse e lhe dissesse o que fazer. A ideia era apenas novidade. Tudo o que sentia era curiosidade intelectual a propósito do conceito. Bem, principalmente intelectual. Tal não significava que devesse ceder.

Mesmo se Mestre J parecesse o tipo de homem que poderia ter inventado o conceito de prazer.

— De que tem medo? — perguntou.

De mim.

Ela afastou o olhar do dele.

— Não é a minha onda, mais nada.

Aquela sobranceira desagradada voltou a erguer-se. O olhar dele estava carregado com uma exigência impaciente.

— Senhor — acrescentou Morgan, quase contra a sua vontade.

A expressão dele suavizou-se.

— Nos poucos minutos que aqui estive sentado, a sua pele corou, a pulsação visível no seu pescoço acelerou e os seus mamilos endureceram. Conheço o cheiro da excitação. Consigo senti-lo em si. Vou perguntar-lhe outra vez: de que tem medo?

O choque foi como um murro no estômago. *Oh, céus...* Tinha sido tão fácil de ler como um livro aberto. Mais fácil, até. Morgan fechou os olhos e inspirou uma vez. Depois outra. A sua mente corria a toda a velocidade.

— Não pense demasiado — avisou ele. — Mentir pede castigo.

— Castigo? Não tem o direito! — ripostou, num sussurro acalorado.

Ele fitou-a por um momento.

— Ontem, *online*, disse-lhe que um relacionamento deste tipo exige muita confiança. Eu confiei que era quem dizia ser. Para ganhar um pouco da sua confiança, permiti ao seu assistente de produção acesso a algumas

informações minhas, bastante pessoais. É verdade. Não precisa de ficar surpreendida. Soube assim que começou a fazer chamadas a meu respeito. Se não tivesse avisado de antemão os meus clubes de que lhe podiam dar informações, ninguém teria dito sequer bom-dia ao Reggie, quanto mais confirmar os pormenores da minha vida sexual.

Ele mexeu-se na cadeira, tocando mais uma vez com a sua coxa na dela, depois ergueu-lhe o queixo com o dedo. Morgan derreteu-se — uma combinação de choque e excitação, coberta com o delicioso arrepio do esmagador *sex-appeal* de Mestre J.

— Confiança — murmurou ele. — Eu depositei alguma em si. Se vamos trabalhar juntos, precisa de ter alguma em mim. Não a vou violentar, forçar ou qualquer outro cenário melodramático que esteja a passar pela sua cabeça. Se a vou ajudar a compreender a psicologia por detrás do Domínio e submissão, tem de ter confiança suficiente para ser honesta comigo. E consigo. Compreende o que estou a dizer?

— S... sim, senhor.

— Excelente. Agora, pela última vez, o que teme na ideia de se submeter?

Uma questão armadilhada, uma questão a que não queria responder. Rejeição. Voltar a ser ridicularizada. Vergonha. Medo da dor e da degradação. Um medo ainda mais forte de gostar de ser dominada por alguém como ele e incapaz de lidar com a vergonha e a culpa.

Não podia admitir aquilo... nada daquilo. Mais valia entregar-lhe a alma numa bandeja de prata.

— Por favor — sussurrou ela. — Por favor...

O maxilar de Mestre J ficou tenso, os seus olhos estreitaram-se. Por uma qualquer razão louca, Morgan odiava dececioná-lo. Não lhe devia nada, raios. Nada de nada. Ele era um entrevistado e seria compensado pelo seu tempo e pelas suas informações. Ponto.

Combatendo os impulsos contraditórios de resistir até que o inferno gelasse e ceder, Morgan demorou alguns instantes a perceber que o empregado tinha regressado para voltar a encher o café de Mestre J. Depois o jovem olhou para ela com uma espécie de sorriso confuso.

— Um tipo pagou-me vinte dólares para lhe dar isto.

Entregou-lhe um envelope retangular — com uma caligrafia muito familiar.

O empregado afastou-se.

O coração dela começou a bater com força. Mais rápida do que a velocidade da luz, abriu o envelope e descobriu no seu interior uma mão-cheia de pétalas de rosa, de centros suaves e orlas mortas. Estas deslizaram por

entre os seus dedos e ela arquejou, sentindo o sangue a fugir-lhe do rosto.

— Não... — Olhou à sua volta, para a praça ensolarada, em pânico. — Não!

— Morgan? — perguntou Mestre J, a voz marcada pela preocupação.

Ela fitou-o com os olhos enlouquecidos.

— Ele está aqui. *Aqui*. Ele seguiu-me. Oh, céus... tenho de ir. — Ela inspirou assustada e cerrou os punhos trémulos. — Esconda-se. Agora!

Mestre J agarrou nela pelos ombros.

— Quem está aqui e para onde pensa que vai?

Agitando os ombros para se libertar do toque dele, Morgan olhou à sua volta, frenética, em busca de um qualquer rosto que pudesse parecer perigoso ou familiar. Quase todas as restantes cadeiras da praça estavam vazias, bem como as janelas e varandas próximas. As montras das lojas, envoltas em sombras, revelavam a presença de várias pessoas, mas pareciam todas locais. Os outros clientes do pequeno café quase não reparavam nela ou estavam ainda menos preocupados. Como de todas as outras vezes em que o seu assediador se tinha aproximado, fora tão silencioso como o fumo, tão invisível como o ar. O pânico devorava-lhe as entranhas.

— Não posso ficar. Lamento...

Mestre J voltou a agarrar nela, parecendo determinado a arrancar-lhe as respostas. Contudo, estacou, o seu olhar fixo em algo do outro lado da rua.

Morgan sentiu a energia explodir através do corpo dele, um segundo antes de a empurrar para o chão.

— Baixe-se!

Ele empurrou-a para debaixo da mesa e cobriu o corpo dela com o seu, um instante antes de um tiro irromper sobre a sua cabeça.

Jack Cole enroscou o seu corpo, protetoramente, sobre a pequena forma feminina de Morgan e usou a pequena mesa de ferro para a proteger, quando um novo tiro ecoou no ar. As pessoas à sua volta gritavam e corriam atabalhoadamente para longe da confusão. Jack praguejou, enquanto ela tremia violentamente sob ele.

Maldição! A sua vingança estava *tão* perto e agora aquilo? Não podia comer a mulher do seu inimigo até ela gritar o *seu* nome, se esta estivesse morta.

A raiva correu através dele, mas o facto de alguém estar a tentar impedir a sua vingança não era a única razão. Não, estava verdadeiramente furioso por um idiota qualquer ter enchido uma mulher tão pequena, mas vibrante, de um terror absoluto.

Era verdade que tinha atraído Morgan até ali para a usar, mas não para a magoar fisicamente. Pelo contrário. Queria descobrir o que mexia com ela e realizar cada uma das suas fantasias, até o seu corpo vibrar de satisfação.

Até ela já não sentir qualquer interesse por Brandon Ross e abandonar o filho da mãe.

Contudo, o idiota que, presentemente, se encontrava do outro lado da arma tinha outras ideias, como meter-lhe uma bala entre os olhos.

Morgan foi agitada por mais um estremecimento. Engoliu um grito. Jack abraçou-a com mais força, empurrando o seu corpo contra a mesa de ferro. Salvá-la era uma questão de instinto. Um vício profissional. Uma necessidade. Brandon Ross tinha suscitado a sua vingança três anos antes e Jack planeava humilhá-lo em grande. Não ia deixar Morgan morrer.

— Eu tiro-a daqui em segurança — prometeu, sussurrando-lhe ao ouvido.

O seu estômago às voltas exigia que sacasse da .38 e ripostasse. No entanto, estavam demasiadas pessoas nas redondezas para poder correr esse risco. E tinha a sensação que assustaria Morgan de morte.

Ela já estava aterrorizada, raios. O seu trabalho era sorrir para as câmaras, não fugir das balas.

Quando o empregado deixara a carta na mesa e Jack vira o doce rubor desaparecer do rosto dela, deixando para trás um choque branco como a cinza, enquanto as pétalas de rosa meio mortas deslizavam para as suas mãos, sentira o cheiro do medo dela. Depois de se ter apercebido do cintilar do metal de uma arma, sob a luz do Sol, num telhado do outro lado da rua... Jack não tivera qualquer dúvida do que ia acontecer a seguir.

Odiava estar certo em relação a merdas como aquela.

Olhando de relance para a cadeira que Morgan ocupara há instantes, viu as marcas descoloridas deixadas pelas balas inclementes. Voltou a praguejar.

Por baixo dele, Morgan tentava sentar-se. Jack manteve-a imóvel.

— Mantenha-se baixa!

— Preciso de ir. De fugir. De me... esconder.

Um rápido olhar de relance por cima da mesa, para o telhado do outro lado da rua, revelou que o atirador acabara de fugir. Isso, ou estava a aproximar-se para disparar mais de perto no meio da confusão. Tal significava que eram alvos fáceis e que tinha de afastar Morgan daquela zona aberta, rapidamente.

— *Eu* vou pô-la em segurança — enfatizou Jack, puxando Morgan para que esta se levantasse. — Está ferida?

Ela empurrou o chapéu para trás, sobre a cabeça, e apertou o lenço sob ele, que lhe cobria o cabelo.

— Não.

— Então corramos!

Jack agarrou a mão pequena e fria dela. Engoliu-a. Raios, ela era minúscula, muito mais pequena do que um nome poderoso como Morgan indicava.

Correndo tão depressa quanto as suas pernas lhe permitiam, Jack puxou Morgan atrás de si, escondendo-se atrás das mesas viradas, quando os tiros recomeçaram. Arrastou-a para trás da cobertura oferecida pelo balcão do café, depois puxou-a em redor da esquina do edifício, incitando-a silenciosamente a acompanhá-lo. Ela assim fez, apertando o chapéu contra a cabeça com a mão livre. Jack olhou para lá de Morgan com o sobrolho franzido. Era impossível perceber se o atirador os seguia por entre a multidão, mas presumiu que sim. Mais valia prevenir que morrer.

— Para onde vamos?

Jack não respondeu; estava demasiado ocupado a improvisar um plano na sua cabeça. Em silêncio, puxou-a através de ruas, ao longo de vielas. Soaram mais tiros. Uma bala silvou junto ao seu ouvido e ele praguejou. Se aquele filho da mãe magoasse um cabelo que fosse da cabeça de Morgan, Jack ia gostar de o espancar até à inconsciência com as mãos nuas.

Enfiando-se numa loja apinhada, evitaram por pouco o choque contra uma idosa. Afastarem-se para que a avozinha de sobrolho franzido e o seu andarilho pudessem passar, custou-lhes segundos preciosos.

Mal o caminho ficou livre, ele voltou a tomar a pequena mão de Morgan na sua e puxou, forçando-a a correr uma vez mais. Saíram pelas traseiras da loja, percorreram uma viela estreita, penetrando num beco escuro. Graças a

Deus, conhecia aquela cidade como a palma da mão.

Ouviu-se mais uma série de tiros em *staccato*, desta feita oriundos da frente da loja de onde tinham acabado de sair.

Merda!

— Corra mais depressa, *chère!*

Arquejando, suando, ela limitou-se a acenar. E a acelerar.

Na extremidade oposta do beco, depararam-se com uma porta metálica com a tinta preta riscada e letras vermelhas onde se podia ler *Sexy Sirens*. Mesmo fechada, a porta vibrava com a música roufenha e a multidão turbulenta no interior — apesar de serem pouco mais de três da tarde.

Pela sua experiência, Jack diria que a porta estaria fechada. Erguendo um punho, martelou contra ela com toda a sua força, sem se importar se a amolgava. Enquanto esperava, ia olhando por cima de ambos os ombros, para ver se estavam a ser seguidos.

Ouviu-se o estrondo de um tiro, levantando pedaços de tijolo a menos de quinze centímetros de Morgan.

Fitando rapidamente o beco, Jack praguejou. Estava repleto de caixotes do lixo e trepadeiras demasiado crescidas que ofereciam demasiados locais para o atirador se esconder.

— Filho da mãe! — Voltou a martelar na superfície de metal gasto. — Alguém que abra a porcaria da porta.

Por fim, uma loura oxigenada familiar abriu a porta com um puxão.

— Credo, Jack. Que diabo se passa?

Jack empurrou Morgan para o interior, depois seguiu-a para a sala escura repleta de latas de cerveja vazias.

— Está um atirador lá fora. Preciso da tua ajuda.

Junto à entrada do palco, estavam pousados um cavalete de pau e um chicote de equitação. Ao que parecia, Angélique tinha terminado a sua atuação há instantes.

Jack bateu com a porta atrás de si e voltou a percorrer com os olhos a sala escura, iluminada por uma única lâmpada vermelha e decorada com tinta preta a pelar. Uma porta fina separava aquela zona do palco principal e da música palpitante do clube para além dele.

— Um atirador? Santa... Quem é que irritaste?

— Alyssa, esta é a Morgan — gritou ele por cima da música. — É a apresentadora de um programa de televisão...

— É a Morgan O'Malley! Adoro o *Turn Me On!*

Morgan, que tirara os óculos de sol, estendeu uma mão a Alyssa. Hmm. Olhos azuis debruados a vermelho, algumas sardas, pele muito clara — não fazia bem o género de Brandon. Mas os tempos mudavam, supôs ele.

— Então presumo que me queiras ajudar a mantê-la viva o suficiente para fazer mais alguns programas — disse Jack, com a voz arrastada. — O atirador estava a fazer pontaria a ela. — Jack virou-se para a outra mulher. — Morgan, esta é Alyssa Devereaux, dona do Sexy Sirens. O mais famoso, ou infame, clube erótico do sul do Luisiana, dependendo do ponto de vista.

A pequena mulher de Brandon mostrou um ténue sorriso, dando o seu melhor para não olhar fixamente para a espessa maquilhagem de Alyssa, a saia quase indecente e as botas que gritavam “come-me”. Não havia nada de subtil em relação a Alyssa. Continuava a vestir-se como uma *stripper* embora já não dançasse em redor de um varão há anos. Chupava uma pila como se estivesse a tentar engolir a maçaneta de uma porta. Tinha uma linguagem pior do que a dele. Mas também tinha um grande, grande coração.

Alyssa usaria a sua língua malvada para arrancar a pele dos tomates de Jack, se desconfiasse que Morgan não era uma cliente mas uma forma de alcançar a sua vingança. Podia gerir um estabelecimento onde as mulheres se despiam em frente a homens excitados, mas garantia que *ninguém* ultrapassava os limites com qualquer rapariga debaixo do seu teto. Jack planeava ultrapassar todos os limites em que conseguia pensar.

— Porque haveria alguém de disparar contra si? — perguntou Alyssa a Morgan, franzindo o sobrolho.

— Essa é uma excelente pergunta — respondeu Jack, trespassando Morgan com um olhar implacável, com que esperava, francamente, persuadi-la a revelar a verdade.

Jack ainda não tivera a oportunidade de estabelecer mais do que um mínimo de autoridade. Ela tinha poucos motivos para confiar nele. Raios, mais algumas horas e teria passado algum tempo na sua cama, nas profundezas do seu corpo, estabelecendo o seu domínio. Teria conseguido algumas garantias de que ela aceitaria a sua ajuda. Tal como estavam as coisas... não tinha nada.

Não fora assim que planeara a sua vingança.

— Jack? — disse ela, experimentando o seu nome, a voz errática, ainda a tremer.

Ele não ficou contente por ouvir o toque de medo e desconfiança na sua voz. Preferia o sensual “senhor” que saía daquela boca macia, enquanto ela fingia indiferença.

No entanto, voltariam a isso, mal chegasse ao fundo daquela merda.

— Morgan, que raio se está a passar, *chère*?

A pele dela ainda tinha a cor de um cadáver, para mais envolta no casaco escuro e no chapéu de abas largas, demasiado grandes para o seu corpo pequeno. Ela estava completamente aterrorizada, ainda assim conseguiu

acenar. Jack suspirou de alívio.

— Há... há cerca de três meses, comecei a receber cartas. Fotografias minhas em diferentes locais, na sua maioria públicos. Esquisito mas não ameaçador. Há cerca de cinco semanas, comecei a receber fotografias minhas dentro e perto da minha casa, tiradas através das janelas. Uma... uma foi tirada enquanto eu recuava ao longo do acesso, a partir do interior da garagem. Já percebi que ele está zangado. Mas não sei porquê.

» Vim para Houston para ficar com um... amigo e para fugir dele. — Ela suspirou e prosseguiu. — Ele seguiu-me. Só o soube ontem quando recebi isto.

Morgan abriu o gabão apenas o suficiente para retirar da mala enorme que lhe cruzava o peito um envelope dobrado ao meio. Entregou-o a Jack com a mão trémula.

Com a tensão a apertar-lhe o estômago, Jack rasgou-o. Do seu interior jorraram fotografias. Morgan no aeroporto, envergando umas calças de ganga de cintura descaída, uma t-shirt larga e o cabelo enfiado num boné de basebol. Só a reconheceu graças ao perfil, o queixo teimoso, as sardas que lhe cobriam o nariz e o faziam perguntar-se até onde se estenderiam ao longo do seu corpo. Suscitavam nele uma vontade insana de brincar a unir os pontos.

Na fotografia seguinte, ela estava a ler uma revista numa cadeira de jardim. A revista cobria-lhe o rosto. Tudo o que ele via eram as suas mãos, a capa da *People*, um vislumbre das delicadas sardas nos braços dela — e os doces seios soltos, quase visíveis através do top de alças branco, com mamilos hirtos e rosados que lhe faziam crescer água na boca.

Desde que ouvira rumores de que ela era a noiva do seu antigo amigo Brandon, ficara intrigado. Falar com ela *online* servira apenas para aumentar o seu interesse. Morgan naquelas fotografias, em carne e osso, estimulava-lhe o pénis. Mal podia esperar por a ter atada à sua cama a suplicar que a deixasse vir-se — concedendo-lhe a sua vingança.

No entanto havia nela algo mais... algo que lhe parecia familiar. Sentia-se como se a devesse conhecer, como se já a tivesse visto e não apenas nas fotografias na página do programa de televisão. Ter-se-ia cruzado com ela? Não, lembrar-se-ia de uma mulher como Morgan. Ainda assim, havia algo nela. Haveria de descobrir.

Engolindo um nó de crescente luxúria, Jack passou para a última fotografia e estacou. O sempre elegante Brandon Ross num fato de marca. Tinha as costas viradas para a câmara, inclinando-se para beijar Morgan. Jack só conseguia ver as suas pernas meio nuas, cobertas por um pouco de seda verde e renda preta, e os braços levemente sardentos com que envolvia o pescoço de Brandon. A imagem deu-lhe a volta ao estômago.

E os gatafunhos apressados do bilhete no fundo do envelope, com o seu tom ominoso e possessivo, não ajudavam nada a aliviar a sua tensão.

A última fotografia, a futura esposa a despedir-se do seu homem antes de este partir para um dia no escritório, também confirmava que Morgan O'Malley era a mulher de Brandon Ross. Ela era a forma de pagar ao seu velho amigo a facada nas costas. Para isso tinha de tirar Morgan dali, viva e sem ser detetada.

— Então o seu assediador seguiu-a desde L.A.? — perguntou.

— Sim. — A voz dela ainda estava chocada.

Jack suspirou.

— Dedicado e doente. Não é uma boa combinação. É, sem dúvida, suficientemente esperto para ser capaz de tirar fotografias suas, sem que se aperceba ou conheça a sua identidade. Sabe mexer numa arma. Não creio que, sozinha, consiga sair daqui incólume, Morgan. Precisa de ajuda. Posso dar-lha.

Ela hesitou, depois falou num tom de voz surpreendentemente esfumado.

— Conseguiu tirar-me do caminho de balas que me teriam matado. Não lhe posso pedir que arrisque...

— Não pediu; estou a oferecer-me. — Era óbvio que o sacana sabia o caminho para casa de Brandon e Morgan não parecia o tipo de rapariga com treino em armas e combate corpo a corpo. Cabia-lhe a ele mantê-la viva. — Morgan, sou um guarda-costas. Não vou vê-la morrer, quando posso tirá-la daqui inteira.

— Quanto?

Credo, alguém andava a disparar contra ela e ela queria negociar?

— É por conta da casa.

A surpresa fê-la abrir a boca.

— Porquê?

Ele dirigiu-lhe um encolher de ombros frio.

— Se morrer, lá se vão os meus quinze minutos de fama.

Morgan ergueu para ele os olhos azuis debruados a vermelho e lançou-lhe um olhar cínico.

— A sério. É óbvio que você não é uma pessoa desesperada por se tornar famosa.

Então ela tinha a sensatez de não cair naquela mentira. Ainda assim, Jack queria que ela olhasse para ele com aqueles inocentes olhos azuis enquanto a forçava a aceitar a lógica. Não podia ser sã e negar que precisava de ajuda. Contudo, ele compreendia porque é que ela o tentaria fazer.

Ele era praticamente um estranho — mas esse não era o único motivo da sua hesitação. Apostava nisso todos os cêntimos que tinha no bolso. No curto

período de tempo em que tinham estado cara a cara, antes da chegada do atirador, compreendera que Morgan tinha algum interesse nele. E que se sentia curiosa em relação às suas inclinações sexuais. Mais curiosa do que alguém que se limita a investigar um tema para um programa de televisão. A sua excitação relutante atraía-o como nada o atraía nos últimos anos.

— Isso não altera o facto de que precisa de mim. O atirador sabe que está neste edifício. Não se pode limitar a sair. Consigo tirá-la daqui.

Morgan cerrou o maxilar. Jack viu-a lutar contra o impulso de lhe lançar uma recusa. Não o fez, provando, mais uma vez, que era esperta.

— Como?

— Vai-se vestir como a Alyssa. Ela arranjar-lhe-á as roupas adequadamente impróprias.

— Também vai precisar de ajuda com a maquilhagem — realçou Alyssa.
— Não tenho sardas, Jack.

Um rápido olhar de relance para Morgan provou que ela precisava de mais do que um toque de cosmética no rosto pálido.

— Sim, está bem. Trata disso.

— Não. Este plano não vai funcionar — protestou Morgan.

— Tem uma ideia melhor, uma ideia que não acabe consigo dentro de uma caixa de pinho?

Esperando que ela processasse a verdade que ele não se podia dar ao luxo de suavizar, Jack observou Morgan. Ao perto, podia ver as suas feições bem proporcionadas, a boca cheia, a pele quase sem poros cuja palidez era demasiada para ter sido causada por outra coisa para além do medo. As sobrancelhas arqueadas tinham uma cor indescritível sob a luz fraca. Sem a tez do Drácula, o chapéu e o lenço manhosos ou o casaco três vezes o seu tamanho, desconfiava que seria linda. O filho do senador Ross não se contentaria com menos.

Ela suspirou.

— Não tenho mais ideias.

— É o que estou a dizer. Alyssa, leva a Morgan lá acima e veste-lhe qualquer coisa reduzida. Tens mais dessas perucas?

— Sim — disse a loura oxigenada, acenando.

Morgan arregalou os olhos.

— Ainda assim não vai funcionar.

— Porque...?

— Alyssa e eu não somos do mesmo... tamanho.

Jack olhou para as duas.

— Ela é mais alta. Mas pode usar as suas botas de salto agulha para aumentar um pouco a altura. Que tamanho calça?

Ela pareceu sobressaltada com a pergunta.

— Trinta e seis e meio.

Jack dirigiu a Alyssa um olhar inquisitivo.

— Nem pensar — disse a antiga *stripper*. — Eu calço o trinta e oito e meio.

— Contornamos a questão — disse Jack. — Enfiamos papel higiênico dentro das botas, ou algo assim. É temporário.

— Esse não é o maior problema. — O olhar de Morgan deslizou sobre os atributos cirurgicamente realçados de Alyssa que, naquela altura, lutavam por se manter confinados no interior da parte de cima de um fato de banho.

Jack deixou que o seu olhar deslizasse, mais uma vez, pela pequena forma de Morgan. Não conseguia ver muito do que se escondia por baixo do casaco, mas as fotografias que vira diziam-lhe que o que ali se encontrava era cem por cento natural e não se comparava às copas D de Alyssa.

— A Alyssa tem jeito para escolher roupas que fazem com que qualquer mulher pareça suficientemente desavergonhada para figurar no poster central.

— Depois o que fazemos? — Morgan remexia-se nervosa, o olhar saltando para a porta, como se esperasse que o seu admirador indesejado a atravessasse a qualquer instante.

— Precisaremos de iludir este sacana e colocá-la em segurança.

— E depois?

— Pensaremos nisso depois de termos saído daqui, está bem? Levá-la-ei para um local seguro até que se consiga resolver esta confusão.

Morgan mordeu um dos lábios carnudos, os olhos ansiosos e desconfiados. Queria concordar mas não confiava nele plenamente. Jack conseguia vê-lo no seu rosto. Ela hesitava, fixando os seus olhos nos dele, como se o tentasse avaliar. Jack perguntou-se quanto saberia Morgan do seu passado, se é que sabia alguma coisa. Teria Brandon falado dele?

— Este filho da mãe tem sido obstinado até agora, é certo, mas ele nunca teve de lidar comigo. Não vou deixar que ele chegue sequer a cem metros de si, Morgan.

Ela hesitou ainda mais um instante, depois dirigiu-lhe um aceno trémulo.

— Você é que é o profissional. Lidaremos com o que fazer a seguir, quando estivermos longe daqui.

O que se seguia era ela nua, algemada e completamente aberta ao prazer que ele estava impaciente por lhe dar. Reprimindo um sorriso, fixou o olhar no seu lábio inferior inchado. Havia algo nela, mesmo naqueles trajes horríveis, que despertava a atenção do homem dentro dele. Ou seria o conhecimento de que ela pertencia a Brandon?

Não, era mais. Por baixo daquele feio chapéu, do lenço e do casaco,

conseguia perceber que Morgan era uma mulher muitíssimo bela — algo inocente e fresca, mas também sensual, atrevida, expressiva. Corrompê-la seria delicioso. O desejo que sentia aumentou mais um pouco.

Quem diria que a vingança podia ser tão satisfatória em todos os sentidos?

Rodeada por uma música que pulsava tão alto que as paredes tremiam, Morgan subiu as estreitas escadas do clube, seguindo Alyssa, a loura que, aparentemente, era dona do Sexy Sirens. Morgan não fazia ideia como é que alguém com uma visão decente a confundiria com uma *stripper*, por muita maquiagem que lhe pusessem em cima. Alyssa tinha uma sexualidade inata que quase todas as mulheres desejavam... e tão poucas possuíam.

Ainda assim, Morgan sabia que tinha de tentar, tinha de representar o melhor que pudesse até conseguir escapar de Lafayette e do psicopata que a perseguia. A única alternativa era a morte.

Gostasse ou não, isso fazia com que Mestre J — cujo nome verdadeiro era, ao que parecia, Jack e que era pouco mais que um estranho — fosse a sua única esperança de salvação.

Com alguns olhares de relance e ainda menos palavras, Jack deixara bem claro que não era um santo. Mesmo naquele momento, podia sentir o olhar dele fixo nas suas costas. Contra a sua vontade, espreitou por cima do ombro. Jack fitava-a com um olhar intenso, os olhos parecendo quase pretos, enquanto a via a subir as escadas. Um sorriso especulativo enrugava as feições cinzeladas do seu rosto de maxilar forte.

Ela não sabia absolutamente nada sobre aquele homem, a não ser que ele tinha o tipo de aspeto que fazia com que as mulheres olhassem duas vezes e se babassem. Oh, e que gostava de ser dominante na cama. Isso era difícil de esquecer. Contudo, o sorriso dele deixava-a nervosa. Porque haveria alguém de parecer feliz no rescaldo de um tiroteio tão próximo?

Por fim, ela e Alyssa chegaram ao cimo das escadas. A loura conduziu-a através da porta no fundo do corredor, para um quarto pequeno mas surpreendentemente luxuoso.

Alyssa fechou a porta atrás delas, bloqueando o pulsar mais sonoro da música. O chão por baixo delas continuava a abanar. O ritmo sensual ressoava à sua volta, carregado de sugestões.

Morgan olhou em redor do quarto. Uma cama grande e desmanchada preguiçava no centro, enquanto um candeeiro de pé, em ferro fundido, despejava uma luz dourada sobre os lençóis brancos. O chão de madeira brilhava rosado sob os seus pés. As paredes de um bege suave acentuavam as cortinas brancas e esvoaçantes que cobriam a grande janela. Quatro

fotografias de paisagens a preto e branco formavam um conjunto por cima da cama.

— Estava à espera de um quarto vermelho com um varão ao centro? — perguntou Alyssa com uma sobrancelha erguida.

O embaraço apoderou-se de Morgan. Ela tinha-se perguntado...

— Não fazia ideia do que esperar. É encantador.

Parte da acidez abandonou Alyssa.

— Venha, vamos tirá-la desse trapo horrível.

Antes que pudesse pedir privacidade e um roupão, Alyssa já estava a desabotoar o casaco de Morgan e a puxá-lo dos seus ombros.

Com o gesto descontraído, lançou o casaco a voar para a cama. Como a mãe de uma criança pequena, Alyssa levou a mão à mala de Morgan e à deprimente t-shirt de padrão floral. Antes que conseguisse vocalizar o seu protesto, a *stripper* já as tinha tirado por cima da sua cabeça e já as tinha atirado ao chão.

— Se me indicar onde é a casa de banho, posso despir...

Alyssa ignorou-a e abriu o fecho frontal do soutien de renda branca. Com um arrastar e um puxão, desapareceu... e Morgan ficou nua, da cintura para cima, à frente de uma completa estranha.

Alyssa estudou os seios de Morgan, erguendo um nas mãos para testar o seu peso.

— Podemos trabalhar com isto.

Morgan ficou tensa, resistindo ao impulso de se tapar como uma estudante do liceu constrangida no balneário.

— O que está a fazer?

— Não tem nada que ainda não tenha visto, querida. 34C. — Com mais um olhar de relance para o resto do corpo de Morgan, Alyssa acrescentou: — Usa o 38. Certo?

— Como é que sabia?

Alyssa sorriu.

— Faz parte do meu trabalho. Dispa tudo o resto e espere aqui.

Alyssa desapareceu pela porta, fechando-a suavemente atrás de si. Morgan ficou a olhar enquanto ela saía. Despir tudo o resto? Como se isso fosse fácil. Como se tirasse as roupas todos os dias, à frente de pessoas que não conhecia de lado nenhum. Bem, provavelmente Alyssa fazia-o, pelo que não a devia incomodar nada. Além disso, Morgan concluía que, se queria sair dali sem levar um tiro na cabeça, era melhor que ultrapassasse rapidamente a sua modéstia.

Com um suspiro, tirou as calças de ganga e as cuecas de algodão brancas, dobrando-as cuidadosamente e pousando-as na beira da cama. Olhou à sua

volta em busca de um robe ou de um cobertor. Uma toalha — qualquer coisa com que se tapar. Nada. Morgan não estava habituada a andar de um lado para o outro sem nada vestido. Era óbvio que isso não perturbava Alyssa.

A loura regressou com um soutien de renda preta e uma tanga a condizer. Com os dentes, arrancou as etiquetas, enfiou um par de próteses de gel no soutien e entregou tudo a Morgan.

Antes que Morgan pudesse pedir alguma privacidade, Alyssa voltou a desaparecer, desta feita para a casa de banho contígua. Agradecida pela pausa no olhar atento da mulher, Morgan enfiou-se na tanga. Não eram nada confortáveis — quem é que queria andar com um fio enfiado no rabo? — mas serviam na perfeição.

Alyssa emergiu da casa de banho, trazendo consigo umas roupas muito pequenas e umas botas pretas de salto alto. Junto à porta, a loura parou, à espera. Morgan fingiu não reparar nela. Em vez disso, franziu o sobrolho às próteses de gel dentro do soutien. A versão adulta de lenços de papel amassados?

Quando Morgan estremeceu, Alyssa riu.

— Faz-se o que é preciso. São como uma operação instantânea. Com as roupas vestidas, ninguém perceberá a diferença.

Libertando a respiração que estivera a suster, Morgan compreendeu que era provável que isso fosse verdade. Não tinha nada que lamentar o facto de não ser uma copa D.

Morgan começou a vestir o soutien, fortemente consciente de que Alyssa observava todos os seus movimentos. Era terrivelmente desconfortável. Estava capaz de matar por ter a atitude relaxada de Alyssa em relação à nudez, mas não tinha sido criada assim. Já tinha quase vinte e um anos quando conseguira reunir a coragem para se masturbar. Afinal de contas, com uma mãe cristã renascida que a tinha enviado para escolas só de raparigas, quase não tinha ouvido falar de sexo antes dos dezoito anos. Até ter ido para a faculdade, Morgan não sabia a diferença entre as suas cutículas e o seu clítoris.

Afastando o pensamento, Morgan apertou o soutien e ergueu os seios para as copas — o pouco que havia deles. O soutien ficou pendurado pelas alças finas. A tira de renda preta mal cobria cada um dos mamilos. As próteses de gel empurravam para cima os seios e exibiam-nos. Um decote instantâneo.

Alyssa assobiou e dirigiu-lhe um olhar atrevido.

— Vou dar-lhe um conselho. Não mostre as mamas ao Jack a menos que o queira deixar louco de desejo.

A loura virou-lhe as costas, voltando a entrar na casa de banho. Morgan fixou o olhar nas costas esguias da mulher e nas madeixas louras e sedosas

que se agarravam aos seus ombros.

As modelos dos posters centrais das revistas eram menos atraentes do que Alyssa. Embora provavelmente já tivesse mais de trinta anos, ainda era muito impressionante. Morgan sabia com toda a certeza, tendo em conta a extensa investigação de Reggie, que Jack não era *gay*. Tendo em conta esses factos, parecia lógico que ele e Alyssa estivessem... envolvidos. Tendo em conta o comentário espontâneo da mulher, parecia que Alyssa não se importava que ela aliciasse Jack.

Céus, tinha deixado Los Angeles, onde sempre achara a vida algo surreal, e acabara em território cajun, um local que começava a desconfiar ser a versão sulista de Oz.

— Não planeio mostrar os meus seios ao Jack — disse, ajustando o soutien, desejando poder tapar-se mais.

— Talvez não, mas aposto dez dólares em como ele planeia vê-los.

Morgan franziu o sobrolho.

— Baseada em quê? Estava a entrevistar o Jack para o meu programa. E depois, quando começaram os tiros, ele ofereceu-se para me proteger...

— E protegerá. Ele é o melhor. Mas Jack Cole é um homem de seios e você tem uma excelente prateleira.

Como se tivesse acabado de anunciar algo tão mundano como o cair da noite, Alyssa virou-se e tirou um estojo de maquilhagem de cima da cómoda. Pousando-a, estudou o rosto de Morgan com pouco mais do que uma leve impaciência.

— Isso não a incomoda? — Morgan não conseguiu resistir a perguntar.

O seu olhar deslizou para a cama, demasiado revolvida para ter sido provocado apenas por alguém a dormir. Morgan perguntou-se se Jack teria ali estado antes de se ter ido encontrar com ela — e porque é que esse pensamento a incomodava.

— Que o Jack a possa comer? — Alyssa encolheu os ombros. — Ele não me pertence.

Morgan franziu o sobrolho. *Demasiado estranho.*

— Não vai acontecer nada entre nós. Não tenho qualquer intenção de me envolver com Jack.

— A estrada para o inferno está repleta de boas intenções — ripostou Alyssa com uma gargalhada rouca.

Antes que Morgan pudesse afastar a confusão e responder, a loura voltou a mudar de assunto.

— Vamos tratar da maquilhagem.

Alyssa ergueu uma mão esguia e tirou o chapéu de palha e o lenço da cabeça de Morgan.

Um momento mais tarde, deu início a um frenesim cosmético. Uma base espessa cobriu o rosto de Morgan. Seguiu-se o corretor e Morgan esperou que cobrisse a maior parte dos danos provocados pela falta de sono. Depois, foi a vez do *blush* rosado e do bâton vermelho aplicado, espesso, com um pincel. Um *eyeliner* escuro e a sombra, aplicada com movimentos rápidos. Seguiu-se o rímel preto, erguendo e separando as pestanas. Um lápis para sobrancelhas e um rímel castanho esconderam o facto de as suas sobrancelhas não serem do mesmo castanho-claro que as da outra mulher.

Quando Alyssa se afastou e a conduziu até à casa de banho, parando em frente ao espelho, Morgan só reconheceu os seus olhos azuis e o formato oval básico do rosto.

— Ficou ótima. Raios, a maior parte dos clientes devem estar demasiado bêbedos para repararem se sou ou não eu. Contudo, caso não estejam, as roupas que escolhi vão garantir que nenhum homem ergue os olhos acima das suas mamas.

Morgan quis protestar — as palavras chegaram à ponta da sua língua. Segurou-as. Se vestir-se como uma *stripper* a mantivesse viva, bem... podia sobreviver à vergonha muito melhor do que a um tiro na cabeça.

— O que for preciso. — Morgan suspirou.

— Vamos prender este cabelo e colocar a peruca.

— Eu consigo. — Morgan levou os dedos à cabeça e esfregou.

— As perucas podem ser terríveis. Lamento que tenha de usar uma, mas para se fazer passar por mim, terá de ser loura.

Morgan encolheu os ombros. O desconforto era um pequeno preço a pagar pela sua segurança.

— E assegure-se de que está bem presa. O Jack vai querer inspecioná-la antes de sair. Não a deixará pôr um pé lá fora enquanto não estiver convencido de que pode passar no teste. Ele leva a proteção dos seus clientes muito a sério.

A ideia de Jack a inspecionar deu-lhe a volta ao estômago. Jack era lindo e o facto de ser um homem dominante deixava Morgan ainda mais intrigada, apesar da sua desconfiança e do seu medo.

Segurando a longa peruca loura no sítio, Morgan empurrou-a completamente. Estava apenas cansada. Deus sabia como estava tensa. Não ia ter relações com Jack, por isso as suas preferências sexuais não faziam a mínima diferença.

Alguém bateu à porta. Morgan fixou nela o olhar, o coração acelerado. Teria o atirador conseguido segui-la até ali? Desviou o olhar para a janela, esperando que esta se pudesse revelar uma saída.

Depois a porta abriu-se. Jack entrou, usando uma t-shirt maltrapilha e

umas calças de ganga desbotadas, um boné de baseball virado ao contrário e um bigode falso. Aquelas pequenas alterações exteriores faziam com que parecesse consideravelmente diferente. Ainda assim, era impossível não reparar na sua expressão irritada.

— Raios, o que é que vocês as duas estão a fazer aqui, uma festa de pijama?

— Morde aqui, Jack. Trabalhei tão depressa quanto possível, até porque tenho de voltar ao trabalho — disse Alyssa com um sorriso, depois beijou-o no rosto. — E boa sorte para si — atirou a Morgan.

Em seguida saiu, deixando Morgan sozinha com Jack.

O olhar dele percorreu o quarto e prendeu-se nela. Os olhos negros queimavam-na e um sorriso, lento e pecaminoso, abriu-se-lhe no rosto. Aquele olhar provocou-lhe um aperto no estômago. Compreendendo rapidamente que não tinha vestido nada mais que um soutien e uma tanga reveladores, olhou de relance à sua volta em busca de algo — qualquer coisa — para se cobrir.

Atravessou velozmente o quarto e agarrou no lençol de cetim branco que cobria a cama. Jack arrancou-lho das mãos.

— Não temos tempo para modéstias, *chère*— sussurrou-lhe ao ouvido, a voz carregada com uma musicalidade que era, sem dúvida, francesa cajun.

O corpo dele fustigava-lhe o traseiro, as pernas raspavam nas dela, o peito tocava ao de leve nos seus ombros. O calor que ele emitia aqueceu a pele que ela não se tinha apercebido que estava fria. Apesar do calor, os arrepios multiplicavam-se sob a sua pele e um estremecimento correu-lhe pela espinha. Os seus mamilos revelaram-se, de súbito, indesejados.

Ela engoliu em seco. Ele podia ser um dos bons, mas naquele momento a sua postura era a de um predador.

— Não preciso que esteja aqui enquanto me estou a vestir.

— *Mais oui*, é uma pena porque planeio supervisioná-la. Não vamos sair daqui enquanto eu não estiver convencido de que se consegue fazer passar por Alyssa.

— Desde os três anos que me visto sozinha. Consigo fazer isto sem ajuda.

— É verdade, mas eu uso a Alyssa como apoio em alguns casos. Andamos de um lado para o outro, fingindo-nos bêbedos de furacões e sexo. As pessoas estão habituadas a ver-me tocar nela. Muitas vezes. Mas a Morgan... — Envolveu-a com um braço e pousou a mão aberta na sua barriga.

Morgan saltou e arquejou quando a mão grande dele lhe cobriu o ventre nu, o calor deslizando pela sua pele, insidioso, incontrollável.

— A Morgan — murmurou-lhe ele ao ouvido — salta quando lhe toco.

Se o fizer em público, as pessoas saberão que não é a Alyssa.

Com cada palavra, Jack deixava-a mais consciente de que era um homem — todo ele um homem — e de que ela era uma mulher. Tinha o tipo de poder pessoal que a atraía. O estômago dela saltou quando ele falou. Os seus seios incharam. Ela sentia-se nervosa, inquieta, quando ele se aproximava tanto. Morgan engoliu a tensão, tão espessa que ela a julgou capaz de a sufocar, e tentou afastar-se dele.

Jack não se moveu — nem a largou.

— Deve haver outra forma de sairmos daqui sem ter de me apalpar — disse ela, com os dentes cerrados.

— Não apostava nisso. Se quiser sair daqui inteira, *chère*, sem que o seu assediador a reconheça através do disfarce, tem de agir da forma certa. Tem de fazer com que pareça verdadeiro.

A mão na barriga dela começou a subir lentamente.

O cérebro de Morgan zumbiu perante a ameaça nas palavras dele. Ele ia tocar-lhe em público, onde completos estranhos a podiam ver. De imediato, os seus seios voltaram a inchar. A humidade cresceu entre as suas pernas.

Isto é impossível. Ela não era dada a exibicionismos. E as tendências de homem das cavernas de Jack não a deviam excitar. Ter tais fantasias era uma coisa. Vivê-las... era completamente diferente. Era uma idiotice ceder, em especial com um estranho.

Jack interrompeu os pensamentos dela, apoiando os seus seios entre o polegar e dedos — e continuando a subir.

Até Morgan ter envolvido o pulso dele com a mão, parando-o.

— Não acredito em si. Não precisa de me tocar de forma assim tão íntima para me tirar daqui.

Ele parou o movimento ascendente da mão.

— Passou menos de uma hora comigo e, de súbito, já é uma especialista em segurança?

— Isto não é um jogo. É a minha vida!

— Exatamente — rosnou-lhe ele ao ouvido. — Os habitantes locais, não necessariamente os de maior confiança, estarão lá fora, ver-me-ão com uma mulher que pensarão ser Alyssa. Se estiver a arquejar, a debater-se e a empurrar-me de cada vez que lhe tocar, saberão que é uma impostora. E se o homem que a está a perseguir oferecer dinheiro em troca de informações sobre uma mulher estranha... será um alvo fácil de localizar.

E fácil de matar. Jack não o disse, mas pensou-o. Tal como Morgan.

— Não podia sair daqui como mulher da limpeza, freira ou algo assim?

— O seu amigo armado vai estar à espera, a observar. Não acha que uma freira a sair de um clube de *strip* levantaria algumas suspeitas?

Ele tinha razão, raios. Ela tinha de se controlar. Se vestir-se como uma *stripper* e deixar que um tipo de bom aspeto a apalpassem durante alguns minutos era tudo o que precisava de fazer para ficar em segurança, havia de sobreviver ao embaraço e ao golpe na sua modéstia.

Havia apenas um problema: ela reagia a Jack não como uma distração mas como uma mulher. O seu corpo aquecia por ele com apenas algumas palavras sussurradas e um olhar de relance. Ainda assim, o embaraço que sentia por lhe responder era pouco, em especial quando comparado com a morte. Quando aquele fiasco terminasse e ela pudesse encontrar um sítio para se esconder, não voltaria a ver Jack Cole nem se preocuparia com o facto de ele saber que a excitava.

Inspirando fundo, largou o pulso dele.

— Miúda esperta — elogiou ele.

Morgan sentia-o, o seu olhar atento a deslizar-lhe pelo ombro, enquanto virava o pulso até todo o seio estar pousado na sua mão. Ela engoliu em seco. Deus, a sua carne parecia pesada e a mão dele quente. Ele pairava junto dela, a respiração a queimar-lhe a parte de trás do pescoço. A tensão aumentava dentro do seu estômago... e mais abaixo, apertando-a com uma ânsia que queria negar — e não conseguia. Os seus mamilos endureciam tremendamente sob o olhar quente de Jack. Morgan fechou os olhos com força.

Depois ele deslizou um polegar sobre a ponta tensa. Uma onda de prazer elétrico vibrou ao longo da espinha dela.

Incapaz de resistir, arqueou as costas, empurrando o seio contra a mão dele.

— Linda menina — murmurou-lhe Jack ao ouvido, tocando ao de leve na curva sensível do pescoço dela com os lábios.

A excitação voltou a apertá-la, pulsando, profunda e forte. O coração dela batia como um bando de carpinteiros a martelar. Ela apertou as coxas com força.

A mão esquerda de Jack juntou-se à direita, apoderando-se do outro seio num enxame escaldante de dedos. Ela não saltou, mas teve de lutar contra a necessidade de se contorcer, à medida que o prazer agredia os seus sentidos naquele duplo assalto. Teve de morder o lábio para sustentar um gemido.

Porque é que o seu corpo reagia daquela forma a um homem que ela não conhecia e que levava uma vida sexual na qual ela não participava?

Tudo isso deixou de importar quando ele apertou as pontas duras dos seus mamilos entre os dedos, fazendo-os rolar, lentamente, com uma paciência erótica.

O desejo aumentou em flecha na sua barriga, disparando diretamente para

o meio das pernas.

— Jack... — protestou.

— Chiu. Está a sair-se muito bem, *chère*. Desde que não aja como se eu fosse um estranho, ficaremos bem.

Bem? Se ele repetisse aquilo, ela derreter-se-ia.

Não o fez. Em vez disso, a mão direita libertou o seio dela e deslizou pela sua barriga, descendo, descendo, até os dedos se terem enfiado por baixo da renda preta e húmida da tanguinha dela e, sem hesitação, terem encontrado o clítoris inchado e faminto. Ela arquejou e apertou as coxas contra ele. Deus, ele sentiria como a deixara molhada. Aquilo era ridículo. Ele não lhe ia tocar ali em público.

— Não faça isso — avisou ele, afastando a mão. — Um corpo tenso e arquejos ultrajados denunciá-la-ão. Relaxe.

— Isto não é necessário — afirmou Morgan, a voz tensa.

Ele fungou um som cínico.

— Vindo de uma miúda que nunca fugiu de um assassino. Ele seguiu-nos até aqui. Esqueceu-se?

— Não e não sou uma miúda.

— *Non?* Então pare de responder como uma. Vamos ter de ser muito convincentes para conseguirmos sair daqui inteiros. Estou a tentar salvar-lhe a vida, não roubar qualquer virtude que possa ter.

— Este tipo de comportamento não se limitará a chamar a atenção?

— Nova Orleães não é o único local a celebrar o carnavalesco Mardi Gras. O Sol já se pôs e a festa está prestes a começar. Comportarmo-nos demasiado bem far-nos-ia saltar à vista no meio da multidão, *chère*.

Era provável que tivesse razão. Morgan tinha de confiar nele. Não tinha qualquer motivo para não o fazer, já que ele a mantivera viva até ali.

— Desculpe.

Sentiu-o a acenar atrás de si.

— Afaste as pernas.

Oh, Deus! Porquê? O que é que ele tinha planeado?

Morgan estacou, hesitante. Se um dedo a tocar ao de leve no seu clítoris tinha lançado ondas de choque através do seu corpo, o que poderia fazer toda uma mão? Rir-se-ia ele se ela tivesse um orgasmo? Já naquele momento, sentia-se mais perto do que alguma vez julgara possível...

— Se precisar de a atar para a habituar ao meu toque, não pense que não o farei.

Perante o seu rosnido de aviso, uma nova onda de humidade jorrou dela, cobrindo a sua carne já inchada. Oh, que humilhante! Se Jack se apercebesse de que ela tinha respondido àquela ameaça... Estremeceu.

Com uma força surpreendente, Jack enfiou uma bota entre os seus pés descalços e afastou-os.

— Coloque as mãos na parede acima da sua cabeça.

— O quê?

Morgan lutou para fechar as pernas, descobrindo a coxa dura de Jack entre elas. Céus, seria ele capaz de sentir os sucos a escorrer pela tanga e a ensopar-lhe as calças de ganga?

— É a última vez que lhe digo — prometeu. — Coloque as mãos na parede ou as coisas vão ficar muito mais sérias.

Mais sérias? O que é que faltava para além do sexo? O corpo dela saltou de antecipação, perante aquele pensamento.

— Não está a ouvir... acho que quer ser atada, Morgan.

— Não — gritou ela e pousou as mãos na parede, logo por cima da cabeça.

No entanto, Morgan não tinha a certeza de não ter mentido. A ideia do *bondage* parecia primitiva e de mau gosto, à superfície. Algo que só as pessoas que não conseguiam responder ao sexo “normal” faziam. Contudo, numa mão-cheia de minutos, Jack obrigara-a a enfrentar as suas próprias fantasias.

— Assim está melhor, mas tem de parar de questionar tudo o que digo. Eu digo, a Morgan faz. Não se trata de uma negociação.

Aquelas palavras chocaram com a sua natureza independente... ao mesmo tempo que apertavam ainda mais o nó no fundo da sua barriga.

— Está a ser arrogante.

— E isso não vai mudar. Será melhor que comece a seguir as minhas direções, pequena, ou haverá consequências.

Morgan queria insurgir-se contra ele, negar que o seu poder a atraía. Contudo, isso serviria apenas para dar início a uma discussão que não tinham tempo para terminar. Se queria sair dali com o seu orgulho intacto, precisava de o convencer que estava pronta para sair dali e enganar o seu assediador. E precisava de convencer as pessoas com que se cruzassem de que estava completamente familiarizada e à-vontade com o facto de Jack lhe tocar.

— Já conseguiu o que queria. Tenho as mãos na parede. Sei que me vai apalpar em público. Guardarei qualquer surpresa ou desconforto para mim mesma. Podemos acabar com isto?

— Ainda não está pronta.

— Ficarei bem.

— Então se eu fizer isto...

A mão dele deslizou para o interior da tanga, os dedos envolvendo o clítoris antes de descerem até à fenda escorregadia. Jack enfiou dois dedos

dentro dela. A mão esquerda viajara ao longo do ventre de Morgan, cobrindo em seguida o seu clítoris.

Incapaz de o evitar, ela arquejou.

— Vê, não está pronta — disse ele, começando a massajar o clítoris dela enquanto os dedos enfiados no seu interior brincavam com ela até terem encontrado um feixe de nervos que Morgan não sabia possuir. Esfregou esse ponto com movimentos sem misericórdia, lentos e insistentes, arrancando um grito de arrepios das profundezas dela.

O orgasmo corria na sua direção, como um carro acelera ignorando os semáforos, na direção de um penhasco. O canal apertou-se, faminto, em redor dos dedos dele, o corpo implorando pelo clímax. Os dentes dele voltaram a raspar-lhe o pescoço. Depois ele encostou-se ao traseiro dela, esfregando uma ereção, inequivocamente grande, contra a fenda entre as nádegas.

Pelo menos ela não era a única afetada, pensou, deixando a cabeça tombar sobre o ombro dele, a transpiração explodindo por todo o seu corpo, enquanto os dedos dele a continuavam a encher, a brincar com o seu clítoris. O peito dela erguia-se a cada inspiração. Aquilo era demente. Uma loucura! A proximidade do prazer estava a matá-la. Alguma vez se tinha excitado tanto, tão depressa?

As sensações aumentaram, até sentir o prazer a enchê-la, quase ao ponto de explodir.

Depois ele afastou o seu toque, deslizando as mãos da tanga e pousando-as nas ancas dela.

— Nada de se vir, não a menos que eu diga que pode.

Antes que o pudesse evitar, um gemido escapou-se-lhe da garganta.

Jack voltou a beijar-lhe o pescoço, uma carícia de lábios, um toque de dentes.

— Agradecer-me-á mais tarde.

Morgan não conseguia imaginar porque pensaria ele tal coisa. O seu corpo estava tão repuxado. Ele excitara-a de tal forma, ela estava tão tensa, a sua mente tão veloz. Se ele lhe tocasse em público, o mais certo era que atingisse o clímax de uma forma tão violenta que perderia os sentidos.

As mãos dele voltaram a deslizar pelo abdómen dela, até aos seus seios. Ele acariciou-os, rolando os mamilos entre os dedos mais uma vez. Ela arqueou as costas, empurrando-os contra a mão dele e deslizando o traseiro pela impressionante ereção atrás de si. Mordeu o lábio para refrear um gemido.

Ele afastou-se com uma gargalhada.

— Boa tentativa.

— Jack... — Não queria implorar. A sério. No entanto, como seria ela

capaz de manter a lucidez nas redondezas dos mauzões, quando o seu corpo doía tanto?

— Vai voltar a duvidar de mim?

O tom da voz dizia a Morgan que isso seria muito má ideia. Contudo, deixá-la cheia de desejo, daquela forma, não era melhor. Ainda assim, um olhar de relance por cima do ombro, para a expressão proibitiva no rosto dele, silenciou a súplica na ponta da sua língua.

— Não.

— E se eu... — ele baixou a mão, deslizando de novo para o interior da tanga e esfregando-lhe o clítoris com os dedos — fizer isto...

O prazer voltou a disparar através dela, renovado e feroz. Ela gemeu e lançou as ancas contra o seu toque. Tão, tão perto...

Uma vez mais, ele afastou-se.

— Excelente. Agora já não se afasta quando lhe toco.

— Vai deixar-me assim?

— Está a convidar-me para fazer algo sobre isso mais tarde? — A voz baixa dele rolava como gravilha ao seu ouvido.

Jack gostava de atar as mulheres e de as possuir, corpo e alma. O pensamento gritou dentro da sua cabeça. Que diabo tinha ela feito?

Deixava que ele fizesse o que queria, tudo o que queria...

— Nem por sombras. — Ficou rígida, tentando afastar-se dele.

— É pena. Gosto de pequenas como a Morgan, tão rijas por fora, tão cremosas por dentro. A ideia de a ouvir gritar, até ficar rouca, enquanto a como, excita-me.

Oh, céus! A ela também.

— O Jack é o sujeito de uma entrevista. Mais nada.

— Fica assim tão molhada com todas as pessoas com quem fala? — troçou.

— Vá para o inferno.

Com uma gargalhada, ele bateu na nádega exposta dela com a palma da mão larga.

— Vista-se.

Morgan começou a virar-se para ele, preparando-se para o censurar por a ter excitado, mas depois o ardor na nádega transformou-se em puro fogo. Em vez de o censurar, deu por si a morder o lábio para impedir mais um gemido.

Veste mas é as roupas e sai daqui. Isso fará com que tudo desapareça.

Passando por Jack a passos largos, Morgan enfiou-se na saia roxa, indecentemente justa. Depois enfiou um corpete de cabedal a condizer que realçava a sua pequena cintura e que empurrava de tal forma os seus seios que estes se transformavam praticamente numa prateleira. Durante todo esse

tempo, sentiu o olhar de Jack fixo nas suas costas e a ânsia da luxúria que ele despertara a crepitar através do seu corpo.

Por fim, enfiou os pés num par de botas pretas de saltos finos e biqueira pontiaguda. Espantosamente, até eram algo confortáveis.

— Vamos despachar isto — cuspiu.

Ele fitou-a.

— Está pronta para o que vai acontecer quando sairmos por aquela porta?

— Seríamos presos se fizéssemos mais do que acabámos de fazer em público, por isso parece que sobrevivi ao pior.

Ele guiou-a através da porta, com um sorriso.

— Acha?

Publicidade

À Luz da Meia-Noite

Sherrilyn Kenyon



Conheçam Aidan O' Conner.

Uma celebridade generosa que tudo oferecia e nada pedia em troca... até ser enganado pelos que o rodeavam. Agora Aidan nada quer do mundo ou sequer fazer parte dele.

Quando uma estranha mulher aparece à sua porta, Aidan sabe que já a viu antes... nos seus sonhos.

Uma deusa nascida no Olimpo, Leta nada sabe do mundo dos humanos. Mas um inimigo implacável expulsou-a do mundo dos sonhos e para os braços do único homem capaz de a ajudar: Aidan. Os poderes imortais da deusa derivam de emoções humanas, e a raiva de Aidan é todo o combustível que precisa para se defender...

Uma fria noite de inverno irá mudar as suas vidas para sempre...

Aprisionados durante uma tempestade de inverno brutal, Aidan e Leta terão que conquistar a única coisa que os poderá salvar a ambos – ou destruí-los – a confiança. Conseguirão triunfar sobre todos os obstáculos?